

VENDIDO PELA
LIVRARIA UNIVERSAL
RUA 15 DE NOVENBRO.17-A
TELEPHONE CENTRAL 221. S.PAULO

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

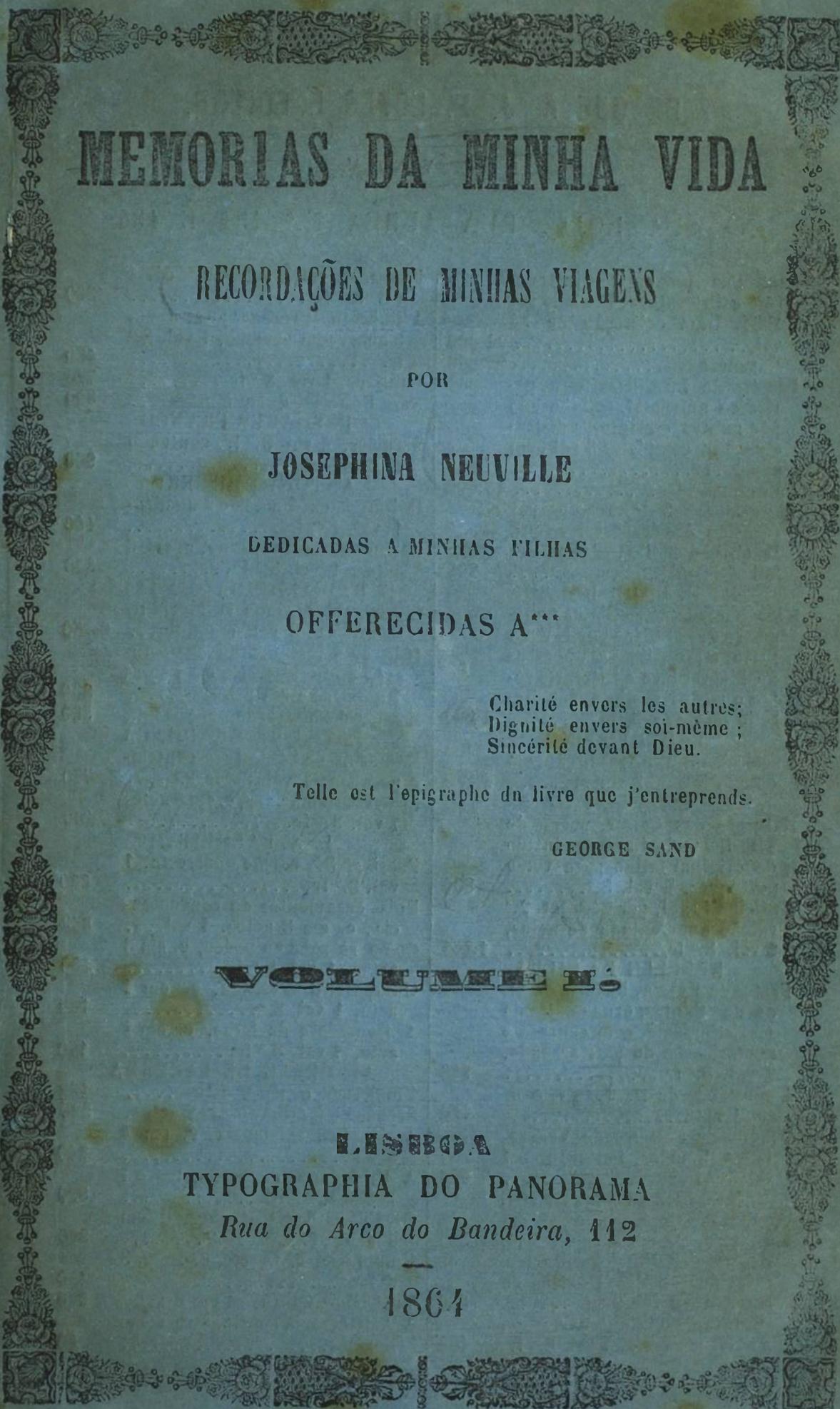
VE
LIVRA
RUA 15
TELEPHO

Handwritten scribbles

C.

Blake 5/2 38

2 Vols - 204



MEMORIAS DA MINHA VIDA

RECORDAÇÕES DE MINHAS VIAGENS

POR

JOSEPHINA NEUVILLE

DEDICADAS A MINHAS FILHAS

OFFERECIDAS A***

Charité envers les autres;
Dignité envers soi-même;
Sincérité devant Dieu.

Telle est l'épigraphe du livre que j'entreprends.

GEORGE SAND

VOLUME II.

LISEBGA

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA

Rua do Arco do Bandeira, 112

1864

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol,.....	22:000	Pedro, d. em 3 actos, 2.ª ed. 1 vol 8.º fr.....	300
Encadernada.....	27:000	A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr.	480
Ilustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol, em papel.....	11:600	Canticos. 1 vol. 8.º fr.....	720
Encadernados.....	13:600	Alva Estrella, d. em 5 actos....	300
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras.....	200	F. SOARES FRANCO	
M. M. B. DU BOCAGE		Sermões, 2 vol. 8.º fr. contendo 24 Sermões.....	960
Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol.....	4:320	ANTONIO DE SERPA	
BARRETO FEIO		Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr.....	400
Encida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol.....	2:880	Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.....	320
LIMA LEITÃO		F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO	
Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º.....	800	Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio....	6:730
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr.....	1:200	1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos 7 quadros e um prologo.....	300
REBELLO DA SILVA		Minhas Lembranças, poesias....	500
Pastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr.....	960	LOPES DE MENDONÇA	
A Mocidade de D. João v, c. d em 5 actos.....	480	Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr.....	720
Othello ou o Moiro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr.	300	Lições para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr.....	400
MENDES LEAL JUNIOR		L. A. PALMEIRIM	
Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr.	360	Poesias, 3.ª edição, correctea, 1 vol. 8.º fr.....	600
Homem de Ouro, d. em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º fr.....	300	Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol....	360
A Herança do Chanceller, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr.	400	Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.....	400
		O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º.....	160
		A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º fr.....	160
		A. CEZAR DE LACERDA	
		Um Risco, c. em 2 actos.....	160
		Scenas de familia, c. em 2 actos.	320
		A Duplice existencia, c. em 4 actos.....	240
		A Prohibidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed.....	300
		Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos.....	360
		Uma Lição de florete, c. d. em 3 actos.....	180
		Trabalho e honra, c. em 3 actos	300
		A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos.....	300

MEMORIAS DA MINHA VIDA

RECORDAÇÕES DE MINHAS VIAGENS

POR

JOSEPHINA NEUVILLE

DEDICADAS A MINHAS FILHAS

OFFERECIDAS A ***

Charité envers les autres;
Dignité envers soi-même;
Sincérité devant Dieu.

Telle est l'épigraphe du livre que j'entreprends.

GEORGE SAND

VOLUME I.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 73

—
1864

L
R
TE

THE ORIGIN OF THE ALPHABET

BY JOHN W. WHEATLEY

REVISED EDITION

NEW YORK: G. P. PUTNAM'S SONS

1891

Copyright, 1891, by John W. Wheatley.
Printed by G. P. Putnam's Sons, New York.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

A autora reserva o direito de traduzir esta obra em francez e em inglez, e protesta perseguir, em virtude da lei de propriedade litterariã, qualquer contrafacção ou reimpressão.

FOLHETIM

DA

REVOLUÇÃO DE SETEMBRO, N.º 5021, DE 21 DE JANEIRO DE 1839

EXPLICAÇÃO SOBRE UMAS MEMORIAS

Ha talvez um anno publicou-se na *Revolução de Setembro* um folhetim com o titulo de *memorias* de uma *senhora*, sobre as quaes deu tambem noticia a *Revista universal* e o *Doze de Agosto*.

Desde que em Lisboa constou que a obra era minha, não cessei de receber cartas anonymas em que procuravam atemorizar-me com ameaças para não realisar essa publicação.

A pessoa ou autores da lembrança adoptaram um meio pouco regular e efficaz para me desvanecer a idéa em que estou, e á qual sacrifiquei algum tempo de trabalho que eu tomei como distracção, e que por isso talvez tive a perseverança de acabar.

Como é de mascara que pertendem dissuadir-me, como são ameaças e prevenções latentes que me fazem, declaro que não me assusta essa guerra invisivel, por que nas minhas memorias não me apresento senão com a verdade, e é um escudo que me tornará invulneravel á propria maledicencia.

Os que se escondem teem medo, e não se atrevem a apparecer porque são covardes de mais para qualquer pleito; os que surgirem de rosto descoberto que venham para que os conheça. É o desafio mais amplo, franco e leal que posso fazer. Até aqui podiam não ter verdadeiro conhecimento do meu genio e do meu character para se julgarem vencedores enviando-me recommendações pueris, que nunca excitaram mais do que o meu desprezo.

Não me faz recuar o medo, e por isso não hesito em affiançar que escrevi as minhas memorias e que desde o dia 7 de novembro de 1857 as acabei, tendo entregue o original em mãos de pessoa de confiança para o fazer passar ao prelo.

Não foi, como já disse, o anno de 1856 nem o de 1857 que me fez tomar a resolução de expor estas memorias ao julgamento do publico.

Se me afoitei n'esta empresa, se não esmoreci no trabalho de coordenar todas as situações porque passei na vida, e de reunir as particularidades mais curiosas das minhas viagens, é porque me comprometti a uma promessa que fiz na infancia, estando ainda no *Sacré-Coeur de Conflans*, e para explicar verdadeiramente a causa, nada me parece melhor do que transcrever aqui este fragmento do meu livro.

«Uma segunda feira que acabava de substituir um agradável domingo de saída, todas as pensionistas á hora do recreio se juntaram na rua *grande dos castanheiros*, largo espaço sombreado pela vasta ramagem das arvores frondosas, e docemente embalsamado do perfume das flores que partia dos viçosos canteiros, onde o verde escuro e o verde claro faziam sobresair o matiz d'aquellas variaveis côres

Era ali que devia ter logar quasi uma revolta. O que motivava porém esta resolução?

É filha de uma novidade da epoca.

Tinha apparecido, ou fallava-se muito em Paris, das memorias de uma senhora

Cada pensionista tinha ouvido fallar a familia n'esta boa nova, e cada uma d'essas cabecinhas começava a exaltar-se no collegio.

Uma senhora que escreve! dizia uma; uma senhora que tem soffrido! repetia outra; uma senhora que tem coragem de arrancar a mascara aos seus inimigos! exclamava aquella; uma senhora que pela sua franqueza se torna superior! murmurava esta.

E depois ainda uma outra pronunciou estas poucas e arrojadas palavras, com um entusiasmo heroico:

Eu heide escrever ainda um dia as minhas memorias.

Eu tambem.

Eu tambem.

E oitenta vozes repetiram — E eu tambem !

Pois contratemos um pacto, avançou uma das mais velhas batendo as palmas.

Valeu ! valeu ! repetiram todas elevando cada uma a mão ao ar para saudar a proposição.

Aquella de nós que tiver na sua vida extraordinarios dignos de se mencionar, disse a mais velha deitando um olhar serio ao monte das suas condiscipulas ; a que tiver mais paciencia, a que fôr menos ingrata, a que se lembrar mais da scena que se passa aqui hoje, hade escrever-nos as suas memorias.

Está dito, exclamou a turba cheia de contentamento.

Approvaram ? disse a que tomara a palavra.

Sim ! sim ! repetiram todas a uma voz.

As santas não podem escrever, disse Sophia de*** com a sua meiga voz, assomando-lhe aos seus graciosos labios um angelico sorriso, e fitando nas suas collegas um olhar terno, como se fosse o de um cherubim.

Sophia, como nós outras, vestia o uniforme do convento, mas ainda assim, com aquelle vestuario não muito airoso, parecia um d'esses anjos que baixam do ceo entre nuvens.

Seus olhos da côr do ceo quando está claro e sereno, seus cabellos moldurando-lhe em alouradas ondulações um rosto branco, levemente tinto de purpura desmaiada, seu ar tocante e singelo, que fazia estremecer as fibras do coração, formavam d'aquella alma innocente e pura um thesouro de encantos.

As santas não podem, nem devem escrever; repetiu ella sorrindo engraçadamente.

Pois tu julgas-te santa ? perguntou-lhe maliciosamente Adèle de N***

Oh! não, replicou Sophia; eu não disse isso por mim, foi por Josephina.

Por mim! exclamei eu.

Sim, sim, Sophia tem razão; repetiram algumas d'ellas.

Sophia disse bem, redarguiu Luiza de * * *; se me não engano, Josephina hade ter que soffrer muito; olhem, parece que ella quer desafiar o infortunio; atravez da sua alegria, diviso-lhe sempre um raio de melancolia occulta; as almas assim logo nos mostram o que hãode passar no futuro, e a energia com que affrontarão os seus pezares.

Se Josephina sair do *Sacré-Coeur*, ella tem um coração predilecto e dedicado, perseverança, e muita generosidade de sentimento; almas assim são sempre victimas no mundo.

Josephina fica pois emprazada; ficamos sabendo desde já, que será ella a primeira a escrever-nos as suas memorias, e a não se esquecer do voto que mutuamente fazemos aqui.

Pois bem, disse eu; acceito essa especie de convite e preferencia que me fazem, mas ponho só uma condição.

Qual? qual? bradaram todas.

E' que, se com effeito tiver que contar, quando essas memorias apparecerem, todas aquellas que se acham agora á sombra d'estas arvores, sitio da nossa convenção, e forem vivas, rezarão pela alma da autora do livro tres *Padre Nossos*, e tres *Ave-Marias*.

Vale! vale! gritaram todas, mettendo-me no centro de uma roda, e apertando-me em seus braços. Nada recusaremos á santinha, como diz Sophia; mas vamos ver agora se ella nos alcança até ao fim d'esta rua.

E eil-as ahi todas correndo como um rancho de sylphides, e eu seguindo-as sósinha em distancia, fazendo o possivel para as apanhar antes de chegarem á extremidade da immensa rua»

Luiza, já repousas no ceo, anjo de meiguice e de candura! Por tanto não exijo de ti a satisfação do nosso pacto; mas peço-te que ajoelhada aos pés do throno do Omnipotente, lhe rogues incessantemente piedade e misericordia para mim!

Em quanto a ti, minha interessante Sophia, se ainda vives, sê fiel á promessa a que te ligaste voluntariamente debaixo da sombra d'aquellas arvores, onde nos dias da nossa infancia tantas vezes corriamos abraçadas, tu, enleando-me o braço á cintura, eu pegando-te ligeiramente na outra mão que apertava entre as minhas.

Tu Adèle, tuas irmãs, e as nossas companheiras, já se terão esquecido de mim? Formosas, ricas, nobres, como vos terá restado, no meio da felicidade e das illusões do mundo, uma lembrança, uma unica recordação de mim? Sim, é impossivel essa reminiscencia; ha muito que estou esquecida nas vossas memorias, mas o meu coração guarda perfeitas as vossas imagens, e é quanto me basta.

.....

Já se vê pois que a resolução de escrever as minhas Memorias é de epoca anterior, o que prova que nunca me esqueço, tarde ou cedo, de cumprir a minha palavra quando a empenho.

Desde aquelle dia comecei a reunir os meus apontamentos, e chegou com effeito o dia de eu começar a obra.

Em 1855 estando em Bellas aconselharam-me que escrevesse as minhas Memorias.

«E' essa a minha intenção, respondi, e a prova são os apontamentos que tenho feito.»

No fim d'esse mesmo anno comecei a escrever, e no meio de desgostos e de transtornos conclui como já disse a 7 de novembro de 1857.

Essas Memorias não são para accusar ninguém, são uma collecção de factos e nada mais.

Não creio que as ameaças e os anonymos *conselheiros* sejam dos meus parentes; esses, se quizerem confessar, conhecem-me e sabem que toda a minha vida tenho perdoado a todos.

Para socegar esses espiritos inquietos, agitados, anciosos que esperam na expectativa tão ameaçadores pelo susto que tiveram de lhe tocar alguma verrina descabellada, soceguem, acalmem, e leiam pacíficos esta epigraphe da historia de George Sand:

«Charité envers les autres ;

«Dignité envers soi-même ;

«Sincerité devant Dieu.

«Telle est l'épigraphe du livre que j'entreprends.»

.....
 Estas mesmas palavras foram justamente as que escolhi para o frontispicio do meu livro.

Soceguem, tranquillisem-se pois; é verdade que n'essas Memorias não fallo só de mim; seria ridiculo e excepcional, se não mesmo impossivel.

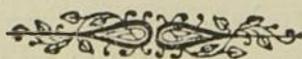
Se juntei ao livro algumas breves analyses geographicas e historicas, não se sobresaltem as litteratas do paiz que não irei disputar glorias que não ambiciono, por que não foi para conquistar gloria que escrevi.

Descancem, não sou poetisa, nunca pude fazer em toda a minha vida senão uma unica quadra sem rima.

Por tanto não sigo o caminho para que me alistem na fileira.

Transcrevendo aqui a introducção d essas Memorias, espero que descancarei essas almas que tanto se affligem sem causa, e tanto se incommodam para me affligirem com anonymos que só me divertem.

INTRODUCCÃO



Quando emprehendi escrever estas minhas Memorias, asseguro que não foi com o intento de me justificar, porque só os culpados procuram esse meio para escudarem as faltas dos seus erros e loucuras.

Estas paginas que o leitor vae abrir foram escriptas no meio de desgostos, inspiradas pelo soffrimento.

Pareceu me que n'este ligeiro trabalho acharia uma distracção que pozesse termo aos meus pezares. Effectivamente assim foi. O coração não mente!

Outra idéa se juntava tambem ao meu desejo de realisar este esboço de livro da vida; é que minhas filhas por elle aprendessem de sua mãe a coragem que é preciso para lutar com as adversidades do mundo, com as afflicções que d'ellas nos surgem, e finalmente com a esperança viva, e confiança animada, que as boas christãs devem depositar em Deus. Eis o que me fez ter perseverança de escrever estas recordações, difficil tarefa para uma creatura do meu sexo, que infallivelmente tem de sujeitar-se aos golpes que as inimizades lhe hão de descarregar com ira implacavel.

Já se vê, pois, que não é a idéa de ser *un bas bleu*, que me excitou a ser tão corajosa.

Afianço tambem que não entrou n'esta empresa arrojada o intuito de me crear um nome na litteratura. O estylo da obra prova esta verdade. Da primeira a ultima pagina a narração exhibe se d'um modo singello, e o dialogo passa quasi sempre á maneira d'uma conversação entre duas amigas.

Esta innocencia escudar-me-ha do ferimento do es-

calpello da critica. Não houve aqui ambição de gloria, pertencões a foros que me considero longe de possuir. Até conheço os meus erros, e como dizia Almeida Garrett: O sentimento paterno não impede de conhecer o defeito ás creanças — confesso-os sinceramente.

A linguagem tem desprimores talvez; mas d'aquelles que nascem da falta do conhecimento pratico da lingua, porque não foi n'este paiz que nasci, nem tampouco onde a minha educação se formou.

Logo a falta de principios da cultura d'este idioma, pouco facil, faz-me crer que não hãode ser as bellezas litterarias, mas sim a franqueza e a veracidade das circumstancias que darão desculpa a este livro, não lhe negando comtudo o pequeno valor que por este lado pode merecer.

Dizem que em Portugal as senhoras não escrevem, exceptuando alguns versos e historietas, e que são raras aquellas que se occupam de ler.

Se não apparecem mais obras das bellas lusitanas, é que a fragilidade do seu sexo aqui é maior, fazendo que prefiram antes bolos e enfeites a buscarem na leitura o meio de se fazerem apreciar n'uma reunião pelos dons do espirito e da intelligencia.

Estas vantagens são de certo mais valiosas do que as banalidades de Cintra e do Chiado.

Escrevendo estas Memorias e apresentando-as a publico, sei de consciencia ao que me vou sujeitar.

A critica de sala vae aguçar os dentes, vae ter que devorar! A sua mordacidade não hade envenenar; tenho tambem essa convicção.

É arrojo n'este paiz, bem colheço, querer dar o segundo passo no caminho, que, no tempo do Marquez de Pombal, encetou essa nobre marquezia de Alorna.

Mas eu estou em duvida se o atrazo então era maior do que o da nossa epoca.

Comtudo, as memorias d'essa grande fidalga di-

ziam respeito a uma vida toda politica, e onde entravam em jogo as principaes figuras do reino.

Não é, repito, para d'algum modo querer egualar essa dama da côrte de D. José 1, que tive a resolução de imitar o seu exemplo.

Depois dos meus apontamentos reunidos em ordem de ter já escripto sobre elles, tive de esquecer penna e papel para oito mezes passar a chorar no meio da maiores mortificações, e de uma longa e impertinente doença, suggerida por dois annos de martyrio de desgostos e de transtornos.

Por isso advirto—se o leitor pega n'este livro para encontrar perolas de litteratura, feche-o depressa, porque eu não tenho esses talentos, e julgo me feliz por ter conseguido traçar simplesmente a vida intima, e poder por fim dizer: *nunca se deve julgar pelas apparencias!*

Foi uma vida tão intima, que, apesar de tudo, ninguém a conheceu, nem a pôde comprehender.

Sendo o primeiro livro que escrevo, espero merecer do publico aquella complacencia necessaria para quem se afoita tão sobranceira aos escolhos da sua propria temeridade.

Estas introducções não são do gosto d'esta epoca, que antes de absolver condemna quem faz cumprimentos ao publico que lê. Não foi a minha intenção ir fóra das regras do tempo; mas quiz unicamente aclarar aos genios escrupulosos, e á critica imperdoavel, que o meu intento não foi entrar no dominio da litteratura, podendo cair em grave risco de censura, se antes da obra não apparecesse esta explicação sincera.

A AUTORA

CAPITULO I

Meu pae — Minha mãe — A escrava — O meu nascimento — Meus manos e irmãs — Morte de minha mãe — Madrasta sem authorisação da egreja — Principia a apparecer minha tia — Tenho a sorte — Primeira viagem — Recordação de uma queda — Minha boneca afoga-se — Chegada a Lisboa — Meu tio o Sr. Levailant — Primeira entrevista com minha tia Clementina Levailant — Substituição da minha boneca afogada — Decisão e resposta de Salomão — Immortal Malbrouck — Principio a ir ao theatro — Recordação do esplendor dos brilhantes de minha tia.

Meu pae, C. G. Neuville, casou-se com uma filha da familia Lasseuce, natural da Belgica; como tivesse, por motivos que eu nunca soube, perdido toda a sua fortuna, resolveu-se em 1832 a ir estabelecer-se no Rio de Janeiro, para poder adquirir o que a sorte lhe havia roubado.

Quando emprehenderam a viagem, já minha mãe tinha tido dois filhos, minha mana Clementina, que era a mais velha, e meu irmão Carlos.

Quatorze mezes depois de estarem no Rio, foi o meu nascimento. D'essa epoca, principiaram as indifferenças da parte de meu pae, para com minha mãe, que achando-se então de saude muito fraca, resolveu tomar para sua casa uma ama para me criar, e como deitasse vistas sobre uma de suas escravas, que havia dias tinha tido uma mulatinha, grande foi a sua admiração, de ouvir meu pae dizer positivamente que não queria que a preta me criasse.

D'esse dia fatal, minha mãe não depositou tanta confiança em meu pae, e não tardou muito que ella não soubesse algumas verdades, que a mortificaram, mas que pela bondade do seu coração, ella soffreu até seu ultimo suspiro com a resignação de uma santa.

A escrava de dia para dia ia sendo mais arrogante,

e minha pobre mãe ia, pelas suas virtudes, tornando-se mais meritoria aos olhos de Deus.

Eu, que era o fructo ainda do seu amor, amor que ella até ali julgava puro e constante, e que acreditava ideal, era eu a sua maior consolação !

Tres annos depois teve minha mãe um filho (Eli) e d'ahi a mais dois annos, teve uma menina (Elisabeth).

Os desgostos que depois de alguns annos minha mãe tinha tido, não a deixaram resistir aos soffrimentos de seu parto doloroso ; subiu ao ceo, aonde de certo recebeu a recompensa de suas virtudes, de seus martyrios, seu amor e resignação !

Foi então que meu pae conheceu, mas já tarde, a victima que tinha feito por seus erros, e para poder compensar o mal de que elle só tinha sido o unico autor, resolveu fazer a nossa felicidade, cumprindo com as ultimas vontades de minha sempre chorada mãe, tomando para casa uma senhora franceza, a quem encarregou de cuidar em seus filhos ; por que estando de continuo no seu estabelecimento, era infallivelmente necessario uma senhora de capacidade para nos servir de mãe, já que Deus nos quiz roubar aquella que tanto adoravamos.

Pouco tempo depois da entrada d'essa senhora em nossa casa. era considerada como dona de tudo, ella é que mandava, que punha e dispunha, e meu pae era escravo de qualquer desejo que ella manifestasse.

Foi tudo bem durante alguns annos, nos quaes meu pae adquiriu uma grande fortuna, que o punha no caso de voltar a França, se essa tivesse sido a sua vontade ; mas como estava acostumado ao Rio, não pôde decidir-se a deixar uma terra de que elle gostava tanto, já por seus usos e costumes, como pelos muitos conhecimentos e relações que tinha.

Alguns mezes depois da morte de minha mãe, recebeu meu pae uma carta de minha tia, M.^{me} Levillant, na qual lhe mandava dizer os sentimentos que ella tinha pela noticia da morte de sua irmã, e visto ella não

ter filhos, se me queria mandar para o seu poder, que me adoptava por sua filha, e que me daria um dia toda a sua fortuna.

Meu pae, como bom pae, e amante de seus filhos, considerando que tinha cinco, e que uma fortuna repartida por tantos não era sufficiente, determinou mandar-me para Lisboa, pois não queria cortar a felicidade que elle acreditava que eu ia ter.

Esperou algumas semanas, para me confiar aos cuidados da esposa de um capitão que vinha viajar á Europa, a qual me recebeu em seus braços, ainda com as lagrimas da minha familia.

Completei os cinco annos no mar, em dia de immensa tempestade, e em que o navio esteve quasi perdido, mas eu em tão curta idade, que poderia comprehender n'um perigo d'aquelles? . . .

Não sabia para aonde me levavam, e eu como uma creancinha que era, estava satisfeita por que me via livre do mau tracto que me dava meu mano Carlos.

Recordo-me de um caso que aconteceu um anno antes da morte de minha mãe.

Estavamos, toda a familia n'uma casa de campo, que meu pae n'esse tempo possuia, a pouca distancia da cidade, minha mãe divertia-se a ver-nos correr pela quinta, e a quem primeiro chegasse a um portão de ferro que havia no fim de uma rua toda cercada de arvores, dava ella em premio uns bolos de que nós gostavamos muito. Um dia que eu já tinha ganho umas poucas de vezes, meu mano Carlos, como possuido de inveja, deu-me um forte empurrão, que me deitou redondamente no chão; d'esta queda resultou ficar-me sempre um pequeno signal na testa. D'este dia por diante, minha boa mãe não consentiu mais que usassemos aquelle innocente divertimento, senão um por cada vez; d'ahi ávante, resultou meu mano conservar-me uma grande inimizade. Quando me viu embarcar ficou muito satisfeito, e eu estava tambem muito contente, porque me haviam dado umas poucas de bonecas, e uma de que eu gostava

va muito, a tomei por minha favorita ; e como estivesse acostumada a ver minha mãe tomar banhos do mar, fiz tambem tomal-os á minha escolhida, atando a por uma corda, e fazendo-a mergulhar.

Assim passei os dias da minha primeira viagem : feliz idade em que não sonhava o que ia passar, nem imaginava tampouco os tormentos que vinha ter á Europa ! Idade em que embaladas pelos doces pensamentos da meninice, se occultam as illusões do mundo ! D'este mundo aparente e falso ! Oh ! que se eu tivesse sonhado um só instante, e visse entre sombras o caminho espinhoso que me destinava a sorte, eu teria então amaldiçoado a vida ! . . . E quem ha que a deseje, sendo votada a um continuo soffrimento ? ! Oh ! minha infancia, minha infancia ! que me fizeste chorar tres dias, quando a minha querida boneca, desprendendo-se da corda, foi boiando sobre as crespas ondas. Os meus cinco annos ! os meus cinco annos, que cercados de flores, me faziam sentir loucos pezares ! aonde estão minhas flores ? acaso foram ellas as illusões da minha existencia ? ! Minhas rosas aonde estão ? Só me deixaram espinhos ! ! !

Depois d'uma longa viagem, estavamos quasi sem mantimentos ; chegámos a Lisboa ; meu tio o senhor Levillant, veiu a bordo para me buscar, gostou logo tanto de mim, que me levou desde o desembarque até á rua de S. Francisco (Chiado) nos seus braços ; eu estava um tanto adoentada, e elle não consentiu que ninguem, senão elle, tivesse incommodo, que para elle era um gosto.

Quando chegámos a casa, ao ver-me, minha tia poz-se a chorar, e a chamar me sua filha ; eu não lhe prestava muita attenção por que meu tio me tinha dito pelo caminho quando lhe contei o desastre da minha boneca, que logo que chegássemos a casa, elle me daria uma mais bonita do que aquella que tinha tido a infelicidade de se afogar no mar. Com a curiosidade de creança queria ver se realmente era verdade o que me promet-

tera. Quando entrámos no armazem de modas de minha tia, logo reparei que havia muitas bonecas e brinquedos nas prateleiras de cima dos armarios, por isso quando minha tia me abraçava a chorar, eu puxava pela mão de meu tio, para elle cumprir a sua promessa: elle abraçava-me dizendo que gostava muito que eu tivesse boa memoria, chego-me perto dos armarios, afim de eu escolher a que mais me agradasse; minha tia foi a propria que procurava ver a que eu desejava, mas de tudo que ella me mostrava eu nada escolhia, porque queria que fosse a vontade de meu tio que decidisse, como assim aconteceu.

Fiquei muito contente, principiando logo a saltar: quando chegou a hora do jantar, houve uma discussão entre minha tia e eu; perguntando-me que logar eu queria, não lhe quiz responder porque temia que ficasse mal comigo, preferindo estar ao pé de meu tio; resumia a minha resposta, em dizer que queria ficar entre elle e ella, e como minha tia dissesse que isso era impossivel, dêi a solução, dizendo que fizessem um buraco no meio da mesa, para assim ficar junta de ambos; meu tio, conhecendo o meu desejo, decidiu que eu ficasse ao pé d'elle, dizendo-me que cada vez gostava mais de mim, e deu mostras, até ao ultimo dia que estive em casa, d'uma verdadeira amizade. Todos os dias, quando acabavamos de jantar, elle me levava da mesa ao collo, por toda a casa, osculando-me e cantando: *Malbruk* etc. etc. etc.

Depois de me testemunhar tantas caricias e afagos, já não podia estar longe d'elle nem um instante. Estava sempre ao seu lado, no seu escriptorio, e quando eu já sabia contar, ajudava-lhe muitas vezes a contar o dinheiro que tinha em saccos, pelo chão; e quando estava aborrecida, punha-me a saltar por cima d'elles, por isso desde a minha tenra infancia fui costumada a ver muito dinheiro, e eis o motivo por que elle nunca me espanta. No seu escriptorio é que meu tio me fazia applicar a fazer riscos. Minha tia, pela amizade que pa-

recia dedicar a seu esposo, gostava tambem cada vez mais de mim, e como eu quasi todas as tardes saísse com Mr. Levailant, tinha ella o maior prazer de me vestir e enfeitar elegantemente, e como soubesse que meu tio gostava de me ver assim, era rara a semana em que me não mandasse fazer um ou dois vestidos novos.

N'este tempo trabalhava o theatro francez, e como meu tio fosse assignante d'um camarote, muitas vezes me levava.

Gostava immenso de ver adornar-se minha tia, com um rico adresse de brilhantes que tinha; uma vez perguntei-lhe porque me não punha aquelle enfeite, ella me respondeu sorrindo-se: que eu era ainda muito pequena, mas que tão depressa fosse crescida ella m'o daria.

CAPITULO II

S. Magestade a senhora D. Maria II — Tenho a grande honra que ella me chame sua patricia, e de me dar muitos beijos — Sem cerimonia deixo cair o licor sobre o vestido de S. Magestade — Famosa quinta de Camarate — N'um tanque meu primo e eu, tornamo-nos lavadeiras — Os saloios fazem respeitar o Santissimo Sacramento. — Vejo Cintra, Mafra etc. etc. etc. — M. elle Isaure — Georgetta tem um conde por padrinho — Desapparecimento de meu tio — Apparecimento do Sr. Alfredo Martin — Maria, Joanna, e S. Magestade Imperial Duqueza de Bragança — Sou rainha — Admiro Lucrecia Borgia, Roberto do Diabo etc. etc. etc. — Diademas que não podem ter dramaticos resultados — A rainha chora, mas dá beija-mão — A rainha, cantoras, e dançarinas, tudo chora — Principal Potencia — A rainha é qualificada Diabo — O Sr. Martin toma a rainha nos seus braços — Terrivel *cabeça de burro* — Principio a ter resolução — Fujo á cabeça de burro — As Francezas espantam-se — Resultados de ser rainha — Segunda viagem.

Poucos mezes depois de eu chegar do Rio, minha tia, que n'esse tempo ia muito ao Paço, como modista que era de S. Magestade a Sr.^a D. Maria II, que gos-

tava então mais de se entender com ella, levou-me um dia, e quando S. Magestade me viu, deu-me muitos beijos, e disse para minha tia: «Esta é quasi minha patricia» perguntando-me se tinha saudades do Rio; como eu já ia com a lição dada, respondi que não, e que eu queria que S. Magestade gostasse de mim; S. Magestade, pela bondade de seu coração, ficou satisfeita com a minha resposta, sentando-me no seu collo, e dando-me muitos doces, entre os quaes havia pastilhas cheias de licor, e que eu ignorando, esmigalhei uma, entornando o liquido sobre o seu vestido. Como ficasse envergonhada, S. Magestade riu-se muito dizendo: «melhor para sua tia, que tem que me fazer outro.»

Quando esta infeliz senhora morreu, chorei muito, e pedi durante algumas missas que mandava dizer, que Deus recompensasse as suas virtudes, e a sua bondade para com os seus subditos; e estou certa que o Eterno tem ouvido todos aquelles que tem pedido por a virtuosa rainha.

Minha tia foi passar um verão a Camarate, e como a casa que tinha arrendado tivesse uma bella quinta, foi para mim uma memoravel epoca, porque estava cá um dos meus primos, chamado Eduardo, que corria comigo pela quinta, e que me ajudava a apanhar fructas nas arvores, e a lavar o fato da minha boneca, n'um grande tanque que havia perto do portão.

Uma vez que viemos a Lisboa, n'um lindo caleche que tinha então minha tia, acompanhados por meu primo Eduardo, que vinha a cavallo ao nosso lado, ao chegarmos a S. Sebastião da Pedreira, encontrámos o Santissimo Sacramento, que saía da egreja, e como meu primo se não apeasse para ajoelhar e tirar o chapeo, uns saloios que ali estavam, quizeram obrigar-o a isso, ao que meu primo respondeu que não queria, por que em França não era costume; os saloios só replicaram, levantando seus cajados para castigar, como diziam, aquelle *cão francez*, e meu primo não deveu talvez a vida, senão á agilidade com que fez galopar seu cavallo.

Depois d'este caso, era elle sempre o primeiro a pôr-se de joelhos quando encontrava o Santissimo.

Minha tia levava-me a toda a parte com ella, fosse a Cintra, ou a Mafra, ou a outro qualquer divertimento. Assim passei dias felizes, sem lagrimas, e sem penas! querida de todos da casa, que para estarem sempre bem com meus tio, bastava fazerem-me festas e caricias, e estarem no meu agrado; eu era (*L'enfant gaté*) sobretudo de M.elle Isaure, que gostava muito de mim. Ella namorava um ourives, e como não podesse estar na janella, pedia-me que a chamasse na occasião d'elle passar; fazia tudo quanto ella me pedia porque eu tinha seis annos, e ella me tinha dado um bonito par de brincos, para uma boneca muito grande que eu havia recebido em presente de um dos filhos do conde *** e que m'a dava com a condição de eu lhe pôr o nome de «Georgetta».

Alguns dias depois de a possuir, minha tia lhe mandou fazer um lindissimo enxoval, e no domingo seguinte lhe fizemos um baptisado, pondo-lhe o nome exigido.

Meu tio, n'uma viagem que fez a França, não quiz voltar a Portugal, e o Sr. Alfredo Martin tomou a direcção da casa.

Se eu sentia a ausencia do meu querido tio?!... O Sr. Martin empregava tudo para m'a fazer esquecer; não havia bondade que elle não tivesse para mim; não havia caprichos meus que elle não satisfizesse promptamente, de maneira que elle era tão meu amigo, que em breve me fez dedicar-lhe a amizade, què outr'ora consagrava a meu tio.

Como o Sr. Martin soubesse que eu gostava de ter vestidos bonitos, estava continuamente a mandar-m'os fazer. Passeava muito comigo; levava-me a tomar muitas vezes neve; contava-me muitas historias; e não saía vez alguma, que me não trouxesse alguma lembrança, como tambem ralhava quando eu não estudava as lições com attenção.

Maria e Joanna eram para mim uma grande distração. A minha Georgetta achava-se um tanto abandonada, por motivos que me não competem dizer, pois iam tocar em segredos alheios, e eu só quero escrever lances da minha vida, e não descobrir casos, ainda que interessantes, mas indifferentes ao ponto principal d'estas memorias.

Maria e Joanna eram filhas de um espingardeiro allemão, que se tinha suicidado por diversos transtornos de seus negocios. Minha tia tomara por dó as duas raparigas mais velhas; a terceira filha d'este homem, obteve minha tia, por S. M. a imperatriz duqueza Amelia de Bragança, senhora de tantas virtudes como de caridade e religião, que fosse mettida n'um collegio, e que os dois filhos entrassem para a casa pia.

Maria e Joanna eram pois, para mim, duas companheiras em casa de minha tia, nas horas em que eu voltava do collegio inglez, na rua da Horta-Secca, onde eu andava, até decidirem de me fazer conduzir para o *Sacré Cœur*.

Esta decisão proveiu do seguinte:

Como minha tia me levava algumas vezes ao theatro comsigo, nos dias seguintes acompanhada de Joanna e Maria, entrava para a casa do jantar, fazia puxar a mesa contra uma parede, e collocando sobre ella um banco, cobriamos tudo isto com quantos chales apanhávamos, destinando os que sobejavam para cõbrir o chão em ar de tapetes.

Principiayamos a vestir-nos com os fatos que as francezas nos emprestavam.

A mim, como sobrinha da casa, davam-me um vestido de seda, que, levantado e prezo adiante no coz do corpo, atraz imitava perfeitamente uma cauda de vestido de rainha, papel esse que eu sempre queria para mim. Os *diademas* que faziamos eram os mais engenhosos e caricatos que se podem imaginar.

Quando tudo estava em ordem, as *francezas* queriam enfeitar a rainha. Uma punha-lhe uns brincos e uns

broches; outrã enfiava-lhe umas pulseiras; aquella deitava-lhe um collar ao pescoço, e ás vezes era tal o cargo dos adereços, que a rainha, sem paciencia para os supportar, desesperava se do peso da sua grandeza e dizia que não queria mais brincar, e sentando-se lacrimosa, exclamava que as joias a tinham feito gemer. Para a rainha subir ao throno e dar o beija-mão, tiravam-lhe uma grande parte dos enfeites; por isso quando se davam as tres palmadas, que, por meio d'um cordão, era o signal de se fazer correr as cortinas que de um lado ao outro dividia a casa, era com muita ligeireza e alegria que a rainha estendia a dextra, erguendo a cabeça com toda a magestade soberana, parodiando tudo quanto vira fazer em S Carlos.

Então principiava a Dama e o Conde (Maria era sempre rei, conde, marquez, senador ou carrasco) e em grande confusão de notas encatarroadas, o lindo par expunha os seus cumprimentos á rainha. Depois estava enfastiada da immobildade do throno, vinha sem orgulho juntar-se aos seus vassallos. Principiava então a segunda scena; era um mixto da Lucrecia Borgia, implorando Gennaro de tomar o contra veneno; com o Roberto do Diabo, etc. etc. etc. e acabava o drama por um *baillet* em que a maior parte das vezes, no meio de uma engenhosa piroeta, caía a figura de nariz no sobrado, tomando parte na peripecia os soluços e os gemidos motivados pela dôr da queda, que faziam, ora a parte dos *sustenidos*, ora a parte dos *bémoles*. A confusão era geral, o pranto subia gradualmente a escala do alarido, e no meio de um berreiro insupportável vinha quasi sempre o panno abaixo.

Então minha tia, que estava com o Sr. Martin e as francezas, a admirar-nos atraz de uma porta de vidraça, entrava no palco, e no meio d'um *foguete*, fazia entrar a rainha e a sua côrte em ordem, como potencia principal dos estados geraes.

Um dia havia flores na sala do throno; essas flores estavam em ricos vasos que minha tia estimava muito e

que a rainha com o seu manto fazia rolar pelo chão. Minha tia ouviu o tinir, empurrou rapidamente a porta; Joanna e Maria, atemorizadas, se esconderam debaixo do throno da sua rainha, que deixaram ficar isolada no meio da sala com a corôa na cabeça e a fronte erguida, como convem sempre a uma soberana.

— Onde se esconderam ellas ? gritou minha tia ; quero castigar essas *mazettes* por me quebrarem uns vasos que eu tanto estimava.

— Para onde fugiram ? tornou minha tia, em mais alta voz e batendo com o pé no chão.

O mesmo silencio existiu da parte da rainha.

— Então respondes-me tu, ou não me respondes ?

— A uma rainha não se dá um *tu*, respondi eu, nem se lue pedem explicações, por que ella não as dá, muito mais quando d'ellas resulta damno aos seus vassallos.

— Basta de tolices, Josephina, onde foram ellas ?

— A rainha é que partiu os vasos, exclamei eu, mas ainda que tivessem sido ellas, não diria onde se esconderam.

— Ellas é que teem a culpa de tu seres um diabo.

— Oh ! minha tia, chama diabo a uma rainha ! bradei eu começando a chorar.

— *Petite bête*, clamou ella de novo ; diga, diga onde estão ?

— Espere, minha tia, respondi eu, tirando a corôa da cabeça e as joias de cima de mim, e deitando-me a seus pés; agora como já não sou rainha, posso pedir-lhe perdão de ter quebrado o vaso, e peço tambem de não ralhar com Joanna e Maria.

N'isto o Sr. Martin abriu a porta, e tomando nos seus braços a rainha desthronada, disse com voz commovida :

— Esta creança é um anjo !

— Um diabo, gritou minha tia, uma hypocrita !

Vieram chamal-a, e ella saiu do quarto, em quanto que Joanna e Maria deixavam o seu esconderijo.

No dia seguinte, minha tia já se não lembrava do espectáculo que tinha acabado em tragedia.

Passados alguns dias, cai no desagrado de minha tia; já me não lembro se foi em consequencia de nova maldade, ou por alguma outra jarra quebrada.

— Não, eu não ralho com ella, disse minha tia ao almoço, mas mando dizer á mestra que a castigue e que lhe ponha a *cabeça de burro*.

A ameaça da tal *cabeça de burro* era para mim horrorosa, pois tinha feito uma aposta com as minhas companheiras de nunca a levar por castigo.

Ouvi a ameaça, não respondi nada, almocei.

Depois quando minha tia me atou o chapeo para sair, disse-lhe estas palavras:

— Não mande dizer nada, não? Porque eu não quero levar a *cabeça de burro* que é tão feia!

— Mando dizer, mando, respondeu ella dando-me um beijo na testa.

— Não, repliquei eu, e sai.

No caminho ia o criado dizendo-me:

— Hi! a menina que vae levar a *cabeça de burro*.

— Não; respondi.

Quando cheguei á escada da mestra, logo no primeiro lance disse para o criado:

— Dé-me o cesto, e vá-se embora, porque eu posso entrar sósinha.

O criado, estimando bem que o dispensasse de subir áquelle quarto andar, deu-me o cesto e retirou-se.

Quando eu já lhe não sentia os passos, e que julguei que elle teria tempo de ter saído da rua, desci pé ante pé a escada, e chegando á porta perguntei a mim mesmo: onde irei?

Vou por ahi fóra, pensava eu; mas no collegio é que não entro, porque aquella *cabeça de burro* faz-me medo.

Fui andando pelas ruas, mas fosse o destino ou o costume, vim ter á rua de S. Francisco, cheguei á en-

trada da casa de minha tia. Oh! subir é que eu não subo, exclamei comigo; ella bater-me-hia

Então cuidei ouvir a sua voz, julguei até vê-la ante mim com o braço alçado e o olhar ameaçador e furibundo.

Tive medo, e entrei na primeira porta aberta que vi, passei pelo centro de alguns cavallos, e só muito depois é que me achei ao collo d'uma pobre mulher que costumava alugar os burrinhos para as Francezas irem ao domingo passear.

A mulher chorava e fazia-me engulir algumas colherinhas d'agua com assucar.

—Então que é isso, que é isso? disse o Sr. Martin que acabava de apparecer, visto a pobre mulher o ter mandado chamar á pressa.

— Oh! Sr. Martin, exclamei eu, não levo a *cabeça de burro*, não?

— Não, filhinha, não; mas como estás tu aqui?!

Contei-lhe o meu terror e a minha fuga.

Abraçou-me muito, e quando elle viu que eu confiava bastante na sua protecção, para evitar a ameaça da *famosa cabeça*, levou-me pela mão, foi-me comprar bolos, e conduziu-me á mestra.

De volta para casa ás quatro horas, na occasião do jantar, contou minha tia esta historia e todos olharam para mim.

— E sua sobrinha não tem ainda oito annos! disse uma voz.

— E' espantosa essa energia, e essa força de resolução n'uma creança tão novinha, murmurou outra voz.

— Se ella crescer com esse character, ha de ser uma mulher admiravel, proseguiu uma terceira falla.

— E' mais é um diabo, é o que ella é!! respondeu a tudo minha tia.

Uma das vozes, temendo logo cair no desagrado de sua soberana, exclamou:

— Oh! é preciso muito cuidado com as creanças d'este genio.

—O que me parece é que vou seguir o conselho que me dá o Sr. Martin, de a levar para Paris.

E' verdade que era esse o conselho que lhe dava o excellente Sr. Martin, dizendo-lhe sempre que essa separação era necessaria, pois que só em Paris eu podia adquirir uma brilhante educação. Aqui em Lisboa, educada n'algum collegio inglez, a sua sobrinha nunca passaria de ser um genio mediocre, e que só as instituições de Paris dariam o desenvolvimento que a cabeça e a alta fronte de sua sobrinha exigia.

Effectivamente, alguns dias depois dos ultimos acontecimentos que acabo de narrar, um botesinho sulcava as brandas ondas do Tejo, conduzindo ao paquete a creancinha temerosa da horrivel *cabeça de burro*, sua tia que a acompanhava, e o Sr. Martin, que assistiu ao *bota-fóra*, dizendo-nos adeus do barco para o vapor que nos separa d'elle.

Como creança, depressa me consolei, distrahida pela segunda viagem que fazia.

CAPITULO III

Inglaterra — Calais — Paris — Meu tio J. L. Lassence — Minhas primas Noémie e Clémence e a sua institutrice M.elle Eugénie — Sou cantora — Entro para o *Sacré-Cœur de Conflans* — Carta de minha tia — As religiosas e pensionistas gostam de mim — M. mes de Bremon, de Valois, e de Broin — Regulamentos do *Sacré-Cœur* — Uma cruz por causa de um tinteiro — Juramento por causa das memorias de M.^{me} Lafarge — Solemnidade da minha primeira communhão — Confirmação recebida pelo Arcelispo no *Sacré-Cœur* da rua de Varennes — Passeios — Trasladação das cinzas de Napoléon — A senhora Condessa — Mr. Joly — Aparece a fantasma — Em dia claro a fantasma ameaça — A superiora torna-se minha mãe, e não consente que eu saia.

Chegámos a Inglaterra poucos dias depois da nossa partida, porque tivemos muito feliz viagem; de lá em-

barcámos para Calais, e d'ahi tomamos as diligencias das postas até Paris.

Pouco notei n'esta curta viagem, por que a minha imaginação estava preocupada das admiraveis coisas que ia vêr na primeira cidade elegante do mundo.

A' nossa chegada a Paris, meu tio o Sr. Lassence, veio-nos esperar na estação, abraçou muito minha tia, e disse, olhando para mim: «Então esta é que é a Brasileira?» Ella respondeu que sim, e fez-me signal para eu o abraçar; cheguei-me ao pé d'elle, mas não sei por que, seus olhos me causavam medo; acostumada com o Sr. Martin, que tinha a voz tão meiga, e maneiras tão delicadas, muito estranhei uma voz tão dura e modos tão asperos, que parecia quando pedia alguma cousa, que estava commandando soldados. Porém principiou-me a agradar mais desde que me disse: «Tu vais a ter duas manas, e se aprenderes bem, eu serei muito bom para ti.» N'esta conversa apeamo-nos á porta da sua casa (Boulevard des Capucines). A criada que nos abriu a segunda porta, já conhecia minha tia, mostrou-lhe a sua admiração ao vêr-me, dizendo que não sabia que M.^{me} Levillant tivesse filhos. Respondeu-lhe minha tia que eu era mais que sua filha, visto o ter-me adoptado, e ser a filha d'uma irmã que tanto estimava.

Vieram minhas duas primas com a *institutrice* que ellas tinham, e que minha tia tambem conhecia (M.^{elle} Eugénie).

Depois de muitos beijos dados reciprocamente, a noite tinha completamente dissipado todas as nuvens que havia, e eu estava com minhas primas com tanta franqueza, como se ha muitos annos nos conhecessemos.

Eu fiquei com minha tia no seu quarto. No dia seguinte minhas primas vieram-me chamar muito cedo, para me mostrarem todas as suas galanterias, e quando nos chamaram para almoçar, já uma das bonecas da minha prima Clemence tinha um vestido quasi prompto, que estavamos entretidas a fazer-lhe; eu o tinha cor-

tado, dando a saia a fazer a minha prima mais nova, e as mangas a Noémi, que era a mais velha, e o corpo reservei-o para mim; de maneira que um quarto de hora depois de termos almoçado, fomos levar a boneca com o seu novo vestido à presença de meu tio e tia, e de M.^{elle} Eugénie; ao verem muito bonita a acharam, e renderam-me alguns elogios, dizendo meu tio que eu tinha muita habilidade, ao que M.^{me} Levillant respondia que se elle me ouvisse cantar, então julgaria ainda mais de mim. Apesar de todos os pedidos que me fizeram, eu não pude resolver-me a cantar; hoje que eu escrevo isto, ainda me é impossivel fazel-o, quando não tenho grande intimidade com as pessoas que me ouvem.

Passados alguns dias, já estava então tão acostuada com a minha nova familia, que cantava sem acanhamento, apesar do pouco ou nada que eu sabia de musica, batia com as minhas mãosinhas (não se esqueçam que eu era creança, então isto não é um elogio que me faço) no piano, e fazia muitos tregeitos, para imitar as cantoras que tinha ouvido em S. Carlos.

Assim mesmo, meu tio gostava da minha voz, e sempre me estava pedindo para parodiar as actrizes. D'ahi por diante, quando elle por qualquer motivo se zangava comigo, bastava para fazermos as pazes cantar-lhe algumas romenças, e logo obtinha tudo quanto desejava.

Pouco tempo depois de estarmos em Paris, meu tio fazia todas as vontades, para me fazer esquecer o meu querido Portugal.

Um dia enganaram-me como tambem a minha prima Noémi, dizendo que iam ambas a um passeio, e assim nos levaram para o *Sacré-Cœur* de Confians.

Não posso explicar o que o meu coração sentiu, quando entrámos, e que poucos instantes depois vi passar todas as religiosas, com as pensionistas que saíam da capella.

Eu que até ahi receiava tanto de entrar n'esta instituição, cada idéa que tinha era um tormento, cada esperança um soffrimento, cada palavra que soltava se

atabafava em soluços e suspiros; minhas faces perderam-suas rosadas côres, pelas continuas lagrimas que meus olhos por ellas deslisavam, mas mal sabia eu que esses tormentos não eram nada para o que eu tinha de soffrer!...

Em vespervas de minha tia vir para Portugal, temendo os meus choros e queixumes, não se despediu de mim, e escreveu-me esta carta.

« JOSEPHINE »

«Estou bem triste de te deixar, e de ver que és tão pouco razoavel, depois de todos os sacrificios que te-
«nho feito por ti.»

«E impossivel que no *Sacré-Cœur* tu não estejas contente e feliz! Deve-te lembrar que a educação que tinhas a receber em minha casa não era sufficiente para te distinguires; acredita que é preciso teres educação para poderes ser feliz »

«Eu parto, e deixo-te entregue ao teu querido tio, que me prometteu ter para ti as mesmas bondades que para as suas proprias filhas, e elle consagrar-te-
«ha a mesma amizade que tem por ellas, se tu te applicares bem. Não podes voltar a Lisboa senão quando tiveres feito a tua primeira communhão e a tua educação estiver acabada »

«Tambem recommendei ao teu mano que te ama e estima muito, que te vá visitar amiudadas vezes. »

«Adeus, querida Josephine, minha querida filha, pensa algumas vezes em tua tia que te ama, e que nunca se hade esquecer de ti.»

«'deus; acceta mil beijos, e peço-te que comprehendas que se consinto em me separar de ti, é porque a tua educação assim m'ò exige, e me é cara.»

«Tua tia do coração — *Clementina Levxillant.*»

«*N. B.* Eu te recommendo de seres muito boa, e de aprenderes com brevidade e bem, para voltares depressa para ao pé de mim »

«Adeus.»

Banhei esta carta com minhas sinceras lagrimas, e guardei a como um thesouro.

A superiora e as religiosas eram tão boas para mim, que depressa ellas e as pensionistas foram minhas amigas, e todas gostavam de me ouvirem fallar o portuguez, e como nada comprehendessem, riam-se muito.

Passados alguns tempos, estava já tão acostumada, e tão feliz, que não me lembrava de voltar a Portugal.

Quando me recordo dos annos que lá passei, dão-me saudades, que não são faceis de extinguir

Ditoso tempo em que via os meus dias passarem sem amargura, cercada de alegria e venturas, querida de todas as religiosas, M^{mes} de Fremont, de Valois de Raisseau, e de Broin, que com especialidade lhe dedicava uma amizade e um reconhecimento, que nada m'a pode fazer esquecer.

Eu era companheira de quarto com minha prima, aonde dormia tambem uma das *d'amas*, lá as religiosas tinham o nome de *dame du Sacré-Cœur*); meu tio é que tomou a deliberação do quarto para não estarmos no *dartoir*.

Levantavamo-nos ás sete horas, quando as pensionistas do *dartoir* o faziam ás seis. Iamos á reza da manhã todas juntas ás sete horas e meia, depois iamos ouvir missa á capella, saindo d'ahi para o *refectoir*; acabado o almoço, tinhamos meia hora de recreio, quando o tempo o permittia, era na quinta, aonde tinhamos toda a liberdade para brincar. A's nove horas tocava-se uma sineta para entrarmos nas salas dos estudos, aonde haviamos de ter toda a attenção, por quanto tinhamos ampla franqueza na quinta, que era lindissima. Por isso uma das *damas* ficava em pé para nos vigiar, e todos os domingos se examinava o caderno dos *contos*, porque uma das pensionistas que era condecorada com a grande medalha, e a fita de *moirée* azul com franjas de prata atravessada no peito, estava sentada n'uma alta cadeira, com o caderno sobre a *pupitre*, para n'elle marcar as que não estavam com atten-

ção, e as que se deixavam reprehender segunda vez, fazia-se uma cruz no caderno, e as que no domingo tinham maus apontamentos recebiam uma reprehensão da superiora para se emendarem, e as que tinham boas marcações, dava-lhes conselhos para continuarem, e em recompensa offereciam-lhe bonitas imagens.

Todo o tempo que estive no *Sacré-Cœur*, nunca levei senão uma unica vez a dita cruz, que me foi devida ao tinteiro do meu *pupit e*, que por descuido dei-xei cair nos meus livros e cadernos.

Ao meio dia tocava a sineta para irmos ao *refectoir*, e de lá ao recreio no jardim, era então a occasião do maior prazer. Corriamos pela quinta, saltavamos e brincavamos todos os jogos; as mais serias passeavam a conversarem. e as mais traquinhas não cessavam com os seus gymnasticos brinquedos.

Em quanto eu tive curta idade. era uma das mais travessas; porém depois não gostava senão de me juntar com as que passeavam, conversando com ellas, e com a dama que nos acompanhava.

Por fim eu já não queria estar senão com a superiora, ella era tão boa para mim, que me consagrava uma amizade de mãe; em quanto eu viver lhe guardarei uma eterna gratidão

Uma segunda feira que acabava de substituir um agradável domingo de saída, todas as pensionistas á hora do recreio se juntaram na *rua grande dos castanheiros*, largo espaço sombreado pela vasta ramagem das arvores frondosas, docemente embalsamado do perfume das flores que partia dos viçosos canteiros, onde o verde escuro e o verde claro fazia sobresair o matiz d'aquellas variaveis côres.

Era ahi que devia ter logar quasi uma revolta. O que motivava porém esta revolução? É filha d'uma novidade da epoca.

Tinha apparecido, ou fallava-se muito em Paris das memorias d'uma senhora, de M^{me} Lafarge.

Cada pensionista tinha ouvido fallar á familia n'esta

boa nova, e cada uma d'essas cabecinhas começava a exaltar-se no collegio

Uma senhora que escreve! dizia uma; uma senhora que tem soffrido! repetia outra; uma senhora que tem coragem de arrancar a mascara aos seus inimigos! exclamava aquella; uma senhora que pela sua franqueza se torna superior! murmurava esta. E depois ainda uma outra pronunciou estas poucas e arrojadas palavras com um enthusiasmo heroico:

—Eu hei de escrever ainda um dia as minhas memorias

—Eu tambem.

—Eu tambem.

E oitenta vozes repetiram:

—E eu tambem!

—Pois contratemos um pacto, avançou uma das mais velhas, batendo as palmas.

—Valeu! Valeu! repetiram todas, elevando cada uma a mão ao ar para saudar a proposição.

—Aquella de nós que tiver na sua vida extraordinarios dignos de se mencionar, disse a mais velha, deitando um olhar serio ao monte das suas condiscipulas; a que tiver mais paciencia, a que fôr menos ingrata, a que se lembrar mais da scena que se passa aqui hoje, hade escrever nos as suas memorias.

—Está dito, exclamou a turba cheia de contentamento.

—Approvam? disse a que tomara a palavra

—Sim! Sim! repetiram todas a uma voz.

—As santas não podem escrever, disse Sophia de*** com a sua meiga voz, e assomando aos seus graciosos labios um angelico sorriso, e fitando nas suas collegas um olhar terno, como se fosse o de um cherubim.

Sophia, como nós outras, vestia o uniforme do convento, mas ainda assim, com aquelle vestuario não muito airoso, parecia um d'esses anjos, que *baixam* entre nuvens, trajando exquisitas roupas.

Seus olhos da côr do céu, quando está claro e se-

reno, seus cabellos moldurando-lhe em alouradas ondulações um rosto branco, levemente tinto de purpura desmaiada, seu ar tocante e singelo, que fazia estremecer as fibras da alma, formava d'aquelle coração innocente e puro um thesouro de encantos.

—As santas não podem, nem devem escrever; repetiu ella sorrindo engraçadamente.

—Pois tu julgas-te santa? perguntou-lhe maliciosamente Adèlè de N . .

—Oh! não, replicou Sophia; eu não disse isso por mim, foi por Josephina.

—Por mim! exclamei eu.

—Sim, sim, Sophia tem razão, repetiram algumas d'ellas.

—Sophia disse bem, redarguiu Luisa de . . . se me não engano, Josephina hade ter que soffrer muito; olhem, parece que ella quer desafiar o infortunio, atravez da sua alegria, diviso-lhe sempre um raio de melancolia occulta; as almas assim logo nos mostram o que hãode passar no futuro, e a energia com que affrontarão os seus pezares.

—Se Josephina sair do *Sacré-Cœur*, ella tem um coração e predilecto dedicado, perseverança e muita generosidade de sentimentos; almas assim são sempre victimas no mundo.

—A Josephina, fica pois emprazada; ficamos sabendo desde já, que será ella a primeira a escrever-nos as suas memorias, e a não se esquecer do voto que mutuamente fazemos aqui.

—Pois bem, disse eu; acceito essa especie de convite e preferencia, que me fazem, mas ponho sô uma condição.

—Qual? qual? bradaram todas.

—E que se com effeito tiver que contar, quando essas memorias apparecerem, todas aquellas que se acham agora á sombra d'estas arvores, sitio da nossa conversação, e forem vivas, rezarão pela alma da autora do livro tres *Padres Nossos* e tres *Ave-Marias*.

—Vale! vale! gritaram todas, mettendo-me no centro d'uma roda, e apertando-me em seus braços. Nada recusaremos á santinha, como diz Sophia; mas vamos ver agora se ella nos alcança até ao fim d'esta rua.

E eil-as ahi todas correndo como um rancho de sylphides, e eu seguindo-as sósinha em distancia, fazendo o possivel para as apanhar antes de chegarem á extremidadé da immensa rua.

Luisa, já repousas no ceo, anjo de meiguice e candura! Portanto, não exijo de ti o ajuste do nosso pacto, mas peço-te que ajoelhada aos pés do throno do Omnipotente, lhe rogues incessantemente piedade e misericordia para mim.

Em quanto a ti, minha interessante Sophia, se ainda vives, sê fiel á promessa a que te ligaste voluntariamente debaixo da sombra d'aquellas arvores, aonde nos dias da nossa infancia tantas v zes corriamos abraçadas, tu enleando-me o braço á cintura, eu pegando-te ligeiramente na outra mão, que apertava entre as minhas.

Tu Adèle, tuas irmãs e as nossas companheiras ja se terão esquecido de mim? Formosas, ricas, nobres, como vos terá restado no meio da felicidade e das illusões do mundo, uma unica recordação de mim? Sim, é impossivel essa reminiscencia, ha muito que estou esquecida nas vossas memorias. mas o meu coração guarda perfeitas as vossas imagens e é quanto me basta.

Minha prima tomou grandes ciumes causados pela preferencia que todas me davam. E as queixas principiaram ao seu pae.

A's duas horas voltavamos para a classe, até ás quatro horas; consagrando este tempo ao piano, canto

e desenho; no fim do qual nos mandavam merendar pão com frutas ou com doce, ao jardim, ás quatro horas e meia, era para os bordados. até ás cinco e meia, e depois até ás sete e meia horas, era para o estudo da historia e do cathecismo e historia santa, e d'esse praso ás oito, era a hora destinada á ceia, um instante de recreio e a nossa reza da noite, e depois iam nos deitar, ficando uma religiosa no *dortoir* para cobrir aquellas que tinham mau dormir, e tomar sentido se alguma precisava dos seus serviços. Tudo ali respirava socego e commodidade.

Assim corria o tempo cheio de felicidade e de prazer, porque a idade mais feliz e os dias mais bellos são aquelles que se passam n'uma instituição como o *Sacré-Cœur*. Toda a mãe que deseje a felicidade de suas filhas, deve fazer todos os sacrificios possiveis para as mandar lá educar.

Recebi principios de religião, que nos tristes casos da minha vida me teem posto ao abrigo da desesperação, aonde muitos perdem as forças de combater! Feliz quem não sabe quanto é terrivel a desesperação!..

Sempre me confiei em Deus, e elle nunca me desamparou, nem me tem faltado; e n'aquelle tempo ditoso que prazer não era o nosso, quando nos davam por recompensa o enfeitar a capella da Virgem, depositando-lhe aos pés as corôas que lhe offerciamos

Dois annos depois de eu lá es ar com minha prima, já nos tinhamos confessado muitas vezes; ficámos incommunicaveis para fazer os exames para a nossa primeira communhão

As pensionistas que estavam designadas a cumprir o mais santo e sagrado dos deveres, tinham sido separadas e recolhidas n uma grande sala, perto do quarto da superiora para estarem isentas de toda a distracção, para poderem bem entender o valor do acto solemne que iam cumprir.

A dôr que sentiam as que ficavam transferidas para

o anno seguinte, era immensa, e eu bemdizia a Deus por me conceder a admissão n'esse anno.

Passámos bem os exames, e quando despontou o sol d'esse dia, já estávamos preparadas com os nossos vestidos brancos, um grande veo que caía até aos pés, e a corôa da innocencia collocada na fronte. Quando cheguei perto da santa mesa pareceu-me estar transportada n'uma alegria de completa felicidade. Oh! eu pensei, pensei e comprehendí bem o acto que ia cumprir! Uma voz interior dizia-me: «De hora ávante, terás força e coragem para poderes supportar as maldades do mundo »

E assim tem acontecido, porque nas minhas maiores penas sempre tenho achado conforto, recordando-me d'aquelle dia memoravel, e ouço ainda dizer: «*Lembras-te da tua primeira communhão!...*»

Bastava-me esta recordação, para supportar todas as coisas com resignação, e fé em Deus

Como já disse: se alguma mãe de familia ler esta minha biographia, e se tem sufficientes meios, deve ficar certa que a maior felicidade, e a melhor educação que se pode dar a uma filha, é no *Sacré-Cœur*; nada mais agradeço a minha familia que os annos que lá me fizeram passar, e estimo mais este sacrificio que por mim quizeram fazer, do que se me tivessem dado milhões. E que é o dinheiro sem a educação precisa para gozar e viver na sociedade? Passar-se uma vida cheia de receios, sem poder depositar confiança em pessoa alguma; desconfiando de todos, ambicionando sempre mais oiro! Existencia de inferno que se imagina que a amizade, e mesmo o proprio amor é vendido ou trocado por esse abjecto metal!

A fortuna é certamente bella, quando se vale ao desgraçado que geme n'um leito de dôres; quando se vâa a soccorrer o pobre honrado, que exausto de forças vâ perecer á fome; quando se salva a virtude ultrajada pela malvadez; quando se salva uma pobre mulher, que está só no mundo sem fortuna e sem fa-

milia. Mas isto só se pode fazer quando se recebem os verdadeiros principios de educação, e sem os quaes, não ha senão uma morte sem sentimento, e um esquecimento total vem sobre os dias d'aquelle que não soube viver! Oh! que os momentos mais bellos n'este mundo são aquelles passados com esses principios, com a fé em Deus, com as esperanças no porvir, com a felicidade no amor, e com a resignação no soffrimento!

Oh! que eu bem conheci o acto solemne que tinha cumprido; promettendo a Deus de nunca mais sair do *Sacré-Cœur*, e de conservar eterno reconhecimento a minha tia, por lá me mandar educar.

No dia da nossa primeira communhão, ficámos com as nossas vestimentas, symbolo de innocencia e de candura.

A' tarde fomos á capella da Virgem, que era situada no fim de uma grande rua da quinta, que ia dar ao *r o Seine*, e ali recebemos o *scajulaire*, e a medalha da nossa communhão na qual se achavam gravadas estas palavras: «*Souvenir de la premiere communion. — 11 Juillet 1841.*»

Passados oito dias vestimo-nos egualmente, como no dia da nossa primeira communhão, para sermos *confirmadas* pelo arcebispo de Paris, no *Sacré-Cœur* da rua de Varennes em Paris.

A superiora era cada vez mais minha amiga, e eu para lhe compensar, nas horas de recreio sempre estava junto d'ella.

Fui sempre acerrima ao estudo, e nunca levei mais uma reprehensão; essa cruz que me lançaram no caderno foi causada involuntariamente, e a superiora pelo sentimento que tomei deu-me como sufficiente castigo a sua reprehensão, e tenho a gloria de dizer que d'esse dia nunca mais o caderno serviu para mim.

Saiamos uma vez todos os mezes. Meu tio Lassence vinha buscar-nos ás nove horas depois da missa e do almoço, e tornava a levar-nos ás *Ave-Marias* do mesmo dia. Uma occasião porém, sem ser n'um d'esses dias

de saída, chegava a carruagem com meu tio, que nos vinha buscar, conforme a licença que tinha obtido na vespera, para irmos ver a trasladação das cinzas do immortal Napoleão.

Tanto a mim como a Noémie, parecia-nos que os cavallos não andavam, tal era a impaciencia da nossa juvenil curiosidade.

Emfim chegámos aos campos Elysios, entrámos em casa d'uma familia ingleza, com quem meu tio tinha intimas relações.

A causa talvez d'essa familia ter agradado a meu tio, e ser a preferida, foi ter sido uma das convidadas a condessa de... viuva ainda joven, bella, cheia de attractivos, senhora de uma boa fortuna, e mãe de uma menina de dois annos, linda como os verdadeiros amores.

Meu tio, apezar da *institutrice*, achava-se apoderado d'uma d'essas mais vivas e phreneticas paixões, que dominam a alma, por essa bella condessinha, ella que até ali tinha sido uma verdadeira parisiense, que gostava de ter o orgulho e a gloria de vêr a seus pés uma ou duas duzias de apaixonados, agradou se a tal ponto do sr. Lassence, que desistira de todas as mais conquistas, despedindo os conquistadores

Meu tio estava separado ou divorciado de sua mulher, e uma existencia impedia que por doces e santos laços fizesse a felicidade do seu coração; no entanto viam-se... amavam-se! e... não sei a quanto chegou aquelle amor desesperado.

Pouco tempo depois dos funeraes de Bonaparte, a interessante condessa appareceu morta na sua cama. Algumas pessoas diziam que um seu antigo admirador fôra a causa d'essa morte. Outros murmuravam que a origem d'aquelle fallecimento era o veneno. Fosse o que fosse, os medicos declararam ter sido um ataque, não sei se de apoplexia, e quando esses declararam alguma coisa, ou porque assim o entendem na sua vasta erudição e escrupulosa consciencia.

O caso é que a bella condessa foi conduzida á sepultura, deixando o seu inconsolavel amante na maior das amarguras.

Meu tio, apesar de homem rispido, frio, secco e inflexivel, além na sua vida prosaica, amara só a essa mulher com extremo sincero e affecto verdadeiro; depois mesmo d'este infausto acontecimento, aquelle nome pronunciado diante d'elle, fazia com que empallidecesse, e obrigava o a chorar como chora uma creança.

Quando chegámos, estavam todos na sala em roda do fogão, porque o frio era tal, que apesar do chocolate que bebiam, um tremor invencivel permanecia em todos.

Nós que vinhamos de fora parecíamos gelados; mas além d'isso correndo com minha prima Clemence, que estava já com a condessa e com mais duas meninas da nossa idade, fomos abrir uma janella, e na grande varanda aos pulos e corridas, para não sentirmos tanto frio, pudemos no meio da nossa estroinica ver as tropas formadas e aquelle magnifico arvoredado dos *Campos Elysios*, supportando o peso das pessoas que não tinham outras trincheiras, e que sabiam aproveitar-se d'aquellas que lhe davam duas grandes vantagens: a altura, e não terem que agradecer o seu logar.

Dizer o tempo que se passou até principiar a apparecer o cortejo, não sei. Contar tudo que se passou em tão soberba e magestosa solemnidade, é para mim impossivel pela grande analyse, por isso deixo á historia o que á historia pertence.

Em quanto ao coche que conduzia as preciosas cinzas do maior capitão dos tempos modernos, d'esse igual aos eminentes capitães dos seculos passados, o glorioso Annibal, o immortal Cesar, e o glorioso Alexandre, elle o vencedor de Arcole e Rivoli, o victoriado em Austerlitz, que abalou a Europa com seu braço de ferro, e que a fez tremer lançando lhe o seu olhar *d'aguia*, e querendo-a governar como um Deus' ninguém pela mais obscura inferioridade de reminiscencia que tivesse assistido áquella pompa funeraria, poderá

ter esquecido aquelle brilhante e triste coche que conduzia lentamente pelos caminhos de Paris os restos mortaes do grande homem, que a França inteira saudosa chora, e chorará ainda por muitos annos.

Ao passar o respeitavel monumento das mais invejadas glorias, dos peitos patrioticos d'aquelles milhares de espectadores saiu um só grito, e um só ecco o repetia dor toda a França, um grito de saudade, um grito lugubre, um grito de admiração!

Depois de tudo ter passado, viam-se os homens descerem das arvores e misturarem-se com o povo, seguindo em massa o cortejo, com os lenços nos olhos enxugando as lagrimas, derramadas generosamente pelo heroe que tinha cercado de glorias o brazão da França, e que debaixo do seu dominio foi a mais afortunada e victoriosa nação do mundo.

Se a França tem razão de queixa de Mr. Thiers, deve recordar-se que alguns actos censuraveis, que elle commettêra, eram devidos á implacavel rivalidade que existia entre elle e Mr. Guisot.

Mas a França não pode nunca esquecer-se que a esse homem saído do povo, e dominando o ministerio pelo seu brilhante e profundo talento, valor e grande energia, é que deve a trasladação das cinzas do immortal batalhador.

Encontrando-se no gabinete de *Saint-James* por essa occasião a mais honrosa condescendencia, que se não faz perdoar o seu rigor pelo illustre prisioneiro de *Santa Helena*, faz ao menos ser-lhe grato, por ter restituído á França o que só á França devia pertencer: — As cinzas de Napoleão!

Como eu dizendo, no *Sacré-Cœur*, saíamos uma vez todos os mezes, e n'essas occasiões é que meu tio nos conduzia a passear a *S. Cloud*, *Versailles*, etc. etc, minha prima que já tinha muios ciumes de mim, forjou tantas intrigas para com seu pae, que determinei-me dizer á superiora, que preferia ficar com ella, e tanto pedi, que passei as ferias no *Sacré-Cœur*.

No ultimo passeio que dei com meu tio e primas, tive depois de jantar umas terriveis dôres de estomago ; fizeram-me deitar, e mandaram chamar o medico da casa (Mr. Joly) que lhe pareceu não valer de nada o meu padecimento, mas que talvez tomasse à noite o caracter de uma inflamação. Meu tio mandou dar immediatamente parte á superiora afim de a livrar de cuidados.

Como ficasse de cama, levei até á uma hora da noite a conversar em diversas cousas com minha prima, porque o somno não me apoquentava, e como já por fim não recebesse resposta d'ella, voltei-me para o lado da parede, e ahi fiquei dormitando levemente até ás duas horas, momento em que fui despertada por uma especie de *phantasma*, que se chegou perto do meu leito. Sobresaltada estendi os braços, e chamei minha prima: o vulto pareceu não gostar, e quando a segunda vez gritei por *Noémi*, apertou-me com tanta força a mão, que fiquei por alguns dias sem me poder servir d'ella. A institutrice que dormia no quarto immediato, e que tinha o somno muito leve, correu logo a perguntar o que havia acontecido. *Noémi* não podia fallar de susto em que estava, e eu contei a'apparição do *phantasma*, que desapareceu aos meus segundos gritos. A institutrice passou o resto da noite contando historias para nos dar animo.

A' hora do almoço, quando me cheguei ao pé de meu tio, oara lhe dar os bons dias, encontrei-lhe a physionomia bastante carregada, e disse-me com voz firme : *petite s tte, tu m'as pagarás!*

Não fiz maior caso d'isto, pensando que tinha sido motivado pelo alevantamento da noite, mas o tempo me tem mostrado.....

A institutrice é que nos acompanhou n'este mesmo dia para o *Sacré-Cœur*, porque meu tio disse ter muito que fazer, e fechou-se no seu escriptorio, sem ao menos nos dizer a'eus, quando fomos para nos despedirmos

A M.elle deu ordem ao cocheiro de nos conduzir depressa, desejando voltar a casa antes do meio dia.

Logo que chegámos, não esperou a superiora como era costume, foi se immediatamente e como esta estranhasse tamanha pressa, mandou-nos entrar para o seu quarto, perguntando se tinha acontecido alguma coisa.

Contei-lhe tudo, m' strando-lhe a minha mão ainda bastante magoada, e dizendo-lhe a chorar, que não sabia que phantasmas fizessem mal a pessoas que rezavam todas as noites! Ella beijou-me dizendo:

— És ainda muito pequena, para poderes comprehender certas coisas! até aqui, tu é que não querias sair nem nas ferias, nem no fim dos mezes, d'aqui por diante já não é um capricho de creança, é a minha vontade que tu fiques comigo

Se até aqui a superiora era minha amiga, d'aqui por diante se mostrava para mim a mais carinhosa mãe que se pode imaginar

Este caso do phantasma é um enigma que não explico devidamente, porque ha circumstancias que assim o exigem.

CAPITULO IV

Desejo fazer-me freira. — Ciumes de minha prima. — Os resultados d'esses ciumes fazem-nos entrar na instituição de M. me Morel.
 — Premios ganhos n'esta instituição. — Novo ataque de ciumes.
 — Minha prima sae do convento. — Acabo a minha educação.
 — Tenho que deixar a França como uma ingrata.

Muitas occasiões manifestava á minha querida superiora o desejo que tinha de ser freira, e ella me respondia:

— Se era a minha vocação, que seria sem duvida uma das maiores felicidades para mim gozar semp e aquella vida toda de socego e prazer; que mais podia eu desejar?

Minha prima, vendo que suas queixas não serviam os seus desejos, fingiu se um domingo doente do que resultou levarem-n'a para casa, e eu fiquei só no *Sacré-*

Cœur, para onde ella mais não voltou; e meu tio passados dois mezes veio buscar-me, para depois ir eu e Noémi para a instituição de M.^{me} e M.^{elle} Morel, no faubourg Poissonier.

Meu tio fallou muito tempo com a superiora, e disse-lhe mesmo na minha presença que eu devia sair infallivelmente n aquelle dia, para ver minha prima que estava doente.

— Esta creança deseja fazer-se freira, disse a superiora com voz commovida.

— Qual freira, nem meia freira, respondeu meu tio com a maior sequidão; ainda que ella o queira, eu não quero, está dito.

— De certo, nós não podemos obrigar a sua vontade, lhe replicou a superiora com toda a humildade; porém, hade permittir que lhe diga: tirando esta menina d'aqui, corta a sua vocação, e por este facto terá que dar contas a Deus.

— A Deus, ou ao diabo, gritou meu tio impaciente.

A superiora curvou a cabeça, e beijou a cruz de prata que trazia pendurada ao peito.

As lagrimas saltavam-me dos olhos, e disse comigo na minha dôr: — que tio que eu tenho! Piedade para este heregê, meu Deus!

Conheci quando disse adeus á superiora, que ella estava apoderada de uma grande tristeza.

Como podia eu imaginar que não voltaria mais para o *Sacré Cœur*?!!! . . .

Foi immensa a minha admiração quando cheguei a casa e vi as minhas primas soltarem ás gargalhadas, dizendo: *aqui vem a religiosa!*

Creanças, que não comprehendiam os sentimentos da minha alma

A' noite, como ficavamos no mesmo quarto, contaram-me que tinham feito meu tio decidir-se a retirar-me da *Sacré Cœur*, por todas as damas me darem a preferencia.

Que de lagrimas então chorei, meu Deus! Julguei

não poder resistir áquelle golpe tão fatal para mim, e de tantas glorias para as minhas antagonistas

Oh! que nem sequer pensava que este desgosto fizesse brotar novos espinhos na carreira que já tinha atravessado, e que principiava a florir'

Quatro dias não saí do quarto, todas as minhas idéas se executaram em lagrimas resultando-me uma grande inflammação nos olhos; e apesar dos meus pedidos de voltar para a *Sacré Cœur*, fizeram-me sair no quinto dia, e no meio de tanta dôr, com minha prima me conduziram para outra instituição

Quando M.^{me} Morel me viu toda banhada em lagrimas, disse-me:

— Não chore tanto! é bom mostrar sentimentos de deixar o *Sacré-Cœur*, onde era tão querida; porém, se continuar assim ficará doente, o que me causará muita pena; mostra ter uma alma sensível, e um coração bem formado, mas penso que tudo isso será por não gostar de mim.

Tantas consolações me deu, que prometti não chorar mais d'esse dia em diante, e como tivesse feito esta promessa, não desabafava meu peito senão quando estava deitada exhalando então as lagrimas comprimidas; assim padecia muito mais, porque escondia no coração um sofrimento extraordinario

Não posso porém deixar de dizer que estas senhoras eram tambem muito boas, e que me testemunhavam uma amizade, e um interesse pàrticular.

Minha prima que tinha sido a causa d'esta mudança desesperou totalmente quando viu que depois de mim era a segunda, e que nas occasiões dos premios eu tinha os primeiros, e ella os inferiores.

Este estabelecimento tinha differença do *Sacré-Cœur* em não haver missa todos os dias, e nos estudos de historia, geographia, arithmetica, musica, canto e desenho, serem ensinados por professores, quando no *Sacré-Cœur*, como já disse, o eram pelas *damas*.

Os primeiros exames que fizemos, tive os primeiros

premios de histori , geographia. arithmetica e canto; de piano, desenho e inglez tive os segundos; de composição e orthographia, o setimo; e de astronomia o trigesimo quarto; de bordado tive o premio *exclusivo*, que quer dizer unico e superior aos primeiros; podendo admittir nos outros umas poucas de meninas, mas no *exclusivo* uma só!

D'isto resultou minha prima tornar a persuadir meu tio de a levar para casa, e acabar lá a sua educação com minha prima *Clémence*, que tinha institutrice e mestres em casa; assim juntas adquiriram uma das mais brilhantes educações.

Um anno depois da saída da minha prima, veio minha tia buscar-me a Paris, e alguns dias antes de partirmos da capital da França, e de deixarmos a casa do Sr. Lessence, deu este uma grande *soirée*, onde por ultima vez me ouviu tocar e cantar.

Não me deixaram ir despedir-me das damas do *Sacré-Cœur*, e do *Père d'Abady*, nosso confessor, e tive que abandonar a França com esta saudade no coração, não poder deixar ao menos como penhor de amizade que me consagrava, um adeus! um beijo!!

Soffri, soffri muito, porque tinha uma alma ardente, um coração amante, e queriam que eu fosse insensivel.

A unica esperança que me consolava d'esta magoa, era a fixa idéa de voltar logo que pudesse, para jámais me separar das minhas queridas religiosas, de quem tinha na imaginação os vivos retratos de todas, e conservava as imagens que me tinham offêrecido, e sempre as tenho guardado como recordação dos annos mais felizes da minha vida, tempo de ventura que passei n'aquelle paraiso!...

Minha tia parecia mostrar-me a mesma amizade, mas não comprehendia o que n'ella havia de mudança.

Ao despedirmo-nos das minhas primas, de meu tio, e de M.^{elle} Adarie, houve muitos choros; da minha parte pouco me custou esta separação, porque não ficando no *Sacré-Cœur*, desejava grande mudança.

CAPITULO V

Havre de Grace—Bonito brigue Liberdade—Capitão Passos—Primeira tempestade no mar—Sr. Martin—Fatal mudança—Chamam-me princeza—Boa conselheira—Procissão do Senhor dos Passos—Primeiro amor platónico—Primeira carta de amor—Amor declarado n'um cemiterio, debaixo d'um cypreste—Irei, ou não irei para o Rio de Janeiro—Amigas que deixam de ter amizade quando teem caleche—Soffro por ver injustiças—Parto para o Rio de Janeiro.

Chegámos ao *Havre de Grace*, e passados alguns dias de ahi estarmos, embarcámos n'um navio que possuia minha tia, chamado a *Liberdade* (capitão Passos). Tivemos uma viagem magnifica até estarmos na altura de Vigo, aonde então houve um grande temporal, que nos ia arremessando sobre as costas da Hespanha, mas graças á energia das repentinas ordens do capitão, conseguiu-se pôr o navio fóra dos cachopos, em que ia ficando entallado.

Minha tia mostrou sempre grande presença de espirito, e uma coragem a toda a prova, e não me fez conhecer o perigo eminente a que escapámos, senão quando tudo tinha passado: porque ella me havia fechado, para eu me não assustar, vendo a desesperação em que todos estavam.

O Sr. Martin veio buscar-nos a bordo, ficando immensamente admirado de me ver tão crescida tendo deixado tão pequena a cidade de Lisboa, e regressando a bem dizer uma mulher. Prometteu desvanecer as minhas tristes idéas, e fazer tudo quanto podesse para a minha felicidade.

Se antes de ir a França tinha amizade ao Sr. Martin, no meu regresso eu lhe tributei um excessivo amor filial, eu que desgraçadamente nunca tinha experimentado o que era amor de um pae!

Ao chegarmos a casa, minha tia conduziu-me a um

quarto que mandara arranjar junto ao d'ella, e conheci que me queria fazer feliz; mas que fatal mudança para mim, meu Deus!

Passar do *Sacré-Cœur* para uma casa d'aquellas, aonde se vivia em continuas intrigas, a quem me havia de confiar, com quem desabafar os soffrimentos do meu coração, quem me comprehenderia?! .. Se as pessoas que lerem esta minha historia condemnarem algum acto da minha vida, que se recordem d'esta transição; então certamente comprehenderão que eu educada no *Sacré-Cœur*, não podia, oh! não, não podia viver em casa de M.^{me} Levillant'...

Apenas uma só pessoa conhecia as minhas lagrimas e as penas que suffocava no intimo d'alma, e encobria com sorrisos!... Esta pessoa era o Sr. Martin. Quantas vezes elle me dizia, tratando-me como na minha verde infancia: « Josephina, em bem conheço que sores muito; tu poderias fazer um ornamento brilhante na sociedade, pela e imia educação que recebeste! tu aqui!... ninguem te quer dar forças e consolação!... acredita, acredita Josephina, que sempre serei o mesmo que fui, quando tu me chamavas papá! eu farei tudo que estiver ao meu alcance para mudar a tua posição, tu não podes viver aqui!... »

Depois de ouvir estas palavras tão cheias de verdadeira amizade, não tinha segredos nem prazeres que não confiasse ao Sr. Martin

Quantas vezes procurando elle sondar a minha tristeza, me dizia: « Tem coragem, isto hade mudar... » Quaes seriam as suas idéas e planos? nunca o pude saber porque nunca m'o confiou e eu esperava não sei o que, esperava que a mão de Deus me salvaria de uma casa aonde não era possivel uma pessoa de sentimentos viver.

Minha tia mostrava-se boa para comigo, mas não nos comprehendiamos.... Dava-me tudo que eu desejasse, mas eu preferia menos enfeites, e que me fallasse mais ao coração.

Raras vezes saía, passava os domingos e dias santos á copiar as lembranças que tinha trazido do *Sacré-Cœur*; os dias de semana empregava-os a bordar, a tocar piano, ou a desenhar no meu quarto.

Nunca apparecia no estabelecimento senão quando minha tia me mandava chamar para me mostrar a algumas senhoras, como se eu fosse alguma boncca de figurinha; uma senhora que n'esse tempo estava aqui em Lisboa, não acreditando que os meus vestidos não tivessem algodão, disse que só se me despissem acreditaria, mas eu pedi a minha tia licença para fazer cessar a experimentação. D'este dia por diante todos me chamavam a *princeza*.

Uma modista de casa, velha e feia, dizia-me continuamente que o remedio estava nas minhas mãos, e que fugisse com o conde de***, que lhe havia dito ter por mim uma grande paixão.

A procissão do Senhor dos Passos deu-me logar pela primeira vez a podel-o ver, pois elle se punha parado defronte das janellas da rua de S. Francisco. eu estava n'uma d'ellas com M.^{me} B. A., quando a modista me puxou pelo vestido, e mostrando-me um velho, disse-me: «aquelle é que é o conde de*** que a adora» olhei, mas quando vi a figura que era, não pude resistir aos meus risos promovidos pela perspectiva de uma celebre caricatura.

M.^{me} B. A. vendo-me rir com tanto gosto. quiz que lhe dissesse o motivo da minha inesperada alegria; contei-lhe tudo, e tivemos de retirar-nos da janella para podermos com mais liberdade soltar as nossas gargalhadas.

Voltámo-nos para uma janella do *Chiado*, porque se nos tornava impossivel conservarmo-nos defronte.

Quando á noite a diabolica e impertinente da velha me pedia a resposta, dei-lh'a, dizendo-lhe que se casasse com elle, porque de boa vontade lh'o cedia.

Se a casa da minha tia até este dia me era aborrecida, d'aqui por diante tornava-se-me detestavel

O Sr. M. J. d'O. B. que morava defronte d'esta casa, dizia que me estimava; eu que não sabia comprehender esta palavra *amor*, julguei que olhar, como elle olhava, e não se importar de mais nada do que estar à janella para me ver, era uma paixão, e a velha tentadora da modista não se descuidava de me perguntar se eu queria casar com aquelle rapaz. ao que respondi, pela idéa de me ver d'ali fora, que me parecia boa pessoa, e que se me salvasse d'aquelle inferno de casa, a minha gratidão para com elle seria eterna.

Alguns dias depois disse-me ella que acceitasse a carta que elle me queria entregar, e que para isso me servisse à noite de uma linha com pedrinha atada.

Conforme estes conselhos assim fiz; na primeira carta encontrei logo altos protestos de amor, e affirmava-me por fim que se a sua posição mudasse casaria immediatamente comigo.

Eu, pobre creança, acreditei tudo uma verdade, e correspondi-lhe com a viva esperanza de me ver salva d'aquella casa.

Dois mezes se passaram, quando a modista me veio dizer que elle me desejava fallar, porque lhe tinham dito que eu ia visitar meu pae ao Rio de Janeiro; e que no domingo depois da missa, nos ajustassemos para nos encontrarmos no cemiterio dos Prazeres.

O ajuste cumpriu-se de parte a parte, e ao principio do encontro perguntou-me logo se eu acreditava no que elle me tinha mandado dizer; eu, timida por semelhante entrevista, respondi parecer-me tudo verdadeiro.

Colheu então um raminho de cypreste e offereceu-m'o, dizendo que era para eu me lembrar do que elle me tinha affirmado

Admirei-me bastante d'esta offerta; mas elle me fez reparar que ali não havia *amores eternos*, e que aquelle raminho triste era o symbolo do seu amor, porque me não deixaria de amar senão além da morte

Peguei no raminho e mettiu-o entre as folhas do meu livro de missa; e regressei para casa triste e pen-

sativa; entrei no quarto de M^{me} Marcon com ella, contei-lhe o que o Sr. B... me tinha acabado de confiar; riu-se dos meus presentimentos sobre o cypreste.

Passadas algumas semanas, minha tia decidiu positivamente que eu fosse ao Rio de Janeiro; fiquei satisfeita de ir visitar meu pae, e fiquei com pena de deixar Lisboa.

Minha tia visitava se então n'esse tempo com a familia do Dr. E., e quando lá fui pela ultima vez, quem me diria que suas filhas que se fingiam tão minhas amigas, haviam alguns annos depois não me conhecerem mais, porque ellas iam recostadas nos seus trens, não se recordando que annos antes se diziam tão minhas amigas!

Ordem do mundo, o esquecimento na opulencia!..

Nas vesperas da minha partida para o Brazil, fiquei contentissima quando minha tia e o Sr. Martin me disseram que depois de meu pae ver que eu já estava *une grande demoiselle* eu voltaria, para nunca mais deixar Portugal.

Fui recommendada a uma senhora que ia fazer a mesma viagem, e que voltaria tambem comigo.

Patenteei a minha satisfação a M^{me} Marcon, que me advertiu que no entretanto o meu noivo arranjará uma posição regular.

Tu achava este, como mais diversos pareceres deliciosos; todavia o que mais me agradava sobretudo era a idéa de me ver livre de toda a gente d'aquella casa, das intrigas que ali abundavam em demazia, e de tantas *scenas desagradaveis*.

Eu soffria, soffria porque não podia ver injustiças, nem correr lagrimas sem as poder enxugar, nem tambem pouco ver os risos triumphantes do culpado, zombando ainda do pobre que aniquilou: estas circumstancias originavam-me um viver de angustias e de martyrios.

Senti na verdade grande prazer quando vi fazer os preparativos para minha viagem pensando que meu pae me saberia tratar com a mesma delicadeza com que

tinha sido acostumada no *Sacré-Cœur*. Separei-me do Sr. Martin, com lagrimas de saudade, e de minha tia direi com alegria; esta separação custou-me bastante, mas consolava-me a lembrança de ir estar junto de meu pae, de meu irmão, emfim, de uma familia.

CAPITULO VI

A linha—Festas ao Sr. Neptuno—Chegada ao Rio de Janeiro—Meu pae—Alegria que todos me manifestaram—Sr. Botelho—Sr. senador ***—Guinchos dos macacos—Vozes das escravas—Admiração que causam umas botinhas—Sou nomeada anjo tutelar—Minha irmã e meu cunhado—Resolvem que eu vá morar com elles.

Depois de uma viagem de cincoenta e quatro dias chegámos á linha, e muito gostei de ver aquella festa do costume, feita pela tripulação; um dos marinheiros figurava de Néptuno saindo das ondas do mar, e os outros os deuses que o acompanhavam em cortejo; isto era a coisa mais caricata que se póde imaginar. A conclusão d'esta brincadeira encerrava-se afinal em pedir aos passageiros dinheiro para o sr. mestre Neptuno repartir entre os seus metaphoricos companheiros.

Tivemos ainda de demora vinte dias, primeiro que chegassemos ao Rio.

Ao entrarmos a barra a minha imaginação se recreiava em formar poeticos pensamentos sobre aquellas áridas montanhas, e espessos rochedos.

Meu pae veiu logo a bordo, e mais o marido da senhora que me acompanhava, para nos receber. Subiram ao mesmo tempo que subiu *la visite*.

Estava eu recostada quando ouvi a senhora a quem tinha sido encarregada, dizer-me: abi vem o meu marido e seu pae. Voltei-me logo e vejo dois velhos, porque apezar

de meu pae ter só quarenta e um annos, tinha a cabeça toda branca.

Confesso, quando elle me deu um abraço e um beijo, que fiquei envergonhada, e nem sequer lhe disse: meu pae! isto é facil de comprehender, porque uma filha que havia oito annos estava separada do autor de seus dias, que a tinha deixado uma creancinha, para a encontrar depois uma senhora, havia infallivelmente ao encontral-o de o olhar como um estranho, porque aquella franqueza e intimidade que fazem a ventura de uma familia, só pode existir aonde não ha separação.

Como já viessem munidos de uma licença escusando a *visite*, não nos demorámos mais a bordo; despedimo-nos logo do capitão e dos passageiros, e o bote foi nos dar o desembarque no caes do Largo do Paço. D'ahi fomos para casa de meu pae, que era mesmo situada defronte, e lá encontrei toda a familia reunida, que me cobriram de festas, e mostravam o seu contentamento. Estavam tambem o Sr. e Sr.^a Botelho, que eram padrinhos de minha mana mais nova, e o senador Sr. G^{***} amigo intimo de meu pae

Carlos, meu irmão, n'esta occasião não estava no Rio, tinha ido receber um dinheiro que deviam a meu pae em Montevideo.

Assim que entrei em casa não pude deixar de me rir muito, quando ouvi uns mysteriosos guinchinhos que pareciam de macacos; passados alguns minutos vejo surdir por todos os lados pretos e mulatos de ambos os sexos; ria-me ao vê-los de longe, mas quando os via chegar para me beijarem a mão, sentia uma especie de receio. Uma me puxava pelo vestido, outra me agarra no pé para lhe dar um beijo, dizendo muito admirada: olha o pé da *nhãnhã*, olha o pésinho da senhorrta! Como estava calçada com umas botinhas azul-ferrete de botões brancos, que ainda tinha de Paris, fizeram estas a admiração de toda aquella pobre gente, e foi preciso para me ver livre d'ella prometter de lhes dar muitas coisas, apenas desembarcassem os meus ba-

hús, ficaram então muito contentes, e desceram para a casa de baixo, batendo palmas. e dizendo: agora já o José não nos hade bater, já não havemos de ser castigadas, porque a *sinhasinha* que chegou hade ser o nosso anjo, ella que parece ter tão bom coração, hade ser a nossa mãe e defensora!

Passada esta scena subi ao segundo andar, aonde meu pae tinha mandado arranjar um lindo quarto para mim, que ficava contiguo ao de minha irmã, sempre prompto para quando ella queria ficar na cidade, e como meu pae não quizesse logo á minha chegada separar-se de mim, deu causa a que minha irmã e seu marido lá ficassem mais dois mezes; devendo eu no fim d'este praso acompanhal-os para S. Domingos. Meu pae já me havia dito que visto ter a sua casa ligada ao estabelecimento, eu não poderia assistir ali, e que tinha ajustado com meu cunhado de lhe dar um tanto por mez, e que lhe exigira a minha propria soberba este contracto, sabendo que eu não iria para a companhia d'elles senão d'esta maneira.

CAPITULO VII

Vou para S. Domingos — Chamam-me a romantica — A familia Constant — O almirante e os officiaes da fragata *La Gloire* — O almirante á similhaça de meu tio agrada-se da minha voz — Resposta de creança á primeira proposta de casamento.

Fui com effeito para S. Domingos promettendo-me meu pae de me ir visitar todas as semanas.

Dei-me bem com minha irmã, mas ella sempre me mostrava uma frieza extraordinaria quando eu lhe fallava sobre o *Sacré-Cœur*, e as saudades que conservava; as lagrimas não podiam deixar de me chegar aos olhos, por ver a indifferença com que ella escutava todos os meus segredos.

Um dia, meu cunhado estava presente, e não pôde deixar de lhe dizer que muito se admirava d'ella se não mostrar commovida, quando elle sendo homem se sensibilisava; a sua resposta foi que não era romantica, a que seu marido mais seriamente lhe redarguiu, que podia sem o ser mostrar que sabia sentir mas que não estranhava isso, porque ella nunca tinha saído do Rio; educada n'um collegio inglez. devia ter o *spleen*. Depois d'esta conversa minha mana me mostrava ainda maior frieza.

Meu cunhado destinou um dia para irmos fazer uma visita á familia Constant

Minha mana e as filhas d'essa familia que tinham sido condiscipulas no mesmo collegio. Essa familia gostou tanto de mim que poucos dias depois deram um grande e magnifico baile, para festejar a minha chegada, baile a que assistiu o almirante e todos os officiaes da fragata *La Gloire*.

Elles ficaram, como disseram a Mr *Delphim*, meu cunhado, contentissimos com a presença da sua joven compatriota.

Depois de passar alguns dias vieram fazer nos uma visita; no fim de uma longa conversa o almirante pediu-me que lhe cantasse alguma coisa porque tinha ouvido dizer que eu tinha uma argentina voz. Eu não podia cantar diante de pessoa de fóra porque o acanhamento fazia-me rir, mas fui obrigada a ceder, e a chegar-me para o piano, pelos signaes que minha irmã e cunhado me faziam

O almirante gostou tanto de me ouvir cantar a romanza — *Le Soleil de ma Bretagne*, que m'a fez repetir segunda vez; afinal cantei uma modinha franceza de que elle se agradou tanto, que entusiasticamente repetia em voz baixa. Nunca nos veiu visitar que não pedisse para lhe cantar a tal modinha.

Em minha irmã germinava uma especie de inveja, por ver que todos me elogiavam, e principiou a sua rivalidade, ora porque estava muito preparada, ora por-

que eu sempre cantava, e afinal dizia que depois de estar em casa já não havia afagos e cumprimentos senão para mim. Muitas vezes lhe dizia que fosse amavel e conversavel e que não mostrasse sempre uma cara de zangada, que já isso lhe não aconteceria.

Antes da fragata *La Gloire* partir para França, o almirante convidou-nos para um almoço a bordo, e com prazer foi accedido.

Eu fui n'uma *charmante toilette*, do que resultou ser gabada por todos. O almirante que me desejava ouvir pela ultima vez no seu *Bardo*, tinha mandado vir dias antes um piano; satisfiz a sua vontade, e cantei n'essa occasião apossada de bastante coragem. Um dos officiaes com quem o almirante tinha desejado que eu me casasse, perguntou-me, se eu me decidia, que lhe desse ao menos uma esperanza; que o almirante retardava a partida; eu lhe disse que daria a resposta ao mesmo almirante; com franqueza confessei a este que me era impossivel dar o meu consentimento a um homem com cabellos encarnados e de mais a mais coxo; que eu era ainda muito nova, e que tinha muito tempo de pensar primeiro que me casasse. O almirante gostou da minha ingenuidade, mas observando-me que eu fazia muito mal, porque Mr de La *** (nome do tal official) me adorava, e que eu devia considerar que sem *dote* seria difficil de encontrar um partido tão vantajoso, mas que esperava que eu pensaria, e lhe mandaria uma resposta favoravel ao meu pretendente e deu-me o seu adresse para eu lhe escrever para *Cherbourg* para onde iam.

Depois de repetidas despedidas, sempre com a esperanza de nos tornarmos a encontrar, descemos para o escaler que largou immediatamente; tres vezes antes de desembarcarmos accenou meu cunhado com o seu lenço, em quanto que todos de bordo lhe correspondiam, e especialmente o almirante que me tinha mostrado sempre uma verdadeira amizade de pae e que me prometteu de sempre se recordar de mim com saudade.

Tivemos muita pena d'esta separação, já porque depois da fragata sair do Rio, a familia *Constant* substitua os grandes bailes que dava por pequenas soirées, e tambem porque eram os officiaes da mesma fragata as unicas pessoas, e a familia *Constant*, com quem meu cunhado se visitava mais intimamente.

CAPITULO VIII

Meu cunhado decide os passeios a cavallo — Sr. Chi*** M*** Sr. W*** — Serios arrufos n'um baile — D. Maria R*** S*** — Familia Guido, embaixador de Bonoyarès — Pilarcita Guido — Segunda resposta de creança, a segunda proposta de casamento.

O Sr. Delphim decidiu que para distracção minha e de minha irmã, saíssemos a cavallo.

Fiz constar este projecto a meu pae, que deu o seu consentimento, com a condição porém de me não deixarem galopar muito, porque sendo eu um *demonio de inquieta*, me arriscaria a algum desagradavel desastre.

Dias depois, estando já as nossas casaquinhas promptas, saímos com effeito com as M^{elles} *Constant*, e varias pessoas mais, que formavam parte da cavalgada; como o Sr. Chi*** M*** que amava muito a M^{elle} *Caro...* *Const....*, e o Sr. W*** que tambem tinha os mesmos sentimentos por M^{elle} *l'an...* O. Ia com esses senhores Mr. Lev.... T. com quem meu cunhado desejava que eu me casasse d'ahi a tres annos.

Eu não me inclinava a essa idéa; o que desejava unicamente era ir aos bailes e passeios, e brincar com meu sobrinho que tinha nascido tres mezes depois de eu chegar ao Rio; e me entretinha a bordar-lhe touquinhas, vestidinhos e sapatinhos. Minha irmã estava contente de ver o amor que eu tinha para seu filhinho, e podia ser que ella me tivesse tomado mais amizade, se tres ou quatro mezes depois, por occasião do baile dado

em casa de D. M. R. S. me não visse trajando um vestido de seda azul de furta côres, que eu ás escondidas tinha pedido a meu pae.

Que inveja e admiração foi a sua! ella que me esperava ver vestida de branco como era costume, e apparecer-lhe de azul-claro, com pulseiras e laços da mesma côr, pendendo-me do pescoço uma cruzinha de brilhantes, suspensa por uma fita tambem azul; tinha uma toilette simples, mas com tanto gosto que todos me fizeram elogios.

Minha mana esteve toda a noite tão zangada, que me não deu uma só palavra, e como não pudesse disfarçar aquelle baixo sentimento que a enfrenesiava, não quiz dançar, dando a desculpa de estar incommodada. Uma senhora que percebeu o motivo do seu descontentamento, perguntou-lhe porque razão tinha vindo ao baile. A resposta d'ella limitou-se a dizer que fôra por minha causa.

Era uma hora quando queria sair do baile, mas eu como prevenção. já tinha pedido a D. M. R. S. que nos desse logar a demorar-nos mais, por consequencia esta senhora pediu a varias pessoas para levarem meu cunhado para a sala do jogo; isto foi o narcotico para o adormecimento das idéas de sua mulher; tudo foi feito com tanta sagacidade e disfarce que ella nada comprehendeu, e eu diverti-me porque dancei até ás tres horas.

A Sr.^a D. M. R. S. mostrava-me uma preferencia que fazia os ciumes de varios convidados

Instantes antes de nos retirarmos teve a bondade de nos apresentar á familia Guido embaixador de Bonayarrès). Ali mesmo recebemos de M.^{me} Guido um convite para um baile campestre, que ella dava no sabbado seguinte.

No outro dia escrevi logo a D. M. R. S., mandando-lhe dizer que meu cunhado não iria a casa de M.^{me} Guido, se lhe não mandassem um convite em fórmula, porque elle assim m'o havia dito. Eram tres horas do mesmo

dia quando o recebemos, e meu cunhado já nada havia a negar.

Com que impaciencia esperei esse dia' que receios não tive de algum extraordinario me privar do baile! eu que tinha tanto gosto de conhecer com intimidade M.^{elle} Pilarcita Guido, e que sentia uma tão forte sympathy por ella! e que alegria tive de ver brilhar os olhos d'esta bella joven, assim que nos viu na sala' o meu coração batia agitadamente de ver o seu contentamento, e disse cheia de prazer comigo mesmo: eu vos agradeço, meu Deus, de me haverdes dado uma amizade; eu que nunca tinha conhecido o que era uma affeição verdadeira! minha irmã não amava senão seu marido; meu pae não vinha visitar-me senão todos os oito dias; não sabia a quem devesse confiar as aspirações da minha alma! o meu coração necessitava uma pessoa que o soubesse comprehender!

Até ao ultimo dia que estive no Rio, consagravamos uma reciproca amizade que nada nos podia separar.

Nos bailes dados por sua familia, queria ella estar vestida igualmente como eu; se eu era mais festejada, mais *recherchée*, nunca mostrava essa ridicula inveja que essas senhoras de pouca intelligencia teem umas para com as outras; esse despique que tomam a quem é mais *recherchée*, e outras coisas mais.

Pilarcita, ao contrario, sempre me mostrava agrado, e sempre procurava occasião de me fazer brilhar. Nas soirées, como di iam que eu tinha uma bonita voz, podia d'aqui resultar alguma rivalidade; mas ao contrario ella é que me pedia para cantar, porque era para mostrar, dizia ella, que a irmã do seu coração tinha uma voz que tocava n'alma

N'uma grande soirée musical, fui cantar depois d'ella; como levei muitos applausos, o embaixador de *** acompanhou-me do piano ao pé de M.^{me} Guido, perguntando-me se era da minha vontade accital-o por esposo, que elle ha muito tempo me amava, e que já havia fallado n'isso a M.^{me} Guido, para que ella me consul-

tasse, e visto aquella occasião ser tão favoravel, elle pessoalmente o fazia, contando com a minha desculpa, e com uma resposta decisiva que lhe desse a sua felicidade.

Ao embaixador só pude sorrir. mas respondi a M^{me} Guido fazendo-lhe observar que eu não queria casar, e no caso que me decidisse, nunca seria com um velho. Ella advertiu-me, que para mim sem fortuna, tinha ali uma posição brilhante, e que muitas meninas acceitariam. Eu que já me estava aborrecendo a conversa, disse-lhe que preferia ficar com ella toda a vida, do que casar-me M^{me} Guido como uma senhora espirituosa, viu o que isto queria dizer, e mudou de conversação. Quasi no fim da soirée, ouvi-lhe dizer ao embaixador que não perdesse o seu tempo, que era uma creança e não queria entender a razão.

Os olhos que elle deitou para mim foram tão sentimentaes, que a Pilarcita que estava assentada ao pé de mim, e a quem acabava de contar tudo, não pôde deixar de sorrir-se, porque aquelles olhos que pareciam implorar piedade de amor, n'aquella cara já um tanto enrugada, era de fazer morrer de riso a pessoa mais sizuda.

Era exacto que eu por este casamento adquiriria uma bonita posição; mas o que resultaria ao meu coração?! Na materialidade ter a então que me consumir n'uma vida de felicidade de riquezas, mas uma vida sem animação, sem idealismo; em uma palavra, uma vida mortal. . . .

Oh! não, eu não podia consentir em tão grande sacrificio, e positivamente o declarei a M^{me} Guido.

CAPITULO IX

Vou com a familia Guido para o campo—Divertimentos pastoris, e innocentes corôas—Verdadeira felicidade—*Chateaux en Espagne*—Volto para casa de minha irmã—Principio a ver netos—Minha mana chama-me romantica—Meu cunhado chama-me crôle exaltada.

Alguns dias depois d'esta soirée foi esta familia para o campo, e como tivesse obtido licença de meu pae para eu ir com ella, foi uma grande alegria para mim, porque a casa que possuam era fóra da barra, onde os banhos do mar eram mais fortes, e produziam melhor resultado, e isto tornava-se indispensavel á saude de M.^{me} Guido.

Passámos do e semanas no centro dos maiores prazeres; levantavamos nos muito cedo para o banho, e á volta tornavamos-nos a deitar, depois do almoço até ao meio dia; a esta hora arranjavamos-nos, desenhavamos, ou tocavamos piano até ao jantar; depois iamos passear pela quinta a colhermos algumas flores, e quando os irmãos de Pilarcita nos podiam acompanhar, atravessavamos as montanhas, e corriamos a apanhar as borboletas que doidejantes pousavam de flor em flor; quando estavamos cançadas, procuravamos uma gruta, lugar já nosso escolhido e favorito, aonde iamos descansar da fadiga. Então ali traçavamos corôas com as flores colhidas, e muitas vezes voltavamos com ellas cingidas na frente, e os nossos grandes chapéos desabados nas mãos: M.^{me} Guido gostava d'este innocente brinquedo.

Um dia voltavamos de um d'estes passeios acompanhadas por Carlos e Eduardo Guido, que vinham na frente tocando flauta; Pilarcita, Daniel e eu vinhamos cantando, (note-se bem que isto passava-se no campo); todos que formavam este grupo de folguedo, traziam ra-

mos na mão e no peito. Estava M.^{me} Gaido ao principio da quinta á nossa espera conforme era o seu costume; ralhou-nos dizendo que já estava assustada, porque viemos mais tarde do que os outros dias; demos-lhe por re posta o offe ecimento dos ramos das flores, ao que ella retribuiu com um beijo em cada um dos regressantes. Mas eu como não achasse sufficiente aquelle beijo, tirei a minha corôa da cabeça, e lh'a offereci, e ella tanto gostou e se commoveu com esta acção que as lagrimas lhe vieram aos olhos, quando ella me apertou nos seus braços, dando-me innumeraveis beijos, chamando-me sua querida filha.

Se eu n'esse tempo podesse julgar o que era a vida, teria pedido a Deus de m'a dar dez annos n'aquella existencia, embora morresse depois.

Era a epoca mais feliz em que a Pilarcita e eu faziamos os nossos *châteaux en Espagne*, ou detrás d'um veo de illusões; sim de illusões, porque n'este mundo a propria felicidade não é mais que uma illusão ligeira e fatal. Mas que importava se dez annos d'aquelle viver de innocencia; dez annos de socego e suavidade ao coração valiam uma existencia longa de amarguras, preocupações e de lagrimas'...

Mas eu pobre creança não comprehendia nada d'isto; julgava que a minha sorte futura seria sempre de festas, de prazeres, sem lagrimas! Julgava que os meus tormentos nunca seriam maiores do que quando eu queria apanhar uma borboleta e me fugia, voando pelos ares apressada! . . . Pobre louca que era! .. O meu coração se enchia de tristeza de a ver desapparecer tão longe de mim.

Mal sabia eu então que n'este mundo de sociedade quando se não quer pertencer a infames tratados, se é victima do desprezo, e a subjeição de intrigas ignobeis que tecem esses esplendores materiaes, que não respeitam virtudes nem sentimentos!...

Quando voltei para casa de minha irmã ia inteiramente mudada; de creança sempre desejosa de brincar,

passara quasi ás diplomacias de uma senhora; já sentia no coração a necessidade de uma afeição; aquella impossibilidade de viver só e isolada, sem poder desabafar o que sentia n'alma, e que mesmo nem eu o sabia explicar; era uma coisa vaga, mas que me fazia soffrer!

Meu cunhado parecia comprehender-me, porque dizia a minha irmã quando ella pretendia accusar-me de sentimentalismo, que ella me não poderia entender porque era uma rustica prosaica, e que eu tinha uma natureza susceptivel a delicados e insondaveis sentimentos, de uma fortaleza excessiva e demasiada; que eu franceza, mas nascida no Rio, era uma *creoula*, alma ardente que fazia que muito soffresse.

CAPITULO X

Uma filhinha de D. Maria R... S... tem a febre escarlatina—Provo a minha amizade—Meu cunhado louva-me; minha mana zangase—Sou enfermeira—Emilinha está salva!—No meio de uma walsa fico atacada—Daniel Guido—Dr. Fou....—Meu pae—Perigo de vida—Salvamento.

Elle não se enganava; dez ou quinze dias depois de voltar novamente para casa de meu cunhado, uma senhora do nosso conhecimento, que me tinha grande afeição, e que morava ao pé de minha irmã, tinha uma filhinha de tres annos muito doente com a febre escarlatina: a pequenita dava-se tão bem comigo que não queria tomar coisa alguma que não fosse dada por minha mão

Minha irmã zangou-se muito d'isto, dizendo que eu não devia lá ir porque a febre era contagiosa, e que arriscava a sande de seus filhos. Ella aqui deixava conhecer que era boa mãe, mas tambem deixava conhecer que por mim, sua irmã, não lhe dava isso o menor cuidado.

Decidi então a ficar em casa de D. M. R. S. visto ella se ver na afflicção de sua filha não querer nada senão comigo.

Meu cunhado louvou a minha resolução caridosa, em quanto que minha irmã escrevia a meu pae mandando-lhe contar tudo; ao que elle respondeu, que era um pouco arriscar a minha vida, mas que me não podia prohibir, o que elle em identicos casos estimaria que lhe fizessem por uma filha estimada, e n'uma doença d'aquellas.

Duas horas depois de receber esta resposta estava já em casa de D. M. R. S. que me abraçava a chorar, dizendo que só eu era capaz de lhe valer com tanta coragem e consolação.

Mostrou-me ainda os perigos em que ia correr, e eu de nada me importava n'aquella occasião; estava resolvida a morrer se necessario fosse, para conservar uma filha adorada nos braços extremos de sua carinhosa mãe.

Exigi que me fizessem uma cama ao pé da doente, que ao ver-me que ia ficar com ella, n'aquelle estado de somnolencia, seus olhos tomaram um brilho repentino e animado, e quando o medico chegou achou-a n'um estado de grande agitação. Contaram-lhe então tudo; elle olhou para mim admirado de uma coisa que na verdade era tão natural.

No dia seguinte deu-me uma garrafinha com um certo liquido, para eu tomar a porção de uma colherinha de vez em quando, no caso de eu sentir tonturas, e a vista turva.

Quinze dias depois declararam os medicos que a pequenita Emilia estava livre de perigo. Tive excessiva alegria com isto, e principalmente quando vi os olhos da pobre mãe fixos em mim cheios de lagrimas, manifestando aquella gratidão suffocada quanto comprehensivel.

Lembrava-se que me tinha sacrificado para lhe salvar a filha, porque nem as criadas, nem a ella mesmo a

creancinha attendia; só a mim se abraçava, só eu a fazia tomar o banho e os diversos remedios que lhe destinavam. E sempre, sempre o agradecimento de sua afflicta mãe eram as lagrimas, que indicam muitas vezes o sentimento mais poderoso de uma boa creatura.

Vinte dias depois deu esta senhora um grande baile para festejar o restabelecimento da pequena Emilia.

Havia já dias que me sentia adoentada; tinha por segunda vez acabado de contradançar, e andava a walsar quando de repente me deu uma fortissima dôr que fiquei sem sentidos, e teria caído no chão se o Sr. Daniel Guido me não tivesse amparado. O doutor Fourg*** medico da familia declarou que eu tinha todos os symptomas de febre esscarlatina.

Fizeram-me conduzir a um quarto, e o baile ficou interrompido. porque todos ficaram com pena de ver assim o resultado da minha dedicação.

O doutor e D. R. P. e suas cunhadas ficaram toda a noite ao meu lado; escreveram a meu pae que veio immediatamente, querendo levar me para sua casa. mas o medico declarou que isso era impossivel no estado em que me achava.

D. R. P. fez advertir que ainda que isso fosse possível, não o consentiria, por isso que eu me havia sacrificado por amizade, ella o queria fazer por gratidão.

Declarou então o marido d'ella que ficaria com sua irmã e uma de suas cunhadas, para não ficar ella só com as escravas.

Minha irmã ficou tão receiosa que partiu ao meio dia com seus filhos, marido e escravos para a cidade, deixando só um preto que lhe tomasse conta de toda a casa. Nesta acção nem uma unica pessoa de S. Domingos pôde deixar de reparar ...

A segunda junta de medicos que se me fez, declarou que seria um milagre o poder escapar.

Meu pae, que estava presente, escreveu logo para a cidade mandando dizer que não esperassem por elle, que só voltaria quando eu estivesse boa ou morta.

Ficou-se uns poucos de dias na expectativa, porque eu estava no maior dos perigos, e esperava-se de um instante para o outro que deixasse de existir.

Estava n'um tal estado n'esta doença, que nada soube senão pelo que a depois me contaram, e os signaes dos causticos que me ficaram

Na noite de 20 para 21 d'aquelle mez estive tão mal, que os medicos julgaram que eu não chegaria á madrugada

O doutor F*** que dizia ter por mim uma paixão, pediu então a meu pae e aos mais doutores que lhe dessem livre arbitrio de fazer tudo quanto julgasse conveniente, o que lhe foi concedido.

Tirou de uma garrafinha um liquido e pelo cano de uma palhinha assoprando me fez engulir algumas gotas. Os medicos que não viam resultado, diziam que era melhor elle deixar me morrer em pa ; mas elle ateimando deu-me novamente mais algumas porções do dito remedio. Reanimei-me um pouco, e elle aproveitando-se d'isto mandou-me dar uma fomentação, e meia hora depois fizeram-me tomar outro medicamento que me fez dormir alguns instantes, e que na verda e foi a minha salvação.

No outro dia pelas tres horas declararam os medicos que havia algumas esperanças de vida, o que effectivamente se realisou, porque quarenta dias depois já eu andava na convalescença.

Não se pode imaginar a bondade de D Posa para mim; o seu cuidado, as suas incançaveis vigílias, os seus carinhos, só se receberiam de uma boa e terna mãe, e de uma amiga sincera e verdadeira como ella era

CAPITULO XI

Partida de caça em que o Sr. Chi... M... passa de dandy a pato—
Das rizadas d'esse acontecimento, ganhei um par para todas as
walsas—Das gargalhadas d'essa catastrophe, ganhei uma decla-
ração—Conselhos de meu cunhado—A rua fica bem calçada—
Impressão da palavra morrer, no meio de um baile—Uma rosa
branca sim, uma violeta não—No Rio de Janeiro, a ultima vez
que vou *dans le monde*-- Meu ultimo passeio a cavallo no Rio.

Passados tres mezes fomos fazer uma partida de caça
com toda a familia Constant: eu já estava tão forte que
não deixava ninguem passar-me adiante.

O Sr. C... M... que era o adorador de M.^{elle} C. C.
apostou que seria capaz de o fazer; eu ignorava que elle
fosse tão firme e excellente cavalleiro: fingi que se tinha
desarranjado o estribo, para dar com este disfarce al-
guma folga ao meu cavallo, afim de elle me não deixar
ficar mal, de sorte que quando lhe larguei as redeas
partiu com a rapidez de uma frecha. Outra aposta tam-
bem se havia feito entre M.^{elles} Paul na e Carolina de
C..., meu cunhado, e Mrs V... B..., porém ficaram-
nos muito atraz, e eu já estava tão cansada que reflecti
para comigo, e entendi que perdia se não usasse de uma
estrategia.

Ao passar de uma azinhaga vi a alguns passos diante
de mim um poço de agua que se tinha ajuntado da
chuva que havia caído dias antes, fiz com que o meu
cavallo tomasse quasi todo o espaço do caminho não
restando para o cavallo em que montava o Sr. C. M.
senão caminhar atraz do meu, e saltar por cima do lago
o que elle fez, mas não tendo calculado bem o alcance,
e estando já o cavallo cansado saltou, e curvando os
joelhos caiu juntamente com o cavalleiro no lamaçal:
quando vi que não se tinha ferido, não pude assim
como as mais pessoas que nos seguiam, deixarmos de

rir muito da triste figura que o pobre *dandy* tinha feito.

Ora imagine-se um *petit maille*, um *janota* enlameado, em quanto que o cavallo corria á desfilada, se esta scena era ou não de promover gargalhadas?...

Apparecer n'uma tal figura aos olhos da sua bella, era para amaldiçoar esta aposta.

Quando viu as lagrimas nos lindos olhos de M.^{elle} Carolina C^{***} pareceu ficar mais contente, e quando tornou a montar não deixou de se rir da celebridade do acontecimento.

Dois dias depois a familia Co^{***} deu um baile, aonde o Sr. C. M. foi meu par seguido em tres contradanças, no espaço das quaes me fez a sua declaração amorosa. Fiquei bem admirada de o ouvir, e perguntei-lhe se aquella catastrophe da caçada é que lhe tinha inspirado taes sentimentos, sendo eu a causa de elle lançar-se no lamaçal; com franqueza lhe disse que nunca seria rival de uma amiga.

Vim sentar-me ao pé de minha irmã e contar-lhe esta conversa, e ella disse me:

—Porque não o deixaste continuar para metter ferro á Carolina?

—O que eu não queria que me fizessem, não o faço, respondi-lhe eu.

Ella encolheu os hombros murmurando: tola!

Quando iamos para casa meu cunhado disse-me que não desse apreço a essas palavras porque o Sr. C. M. era um seductor!.. que andava enganando a Carolina C^{***}, e que enganaria toda aquella que se deixasse iludir por suas declarações .. que eu já tinha o meu casamento justo com um amigo seu Mr. L. V.... Respon-di-lhe que não me casaria por ajuste, e que não suppozesse isto uma impossibilidade da minha parte.

D'esse dia em diante o Sr. C. M. andou a medir a rua em que moravamos, indagando de um escravo aonde iamos á noite.

Fina'mente como viu que eu nunca apparecia á ja-

nella, não que eu não tivesse vontade; eu como creança desejava rir, mas não apparecia por meu cunhado m'ò prohibir com razões que me convenceram, mas a minha *coquetterie* me fazia tocar piano em quanto elle estava de cabeça levantada

O ultimo baile em que estive na casa da familia Con^{***} não faltei nem a uma contradança nem a uma walsa: ao acabar uma d'estas estava tão cançada que me assentei ao pé de uma senhora que estava ao pé de uma janela, e para abrandar o meu calor tomei um sorvete Os Srs. W^{***} e C. M. que estavam ao nosso lado, advertiram-me que era uma imprudencia que fazia e que poderia morrer.

Não sei porque, esta palavra morrer, no meio de um baile, no centro de tantos festejos, fez-me opprimir o coração, e para esconder as lagrimas que me deslisavam pelas faces, foi preciso levantar me e encosar-me á janella: lembrava-me não sei do que.... O horisonte, as estrellas que brilhavam no firmamento, tudo, tudo me indicava uma nova idéa, tudo me trazia um novo pensamento sem alentação de uma esperança.

O Sr. C. M. passou ao meu lado, perguntando se lhe concedia uma resposta ao que ja me tinha dito do seu amor, dando lhe o consentimento para me pedir a meu pae. Respondi-lhe que além de não atraiçoar uma amiga, não tinha vontade de me casar; ao que elle interrompeu dizendo, que eu respondia á vontade de meu cunhado, o que lhe não admirava visto elle ter lhe tão grande antipathia, e disse muitas coisas que em igual posição, todo o homem de orgulho diz. Vi C. C. com os olhos fitos em mim, quasi desmaiada, e com a pallidez da morte. Fiquei com tanto dó d'ella, que me fui assentar a seu lado, e contei-lhe tudo; ella ficou tão satisfeita e gostou tanto da minha sinceridade que me apertou a mão n um transporte de agradecimento; tirei-lhe uma rosa branca do seu ramo, e quando tive occasião fui offerecel-a ao Sr. C. M. dizendo-lhe que só se devia lembrar da pessoa que lhe mandava aquella flôr.

a sua resposta foi que gostava mais de violetas, porque eram até mais raras: conheci o sophisma empregado por causa do ramo d'estas flores que eu tinha na mão; tirei uma e lh'a dei, dizendo lhe que ella exigia que se não esquecesse da rosa branca, e lhe pedia de fazer a sua felicidade; gostou em fim tanto da minha replica que não pôde deixar de sorrir se; porém no resto da noite não tornou a dançar, e eu fiquei contentissima quando vi que elle se assentou a conversar ao pé de Caro*** C***

Já havia dito a esta pobre joven o que pensava sobre o character de C. M. .; d'ahi por diante ella é que devia ter concluido a obra que eu tinha principiado, e hoje estaria casada com elle; mas o seu amor foi mais violento do que a razão e por isso ella tem soffrido bastante, e vertido muitas lagrimas sem consolo e sem esperanças.

A ultima -vez que fui *dans le monde*, fui com a familia Guido a um baile dado pela familia Mac***, e alguns dias depois saí pela ultima vez a cavallo com a Pilarcita e seus irmãos a uma partida de caça.

CAPITULO XII

Carlota—Sou rival de uma escrava—Uma carta n'um livro—Meu pae zeloso—Engulo uma carta—Uma carteira em perspectiva é a reconciliação—Vence-se mais pela doçura que pela autoridade.

Vim ficar coisa de tres dias com meu pae, quando no dia seguinte a escrava Carlota que governava todas as outras, se chegou ao pé da minha cama dando-me uma carta, e pedindo que lh'a lesse porque era de um seu admirador. Eu que gostava muito d'ella, porque sempre me adormecia contando me diversas historias e não só isto, a minha curiosidade de ver como um *dandy* (como ella me disse que elle era) escrevia a uma escrava,

sentei-me na cama e abria-a: principiava por M.^{lle} não tendo outro meio para lhe dizer o que o meu coração sentia; fiz pensar á Carlota que a carta lhe era dirigida; depois seguia se uma declaração em forma, perguntando-me se eu acceitava a sua sorte, e que no caso de assim acontecer que me iria pedir a meu pae em casamento. Fiquei admirada da carta que não sabia o que devesse dizer a Carlota; desculpei-me emfim por ella estar escripta em francez, e que não podia traduzil-a de repente. Já dizendo-lhe as palavras propicias que me occurriam, até que ella se lançou de joelhos para que lhe fizesse uma resposta, ao que me não recusei porque era bem determinativa. Não me escreva mais; não acceitarei as suas cartas; não acreditando no seu amor nem nos seus protestos, nem em coisa alguma do que dizia, porque quem usa de um subterfugio, e de uma traição, pode em tudo ser o mesmo.

Alguns dias depois estando assentada ao bastidor a bordar um bonet para meu pae, para descansar um pouco tomei um livro que tinha a meu lado, e ao voltar algumas folhas vejo uma carta que me era dirigida. Eu que não estava certa na lettra abri-a, e achei-a na verdade tão interessante que a li tres vezes; quando ao final da ultima senti mexer perto de mim: levanto a cabeça e vejo meu pae olhando fixamente para mim. O meu primeiro movimento foi fechar o livro, mas elle se apressou dizendo-me:

—Josephina, dae-me esse livro.

Disfarcei com naturalidade deixando cair a carta no colo, e entreguei-lhe o livro: quando o vi entretido a folhear-o metti a carta no peito, movimento que elle observou attentamente pedindo-me outra vez a carta. Vendo que já não tinha recusa alguma, e que meu pae ia conseguil-a por meio de factos, tirei-a n'um repente e mettendo-a na bocca mastiguei-a toda. Ficou tão admirado d'isto que se retirou immediatamente sem me dizer uma palavra, ficando quatro dias mal comigo, que nem se quer vinha á mesa: no fim vendo que eu por

mim não cedia, e tendo-me grande amizade não pôde deixar de me vir pedir que lhe bordasse uma carteira; fiquei tão satisfeita e cheia de contentamento que me lancei ao seu pescoço dando lhe muitos beijos, e chamando-lhe meu *papázinho*, elle tambem me abraçou muito, e mais de duas horas levou a fallar sobre a obediencia das filhas, ao que só lhe respondi que me pedisse tudo, fosse o que fosse, que lhe obedeceria promptamente, mas não com uma ordem imperiosa propria para escravos, porque similhantes jugos não os supportaria de ninguem, mas que cumpriria todos os seus desejos e vontades, uma vez que fossem exigidos com aquelle afago que um pae deve sempre empregar para uma filha.

Elle só respondeu:

— És muito boa, Josephina, e farás todas as pessoas que te saibam comprehender, felizes!

Ainda uma terceira carta me veio parar ás mãos, o que fui logo entregar a meu pae, que ficou satisfeitissimo, e me disse então, que se visse que o podia amar, lh'o dissesse, para elle lhe escrever e vir-lhe fallar; mas eu pedi-lhe que não fizesse tal, porque eu por em quanto não queria casar; tinha medo de me ligar, porque via que minha irmã adorava seu marido, soffria dos seus ciumes, e eu receava se viesse a amar de participar esse martyrio.

CAPITULO XIII

Casamento do imperador—Casa-se a princeza D. Januaria—Casamento por amor da princeza D. Francisca com o principe de Joinville—Espanto de um homem sair a pé—Espantam-se de um charuto—Espantam-se de umas calças sem prezilhas—Capitulo em que se diz que um homem pode ser principe e democrata—Vou ficar com D. Maria B***—Um marido comparado ás furias do tufão—Un peu de raisonnement—Illusões e desejos.

Por esse tempo celebrou-se o casamento do impe-

rador D. Pedro II, para o qual se fizeram grandes festejos na cidade do Rio. Grandiosos e magnificos arcos de flores, muitas illuminações brilhantes, e por todos os lados se liam os nomes dos augustos esposos entrelaçados; as despezas foram avultadas: eu teria achado essas sommas mais bem empregadas se tivessem levantado um bello monumento no largo aonde devia desembarcar uma princeza que deixava patria, familia, e costumes para se tornar brazileira; monumento que teria ficado ás gerações futuras em memoria.

Vi tambem os casamentos das duas irmãs do imperador, D. Januaria com S. A. o conde de Aquilla, e D. Francisca que se casou por amor, (o que foi muito extraordinario) com o principe de Joinville.

Alguns dias depois de estarem ligados foram visitar as fragatas que os deviam conduzir para França. O principe de Joinville sem mais cortejo tomou D. Francisca pelo braço; principiava a chover, elles pareciam indifferentes a isto, e continuaram a caminhar até chegarem ao escaler.

No dia seguinte não se fallava no Rio em outra coisa, senão que o principe de Joinville passeava a pé com a princeza, de charuto na bocca, que trazia calças sem prezilhas, etc, etc.

Os brazileiros ainda eram da antiga epoca, que julgavam que um homem por ter nascido principe, não era como os mais, e que devia sacrificar as suas vontades á etiqueta para satisfazer á subjeição. Ora como o principe de Joinville conhecesse o seu logar como homem, e como quem era, tinha sufficiente intelligencia para saber desprezar tudo, e de só se importar com sua esposa que idolatrava. Elle ficou satisfeitissimo no dia em que deixava com ella o Rio de Janeiro, cidade que ainda não comprehendia a liberdade de costumes e de sentimentos varonis.

Por esta occasião sentia me bastante incommodada; o medico aconselhou a meu pae de me mandar para o campo, e decidiu-se que iria para casa da familia Bra***,

a senhora era muito minha amiga; fiquei satisfeita porque ella tinha uma menina de dois mezes, e eu sempre o estava quando me davam uma creança para brincar. Passei lá alguns mezes completamente feliz, e assim continuaria se não fosse o desgosto que observava em que vivia D. Maria, que era uma flor delicada e mimosa, sujeita a um marido voluvel e caprichoso, que melhor não posso comparar que ás furias do tufão que fazem curvar as melindrosas hastes de encantadoras flores, e quando não as rojam no chão ao repentino sopro, vão-lhes roubando folha por folha, até só ficar a desbotada petala emmurchecida, e exhalar resequida os ultimos signaes de existencia ao declinar do sol, que jámais tornará a despontar para a illuminar.

A' similhaça d'isto são certos homens que não querem ou não sabem comprehender os sentimentos delicados do coração de uma mulher.

Certos homens ha que fazem d'esse coração uma coisa inerte, e que atabafam muitas vezes o espirito que o cerca com esse poder estúpido que elles mesmos ousaram tomar na civilisada sociedade.

N'estas allianças vulgares e apressadas não ha aquel'le estudo natural e indispensavel ás creaturas que se vão juntar para sempre. porque ha mulheres que nasceram propriamente para no estado conjugal viverem debaixo de absurdas determinações que ellas não avaliam nem comprehendem, e outras para serem correspondidas com eguaes direitos, affagos, doçuras e caricias: as primeiras trate-as embora o marido *comme maitre et seigneur!* as segundas que só quebram as suas vontades com a força magnetica de um verdadeiro e poderoso affecto, merecem ser tratadas com tanto cuidado e delicadeza, como as creanças que só obedecem com meiguices. Se alguns homens soubessem conhecer a differença dos sentimentos que se encontram no coração das mulheres, nenhum se arrependeria um dia da sua escolha, nenhum seria infeliz, nenhum amaldiçoaria a vida e tentaria contra os seus dias!....

Esta falta de comprehensão caracterisava o Sr. Pedro Bras^{***}, e era isto que tornava sua esposa infeliz, e que a fazia soffrer incessantemente

Quando fui para casa d'esta familia é que o Sr. J. Dupey^{***} principiou a escrever-me todos os dias, e por fim chegou a nossa correspondencia a tres cartas por dia. Elle era dotado de uma alma franca, nobre, leal e dedicada; gostava da sinceridade do meu coração, porque eu escrevia-lhe tudo que na verdade sentia. Confiei-lhe as minhas penas, as minhas lagrimas, e as profundas saudades de ter perdido uma mãe idolatrada; eu que teria sido tão feliz se Deus m'a tivesse conservado, ter-lhe-hia patenteado o fogo que sentia no peito, a vehemencia do meu filial amor, e a necessidade que tinha minha alma de *amor*, não amor como se entende vulgarmente esta palavra, raras são as pessoas que sabem entender verdadeiramente este sentimento superior a todos; e eu sentia essa necessidade de me ligar a um ente que me comprehendesse; que visse que era uma mulher exaltada, sim, mas capaz de todos os sacrificios para quem me soubesse corresponder; um ente que não vivesse senão para mim, assim como eu vivesse só para elle

Oh! se houvesse duas almas que sentissem a mesma força e sympathia de amor e dedicação, haveria decididamente um paraizo sobre a terra.

CAPITULO XIV

Quando nasce cupido, as cartas desejam passar a expressões verbales—Poeticas conversas ao luar—A's vezes os relampagos e a chuva obrigam a fechar a janella —Tenho cuidado na minha escrava—Um homem com amor n'alma e honra no coração—Meia palavra—Meu mano Carlos—Justa indisposição de meu pae—Dize-me quanto tens, dir-te-hei quanto vales—M.^{me} Carlota continua a ser boa mãe para meu irmão—Trabalho para uma reconciliação—Dote que é necessario a uma mulher de orgulho.

Dépois de mais algum tempo já as nossas cartas não eram sufficientes, nossos corações incendiados não achavam já expressões para descrever o immenso affeeto de que eramos apoderados.

J. G. Dupey*** dava-se então ao incommodo de andar tres leguas, duas ou quatro vezes todas as semanas para vir para debaixo da minha janella para conversar comigo até ao romper do dia. Quanto estas conversas eram poeticas, meu Deus! ás vezes eram por noite serena em que o ceo se ostentava cercado de estrellas deslumbradas á claridade da lua que nos alumiaava, sem que nem sequer um sopro de aragem podesse levar para longe o debil eco das nossas vozes.

Outras vezes por escuras noites de medonhas trovoadas, em que só a claridade do relampago podia offerer a occasião de nos vermos; a chuva caindo a cantaros sobre elle, sobre elle que se esquecia de tudo para gozar algumas horas de feliz conversação

O ceo era testemunha d'estes momentos passados tão docemente, ainda mesmo em occasião de maior tormenta, e os catraeiros que ficavam na margem do rio, deitados no barco que se achava distante coisa de vinte passos defronte da minha janella, e a mula'a criada do meu quarto, que dormia no mesmo n'uma pequena cama aos pés da minha, porque eu era então muito medrosa, e se me perguntassem porque, não o saberia dizer, era

uma coisa inexplicavel mas eu desejava ter uma voz á noite que me respondesse quando eu chamasse, e não ter de puxar o cordão da campainha quatro ou cinco vezes antes de virem saber o que precisava. Quantas vezes por noites invernosas receando que ella tivesse frio, fazia primeiro puxar o meu leito para fóra do cortinado para collocar-lhe a cama debaixo d'elle, fornecendo-lhe mais todos os meus cobertores, e antes de ir para a janella fechava bem as cortinas e pregava-as, afim de ella ficar ao abrigo do vento: isto fazia ter-me uma dedicação que ella me teria dado a sua vida se lh'a tivesse exigido.

Quando estes preparos estavam feitos chegava-me então para a janella, pregando as cortinas d'esta por detraz com um grande alfinete para que o vento não pudesse apagar a lamparina, e assim descançada na minha escrava e n'aquella luz, ficava satisfeita, e o meu primeiro olhar dirigia ao céu um profundo agradecimento que meu grato coração tributava a Deus.

Oh! n'esse tempo que eu não sabia o que era amor; que não conhecia senão o desejo de ter uma amizade verdadeira, julgava-me tão feliz n'essas noites!

Quando J. G. Dupey*** me dizia que a sua maior fel cidade consistia no dia em que se julgasse ligado a mim, perguntava-lhe ainda com a inexperiencia d'aquella idade:

—Então porque não hade ser este mez o nosso casamento?

—Conheço que é uma menina de merecimento, dizia elle, e para eu a fazer feliz, é necessario possuir uma brilhante fortuna para lh'a offerecer. É dotadã de uma alma superior de mais para entrar em questões materiaes do mundo, e não pode ajuizar bem o que é o dinheiro; se a não amasse como sinceramente a amo, casariamos agora, embora o futuro fosse destinado para só verter lagrimas, quando não pudesse satisfazer um dos meus desejos. Conheço e não posso duvidar da da promessa que me faz de esperar dois annos, e não

acceitar a côrte nem o partido de alguém. O meu amigo L. V. F., quer pedil-a a seu pae; elle fez-me a confiança do amor que lhe tem, e de certo que seu pae se não recusa a um partido tão vantajoso. Qual será a sua resposta?

A minha resposta, lhe respondi eu, é que se não fossem os nossos corações comprehenderem se tão bem, e formarem uma mutua correspondencia, nunca accetaria a mão de um homem que se dirigia primeiro a meu pae, sem procurar saber a minha vontade e ter o meu consentimento: mas o senhor que acaba de dizer que me ama, e que eu tambem o am....

Fiquei aqui; não sei o que me impediu então de concluir a phrase; senti que um excessivo calor me acabava de subir ás faces, e eu não ousei dizer que o amava. Elle comprehendeu a minha interrupção porque me disse palavras satisfatorias.

Oh! creança que era então, que julgava que esse sentimento que encerrava no coração era o amor! Gostava de revelar tudo que pensava, os sonhos que formava nas nossas conversações, e julgava que tudo isto era esse amor! Sempre o julguei até o dia em que o conheci, e pelo qual offereci a Deus a minha propria vida, para salvar a do ente que devêras sabia amar! e só assim conheci que este amor que tinha tido no Brazil, era completamente uma creancice.

Meu irmão Carlos vinha amiudadas vezes visitar-me: nós que tinhamos estado em Paris ao mesmo tempo e gostavamos bastante de fallar sobre nosso tio, tia, primos, etc., estavamos ligados por uma forte amizade; fazia-lhe todas as vontades para esquecer um pouco a inimizade com que estava então com meu pae, que o tinha incumbido de ir receber um dinheiro que lhe deviam a Montevideo

Meu irmão como rapaz novo, saindo apenas dos seus estudos, achando-se com tão grossas sommas de dinheiro, principiou a extravaganciar, e taes foram as suas esturdias que em poucas semanas deu cabo de tudo,

não achando depois n'esses que se diziam seus amigos, um que verdadeiramente merecesse este titulo.

O mundo é assim: em quanto se encontra dinheiro, duram amigos que rendem toda a homenagem e que se dizem indissolúvelmente ligados; á menor mudança d'esse objecto que constituia tão intimas relações, e a que vulgarmente se chama fortuna, esses mesmos que por toda a parte se jactavam de serem seus amigos, são os proprios a voltarem as costas, e a caminharem talvez com um sorriso de escarneo e de desprezo nos labios!

O proverbio: dize-me quanto tens, dir-te-hei quanto vales, realisou-se para meu irmão.

D'estes caracteres está cheia a sociedade moderna, que tem as suas pretensões ao progresso da civilisação, e se julga por irresistivel força de vontade tocar já a meta determinada!

Epoca feliz na verdade!... São tão infames estes procederes como dignos de lastima, e não vale a pena encómmendar maldições para os vilipendiar; basta um rigoroso desprezo.

Meu irmão Carlos, vendo que meu pae não lhe mandava dinheiro, voltou para o Rio; mas como meu pae não o quizesse mais ver, foi para o hotel de M.^m e Carlota, e o motivo que o fazia ir visitar-me amiudadas vezes, era porque sabia que meu pae me idolatrava, talvez que por mim conseguisse fazer as pazes com elle, mas meu pae foi inexoravel aos meus pedidos; respondia quando me via chorar:

— Tu choras por teu irmão te haver usurpado o dote? Verte antes essas lagrimas por ti, pobre creança.

Dizia-lhe então eu que não me importava o dote, mas que sómente desejava a sua reconciliação com Carlos; mas meu pae pela primeira vez foi surdo aos meus rogos.

Verdade que elle não era muito indulgente, mas tinha um excellente coração, e se elle me tivesse po-

dido destinar um dote, eu não teria soffrido tanto nem vertido lagrimas de profunda desesperação!

Todo o pae ou mãe de familia deve adquirir um dote para suas filhas, porque se ellas tiverem orgulho e sentimentos elevados no coração, o dia em que um marido disser: não tinha dote! n'esse dia, se fôr uma mulher decisiva e de alguma intelligencia, deve quebrar todos os laços e tornar-se independente de um dominio que a abaixa.

CAPITULO XV

Cedo o meu quarto—As pedrinhas acordam o casal—O portador das violetas vac-se embora triste—As violetas estão repartidas—Confissão resultada d'essa repartição—Meu cunhado admira a energia—Minha mana chora—D. Maria abraça-me—Verdade sobre minha irmã—Um alfiate de peito—Sympathia fraternal por conveniencia—O portader das violetas apresentado por meu cunhado—Planos—Desejos de viagens—Despedidas—Ultima visita á familia Guido—Inuteis cartas de recommendação—Meu defeito dominante é um peccado mortal.

Meu cunhado veio com minha irmã fazer-me uma visita; a Sr^a D. Maria Bra^{***} tinha sido collega d'ella no mesmo collegio, e sempre foram ligadas de uma forte amizade: como a fizeram decidir a ficar uns dias para o festejo dos annos da pequenita, tive que lhe ceder o meu quarto, e passar para outro mais pequeno que ficava sobre o jardim. Esta mudança foi tão repentina que não tive tempo de o mandar dizer a Mr. Dupey^{***}, e isso deu motivo a minha irmã e meu cunhado acordarem pela meia noite ao bater das pedrinhas que Dupey^{***} atirava á janella. Minha irmã querendo affirmar-se embrulhou-se em um chale e abriu a janella; Mr. Dupey^{***} perguntou-lhe se estava doente, ao que ella respondeu que sim; pedindo-lhe elle que deitasse uma linha como era costume, recolheu-se e abriu a minha banca de costura, e como não a achasse pegou em um

novello de lã e atando-lhe o meu dedal, o deixou cair, e quando a puxou viu um lindo ramo de violetas que elle tinha a constancia de me trazer cada vez que vinha fallar-me. Minha irmã fechou a janella, e elle foi-se embora triste de ella lhe dizer que estava doente.

No dia seguinte conheci que os novos moradores do meu quarto estavam ao facto de tudo, não me importei, mas senti meu coração oppresso quando vi minha irmã tirar o ramo da algibeira, repartindo por todos as minhas delicadas e mimosas violetas; não pude deixar-me ficar sentada porque nunca fui senhora de impedir o meu primeiro movimento; levantei-me, e com as lagrimas nos olhos lhe disse:

—É mau, Clementina, o que estás fazendo; não só torturas o meu coração, mas até estás dispondo de um objecto que te não pertence! Esse ramo é meu, e peço-te que m'o entregues.

Ella principiou a rir despropositadamente; vendo isto sentei-me e voltando-me para a Sr.^a D. Bra^{***} lhe disse socegradamente:

—Ha alguns mezes que estou em sua casa, e tenho hoje a pedir-lhe perdão de ter escondido um sentimento que tem dominado bastante meu coração e as minhas acções; esse segredo não era meu só; eis o motivo do meu silencio. Hoje que minha irmã falta á delicadeza, zombando de tudo que é superior a certas comprehensões.... não espero a sua narração estúpida. Eu vou explicar tudo.

E assim principiei contando como se haviam passado aquellas noites de trovoadas e de luar.

Conheci na physionomia de meu cunhado a admiração que lhe causou a minha energica resolução. sendo eu tão nova, de revelar tudo tranquillamente primeiro do que o fizessem.

Minha irmã vendo que seu marido não tinha gostado da sua calculada maldade. principiou a chorar; D Maria abriu-me os braços aonde me lancei, promettendo-lhe d'então em diante nunca mais ter um segredo sem

ih'o confiar. Passado este dia ella começou a mostrar frieza á minha antagonista, que pouco depois deixou de lá ir.

Minha irmã todavia era boa e tinha por vezes agradáveis sentimentos, era dotada de um genio incompreensível, e mesmo a seu proprio marido, que ella adorava phreneticamente, não consentia que lhe desse a menor reprehensão.

Um dia meu irmão, que era muito meu amigo desde que meu pae estava mal com elle, disse-me que ia a uma soirée, e pediu-me que lhe emprestasse um pequeno alfinete de peito que eu tinha de oito brilhantes, cercado uma esmeralda em pequeno quadrado; de boa vontade condescendi ao seu pedido, mas o que sei em resultado é que nunca mais m'o tornou a entregar; á proporção d'este fez-me uns poucos de abusos de bom espirito, mas já lhe tenho perdoado e esquecido.

No fim das recusas de meu pae a seu respeito fez-me escrever uma carta a minha tia M.^{me} Levailant para obter d'ella o elle vir para Lisboa, e como esperasse a resposta cada vez parecia mais meu amigo; era uma verdadeira sympathia fraternal'

Quando chegou a carta de M.^{me} Levailant, em que dizia que elle podia ir juntamente quando eu voltasse, ficou meu irmão Carlos muito satisfeito.

Mr. Dupey*** depois do acontecimento do ramo com minha irmã, declarou todas as suas intenções a meu cunhado que o apresentou á familia Bra***, observando-lhe primeiro que não devia oppôr-se a eu voltar para Lisboa, visto minha tia não ter filhos e ter-me declarado sua herdeira, ao que elle respondeu que nunca se havia de oppôr á minha felicidade, e que um anno depois de eu largar o Rio, elle viria para Lisboa contrahir o casamento e partirmos então para a sua terra natal que era *Bordeaux*, na Gascunha, em França.

Este anno que elle pedia era para realisar tudo que tivesse no Rio, e eu tão creança que não sabia que os

desejos dos que nos estimam verdadeiramente são os que mais raras vezes vemos realizar!

Quem me teria dito então, que se da primeira vez que vim para Portugal não encontrei senão desgostos, da segunda não encontraria senão martyrios !...

Tudo quanto fo se mudança e variedade satisfazia a minha ardente imaginação, por isso desejava anciosa esta volta porque tinha um desejo, e um desejo profundissimo de viajar, correr terras, conhecer os diversos usos e costumes de cada uma d'ellas; isto era para mim, como deve ser para toda a gente de senso commum, o viver verdadeiro gozando dos conhecimentos do mundo.

Depois dos nossos preparativos estarem concluidos, tive que me despedir das minhas amigas, reservando a minha ultima visita a Pilarcita, passando na sua companhia o dia todo, recebendo os bons e apreciaveis conselhos de M.^{mo} Guido, que já m'os havia principiado oito dias antes pela occasião do ultimo passeio que demos na sua caleche.

Forneceram-me umas cartas de recommendação para varias pessoas residentes aqui em Lisboa, das quaes nunca fiz uso, porque de volta para Portugal conheci que a minha posição tinha mudado inteiramente, e que em casa de M.^{mo} Levillant não podia ser o que tinha sido no Rio; *re herchée* nas mais altas sociedades, graças ao amor e protecção de M.^{mo} Guido, e á minha intima amizade com Pilarcita.

O dia em que reflecti sobre a mudança da minha situação, subi ao meu quarto e queimei todas as cartas que me poderiam ter aberto as portas de muitas familias, e as relações de amizade mais ligadas e sinceras; fiz isto porque me não quiz sujeitar a que alguma d'ellas julgasse fazer-me uma grande honra em me receber nos seus salões.

Reconheço que isto foi uma grande prova da minha soberba, mas eu o confesso, nunca pude dominar o meu orgulho, e isto tem sido por muitas e repetidas vezes a origem dos meus males.

CAPITULO XVI

Deixo outra vez a minha patria—*Que Dieu te conduise a ton bonheur*—Ao ver uma pallidez, foge-me a palavra; ao apertar uma mão fria estremeço—A medalha da minha primeira communhão é um penhor.

Meu pae veio acompanhar-me a bordo com a familia Bra*** e o sr. Dupey*** que lhe tinha declarado as suas boas intenções; meu pae não pôde ficar até o navio levantar ancora, porque elle não queria demonstrar o seu coração opprimido; depois de me apertar em seus braços e de dizer-me: *que Dieu te conduise a ton bonheur*, desceu para o bote, em quanto que eu ficava encostada no parapeito do navio com um oculo fixo nos olhos até o perder de vista.

Meu irmão Carlos andava conversando com alguns dos seus amigos que o tinham ido acompanhar, e Mr. Dupey*** estava ao meu lado, e quando eu não pude avistar meu pae, voltei a cabeça para lhe fallar, mas as palavras fugiram-me quando o vi pallido e os olhos fixos em mim; perguntei-lhe se estava incommodado, ao que elle respondeu que de repente sentira uma oppressão no coração, e uma voz dizer-lhe que eu nunca seria d'elle, que a esperança lhe restara até ali, mas que succumbia n'um temeroso receio!

Com algumas palavras pude desvanecer estas negras idéas, dei-lhe a mão em signal da minha palavra; senti quasi desfallecer-me ao tocar aquella mão humida de um frio suor, e estremezi; então elle disse-me:

—É ainda joven de mais para poder avaliar o que soffro; hoje cumpro um dever que é de não cortar a sua fortuna em Portugal, mas para o executar como na verdade devo, tenho o coração torturado, e se estivesse em terra, ou se o navio não estivesse a levantar ferro,

depois de experimentar o que sinto, não teria forças de a deixar embarcar; se é uma mulher que todo o homem que a comprehender hade adorar ... um anno, um anno apenas, espere por mim, sim?

—Esperarei, lhe disse eu, e para prova da sinceridade da minha palavra aqui tem um penhor.

E puxei pelo cordão que trazia ao pescoço aonde estavam as minhas duas medalhas de communhão e confirmação, e dei-lhe a primeira d'estas, jurando elle de nunca mais a largar; pediu a meu irmão que fosse sempre meu amigo, saiu do navio, e nunca mais o tornei a ver!!!...

Não me retirei d'aquelle logar em que tinha trocado um juramento, tinha saído a barra e senti-me n'esta occasião tão incommodada que Carlos deu-me o braço para descer ao quarto e ir-me deitar.

CAPITULO XVII

Acostumo-me aos baloiços — A familia Kinglofffer — Uma ingleza formosissima — Contravento na altura de Cabo-Verde — Tempestade — Admiravel movimento dramatico que tem M.^{me} Ramos — Mysterio — Bandeira bordada.

No dia seguinte já costumada aos baloiços do navio reflecti que tinha ainda quarenta e cinco ou cincoenta dias de viagem, e de que modo havia de empregar aquelle tempo; arranjei o meu bastidor e principiei a bordar: muitas familias vinham n'esta occasião de todo para a Europa, e entre as quaes se contava Mr. e M.^{me} Kinglofffer e seus filhos; esta senhora era allemã e possuia os sentimentos mais delicados e uma instrucção brilhante.

O capitão do navio e do qual era proprietario, tinha-se casado com uma senhora ingleza que era formosissima, e adorava seu marido; tinha um menino de dez mezes, uma creancinha que era uma perfeição.

Meu irmão foi então muito bom para comigo; sentava-se ao pé do meu bastidor para me ler sempre alguma coisa. Teríamos tido a mais deliciosa viagem se não fosse na altura do Cabo de S. Vicente termos um pé de vento fortissimo, estava do sudoeste, tornou-se sem alternativa do nordeste, o que motivou as velas voltarem-se, e algumas irem desfeitas em pedaços para o ar.

O choque foi tão violento que todos que estavam a dormir levantaram-se assustados, uns pozeram-se a gritar e a chorar, e outros a rezar em fervente supplica.

M.^{me} Ramos, a esposa do capitão; deu um estrondoso grito por seu marido, e saindo logo da sua camara subiu ao convez a abraçal-o, exactamente como se levantara da camara e sem ao menos ter tempo de calçar umas chinellas.

Gostei de ver aquelle movimento de M.^{me} Ramos, todo de fogo e amor, que se esquecia de tudo, de seu proprio filho que estava dormindo a seu lado, das vagas que a encharcavam, que a iam talvez levar á sepultura; uma mulher que desprezava os perigos e se esquecia absolutamente de tudo para ir morrer nos braços de seu marido!! Oh' isto é digno, grande e nobre.

Não são certas senhoras que se encobrem com a capa do beatismo e da hypocrisia para enganarem seus esposos, ou as pessoas que as amam. capazes de comprehenderem a grandeza da acção de M.^{me} Ramos n'aquella noite tempestuosa. Ella não desceu senão quando viu que seu marido podia vir descansar e tomarem juntos o repouso e agasalho de que tanto necessitavam

Foi assim que tive que deixar o Rio de Janeiro, terra do meu nascimento, e aonde jaziam os restos de minha adorada e infeliz mãe. Tive que deixar minhas amigas, uma vida feliz, para voltar para a companhia de uma tia que desde a minha saída do *Sacré-Cœur* só parecia odiar-me. Tive que abandonar uma existencia

suave cercada de flores, para uma vida escura e incerta.

Então porque deixou o Rio, me dirão. Eis o motivo em bem poucas palavras.

O meu casamento com J. G. Dupey*** não podia de modo algum ter logar senão dois ou tres annos mais tarde.

Eu demorar-me no Rio de Janeiro era impossivel. O motivo não o posso dizer: esse segredo não me pertence

Escrevendo estas memorias, o meu dever é declarar os factos que me dizem respeito, e os segredos do meu coração. Porém o meu dever tambem me impõe que não declare os alheios.

E de mais esse segredo é tão tenebroso, tão horrendo, tão repugnante, que ninguem que se achasse no meu caso, teria a força, o animo, e a coragem de o divulgar.

Guardei sempre esse mysterio, e constantemente tenho pedido a Deus perdão para o autor da minha forçada retirada do Brazil.

.....

Voltamos á noite da tempestade.

Poucos dias antes de chegarmos a Lisboa M^{me} Ramos e eu acabámos de bordar uma grande bandeira que se içou no mastro grande á nossa entrada.

CAPITULO XVIII

Chegada a Lisboa—Sr. Alfredo Martin—Promessas de amizade—Lagrimas de minha tia—Bondade paternal—Agradeço a minha tia—Annette—Fecho a minha alma—Toco piano, o Sr. Martin toca rebeca—Comprehendemos mais do que tesouras e agulhas—Fazem de mim uma figurinha—Declaram-me que minha tia tem ciumes—E' uma difficuldade para mim admirar as bellezas e as caricaturas.

O Sr. A. Martin é que nos veiu buscar a bordo; a

nossa alegria ao vê-lo foi immensa, elle gostou de meu irmão e prometteu ser seu amigo.

Ao chegarmos a casa, minha tia abraçou-nos muito, mas encolhendo os hombros e pondo a mão no queixo como tinha por costume. Olhava fixamente para mim sem me dizer palavra, até que lhe disse o Sr. Martin:

—Acha-a muito crescida, não é verdade?

Ao que ella só respondeu:

—É verdade, está uma mulherzinha.

Fomos para os nossos quartos porque estávamos cansadissimos, e grande foi a minha alegria de ver o que tinham preparado para mim. N'este tempo minha tia occupava o primeiro andar da casa que está ao lado da rua de S. Francisco.

No arranjo dos meus quartos reconheci a paternidade e o bom gosto do Sr. Martin; a minha alcova era toda branca; a cama de ferro verde debaixo de cortinados brancos; na minha salinha, (assim é que eu lhe chamava, mas era mais um quarto de estudo) tinha o meu piano, já sobre elle as musicas e romanças das mais modernas; tinha uma estante com sua caixa de lapis ao pé, um bonito bastidor junto da minha costureira, e sobre esta um cesto com tudo para bordar; n'um canto ao lado do sophá estava uma pequena bibliotheca.

Via este quarto arranjado a meu gosto, quero dizer que n'elle podia ter uma felicidade conforme o meu desejo, que é a felicidade *caseira*.

Agradei a minha tia e ao Sr. Martin as suas bondades e delicadas attenções, e principiei com a criada a abrir os meus bahús e a guardar nas commodas o fato que tinha trazido, em quanto se apromptava o banho; depois de o tomar fiz uma bonita *toilette*, e vieram-me chamar para jantar.

M.^{me} Levillant ao ver-me gostou do meu arranjo, e disse para as francezas: *Vous voyez qu'à Rio on se mets bien*; ao que M.^{elle} Annette respondeu: *M.^{elle} votre nièce oui parce qu'elle a été élevée à Paris.*

Por estas poucas palavras conheci que ali era uma casa aonde não se olhava mais que ás toilettes, sentimentos não tinham valor n'essa casa, mas sim aquellas roupas vistosas que depois se reduzem a trapos.

Immediatamente vi que não devia fazer expansão do que meu coração sentia, e que devia debaixo de uma frivolidade esconder os pensamentos de minha alma.

No dia seguinte perguntei ao Sr. Martin o que minha tia determinava de mim, ao que elle me respondeu:

—Tua tia não te mandou educar no *Sacre-Cœur* para servires ninguem; tens aqui quartos sufficientes para te distrahires; quando te faltar alguma coisa pede-m'a, que satisfarei os teus mais minimos desejos.

Na tarde d'esse dia o Sr. Martin mandou trazer as suas rebecas ao meu quarto, e acompanhei-lhe ao piano a peça *Lucia de Lammermoor*; elle ficou satisfeitissimo, e todos os dias á tarde era essa a sua maior distracção.

O Sr. Martin era um homem de fina educação, e estava contente de poder n'aquella casa conversar com alguém que entendesse mais do que de *agulhas e tesouras*.

Ao principio tudo eram rosas, e eu era ahí como um figurino que se mandava chamar a cada instante para se mostrar a todos

Notando em minha tia de dia para dia a maior frieza, perguntei ao Sr. Martin o motivo, ao que elle me respondeu:

—Tua tia tem ciumes de ti.

Olhei para elle, e disse-lhe rindo:

—Ciumes, de que?

—Ciumes de tudo, tornou elle; de te ver bonita, de te ver tão distincta, o que faz aqui um grande contraste, e de ver que eu nunca estou satisfeito e feliz senão ao pé de ti.

—Isso é verdade? lhe perguntei muito admirada.

Elle só respondeu:

—Hoje não te digo nada, Josephina, trabalho para a tua felicidade, quero mostrar-te um dia quaes são os meus sentimentos.

Não dei maior attenção a estas palavras e continuei a estimal-o e a amal-o como se fosse meu pae.

Se por acaso alguma das francezas me vinha dizer que tinha chegado uma senhora bonita, ou alguma caricatura, a minha curiosidade me fazia descer para as ver, mas isto contrariava minha tia; eu subi immediatamente e fazia no bastidor as minhas reflexões.

Na realidade via ás vezes lindas senhoras, porque nas senhoras portuguezas ha bellezas; mas se eu pertencesse ao genero masculino não casaria com nenhuma d'essas coquettes que perdem a sua formosura pela presumpção de que se assenhoream, ou pelo affecto em fallar, nas diversas man iras de empregar os movimentos; em uma palavra tudo n'ellas é calculado, o modo de pôr o chapeo, de collocar o chaile, de segurar um lenço; estudam isto tanto ao espelho que se embacia o aço, e que em logar de fazerem de tudo uma coisa natural, ridicularisam-se pela pretensão extravagante e exotica; todavia isto é pena porque as senhoras portuguezas seriam sem duvida as mais bellas mulheres.

Eu passei muitos dias n'estas observações, durante os quaes meu irmão principiou a ter alguma rivalidade porque todos me amavam e festejavam.

CAPITULO XIX

D. Emilia Pereira da Costa é minha amiga—Scenas que me affligem sem as poder remediar—Minha alma afogada—Quero descobril-a a meu irmão—Esperança—Ter fé, e esperar—Minha posição está mudada—Dou as minhas coróas—Principio a ter philosophia—Quero ser freira—Viagem—Desastre sem maus resultados—Minha resignação aborrece minha tia—Sr.^a O... alma poetica—Uvas verdes, e a raposa sem vontade de as devorar.

D. Emilia de A. P. da Costa que morava na rua de S. Francisco, mostrou ter por mim uma grande ami-

zade, sempre me andava a fazer presentes, sendo o primeiro um riquíssimo anel com nove brilhantes; gostava muito de me ouvir tocar piano: mais para diante direi o que pensava d'esta senhora.

Em casa de M.^{me} Levaillant passei uns dias tristes, uns dias mortos, que eu não sabia se vivia, senão quando presencava as scenas que minha tia fazia as francezas; eu acostumada a doçuras, era-me penoso tudo que via, mas como não podia dar remedio calava-me. A minha vida parecia a de uma pessoa que tinha estado nas mais altas regiões celestes, alumiada pelos raios do sol, e que de repente se precipitava n'um profundo abysmo; tudo o que ali via era me incomprehensivel: em uma palavra estava como vendida, não ousava fazer um movimento, acabar uma phrase, soltar um ai! porque ali ninguem me comprehendia, só o Sr. Martin; mas esse mesmo estava *martyrisado*, soffria bastante, e eu não devia contribuir para o augmento de suas penas narrando-lhe a dôr de minha alma; soffri! e só uma pessoa de sentimentos pondo-se no meu caso o pode avaliar!... Do *Sacré-Cœur* para casa de M.^{me} Levaillant! Oh!....

Mas como no *Sacré-Cœur* tinha aprendido a ter resignação, aqui a saberia ter se não tivessem offendido o meu orgulho.

O que me servia de distracção e divertimento era sair com meu irmão; ent'o encostada ao seu braço lhe dizia:

—Tu vês que sou infeliz, que não posso viver aonde não se comprehende a delicadeza; aonde irá isto parar, Carlos?

—Paciencia, Josephina, me dizia elle, tu tens uma esperanza, o teu casamento d'aqui a um anno; mas eu?!..

Elle tinha razão de me dar esperanza n'esta esperanza, porque via as cartas que Mr. Dupey*** me escrevia, e conhecia-se que ellas eram de um homem capaz de vencer tudo, unicamente para se ligar comigo.

Vivia n'essa esperanza, mas de dia para dia sentia afrouxar-se á similhança de um navio arremessado pelas

ondas, e batido pelas furias do tufão, em o qual perde o viajante a esperança de bonança; assim soffria o meu coração n'esses transtornos; abatida pelas tempestades d'aquella casa, e os tufões de minha tia, perdia as idéas do meu salvamento'....

A educação do *Sacré-Cœur* fazia-me ter fé e esperar que a mão de Deus me livrasse de tudo!.... Dei as minhas corôas dos bailes do Rio, dei os meus enfeites, e dei até a ultima corôa que me tinha offerecido M.^{me} Guido, (porque Pilarcita e eu estávamos igualmente vestidas), dei tudo emfim!! Compreendi que a minha posição estava mudada, e não queria nada que me fizesse avivar recordações e saudades.

De tudo isto o meu piano e os meus lapis eram as coisas que me entretinham e consolavam; com elles tirei um esboço das minhas amigas, e só queria considerar n'elles, revêl-os como se revê um ente morto com as lagrimas nos olhos e a saudade no coração! Tive bem clara a imaginação quando comprehendi que em casa de M.^{me} Levillant eu já não pertencia ao mundo! Tinha conservado a doce illusão que um dia seria esposa de Mr. Dupey***; ao conhecer que elle podia considerar esse casamento como uma honra que me fazia, d'esse dia em diante jurei que nunca seria d'elle; queria casar me com um homem que julgasse que essa honra a recebia de mim.

Ao ver perderem-se assim todas as minhas esperanças umas sobre outras, não conservei senão uma no coração, voltar para França, e nunca mais sair do *Sacré-Cœur*, por isso estava anciosa esperando pelo verão para ir com minha tia a Paris como ella m'o havia prometido.

Chegando esse dia respirei! custou-me deixar o Sr. Martin sem lhe dizer que o não tornaria mais a ver; se lh'o tivesse dito, não me teria deixado partir; tive a coragem de me calar e de supportar um sentimento occulto.

Embarquei com minha tia com o coração opprimi-

do e os olhos inundados de lágrimas, de deixar, para nunca mais o tornar a ver, um amigo, um bom pae, mas com a consolação de ir para casa de quem dá forças para tudo.

Tivemos uma boa viagem, sômente ao entrar quasi a barra de *Southampton* é que houve um desarranjo n'uma das rodas do vapor, mas como já estavamos no porto de salvamento, não houve o menor perigo.

Foi uma curta viagem de quatro dias, aborrecidissima para mim, porque minha tia estava comigo como acanhada e não me dirigia uma palavra; ella bem sabia o meu genio para supportar-lhe todas as *borrascas*, mas com uma simples palavra minha fazia-lhe conhecer os seus despropositos, e como já me tinham dito em casa, diante da minha resignação ella ficava envergonhada; e quem é que não comprehende que uma pessoa pode tudo perdoar a outra, excepto quando ella faz subir ás faces o rubor do pejo e da vergonha? Eis ahí o motivo, não direi do odio, mas do genio de despique de M.^{me} Levillant.

A bordo ia o Sr. On... que levava comsigo seu irmão que teria perto de doze annos, para se ir educar n'um collegio em Hamburgo. O Sr. O.. era um homem de um character excentrico, e possuia um coração cheio de bellos sentimentos; principiámos a travar conversação sobre os passaros que voavam por cima das ondas, as estrellas que scintillavam no firmamento, os reflexos da lua produzidos e alongados pelo vasto e sereno mar. Deu este caso tão insignificante azo para dizerem a bordo que nós namoravamos; não reflectiram na sinceridade de nossas comprehensões tão bem entendidas: eram dois genios eguaes que se haviam juntado ali, e sabendo apreciar os bocadinhos poeticos passados n'uma embarcação vogando sobre as mansas ondas á claridade do luar. Julgavam d'isto o amor! Amor, o sentimento mais inconstante, que qualquer sopro pode quebrar!... Eu julgava ter uma paixão no coração, e elle tinha uma igual no fundo d'alma por uma pessoa que ficava em

Lisboa; não que elle me confiasse esse segredo, mas eu conheci-o. Um dia seu irmão como creança, ou talvez porque trazia a lição dada por alguém, chegou-se perto de mim, no fim de uma conversa, e me disse: não o namore, M.^{elle}, porque elle adora uma pessoa em Lisboa, e as uvas estão muito verdes; ao que n'aquelle repente lhe respondi: Se ellas estão muito verdes é porque a raposa não fazia gosto d'ellas, se ella as quizesse assim mesmo verdes, dava um pulo e apanhava-as, e comendo-as, rir-se-hia de quem estivesse por debaixo da parreira.

O espartinho do rapazinho não ficou atraz e não tardou a responder-me, mas eu não querendo dar-lhe importancia desci para a camara, porque achei que não podia dizer-lhe, que seu irmão era um cavalheiro, mas que já tinha dado a minha palavra a outro prometendo-lhe a minha mão, e ainda que isso não fosse que descansasse; mas dizer isto a uma creança que ainda para bem dizer ia aprender o b, á, bá, era uma asneira completa, e assim retirei-me deixando um entregue ás suas meditações, e o outro com a sua esperteza.

CAPITULO XX

Chegamos ao Havre—Uma S.^{ra} á procura de seu marido—Meu tio conserva rancor—Uma pensionista de S.^t Demz, transformada em *petite maitresse*—Uma condessa rival de uma institutrice—Provo que a minha vontade pode mais que um passeio—Meu tio recusa-me uma licença—Intervenção de minha prima—Principio a desconfiar que não posso viver com minha familia—M.^{elle} Octavie comparada a uma mosca.

Depois de desembarcarmos no Havre nunca mais o tornei a ver; d'aqui tomámos o caminho de ferro, que nos levou em vinte e quatro horas a Paris. Tinha tomado igualmente o mesmo comboy uma Sr.^a brazi-

leira que tinha feito a viagem comnoseo, e que ia a Paris em procura de seu marido! á procura de seu marido! e o caso é que ainda ha mulheres que voltem o mundo, pensando que podem agarrar o amor, quando voluntariamente elle foge!!!

Eu não comprehendia ainda bem as lagrimas d'esta Sr.^a, mas compadecia-me d'ella, e durante as horas da nossa ida do Havre a Paris, procurei pelo meio das minhas conversas sobre o Rio de Janeiro, fazer minorar a sua dôr, mas tudo foi em vão.

Ao apearmos-nos dos wagons, meu tio nos recebeu em seus braços, mas as suas demonstrações de amizade já não eram para mim com aquella força de outr'ora, pareciam as de um estranho que me visse pela primeira vez, e que me fazia afagos por comprazer a minha tia.

Não me importei com isto por que estava anciosa por ver minhas primas; chegando a casa, (rua de Santo Honorée, para onde meu tio se tinha mudado) ao abraçarmos-nos, grande foi a admiração de nos acharmos tão crescidas, e ainda mais me espantei de M.^{elle} Octavie, que a tinha deixado uma pensionista saída apenas de S. Diniz, transformada em uma *petite maitresse*, em uma grande coquette, que apenas se voltava quando alguém lhe dirigia a palavra, que nada achava conforme a seu gosto, que de tudo desdenhava, não encontrando talvez para os seus especiaes desejos mais do que o amor que meu tio lhe tinha, por que d'esse amor podia aproveitar-se como M.^{elle} Eugenie tinha feito, e elle de dia para dia mais affectado para ella, e não sei se jámais tornará a tomar as redeas de seu coração em seu poder.

Meu tio antes de eu sair do Sacré-Cœur gostava immenso de me ouvir cantar; agora tornava-se esse seu prazer em uma paixão, porque dizia que eu já tinha mais uso do mundo, e cantava com mais desembaraço.

Minhas primas moiam se de inveja por todos me comprimentarem do meu canto, não por que tivesse

uma voz theatral ou estridente, mas sim como o diziam, uma voz agradável pela harmonia e fazia chegar as lagrimas aos olhos quando executava alguma melodia.

A condessa de*** a quem meu tio fazia (*apezar da institutrice*) uma cõrte assidua, dizia-me muitas vezes: vous avez ude charmante voix de salon. Isto que parecia um elogio, não o repito senão para mostrar que essas festas que meu tio me fazia, devia-as eu á minha voz. Os dias que elle dava soirée, estava muito bem comigo.

Eu via tudo com indifferença, porque andava n'esse tempo muito melancolica, e como não havia de ser assim se eu me considerava tão só no centro de minha propria familia.

Já havia dias que eu ouvia combinar o projecto de um grande passeio fóra de Paris; minha prima, Clémence me dizia então: se queres ir, hasde pedir ao papá; a isto só lhe respondi: pois minha amiga, se tenho de pedir então não vou, por que não peço. Ella repetiu isto a meu tio, que disse: então ella ficará.

Não pedi; não fui; vi todos almoçarem muito alegres, rirem muito satisfeitos e dizerem no auge do maior prazer, vamo-nos divertir muito, e voltaremos bastante tarde. O jantar devia ter logar n'uma casa de campo de uma familia intima de relações com Mr. Lessence meu tio.

De nada me importei; quando vi minhas primas de chapeos esperarem por minha tia, cheguei-me perto de Mr. Lassence, e lhe disse: Como sae e eu fico aqui só, tenha a bondade de me permittir que vá passar o dia ao Sacré-Cœur. Não, M.^{elle}, me respondeu elle movendo seus olhos furibundos, e franzindo as sobrancelhas, já que preferiu ficar em casa, a pedir-me para vir ao nosso passeio, então não sae. Não lhe respondi nada, e vim para ao pé de minhas primas que estavam por detraz da porta a escutar, e que eu as ia quasi deitando ao

chão ao abrir a porta dizendo lhes: é muito ridiculo escutar, e quem escuta... Olha a tola, interromperam ellas, que nos quer agora reprehender. Deus me livre, disse eu, mas Noémi não devia esquecer-se que no *Sacré-Cœur* levou sempre cruz, por causa d'esse defeito N'este instante entrou meu tio dizendo: Venez; e ellas saíam sem me dizerem uma só palavra nem um adeus!...

Eu achava-me offendida por tudo: por meu tio que queria quebrar á força os meus orgulhos, e que infelizmente empregava pessimos meios; por M^{me} Levailant, que para agradar ao seu irmão, não ousava punir por mim; e ainda mais por minhas primas que como creanças sem tino gostavam de brincar comigo, como se fosse algum saguim, mas o desprezo que eu mostrava em tudo as fazia enraivecer, e isso é que ellas me não podiam perdoar.

M^{elle} Octavie, essa conhecia tudo isto, mas o que podia aquella pobre mulher, á sim lhança de uma desgraçada mosca caida n'uma teia de aranha?! quando ella viu que ninguem sequer me dizia adeus, chegou-se para mim, deu-me a mão, e ia a dar-me um beijo, mas estremeceu ao ouvir a estrondosa voz de meu tio bradar-lhe: então M^{elle} Octavie, vem ou não? Ao fugir ainda me apertou immensamente a mão, foi o unico adeus que recebi...

Aqui no centro de Portugal, entre pessoas estranhas nunca tinha recebido semelhantes afagos; n'estas terras aonde a civilisação não havia ainda adquirido o grau da franceza, nunca, nunca soffri desprezos tão ridiculos como dignos de lastima.

Era esta familia que vivia em Paris, que consagrava relações com algumas familias verdadeiramente socialistas, que gozavam do trato da sociedade illustrada, que esqueciam todos esses deveres que a ordem da educação exige, para se portarem tão deslustrada e grosseiramente. Oh! então queria disputar a civilisação das pessoas das terras estranhas por quem fui tão bem aco-

lhida, com a d'estas que se jactam da sua elevada illustração, e algumas são falsas, mentirosas e repugnantes!...

CAPITULO XXI

A *femme de chambre* de minhas primas—Vou abraçar as minhas queridas *Damas do Sacré Cœur*—A superiora ainda é minha amiga—É mais agradavel aos olhos de Deus, uma boa mãe de familia, que uma freira—Confesso-me ao padre d'Abady—Fé e esperança—Fico tão satisfeita, como se me nomeassem rainha de França.

Qual seria a minha amargura vendo a indifferença dos meus parentes?!... Estava ainda encostada n'uma poltrona junto de uma escrevaninha, quando *la femme de chambre* de minhas primas entrou e me disse:

—Porque está triste, M.^{elle}? Foi melhor ficar, sabe como são suas primas, e o que ellas gostam sempre de judiar com alguém; ficando, M.^{elle} está livre d'ellas todo o dia. Eu digo-lhe isto, e espero d'aqui a bem pouco já não estar cá.

Eu não chorava mas as consolações que ella me dava fizeram-me verter algumas lagrimas.

—Acredite, lhe dizia eu, que não é a pena de não ir ao passeio que me consome, mas sim de não poder ir ao *Sacré Cœur*.

—Pois se quer, me disse ella; eu tenho algum dinheiro, manda-se buscar um *fiacre* e levo a a visitar as religiosas, pois temos tempo sufficiente para estarmos de volta, antes da entrada da familia.

Eu que me temia disse:

—Mas se meu tio o sabe?

—Não hade saber de nada, replicou ella, e abalou immediatamente.

Julguei que isto não fosse mais do que uma brin-

cadeira para me distrahir, e já não pensava n'isto, quando a vejo passado meia hora e dizer-me:

—Vamos, M.^{elle}, aqui esta o seu mantelete e o seu chapeo; vamos depressa, para termos tempo de estar de volta.

Quando vi as coisas n'este ponto, n'um minuto me arranjei, e pouco depois estava com ella sentada no *fiacre*, que partiu a galope.

Quando chegámos ao *Sacré-Cœur* já estavam saindo do *refectoir* todas as religiosas; a superiora e as freiras que estavam do meu conhecimento, ficaram immensamente alegres por me verem. Desci ao quarto da superiora, contei-lhe toda a minha viagem do Rio e o que soffria em casa de minha tia, e de não a poder ter ido ver, e de ir n'essa occasião sem licença de meu tio, e do receio da minha volta e de seus ralhos. Perguntou-me se eu ainda queria ser freira, ao que eu respondi, que era o meu maior desejo. Tirei uma carteira da algibeira, aonde tinha as cartas de Mr. J. G. Dupey*** e mostrei-lh'as; ella leu-as e disse depois:

—Vê-se por estes scriptos, minha filha, que esse rapaz tem-lhe uma grande amizade; não é por certo este um amor voluvel, acabando momentaneamente; é um amor pensado e reflectido; elle não pensa só no presente, considera tambem o futuro, sabe que foi educada aqui e deseja a sempre feliz, é mais agradavel aos olhos de Deus uma boa mãe de familia, do que uma freira, consulte bem primeiro o seu coração.

Ella levou me depois de eu ver tudo que estava mudado, á capella da Virgem, que era situada no fim da grande rua da quinta, capella aonde eu tinha recebido o meu *scapulaire*; seguiamos por todas as ruas, e voltavamos do Calvario quando sentimos tocar para as vespas, justamente era o domingo do grande orgam; quando acabou disse-me a superiora:

—Como me manifesta desejos de se confessar, vae descer para a capella do *Enterro* com o *Pere D'Abady* e M.^{me} de Valois; quando acabar hade vir então ao

sermão, e como se vae entoar um cantico á Virgem, espero que acompanhará a primeira parte de: — *Oui nous l'avon juré, etc.*, quero ver se ainda conserva a bonita voz que tinha

Desci com M.^{me} de Valois, e já o padre D'Abady estava no confessorio; fiz uma confissão geral desde o dia que tinha saído do Sacré-Cœur, ao acabar me disse elle:

— Continue minha filha a ter a mesma fé e esperança em Deus, que elle nunca desampara seus filhos, e tenha sempre resignação.

Nos desgostos mais fortes da minha vida, levantando os olhos para o ceo, tenho dito, ainda que com voz suffocada: Meu Deus, o padre D'Abady fez-me uma promessa em vosso nome, pois que nunca desamparaes vossos filhos, então não me abandoneis meu Deus, por que vos conservo a mesma crença, o mesmo amor e dedicação, como quando estava no Sacré-Cœur, e Deus tem ouvido as minhas supplicas, e tem enxugado as minhas lagrimas

Quando fui para a sala, estava a superiora fallando com o confessor, que ao ver ella dar-me a mão e fazer-me sentar junto de si, lhe disse: *Oui aimez la biem ma soeur, car elle en es digne.*

Eu ainda era creança, não comprehendí a verdadeira significação d'estas palavras, mas fiquei tão satisfeita como se me tivessem feito rainha de França.

A superiora quiz que eu merendasse antes de me ir embora, e ella foi fazer a carta de desculpa para meu tio.

Ao despedir me de todas aquellas boas Sr.^{as} levava no coração uma tristeza indefinida, porque conhecia bastan'te meu tio, para ficar sciente que elle me não deixaria voltar lá mais, e para o não fazer sem o seu consentimento, elle me levaria comsigo aos passeios d'ali por diante.

CAPITULO XXII

A familia já está em casa—Botanica no meio da tempestade—Da tempestade surgem trovões e raios—A phantasma carrega a atmospheria—A *femme de chambre* não tem coragem de resistir á tempestade—Viajo n'um caracol—Minha coragem não resiste a um rato—A ordem tem mais força, do que o pedido—Suspiro por um fiacre—A porteira recebe-me nos seus braços, e as freiras levam-me á superiora—No horisonte escuro descubro o ceo azulado.

Quando ao aprear-nos á porta de casa o porteiro nos disse que a familia já tinha voltado, senti um tremendo estremecimento. Eu era capaz de affrontar com tranquillidade um perigo, mas não de supportar maus modos, e ouvir palavras desconcertadas e asperas.

A *femme de chambre* deu-me o braço para eu poder subir as escadas, dizendo me: coragem M.^{elle}; se o seu tio a vir n'esse estado de desanimação, é quando implica mais, se pelo contrario a encontrar forte, abranda immediatamente.

Quando entrei estavam todos no *boudoir*; minha tia sentada ao pé do fogão, estend da n'uma cadeira a Voltaire; minha prima Clemence estava ao seu lado, Noémé e M.^{elle} Octavie sentadas perto de uma meza, aonde estava um candeeiro acceso, apesar de ser ainda dia claro.

Estas duas separavam flores, para depois M.^{elle} Octavie fazer os assentos no seu livro botanico pois tinha por isso grande paixão. Meu tio passeava pela casa de lá para cá, e de cá para lá, na fórma do seu costume quando estava raivoso; não reinava mais do que um silencio religioso inglez!

Apenas fiz girar a porta sobre seus debeis gonzos, voltou-se de repente, e me disse:

— Ah! sois vós M.^{elle}, aonde fostes?!

—Como meu tio me promettia de dia para dia de me deixar ir ao *Sacré-Cœur*, lhe respondi logo e como esse dia nunca chegava, hoje que todos saíram, sem que me dissessem adeus, e sabendo eu que minha tia está por poucos dias em Paris, pareceu-me acertado aproveitar-me d'esta occasião para ir visitar aquellas damas que sempre me trataram tão bem, e para quem não podia ser ingrata; demais que meu tio esta manhã não me disse: prohibo-a de sair; se m'ò tivesse dito, bem sabia que não iria contra uma das suas ordens, mas se n'isto fiz mal, peço-lhe perdão, e se elle não basta, aqui tem esta carta da superiora que será a minha desculpa.

Elle até aqui tinha escutado tudo com bastante attenção, mas ao ver apresentar lhe a carta, disse todo furioso para minha tia que estava como uma estatua, e que me tinha voltado a cara quando ia para dar-lhe um beijo:

—Vê Clementina, uma creança que não tem ainda quinze annos que vae ao *Sacré-Cœur* dizer que nós fazemos d'ella uma victima!...

—Perdão meu tio, lhe disse eu, fui cumprir com um dever de gratidão, e não fui fazer queixas da minha familia; mas meu tio que diz isso é porque vê talvez que eu teria motivos para me queixar...

—*Petite affrontée*, me replicou elle, respond' r-me... *tenir tête* a seu tio.

—Isto não é *tenir tête*, lhe tornei eu; é unicamente dizer-lhe...

Ia para acabar quando o vejo pegar n'uma cadeira para me atirar; minhas primas que até ali tinham sido umas monas de palha, em vez de distrahirem seu pae com algumas palavras ou meiguices, levaram-me para fóra do *boudoir*, seguindo-nos M^{elle} Octavie, que deu uma chave a Noemi, tornando a voltar para junto de meu tio, fechando bem a porta sobre ella.

Todos estes movimentos foram de uma extraordinaria rapidez, e o leitor estará lembrado d'aquella noite

da *celeb e phantasma* apparecida no meu quarto, que se sumia tão veloz, e que parecia perseguir-me n'esta occasião debaixo de outro espectro, com a sua vingança! . . .

Iamos pelo corredor, quando encontrei a *femme de chambre* que me disse:

— Adeus M.^{elle}, despeço-me agora por que logo talvez m'ò não deixem; e vão dizer que procurem outra pessoa para o meu logar. Estou satisfeitissima por me aproveitar d'este pé para poder sair d'esta casa de despropositos. Peço-lhe perdão d'esta scena, porque se a não tivesse aconselhado para ir ao *Sacré-Cœur* nada teria acontecido.

— Bem sei, disse eu para Noémi; para livrar-me d'esta falta, quer criminar-se a si propria! . . . é para meu tio não ralhar comigo, e sim com ella, que de nada me aconselhou. . .

Não pude acabar porque senti meu tio abrir a porta e chamar pelas viajantes. do corredor. Noémi levou-me depressa para o seu gabinete de vestir, e mettu na porta que dava para uma escada secreta, a chave que M.^{elle} Octavie lhe havia dado, dizendo para mim: espera aqui; se meu pae te chamar não respondas; eu te virei buscar quando elle estiver mais socegado. N'isto' deu-me um beijo e fechou-me no gabinete.

Quando me vi só o desespero apertou-me o coração; abri a porta da escada e achei-me n'uma medonha escuridão, fui tratando de lançar as mãos ao corrimão, afim de não ir contar os degraus em resultado da função. Havia dez minutos que assim estava, e sem que apparecesse esperança de salvamento, quando vou ouvindo pouco a pouco a voz de meu tio aproximar-se, que de certo não era para me livrar d'aquella casua *infernal*; eu fui dizendo logo para comigo: deixar-me ficar aqui como exemplar sentinella é asneira e tolice declarada; minha prima não tem sufficiente inergia para recusar a chave, e é capaz assim brincando de me fazer levar alguma *tapona*, de que ninguem depois me livra.

Estava fazendo estas reflexões, quando sinto um bicho, que julgo ter sido um rato, passar sobre o meu pé e para resistir a esta qualidade de vivente, é que me não senti com coragem, e principiei a descer a escada que me era inteiramente desconhecida, o que eu ia fazendo ás calculadas apalpadellas que tentava empregar, porque de mais a mais a maldita era de caracol; quanto mais descia mais sentia aproximar-se a voz de meu tio, até que enfim cheguei ao pateo; eis para mim outra nova difficuldade a vencer, sem saber se devia tomar á esquerda ou á direita. A final divisei uma pequena luz na janella do porteiro, e para lá me encaminhei, outros embaraços para que elle me puxasse o cordão sem primeiro me reconhecer. Deitei a saia do meu vestido pela cabeça e chegando-me ao pé da portinha, disse-lhe com voz de commando: *Tirez le cordon*, elle logo obedeceu. Reconheci que tinha ido bem com este imperio, porque se lhe tivesse pedido com branda voz, havia de querer ver-me a cara, e assim não poz a menor difficuldade.

Apenas saí a porta d'aquella habitação dei um prolongado suspiro, respirava livremente, pois já não temia as bofetadas e os furores de meu tio.

Uma ternura inexplicavel se apoderou de mim; depois de dar alguns passos sem destino, parei; não sabia se devia tomar á direita que ia dar aos *boulevards*, ou á esquerda que ignorava onde iria parar. Vi as pessoas que passavam, pasmarem para mim e continuei a andar, tomando pela minha esquerda, porque não via por ali nenhum *fiacre*; mais adiante deparei com um, chamei-o e fez signal de ir occupado: continuei a andar, até que vejo bri'har as lanternas de outro *fiacre* que vinha caminhando com todo o vagar devoluto, tomei animo e quando se aproximou fiz-lhe signal, e por felicidade parou.

Entrei mais morta do que viva, e disse logo para o cocheiro:

— *Double course, allez a toute bride.*

— Aonde, M.^{elle}? perguntou elle.

— A Conflans, ao Sacré-Cœur.

Ainda bem não tinha acabado de lhe responder, já os cavallos partiam a galope.

Eu ia suffocada e feria beijado as mãos a quem me tivesse dado um copo de agua, não ousei pedir ao cocheiro com receio que elle vendo que eu não levava dinheiro não quizesse ir para diante, fui supportando a minha sêde; quando chegámos ás *Portas*, puz a cabeça para o lado e adormeci.

Tinha passado o dia com tantos desgostos, que a minha consciencia me permittiu o somno para poder descansar minhas lagrimas.

Acordei quando senti parar o *fiacre*, e o cocheiro tocar a sineta do portão do Sacré-Cœur. D'ali a bocadinho veio a porte ra com a lanterna na mão ajudar-me a descer.

Ella me susteve até entrar, e apenas cheguei a casa d'ella, caí sobre uma cadeira, quasi sem sentidos; tocou logo para annunciar ás religiosas a visita, que tinha chegado, ellas já estavam a dormir, mas d'ahi a poucos instantes chegaram duas *Sœurs*, levaram-me para ao pé da superiora nos braços da qual me deitei banhada em lagrimas, e dizendo-lhe que me livrasse da minha familia; ella prometeu que sim, e tudo mais quanto concorresse para meu bem, mandou-me deitar para um quarto contiguo ao d'ella, fazendo-me tomar um calmante, porque estava com os nervos extraordinariamente agitados, uma das *damas* teve a bondade de ficar á minha cabeceira.

O meu quarto tinha duas janellas rentes que deitavam para o jardim, e parecia-me de vez em quando ver apparecer em sombras na vidraça a cara de meu tio, com os olhos inflammados, e o braço alçado com a cadeira na mão para me atirar; eu estava tão alterada que me achava n'um estado convulso, que obrigou a boa dama a vigiar-me continuamente toda a noite, como uma extremosa mãe vigia um filho enfermo; em

quanto eu recebia este santo agasalho, passava se em casa de meu tio uma revolução á minha procura: minha tia arguia seu irmão da minha morte, meu tio estava arrependido, e implicava com todos. M.^{elle} Octavie que me conhecia melhor, pretendia acalmar estes desasocegos, dizendo que eu lhe tinha participado, que ia para o *Sacré-Cœur*.

Correram logo a mandar lá, e tão sublimes cuidados da minha vida só se entregaram ás delicias de *Morpheu* quando o criado voltou, dizendo que ficassem descansados porque eu estava em Conflans.

CAPITULO XXIII

Promessa de minha tia á superiora—M.^{elle} Louise*** é mais um anjo no ceo—M.^{elle} Octavie é embaixatriz—Recebo a benção das religiosas e do meu confessor—Saio do *Sacré-Cœur*—Noémi espion, Clemence anjo—Despedida de minha familia—Havre de Grace—Mr. e M.^{me} Vi.....y—Tempestade e naufragio visto de um rochedo—Capitão Passos—Embarcamos para Portugal—Uma infeliz—Uma exaltação qualificada de loucura.

No dia seguinte minha tia acompanhada de M.^{elle} Octavie, dirigiram-se ao *Sacré-Cœur*; a superiora não quiz que eu apparecesse, e quando voltou do *salon*, me disse ella: agora, minha querida filha, ficas comigo. tua tia disse-me que eras muito exaltada, eu só lhe respondi, que as pessoas do teu temperamento não se levam por mal, mas sim pela doçura, o que ella me prometeu de fazer d'ora ávante.

Depois d'esta conversa, deu me ella um rico manto já principiado, para eu acabar de bordar a ouro; tinha-lhe dado principio M.^{elle} Louise*** que não o pôde concluir por Deus a ter chamado para junto de si. M.^{elle} Louise ganhava sempre a grande medalha de honra, e bem a merecia, tanto pelas suas virtudes, como pela bondade do seu coração.

Se as santas habitam no ceo M.^{elle} Louise*** tinha lá lugar reservado. Nunca me recordo d'ella sem sentir uma especie de amor e adoração, adoração que ella sabia inspirar a todos que a conheciam.

Fiquei por dois mezes no *Sacré-Cœur*, dois mezes de doces recordações, dois mezes de felicidade e paz de espirito! quem me diria então que um tempo tão ditoso, jámais teria a passar?!...

No fim d'estas oito semanas, era um domingo, pela volta das quatro horas da tarde, estava com M.^{me} de Bremont, a arranjar umas flores, n'uma pequena capella no meu quarto; flores que tinhamos ido colher ao jardim, quando M.^{me} de Valois entrou com uma carta na mão, d'zendo-me que a superiora estava na sala com M.^{elle} Octavie, que tinha sido a portadora d'aquella carta do meu tio. N'ella me dizia elle, que devendo M.^{me} Levillant voltar para Portugal em tres dias, voltasse eu n'aquelle mesmo dia, para principiar no seguinte as nossas visitas de despedida; e o eu querer ficar no *Sacré-Cœur* era uma asneira, visto minha tia me ter adoptado por sua filha: e eu dever ser sua herdeira.

Verti muitas lagrimas porque eu tinha formado idéa de lá ficar até ao dia do meu casamento, e a lembrança de voltar para casa de minha tia, repugnava-me.

Despedi-me de todas aquellas boas *damas*, e do meu confessor; sai d'esta casa do *Senhor* com as bençãos de todos, levando as promessas, que nunca haviam de me esquecer nas suas rezas, e serão essas sem duvida que me teem protegido nos meus dias de amargura?!... Talvez eu não tenha merecimento para Deus me livrar dos perigos, como sempre o tem feito, senão fosse no *Sacré-Cœur* implorar a sua clemencia para quem ia viver só no mundo.

Quando cheguei a casa de meu tio, tia e primas estavam constrangidos, e trataram-me como estranha, ou peor; minha prima Clemence que era quem estava ali mais sincera e franca, pegou-me na mão e levou-me

para o seu quarto; apenas tinha fechado a porta, lançámo-nos nos braços uma da outra a chorar; estaríamos assim coisa de um minuto, quando me disse ahi vem Noémi, não digas nada diante d'ella porque vem observar-nos para depois ir repetir tudo.

Effectivamente abriu a porta, e Noémi disse com seu ar *jesuitique*: que segredos são estes?... Estão fechadas!... Fez muito mal Joséphine, me disse ella, em ter ido para o *Sacré Cœur* fugida de cá!

Como principiasse a chorar, lhe disse Clemence; e tu Noémi é tambem muito feio querereres fazer de *Dama de Sermões*; o papá não lhe disse nada, e tu vens aqui de proposito para a mortificares... Noémi voltou as costas e retirou-se, seu costume quando não sabia como devesse de implicar, porque Clemence tinha mais juizo e discrição do que ella, e julgava Noémi que voltando-lhe as costas, era uma prova que lhe dava da sua superioridade.

Cinco dias que ali estive pareceram-me cinco seculos; eu estava como estranha em tudo, e por isso quando vi arranjar os bálús para a nossa partida senti o coração palpitar de alegria e satisfação.

Noémi quiz ter o cuidado de ir buscar todas as minhas musicas e romances para a *femme de chambre* não se esquecer de as metter na minha mala, não dei maior attenção a isto, só quando em Lisboa as procurei, e as não achei, é que reconheci o cuidado calculado que Noémi teve sobre ellas.

Despedimo-nos da familia na estação do caminho de ferro que nos levou ao *Havre de Grace*, aonde nos veiu esperar Mr. Vi*** correspondente ali de minha tia. Mettemo-nos na sua carruagem e partimos para sua casa aonde fomos muito bem recebidas pela sua senhora, que se não era o modelo das esposas, era infallivelmente o das amabilidades.

Minha tia foi algumas vezes com esta senhora ao theatro, e como eu preferia ficar em casa, quando teimavam para as acompanhar, dizia ella para Mr. Vi***

não faça caso, ella prefere ficar por que está com idéas de ser freira. Não é por isso, respondia eu; o motivo que me obriga a não ir, é por me sentir adoentada.

Effectivamente eu tocava na epoca critica em que passava de creança a ser mulher, estava muito envergonhada e não ousava dizel-o mesmo a minha propria tia e por isso ella não suppunha qual fosse a causa do meu incommodo, e ella imaginava isto capricho.

Estivemos perto de duas semanas no *Havre*, esperando que melhorasse o tempo que era então terrivel; n'algumas tardes mais tempestuosas, gostava eu de ir com M.^{me} Vi*** sobre o *Plange*, para olharmos com uma *longue-vue*, os navios que lutavam com o vento e as ondas para poderem entrar a barra.

Uma tarde que ali tinhamos ido, vimos espedaçar-se uma barca que bateu contra os fortes; felizmente como era mesmo na entrada, principiaram a deitar cabos, e assim pôde escapar toda a tripulação.

Depois d'este dia fiquei tão horrorizada que quando ouvia um grito, um gemido, ou um choro, figurava-se-me sempre ver aquelles olhos espantados pela afflicção, os cabellos caidos pelo rosto, e uns braços nervosos combatendo com as ondas para alcançarem salvamento. Oh! isto é horrivel! sinto gelar-se-me o sangue nas veias quando penso n'este triste espectáculo de que fui testemunha

O dia em que o Sr. Passos, capitão da *Liberdade*, veio avisar minha tia que o navio podia sair ás tres horas da tarde, e que era preciso aproveitar o tempo antes que elle mudasse, foi para mim um dia de grande alegria.

Minha tia nada mais teve a fazer do que fechar todas as malas, e despedir-se de Mr. e M.^{me} Vi***; a elle foi um adeus eterno, porque poucos mezes depois estava riscado da conta dos viventes, e ella, não sei

Achámos a bordo já todos os passageiros reunidos, e immediatamente o capitão ordenou que se levantasse ferro. Bem não tinha o navio caminhado um par de

milhas, quando já todos estavam com o enjôo do mar, eu como me sentia forte, e sem o menor incommodo, repartia-me a tratar de minha tia e d'uma Sr.^a franceza que vinha para Lisboa; todos que a viam diziam em baixa voz: é a doida!

Quando vi que a pobre Sr.^a principiava a sentir-se mal, fui obrigada a beber chá, e como olhasse para mim com um ar de agradecimento e doçura, assentei-me a seu lado, e perguntei-lhe se se sentia melhor; ella me disse:

—Sim; mas minha pobre menina, não me acredita doida, não é verdade?

—Não, lhe respondi eu, mas sim muito infeliz.

—Oh! sim, me tornou ella, apertando-me as mãos e banhada em lagrimas; minha creança soubestes-me adivinhar!

—Sim, creança, lhe repliquei, mas que sabe bem o que é o soffrimento, e o que pode n'elle consolar!

Ella conheceu que eu tinha a alma mais velha do que a physionomia, e principiou a contar-me a sua historia, que aqui não narro porque me não pertence; n'ella se deixava conhecer até que ponto de infamia podem chegar certos homens. Se similhante historia tivesse tido logar com uma mulher de energia, ella ou o homem devia deixar de existir; elle para evitar um remorso, ella para terminar um soffrimento mil vezes mais cruel do que a morte!

A pobre mulher preferiu a vida com suas lagrimas, a cruz do seu desespero e a exaltação da sua dôr ainda mais avivada quando a faziam passar por doida, quando doidos estavam aquelles que não podiam comprehender os seus martyrios.

CAPITULO XXIV

Chegamos á barra—Doce manifestação de amizade — *Tenha paciência!*—D. Emilia Pereira da Costa é sempre minha amiga—Anette—Tomo um logar vago—Esperamos Mr. Dupcy...—Condessa de L...—Sobrinha da baroneza da Ré **—Resultados do vestido de uma condessa—Minha tia quebra a promessa feita á superiora—Segunda cornuja dos *Mysterios de Paris*—Sr. Martin quer que eu não tenha energia—Soffrer tudo.... humilhar-me não—Bom irmão—Cabelleireiros e barbeiros em afflicção—Papel queimado é quasi um remedio—Minha tia é a sentinella.

Tinhamos chegado á barra e já a *visita* estava a bordo quando principiei a conhecer a mudança de minha tia, dizendo-me que procurasse a sua touca de dormir, e como a não achasse disse lhe que visse se se recordava aonde a tinha guardado, ao que ella replicou com certo tom.

—Minha tia, disse eu, talvez por engano a pozesse n'alguma caixa ou bahú.

Pobre de mim, que ainda não tinha concluido a phrase, quando senti uma bofetada retinir-me na cara. Não lhe disse nada e tive força de supportar o meu sentimento não chorando n'aquella occasião, nem depois, que ella me pudesse ver com os olhos inchados, e disse comigo, quando á entrada da barra tenho tão boas manifestações de amizade e parentesco, desembarcando terei duplicadas; principiarei a considerar M^{me} Levillant não como minha tia, mas como uma severa madrastra de bom genero

Ao desembarcar despedi-me da pobre senhora que me havia revelado todos os seus soffrimentos, com a tristeza de um medico que não pode salvar o seu doente. Sei que passados poucos mezes a tornaram a levar para França, mas então effectivamente doida.

O Sr. Alfredo Martin veio com a sua costumada alegria buscar-nos a bordo; apenas olhou para mim co-

nheceu logo que estava desconsolada; levantou os olhos para minha tia, e n'um repente encolheu os hombros, como quem me dizia: tem paciencia.

Ao entrarmos em casa fizeram-me todos grande festa, porque eram muito meus amigos e estimavam-me.

O Sr. Martin tinha-se esmerado no arranjo dos meus quartos; se tinha deixado ali os meus quartos bonitos, vim enconral-os agora com nova mobilia. A minha salinha sobretudo estava linda.

Poucos dias depois da minha volta a Lisboa, ali recebi D. Emilia B. A P. D. Costa, que sempre me mostrava a mesma sympathia.

Passei tres mezes que posso dizer feliz; verdade era que minha tia se não descuidava de me mostrar os seus *bons modos* e de ser sincera para comigo... O Sr. Martin esse não ousava fallar-me com receio de olhar para minha tia, e de lhe mostrar as sobranceiras enrugadas.

Uma historia de suspeitas aconteceu com uma costureira franceza (dos vestidos) de que resultou minha tia mandal-a tomar ares para França; (o Sr. Carlos Neuville deve recordar-se perfeitamente de M.elle Annette.. ..)

Depois d'este acontecimento M.^{me} Levailant disse-me:

—Josephina, colloca-te nos ateliers dos vestidos, e toma conta de tudo em quanto não chega a nova mestra.

Fiquei satisfeita d'estas palavras, eram as primeiras que me dirigia com agrado depois da nossa volta de Paris, eu lhe respondi:

— Com muito gosto, minha tia, mas não sei se eu saberei fazer vestidos, porque é coisa que não me ensinaram no *Sacré-Cœur*.

— Bem o sei, me respondeu ella, mas estou tambem sciente que tu fazes tudo quanto queres.

Dei-lhe um beijo e fui para a casa dos vestidos.

Deram-me logo alguns para cortar; a rapariga que os ia provar, que era portugueza, e se chamava Ger-

trudes, dizia-me sempre quando vinha de cumprir a sua missão:

—A M.^{me} está muito contente, porque não tem emendas a fazer.

Eu ficava tão satisfeita com isto, como se me tivessem dito que tinha conquistado a Criméa, até que meu irmão me disse uma vez:

—Então tu queres-te fazer costureira?

—Sim, lhe respondi, porque uma rainha também se pode tornar pastora.

Depois d'isto quando elle me tornava a dizer alguma coisa, achava mais prudente não lhe dar resposta.

Por este tempo recebi duas cartas do Rio em que me annunciavam a chegada de Mr. Dupey*** mais breve do que elle me tinha promettido.

A esperança que me dava esta idéa, fazia-me suportar muitos momentos de desesperação, principalmente quando teve logar uma certa scena que me fez dizer: o que pode um vestido, assim como a bordo tinha dito, o que pode uma touca'....

Minha tia tinha trazido um rico vestido de seda, dizendo-me que a Sr.^a condessa de L*** o viria provar no dia seguinte. Perguntei-lhe se tinha algumas explicações, respondeu que não.

Fiz a Gertrudes procurar os moldes da condessa, e cortei immediatamente o vestido.

No dia seguinte quando disseram que se fosse provar o corpo, peguei n'elle e desci muito satisfeita, porque a condessa de L*** parecia gostar muito de mim, e eu a estimava muito porque era uma senhora que apesar de ter filhas mais velhas do que eu, sempre estava alegre, e sempre tinha alguma palavra meiga para me dirigir, conversando muitas vezes sobre o *Sacré-Cœur*, porque um dia que ella se juntou em casa de M.^{me} Levailant, com a sobrinha da baroneza de R*** que tinha vindo do *Sacré-Cœur*, da rua de Varennes, soube que eu também havia sido educada no *Sacré-Cœur*.

Provei com effeito o vestido á condessa, que me disse reparando n'elle:

—Oh! menina, que se enganou! eu tinha pedido o vestido a fio direito adiante, e elle está enviusado.

—D'isso não tenho eu culpa, minha senhora, lhe respondi, porque não me explicaram

Minha tia que me ouviu pronunciar estas palavras, chegou-se para mim já toda inflammada, e me disse em francez:

—És uma mentirosa, eu expliquei-lhe tudo

—Peço perdão minha tia; lhe repliquei, eu, porque se me tivessem feito observações, eu teria cortado á vontade da senhora condessa.

Antes de acabar de dizer isto, já via minha tia sufocar-se; principiei silenciosamente a tirar o vestido, quando as lagrimas principiam a deslisarem-se-me pelo rosto, ao que minha tia observando chamou me tola e outras coisas mais...

Não podendo já resistir a tão civilizadas finezas, peguei no corpo do vestido que tinha na mão, e o puz em cima da mesa, fiz uma cortezia á condessa e fui-me embora. Minha tia como pasmada para mim, deixou-me ir sem me dizer uma só palavra, mas ia apenas no corredor quando lhe sinto os passos; volto-me e vejo-a correr com toda a ira sobre mim, e dizer-me com voz tremula:

—Aonde vae?!

—Eu vou para o meu quarto, porque não sendo educada com grosseria, não me é possível habituar-me a ella.

Ainda bem não tinha acabado a ultima palavra, quando a sinto agarrar-me pelos cabellos, e como eu já tinha subido dois ou tres degraus, deitou-me d elles abaixo, principiando á bofetada a mim e aos empurrões, e deu-me um tão violento no peito, que me fez soffrer bastante e não consegui senão dizer:

—Aii! quem me acode!

Ouvindo ella isto, deu-me mais, de sorte que as

criadas e costureiras que me tinham ouvido pedir socorro, levantaram-se para me acudir de semelhantes furores, como ellas o disseram, e quando conseguiram tirar-me das mãos de minha tia já me não podia sustener nem estancar o sangue que me caía do nariz.

Gertrudes e sua irmã levaram-me para a cama onde me deitaram exausta de forças, e tão atordoada que me parecia estar lutando n'um sonho aonde o diabo me perseguia.

Diga agora o leitor imparcial se isto não era uma similitude de *Coruja* e *Flor de Maria* (Mysterios de Paris) que apparecia inesperadamente no *palais de modes* da rua de S. Francisco?

Quando o Sr. Martin veio de fora, e lhe contaram a graciosa bondade de M.^{me} Levaillant, immediatamente subiu ao meu quarto, e quando me viu assim, repentinamente um turbilhão de lagrimas lhe saltaram dos olhos, e pegando-me na mão em tom de piedoso sentimento, disse:—Pobre Josephina!.. Depois d'isto bem sabes, minha filha, que se torna necessario tomares uma decisão, pede perdão a tua tia, minha boa Josephina, e asseguro-te que d'aqui a tres mezes serás feliz.

—Perdão, lhe disse eu, quando estou innocente?! A minha consciencia de nada me accusa, senão de ter dado a minha tia uma resposta desafogada, do meu sentimento exaltado pelos seus insultos Perdão! perdão, quando M.^{me} Levaillant se esquece para mim do seu titulo de tia e até de mãe como m'ò havia promettido, para me maltratar d'este modo? Aonde está a sua dignidade de senhora, esbofeteando-me como qualquer regateira? Seria isto porque eu não posso fazer *laia* com os sentimentos varios e desatinados?! Oh! isso não farei eu, Sr. Martin, estou resolvida a tudo, tudo, mas nunca a abaixar-me a minha tia. Isto que me podem tomar por soberba, é porque me acho offendida gravemente. Se me perseguissem os remorsos de ter sido culpada, não recusaria humilhar-me e pedir-lhe perdão, mas assim, nunca, Sr. Martin.

—Tens razão, Josephina, me disse elle, mas vaes soffrer muito! ...

—É verdade, Sr. Martin, irei soffrer muito, mas que importa. Aqui terão a victima resignada, venham os algozes sacrificar-a, venham que a acham tranquilla a soffrer as torturas que lhe destinarem; mas o que não conseguirão é que me abaixe a quem não sabe comprehender o sentimento delicado de um coração!... Se não prezarem este meu pensar, prezarão talvez o vilipendio que se não resente, ou o perpetuo descaramento que se torna mais repugnante e tedioso ao proprio que o recebe em troco da sua reprehensão.

O Sr. Martin deixou-me desesperado por ver que não podia conseguir de mim uma acção que inteiramente me repugnava, mas que o meu futuro reclamava.

Tres ou quatro horas depois do Sr. Martin me ter deixado, veiu meu irmão Carlos, e como verti muitas lagrimas durante a conversação que tive com elle, e isto me originasse umas fortes dôres de cabeça, tinha-me recostado e posto um lenço molhado em agua e vinagre na cabeça; meu irmão vendo-me assim, sentou-se aos pés da cama dizendo-me:

—Pareces uma velha, se Mr. Dupey*** te visse...

E principiou a rir-se sem poder acabar o que ia dizer.

—E tu, covarde, lhe respondi, pareces vir insultar com esse riso tua irmã no leito onde ella soffre e chora.

—Tu soffres e choras, replicou elle, porque assim o queres; pede perdão a tua tia da resposta que lhe deste; ella tem uma *pancada* muito forte, mas passa-lhe depressa. Ora da-lhe um beijo, e vê se d'ahi a dez minutos, ella e tu se lembram de alguma coisa.

—Dize o que quizeres, lhe tornei eu; pois que não és mais que um tolo; tu bem sabes que eu ainda que se passassem annos, me não esqueceria do que ella me disse e me fez; eu tenho vergonha na cara, e sentimentos no coração. Queres que peça perdão a minha tia? Pois digo-te positivamente que não quero, porque não

fiz mal algum, e estou decidida a não praticar uma acção de covarde humildade.

— Mas creança, tornou elle, pensa que é o teu futuro que estás a jogar, e que infallivelmente o has de perder.

— Por esse lado, lhe respondi eu, menos me decides ainda, porque estás sciante que eu por fortuna não commetto uma vilania; e de mais Carlos, deixa-me socegada porque estou realmente com muitas dôres de cabeça.

Principiou então a dizer mil asneiras, umas mais estupidas do que outras, ao que eu mais zangada respondi:

— Tudo isso é bom e até proprio para tu ouvires; não tens barba, e cara sem barba é typo sem vergonha.

Elle levantou-se desesperado, e eu muito tranquilla voltei-me para o lado da parede sem lhe dar nem mais uma palavra.

D'esse dia em diante não havia coisa alguma que elle não pozesse na cara para lhe nascer barba; andava continuamente pelos barbeiros e cabelleireiros, e muitas vezes eu ia dar com elle no seu quarto com um papel torcido e acceso, a queimar o logar da pera e do bigode, porque um dos caixeiros para o desfructar tinha-lhe dito que assim lhe cresceria a barba que elle tanto desejava.

Como Carlos viu que não podia conseguir abater-me, retirou-se do meu quarto, aonde tornei a ficar só, sem saber o que seria de mim.

Dez minutos se haviam passado, quando minha tia me mandou dizer que me decidisse a pedir-lhe perdão, quando não que me mandaria immediatamente para meu pae.

Como não dei resposta a tão obrigativo e arrogante mandamento, deixaram-me em santa paz por tres dias. Tres dias que fiquei sem uma só pessoa que me desse uma palavra, sem ver senão minha tia que vinha às horas do almoço e do jantar, e quando vinha a criada

fazer o serviço indispensavel, pôr-se de sentinella escostada á hobreira da porta, de maneira que eu estava como uma prisioneira, mas essas ao menos dizem-lhe o seu crime, e a mim não me davam explicações. Sabia-se que era um capricho de M.^{me} Levailant, e diante de um genio tão *excentrico* todos abaixavam a cabeça sem ousarem sequer murmurar!

Oh! eu chorei bastante diante de um ente que possuia um coração de insensibilidade; se elle fosse susceptivel de se resentir de alguma compaixão, mover-se-hia na presença do soffrimento de uma joven sem mãe, sem pae, sem mais parentes ou amigas em quem se pudesse confiar; só entregue ás suas bondades, aos carinhos d'ella, irmã de minha mãe!!! Oh! e aquelle coração não se saciava de prazer senão quando me fazia chorar! não sentia felicidade senão quando com os seus sardonicos risos augmentava um vivo e profundo sentimento! Meu Deus! quanto passei de amargura n'essa casa! se n'ella eu tivesse commettido alguma falta a justiça divina me perdoaria pelo que soffri! e nunca ousei blasphemar ou lançar maldição sobre aquella casa infernal.

Uma creatura por muita estudada maldade, ou por muita bondade de coração, n'este singular extremo perde muito na sociedade; a maldade arruina esta mesma; a bondade demasiada torna-se lhe nociva e até perigosa ao possuidor de tal dote mal estimado e comprehendido.

CAPITULO XXV

O governador civil está informado—Justiça—Interrogação—Combate entre a religião e os laços do sangue—Eu accusada de envenenada—Tiram-me de casa de minha tia—Família Armand—Um casamento salva-me da coruja—Caro vestuario—Folhas caídas—Estou casada—Desespero—Entro na minha casa—Franca explicação—Aos quinze annos um cãozinho e uma boneca fazem esquecer tudo—Sr. Alfredo Martin pede-me perdão.

Não sei ainda, apesar de se terem passado alguns annos, quem foi que teve a feliz lembrança, inspirada talvez pela compaixão, de por escripto relatar ao governador civil o que se havia passado comigo em casa de minha tia.

Tal foi a impressão que infundiram as palavras que continha esta caridosa carta, que no dia seguinte inesperadamente me vieram abrir a porta do meu quarto, e me fizeram descer dizendo que eu ia ser interrogada perante as autoridades, mas que não dissesse que minha tia me havia batido, quando não ella ao depois com a sua raiva seria capaz de me matar.

Senti-me toda tremula e quasi sem forças para dar um passo, tudo me era tão extraordinario e singular, que me espantava, e ainda mais quando me fizeram entrar n'uma sala (casa que ha apenas um anno que M.^{mo} Levillant a elevou ás honras d'este titulo, é ao entrar da cancella á mão esquerda, as duas ultimas janellas do lado da rua de S. Francisco). Eis que deparo com oito ou dez homens, uns de pé, outros sentados, todos dirigiram a vista para mim; corei logo e abaixei os olhos, sentindo o peito tão opprimido, que apesar do meu coração parecer estalar pela forte violencia com que batia, julguei que este movimento viria a cessar, e que eu caisse desmaiada; mas o meu anjo da guarda velava por

mim, reanimava-me as forças, alentava-me o espirito, e pude conseguir chegar até junto da meza aonde estava um homem que escrevia; ao encostar-me a ella para poder sustentar de pé o corpo que minhas fracas pernas renunciavam sustentar, foi tal o balanço que dei na mesa, que o papel em que se estava escrevendo ficou riscado, e o escrevente levantou a cabeça para olhar para mim: a desmaiada côr do meu rosto, as olheiras que circundavam meus olhos pizados pelo pranto que tinha vertido, as minhas lagrimas que a custo pretendia conter lhe fizeram compaixão; o meu coração sentia reconhecimento por aquelles olhares de dó de pessoas que não me conheciam, e que apesar de não serem individuos *distingués*, avaliavam qual era o meu soffrimento.

Oh! M.^{me} Levailant, M.^{me} Levailant, quanto eu soffri n'esse dia.

Ha muito tempo que lhe perdoei, e este perdão da-
tou d'esse mesmo dia, resta-lhe o de Deus!...

Um sujeito que parecia o principal de toda aquella gente, ve u sentar se perto da mesa, e principiou a dizer-me:

— Deve declarar toda a verdade, menina.

— Educada no *Sacré-Cœur*, lhe respondi, não aprendi a mentir.

— M.^{me} Levailant, perguntou elle, bateu-lhe muito?

Quando elle me dirigiu esta pergunta, senti em mim uma luta violenta: ou devia mentir, o que já tinha prometido não fazer; ou devia accusar a irmã de minha infeliz mãe, que me faltava no mundo para com seu braço materno me desviar de todos esses acontecimentos de graves resultados: a religião pôde mais que a ligação de familia, e eu respondi:

— É verdade! mas M.^{me} Levailant tendo-me adoptado por sua filha, estava no seu direito.

— Pode ser, respondeu elle, mas calca-a aos pés e fazer-lhe a cara n'esse estado é que não! Ora diga, diga

com franqueza, deu-lhe muito? Responda, não tenha medo porque está debaixo da nossa protecção.

— Oh. sim. respondi eu. suffocada em choro, e querendo remediar este allivio da minha dôr, continuei: Minha tia é para bem dizer minha mãe, e não admira que ella me castigue.

M.^{me} Levailant não querendo supportar a idéa de eu a desculpar, não cedendo a este orgulho, levantou-se do canapé com uma furia, que até os folhos da sua touca se voltaram para traz, e disse:

— É verdade, eu dei-lhe, mas ella quer envenenar-me para ficar com a minha fortuna!

Ouvindo proferir estas palavras fiquei como inerte, depois tomei coragem, levantei-me da minha cadeira, e voltei-me para o principa! dos que ali estavam, e lhe disse:

— Ouvindo o senhor similhante accusação, deve comprehender que eu não posso ficar mais aqui ...

Senti-me agoniada, e caí sobre a cadeira mais morta do que viva. Elle com os olhos compadecidos, disse-me:

— Esteja descansada, está debaixo da nossa protecção, e nós havemos leval-a d'esta casa.

M.^{me} Levailant, cheia de raiva e furor, soltou tremendas arguições, porque julgou que eu é que tinha combinado tudo para virem a sua casa salvarem das suas pancadás.

Pobre creança que eu era! não comprehendia coisa alguma, e fiquei bem desconsolada d'aquella triste e vergonhosa scena.

Quando a criada veio trazer-me um chale e um chapéo, observou bem a tremura, o susto e a magoa em que eu estava, e de que maneira minha alma recebia todos estes golpes.

Quando me lembrava que minha tia, que me havia adoptado por sua filha, era a causa das minhas lagrimas e de todos os soffrimentos que me podessem succeder, palpitava meu coração de alegria pois deixava uma casa aonde ninguem, excepto o Sr. Martin, comprehendia o

poder de sentimentos delicados que na habitação de M.^{me} Levillant nunca podiam ter entrada nem acceitação.

Estas reflexões que fazia comigo punham-me n'um estado nervoso que me tornava como insensivel. Por isso quando aquelle bom velho, que me interrogava e que olhára para mim verdadeiramente commovido, me offereceu o braço, agarrei-me a elle como a uma taboa de salvação! Levou-me depressa para fora da sala para me evitar de ouvir as palavras de um ente desatinado que fazia lançar sobre mim, pobre rapariga, todos os furores da sua colera, que o bom velho comparava á ovelha nas garras do abutre esfaimado, ou como outro qualquer observador, a pobre *Fl r de Maria* entregue aos rigores da *Coruja dos Mystérios de Paris*.

O Sr. Martin veiu collocar-se junto á cancella, dizendo-me:

—Josephina, não saias, humilha-te a tua tia, e fica ..

—Não, não, Sr. Martin, respondi eu, já é tarde, n'esta casa jámais viverei!

Continuei a descer a escada, e bem me custou a recusar este pedido ao bom Sr Martin.

No *Sacré-Cœur* sempre me diziam que era dotada de sentimentos, e eu para ficar n'aquella habitação da rua de S. Francisco, casa tediosa e de engraçados mysterios, era necessario que fosse caracterisada de uma qualidade vil e misera el!...

Conduziram-me para a rua nova do Almada, onde era a casa de Mr. e M.^{me} Armand Martin; esta senhora ao ver-me acompanhada por tanta gente, ficou espantadissima; entrei com ella na sala, e nos sentámos juntas, encostando minha cabeça aos seus hombros, para poder supportar o peso que já não podia suster.

Ao acabar de lhe narrarem tudo, disse ella:

—Era de esperar, porque de M.^{me} Levillant nada admira!...

M.^{me} Armand voltando-se para mim, continuou:

—Não quero que a minha amiguinha chore; deve

consolar-se porque eu farei tudo para lhe merecer o titulo de boa mãe.

Estas palavras fortificaram-me o pouco animo que me restava e fui adquirindo coragem; julgava que n'ella teria uma amiga! Meu Deus! quem me diria que ella havia de contribuir para a minha infelicidade?!

M.^{me} Armand! M.^{me} Armand, para que a conheci eu?! para a minha vida não ser depois d'essa epoca senão desespero e soffrimentos! para amaldiçoar o dia em que me abriu as portas de sua casa! para eu acabar por desprezal-! por desprezal-a sim, porque me havia dito que era minha amiga, para me atraiçoar, promettendo-me até o extremo materno!!!

Um dia me di se M.^{me} Suzanne Armand Martin que não tinha outro partido a tomar senão o de pedir perdão a minha tia, ou o de me casar.

Respondi que visto não quererem que eu esperasse pelo Sr. Dupey***, me deixassem entrar para um convento.

Então ella com a hypocrisia e falsidade de um Judas me disse que lhe entregasse o meu futuro, e me faria feliz.

Eu pobre inexperiente acreditei todas as suas palavras, e dei-lhe o consentimento que me pediu para fazer-me um ditoso consorcio.

Fez-me querer que por este meio me veria para sempre livre de minha tia, e que a pessoa que tinha em vistas, era um francez senhor em Paris de uma boa fortuna, mas que por se ter namorado de uma *ecuyerè do cirque de Paris*, tinha vindo para Portugal atraz d'ella, e como sua familia lhe não quiz dar nada para esta extravagancia, tinha entrado n'essa direcção.

Fui credula em tudo isto, e dei o meu consentimento.

Este senhor que M.^{me} Armand me destinou, deu-lhe a quantia de seis mil francos para os preparativos, vestuario para o casamento e mais roupas que necessitava, visto que M.^{me} Levillant guardara todo o enxoval

que eu já trazia do Rio, mas o que de tudo isto me fez mais pena foi ella ter-me tirado uma caixa carteira que eu estimava muito

Mr. Armand Martin que devia ser meu padrinho, foi quem tratou dos papeis, e sua esposa que devia tambem ser minha madrinha, e devia comprar os mais objectos, entre os quaes um vestido para mim de *gros d'Afrique* branco que importou em trinta e oito moedas, um veo de renda de vinte e cinco moedas, uma corôa de cinco moedas e um ramo para o peito de tres moedas, estes preços parecem extraordinarios, mas M.^{me} Armand comprou estes objectos em casa de M.^{me} Levillant, esta que depois do meu casamento blasphemavad'elle, foi a propria que os vendeu por tão razoaveis quantias, sabendo positivamente que eu ia ser infeliz!

M.^{me} Levillant prestou-se a deixar contractar este consorcio, promettendo a M.^{me} Armand cem mil réis no dia em que elle se concluisse!

E não só isto! aquelles mesmos objectos d'ali saídos iam sellar a minha desgraça, e por isso os vendera por dobrado valor!

Era M.^{me} Levillant, ella que prodigalisava tão puros favores á filha de sua irmã!...

Assim que despontou esse dia de liberdade, quanto fatal para mim, veio M.^{me} Armand sentar se sobre minha cama, acordando-me com um beijo, e dizendo:

— Já se vê o sol que illumina todo o horizonte, começa a raiar o dia de liberdade para a minha cara amiguinha.

Traidora que ella era! ... enganar assim a innocencia de uma pobre creança com palavras tão doces como falsas! não direi mais nada sobre esta mulher, Deus castigou-a bem!

Ella é que me quiz vestir, e vendo as lagrimas que no maior silencio se me deslizavam pelas faces, e que revelavam a oppressão que sentia no peito, não se comoveu! vendo que ia a esse casamento sacrificada, não teve dó!! nada podia tocar aquelle coração *blasé!!!*

Quando o cabelleireiro veio para me pentear, pôr a corôa e o veo nupcial, estava tão pallida, que M.^{me} Armand não tendo sentimentos nem compaixão, chegou-se para mim dizendo-me palavras de coragem e de esperança; ajudou-me a sentar, e dava sua opinião sobre os figurinos; eu não levantei os olhos para o espelho senão quando ouvir dizer:

— *C'est fini.*

Olhei então; eu estava da côr do meu vestuario, e disse comigo mesma: pareço mais uma defunta que lhe acabaram de comprar a *toilette* (mortalha) para o enterro, do que uma noiva que espera a sua felicidade! E como não havia de ser isto assim, se eu ia como para um sacrificio, mas um sacrificio que me conservava a vida, porque se eu tivesse ficado em casa de M.^{me} Levaillant mais alguns mezes, ter-me-hia suicidado n'um momento de desesperação em que continuamente me precipitavam! Oh! quanto devo a Deus ter-me salvado de semelhante casa!....

Quando entrámos na sala todos se calaram como por encanto; o proprio que ia ser meu marido não me dirigiu nem uma palavra, conheceu que eu estava tão insensivel como aterrada! M.^{me} Armand Martin que percebeu o martyrio que infundia os minutos que retardavam o hymeneo, disse para as testemunhas:

— Vamos, vamos depressa, que estão á nossa espera.

Quando saí a porta da saleta, umas vizinhas de M.^{me} Armand me esperavam, e inundaram de folhas de rosas, que o contemplal-as assim caídas a meus pés, considerava-as com symbolo de uma esperança desfolhada e quasi fenecida.

Entre estas vizinhas havia uma rapariga bonitinha, e a quem um certo signal lhe dava muita graça.

N'esse tempo, coitadinha, nem se sabia vestir, pois que a cada instante ia a casa de M.^{me} Armand pedir-lhe os seus conselhos, os moldes, figurinos, etc.

Esta rapariguinha tinha estudado no conservatorio, mas depois que principiou a namorar um certo rapazote, resolveu-se a aprender em casa. Essas lições fizeram um tal progresso, que em pouco tempo o padrinho da rapariga achou-a bastante adiantada para lho pôr uma casa, e fazer-lhe o casamento com o seu apaixonado.

Casaram-se, e o marido principiou logo a pular, a trepar, a marinhar, e sente-se tão ufano, coitado, que nem um peru em vespas de Natal.

Como ella tinha marido, (quero dizer capote, porque o que é o capote? é o que encobre, logo o marido é considerado o *salva apparencias!*) não temendo o frio de tão rigorosa estação, principiou a contar no seu thermometro o grau de calor e de frio de differentes nações.

Houve tempo em que se apaixonou pela temperatura da *China ingleza*; de repente mudou de gosto, e só quiz a portugueza, bem portugueza, portugueza na gemma! Teve a felicidade de contar logo no seu laboratorio com o barometro de alguns condes.... que gloria para o marido!! receber em sua casa os senhores condes!!! comprimentar amigavelmente os senhores fidalgos!!! a esses illustres personagens!!! ser convidado para os seus concertos e soirées!!! que gloria! que honra! que prazer!

E a sociedade recebe este par em toda a parte; a aristocracia abre-lhe as portas dos seus esplendidos salões... não só porque esta esposa é bonita, engraçada, e canta bem! mas porque tem um marido, um capote, esse apreciavel salvador das apparencias!!!

Eis a sociedade!

.....

Descendo os degraus d'aquella escada, meu coração já apenas podia esforçar um movimento, custava-me a respirar, as debeis forças que me restavam iam-me abandonando; em tão triste estado um feroz carrasco

teria tido dó de mim, mas n'este acompanhamento ninguém ia que se importasse com as minhas lagrimas, quem avaliasse o meu soffrimento, quem comprehendesse a repugnancia que me causava o acto solemne que me ia ligar a um homem de quem desconhecia as qualidades e intenções. Havia entre os interessados d'este consorcio um vivo jogo de especialidades, uma apaixonada luta de interesses, esperanças de um dote, e os resultados d'elle!

Aguardava-se em conclusão a esperança da recompensa promettida; se me fizessem contrahir este casamento! esperança de fazer recair sobre outras cabeças a fortuna que me tinha sido promettida na occasião da morte de minha mãe! esperança de vingarem poderosamente o meu orgulho, de não querer abaixar-me a M.^{me} Levillant.

Fizeram-me conduzir a um sitio muito distante, a que denominaram *o casamento civil*, subi as escadas de uma grande casa e diante de uns homens vestidos de preto, fizeram-me assignar o meu nome n'um papel ou n'um livro, o que não posso affirmar, porque fiz tudo machinalmente, sem prestar attenção alguma, pois a minha imaginação preocupada não me dava logar a reflectir sobre o que fazia. Concluido isto levaram-me para a egreja dos Martyres, aonde foram obrigados a suster-me, pois me sentia exausta de forças. A egreja estava só porque se abriram as portas á nossa chegada; já estava tudo illum nado. Depois da cerimonia dos aneis de alliança, encaminhámo-nos para o altar-mór; em quanto o padre proferiu as palavras do matrimonio, meu coração parecia esmagado de um pezadello horri-vel, e estive a ponto de soltar um dilatado ail de dizer ao padre, ao ministro de Deus, que ia ali sacrificada por não poder permanecer em casa de M.^{me} Levillant, que tinha abusado da minha situação para fazer contrahir esse casamento, que eu não acceitava senão como um meio de me ver livre das pancadas e maus tratos de minha tia, mas que ali dentro da casa do Todo Poderoso lhe

pedia que me salvasse porque ia tornar-me infeliz, e que me collocava debaixo da sua protecção abençoada! .. Mas o orgulho, o orgulho que foi sempre causa de todas as minhas desgraças, tornou-me muda e immovel como uma estatua. Assim se concluiu a união em que me tinham promettido descanso, e que se n'ella não encontrava grande fortuna ou felicidade, tinha ganho a paz e o socego do espirito.

Quando me voltei para sair, grande calor senti subir-me ao rosto, que de certo m'ò havia tornar vermelho, vendo tanta gente na egreja, que tinha entrado por curiosidade. Desejava voltar com a madrinha, porém Mr. Armand Martin disse-me que isso era impossivel, e tive que regressar para casa só no trem com um homem que se dizia meu marido, sem ao menos ter consultado os meus sentimentos.

Elle ia tão afflicto por observar a minha frieza de marmore, que me não disse uma unica palavra, e que em todo o espaço do caminho não trocámos um olhar! um signal, um movimento, não denunciava o sacrificio de duas existencias?!

Mr. Armand Martin deu-me a mão para me apear, mas apenas tinha avançado dez passos senti-me suffocada, e os soluços e as lagrimas pareciam devorar-me o peito. Todos que estavam presentes lançaram-me um olhar de compaixão, mas como em quasi todas as coisas do mundo era já tarde!....

Ao jantar só assistiram as pessoas de maior intimidade da familia Armand; porém, á noite houve uma soirée, aonde se ajuntou grande numero de pessoas.

Desde que o padre me tinha posto a alliança no dedo, havia-me tornado insensivel, quasi sem existencia porque não sabia bem, o que fazia nem tampouco o que dizia, foi só depois de todos se retirarem, e que M.^{me} Armand veio ao meu quarto para me despir, empregando palavras em que me fazia conhecer a enormidade do meu sacrificio, que n'um momento de desesperação arranquei o ramo virginal do peito, e o atirei aos pés

d'aquella mulher que acabava de me fazer perder os meus direitos, e que se tinha vendido para m'os arrancar a troco da minha propria desgraça, e n'um impeto de allucinação e de colera ousei proferir algumas blasphemias!... Oh! mas ellas eram perdoaveis pela espinhosa corôa do sacrificio!....

Passados oito dias levou-me meu marido para sua casa; ali respirei, porque em casa de M.^{me} Armand, em todo esse tempo não pronunciei uma duzia de palavras, tal era a minha indifferença e timidez!.... Não havia porém coisa alguma que não fizessem para me alegrar; theatros, passeios a cavallo fóra da terra, nada d'isto me fazia trocar a amargura concentrada que me dominava por um simples sorriso, ainda que contrafeito.

Ao entrar com Mr. e M.^{me} Armand na casa que meu marido tinha destinado para habitarmos, me disse elle:

—De hoje em diante é dona d'esta casa.

Abaixei a cabeça em signal de agradecimento.

Depois de Mr. e M.^{me} Armand sairem, meu marido veio ao gabinete aonde eu tinha ficado, e sentando-se ao meu lado n'um sophá, pegou-me na mão, dizendo-me:

—Porque está tão triste? Não sabe que isso me faz soffrer demasiadamente?!... Não lhe prometti eu, e não lh'o juro agora mesmo aqui a seus pés, de a tornar feliz?! Serei d'ora ávante a sua familia já que por sorte lhe coube uma que só lhe originou soffrimentos! que venham agora que eu os affrontarei! venham que receberei tudo quanto lhe fôr dirigido, porque só quero que seja feliz!... Não chore, que me mortifica muito... A paixão cega-me.. perdão, perdão! mas eu tambem soffro..

—Escute-me pois, lhe disse eu então: somos duas pessoas de coragem; eu tenho sufficiente resignação e fé em Deus, para saber supportar o peso da minha cruz; agradeço os sentimentos que diz sentir por mim, cumprirei religiosamente os deveres de uma esposa, mas corresponder ao seu amor, amor que só nasce n'alma quando é verdadeiro, não posso!

—Oh! não me diga isso, replicou elle; o meu amor será tão verdadeiro como cheio de sinceridade: mas diga, diga, que um dia ainda me poderá amar!...

—Perdão lhe tudo, lhe disse eu, mas nunca me heide esquecer que abusou indignamente da confiança de uma creança que ainda não conta quinze annos!... Pedir-me o meu coração é inutil; apagou-lhe a esperança pouco viva que já lhe restava, tornou-m'o inerte, não deve ousar reclamar-o! elle está frio, e frio ficará sempre. O senhor tem-se portado bem em algumas coisas, não o nego, assim como tambem lhe digo, que nunca lhe heide dar motivo de se queixar de mim... isto não é para merecer a sua approvação nem elogios, é porque o requer o meu dever.

Meu marido levantou-se e saiu da sala; pouco depois senti-o descer a escada; chamei uma criada e pedi-lhe que me trouxesse um copo de agua com flor de laranja, e o meu lindo *mylord*, um cãesinho inglez que fazia os meus encantos, e já cheia de alegria, fui vestir a minha boneca, dando-a depois á criada para a guardar n'um armario, e assentei-me ao piano por duas ou tres horas.

Que feliz e venturoso é na verdade o tempo em que um cão, uma boneca e um piano, pode transtornar as preocupações e soffrimentos da vida! feliz tempo em que um piano nos faz esquecer tudo.

Passados alguns dias depois do meu casamento, veio o sr. Alfredo Martin a minha casa pedir-me que lhe perdoasse por ter contribuido, apezar de involuntariamente, para a minha desgraça.

—Julguei que seria o meu socego, Sr. Martin, lhe respondi eu em certo tom, e vem dizer-me que é a minha desgraça!... Se julgam isso, porque deixaram contrahir esse casamento?... Não importa, meu marido jurou de nunca me dar motivos de arrependimento, e como d'aqui a quinze dias talvez já não estejamos em Lisboa, serei feliz porque tenho gênio para por mim mesmo o ser.

Effectivamente quatorze dias depois iamos no paquete para Southampton.

CAPITULO XXVI

Deixamos Lisboa — Oito dias em Londres — Estamos em Paris —
Minha sogra — De que nação serei eu? — Já não sou rainha, nem
princeza, nem diabo, sou *un bijou* — O nariz retorcido, e o
queixo arribitado de minha sogra, faz-me lembrar a coruja —
Meu sogro — Mr. Joly da-me um conselho — Meu marido parte
para a Austria — Mr. e M.^{me} Rodin — M.^{elle} Julia — Annos da ir-
mã de minha sogra — Aos oito annos fugi de uma cabeça de
burro, aos dez fujo de um phantasma, aos quinze quero fugir
do desespero — O que eu vi quando cheguei ao *Pont de Henri IV*
— Meu sogro e seu cunhado á minha procura — Carta d'Austria.

Durante esta viagem não me levantei um só instante,
em consequencia de ter passado muito incommodada.

Ao desembarque fomos para o hotel aonde eu já
tinha estado com minha tia, e aonde me receberam
com a maior cordealidade possível.

No dia seguinte meu marido, querendo fazer-me uma
agradavel surpresa, apresentou-me a chave de um cama-
rote para o theatro; ficando-lhe grata á sua intenção
recusei porque estava realmente doente; e só passadas
tres semanas é que pudemos seguir a viagem para Paris.

Haviamo-nos demorado oito dias em Londres a ver
tudo que se pode ver em oito dias! a minha curiosidade
não estava excitada porque já tinha visto tudo com M.^{me}
Levaillant.

D'ahi embarcámos para o Havre d'onde eu quiz par-
tir immediatamente porque não gostava de estar n'uma
cidade immunda e marujenta.

Chegámos a Paris ás dez horas da noite; estava eu
muito bem descansada sentada ao pé do fogão da sala
da espera, em quanto meu marido olhava pela bagagem,
e assim se passaram perto de tres horas quando o vejo
caminhar para mim de braço dado com um velho, e
este me disse;

—Seja bem vinda a Paris, em casa da sua nova familia, que fará tudo para se fazer querida de vós.

Em signal de agradecimento dei-lhe a minha mão, sem poder proferir palavra; depois d'isto subimos para um trem que em poucos instantes nos levou a sua casa, perto dos boulevards *des Italiens*.

Ao entrarmos ouvi o porteiro dizer:

—É a portugueza.

Logo depois em seguida a mulher d'elle duvidosa replicar:

—Não, ella é brazileira.

E a filha responder:

—Disseram-me que era *creoula*.

Ouvi qualificar-me de tantas maneiras que não pude deixar de rir e de voltar para as tagarellantes e de lhes dizer:

—Não sou de nenhuma d'essas nações, mas sou um pouco de cada uma.

Riram-se muito e eu fiquei com a nova qualificação de *bijou*, dizendo d'este dia em diante a vizinhança: M.^{me} é uma joia, falla, ri-se comnosco, sem nenhuma soberba, etc.

Minha sogra que nos esperava com todo o ceremonial na sua sala, não deu nem um passo ao encontro de seu filho; este correu a abraçal-a, e eu estando de braço dado com meu sogro, observei com todo o meu vagar sua mulher; esta recepção não me agradou nada, e muito menos quando ao pé d'ella lhe vi bem as feições e principalmente o seu nariz retorcido e queixo arribitado, beiços estreitinhos e sempre cerrados, olhos pardos sem franqueza, palavras pronunciadas e sem significação podendo-se entender de duas maneiras, movimentos *quindés*, e eis aqui um verdadeiro esboço da sua figura. Em quanto a seu marido, havia servido na guerra de *Napoleon*, debaixo do dominio d'este contra a Russia; ferido em Moscow, teve de dar baixa. Era um verdadeiro militar, que expunha sempre com graça as suas idéas simples e claras.

A mulher esposa d'este bom velho apenas me viu fixou em mim os seus olhos pardos e incertos, e disse-me:

—Meu filho casou-se sem meu consentimento; prometteram-lhe trezentos e sesenta mil francos, e não lhe deram nada, e guardaram o seu proprio fato! Podem contar que da minha parte nunca hãode ver nem *um sou*.

O bom velho ia a replicar, quando ella disse com voz *arrogante*:

—O senhor cale-se, quem manda sou eu.

Voltou-nos as costas, foi pôr o seu chale e chapeo, e saiu dizendo que ia ao theatro com sua irmã que estava à sua espera havia mais de tres horas.

Eu estava tão estupefacta de tudo quanto via e ouvia, que depois de sentir fechar as portas, e de observar que meu sogro me fazia sentar a seu lado, é que eu reconheci a verdade da minha falsa posição; depois de me animar com as suas palavras cheias de sinceridade, e conhecendo que não conseguia tirar-me d'aquella desanimação que me apoderava, disse-me então:

— Vou contar-lhe a minha historia para melhor poder acreditar que não tenho sido nenhum fracalhão ou covarde, vendo que minha mulher é tão despotica.

Elle começou da maneira seguinte:

—Minha familia perdeu toda a sua fortuna, em consequencia da guerra fatal que tem devastado a França; quando eu namorei a mulher que escolhi para consorte, restava-me a esperanza de obter, senão tod , parte da fortuna que me pertencia, e que infelizmente estava tão mal parada; comtudo não succedeu assim, e eu conhecendo o genio orgulhoso da mulher que estimava, não me destinava a casar com ella senão desfructando certa independencia; não havendo outro meio para a adquirir, alistei-me debaixo das bandeiras de Napoleão, e fui combater contra a Russia, com tenção de voltar cheio de gloria; mas as malditas balas que me atravessaram a ilharga e a perna, me obrigaram a voltar de Moscow à minha bella França, d'onde tinha saído cheio

de esperança para regressar cheio de desespero. Estive perto de quatro mezes de cama, ou para melhor dizer, às portas da morte.

Um irmão de minha mulher, homem de honra e probidade, fez conhecer-lhe que me devia acceitar por marido, visto ter me sacrificado por ella, emfim, tanto fizeram que deu o seu consentimento, e pude obtel-a. Com o seu dote quiz collocar-me no negocio para adquirir uma fortuna, infelizmente tudo me ia para traz, e tudo perdi. O genio de minha mulher com isto tornou-se insupportavel e despotico, e quando ha dois annos meu filho, pelo seu extravagante pensar, se namorou de uma rapariga que o obrigou a deixar a familia para a seguir, sua mãe recusou-lhe protecção, e elle não se sujeitando a estar às sopas da mulher que amava, seguiu a mesma carreira que ella seguia. Depois d'isto sua mãe fez tudo para elle tornar aos estudos, mas dotado de um genio indomavel e orgulhoso a nada cedeu; por varias vezes elle tem sentido faltas de dinheiro, sua mãe tem-lh'o mandado, e elle recambia-lh'o; e uma vez que eu sabia que elle estava em grandes apuros, mandei-lh'o do meu bolsinho às escondidas da minha *bo: serva de Deus*. Acceitou, mandando dizer que não queria que eu fizesse sacrificios por sua causa, e que não supplicasse para elle coisa alguma a sua mãe, porque d'ella não queria favores, enviando-me tambem uma renunciação de tudo que pudesse vir a pertencer-lhe a favor de seu irmão que estava na Africa. Até agora tenho louvado o procedimento de meu filho; mas hoje, para vós, minha filha, elle deve mudar.

—Não, não, lhe disse eu, deitando-me nos seus braços; se seu filho até ao presente fez o que o seu orgulho lhe ordenava, muito mais agora o fará porque esses serão os meus conselhos.

A narração da historia concluiu-se, ficando todos os tres a chorar.

Assim ficámos por alguns minutos quando senti minha sogra; recolhemo-nos para os nossos quartos como

tres conspiradores, afim de ella não perceber que nós já tínhamos dado as explicações que nos eram tão necessarias.

No dia seguinte não foi possível levantar-me: os incommodos que tinha passado durante a viagem, o effeito da recepç o que tivera eram soffrimentos physicos e moraes de mais para a minha natureza.

Mandaram chamar o medico, e por uma extraordinaria casualidade, era o mesmo que já tinha sido de Mr. Lassance, (meu tio) e que se chamava, como disse, Mr. Joly.

O doutor ao ver-me ficou admiradissimo. Conteilhe tudo, e observando a minha oppressão e o meu abatimento, disse tratando-me como quando eu estava no *Sacré-Cœur*:

—Sempre lhe hei dito, *ma chere enfant*, que tem uma natureza fortissima; mas que as dôres d'alma sempre a fazem soffrer muito. Para ser feliz deve-se tornar de ferro, ou ser indifferente a tudo, e primeiro que tenha dô dos outros, tenha dô de si mesma. Sempre lhe dei este conselho, e repito-lh'o agora, pois vejo que vive n'uma luta, mas tenha esperanza que tudo isto hade acabar, e em quanto assistir em Paris prometto-lhe vir visital a amiudadas vezes.

Agradei-lhe tão grande obsequio e acceitei.

Depois d'elle sair, minha sogra perguntou-me sobre o que tinha constado a nossa tão comprida conversação, porque eu e o bom doutor conservámos o *bom* costume que já tínhamos em casa de meu tio; conversámos em inglez, e como minha sogra nada comprehendera, estava zangada. Respondi-lhe que tínhamos fallado sobre tantas coisas que me seria difficil responder. Isto foi resposta sophismada, mas como depois de a dar encostei a cabeça á cadeira á voltaire aonde eu estava meia deitada, livre-me da grande massada que de certo me estaria destinada por parte d'ella.

Meu marido partiu d'ali a oito dias para Vienna de Austria; eu fiquei com sua familia.

M.^{me} Rodin, irmã da minha velha e rabujenta sogra, testemunhava-me uma forte sympathia. Eu correspondia-lhe na mesma, assim como para sua filha Julia, a quem tinha uma forte amizade; nós eramos quasi da mesma idade; porém, com a differença que ella se havia casado por grande amor, e eu por grande desesperação. Ella reve'ava me as illusões que ainda tinha do casamento, e eu só lhe fallava do tempo ditoso que passara no *Sacré-Cœur!!*

Eu vivia, sim, mas sem saber porque, ou para quem; meu coração jazia ainda no somno tranquillo da indifferença. Paixão, julgava que era uma palavra que só se achava nos dictionarios, ou nas imaginações ardentes e cheias de idealismo dos poetas.

Saía muitas vezes com M.^{me} Rodin, seu marido e sua filha, e quasi sempre era aos domingos, para ir com elles passar o dia n'uma casa de campo que possuíam em *Melun*.

Passei uns poucos de mezes uma vida narcotizada, nunca saía com minha sogra, caso que a fazia indignar muito, mas eu não podia constranger-me, e a sua presença era me sempre desagradavel. Nos dias em que ella estava de mau humor, não saía dos meus quartos, e a criada servia-me para dizer que me achava incommodada.

De dia para dia minha sogra ia gerando contra mim um odio figadal, em consequencia de ver que sua irmã, seu cunhado, sua sobrinha, e seu marido me estimavam. Chegava o dia dos annos de sua irmã, em que estava destinado para o solemnisar um grande jantar, quando minha estimavel sogra principiou oito dias antes a fazer-me toda a casta de judiarias. As bondades de seu marido deram-me a força de me collocar acima de todas essas bagatellas, ainda que algum tanto tormentosas; mas a minha organização nervosa me poz n'um tal estado de phrenesi impossivel de descrever. Chegando esse dia, a criada vendo a minha agitação, deu-me o conselho de não ir, e de agarrar-me á desculpa de estar doente; porém, como o não estava rejeitei a lembrança.

Durante o jantar não se imagina qual foi o meu sofrimento! em que martyrios e constrangimentos estava mettida!... Não podendo já aturar o diabolico movimento dos olhos de minha sogra, que pareciam faiscas, levantei-me e fui para um gabinete. A doninha havia escapado ás garras do sapo.

M.^{elle} Julia veio dizer-me d'ahi a poucos instantes que voltasse para a sala porque todos reparavam na minha repentina ausencia. Ao acabar de pronunciar isto, vejo entrar minha sogra com as faces pallidas, e os beiços tão apertados que apenas se distinguiam:

—*Allons petite sotté*, me disse ella; entre na sala, agora pode-se fazer de victima, para que o odioso caia sobre mim!...

A tranquilla insolencia com que eram proferidas estas palavras, fez-me verter amargas lagrimas que se me deslisavam pelas faces, conservando com sangue frio este sobresaltado sentimento, sem exhalar um suspiro!

Levantei-me vagarosamente e apenas lhe disse que voltaria com M.^{elle} Julia. Logo que saiu, pedi a esta que me fosse buscar agua de colonia, e em quanto ella ia satisfazer o meu desejo, abri a porta de um gabinete, aonde estavam os chales e os chapeos, tirei os objectos que me eram necessarios para sair, e que me pertenciam, desci devagarinho as escadas; estava n'um tal estado febril que nem sentia os meus proprios passos, nem tampouco sabia o que ia fazer; tinha uma idéa fixa na imaginação, acabar com a existencia, e ella me levou a atravessar as ruas de Paris como uma louca, até *le Pont de Henri IV*, mas no momento me que chegava para me suicidar, vi uma multidão tamanha de pessoas que corriam e gritavam, que, apezar da minha irresistivel vontade, encurtei o passo, tornei a mim, e olhando em redor, fiquei espantada do que via e ouvia.

Era uma joven de vinte e dois annos que se queria matar por já não poder encobrir a seus paes o estado de gravidez em que se achava, e o infame que a enganara, tinha partido para a Italia. Algumas pessoas

davam esperanças de lhe salvarem a vida; mas apesar d'isso fiquei tão horrorisada, que considerando no acto que ia commetter, pedi sinceramente a Deus perdão, jurando-lhe que em qualquer circumstancia de minha vida nunca tentaria contra os dias que elle me havia concedido.

Sube cumprir esta promessa, apesar dos maiores desgostos e transtornos d'este mundo.....

Metti-me n'um *fiacre* e ao voltar uma esquina vejo meu sogro com meu cunhado a andarem a passos apressados; fiz parar e d'um pulo lancei-me nos seus braços. Ao verem-me, soltaram ambos ao mesmo tempo um grito de alegria, e eu, sem poder proferir uma palavra, fiz signal para continuarmos para diante.

Elles admirados deixaram ir o *fiacre*, comprehendiram tudo vendo tanta gente seguir uma rapariga que ia deitada sobre um *brancard*.

—Que ias tu fazer? me disse elle, apertando as minhas mãos quasi geladas entre as suas de um fogo ardente.

Minha resposta cifrou-se em derramar abundantes lagrimas.

Mr. Rolin, cunhado de meu sogro, lhe disse:

—Então, vês que acontece o mesmo que a minha mulher, quando vivia com sua irmã. Digo-te clara e positivamente que ninguem pode aturar tua mulher, e se vives com ella, é porque quando a vês nos seus momentos de irritação, saes de casa, e quando voltas, é depois de se terem dissipado todos os furores da sua tempestade; aqui não resta senão um unico meio, que é a Josephina vir para a companhia de minha familia.

N'isto chegámos a casa. M^{olle} Julia correu para mim, assim como sua mãe; só a boa de minha sogra se deixou ficar, com todo o imperio do seu genio exaltado, immovel; depois olhando machinalmente para seu marido, levantou o seu curvilineo e extravagante queixo em ar de interrogação.

—Não me pergunte nada com os seus mysteriosos

movimentos, exclamou o pobre velho; á similitude de um demonio quer aniquilar quantos anjos lhe possam apparecer

Ella não o deixou continuar, levantando-se logo, e dizendo que queria immediatamente voltar para sua casa.

Despedimo-nos e aproveitámos o *fiacre* que tinha mandado esperar á porta.

Quando entrámos em casa, apenas meu sogro me disse: boas noites; terminando assim aquelle dia, em que tive de lutar com uma insoffrivel mulher, que com suas imbecis e absurdas lembranças me ia fazendo precipitar n'um acto de fraqueza, que só uma desesperação violenta me concedia a idéa de o executar.

Passei tres mezes sempre no mesmo estado de apouquentações, quando recebemos uma carta d'Austria, em que nos mandavam dizer que meu marido estava quasi á morte; decidiu-se então que eu partiria com meu sogro immediatamente.

CAPITULO XXVIII

Partimos—Passamos por Meaux, Chateau-Thierry, Châlons, Bar-le-Duc, Luneville, Strasbourg, Charlsruck, Stuttegard, Vienna—Meu sogro regressa a Paris—M.^{me} Wilsk, primeiro conhecimento da Allemanha—Ao descer o Danubio o coração palpita—Pesth—Bellas mulheres—Conhecimento de Mr. e M.^{me} Selly—Minha voz torna a entrar no capitulo—Pesth.

Cinco dias depois tomavamos o caminho de ferro, passando por Meaux, Chateau-Thierry, Châlons, Bar-le-Duc, Luneville, Strasbourg, Charlsruk, Stuttegard, pois eram estas as cidades aonde deviamos parar.

Em consequencia da minha saude, n'um bello dia passámos de Stuttegard para Vienna, parando só nas estações, e tendo outras vezes de tomar o vapor. Che-

gámos a esta nova cidade ás onze e meia, e fomos para o hotel aonde se achava meu marido, que apesar de estar de cama, e bastantemente enfermo, ficou muito contente de nos ver, e este contentamento o restabeleceu em pouco tempo.

Meu sogro ficou dois mezes connosco em Vienna, vendo tudo que se podia encontrar de magnifico n'esta bella capital.

No fim d'este prazo regressou a Paris, devendo eu e meu marido d'ahi a oito dias partir para a Hungria, o que assim se não realisou por causa da repentina doença que me atacou, e como se elle retivesse a sua partida, lhe resultaria uma grande perda, effectuou-a ficando eu só, mas por felicidade tinha-me ligado em estreita amizade com uma senhora russa já de idade que ia para Varsovia (Polonia), e que me prometeu que apenas estivesse restabelecida me levaria até Pesth, onde me havia de encontrar com meu marido. Em tres semanas achei-me perfeitamente boa; embarcámos no vapor e descemos o Danubio, viagem mais linda que se pode fazer, porque as margens do Danubio é tudo quanto ha de mais pittoresco. Quanto tocamos a imaginação aquelles altos castellos! quanto palpita o coração ouvindo contar aquellas legendas amorosas! quanto horrorisa ouvir a descripção dos crimes que se commetteram?!... Fica-se triste quando o vapor na sua carreira faz perder tudo de vista, não podendo depois recordar-se do que viu e ouviu, pelo embrolio das variedades, não parecendo tudo mais do que um sonho!....

Pesth é uma pequena, mas linda cidade, cheia de amores, encantos, e flores!.... Nos primeiros dias que lá estive, parava amiudadas vezes a examinar as formosas mulheres que encontrava a todo o instante. É uma cruzadella de brancura das allemãs, perfis gregos e olhos das circassianas, principalmente na gente ordinaria é que se encontram maiores bellezas.

Passados alguns dias depois de estarmos em Pesth, encontrámos Mr. e M.^{me} Selly (inglezes), intimos amigos

de M.^{me} Wilks, a senhora russa com quem eu tinha vindo de Vienna. M.^{me} Selly tomou-me logo tão grande amizade, que convencionou com seu marido de irem para onde eu fosse, e de se não separarem de mim; elle a tudo annuiu.

M.^{me} Selly deu um baile para o qual fomos convidados, n'elle fiz um grande contraste, porque todas as senhoras estavam cobertas de ricas joias; a minha simplicidade fez admirar, e todos diziam: a francezinha está muito bem vestida. Nos intervallos das contradanças cantou-se, e como M.^{me} Selly dissesse que eu cantava bem, não pude recusar-me aos pedidos que geralmente me faziam; fui assentar-me com coragem ao piano e cantei algumas romanças, que gabaram muito.

Sempre conservei uma doce lembrança de Pesth. Lá não tive senão contentamentos, alegrias e prazeres.

Foi com grande pezar que deixei a cidade de Pesth; os seus bosques encantadores, os seus campos floridos, as suas aguas cristallinas, o seu horisonte sereno e bello de um azul celeste, as poeticas alcantias de suas montanhas mostrando o seu escuro roxo, animado pelos doirados raios do sol ao declinar da tarde, aviventando tambem a verdura de um magico solo! Oh! como era bella a cidade de Pesth! ..

CAPITULO XXVIII

Bekes—As abelhas—Comorn—Voltamos para Vienna—O Prater—Casa romantica—Os viados sabem agradecer—Prefiro os viados ao amigo de meu marido—Uma romança vale-me uma declaração—Principia a apparecer M.^{me} Call—Um amigo que se despede de seu amigo—Pedem-me um souvenir—Illusões de um retrato—Converso com elle.

Era de noite quando entrámos em Bekes, e só no dia seguinte é que podemos ir visitar as ruinas de um

antigo castello, que muitas pessoas affirmavam que n'elle se haviam passado coisas do arco da velha.

Beks é uma terra bastante exquisita, quando alguém deseja passear por alguma quinta, deve prevenir-se antes de um grande leque e andar a abanar se sempre, pois tanta é a quantidade de abelhas que infestam aquelles logares.

Pouco nos demorámos em Beks e seguimos para Comorn.

A unica coisa notavel que achámos ahi, foi a cidadella mandada construir por Mathias Corvin e augmentada em 1805, a qual passava pela mais forte de todas as da Europa.

Partimos logo no outro dia para Vienna, e ahi chegámos tendo já antecipadamente mandado alugar uma casa, afim de não irmos para o hotel; por felicidade a dita casa ficava dentro do *Prater*. Quem não viu *Prater* de Vienna, não sabe o que é verdadeiramente lindo e romantico.

Uma casa baixa, pintada de branco, com telhas encarnadas e taboinhas verdes, foi a que serviu para a nossa habitação durante tres mezes.

Quanto eu estava tranquilla n'esta mimosa e doce morada! de manhã quando a criada vinha abrir as taboinhas das janellas do meu quarto, via logo as cabeças dos veados, encostadas quasi ás vidraças para receberem de minha mão a ração que eu tomei por costume de lhe distribuir todos os dias. Muitas vezes me levantava, e embrulhando me apenas no chambre corria logo a uma mesa sobre a qual na vespera havia collocado as comidas que lhe destinava, e chegava com ellas ao parapeito da janella aonde elles vinham comer na maior satisfação. Quando viam que não havia mais nada a devorar, davam uns poucos de pulos em ar de agradecimento e depois fugiam, não apparecendo senão ás cinco horas para receberem a segunda ração.

Parece incrivel o tino d'aquelles animaes, e a sua recta exactidão; durante tres mezes nunca faltaram um

só dia ás horas costumadas. A's vezes quando não ia á janella com brevidade, com seus altos e bellos chifres, batiam debeis marradas nas vidraças, afim de lhe apparecer. N'esses dias elles estavam zangados comigo e quebraram muitos vidros, e deixaram de acceitar o comer na minha mão.

Quando tive de abandonar Vienna, chorei com saudades dos meus queridos veados; isto parecerá uma creancice, mas era o pezar de me apartar d'elles, que durante tres mezes foram os meus constantes amigos, e as distracções das minhas meditações

N'essa terra estranha estava quasi sempre só, porque meu marido nunca se demorava em casa depois que eu lhe disse que não queria receber os seus amigos, nem as pessoas que fingiam sel-o para me fazer a côrte, como um que muitas vezes vinha para fallar com elle, tinha a pachorra de fazer as partidas, e de fingir-se apaixonado pelo jogo, fazendo sempre como quem se applicava muito, e deixando meu marido ganhar incessantemente. Assim adquiriu a confiança e amizade de seu parceiro.

Certa occasião veio para fallar a meu marido, mas elle não estava. Eu que já havia alguns dias percebia o magnanimo calculo de seu jogo, mandei dizer-lhe que me achava bastante incommodada e impossibilitada de lhe poder fallar.

Quando voltou meu marido contei-lhe a visita que seu amigo lhe tinha vindo fazer: o resultado foi zangar-se de o não ter recebido. D'esta occasião em diante jurei de receber fosse quem fosse que o viesse procurar.

Effectivamente cinco dias depois tornou o mesmo fingido amigo, e resolvi mandal-o entrar.

Estava bordando um lenço, e achando que me não devia estorvar, continuei; elle sentou-se n'uma poltrona junto de mim, conversando sobre muitas banalidades; mexia na minha costureira e em tudo que n'ella se achava; ora endireitava os engommados collarinhos de sua camisa, ora compunha o laço da sua gravata. Eu estava

tão enfrenesiada pelo constrangimento em que me achava, que creava na idéa quasi odio contra meu marido, e preferia mil vezes os mansos veados a todos os seus amigos.

Depois de alguns instantes de silencio, levantou-se dizendo:

— Por felicidade tem o seu piano aberto, o que me faz tomar a liberdade de lhe pedir para tocar a minha peça favorita a *Norma*.

Pensando assim ver-me livre mais depressa de um ente que me era tão antipathico, levantei-me e fui para o piano. Apenas acabava de tocar a musica pedida, instou-me para que cantasse uma romança: tomei a primeira que encontrei, intitulada *oest soi*, da qual o segundo couplet é o seguinte:

«Ce qu'il me faut à moi,
 «Quand la brise du soir,
 «Caresse avec amour,
 «Les fleurs de la vallée,
 «Quand je t'appelle en vain,
 «De ma voix desolée
 «Comme un rayon d'espoir!
 «Pour ramener en moi,
 «Ma croyance envolée
 «Ce qu'il me faut à moi
 «C'est toi! C'est toi, ah! c'est toi!

Ainda mal acabava este ultimo verso quando vejo o dito amigo levantar se, e deixando-se logo cair de joelhos, erguendo as mãos, dizendo com voz tremula e suffocada:

— Eu vos amo, bem o sabeis! oh! mas sois uma mulher fria e inflexivel! meus soffrimentos não vos tem commovido! oh! dizei me com a vossa costumada franqueza, nunca tereis dó de mim?

Era a primeira declaração *à brûle pourpoint* que eu recebia na minha vida, e confesso que fiquei embara-

çada; não quiz, nem pude responder coisa alguma; estendi simplesmente o braço direito e pegando no cordão que estava atraz do piano, toquei apressadamente a campainha; elle levantou se rapido como um raio, porque não esperava por similhante conclusão, quando entrou a *dama de companhia* de M.^{me} Selly, que estava comigo, em consequencia de assim o ter exigido esta cara senhora, que era para ficar mais certa de que eu não me iria embora de Vienna sem ella ter chegado.

Apenas vi que ella tinha apparecido, disse-lhe tranquillamente:

—Toquei duas vezes para a chamar, porque este senhor parte d'aqui a tres dias para a Russia, e como me testemunhou desejos de lhe fazer as suas despedidas, por isso toquei para ter o incommodo de aqui vir.

Ella voltou-se como penhorada, e disse-lhe:

—Agradeço muito a delicadeza, mas esta partida foi uma decisão muito repentina, porque encontrando-o hontem, disse-me que iria a Paris quando nós partísimos.

—M.^{me} Qall não se engana, disse elle balbuciando, mas entrando em casa encontrei uma carta de um dos meus amigos de Paris que se deve achar em poucos dias em S. Petersbourg, e como tenho a minha palavra compromettida, disse elle olhando para mim, não posso de maneira alguma faltar a ella. Eis o que explica a rapidez d'esta partida. Vou ver, tornou elle, pegando no chapeo, e comprimentando-me, se encontro seu marido para me despedir d'elle, e no caso de o não achar, escrever-lhe-hei uma carta.

—N'esse caso, respondi eu, seria mais conveniente voltar amanhã ás tres horas, que eu o prevenirei para que não saia.

Elle retirou-se.

No dia seguinte foi pontual. Meu marido admirou-se muito d'esta inopinada partida que o privava do seu mais caro amigo; elle deu a mesma explicação que na vespera havia dado a M.^{me} Qall, e que o convenceu.

No dia seguinte recebi pelo correio uma carta que me entristeceu durante algum tempo.

N'ella se conhecia a paixão de um ente desesperado, que comprehendia os meus deveres, que conhecia o meu character, e sabia que eu era incapaz de faltar a elles; por isso resignava-se obediente á minha ordem, pedindo-me unicamente como recompensa do seu sacrificio *um souvenir*.

Soffri muito, porque pela primeira vez conheci que me seria impossivel viver n'aquelle estado narcotico em que tinha vivido até ahi! pela primeira vez senti meu coração despertar-se do sonho tranquillo em que jazia! pela primeira vez alfim fiz reflexões sobre o meu coração, sobre a minha felicidade, e sobre o meu futuro, entregue nas mãos de um homem que não conhecia, e a quem me tinha ligado, pela desesperação em que minha tia me tinha lançado.

Meditando assim, encostei-me sobre o sophá, dizendo entre sentidas lagrimas e profundos soluços: Meu Deus! meu Deus! eis a vida que me destinastes! só no mundo, sem carinhos de mãe, sem conselhos de pae, sem amigos, sem ter uma unica pessoa em quem confie!..... Quanto soffro meu Deus! ninguem a quem possa dizer o que meu coração sente, quanto elle necessita amar, mas amar com paixão, com idealismo!!! Se não devo encontrar este ente com quem sonho, esta visão que me apparece nas horas do meu descanso, e que me sorri de amor; levae-me antes para junto de vós, meu Deus! a morte é mil vezes preferivel a esta somnolencia de phreneticos sentimentos de uma paixão sem destino e sem limites!!!....

Estas exaltações misturadas com as lagrimas que derramava faziam-me cair n'um lethargo; então fosse a minha imaginação, ou fosse o que fosse, quasi sempre parecia ver-me n'um navio que caminhava sobre as ondas do oceano, e a cada instante distinguir as negras e altas serras do meu querido Portugal! então!... no meio de todos estes combates da exaltação, via um rosto sympa-

thico, como meu coração desejava, apparecer, e a sua bocca divina dizer-me: Eu te amarei, tanto como tu o desejas, porque eu saberei comprehender-te!

E assim adormecia nos doces sonhos da esperanza!

Fizeram-me tanta impressão estes sonhos que um dia os revelei a M.^{me} Gall, ao que a pobre senhora respondeu que andava n'isto um mysterio de Deus, e como nós estavamos em breve a partir para a Boêmia, lá eu obteria as explicações.

Ri-me d'isto porque era muito incredula no disparate dos feiços das cartas.... e outras phantasmagorias adivinhatorias!...

CAPITULO XXIX

Algumas palavras sobre a cidade d'Vienna—Artilheria serve para um sino—Olmütz—Wescslau III—Lafayette—Brunn serve de quartel a Napoleão—Palacio dos principes de Dietrichstein—Munich—Prague—A senhora bohemia—A lingua ingleza não me serve, a franceza prega-me a mesma peça—Dou as minhas mãos, e guardam-me a esquerda—Desmaio no meio da verdadeira propheta—M.^{me} Gall principia a ser minha mãe—O pé escorrega-me no gelo—Prague pittoresca—Palacio do conde Czernin—Tumulo de S. João Nepomuceno.

Vienna é uma rica cidade onde se respira nobreza e magnificencia

Quanto mais abastada é uma familia, mais cordeal e amavel é o seu modo de tratar. O luxo é immenso, e aquelles que não podem lutar sem grande sacrificio, com o fausto do trajo, privam-se das maiores necessidades hobreando com os apaixonados da moda que sempre saem á rua na conformidade do ultimo figurino.

A's vezes (e quasi sempre) com o luxo exterior as mães conseguem fazer bons casamentos ás filhas, ou por meio de diversas transacções alcançam em poucos annos uma bella fortuna. Mas em quanto não chega essa

felicidade, o estomago sente diabolicos calafrios, e sofre-se muito.

As ruas de Vienna são estreitas, e as propriedades constam quasi todas de cinco ou seis andares. Ao contrario das mais cidades, é ali nas ruas mais feias que habita a nobreza, e as pessoas ricas, deixando a parte nova da capital para os estrangeiros que se não podem acostumar a viver n'uma especie de canudo longo e sombrio.

Das egrejas a mais bella é a cathedral de S. Etienne, que tem um enorme sino, que dizem ser o maior de toda a Allemanha, e que foi fundido com a artilheria conquistada aos turcos pela occasião do livramento da cidade.

A egreja dos Augustinhos é a mais favorita da cõrte, n'ella existe o monumento da archiduqueza Maria Christina, monumento que foi levantado pelo celebre Canova.

Dos theatros, aquelle aonde vi representar melhor, foi no *Leopoldstadt*.

Vienna é na verdade uma rica e bella capital.

Partimos d'esta cidade de imperadores, e fomos para Olmitz, paiz antiquissimo, e que já foi capital da Moravia.

Dos bellos monumentos que possui Olmitz, o que merece especial menção é a cathedral mandada construir por Wenceslau III, aonde elle proprio jaz subterrado.

Frederico o *Grande* em 17. 8 soffreu ali uma desfeita.

Esta terra é ainda mais celebre por Lafayette ter sido n'ella prisioneiro em 1794.

Havia coisas bem curiosas para serem examinadas, e tive pena de sairmos d'ali tão depressa, para seguirmos para Brunn, cidade notavel por ter servido de quartel general a Napoleão antes da famosa batalha de Austerlitz. De todos os palacios que ali visitámos, o do principe de Dietrichstein pareceu-me o mais esplendido pelos seus magnificos ornamentos, o que muito me

fez lembrar o palacio de S. Christovão no Rio de Janeiro, quando o fui ver depois de preparado para o casamento do imperador com a princeza Christina.

Deixando Brunn, tínhamos tencionado ir directamente para Prague, mas ainda bem não tínhamos feito dois dias de jornada, apoderou-se de mim uma tal tristeza que não fazia senão chorar.

Hospedando-nos n'um hotel em Iglau, os medicos consultados declararam que não comprehendiam absolutamente nada do meu soffrimento, que estava de perfeita saude, e que eu era uma mulher fortissima, porém que reconheciam que soffria, e não podiam definir melhor essa doença, senão dizendo: *c'est le mal du pays*. Que n'esse caso não deviam contrariar-me em coisa alguma, prometterem-me sempre que voltaria em breve para Portugal, e até então satisfazerem-me todos os meus desejos.

Quando me achei mais forte, e que ouvi decidir que iamos partir para Prague:

— Ainda não, ainda não, exclamei eu, lançando-me nos braços da minha querida M.^{me} Qall.

— Porque não ainda, minha amiga? disse ella sorrindo e enxugando as minhas lagrimas

— Porque antes de subir mais ao norte da Allemanha quero ver Munich, redargui eu cheia de resolução.

— Mas minha querida tontinha, como é isso agora possivel? como havemos de decidir seu marido?

— Não sei, nem quero saber; diga-lhe tudo que quiser, diga que eu ouvi o medico dizer que não contrariassem as minhas vontades, finalmente, quero ir a Munich.

Com effeito ella tinha todo o poder e arte para decidir meu marido a tudo quanto eu desejasse. Por isso, depois de alguns dias de jornada, chegámos a Munich, a essa bella capital da Baviera, aonde logo no dia seguinte fomos ver a bibliotheca real, que tinha fama de ser a primeira depois da de Paris.

Visitámos todas as egrejas e não pude, lembrando-

me da mãe de Eugenio Peauharnais, deixar de verter algumas lagrimas sobre o tumulto d'este homem, existente na egreja de S Miguel.

—Agora que lhe fiz a vontade trazendo-a a Munich, hade amar-me, não é assim? disse um dia meu marido.

—Estimo-o, tenho-lhe amizade, mas amal-o, nunca o espere. Fico-lhe agradecida de me ter feito ver Munich, mas por tão simples condescendencia, não conte de certo com o meu amor, porque elle não se vende, nem se deixa render com a affeição de um mimo, a troco de um bonito, ou adherencia a um pequeno capricho. Lembre-se, recorde-se como o nosso casamento foi feito, e não me peça mais o que é impossivel.

—Não quer ser minha por amor, hade sel-o por força! d'aqui em diante quando precisar dinheiro hade pedir-m'o.

—Como está enganado! exclamei, soltando uma estrepitosa gargalhada; e encolerisando-me interiormente, fui sentar-me ao piano

Entrou M.^{me} Gall; meu marido saiu.

—Safa! parece estar hoje muito zangado, disse a recémchegada abraçando-me.

—Hade passar-lhe, respondi eu.

—Então o que foi? temo novidade?...

Em duas palavras contei-lhe tudo.

—Estamos mal, disse ella depois de me ouvir; o ultimo dinheiro que recebi, mandei-o a meu filho, e agora não torno a ter remessa senão d'aqui a dois meses. Não importa! como M.^{me} Selly me encarregou de lhe mostrar bem toda a Allemanha, dizendo me que quando seu marido se zangasse de fazer tão avultadas despesas, lhe escrevesse logo, é o que vou tentar n'este apuro, e ella nos fará sair triumphantes.

—Sim, mas no entanto? perguntei eu.

—É verdade .. murmurou ella, e ficou com a cabeça baixa, como quem quer obter alguma idéa feliz

Passados alguns minutos de silencio, exclamou:

—Bem, está tudo salvo! mando vender as minhas joias.

—Não consinto, repliquei eu, deixar-lhe fazer um sacrificio d'esses para satisfazer apenas um capricho meu... não, não devo.

Depois de longo silencio, exclamei:

—Bem! já sei! hade ser isso!

—O que? perguntou ella.

—Nada, nada, respondi eu.

E fui sentar-me á escrevaninha, aonde escrevi uma carta. Quando acabei voltei-me, e disse com o sorriso nos labios:

—Venha ler.

Ella aproximou-se lentamente, e passou pela vista as poucas linhas que havia escripto.

—Oh! isso é uma loucura, minha querida, murmurou ella; e se elle o sabe, muito se zangará.

—Hade-lhe passar.

M.^{me} Qall escreveu a M.^{me} Selly; depois mandámos vir um trem, e fomos ambas deitar essa carta no correio para aquelle destino, e entregar a minha á residencia d'uma das mais altas personagens do mundo.

Estava doente, não me pôde fallar; mas veio uma das suas amigas, dama ou camarista, não sei bem, mas era uma senhora que algumas vezes eu tinha visto em Lisboa, pouco tempo depois da minha chegada do Rio.

D. F^{***} reúne a todas as qualidades moraes, a mais delicada e apuradissima educação, tornando-se por isso predilecta da augusta pessoa a quem foi entregar a minha carta.

Poucos instantes depois, voltou, e deu-me um pequeno cartuxo.

Depois de um affectuoso e apertado abraço, agradecei-lhe e desci para entrar na caleche, aonde disse para M.^{me} Qall:

—Veremos hoje se elle hade persistir na idéa de me obrigar.

Ao jantar meu marido disse:

—Então, foram passear hoje?

—É verdade, respondeu M.^{me} Qall.

—E trouxe-lhe de presente este anel, ajuntei eu, tirando da algibeira uma caixinha.

—É uma brincadeira. . . bradou meu marido todo enfiado.

—Não é uma brincadeira, atalhou M.^{me} Qall; mas como o medico disse que não se contrariasse esta creancinha, deixei-me fazer presente d'este anel; e estendeu a mão sobre a mesa

—Mas eu comprei outro igual para mim, interrompi no mesmo instante, e estendi tambem a minha mão.

Meu marido abriu a caixa, e viu que o anel que tinha dentro era exacto aos nossos: estava estupefacto!

—É uma lembrança do dia de hoje, disse eu soltando uma estrondosa gargalhada.

—Com que dinheiro? exclamou meu marido todo tremulo e pallido.

—Seguramente não é com o seu, pois que me tirou a chave da carteira, lhe respondi eu com o maior sangue frio

Elle levantou-se, foi ao meu quarto, abriu a gaveta do toucador, e principiou a contar as minhas joias.

Eu e M.^{me} Qall tinhamol o seguido, e visto os seus movimentos; para brincar ainda, disse-lhe com um riso da mais perfeita zombaria:

—Não lhe vendi nada!...

—Então como obteve esse dinheiro? perguntou elle apertando-me com violencia a mão.

A dôr fez-me soltar um pequeno grito, mas disse-lhe socegradamente:

—Largue-me a mão, e M.^{me} Qall que lhe conte tudo.

--Sim, disse ella, rindo ás gargalhadas.

E eu fui sentar-me ao piano a tocar, até que o estrondo de repetidas risadas me fez voltar a cabeça.

—Deve comprehender esse genio mais que admiravel, estava M.^{me} Qall dizendo a meu marido; não a leve por mal, que é uma creatura que por bem tudo se consegue d'ella, e é capaz dos maiores sacrificios.

Meu marido, tirando do bolso uma chavinha, chegou-se ao pé de mim, e disse-me:

—E hoje que comprehendo o seu character; perdoe-me, e esqueçamos esta pequena scena.

—Perdão!... disse eu rindo, e estendendo-lhe a mão; mas hade sair comnosco: vamos a uma peregrinação.

—Com muito gosto, respondeu elle.

Quando todos tres nos achámos promptos, abri a carteira, e tirei o dinheiro que faltava á quantia que de manhã recebera, e fomos depois á residencia aonde eu tinha ido n'esse mesmo dia; ao passarmos defronte da sentinella, vimos uma velha a chorar, e a pedir que a deixassem entrar.

—Não tenho ordem, disse impassivel o soldado, e continuou o seu monotono pas-eio.

—Mas eu posso entrar? perguntei para a sentinella.

—Sim, respondeu ella laconicamente, cedendo me a passagem.

—Já venho, disse para meu marido e M.^{me} Qall.

E pegando na mão da pobre velha, entrei com el'a.

No primeiro corredor parei, e voltando-me para a infeliz mulher, disse-lhe:

—Ao seu pranto e á recusa que lhe fizeram de a deixar entrar, sei para que vem; ninguem se arrisca a semelhante humilhação, sem grande soffrimento. Aqui, recebi esta manhã uma quantia para dar em esmolas; julgo porém, fazendo de todo esse dinheiro uma só, que fica a minha consciencia descarregada do meu dever. Eil-a aqui, pois, continuei eu, tirando o cartuxo da algibeira, e entregando o nas tremulas mãos da pobre mulher, que se desfez em lagrimas, dizendo:

—S. M imperial é uma santa, que não contente de fazer tantos beneficios, ainda emprega os anjos para cumprir tão grandes obras em favor dos desgraçados que soffrem

—Ahi vem gente, interrompi eu; vamo-nos embora.

Antes de sair o grande portão, a pobre creatura abraçou-me chorando, e chamando-me novamente seu anjo.

Com a consciencia tranquilla, com o coração alegre, fiz que voltassemos para casa

Nunca mais fallámos d'esta anecdota, sem, como tres creanças, soltarmos tres alegres risadas.

Dias depois deixámos Munich para seguirmos para Prague, capital da Bohemia.

Logo no dia seguinte da nossa chegada, M.^{me} Qall mandou chamar uma mulher que já conhecia havia alguns annos, e que lhe havia prophetisado tudo que lhe devia acontecer sobre o seu casamento e viuvez.

Um dos meus grandes defeitos é a curiosidade, por isso esperava com anciedade para ouvir o oraculo da pretenciosa bohemia.

Passadas algumas horas apresentou-se nos uma senhora de meia idade, sem ser bonita nem feia, nem bem nem mal trajada, e a quem se podia pela boa perspectiva dar-se o titulo de senhora.

Depois de passada a primeira alegria do seu reconhecimento com M.^{me} Qall, explicou-lhe esta ultima o desejo que eu tinha de que ella me dissesse algumas coisas sobre o meu futuro. Com toda a condescendencia se promptificou a dita senhora a satisfazer esse capricho. Em quanto ella preparava um baralho de cartas, disse eu para M.^{me} Qall em inglez:

—Eu consinto n'isto, porque estou aborrecida, e quero rir, mas não que eu acredite ...

A bruxa deixou de baralhar as cartas, e respondeu-me n'um perfeito e irreprehensivel inglez:

—Pois pode acreditar no que lhe vou dizer, porque eu nunca me engano no que uma vez tiver dito.

Como tivesse fallado em inglez, zombando das suas *habilidades* e prophecias de cartas, fiquei tão embarcada, que não podendo achar desculpa para poder atalhar, disse em francez para M.^{me} Qall:

—Sois uma má! pois podieis-me ter prevenido de que esta senhora fallava inglez.

A M.^{me} bruxa não deu tempo para M.^{me} Qall me responder, e disse-me em excellente francez:

—Não lhe dê isso o menor cuidado; visto que eu sei todos os idiomas, seria difficil não a comprehender.

Eu que tinha o genio de uma verdadeira creança, desatei logo ás gargalhadas, e isto foi maravilhoso porque fiquei á minha vontade e sem mais cerimonia, com a estimavel senhora com quem se não podia ter segredos.

Já me não lembrava bem do portuguez, mas querendo saber se o que a bohemia me dizia era ou não verdade, principiei a fallar-lhe em portuguez. A' primeira phrase que soltei, logo ella me fez reparar n'um erro que tinha commettido, explicando-m'o em portuguez correcto. Offereci-lhe as minhas mãos, dizendo-lhe que merecia as competentes palmatoadas; ella riu-se muito, e foi me agarrando a esquerda, voltando a palma para cima, principiou a ler a *buenadicha*.

Ao terminar olhou fixamente para mim, pegou nas cartas que tinha posto em cruz sobre a jardineira, e muito silenciosa deu m'as para partir, estendendo-as depois sobre a mesa. Como era a primeira vez na minha vida que via tanta embrulhada mysteriosa, olhava com curiosidade e estava com medo, porque no *Sacré-Cœur* diziam que taes exercicios e experiencias era um irremissivel peccado!

Tres vezes a celebre bruxa estendeu as cartas sobre a mesa, e outras tantas as tornou a baralhar.

Durante este espaço de tempo estavam caladas. M.^{me} Qall querendo observar pela minha physionomia as impressões que eu sentia; eu, querendo adivinhar o que me iria dizer aquella mulher que parecia estar sciente do meu coração entregue a profunda oppressão.

—*Ecouter ma pauvre enfant*, foram as primeiras palavras que a bohemia me disse. Vós tendes muito que soffrer, porque não sabeis sentir a meio as impressões; tereis desgostos na vida, e só em Deus achareis forças para os poder supportar. Tende sempre coragem, que esse Deus todo poderoso vos recompensará de tudo. Não sabeis o que é o amor, e não o conhecereis se-

não quando repassardes o oceano... N'outros climas sabeis o que é a paixão! encontrareis o ideal d'esses sonhos que vos perseguem! haveis de soffrer muito! muito! *pauvre enfant!!* Haveis de supportar, disse ella com as lagrimas nos olhos, o golpe da morte de uma pessoa, que só uma mulher de energia como sois, pode resignar-se a esse golpe; vosso coração ficará despedaçado, lembrar-vos-heis de Deus! Haveis de fazer um sacrificio, pelo qual vosso orgulho ficará quebrado; então soffrereis ainda mais.... Lembrae-vos de Deus! Sim, sim, fallae sempre com elle, patenteae-lhe o vosso coração, que elle ouvirá vossas supplicas, elle vos dará forças e resignação para tudo! mas tomae sentido. . dos homens loiros e... dos homens ruivos'.... ai! ai! disse ella de repente pondo as mãos sobre o coração. e reclinando a cabeça.

Quando M.^{me} Qall e eu nos levantámos para a segurar, já tinha perdido inteiramente os sentidos. Fiz tocar a campainha com tanto estrondo que a borla se desprendeou do cordão. Mandei logo um criado chamar um medico, e pouco tempo antes de ter chegado, appareceu meu marido, que ficou admiradissimo.

M.^{me} Qall disse que aquella senhora era sua amiga, e em quanto elle ia pôr o seu chapeo sobre uma mesa, ella agarrou nas cartas e metteu-as na algibeira do vestido da pobre senhora, a quem eu estava dando algumas colherinhas de ether, que sempre tinha em casa, em consequencia dos meus ataques de nervos.

Apenas o medico chegou sangrou-a logo, dizendo que ella havia ser muito subjeita áquelles incommodos, afirmando M.^{me} Qall que já havia alguns que a conhecia, soffrendo sempre d'aquella maneira.

Quando ella tornou a si, olohu para mim, apertou-me a mão principiando a chorar.

Algumas horas depois sentindo-se melhor, disse que desejava retirar-se; mandei o criado dar ordem para chegar o trem que tinha vindo, e disse-lhe que visto ter me demonstrado tanta sympathia, não me havia do recusar que M.^{me} Qall fosse com ella, e ficasse em sua

companhia os dias que quizesse, visto serem amigas, e não se terem visto ha alguns annos,

M.^{me} Qall agarrou me na mão, dizendo-me:

— *Vous êtes un ange; qui vous connait, doit vous adorer.*

Dei-lhe um osculo, e ella foi apromptar-se.

Abracei a pobre senhora que tinha vindo para me consolar e dar-me algumas esperanças, e que se retirava em tão triste estado.

Mandei durante a enfermidade saber todos os dias da sua saude, e teria ido pessoalmente se não fosse o estado nervoso que me impossibilitava durante algum tempo de sair.

Dias inteiros passava perto do fogão a ler, sem me lembrar dos meus la, is, da minha musica, nem dos meus bordados. A força do frio era tal que tremia quando tentava levantar-me.

M.^{me} Qall voltando para a minha companhia, achou-me extraordinariamente mudada, pois taes eram as impressões que tinha resentido durante aquelles dias de triste ausencia, e profunda solidão! No dia seguinte veio o medico saber se M.^{me} Qall estava de saude, pois que da missão de enfermeira lhe poderia ter resultado algum incommodo. Eu percebi que os cuidados maternos que esta senhora tinha para comigo, o fizeram mandar chamar às minhas escondidas. Receitou-me umas pilulas, e deu ordem formal para sair todos os dias, não de trem, mas sim a pé

Passado um dia, depois de M.^{me} Qall me fazer embrulhar em roupas guarnecidas de pelles, de maneira que podesse resistir á intensidade do frio, fomos passear; ainda bem não tinha dado vinte passos escorrega-me um pé, e teria infallivelmente caído sobre as pedras de gelo, se não fosse o seu desvelado cuidado em me amparar. Esses passeios fizeram-me um bem inexplicavel; a côr de um vivo rosado tornava a apparecer nas minhas faces então desvanecidas como a rosa branca.

N'este triste estado da minha alma, e da languidez da minha saude, é que examinei bem, e observei toda essa cidade.

Prague, linda e pittoresca, tem uma formidavel ponte de dezeseis arcos, erguen lo em cada extremidade duas magnificas torres Toda essa ponte é guarneçada de bellas e colossaes estatuas.

O palacio real possui os mais encantados jardins, onde entrando-se uma vez se perde a vontade de sair. Os outros palacios são tantos e tão ricos, que difficil me seria mencionar as preciosas bellezas que lhes admirei. De todos os que mais me agradaram pela combinação do gosto com a magnificencia, foi o do conde Czernin, e o dos principes de Schwarzenberg.

O que é mais recommendavel em Prague é o seu grande numero de magestosas e ricas egrejas, aonde levei immenso tempo a examinar todos aquelles sumptuosos quadros da soberba escola dos grandes mestres.

Ha tambem, não me recorde em que egreja, ricos tumulos de reis e de imperadores, porém o mais notavel é o de S João Nepomuceno, pois que é todo encrustado de prata.

Deixámos Prague quasi repentinamente por termos que ir para a Silesia.

CAPITULO XXX

Breslau—Primeiras e ultimas palavras asperas—Amo devéras Portugal—Grande resolução—Pequeno documento—Choro ao ver umas laranjas—Como condição, não—Egreja aonde abunda a prata—Egreja de Santa Isabel—Palacio de Schamborn—Bella praça—Oder—Minha alma vive—Kalitz e Plock insignificantes—M.^{me} Qall é um livro—Ostroleka vingativa—Kolno.

Chegámos a Breslau com um tempo lindissimo, que me fez recordar e ter saudades do meu querido Portugal.

Olhando para aquelle ceo azulado, as lagrimas vieram-me aos olhos.

Meu marido vendo isto, disse-me n'um tom curioso:

—Porque chora?

—Não vê este ceo? lhe respondi eu; pois tenho saudades de Lisboa!

—Não admitto, replicou elle, que tenha saudades de uma terra aonde tem uma familia que a abandonou!...

—Não tenho saudades de minha familia, lhe respondi, tenho-as da minha patria!

—Nasceu no Rio de Janeiro, o Brazil é que é a sua patria.

--E que me importa esse direito, se eu o renego para adoptar d'alma e coração o bom Portugal?!

—Pois vá para lá, me respondeu elle, de uma maneira brusca

—Oh! juro-lhe, que irei, porque é lá onde só quero morrer.

É preciso notar-se que meu marido detestava tudo que não fosse Paris, e por isso queria que eu partilhasse tambem do seu odio contra Portugal; e como meu coração não annuia a odiar a terra onde passei os dias da minha infancia, era esse o unico motivo das nossas discussões, que principiaram com um ceo azulado, e terminaram no horisonte da nossa amigavel separação.

D'essa epoca em diante eram rarissimos os dias que se passavam sem se trocarem algumas palavras que longe de me resignarem sobre a ausencia da minha terra de adopção, não faziam senão tornar mais fixa a idéa de acabar meus dias em Lisboa.

Uma occasião estava a conversação inflammada, e as palavras trocavam-se de parte de parte como na discussão de dois ministros ladrões, um que está no ministerio e outro que foi demittido. Um diz: Tu és ladrão; e o outro responde: Ladrão és tu. O primeiro brada: Tu abusas. O segundo grita: Tu é que abusaste! Foi d'este modo que teve logar entre nós a nossa primeira e ultima questão.

—Bem, disse eu, levantando-me, se está de boa fé

em tudo quanto disse, não deve pôr duvida em escrever o que lhe vou dictar.

—Não escrevo coisa alguma, sem saber primeiro em geral de que se vae tratar.

—Deve recordar-se, disse eu, como o nosso casamento foi feito; eu, pobre creança, sacrifiquei-me para me livrar das horriveis pancadas com que uma barbara tia me espancava! O dia em que comprehendí a differença da amizade e do amor, disse-lhe com sinceridade que por si não teria nunca senão amizade. D'essa franqueza resultou zangar-se, e vingar-se em dizer mal de Portugal, d'essa terra que sabe que eu daria por ella a minha vida. Separemo-nos amigavelmente, disse eu, estendendo-lhe a minha mão, separemo-nos antes que os nossos corações cheguem a odiar-se, e teremos nas nossas lembranças sempre amizade um pelo outro; escreva pois o que lhe vou dictar.

Passou a mão pela frente, sentou-se ao pé da secretária, e disse-me com voz firme:

—Oui, oui, dicter! dicter.

Com a velocidade do raio aproximei-me, e disse-lhe:

— Eu abaixo assignado dou o meu consentimento para minha mulher partir quando lhe aprouver: assigne.

Elle assignou, perguntando-me:

—Só isto?

—Só isto, lhe respondi eu.

E tomando o papelinho, dobrei-o bem, e guardei-o no seio

A' noite ao, recolher, disse ás criadas que não precisava dos seus serviços, e fechando me no quarto, tirei do pescoço o meu *scapulaire*, descosi-o, colloquei dentro o papel muito dobrado, e tornei-o a coser convenientemente.

No dia seguinte estava eu arrançando umas lindas flores que tinha n'uma jardineira, quando vejo meu marido apresentar-me um cestinho de magnificas laranjas; ao vê-las logo meus olhos brilharam recordando-me de Lisboa.

—Que bellas laranjas! exclamei eu.

—São suas, me replicou elle com amabilidade, se me quizer entregar o papelinho. . .

—Se m'ò tivesse pedido sem condição, atalhei eu, talvez lh'ò entregasse, porém como vejo uma condição, não o dou.

Elle pegou no cestinho que tinha depositado sobre uma mesa, saiu e não o vi durante cinco dias.

N'este pequeno praso é que percebi que devia separar-me, e formei logo resolução de o fazer assim que pudesse.

Durante os poucos dias que estivemos em Breslau, vimos tudo d'esta cidade, a sua universidade fundada em 1702, e á qual foi reunida em 1811 a de Francfort-sobre-o-Oder. A sua cathedral é digna de especial menção pelos seus quadros, tabernaculo e altar de prata, obra do seculo xvi, e tambem pelo seu grande relógio que já existia em 1373.

A igreja de Santa Isabel, que foi edificada de 1253 a 1257, é admiravel pelo seu altar, torre, e enorme sino.

Possue muitas mais egrejas dignas de especialidade, assim como lindos palacios, sobre tudo o de Schamborn.

A praça de Franeuzien é notavel pela sua regularidade e por ter no centro a grande estatua do general d'este nome.

N'esta cidade se concluiu em 1742 o tratado de paz que terminou a desastrosa guerra da Silesia.

Nada mais pittoresco do que as margens do Oder que atravessa Breslau, como tambem nada mais encantador do que as suas montanhas verdejantes; quando se está n'essa grande altura e se olha para baixo, é tão interessante ver tantas creaturas passeando, e os lindos botes á vela e a remos, cortando as aguas do Oder! quando o ceo se ostenta limpo de nuvens, e o sol desaparece por entre as fo hagens, a mente fica extasiada em profundas meditações, e a alma embriagada em tão ineffaveis gozos!!

Quantas vezes aconteceu esquecer-me ali de tudo... de ser pela minha imaginação completamente feliz... ali vive só a alma!! não tornava á realidade senão quando M.^{me} Qall me fazia reparar que já era tarde, cobrindo-me os hombros com um chale que ella tinha sempre o cuidado de trazer. O livro que eu costumava levar era então entregue ao criado, e muitas vezes ia com o mesmo signal que levava na vespera. Repetidos dias succedia de nem sequer o abrir, porque n'esses dias a minha alma vagava em longas meditações, e eu abandonava-me tranquilla a esse irresistivel poder.

Ah! que sonhos que ali tive! que delirios de suave embriaguez! que momentos de felizes e esperançosas lembranças! E não eram mais do que sonhos! se elles se realisassem a terra seria um verdadeiro paraizo de felicidade, e essa ventura pertence unicamente ao ceo onde as flores mais puras fazem o ornamento divino!!!

Acabaram-se estes deliciosos passeios com a nossa partida para Halitz. Ahi nada vi que mereça ser mencionado, e depois de poucos dias seguimos para Plock, cidade que já foi capital dos duques de Massovie, e que nada tem de singular

Apezar de me aborrecer muito quando chegámos, por não existir alguma coisa que provocasse a minha curiosidade, gostava de ver M.^{me} Qall sair, entrar, e tornar a sair de casa, como levada por instincto de creança, querendo ver tudo, embora fosse monotono e triste.

Tambem se lhe perguntassem quantas ruas tinha uma terra qualquer, não só de memoria dizia os nomes, mas dava as mais insignificantes explicações.

M.^{me} Qall era para mim um livro aberto.

De Kalitz passámos a Ostroleka. Quando perguntámos pelas suas curiosidades, responderam-nos: Aqui foram os russos batidos pelos francezes em 1807, e pelos polacos em 1831, mas nós um dia havemos de tirar a nossa desforra!

De maneira que em logar de nomearem monumentos,

recordavam as suas proprias derrotas, e satisfaziã-m-se promettendo vinganças. Vileza das almas pequenas, o castigo' é só a Deus que elle pertence, aos homens só deve competir a indiferença ou o desprezo.

Depois de estarmos ahi dois dias partimos para Kolno, fronteira da Russia.

CAPITULO XXXI

Principio a aborrecer-me devéras—Johannisbourg, aonde entrei e que não vi—Em Quika principia a melancolia—Arys, insignificante — Schimouken — Sou tola — Rastembourg e Augerbourg passam desaperebidas—Lago de Maner do qual não fallo—Gumbinnen — Tapiau — Em Konigsberg não vamos para o hotel—Admiro as magnificencias construidas pela ordem teutonica—Leiam este capitulo, que saberão por quem esta cidade foi fundada.

Entreí tão doente n'esta cidade, e saí d'ella tão sem melhoras que nada sube e nada vi, nem a minha querida M.^{me} Qall, que ao mais ligeiro incemmodo que eu tivesse, esquecia se de tudo, para só cuidar de mim, e não me desamparava um instante.

Quando me ache quasi restabelecida, quiz logo partir para Johannisbourg mas esta curta viagem fez-me chegar peor ao ponto de não querer saber de nada, e quinze dias depois seguimos para Quika, e eu sempre enferma, mas então não era já o physico, era o moral; uma tristeza profunda que apenas via um sorriso tinha quasi um ataque nervoso.

M.^{me} Qall contou-me depois que comprara os livros mais tristes, para eu ver sempre o seu rosto melancolico ou banhado em lagrimas. Muitas vezes eu lhe dizia que me tinha amizade de mais, e que isso acostumava me mal, porque se um dia a perdesse, ninguem me havia de amar assim. Então respondia ella:

—Quando o seu coração amar, então já não hade lembrar-se d'esta pobre amiga.

Quanto ella se enganava! quando dou a minha amizade, e que a merecem, ella é eterna.

Deixámos Quika e chegámos a Arys, cidade a quatro leguas de Johannisbourg, e que nada tem de admirar.

M.^{me} Qall e eu gastámos os cinco dias que ahi estivemos a acabarmos nos albuns os lindos pontos de vista do Oder.

De Arys partimos para Schimeuken, aonde cheguei n'um tal estado de tristeza que os medicos consultados nada entendiam, dando apenas aquella receita do costume, quando não percebem a causa: Viajar, viajar; distracções, distracções!

Que tolos, meu Deus! que tolos... ou antes eu é que devia accusar-me, porque lia, sem comprehender meu coração, pois elle e a minha ardente imaginação é que me faziam soffrer!

Fomos para Rastenbourg, cidade egualmente da Prussia, aonde nos fallaram de um gymnastico evangelico, mas o meu estado de marasmo não me deixou ir vê-lo

D'ahi fomos para Augerbourg, que é uma pequena cidade do governo de Gumbinnen.

O que eu vi de curioso foram as suas ricas manufacturas de tecidos.

No dia seguinte em que partimos d'esta cidade, admirámos o grande lago de Maner que se acha a poucas leguas distante; seguimos depois para Gumbinnen. Esta villa da Prussia, que foi fundada de 1724 a 1732 por Frederico Guilherme I, tem uma famosa bibliotheca publica, que merece menção: é só o que tem.

Dois dias depois estavamos em Tapiau, aonde a unica curiosidade que tem, é o seu grande asylo de mendicidade.

M.^{me} Qall que conhecia uma familia em Konigsberg, tinha mandado alugar um bonito *appartement*, de maneira que ao chegarmos ali, não tivemos o incommodo

de irmos primeiro para um hotel, fomos logo para nossa casa.

Em Konigsberg traba'ha-se em oiro com muita perfeição. Os edificios mais admiraveis d'esta cidade são o pa'acio real, que foi construido em 1237 pela ordem teutonica, e a sua bella fortaleza Friedrichsburg levantada em 1657. O governo civil erigido em 1695 é uma bella architectura. A sua magnifica cathedral que foi levantada em 1332, possui os tumulos dos duques da Prussia, e dos grã-mestres da ordem teutonica.

Esta cidade foi fundada em 1255 por Prianslas III rei da Bohemia; tem o titulo de segunda capital do reino, e é bastante forte; tem um quartel general de um corpo do exercito.

A sua universidade fundada em 1544 é composta de quatro faculdades, e disseram-me que em 1836 contava trinta e nove professores. D'esta universidade depende o seminario evangelico, o jardim botanico, que é magnifico, e a collecção.

Além d'isto existe um collegio real denominado Frederick.

A industria ali é prodigiosa, e o hospital dos doidos admiravel.

CAPITULO XXXII

Pillau e o golfo de Dantzick com suas aguas milagrosas—Brandenbourg a instruida—Brannsberg a philosophica—Elbing—Mariembourg, e o seu famoso castello—Dirchau patria de Reinald Forster — Receio de um ponte de botes — Dantzick — Bella igreja de Santa Maria — Não fallo de Mewe — Marienwader—Grandeuz—Strasbourg—Bromberg a horrenda—Desenhamos—Posen—Custrin.

De Konigsberg fomos ver Pillau, cabo que cerca o golfo de Dantzick, e que se pode chamar o porto d'aquella terra. Separando Frische-Haff do mar Baltico, fica de frente a cidade de Nebrnugspitz.

Havia sobre este cabo uma cantiga que fazia morrer de riso M^{me} Qall, porque encerrava a superstição de morrerem solteiras as donzellas que se não fossem banhar n'aquellas aguas.

Passámos finalmente a Brandenbourg, de cuja cidade não gostei nada, por ser uma cidade chata como um especione, e não me agradam senão as construidas em amphitheatro

Eis um dos motivos porque eu sempre adorei tanto Portugal.

Brandenbourg é digna de se mencionar pelos seus estabelecimentos de instrucção publica.

Disseram-nos que em 1836 os seus dezoito gymnasios eram frequentados por 4:441 creanças, o que é sufficiente para attestar o decidido gosto que ali ha pela instrucção.

De Brandenbourg partimos para Brannsberg que foi fundada em 1225, e que não merece mencionar-se senão pelo seu lyceu academico, e a universidade estabelecida em 1808, que tem só duas cadeiras a de theologia e a de philosophia. Esta ultima é indispensavel, visto que a Allemanha é a verdadeira terra dos philosophos, que podem rivalisar com a famosa Paul Janet.

De Brannsberg partimos para Elbing aonde a unica coisa que me agradou foi ver as construcções de navios.

Não gostei nada d'esta cidade. Sendo M^{me} Qall para mim uma especie de ajudante de ordens, para obter que meu marido fizesse tudo que eu desejasse, obtive que partissemos immediatamente para Marienbourg aonde admirei a sua famosa escola de surdos mudos, e o celebre castello levantado de 1306 a 1309, e que serviu muito tempo de residencia aos grã-mestres da ordem tentonica; a bella egreja de Santa Maria conservava os jazigos de alguns d'elles, jazigos admiraveis pela belleza da architectura.

Tres dias depois partimos para Dirchau, patria do celebre viajante Reinald Forster. No dia seguinte fo-

mos para passar o Vistula, sobre a ponte de botes que ali existe; mas ou fosse verdade ou medo, figurou-se-me que tudo se ia encalhar, e no meio do caminho voltei para traz, o que fez M.^{me} Qall chamar-me tres vezes creança. Mas a mim parece-me que se deve seguir sempre o dictado: Precauções e agua benta nunca fez mal a ninguem.

De Dirchau seguimos para Dantzick, grande e forte cidade que possui uma magnifica bibliotheca, excellente observatorio e magnifico museu de historia natural. O seu commercio é dos maiores em todo o norte da Europa. Barulho e mais barulho é o que ha muito n'esta cidade, e é um dos motivos porque não gostei nada d'ella visto que adoro a tranquillidade.

A egreja de Santa Maria, que é a sua cathedral, não fica inferior ás mais bellas egrejas dos primeiros paizes.

Pertenceu esta cidade á famosa ordem teutonica, e passou para a Polonia em 1454.

Ella foi tomada pelos francezes, esses desinquietsos que não podem deixar os povos socegados, e que serão sempre o *Cabrion* da Europa, Asia, Africa, America, Oceania, e de quaesquer outros novos mundos que appareçam, até acharem quem lhe grite alto e bom som: arreter!

Existia tambem sobre essa turbulenta cidade uma celebre canção que eu não traduzo aqui, por não me recordar bem de todos os versos.

Depois de termos observado as bellezas mais especiaes, partimos para Mewe, que foi a primeira possessão da ordem teutonica, e que nem por isso conserva o mais leve extraordinario. D'aqui atravessámos para Marienwader, que nada tem que valha mencionar-se, excepto a sua grandiosa e magestosa cathedral construida em 1255, que se pode chamar um primor d'arte e de belleza gothica.

Em consequencia de tudo mais ser muito vulgar, seguimos tres dias depois para Grandeuz, onde apenas nos demorámos quatro horas e partimos logo para Stras-

bourg, aonde tudo era ainda mais insipido, sem haver sequer excellentes pasteis, como em Strasbourg, fronteira da França

Victimas de um aborrecimento incrível, passámos a Bromberg, cidade enriquecida de immensas fabricas, mas que me pareceu tão feia á minha chegada, que oito dias que me demorei ahi não fui á rua uma só vez, e mesmo o frio cortava tanto, que não tinha coragem para me separar do querido fogão, aonde com M.^{me} Qall acabavamos de desenhar os pontos de vista que traziamos de Augerbourg, do lago de Maner, etc.

Com a mesma rapidez chegámos a Posen, que nem pelos seus monumentos, nem pelo seu terreno merece que se falle.

O aborrecimento progredia cada vez mais, e assim nos fizemos transportar para Custrin, aonde nem sequer abrimos a janella.

CAPITULO XXXIII

O espirito continua na semsaboria—Não quero ficar em Francfort —Berlin—Prefiro a rua de Leipzick á bella rua de Unter-den-Linden.

Já se vê que o espirito ia decaído cada vez mais para as trevas da semsaboria.

Desejando desferrar me de algum modo, partimos para Francfort, aonde não tencionavamos demorar-nos mais do que tres ou quatro dias; mas como a nossa chegada foi no dia da feira de Santa Margarida, que diziam ser uma das mais importantes da Allemanha, era tanto o barulho mesmo com as janellas fechadas, que aturridos passámos logo no dia seguinte para Berlin.

Berlin pode dizer-se afoitamente que é uma das mais bellas capit es da Europa. Em 1800 fundou-se a sua universidade frequentada por estudantes de quasi todos os paizes.

Quatro mezes ficámos em Berlin, e ainda nos restaria muito que ver se lá nos tivéssemos demorado mais.

Moravamos na rua de Unter-den Linden, que é toda ornada de arvores, existindo n uma das extremidades d'ella o monumento que levantaram á memoria de Frederico-o-Grande.

De todas as magnificas ruas que possui esta cidade, para o meu gosto prefiro a de Leipzick, aonde morava uma senhora da amizade de M.^{me} Qall, que era louca por andar sempre em passeios e divertimentos; não deixava de lhe dar razão, em consequencia de seu marido ser algum tanto rigido e insupportavel, não pela sua velhice, que sou apologista d'ella, mas porque era muito maniaco.

CAPTULO XXXIV

Tributo só reservado a Frederica, mas aonde digo mais algumas coisas.

Frederica de W*** vinha buscar-nos de manhã, e assim todas tres corriamos a visitar as curiosidades d'esta cidade.

Era um gosto a brevidade com que nós iam de uma parte a outra, em consequencia da sua carruagem ser puxada por excellentes e fogosos cavallos.

M.^{me} Qall conhecia perfeitamente Berlin, porque já lá tinha estado com seu marido; porém eu com dezeseite annos tinha uma grande curiosidade, que dizia ella á sua amiga que era preciso satisfazer, por eu ser *une colleginne e chappée de pension*.

Vinhamos um dia da praça *Mercado dos Gendarmes*, para a praça *Guilherme*, que é toda rodeada de sumptuosos palacios e decorada com as grandes estatuas de marmore dos cinco capitães que se tornaram celebres na guerra dos se'e annos.

Keith, Seidlitz, Schwerin, Liethen, e Winterfeld, são os nomes d'esses cinco homens celebres.

Um dia estando a admirar essas bellas estatuas, uma mulher chega-se perto de mim, e me diz, olhando fixamente:

—Vinde, quero deitar-vos uma sorte.

Parei, e apertei o braço de M.^{me} Qall; julguei que a pobre mulher estava doida, e tive medo. M.^{me} Qall e a sua amiga disseram-me em inglez que aproveitasse a occasião, porque tudo que ella dizia seria exacto.

Soltei uma gargalhada, e apenas respondi a esta banalidade:

—E' sina minha, vim á Allemanha para em toda a parte me lerem a *buen dicha*.

A minha curiosidade achava-se excitada; n'essa mesma noite veio a bruxa e prophetizou duas coisas: uma saiu exacta, a outra ainda estou esperando.....

Não me quiz acceitar dinheiro, mas dei-lhe um anel que ella jurou guardar toda a sua vida.

No dia seguinte a este fomos ver fora da cidade o Thie garten, lindo parque aonde se reúne a mais alta sociedade, e que era o proprio favorito do rei.

Não posso descrever o prazer que senti, quando, visitando os lindos jardins de inverno que ha em Berlin, vi caixotes com laranjeiras. O amor que nutria por Portugal tinha-se tornado em mim uma phrenetica paixão, que a vista d'aquelle fructo vinha avivar, e não olhando aos regulamentos quiz arrancar um ramo, mas não podendo em consequencia das estufas, só me restou cobrir os vidros com minhas lagrimas de saudade, lembrando-me que ellas tivessem vindo da terra tão prezada por mim.

Riram-se d'esta puerilidade, mas que me importava isso?! Amava Lisboa, de nada mais queria saber.

A' noite esses jardins são de uma belleza incrivel, e muito apraz vê-los illuminados, passeando-se ao som de uma agradavel orchestra. Estes jardins são immen-

samente apreciáveis, porque todos ali estão satisfeitos debaixo d'aquellas folhagens verdes e viçosas, na agitação da concorrência, nos logares mais solitarios, vê-se um poeta rimando uns versos para os ir offerecer á sua bella que está ao pé da mamã ouvindo a musica; mais longe o papá d'essa nympha adorada, fallando em politica com seus amigos e consultando os periodicos; os que não possuem a dita de serem namorados, encerram-se na sala do baile; os que se achavam só com as minhas disposições de curiosidade, examinavam tudo e todas aquellas comedias.

Eu tinha desejos de ver a egreja de Santa Hedwiges, mas sempre havia impossibilidade de lá irmos, de maneira que n'esta cidade não pude ver de egrejas senão a de S. Nicolau que é a mais antiga de todas, e a mais digna de menção pelos seus bellos e gothicos ornamentos.

As propriedades em Berlin são todas perfeitamente construidas, e a maior parte d'ellas deixam a perder de vista quasi todos os palacios de Lisboa.

Depois do encontro que tivemos no lago Guilherme, M.^{me} Qall fallava-me algumas vezes na prophécia que me haviam lido.

Frederica de W^{***}, essa endiabrada, ria-se todo o dia, e fallava-me a todo o instante:

—Passe, passe o mar, para o seu coração ser feliz!...

Pobre Frederica! coitada! quem lhe havia de dizer que uma amiga de tão pouco tempo era a destinada a salvá-la do que uma senhora tem de mais caro no mundo: *a sua propria estima!*

Frederica amava, e amava extremosamente. A uma rapariga casada com um velho rabugent, á santa conveniencia dos seus parentes, e não á vontade do seu coração, era esta falta desculpavel ou criminosa?

Muitos dirão que estava innocente porque o amor purifica tudo! Sim, é um facto, mas não quando esse amor é uma traição que deita o ridiculo e o desprezo nos

cabellos brancos de um homem que lhe confiara a sua honra; de um homem que apresentando a pelo seu braço nas sociedades, não recebe em recompensa do seu amor octogenario, é verdade, mas do seu amor, emfim, porque o é, mais do que o riso do escarneo!

Tinhamos tido zangas, e ás vezes passavam a contendas fortes, quando procurava dar-lhe conselhos que a podiam salvar de uma horrivel catastrophe. Ella, a pobre louca, chamava-me então a idealista, a santa!

Um dia de eguaes questões, respondi-lhe:

—Não sou santa, mas a traição repugna-me.

—Oh! é porque tu não sabes ainda, minha querida, o que é o amor. Por elle, entendes-me?... continuou Frederica sorrindo com uma graça admiravel, seria capaz de assassinar meu marido!

—Comprehendo isso, Frederica, lhe disse eu com certa seriedade; um momento de paixão, um impeto de desvario, de desespero... pode obrigar nossas mãos a commetterem um crime' e por essa loucura pode-se obter perdão... porque se não reflectiu! mas esse perdão é de Deus porque o mundo nunca perdoa uma nodoa de sangue! porém trahir todos os dias, enganar sempre, a cada instante... Oh isso é impossivel!

—Mas elle não sabe, nem o hade vir a saber, disse ella fazendo rolar a sua cabeça no meu colo, e chorando commovida. Oh! tu não sabes o que é amar, senão não me criminarias; um amor como este que eu dedico a A*** não é possivel arrancar-o do coração, sem levar com elle a vida...

—Pois tu és uma creança; pensas que por eu ter seis annos de menos, não comprehendo tudo isso?! Quando o meu coração se abraçar, serei capaz de fazer ainda mais; de deitar a minha honra, a minha reputação á lingua do mundo; de perder posição e fortuna, de lutar com as maiores difficuldades, finalmente, de arrostar com tudo, tudo! mas nunca, Frederica, me verás fazer uma traição, porque no dia em que me tornasse perfida, seria a propria a desprezar-me, e a jul-

gar-me indigna de merecer um amor sincero e verdadeiro!

—Mas que queres tu que eu faça, que queres? exclamou ella, estendendo os braços e torcendo desesperadamente as mãos, fitando ao mesmo tempo em mim aquelles olhos vivos e rasgados, nos quaes se tinham seccado as lagrimas.

A pallidez começando a despontar n'aquelle rosto angelico, fez-me recear que a organização exaltada de Frederica, e fraca de si, não tivesse a força necessaria para abraçar um conselho forte, mas absolutamente necessario

Apertando aquelle corpo gentil contra o meu peito, e chamando lhe pelo doce nome de irmã, (de que ella tanto gostava) procurei dar-lhe a commoção bastante para que as lagrimas saltassem das pupillas, e orvalhando as faces, dessem áquelle coração o allivio consolador que devia salvar-a

—Tu desprezas-me, Josephina? Tu desprezas-me, querida amiga? murmurou ella, occultando o rosto entre as mãos.

—Tontinha! desprezar-te, porque? Não tens em mim a confiança de uma irmã?! Não sabes, agora amo-te mais ainda, se é poss vel! eu só desejava, só queria que n'esse coração tão cheio de affecto, não houvesse logar para a traição!

—Eu farei tudo, disse ella, tudo quanto me aconselhares.

—Pois bem, existe um amor verdadeiro, porque nenhuma mulher que tem uma alma como a tua, commette uma traição, sem a provocar grande cegueira. Tu conheces, sabes que esse delicto é uma infamia para com teu marido. . . pois repara tu, que A*** parte quanto antes.

—Oh! não, não! exclamou ella abrindo muito os olhos, e dando á bocca uma expresso amargurada.

—Escuta, doidinha! continuei eu; tu tens vinte e dois annos, A*** conta os seus trinta; são ainda bem

novos! teu marido tem quasi oitenta . . . é provavel que fiques viuva, e então unindo-te a A*** Deus te compensará de teres sido boa esposa. Isto é uma reflexão feita com todo o sangue frio, nas grandes crises. . . remedio forte! Continuando assim pode teu marido vir a saber. . . e terás de arrepender-te vendo o sepulchro aberto aos pés de um homem, que em tão adiantada idade não hade encontrar-se com forças de supportar a sua des-honra!

—Elle hade partir, Josephina, exclamou Frederica depois de longa pausa; juro te que hade partir!

E abraçou-me com toda a força do seu reconhecimento

—Então que é isto? disse M.^{me} Qall, que entrava n'aquelle momento; que é isto? Lagrimas, choro, soluços! novo arrufo, aposto eu, e nova reconciliação também! é semp e assim de nos zangarmos, de quasi chegarmos a ter odio uns aos outros; chora-se de arrependimento e de alegria! ora viva Deus! contem-me tudo.

E M.^{me} Qall sentou-se para ouvir.

Frederica e eu trocámos um olhar, um só, quanto bastou para recommendar silencio de parte a parte.

—Então se me não contam nada, vou-me embora, disse alfim M.^{me} Qall erguendo-se.

—Ora o que é, acudiu logo Frederica; é a Josephina que teve uma grande turra comigo por não querer sair esta tarde a cavallo como é o meu desejo. É mau, não acha?

—N'esse caso Josephina é que está culpada, pague as custas a Josephina; quero-me tornar juiz e vou sentenciar. Devem pois sair a cavallo, não só porque lhes faz bem, mas porque contenta com esse sacrificio esta creança chamada Frederica.

—Pois se é sentença de juiz, e de juiz que entende da materia, saírei, disse eu.

—Eu hoje janto com M.^{me} Barthy (uma amiga intima d'ella) vamos depois ao theatro, disse M.^{me} Qall.

—E eu mando recado a A^{***}, disse Frederica esquecendo se já das suas lagrimas, e voltando á sua costumada alegria.

Fiz a criada metter n'uma caixa o meu fato de sair a cavallo, e mandei o a casa de Frederica.

Poucos instantes depois partimos, e quando ahi chegámos já A^{***} tinha vindo a correr em consequencia de ter recebido a carta da sua apaixonada Frederica.

Pallido e tremulo, perguntou ao dar-lhe a mão, que extraordinario havia.

Frederica ao ver o susto que o preocupava, soltou uma gargalhada, e batendo com as mãos, disse-lhe:

—Vamos sair já a cavallo, e queremos que nos acompanhe.

E tocando logo uma campainha, appareceu uma das suas criadas, deu ordem para mandar apparelhar os cavallos em que costumavamos sair.

—Então que barulho é este? disse Mr. de W^{***} marido de Frederica, que appareceu embrulhado n'um grande robe de chambre, e com um bonet grego na cabeça.

Frederica lançou um olhar para seu marido, depois voltou-o para A^{***}, e fitou depois os olhos em mim.

Oh! meu Deus! quanto dizia aquelle olhar!!!

—*B n jour. ma chère enfant* disse-me Mr de W^{***}, dando-me um osculo na testa, como era sempre o seu costume.

—Forte pachorra que tu tens para aturar estas creanças, disse Mr. W^{***} apertando a mão de A^{***}

Custou-me realmente ver aquelle velho apertar com tanta confiança a mão que o atraçoava.

—Vamos sair a cavallo, disse M.^{me} de W^{***} para seu marido.

E pegando-me na mão, levou-me comsigo, e acrescentou:

—Vamos vestir-nos.

Vinte minutos depois, voltavamos já preparadas de chapeo na cabeça e chicote na mão; achámos meu marido

assentado ao pé de uma mesa a jogar o xadrez com Mr. de W***, e A*** a ler no livro que Frederica deixara de vespera aberto sobre o piano.

—Adeus! dissemos nós, dando a mão a apertar a cada um de nossos maridos.

—Tome cuidado, bradou Mr de W***, não as deixe quebrar a cabeça.

E dando novamente a mão a A***, assim ficou com meu marido descansado a jogar, em quanto que nós desciamos ao parque, e montando nos cavallos partimos a galope.

Fôra das portas fiz com que o meu cavallo fosse sempre adiante para deixar aquelles dois namorados conversarem sobre o seu amor, e decidir sobre o seu destino.

De volta para casa, depois do jantar, Frederica sentou-se a tocar ao piano. Os dois inseparaveis estavam de novo á mesa, com os seus reis, rainhas e torres; sentada n'uma poltrona, passava eu aquelle tempo, folheando um album, quando A*** se levantou de ao pé do piano, e veio sentar-se perto de mim.

Meu marido lançou-me um olhar perscrutador.

—Que creatura admiravel, começou A*** em voz baixa, tenho o coração despedaçado, mas cumprirei com as suas determinações, e com o meu dever.

—Eu não determino, lhe repliquei; dei um conselho que salva a nossa Frederica.

—Oh! porque não a conheci eu primeiro. redarguiu elle; um homem que comprehender o seu character, não pode deixar de se apaixonar por elle, sendo toda a sua vida seu escravo!

—Cuidado... disse Mr. de W***, sorrindo maliciosamente; aqui ha ciumes, porque me deixam ganhar o jogo.

—Para evitar os ciumes, vou sentar-me entre os dois accusados, exclamou Frederica levantando-se do piano, e sentando-se ao nosso lado.

A's onze e meia A*** despediu-se e saiu.

Ia eu e meu marido no caleche de Mr. de W*** que nos conduzia sempre a casa, quando voltando-se para mim, me disse:

—Mr. de W*** julga que A*** lhe faz a côrte, e eu estou inteiramente persuadido que é Frederica que A*** namora.

—Porque não hade crer que A*** não faz a côrte a nenhuma de nós? lhe disse eu.

—Porque as assiduidades de A*** não são de simples amizade.

—Isso é uma suspeita, disse eu, e peço-lhe que a não alimente, pois sabe quanto sou amiga de Frederica.

Elle calou-se.

Dois dias não vi M.^{me} de W***. No terceiro recebo uma carta sua, inintelligivel, e apenas com estas palavras:

JOSEPHINA

«Vem, vem depressa, podes-me salvar!... eu estou perdida! tudo confio de ti.»

«*Frederica de W****»

Foi a correr que cheguei a casa d'ella, e achei-a n'um estado que teria feito dô ás pedras.

Mostrou-me uma carta que tinham dirigido a seu marido, e em que denunciavam tudo.

Depois deu me outra de seu marido, com estas simples palavras:

«Se o que dizem é verdade, apesar dos meus «setenta annos, o meu braço ainda tem força para fazer «desaffrontar a minha honra.»

«W***»

Fiquei abysmada.

—Esperava uma catastrophe, disse eu; mas não a esperava tão depressa... Porque te não dei ha um mez os conselhos de hontem? Appellaste para mim, Frederica, murmurei eu, apertando entre as minhas as suas mãos geladas, não appelleste em vão, eu t'o provarei. Manda apromptar o teu caleche.

M.^{me} de W* * puxou a campainha e deu as suas ordens.

—M.^{elle} Jenny (era a demoiselle de sua companhia) que venha comigo. Tu, dá-me essas cartas, e d'aqui a uma hora estou de volta. Deita-te, e dize que estás doente; não falles a ninguém em quanto não voltar.

Sentei-me n'uma cadeira, e fiquei como ella em silencio com a cabeça entre as mãos, até que me vieram dizer que o trem estava prompto.

Então robustecida de uma firme resolução, levantei-me, cheguei-me a Frederica, e apertando-a nos meus braços, disse-lhe:

—Coragem! esperança! sou tua amiga.

Ella não pôde responder, e ficou n'aquelle estado de abatimento, que tanto doe no coração de quem comprehende quanto vale uma crise tão dolorosa.

Subindo para o trem com M.^{elle} Jenny, disse ao cocheiro que parasse em casa de Mr. A***

Parece-me que entrei tão pallida e tão extraordinariamente, que Mr. A*** vendo-me assim, exclamou:

—Oh! que desgraça vem annunciar-me?!

Sem responder uma unica palavra, entreguei-lhe as duas cartas.

—Meu Deus! meu Deus! murmurou elle, deixando-se cair sobre uma cadeira; Frederica! perdida, perdida por minha causa!

—Não, disse eu, porque ainda tem em mim uma amiga!

—Perdida! perdida! repetiu elle de novo.

—Asseguro-lhe que não, porque a amiga sacrificase para os salvar! Coragem pois, e esperança! não temos tempo a perder, sente-se á sua secretária, e escreva as cartas que lhe vou dictar.

Elle obedeceu.

Instantes depois tinha na minha mão quatro cartas com datas antigas, cartas com o meu nome, como se eu tivesse no coração d'elle o logar de Frederica.

Foi preciso repetir muitas vezes o nome de Frederica, para elle se resolver a escrevel-as.

—É um anjo, disse elle ao acabar a ultima, e deitando-se a meus pés, banhando as minhas mãos com as suas lagrimas.

—Oh! não, não sou um anjo! mas sou a sua irmã, e a amiga mais dedicada de Frederica! Ella por mim faria o mesmo. Adeus, continuei eu, vá logo como o costume; e sobre tudo presença de espirito.

—Comprehendo tudo... disse M.^{elle} Jenny, quando desciamos as escadas: que boa amiga que é!

—Sou amiga verdadeira. eis o que eu sou, disse eu.

—Ser amiga assim é heroismo, balbuciou ella limpando as lagrimas

Confesso que tambem chorei... o sacrificio era penoso, era forte de mais para as minhas forças; porém tinha jurado a Frederica uma verdadeira amizade, e aquelle momento era o de lhe dar a prova, salvando-a!

Assim o fiz. Quando entrei no quarto de Frederica, achei-a no mesmo estado.

—Jenny, minha querida Jenny, disse eu, voltando-me para a *demoiselle de companhia*, desejo fallar immediatamente a Mr. de W^{***}: rogo-lhe o obsequio de lhe pedir da minha parte alguns minutos de conferencia.

Jenny saiu. Fiz jurar a Frederica de me não desmentir em coisa alguma. Obtido esse protesto solemne, Jenny voltava, dizendo-me que Mr. de W^{***} me esperava no seu gabinete.

Quando entrei, Mr. de W^{***} levantou se da sua cadeira de braços que ficava ao pé da mesa aonde estavam livros e papeis; dando me as mãos, exclamou com a bondade que o caracterisava:

—Então que temos, minha cara brazileirinha? Vejo-a pallida... diga me tudo.

—Perdão! disse eu caíndo no sophá, e escondendo o rosto. Perdão! não me accuse! não me despreze! não me amaldiçoe!

Senti que as mãos d'elle estremeciam, e um instante depois disse com a voz quasi suffocada:

—Que extraordinario é esse? Falle.

—Sou muito culpada, fui... não, não o direi... não tenho animo de o contar, por estas cartas poderá ver e saber tudo.

Tirando o maço da algibeira, continuei:

Reconheça quanto foi criminoso visto que pôde accusar um anjo como Frederica, que uma mão malvada não hesitou em condemnar a seus olhos! Eu para lhe parecer virtuosa como ella é, devia por esse motivo deixar accusar sem culpa a minha querida amiga, a minha boa Frederica. Aqui venho pois confiar a minha reputação, e pedir-lhe que faça com que A*** parta com brevidade; será o unico meio de evitar uma loucura.

As mãos de Mr. W*** apenas pareciam segurar as cartas, que a vista devorava

Vendo mudar durante a leitura a sua physionomia, e ás faces assomarem côres diversas, interiormente dirigiu á Virgem a mais fervorosa oração, para que aquelle pobre velho não descobrisse a minha mentira, que salvava, a elle da morte, e á minha cara Frederica da maior desesperação.

—Fez bem em vir confiar-me esse segredo; mas como soube que eu accusava Frederica?

—Ha uma hora apenas; quando entrei no quarto de Frederica, vi a n'um estado tristissimo, e perguntando-lhe o motivo das suas lagrimas, respondeu mostrando-me as duas cartas que lhe mandou entregar. Sem lhe dizer nada fui a casa buscar estas cartas que lhe trago para conhecer o fundo de toda a verdade. Agora deve reparar o erro que fez, o mal que causou a uma esposa que, apezar dos seus poucos annos, o estima e é incapaz de uma traição.

—Sim, disse elle levantando-se, e mostrando nã physionomia um certo ar de jubilo, vamos!

—Não, disse eu. deixe-me ir primeiro preparal-a

para esta recepção que ella não espera; uma grande alegria, sobre um desgosto como este porque acabou de passar, pode collocal-a n'um estado perigoso. Eu vou, d'aqui a meia hora lá o espero

—Sim, disse elle abrindo os braços e apertando-me n'elles, apesar da sua falta. . . .

Não o deixei acabar. Saí quasi a correr do gabinete. A mim! a mim! dar-me um perdão sem eu ser culpada! Oh! . . . saí d'aquelle gabinete, receava que mais duas ou tres palavras me revoltassem, e que então não pudesse completar o sacrificio que o meu coração de amiga me obrigava a cumprir.

Cheguei ao pé de Frederica, e caindo sobre uma cadeira, depois dos primeiros soluços que me suffocaram, contei-lhe tudo.

—Mas eu é que não heide consentir, exclamou Frederica; oh! não! vou dizer a verdade a meu marido; declarar-lhe que eu sou a culpada, e que não fui bastante covarde para deixar que pese a accusação sobre a innocente.

De um impeto violento ergueu-se com altivez sublime.

—Não farás nada, Frederica, disse eu, apertando-a nos meus braços. Lembra-te que antes de ir ao gabinete de teu marido, fiz dar-te palavra de não me desmentires.

—Oh! minha amiga! minha amiga! exclamou ella, deitando-se nos meus braços, e deixando-se depois recair com a sua linda cabeça no meu collo, aonde suffocava apenas os seus sentidos soluços.

—Enxuga depressa as tuas lagrimas, lhe disse eu beijando-a, sinto os passos de teu marido, e elle não deve ver-te assim.

Mr. de W*** entrou, e chegando-se perto de Frederica, disse com voz grave e commovida:

—Accusei-a, Frederica, venho pedir-lhe perdão!

Passados aquelles momentos de lagrimas e arrependimento que sempre apparecem n'estas reconciliações,

estavamos todos sentados em amplas poltronas ao pé do fogão.

Ali tive de ouvir duas horas os conselhos de Mr. de W^{***}, e as reprehensões onde todo o azedume era coberto pelas palavras de doçura e amizade.

Eu, meu Deus! que estava innocente, sentia meu peito como a tempestade que está para rebentar.... mas um olhar que eu lançava sobre Frederica, um olhar que me fazia ver aquelle rosto angelico, aonde se estampava o reconhecimento da sua alma, fazia sepultar todo o arrebatamento do meu orgulho, e derramava lagrimas que eram um alivio, e que ao mesmo tempo consolavam.

O meu orgulho estava abatido, arrastado, mas a minha soberba não. Porque a alma dizia-me que eu tinha feito uma nobre acção.

Alguns dias depois A^{***} partia. A' vista do meu sacrificio, nem elle nem Frederica tinham podido recuar diante do unico meio que assegurava o descanso de ambos, e a felicidade de Mr. de W^{***}.

Quando deixámos Berlin, foi para Frederica um golpe cruel; eu tinha me tornado para ella mais do que uma irmã.

Ficámos sempre correspondendo nos. Foi por uma carta sua que eu recebi a noticia de que Mr. de W^{***} tinha apparecido morto na sua cama d'um ataque apoplectico.

Quatorze mezes depois de eu ter salvado a apaixonada Frederica, tive outra carta em que me dava parte do seu casamento com A^{***}, e dizendo-me que se algum dia me achasse em embaraços, não esquecesse que a sua fortuna era minha.

Realmente achei me em erises bem terriveis, e se me tivesse dirigido a esses dois amigos, estou certa que me teriam salvado de tudo

Mas accetar d'elles qualquer beneficio seria quasi uma recompensa do meu sacrificio, e essa só me devia vir de Deus!

Um dia, (estando eu já aqui em Lisboa) recebi uma carta lacrada de preto; era de A^{***}. Frederica, esse anjo, tinha dado a alma ao Creador, deixando para consolar o infeliz A^{***} uma menina, que ella Frederica antes de morrer pediu a baptisassem com o meu nome.

N'esta derradeira lembrança, n'esta prova intima da sua gratidão, tive o maior prazer possível.

Pilarcita Guido, no Rio de Janeiro, fôra a minha amiga de infancia, amiga de innocencia; mas Frederica, essa fôra minha amiga, amiga como não se pode ser, senão quando existe entre duas pessoas uma leal e verdadeira amizade, ou um sacrificio

Lá do ceo, Frederica, vê a tua infeliz amiga! vê a tua pobre Josephina, a quem sempre repetias: Prophetisaram te que devias passar o mar para o teu coração conhecer o amor! vae, vae pois, passa esse infinito oceano para saberes o que é a felicidade e as torturas! Estás na região celeste, ó amiga querida! entre nuvens brancas e salpicadas de oiro, rodeam-te os anjos, entoam-te um hymno de páz e de gloria; pois supplica a Deus piedade, piedade por mim, porque meu coração tão mago do não tem quasi força nem alento. Com as minhas illusões *quasi* perdidas, foge a minha felicidade!

.....

CAPITULO XXXV

Revolta em Berlin

Foi durante a minha estada em Berlin em 1848 que resurgiu n'esta capital a revolta arrebatada em França, revolta que podia ter sido tão gloriosa para o general Cavaignac, e que não foi senão um caminho para Luiz Bonaparte subir os degraus de um throno illustre, throno

aonde brillhou o esplendor dos mais deslumbrantes reinados; o throno de S. Luiz, sobre o qual põe na cabeça a corôa imperial de seu tio o immortal Napoleão, o heroe vencedor!!

Essa revolta de Berlin foi horrorosa, porque nobreza e povo, todo o numero dos estudantes se armara e corria amotinado as ruas.

A casa que ficava ao lado d'aquella aonde nós moravamos fazia esquina, e era habitação de um ministro de estado

Toda aquella multidão, já enthusiasmada pelo cheiro da polvora, já hallucinada pelo espirito do vinho, parecia um perfeito rebanho de monstros.

Uns armados com paus, com fouces, e outras qualidades de armamentos, em quanto que muitos d'elles levantavam uma barricada á similhaça das que se fazem nas revoluções francezas; esses homens perdidos de cabeça, quebravam todos os vidros das janellas do ministro, arrombavam-lhe a porta aos gritos desatinados de morra o traidor! Felizmente o ministro tinha tido tempo de fugir com sua familia pela porta da quinta, e por ali achou refugio em casa do embaixador de Inglaterra.

Mas esses homens sedentos de sangue, não contentes das cabeças que faziam passear espetadas em lanças, levaram a sua indole desalmada a chegarem estes monumentos da sua fera crueldade ás vidraças dos primeiros andares.

Como M.^{me} Qall, eu e Frederica, abraçadas umas ás outras, espreitavamos tudo pela greta da janella, foi assim que admirámos aquelles monstros, que desesperados e com a raiva de não acharem o ministro, no qual queriam descarregar metade da sua colera, deitavam dos andares para as ruas as mobílias e os ricos espelhos de Veneza, d'aquellas victimas do seu desagrado, que puderam escapar com o corpo ao seu furor diabolico. Os destroços caíam sobre as cabeças dos seus irmãos, ami-

gos e partidarios que levantavam a barricada, ferindo uns, maltratando outros, e elles-tão perdidos que não reparavam n'este damno á humanidade.

A destruição era uma gloria porque saciava a vingança.

Eram como os lobos esfaimados, matavam e devoravam-se!

Um joven estudante que fazia a admiração dos que o viam pela sua bravura e coragem, ja com uma ferida no lado esquerdo, ferida que derramava abundantes gotas de sangue que tingia de purpura a sua camisa branca com as mangas já esfrangalhadas, era o admiravel original de uma bella pintura guerreira, porque na sua physionomia, cheia de energia, conhecia-se um homem louco, dominado pela paixão, paixão da patria!

No maior conflicto, quando as tropas do rei estavam fazendo fogo sobre os subditos de S. M., arrancou valorosamente a bandeira que estava no alto da barricada, e na qual se lia *Liberdade!*

Com este estandarte na mão, com o rosto animado e a fronte erguida, com a mais corajosa bravura, subiu ao ponto mais alto da barricada, dando com o seu exemplo ardor aos seus amigos.

Oh! que bello quadro era o d'aquelle homem, no meio das balas e do fumo da artilheria!!!

A sua coragem foi tão grande que lhe deram uns poucos de vivas e bravos, bravos e vivas estridentes que augmentavam o furor. O hurrah! hurrah! tão favorito dos alemães seguia estes brados de enthusiasmo.

Uma bala, atravessando-lhe de repente o coração, fel-o cair d'aquelle throno Levantado no meio do fogo nos braços dos seus irmãos, não viram n'elle mais do que um cadaver.

Sua mãe, sua mãe que correu ali quasi louca de susto e de terror por seu caro filho, sua mãe não abraçou senão um corpo gelado, um corpo sem alma! Oh! pobre mãe!!!

Não pudemos ver mais; esta scena fôra sensível de mais para as nossas organizações nervosas e exaltadas! por isso durante muito tempo fiquei horrorizada d'esse triste quadro, e curada da minha curiosidade, para o resto da minha vida não querer ver mais espectáculos d'estes.

CAPITULO XXXVI

Brandebourg—Potsdam—Ponte de ferro e o passeio Sans-Souci—
Magdebourg—Brunswich no Hanover—Celebre Lola Montes—
Hamelens—Dos meus sonhos faço um retrato—Holzminden com
os seus moinhos—Lippstadt com seu convento fidalgo.

Foi pois quando os dramas sanguinolentos se acabaram em Berlin, e que as ruas e portas tinham passagem livre, que deixámos essa cidade para irmos a Brandebourg, fazendo uma pequena estação em Potsdam, aonde costumava residir a familia real. O que ahi é digno de se mencionar é a igreja que possui os monumentos de Frederico Guilherme e de Frederico o Grande.

Sobre o Havel ha uma linda ponte de ferro, trabalho de uma delicadeza incrível.

Fora da capital ha lindos palacios, entre os quaes o de Sans-Souci é o mais admirado dos estrangeiros.

Deixámos esta cidade natalicia de Alexandre de Humboldt, para seguirmos para Brandebourg, que então se achava em agitação, em consequencia da reunião que ahi se fazia da assembléa nacional da Prussia

Como nunca gostei d'estes movimentos que trazem algumas vezes a desordem comsigo, formei logo tenção de partir tres ou quatro dias depois, e assim aconteceu passando para Magdebourg, bella cidade que attesta mais uma das glorias francezas, pois que foi tomada em 1806.

Entre os seus principaes edificios, o mais digno de mencionar-se é a cidadella construida no seculo xvii.

Tem bellas egrejas, e na de S. João existe o tumulo de Carnot.

Esta cidade é antiquissima, e as mulheres são feias como os corvos.

A nossa demora ali foi de oito dias, no fim dos quaes tomámos caminho para Brunswich no Hanover, para onde M.^{me} Qall trazia cartas de recommendação para uma familia que não visitei senão duas vezes. Não era porque deixasse de sympathisar com ella, sobretudo com uma das filhas chamada Leonor, mas aborrecia-me ouvir o pae repetir n'uma noite vinte vezes a mesma historia.

Pelas conversações que eu ouvia, conheci que n'esta cidade são muito partidarios dos inglezes, e isto provavelmente porque era, só ramo de George I que subiu ao throno britanico, e o odio á memoria de Napoleão, porque este annexou Brunswich ao reino de Westphalia, que em 1814 levantou a sua independencia.

Foi ali que em 1831 teve logar a pomposa coroação de Guilherme Augusto.

Em Brunswich as mulheres são (ao que diziam) encantadoras no amor, mas falsissimas na amizade.

Foi n'esta cidade que vi a celebre Lola Montes, essa bella e admiravel dançarina, essa encantadora sylphide tão voluptuosa e engraçada no palco, como cheia de arrogancia fora d'elle.

Lola Montes, sendo a favorita do rei da Baviera, chega a a dar n'esse monarcha, um pouco semelhante a Luiz xv, uma bofetada por causa de uns cãesinhos que ella estimava, e nos quaes um dia de mau humor, d'esse mau humor comparado á furia do leão, o rei descarregou um pequeno pontapé, pontapé todo real! mas a bella Lola Montes achara um desaforo este mau trato aos seus queridos cachorrinhos.

Mulher incrível pelas suas doidices e excentricas ex-

travagancias, Lola Montes era de uma belleza admiravel. Andando sempre em Munich com os cãesinhos atraz de si, um dia não querendo os guardas deixal a entrar n'uma quinta real com aquella companhia tão destruidora, lh'o advertiram com humildade. Ella não fez mais do que levantar o chicote que trazia na mão, traste de que usava sempre, desde que substituíra por elle o leque hespanhol. Com essa arma erguida perguntou ao guarda se elle se dirigia a ella, depositaria dos favores e castigos da côrte.

Os homens tremeram porque sabiam que uma só palavra da favorita era bastante para no dia seguinte serem mettidos n'uma prisão.

Um d'elles curvando a cabeça, respondeu:

—Não a conhecemos, bella senhora.

—Pois aqui está, proseguiu ella, para me ficarem conhecendo.

Por um movimento impetuoso, baixou-se, e pegando n'um d'esses cães, atirou-o sem dó e sem compaixão á cara do homem que lhe dirigira a palavra.

Foi essa Lola Montes, que teve pelos seus disparates, a habilidade de amontoar contra si o odio do povo inteiro de uma cidade, a ponto de declararem ao rei—ou fora com Lola Montes, ou repub'ica.

O rei a fez retirar.

Passando n'uma rua, a bala da espingarda de um estudante atravessou o seu trem, levando-lhe apenas o veo do chapeo.

Como Lola Montes se não podia já vingar, atirou com o chicote para a rua; ultima desfeita que ella podia praticar.

Lola Montes andava quasi sempre vestida de amazona, trazendo ás vezes o corpo e a camisinha tão aberta, que chegava a ficar descomposta.

Mas aquella mulher sem pejo queria mostrar a sua maior belleza, pois realmente o seu collo era de uma alvura rosada, e de uma perfeição que encantava e seduzia.

A celebre aventureira era uma das mulheres mais lindas que se pode imaginar, reunindo á sua extraordinaria belleza as maneiras de um verdadeiro *sapeur* e o descaramento mais arrojado que se tem conhecido.

Quando a vi n'esta cidade, estava ella fugitiva de Munich, e fazia a admiração dos que a viam, e eram sabedores das suas proezas.

Não foi muito o tempo que nos demorámos em Brunswick, para seguirmos para Hamelens, cidade que só M.^{me} Qall pôde ver.

Foi ahi que eu desenhei o retrato que via nos meus sonhos, e cujo original vim achar em Lisboa.

É um mysterio; explique-o quem quizer; eu não profano os altos destinos, e por isso nada digo.

Holzminden foi para onde partimos. N'esta cidade vi uns moinhos para talhar pedra, que fazem a admiração de todos os estrangeiros.

D'ahi passámos para Lippstadt, aonde existe um riquissimo convento para as senhoras fidalgas.

M.^{me} Qall indo vél-ô, ficou logo amiga de duas d'ellas que a obsequiaram dando-lhe diversas cartas de recommendação para Arensberg, cujo governo é dividido em quatorze circulos, e faz grande commercio em tecidos, pannos e cerveja.

As mulheres são bonitas, é pena serem tão faceis. D'esta cidade foi que fizemos viagem para Dusseldorf, perto da qual o caleche se virou, e, ou fosse susto, ou frieza do gelo, o certo é que perdi os sentidos. Quando tornei a mim, encontrei meu marido e M.^{me} Qall a fazerem-me cheirar agua de Colonia, em quanto os postilhões remediavam os pequenos estragos d'aquella catastrophe.

Um momento gostei de me achar assentada sobre aquella pedra. O chão estava coberto de neve que caia frocos as arvores esbranquiçadas, ouvindo-se de vez em quando o grito de uma ave que chamava pelas outras, para reunidas irem procurar um clima mais ameno.

Como começava também a sentir o rigor d'aquella frígida atmosphera, subimos para o caleche seguindo para *Dusseldorf*, que é uma das mais bonitas cidades da Alemanha.

CAPITULO XXXVII

Tumulos dos duques de Berg—Aix-la-Chapelle e algumas das suas curiosidades—Alegria da imperatriz Josephina Bonaparte—O diabo de volta com os senadores—O diabo desesperado por causa de um lobo, deixa um signal—Objectos santos.

Os tumulos dos duques de Berg, que estão na egreja de S. Lambert, são obra primorosa pela sua magestosa architectura. Em *Dusseldorf* não gostam nada dos francezes, o que prova que lhe conseivam rancor por elles terem destruido em 1795 as suas importantes fortificações.

Foi d'esta cidade que tomámos para *Aix-la-Chapelle*. Pela anecdota que ouvi contar a uma das minhas companheiras do Sacré-Coeur, tinha immenso desejo de ir a esta cidade tão importante dos estados prussianos. No dia seguinte ao da nossa chegada, principiámos a percorrel-a e M.^{me} Qall não me dava descanso nem de um dia, dizendo: Venha, venha, porque nunca mais na sua vida terá occasião de ver tudo isto. Ella tinha razão; e por isso conservei por seu nome um eterno reconhecimento, tanto mais sendo ella quem acabava as paizagens e bordados que eu não tinha paciencia de acabar.

No dia immediato da nossa chegada a *Aix-la-Chapelle*, passando pela praça do *Grande Mercado*, apeámo-nos para examinar de perto a estatua de Carlos Magno, que é toda fundida de bronze.

Ao passar em frente do theatro, mandámos parar o trem para podermos examinal-o e admirar o seu frontispicio, que é sustido por magnificas columnas.

O interprete que nos andava mostrando tudo, não fazia senão fallar na *fonte de Elisa*. Decidimos ir lá, e quando ali chegámos, achámos uma riquissima casa de banhos, que é extraordinaria pela sua fachada.

Disseram-nos que a cathedral tinha sido mandada edificar pelo grande Carlos Magno em honra de Nossa Senhora.

Esta cathedral é o edificio mais severo que se pode imaginar. Olhando para a sua immensa e respeitosa altura, ninguem pode conter-se de abaixar os olhos com profundo respeito.

E' n'essa venerada igreja que se vê a cadeira real, sobre a qual tantos imperadores foram coroados, e sobre a qual a imperatriz Josephina se assentou com todo o desembaraço e alegria d'uma *creoula*, em quanto que Bonaparte, que já era imperador, ficava humilde e de chapeo na mão, deixando sua esposa satisfazer aquelle capricho de creança.

Muito nos rimos quando nos fizeram ver o signal do couce que o diabo deu na porta da igreja, depois de ter feito um pacto com o senado que se lamentava por achar-se em grandes embaraços, e faltar-lhe um milhão que ainda era necessario para acabar a igreja, apparecendo transformado n'um honrado viajante e promptificando-se a dar essa quantia.

Os senadores ficaram muito satisfeitos.

—Sim, dou, mas é com uma condiçãosinha.

—Oh! só com uma condição! estamos promptos, exclamaram todos a uma voz; diga, qual é essa condição?

—Quando a igreja estiver prompta, a primeira alma que n'ella entrar hade ser para mim.

—Credo! bradaram todos; estamos fallando com o demonio! excommungo-te diabo, foge!

—Sim, sim, vou-me embora, disse elle sorrindo, e a ranger os dentes; mas os senhores ficam sem o milhão, e não acabam a sua egreja.

—Espera... disse um d'elles, agarrando as abas da casaca d'aquelle possuidor de milhões. Finalmente, continuou este voltando-se para os seus collegas; elle não nos pede senão uma alma e dá-nos um milhão.

—E' verdade! murmuraram todos.

—Pois está o pacto concluido; venha o dinheiro.

Receberam-lh'o, foi mettido nos cofres, e acabada a egreja; porém depois ninguem lá queria ir porque todos temiam que sua alma fosse o preço do pacto.

Principiaram novos e terríveis embaraços para o infeliz senado, pois que ninguem queria entrar na egreja.

Annunciaram festas, repicaram sinos; toda a gente vinha passear de frente e à roda do edificio; porém, entrar... ninguem.

Estando as coisas n'este estado, juntou-se de novo o senado, e decidiu dar uma vida ao exigente credor.

Como o millionario demonio não declarou a existencia que pretendia, resolveram dar-lhe a d'um lobo.

Foi, pois, por causa d'esse lobo que o diabo, quando se abriram as portas da egreja e que esperava apanhar uma alma christã, se viu logrado, dando-se-lhe um só lobo; ficou tão desesperado, que saindo furioso do templo desprendeu aquelle formidavel couce, cujo signal ainda hoje se vê na porta da egreja; signal que nos fez rir da anecdotia que ouvimos.

E' justo que fal'e agora um pouco das coisas santas, para que o demonio não fique orgulhoso de me ter occupado d'elle.

Na capella, n'um armario, que faz doer a vista pela quantidade de pedras preciosas que tem engastadas, via-se fechada uma cinta de malha e outra de coiro, retorcida e engelhada, pertencente uma a Nos-

sa Senhora, e a outra ao menino Jesus Salvador do mundo.

Egualmente ali existe um pedaço da corda com que ligaram a Christo, e um pedaço da esponja com a qual lhe deram fel a beber.

Quando se acaba de pensar sobre estes objectos, e de rezar n'esta capella, fica a alma satisfeita, e saindo a porta da egreja, respirando o ar frio que vem bater no rosto, sente se um pouco de philosophia, encarando-se as coisas d'este mundo senão com profundo desprezo, ao menos com profunda indifferença.

No terceiro andar do palacio onde nasceu Carlos Magno, admirámos a sala em que foi celebrado o congresso que poz termo á infeliz guerra de successão d'Austria em 1748.

Aix-la-Chapelle não é uma cidade bonita, mas é muito interessante pela suas monumentaes recordações historicas.

CAPITULO XXXVIII

Em que apenas menciono Maestricht, Ruremonde, Clevès, Nimeone, e Arnheim—M.^{me} Virgine D^{***} e pequenas noções sobre o casamento—Amsterdam—Rutery, o glorioso rival de Du-Quesne—Rutery arrisca seu filho—Infelizes irmãos de Witt—Pequena mas justa censura de Luiz XIV—Algumas palavras sobre Amsterdam—Hoorn—Alkemar—Haarlem—Leyden—La-Haye.

D'ali partimos seguidamente para Maestricht, capital tomada em 1673 pelo grande rei Luiz XIV.

Oito dias depois da nossa chegada partimos para *Ruremonde*. Como eu estava doente, M.^{me} Qall e meu marido é que iam visitar tudo; d'essas investigações

trouxeram-me lindissimos papeis, com que eu escrevi sempre, em quanto ella viveu, á minha cara amiga Frederica.

Deixámos *Ruremonde* para passarmos para Clevès, e logo no dia seguinte fomos ver bem perto d'ali o *Schwamenberg*, chamado o castello do Cigne, que é lindissimo.

Quando partimos fomos para Nimeone na Hollanda. M.^{mo} Qall tinha a habilidade de trazer sempre cartas de recommendação, o que fazia com que tivessemos, quando chegavamos, e não eramos hospedados em casas particulares, quartos guardados nos melhores *hoteis*.

Nimeone não é feia, mas é insignificante; porém entre os seus principaes edificios, o velho castello de Valkenof, que se diz mandado construir por *Charlemagne*, não se pode deixar de mencionar.

Poucos dias depois fomos a *Arnhein*, que possui o bello palacio dos duques de Gueldres, e que tem um lindo passeio sobre as muralhas que rodeiam a cidade.

Arnhein já foi cidade anseatica, e por isso conserva ainda alguns do seus antigos costumes. As damas são ahi muito amaveis.

De pittoresco nada ha mais bello do que os arredores d'esta cidade; as suas quintas são todas bellas e magnificas.

Foi ahi que nos ligámos em estreita amizade a M.^{mo} Virginia D^{***}, que me fazia muitas vezes recordar a cara de Frederica pela sua doçura, alegria e amabilidade. Sempre conservei de Virginia uma doce recordação. Foi comnosco a *Amsterdam* aonde habitava sua familia.

Dez mezes depois de nos separarmos d'ella, M.^{mo} Virginia D^{***} escreveu-me annunciando o seu segundo casamento com Mr. G^{***}, seu primeiro namorado.

Desejo que Virginia tenha sido e continue a ser feliz, mas duvido. O seu primeiro namorado não tinha fortuna, dizia que a amava e deixou-a casar

com um velho, que me confessava ella ser o ente mais repugnante do mundo, mas tinha uma qualidade a que os genios avarentos chamam boa: era millionario. O Rotschild pequeno morreu, e Mr. G^{***} um anno depois era o esposo dos seus milhões.

Se todas as mulheres pensassem bem antes de darem o *sim* fatal, raras seriam aquellas que se casariam.

Quando um homem se liga a uma mulher, de quatro artigos um é que o conduz a isso. — O primeiro é o muito amor; o segundo, a muita amizade; o terceiro, a grande riqueza; o quarto a ambição.

Ha tambem ás vezes motivos pequenos e baixos que o levam a dar esse passo; o despique, a vingança e. . .

.....

D'esses não fallo: voltemos pois aos quatro primeiros artigos que citei.

O muito amor depois de satisfeito, o que fica? Nada. Ahi estão dois entes encadeados penando em martyrios.

O segundo, a muita amizade, para duas creaturas viverem juntas, é uma coisa tão monotona que depressa se enfastiam, e procura cada um da sua parte a distracção que melhor lhe convem. E o resultado? Martyrio de grilheta ao pé.

O terceiro artigo é a riqueza. Um anno depois do santo hymeneu *Monsieur a des danceuses, et M.^m des amants*; o que resulta? Mais cedo ou mais tarde martyrio.

O quarto artigo é a ambição, origem dos bailes, das soirées, jantares, etc. etc.

Monsieur está todo na politica, quer ser deputado, chegar a par do reino, alcançar uma pasta de ministro, ser o primeiro no seu paiz.

Por consequencia, faz boa cara a todos os amigos de casa que o possam fazer subir. Na intimidade familiar, conhece que está só, que ninguem lhe falla dos

seus projectos, e sae, procura a companhia nas grandes reuniões.

Mais cedo ou mais tarde, o martyrio surgiu para os dois!

O que resultou á pobre Virginia? Se ainda hoje vive, é mais uma martyr!

Passando um dia pelo largo da cathedral da cidade de *Amsterdam*, recordava-me que era ahi, n'uma casa que diziam ter sido de muito pouca apparencia, que expirára o maior almirante do seculo esplendido de Luiz XIV, almirante que nunca temera os mais arrojados, nem o proprio almirante francez Du-Quesne, que pertendeu lutar contra elle; elle! o grande e corajoso Rutery, esse homem que levou o orgulho da coragem ao ponto excessivo de sacrificar-lhe seu filho!

Vendo-o na primeira batalha naval a que assistia o mancebo, a quem o animo fallecia cada vez mais, ouvindo o sibillar das balas e a explosão das granadas, mandou amarral-o a um mastro, onde a pobre creança se foi reanimando com o cheiro da polvora! Depois d'esta horrivel experiencia foi a fraca creança que encheu seu pae de um nobre orgulho, mostrando-lhe tambem a sua coragem, apresentando-se sempre como o primeiro em todos os combates.

E era este um pae, que arriscava a vida de seu filho expondo-o á mercê das balas, preso a um mastro, por causa do orgulho!

Ninguem melhor do que eu comprehende o sentimento do orgulho, mas o do eminente Rutery era barbarismo.

Como almirante admiro-o, como pae tenho-lhe odio.

Rutery apezar d'essa crueldade era bom, e foi talvez o unico verdadeiro amigo dos infelizes irmãos de Witt, assassinados por ordem de Guilherme de Orange, que não pôde reobter os seus direitos hereditarios senão reinando na Hollanda o partido francez, e mandando assassinar dois irmãos que toda a sua vida con-

sagraram á patria, successo este que deveram á confiança que depositaram na palavra d'esse homem, a quem a historia chama grande! As pessoas de consciencia só lhe poderão chamar um homem sem character, porque tanto se lhe dava de faltar a um juramento, como de mudar *de amigo!* Oh! Luiz xv! se tens o glorioso titulo de grande só o deves aos grandes homens do teu seculo.

Deixei Amsterdam com grande pesar, não pela cidade, porque gostando de Portugal como gostava, não podia afeiçoar-me a uma terra qualquer, embora lhe conhecesse todas as bellezas.

Digo que tive pezar, por ter de separar-me de M.^{me} Virginia D^{***} de quem eu era já sinceramente amiga. Ella merecia-o bem, porque ninguem pode imaginar uma amiga mais verdadeira, fazendo excepção da minha cara Frederica.

A nossa separação custou-nos muito, mas consolava-nos a promessa mutua que fizemos de não nos esquecermos jámais na ausencia.

Aqui provo que pela minha parte me não esqueci d'ella; tambem creio que não estou esquecida.

Se Virginia D^{***} ler estas memorias receba a saudade que aqui lhe deixo. Se antes da vida que nos espera no ceo nos não encontrarmos, estas linhas devem no entanto revelar o estreito abraço que teria desejo de lhe dar.

Amsterdam é uma cidade de grande barulho, (quero dizer de grande commercio), causado pelos milhares de estrangeiros que sempre estão chegando e partindo. E' esta uma das mais bellas capitaes da Europa, e que possui um vasto e magnifico porto.

Toda a cidade é cortada por immensidade de pontes, tendo a mais notavel 35 ou 40 arcos.

O bello palacio onde Luiz Bonaparte habitou é curiosissimo pelo extraordinario carrilhão que tem n'uma das suas torres.

Tambem pudemos examinar as casas das companhias das Indias.

As propriedades de Amsterdam são todas pintadas de côres diversas, e não se pode fazer idéa da riqueza que existe n'aquella cidade senão entrando nas casas, onde tudo é luxo e grandeza.

Os mendigos são ali desconhecidos.

Assistimos a alguns concertos que se deram no bello edificio da sociedade de *Felix Meritis*.

Esta bella capital tem de tudo o mais excellente. Um magnifico jardim botanico, a academia real das bellas artes, uma rica bibliotheca, etc , etc.

Os arredores de *Amsterdam* são lindos; tivemos immensa pena de os deixar para irmos para Hoorn, aonde nasceu o famoso viajante Schouton, que descobriu o cabo na extremidade da America meridional, ao qual, como bom patriota, deu o nome *Hoorn*, terra do seu nascimento.

Em Hoorn só achei bonito os seus bellos arredores, que são realmente encantadores pelas romanticas sombras, produzidas pelas arvores verdejantes e aromaticas, debaixo das quaes tantas horas levava a meditar. Oh ! feliz tempo em que eu tinha tão bellas e risonhas illusões . . . todas, todos empregava no futuro !

Já lá vaes, tempo ditoso em que eu não chorava o passado !!!

D'esta cidade fomos para Alkemar, patria de Drebbel, que deu o seu nome ao thermometro que inventou.

Foi em Alkemar que em 1799 o marechal Brune derrotou os anglo-russos.

Deixando esta pequena cidade, chegámos a Haarlem, onde nasceu Loreus Coster, um dos inventores da imprensa.

Quem vae a *Haarlem* não pode deixar de admirar o bello e magnifico orgão que existe na igreja de St. Baron.

Os jardins e as quintas são todas lindas, tendo immensidade de tanques com milhares de repuchos.

De *Haarlem* a nossa partida foi para *Leyden*, linda e bella cidade, que soffreu graves estragos causados pelos hespanhoes em 1574, pela peste em 1655 e pela explosão da polvora em 1807. *Leyden* é uma bonita e encantadora cidade, cheia de bosques e de passeios. Existe ahi um delicioso perfume de alegria e contentamento que seduz logo a quem chega de fóra.

Foi com pezar que deixei uma cidade, que pela sua alegria me fazia um pouco esquecer a minha tristeza, para seguirmos para *La Haye*, capital da Hollanda.

Esta capital, que se pode dizer uma das mais bonitas da Europa, foi onde nasceu George III de Inglaterra; tem lindissimos passeios e riquissimos palacios; um dos que mais me agradou foi o do principe Mauricio, por conter uma admiravel collecção de pinturas.

Ainda ahi se vêem as ruinas do antigo castello dos condes da Hollanda.

No meio de todos os objectos preciosos, e de uma belleza extrema que se admira nos museus chinezes, vê-se uma ou outra coisa tão caricata, que provoca infallivelmente o riso.

CAPITULO XXXIX

Gonda — Uma idealista tornada prosaica — Cinco palavras do immortal Camões — Faço uma novena — Suspiro por Lisboa — Rotterdam — Utrecht — Breda — Anvers, uma sua cathedral, e o tumulo de Rubens — Bernadotte prega peça aos inglezes — Gand — Arras — Amiens — Saint Denis e o convento da Legião de honra — Engano de M. ^{elle} Octavie.

Como a minha melancolia continuava, não tive muitas saudades de deixar todas as magnificencias d'esta capital, para partirmos para *Gonda*, onde fomos hos-

pedados em casa de uma boa senhora, que, vendo a minha tristeza, frequentemente me dizia :

—Heide contar-lhe uma historia para lhe provar que n'este mundo não é tudo romantico nem ideal.

Estas palavras deram-me a entender que essa creatura devia ter soffrido muito, e por isso obteve logo a minha estima.

Dias depois, estando M.^{me} Qall e eu sentadas a ler cada uma o seu livro, veio essa mulher tomar lugar entre nós, e disse :

Aqui vem a pobre desilludida contar algumas passagens da sua vida; talvez esta confissão possa servir-lhe.

—Bem nova, começou ella, estando ainda em casa da minha familia, amei extraordinariamente! O ente que eu adorava, com o mesmo fervor com que se adora a Deus, morreu; eu fiquei quasi sem vida, orphã dos meus affectos, porque este golpe arrancava-me o coração! Annos depois, esse coração, que eu julgava morto, renasceu um dia ouvindo os mais sagrados protestos de um amor exaltado e vehemente. Assim embalada pela vida que resurgia de um sepulchro, julguei que dias de felicidade podiam reluzir para mim! Confiei... fui crente, franca e sincera!!... Esse homem que despertou o meu lethargo, em lugar da felicidade que eu esperava, deu-me os mais amargurados sentimentos!

Fui atraçoada como atraçoada um infame e um vilão! tudo para elle foi como um passatempo; servi-lhe de vangloria, fez-me seu degrau, soffri! soffri muito, mas com tudo não desesperava!

Eu ainda não tinha dezoito annos. Julguei meu coração morto para sempre, cuidei ver as minhas illuções perdidas, perdidas para nunca mais surgirem. Ai, quanto me enganava... No meio das minhas lagrimas, dos meus soffrimentos, uma creatura chorou comigo... amaldiçoou esse homem, estendeu-me a sua mão, jurando... jurando como os homens o costumam fazer quando nos querem illudir!

Esse homem jurou-me uma amizade eterna, e fez esse protesto enxugando as lagrimas que saltavam dos seus olhos!

Um dia estávamos sós, e confessando-me o que sentia, deu-me um beijo! O meu coração resfriou, julguei que ia morrer! As minhas lagrimas caíam em torrentes banhando as faces d'esse homem. N'um instante amava-o como nunca tinha amado, e amei-o com toda a paixão, com todo o affecto da minha alma!

Aos pés d'esse homem pedi-lhe em nome de sua mãe que me não illudisse, que me dissesse com franqueza se tudo n'elle não era mais do que uma distracção

Então fez-me o seu juramento sobre o tumulto de sua mãe. Como não havia de confiar n'essas palavras tão sagradas?! Não me importei com o presentimento das minhas lagrimas, não me lembrei de mais nada, amava-o e entreguei-me a elle!

Tres mezes depois, esse homem, que eu julgava tão ideal, tão romantico, jurava a uma creatura perdida, a uma mulher desprezivel, o resto de todos aquelles que a tinham querido, jurava-lhe o seu amor!

Perdi o romanticismo, perdi todo o ideal! Minha alma ficou tão fria, como gelido o meu amor! Conheci então que os homens são por natureza afeitos a jurarem falso, a fazerem dos seus sentimentos uma mentira! Soube que até atraçoavam um protesto feito sobre o tumulto d'uma pobre mãe!

Fiquei insensivel; e por isso quando meu padra-
sto me arranjou um casamento, dei o meu consentimento, porque já vivia na vida positiva.

Nunca amei meu marido, mas sempre lhe tive amizade. Perdendo o resto da nossa pequena fortuna, estabelecemo-nos aqui, recebendo hospedes em nossa casa.

De romantica tornei-me em prosaica.

Dos meus soffrimentos guardei uma boa lição; por

isso hoje que encontro uma alma ideal e exaltada, é do meu dever dar-lhe um conselho; e esse conselho achará ella na historia que acabei de narrar. Quando tiver um presentimento qualquer, nunca o calque aos pés, porque o anjo nol-o trouxe, retira-se com a nossa pouca credulidade, e o demonio cumpre o que falta a realisar.

Cuidado, nobre creança; disse ella abraçando-me e terminando sua triste historia.

Olhando para aquella mulher, admirei-me como uma pessoa tão enrugada, tão feia, e tão encolhida já, podia ainda conservar uma alma tão cheia de idealismo, porque apezar dos seus sessenta e cinco annos, e de dizer que dos dezoito aos vinte e cinco foi o periodo da historia romantica da sua vida, conheci, pela maneira de exprimir a sua narração, e pelos seus choros ardentes, que os annos tinham passado, mas que o coração e os sentimentos eram os mesmos da sua mocidade.

Por isso com verdade se pode dizer: «*Le coeur seul ne vieillit pas.*» Agradecemos a sua confidencia, e jurei á noite ao deitar-me e á reza elevada ao *Senhor*, que quando um dos seus anjos me trazer um presentimento, de nunca o desprezar nem esquecer.

Sempre me recorda o que sobre este assumpto escreveu o immortal Camões:

«O que o coração presagia nunca mente.»

Passados alguns dias fui fazer uma promessa á bella igreja de S. João; e era tal a fé com que pedi, e a bondade com que Deus me ouviu, durante os nove dias consecutivos que fui fazer uma novena ao templo, que Deus realison o meu pedido.

Apezar das instancias de M.^{me} Qall, não fui ver senão uma fabrica de vidros, onde encontrei grandes curiosidades,

Parece que cheguei a *Genda*, e que fiz a promessa

para terminar as minhas viagens, porque apenas acabei de a cumprir, caí tão doente que estive de cama com tres medicos á cabeceira.

Assim que o meu estado permittiu levantar-me, formei plano de apenas chegasse a Bruxellas, partir logo para Lisboa, visto ser a terra que eu tanto amava, e aonde queria morrer.

Pareciam-me seculos os mezes que me tinha separado d'ella. Eu amava Lisboa, amava-a pelo seu docel azulado que não tem rival em toda a Europa; pelo seu bello ceo esclarecido pelos raios brilhantes d'um sol resplandecente. Amava Lisboa pelo verdejante das suas arvores, pelo mimo das suas flores! amava-a pelo seu Tejo vasto e amplo, que nas noites de luar dá tão magicas inspirações! Oh! amava-a, amava-a com todo o delirio de uma alma ardente! Esta sympathia por Lisboa e por suas lucidas e scintilantes estrellas era phrenetica e apaixonada. Por ella suspirava, e suspirava porque o meu desejo era vir morrer debaixo d'este ceo que seduz e encanta. Este amor dava-me coragem para poder esperar.

Como não foi possivel passarmos logo para Bruxellas, como era meu intento, fomos para *Rotterdam*, onde cheguei tão abatida que se passavam dias em que eu não dizia uma palavra.

A boa M.^{mo} Qall, que me comprehendia como ninguém, sabia que a minha alma não podia viver sempre n'um sonho, consolava-me mostrando-me no futuro o bello horisonte do meu Portugal.

Apezar do meu aborrecimento não quiz deixar esta cidade sem ver o palacio Schieland, que me pareceu não merecer a voga que tinha.

É n'esta cidade que existem os restos mortaes dos infelizes de Witt. De *Rotterdam* partimos logo para *Utrecht*, que deixámos no dia seguinte para nos encaminharmos a *Breda*, cidade que foi tomada em 1793 pelo marechal Dumourier, e que pode dizer-se bonita,

mas quem vive nos seus arredores está sempre em sustos pela possibilidade d'uma inundação.

A egreja reformada merece as honras de ser mencionada pelo magnifico tumulo de Engelbert de Nassau.

Em 1575 realisou se ahi a celebre paz entre as provincias unidas e a Hespanha. A outra concluida em 1667 entre a Hollanda e Inglaterra, ficou chamando-se *a paz de Breda*.

Seguimos para *Anvers*, que apezar de ter soffrido bastantes guerras, é ainda uma bella cidade. Foi em 1830 que a guarnição hollandeza dirigida pelo barão de Chassé se encerrou ali. As balas e as granadas destruíram grande numero de edificios.

Nada é mais bello, e mais magestoso do que a cathedral de *Anvers* pela sua altura, grandeza e magnificencia de architectura; esta bella egreja chamada de Nossa Senhora pode affirmar-se que é uma das mais sumptuosas do mundo.

O que faz esta cathedral ainda mais interessante e curiosa, é existirem ahi o sepulchro do insigne Rubens, e os melhores quadros d'este celebre e immortal pintor.

Junto á praça de *Meir*, vê-se o palacio real que Napoleão mandou preparar com tanta riqueza.

Estou persuadida que se a cidade de *Anvers* não tivesse soffrido tantos danos, era hoje em dia o porto mais importante da Europa.

A bella praça de Nassau, tão concorrida e rodeada de tão lindos cafés, é magnifica.

Anvers soffreu um bombardeamento em 1832 que a estragou bastante.

A sua cidadella ou forte, restaurado em 1710, foi fortificado de novo pelos francezes durante o seu dominio ali.

Em 1809, o marechal Bernadotte frustrou o infame projecto que os inglezes tinham concebido para incendiar toda a esquadra.

Todos os arredores de *Anvers* são bonitos, e foi com algumas saudades que deixei esta cidade, para onde tínhamos levado muitas cartas de recommendação para algumas familias, que, pelo trato distincto que recebemos, me autorisam a certificar que é uma terra bastante civilisada. De *Anvers* foi a nossa partida para *Gand*, onde não visitei uma unica coisa, seguindo dois dias depois para *Arras*.

Assim que entrei n'esta cidade, admirei as suas bellas propriedades de cantaria; a celebre egreja de S. Waast attrahiu tanto a minha curiosidade, que sem entrar no hotel, e assim mesmo como vinha da viagem, apeei-me para admirar esta bella obra fundada por *Thierry* no 7.º seculo.

No dia seguinte fomos visitar a cidadella construida em 1670 por *Vauban*.

Arras viu em 1129 accenderem-se fogueiras para queimar os hereges. *Arras* foi a patria do arrojado *Damiens*, que em 1757 deu uma facada em Luiz xv. Foi tambem a patria dos *Robespierres*.

A cidade por si não é bonita, mas é notavel pelos acontecimentos que tanto encham de orgulho os seus habitantes.

Passados alguns dias seguimos para *Amiens*, que deu a sua denominação á paz concluida em 1802 entre a França e a Inglaterra, e que foi a pátria de alguns grandes poetas, assim como foi tambem a de *Pedro o Ermita*, primeiro prégador das cruzadas.

Entre os seus diversos passeios, o de la Hantoye é o mais lindo de todos

Amiens, que foi reconquistada em 1597 por Henrique iv, é notavel pelos bellos estabelecimentos que possui, e sobre tudo pelo seu magnifico jardim botânico.

Fallaram-nos muito de um bello castello de agua, mas não tivemos tempo de o ir visitar.

Deixando *Amiens*, fomos directamente para S. Diniz.

M.^{me} Qall obteve um bilhete para irmos ver o convento da Legião d'honra, de que eu tinha muita curiosidade, por M.^{elle} Octavie, ahi educada, ter dito a meu tio que era uma instituição *mil vezes* melhor do que o Sacré-Coeur. Não se admitta nenhuma comparação; o *Sacré Coeur* é um convento de educação séria e religiosa; e S. Diniz é um collegio *frivolo*, para o mundo.

Fiquei tão aborrecida de ver as maneiras d'aquellas meninas, que já queriam impor de mulheres, que decidi partirmos immediatamente para Paris.

CAPITULO XL

Torno a ver minha sogra—Firme resolução—Estou em Bruxellas—Tenho minha filha—Esqueço-me da Georgetta—Faço o juramento que um dia as mascaras hão de cair—Ultima palavra sobre a phantasma—Algumas palavras sobre Bruxellas—Um tanque celebre—O palacio dos principes de Orange—O palacio do rei—O parque comparado com as Tulherias—Algumas das macaquices do mundo—Casa da moeda—Largo rodeado de cafés—As demoiselles de comptoir—Passage de S. Aubert—Alameda verde—Egreja de Santa Gudula comparada com a do Loreto—Carta do sr. Alfredo Martin—Sr. João Lobo—Sr. conde de Azinhaga, irmão do illustre duque de Saldanha—Delicadeza d'este cavalheiro—Monsieur J. Van Praet—Leopoldo, verdadeiro rei popular—Algumas palavras sobre as filhas de Thalia—Tornam a chamar-me um anjo—Para se acreditar o mal deve-se ser como S. Thomé—Pela morte de um pae perco uma amiga—Ultimo cuidado materno que recebo—Minha unica felicidade.

Quando ahi chegámos fomos logo para casa de minha sogra, que apenas abraçou seu filho, sem olhar para mim, nem para a minha querida M.^{me} Qall.

No dia seguinte ao almoço, diante de seu marido, cunhado, irmão e sobrinhos, que vieram logo mal souberam da nossa chegada, disse ella:

— Não sabem que esta senhora *que aqui vem*, está separada de seu marido desde a sua paragem na cidade de Prague, onde ella lhe disse que não podia viver com elle?!

Eu fiquei tão atordoada por ver que meu marido tinha contado a sua mãe a nossa combinação e tratado, que não dizia uma palavra.

— E puderam viver como irmão e irmã? Perguntou a tia.

— Era preciso que elle fosse tolo; accrescentou o marido d'esta.

Temendo que meu marido se arrependesse da sua resolução, vendo que o iam pôr em ridiculo, levantei-me sem dizer palavra e fui fechar-me no meu quarto com M.^{me} Qall.

— Nunca mais appareço diante d'esta gente, lhe disse eu apenas nos encontrámos sós; ficarei aqui até que possamos partir para Bruxellas, e de lá para Lisboa.

— Hade mudar de resolução, respondeu M.^{me} Qall.

— Conhece-me bastante para saber que não mudo, quando tenho decidido; respondi eu com firmeza.

N'este dialogo entrou meu marido.

— Peço-lhe perdão do disparate de minha tia, disse elle pegando-me na mão.

— Não tem que pedir perdão, respondi; das palavras de sua tia. Não lhe posso dar amor; a minha amizade hade tel-a sempre. Agora conheço que a nossa separação é inevitavel, e lembre-se da promessa que já lhe fiz. Se um dia puder amal-o, voltarei para a sua companhia; quando não, não. Se a minha pouca idade, ou o meu coração me fizer cair n'uma falta, escrever-lhe-hei dando-lhe um adeus eterno.

Ouviu tudo sem responder uma palavra, e saiu.

No dia immediato, estando eu com M.^{me} Qall a aca-

bar uns apontamentos, entrou meu marido prompto para a viagem, dizendo:

—Parto já para Berlin. Como não pode fazer a viagem para Lisboa sem dinheiro, aqui lhe trago sete mil francos.

—Não aceito, disse eu; amanhã parto para Bruxellas, e até esperar que minha tia mande buscar-me, são sufficientes mil francos.

—Sei que não devo teimar, continuou elle guardando o resto do dinheiro; aqui está o meu retrato, guarde-o, e se por acaso não achar a sua familia volte; eu serei o mesmo.

—Agradeço, lhe respondi.

Apertando-me as mãos, disse depois de um minuto de silencio:

—Eu volto d'aqui a boccadinho para lhe dizer adeus. D'ali a instantes sentimos rodar um trem.

— Elle partiu? Disse eu para M.^{me} Qall.

Esta correu á janella, e elle fez-lhe aceno com o lenço. Quando M.^{me} Qall se voltou para mim, encontrou-me banhada em lagrimas.

—Então é essa a sua coragem? perguntou-me ella; eu bem lhe digo que tem um coração que a hade desgraçar. Tomou um nobre expediente, que é separar-se de um homem que não amava, e está arrependida?!

—Não é isso, minha querida M.^{me} Qall, disse eu. choro sobre elle, mas choro ainda mais sobre a pobre Fanny!

Era quasi um dever para mim escrever aqui a historia de M.^{elle} Fanny***; porém gravando apenas o seu nome, não me esquecerei d'ella. Se lhe não dedico agora algumas paginas exclusivamente, é porque resolvi escrever para o futuro um volume só da sua historia, e para isso preciso reunir alguns manuscriptos.

Entretanto posso affiançar que se essa historia fosse contada a Alexandre Dumas, o rei dos romancistas faria mais um interessante livro para a sua illustre e vasta bibliotheca. Porém como só eu poso escrever este

drama, elle verá a luz, espero eu, no mesmo estylo familiar d'estas memorias, quero dizer simplesmente, sem bombasticas flores, e sem planetarios enfeites.

—Coitado! disse eu enxugando os olhos. Sei o que elle vae soffrendo.

—Então pensa que não soffria mais por ver a sua indifferença? perguntou-me M.^{me} Qall com sua meiga voz.

Não respondi, mas pegando nas mãos da minha amiga, exclamei:

—Amanhã não quero ficar n'esta casa, e quero estar em Bruxellas

—Sim, sim; farei tudo que quizer; mas hade acabar aquelles apontamentos.

M.^{me} Qall sabia perfeitamente que eu tendo uma coisa a fazer estava distrahida; porém d'esta vez enganou-se, porque me assentei perto da mesa, e fiquei encostada sem poder escrever.

M.^{me} Qall saiu, e voltou tarde para casa, mas já trazia o passaporte prompto, e logo tratámos do arranjo da nossa bagagem

Passei aquella noite a escrever uma carta a meu sogro, na qual lhe explicava tudo.

Tambem dirigi duas linhas a minha sogra.

No dia seguinte, depois do criado ter feito carregar a bagagem, descemos a baixo, onde encontrámos meu sogro que me abraçou chorando e dizendo-me:

—E' uma nobre e grande mulher; não podia amar meu filho, e não o querendo atraiçoar, prefere a companhia de sua familia, é justo. Se lá se julgar infeliz venha e terá um pae!

Agradei, e abraçando-nos despedimo-nos.

Quando as rodas começaram a girar, encostei-me ao hombro da minha cara M.^{me} Qall, soltando dos olhos aquellas lagrimas que são o allivio do coração.

Se aquella despedida de meu sogro tivesse durado mais cinco minutos, eu não teria partido, nem passado tantos desgostos.

O que pode ás vezes um instante no destino de uma creatura !

Entrámos no comboy dos caminhos de ferro, e quatorze horas depois estávamos em Bruxellas.

Não achámos casa conforme queríamos, e fomos para um segundo andar onde tínhamos cinco quartos.

M.^{me} Qall, que dormia sempre no meu quarto, deu ordem para as duas camas ficarem no quarto forrado de encarnado que eu tinha escolhido.

No dia seguinte ella foi ajustar com um *restaurant*, para nos mandar todos os dias o necessario; e tambem alugou um piano, porque nas minhas horas de melancolia era com quem eu gostava de conversar.

No fim de tres dias já estávamos tão bem accommodadas, que parecia estarmos ali havia mezes.

Foi tres semanas depois de estarmos em Bruxellas que eu tive a minha filha, a quem dei o nome de sua madrinha, que foi por procuração minha tia Levailant.

Era uma prova de gratidão que eu dava áquella que fôra para mim na minha infancia uma boa e extremosa mãe, e que infelizmente, poucos annos depois, se tornara para mim uma dura e cruel madrastra.

Se M.^{me} Levailant não tivesse tido um irmão como Mr. Lassance, essa phantasma que me jurou odio e vingança, certamente M.^{me} Levailant não se teria esquecido que eu era a filha da sua mana mais querida ! Que eu era essa creança de cabellos loiros de quem ella e Mr. Levailant juraram fazer a felicidade !

.

Deus, concedendo-me a creança que eu concebi no meio dos soffrimentos e dissabores, quiz dar um enlevo á minha alma, um thesouro para o meu coração, e um consolo para todos os meus desgostos.

Quando eu vi a sua carinha redondinha, as suas

mãosinhas tão lindas, os seus pésinhos tão pequenos e bem feitos, ninguém, ninguém pode imaginar a alegria que tive, a felicidade que gozei.

Eu que tanto tinha amado minha boneca Gevizeta, quanto não ia amar a minha filha querida!

Sim, Deus era justo comigo: sabia os sofrimentos e desgostos porque eu tinha de passar, e na sua misericórdia, quiz conceder-me um balsamo para tudo! Oh! quando eu beijei minha filha, quando de encontro ao meu apertei o seu peito, senti meu coração palpitar de um extrao dinario affecto de mãe; esse é o maior gozo que é possível encontrar no mundo.

Chorava como louca! Já não ia viver sem familia: um ente existia já que me devia amar como eu queria! Eu sentia-me feliz, soberba e orgulhosa!

Não teria trocado a minha sorte pelo futuro d'uma princeza. Eu creei-a, lavando-a, vestindo-a, embalando-a e cantando lhe! Se a criada ou mesmo M.^{me} Qall pegava n'ella, tinha ciumes! Levava dias com ella no collo, e á noite com ella nos braços e suas faces mimosas encostadas ao peito.

Ninguém pôde imaginar o amor de M.^{me} Qall por minha filhinha; parecia que a sua amizade se augmentava tambem por mim!

Meu marido assim que soube veiu abraçar sua filha. Mostrou me então cartas de sua mãe, que fizeram firmar ainda mais a minha resolução, que elle não procurou desvanecer porque conhecia o meu character, sabia que eu era irrevogavel nas minhas decisões.

Abençoando sua filha, tornou a partir.

Um mez antes de eu regressar para Lisboa, veiu despedir-se definitivamente de mim, e d'ella, agradecendo a M.^{me} Qall tudo quanto lhe devia.

A resolução em que eu estava de vir morrer em Lisboa, era em mim irrevogavel.

—Mas, querida filha, dizia-me M.^{me} Qall, se sua familia a abandonar, que será de si?

—Não se, respondi eu, nem quero saber, porque estou certa que Deus não me hade abandonar. Enganada no meu fatal casamento, não quiz senão salvar-me das pancadas de uma tia desalmada. Eu lhe juro que quanto mais minha familia quizer rebaixar-me, mais eu me levantarei. A viuva Scarron, a mulher d'um *cul-jatte*, tambem foi bem rebaixada, bem martyrisada, bem vilipendiada; no entanto foi a esposa d'um dos mais eminentes reis que tem produzido a França, do glorioso Luiz XIV! Eu não ambiciono ser uma M.^{me} de Maintenon, mas saberei erguer-me pelo meu orgulho e justificar-me-hei plenamente.

—Mas minha querida, replicava ella sem poder conter as lagrimas; o que fará? Qual hade ser essa justificação?

—Não sei senão que tenho a consciencia em paz, que confio em Deus e que um dia virá em que as mascaras hão de cair.

—Oh! aquella phantasma tem-se vingado bem, continuei eu chorando, mas não importa, por mim heide ter sempre Deus. Sim, é impossivel que elle abandone quem tem vivido sempre com tanta confiança n'elle.

Assim ficava terminada esta tão triste conversa, porque M.^{me} Qall conhecia meu character, e sabendo que nunca amei meu marido, e que era impossivel viver com elle, uma amigavel separação era o unico partido a tomar se.

Assim foi.

Depois de elle se ter ido e de eu estar completamente restabelecida, principiámos a visitar a cidade.

Bruxellas é uma linda cidade, e pode-se chamar uma pequena Paris.

As suas ruas principaes e magnificas praças merecem especial menção pela regularidade dos edificios.

O que chamou a nossa curiosidade, na praça real, foi o tanque em que *Pedro-o-Grande*, imperador da Russia, se deixou cair um dia, estando embriagado.

O palacio dos principes d'Orange é notavel pela sua antiguidade e riquissimas decorações no interior. O palacio do rei, na cidade, não tem uma bonita architectura, mas está bem situado por ficar fronteiro ao grande *parque* que é lindo, principalmente pelo ornamento de magnificas estatuas.

E' ali que se encontra aos dias de semana *tout le grand monde*. E' um passeio, em ponto maior, como as Tuilherias de Paris.

Ali se vêem todas as modas e todas as macaquices do mundo. Senhoras a bordarem, outras a lerem, e algumas a namorarem.

Mães extremosas a comprarem *des plaisirs* (bolos) para seus filhos que correm como galgos atraz d'um arco; outros atirando com uma bala ou saltando uma corda.

Ali se vê representar todo o genero de papeis. Velhos a quererem achar a sua deusa, rapazes a quererem attrahir com seus olhares namorados alguma *nympha* timida e vaporosa.

A casa da moeda fica no centro de um bonito largo todo cercado de cafés, aonde estão duas ou tres *demoiselles de comptoir*, pagas para chamar a attenção dos freguezes, e por isso sempre as escolhem bonitas e irresistiveis que é para fazer perder o tino aos homens, e trazel os ali a todo o instante.

Aquellas mulheres, algumas ainda bem novas, já sabem todas as velhacarias e maneiras *des femmes galantes*.

Recostadas nos seus balcões, conversando com uns, rindo com outros, apertando a mão a todos, mas sem-

pre dando um certo ar d'olhos ao inglez, que dizem ser o mais rico dos frequentadores.

O feliz *gentlemen* cada vez que a sua Dulcinea lhe deita um olhar terno, pede mais um copo de rhum; quando se ergue para ir pagar, chega-se ao pé d'ella, estende as suas libras sobre o balcão, e a deliciosa caixa, a quem o luzir de tanto oiro faz perder a cabeça, pede cincoenta ou setenta francos, dizendo com meiga voz: *Je vous verrai demain n'est-a-pas?*

Esta doce interrogação derrete o *lion*, fazendo-lhe esquecer a enormidade da despeza. Paga, aperta a mão do seu amor, e sae todo orgulhoso atravessando a multidão dos seus rivaes, muitos dos quaes são como alguns peralvilhos de Lisboa, usando de luvas muito brancas, mas cuja algibeira nunca vê um pinto.

No outro dia o feliz inglez vem mais cedo e mais amoroso.

D'ahi a algumas semanas sabe-se que M.^{elle} F^{***}, ou M.^{elle} P^{***} foi *enlevée* por algum excentrico.

D'ahi a tres ou quatro annos, depois de terem arruinado o seu seductor, apparecem n'outro café e chega um dia em que são conhecidas por algum dos seus antigos admiradores, que para se vingar da indifferença que ella outr'ora lhe mostrava, pergunta-lhe todas as tardes: *En bien, vous attendez un anglois?*

Não, lhe responde ella com todo o sangue frio, *mais j'attends un chinois.*

Effectivamente, quando o que ella espera não apparece, esse que lhe fez a pergunta é que e o seu primeiro *chinois*; segue-se, segue-se... e depois ninguem falla n'essa creatura, nem se sabe d'ella.

Bruxellas tem uns poucos de theatros, sendo o principal o theatro real, que já soffreu um incendio; mas tendo sido reedificado é actualmente um theatro lindo.

Na praça de *la monnaie*, a *passage de St. Aubert*, que dá para a rua mais frequentada da cidade, é a similhaça da nossa do Chiado, aonde as se-

nhoras vão mostrar os seus enfeites, criticando os albeios.

Bruxellas é em toda a força do termo uma encantadora cidade, ou por comparação uma pequena Paris, mais agradável e mais commoda. Toda a cidade está cercada de *boulevards*, que a fazem um completo passeio cheio de arvores e flores.

A alameda verde é como em Paris o bosque de Bolonha. Não se vê senão amazonas, cavalleiros, caleches, coupés, thyburys, distinguindo-se os extravagantes inglezes com as suas excentricas apostas.

Bruxellas, apesar de ser uma capital um pouco desmoralisada, possui um fundo para a religião catholica, que é muito louvavel; tem grande quantidade de egrejas, sendo a mais magnifica a de Santa Gudula, que é, em ponto grande e mais magestosa, comparada com a egreja do Loreto em Lisboa. Do meio dia para a uma hora é ahi que vão namorar, mostrar-se, eriticar, dizer mal das amigas e passar cartas aos namorados; porém de reza nada ou pouco.

Eu via e observava tudo; ria me d'estes usos e liberdades que eram quasi sempre o thema das minhas discussões com M.^{me} Qall, que tinha para mim os cuidados e extremos d'uma boa mãe. Eis ahi tambem porque a sua imagem ficou gravada no meu coração.

Escrevi para Lisboa a minha tia, contando-lhe tudo e testemunhando-lhe o meu desejo de vir para Portugal.

Não recebi resposta; o sr. Martin na sua ultima carta tinha-me escripto:

«Tua tia não te pode mandar auxilios; vem tu e tua filhinha e cá se fará alguma coisa por ti.»

Em seguida lia-se este P S. Bem sabes que sou «teu verdadeiro amigo, e que te considero minha filha, «por isso te digo: Vem que serás feliz.»

Depois que estive em Bruxellas não recebi mais uma linha.

Ignorava se as minhas cartas teriam sido entregues, por isso não sabia o que imaginar de um silencio tão profundo, depois de uma promessa tão formal.

Fui á embaixada de Portugal, onde tive o gosto de fallar ao sr. João Lobo, primeiro secretario, e distincto cavalheiro. Foi elle que me apresentou ao sr. conde de Azinhaga, ministro de Portugal n'aquella côrte. A bondade com que s. ex.^a me recebeu, fez que lhe contasse com toda a confiança as minhas decisões, pedindo-lhe a sua intervenção para minha tia, ao que se prestou com a maior vontade, promettendo-me fazer tudo que pudesse, e escreveu immediatamente, julgo que ao sr. conde de Rio Maior, para este fallar em Lisboa com minha tia, e fazer-lhe tomar um partido a meu respeito.

Assim que o sr. conde de Azinhaga teve resposta de Lisboa, veio a minha casa, e disse-me que podia partir.

A minha gratidão para este nobre fidalgo não deixa guardar o silencio sobre as suas bondades por mim.

O sr. conde de Azinhaga viu uma senhora sem protecção no mundo, e conhecedor dos desgostos que eu passava, porque visitando-me uma vez, e vendo-me chorar, perguntou-me o motivo, e eu disse-lhe com franqueza os meus difíceis embarços. em consequencia de ter já muitas coisas empenhadas, desfarçadamente perguntou-me quanto eu devia, e se estava segura da pessoa a quem tinha confiado aquelles objectos. Julgo que sim, respondi eu, pois que é uma pessoa estabelecida.

A's vezes não basta isso, respondeu o sr. conde; diga-me o nome e morada que eu indagarei se é pessoa de credito e confiança.

Como conheci n'estas palavras uma prova de bondade, para não abusarem da minha boa fé, disse a morada e o nome da pessoa.

N'esse mesmo dia recebi o meu bahu, com todos os

objectos que estavam empenhados, e dentro este simples bilhete;

«Como já não quer que se vendam esses objectos, «e que os mandou pagar, ahi lh'os restituo »

Estava este bilhete assignado por quem me havia prestado o dinheiro.

Admirada, abri o bahu, tirei as primeiras caixinhas das joias que iam sobre tudo, e encontrei-as como as tinha mandado. Fui tirando, tirando, e o ultimo vestido pareceu-me tão pesado, que sacudindo-o, vi que tinha alguma coisa na algibeira. Metti a mão e encontrei um cartuxo de dinheiro e uma carta dizendo:

«Permitta-me que lhe faça este presente; dando-lh'o pessoalmente, sei que o não acceitaria, assim não m'o pôde recusar.»

Effectivamente, um presente offerecido com tanta delicadeza, não podia ser recusado.

Escrevi immediatamente ao conde de Azinhaga, dizendo que lhe desejava fallar.

S. ex.^a veio, mas usando de diplomacia até ao fim, negou que tivesse sido elle o autor d'aquella acção.

Negou com perseverança, e eu não quiz teimar.

Para provar-lhe o meu reconhecimento, bastou ver as lagrimas que banhavam as minhas faces, e que eram lagrimas de sincera gratidão.

Esse facto ficou para mim sempre em enigma.

O conde negava, e eu em Bruxellas não conhecia além de s. ex.^a senão ao sr. Lobo.

O pequeno conhecimento que tive de Monsieur J. Van-Praet, foi oito dias antes de deixar Bruxellas, para elle me obter uns papeis que me eram indispensaveis.

Este conhecimento de tres ou quatro dias foi sufficiente para me fazer conhecer o character d'este perfeito cavalheiro, que é o maior amigo de Sua Magestade o Rei Leopoldo.

Em Bruxellas o sr. Van-Praet é olhado como um

anjo, os ricos estimam-no, os pobres adoram-no, e os estrangeiros admiram-no.

El-Rei Leopoldo, monarcha de consciencia e de sentimentos de honra e de bravura, só poderia estimar quelle excesso um homem como M.^r Van-Praet.

Leopoldo é um verdadeiro rei popular, e o ministro Van-Praet é um dos mais honrados caracteres da Belgica, e por isso ambos gozam das sympathias do respeito e da estima

Era claro que tinha sido o conde de Azinhaga o autor d'aquelle presente, que era quasi uma salvação. Do sr. Lobo não era tão provavel, porque se achava em grandes embarços, em que o tinha posto o seu amor por uma filha de Thalia!

Oh! meu Deus, o pobre sr. Lobo acreditava no amor d'uma actriz! d'uma mulher que pinta o rosto para fingir de rainha, ao passo que logo se transforma para fazer de mulher perdida: que ora ri do amor, logo affecta uma paixão mentirosa, que illude a turba como pode falsear a amizade d um crente!

Ha algumas excepções, mas são poucas.

O sr. Lobo queria a ventura na feira dos sorrisos, queria extremo sincero e puro no leilão da impudiciei!

Considerando os embarços em que a *deusa do palco* o tinha collocado, não podia suppor que me fizesse semelhante offerta, e por isso acreditei logo que o obsequio partia do sr. conde de Azinhaga, que pelas suas virtudes era querido e respeitado por todos que o conheciam.

Este conceito do distincto diplomata, e irmão do nobre duque de Saldanha, sabia eu pelas senhoras da casa onde estavamos morando.

Quantas vezes M.^{me} Qall e eu perdiamos noites inteiras, ora a copiar musica, ora escrevendo, ora bordando para no dia seguinte alcançarmos algum dinheiro. Quasi sempre el'a bordava e eu copiava, pois que sempre preferi a penna à agulha.

Um dia, eram quatro horas da manhã, o cansaço de ter perdido umas poucas de noites fez-me inclinar a cabeça sobre as costas do *fauteuil*: os cabellos tinham-se-me desprendido, e espalhavam-se sobre o meu vestido branco; pelas minhas faces tinham caído as lagrimas que pairavam nas minhas palpebras quando o somno me tinha surprehendido n'aquella longa e penosa vigilia.

Quando despertei, vi M.^{me} Qall assentada ao meu lado, com as faces banhadas em lagrimas, e com as minhas mãos apertadas entre as suas.

—Que tem? perguntei eu.

—Que tenho! repetiu ella; soffre Josephina essa alma soffre! não é para viver como vive! Tão joven, tão ardente, tão exaltada, a copiar musica até ás quatro horas da manhã, supportando esta dura tarefa, e recusando aquellas vantajosas propostas que...

—Silencio, a minha amiga; interrompi eu! Não sabe que não posso amar este cavalheiro, que desde que estamos em Bruxellas tem escripto todos os dias, e que encontrámos no parque; reconheço que é um bello cavalheiro, e digno de uma mulher ter por elle paixão; mas não se lembra, diga, continuei eu sorrindo, não se lembra da prophecia da sua amiga bohemia, quando ella me disse: Passe, passe o oceano, etc., etc.?

—Criança, murmurou ella, não lh'o disse para que se arrependa; fez o seu dever. Mas vendo-a aqui dormindo pela fadiga, dizia comigo: esta creatura é um anjo, porque tem coragem, resiste a tudo e sempre lhe resta uma esperanza.

—E' verdade, respondi eu, esperanza, sempre esperanza em Deus

—O dia em que conhecer o mundo hade ser muito infeliz, disse M.^{me} Qall; se julga uma coisa, creia bem que é outra. Na terra tudo é mentira e corrupção. Verá maridos perversos abandonar senhoras virtuosas por mulheres perdidas, e estas atraçoal-os a todo o instante. Verá mães coadjuvar a ruina das filhas; ma-

ridos vender e jogar as esposas ; ladrões e falsarios na abundancia, cheios de titulos e nobrezas . . . Verá . . . verá . . . ia ella continuando, mas parou, vendo um movimento meu de indignação

— Eu verei tudo e desprezarei tudo tambem, mas por Deus, disse eu, não fallemos mais d'isso, não destrua com essas palavras as illusões que tenho e a boa fé que me nasceu no *Sacré-Coeur*. Para acreditar o mal, a infamia, serei como S. Thomé : ver e crer. Até lá, não combato este modo de pensar que anima as minhas illusões.

— Sim, porque é feliz com ellas, mas ai ! quando as perder!!!

Era assim que muitas vezes nos deitavamos, e era quasi sempre d'esta fôrma que tinhamos muitas conversações ; ella apreciava as coisas conforme a sua idade querendo desinvolver o sudario do mundo ; e eu com a minha pouca experiencia julgando que se podia encontrar idealismo n'um mundo onde quasi tudo é depravação.

Alguns dias depois do sr conde de Azinhaga me ter dito que podia partir para Lisboa, e que confiasse na bondade de minha tia, recebeu M.^{me} Qall uma carta, em que lhe davam noticia da morte de seu pae, e que por esta fatalidade seu filho de doze annos estava entregue a estranhos

Explicar o desespero d'aquella infeliz senhora é impossivel.

— Vae partir em pouco para Lisboa, disse ella, e eu já amanhã, para ao lado do meu filho, reunidos, rezarmos sobre a tumba de meu pae ! Voltarei depois para a companhia de M.^{me} Selly, que já me tinha promettido tomar conta do meu filho. Eis a occasião d'ella provar-me a sua amizade

Effectivamente no outro dia, depois de ter o seu passaporte, entregou-me tambem o meu.

Fiquei admirada ao ver que vinha n'elle com vinte

e tres ou vinte e quatro annos, quando eu só completei os dezoito dois mezes depois da minha chegada a Lisboa.

—Está admirada de verahi um engano, disse ella; essa differença de cinco ou seis annos, de nada vale, é verdade, mas para uma senhora que parte só com uma creancinha, é mais respeitoso.

Não pude deixar de rir ao ver o zelo materno que esta excellente senhora punha nas mais pequenas coisas. O seu amor para mim comprehendia tudo, e a sua dedicação estendia-se ao mais insignificante escrupulo.

Dois dias depois, partia a minha cara Helena Qall, no caminho de ferro das quatro horas, levando uma carta minha para a excellente M.^{me} Selly.

Com todas as expressões do meu coração reconhecido, agradei a esta senhora a bondade que teve de ser em todas as viagens que fiz uma tão boa mãe para mim.

De todos os desgostos que tinha soffrido até então, este foi o mais sensível, porque eu perdia com M.^{me} Qall toda a consolação para os meus dissabores; uma amiga íntima, uma companheira fiel que adivinhava o meu coração antes de eu saber o que elle queria.

A dôr da ausencia, uma separação assim, era um tormento, eram dias inteiros de lagrimas nos meus dias futuros!

Achava-me só, e sem quem me avisasse os pezares; este doce abrigo do ceo!

Mas Deus para todos os meus soffrimentos me havia dado um conforto na minha querida filhinha, nos seus ternos e engraçados sorrisos, nos seus olhares de meiguice, ali mesmo do berço infantil dava ao meu coração um enlevo, uma doçura á minha existencia.

Tres dias depois de M.^{me} Qall se ter ido parti eu com a minha filhinha pelo caminho de ferro de *Ostende*.

CAPITULO XLI

Ostende — Douvres — Londres — Southampton — Debaixo da opulencia, grande soffrimento — Pobre Jenny — Um relógio em troca de uma cruz — Recebo a benção de um cego — Perda e embaraços — Dão um penhor — Infanta D. Anna de Jesus Maria — Uma das tres hespanholas é uma belleza — Oceano.

Assim que cheguei a esta cidade, mandei o criado do hotel saber quando e a que horas partia o vapor para Londres. O criado voltou dizendo que n'essa mesma tarde, pelas quatro horas, largava. A's onze deitei-me, tendo recommendado primeiro que me acordassem, e que me tivessem o jantar prompto. Arranjei-me, preparei bem minha si ha, e fui para bordo. Poucos instantes depois partimos.

Passadas algumas horas chegámos a *Douvres*. Lá tomei o caminho de ferro para Londres, cidade que eu já conhecia por lá ter estado varias vezes; fui para um hotel, indaguei a que horas partia comboy de caminho de ferro para *Southampton*; disseram me que havia um ás onze horas da noite, e outro ás sete da manhã. Resolvendo ir n'este ultimo, deitei minha filha, e em quanto ella estava adormecida, escrevi a todas as pessoas que eu tinha conhecido, e de quem talvez nunca mais ouviria fallar, nem ellas de mim.

A carta que concluirei para M.^{me} Virginia D^{***} foi a mais extensa possivel; n'ella explicava-lhe a minha incerta posição, e a pouca fé que tinha nas promessas de minha tia. Depois de ter fechado esta carta depozitei-lhe mil beijos, sellando-a com as minhas lagrimas. Até ali tinha tido amigas sinceras; passando as aguas do

oceano, o que encontraria eu? Não sabia, e n'essa duvida é que tomei o caminho de ferro para *Southampton*.

Não pude deixar de admirar a extraordinaria velocidade d'esse caminho de ferro, que não foge, vôa.

Eu ia com minha filha e com uma familia que tambem ia para *Southampton*, e pela conversa que travamos, conheci que no mundo, debaixo da grande opulencia, ha grandes soffrimentos; o avô da joven que ia com seu pae e mãe tinha morrido havia dois mezes. e seu pae cegado havia tres semanas em consequencia dos desgostos que tinha soffrido, e pelas continuas lagrimas que seus olhos derramavam pela perda de seu filho, *herdeiro* da casa, que se tinha suicidado havia tres mezes, em consequencia da falsidade de uma mulher infame, que, depois de ver que o infeliz lhe sacrificara tudo, o traiçoaara pelo seu mais intimo amigo.

Os poucos dias que estive em *Southampton* fui constantemente visitar esta desditosa familia por quem me interessara devêras, e que pelos seus soffrimentos, merecia a veneração de todas as pessoas sensatas.

Como a joven menina me tinha contado a sua historia, eu usei de igual franqueza contando lhe a minha infelicidade, e o abandono em que me achava; os nossos mutuos soffrimentos formaram entre nós uma viva sympathia, e quando me despedi d'ella, não tendo nada que lhe deixar por lembrança, tirei uma pequena cruz de oiro que conservava sempre junto do meu escapulario, e offereci-a á pobre Jenny, que, apesar de só contar quinze annos, já havia supportado dôres bem profundas. Ella em compensação tirou o seu relógio e pediu me para lh'o aceitar.

Sua mãe presenteou-me com um lindissimo anel com uma bella esmeralda e grandes brilhantes. O pobre cego, querendo tambem mimosear-me, offertou-me uma carteira que não tinha outro valor, dizia elle, senão a de conter alguns apontamentos philosophicos, que elle havia escripto antes de perder a vista.

Quando me despedi d'esta familia não tive força para reter o movimento de me collocar de joelhos aos pés do infeliz cego e de lhe pedir a sua benção.

Então aquelle homem, que me não podia ver, disse-me: « *Je vous benis, comme si vous étiez ma fille, et je prirai Dieu de toujours vous protéger.* »

Fui com as filhas da dona do hotel, onde estava, despedir-me de umas senhoras que habitavam a tres leguas de *Southampton*.

Qual foi meu pezar, quando, de volta á noite, querendo tirar o que levava na algibeira, nada encontrei. Na carruagem nada se achou.

No dia seguinte mandámos um homem a casa da dita familia, mas nem na casa nem na quinta se achou coisa alguma, e os annuncios tambem coisa alguma fizeram apparecer.

Julgue-se o meu embaraço; eu sem dinheiro, devendo ao hotel, e tendo que partir para Portugal; porém por felicidade a minha passagem já estava paga.

No hotel logo se espalhou a noticia da perda que havia tido: immediatamente recebi offerecimentos de varias pessoas.

Agradezia delicada attenção com que me tratavam, dizendo que prescindia de tal favor, visto que o paquete ia partir em dois dias.

Fiz conhecer aos donos do hotel o embaraço em que eu estava, pedindo-lhes que tivessem a bondade de pagar os alugueis dos trens que devia, juntando-os á conta das despezas do hotel, que eu mandaria pagar depois de ter chegado a Lisboa, deixando por garantia a esta divida o meu bahu com tudo que tinha dentro.

— Isso não queremos nós, replicaram elles; a senhora para nós não é uma simples estrangeira: conhecemol-a e depositamos toda a confiança na sua probidade.

— Agradeço-lhes, respondi, mas devo e quero deixar-lhes uma garantia.

— Não podemos acceitar objectos que tem duplicado ou triplicado o valor da divida; isto repugna-nos, visto o querer á força uma obrigação.

— Não posso acceitar uma tal condição, repliquei eu, porque poderia ser lhes prejudicial; posso morrer na viagem e quem lhe pagaria então?

Afinal annuíram.

Deixei-lhe ficar tudo quanto tinha.

Soube que se achava em *Southampton* a senhora infanta D. Anna de Jesus Maria, e como sabia que minha tia a aderava quasi, resolvi-me a ir fallar-lhe para pedir-lhe a sua protecção para com M.^{me} Levillant. Conhecia que M.^{me} Levillant o que promettia hoje, esquecia-se ou fazia por se esquecer no dia seguinte. Com semelhante genio devia-se sempre estar *sur le qui vive*.

Sua Alteza recebeu-me com a sua costumada affabilidade, que é tão europeamente conhecida.

Expuz-lhe a minha posição e disse-lhe que vinha para Lisboa. O acanhamento só me deixou pronunciar estas palavras

Envergonhada e sem ter a resolução de pedir a sua alteza a sua protecção, retirei-me.

Já que citei aqui o nome illustre da senhora infanta D. Anna de Jesus Maria, fallarei do leal character de seu marido, o sr. marquez de Loulé, um dos homens mais respeitaveis da sociedade portugueza.

O sr. marquez de Loulé, tanto na sua vida intima, como na carreira da sua vida publica, tem sabido sempre conservar-se digno da estima e consideração de todos, e da amizade do nosso joven rei D. Pedro v.

As filhas d'esta alliança do nobre marquez, foram todas educadas no convento das Sillesias, onde receberam a mais esmerada educação, que, reunida ás mais excellentes qualidades moraes, as torna tres anjos, adoradas na sociedade, e merecedoras de todas as venturas que Deus deve prodigalisar ás suas creaturas es-

colhidas e predilectas

Dois dias depois da minha entrevista com a senhora infanta D. Anna de Jesus Maria, encontrámo-nos a bordo do vapor que devia entrar nas aguas do Tejo.

A bordo vinha uma senhora hespanhola acompanhada de suas tres filhas; uma d'ellas era uma perfeita belleza, não só na physionomia, como tambem na alma.

Ella comprehendeu a minha posição. Vendo como eu estava doente sempre estava comigo, e quando a *femme de chambre* com quem eu tinha feito o ajuste de tratar de minha filha, por algum motivo se via obrigada a estar fora do beliche, era ella, ella que com todo o carinho a entretinha.

Ellas foram para Cadiz.

Eu estava tão incommodada, que só uma ou duas vezes pude subir ao convez para ver o barco cortar as agitadas vagas, caminhando no meio d'aquelle mar, entre a immensidade do horisonte.

Viajar é uma das impressões mais fortes para uma alma que sente.

Sobre o oceano o coração abandona todas as coisas terrestres, esquece-se da agitação do mundo para viver só nas illusões de pensamentos sublimes.

A melhor consolação para quem sentir os transportes dolorosos, seja de uma paixão vehemente, seja de desgostos fortes, é viajar.

A natureza fulmina esses sentimentos ardentes, envolvendo o peito que os nutria em doces meditações.

CAPITULO XLII

Vejo Portugal — Receios — Cruel abandono — Commandante — Perspicacia de uma femme de chambre — Segunda benção — Aonde é o Chiado? — Primeiro obsequio em Portugal — M.^{me} Levailant — Caixeiros em miniatura — Um macaco pelo caracol — Um padre no pulpito — Uma pendula viva — Uma escadinha — Amavel convite — Caricato pequeno exame — Uma boba — Quem me dá uma luz? Agostinha — Uma valsa faz revoltar — Malvina — Minha tia — Um bom consul — Arrombamento de um bahu — Creatura de marmore.

Quando chegámos ás costas de Portugal, principiei a entristecer, recordando-me do que havia succedido com M.^{me} Levailant, na minha verde infancia, com meu primo Eduardo; disse comigo mesma: e se ella me receber mal? Senti minha coragem abandonar-me e tive receios!!! Mas que havia eu de fazer? Voltar para traz, era impossivel por todos os motivos.

Cheguei emfim a Lisboa, como uma pessoa que vae para a forca. Se me tivessem perguntado — soffre? teria respondido — não! E era verdade: eu estava completamente morta.

Vi chegar a visita da alfandega, vi todas as familias virem buscar os seus parentes e só eu estava isolada! ninguem para me receber! Não era isto soffrimento amargo?

O commandante do vapor comprehendeu talvez as minhas silenciosas lagrimas, porque, chegando-se perto de mim, me disse em inglez: «Vejo, minha senhora, que sua familia não a espera; se quer mando baixar um escaler, e um dos meus officiaes a acompanhará a casa de seus parentes.»

Agradei muito esta delicada attenção; acceitei, e como não quiz incommodar nenhum dos officiaes, desci para o escaler com a *femme de chambre*: a sua familia a modo que se não importa muito com a senhora! disse esta; a resposta foram duas lagrimas!!

Cinco minutos depois de ter começado a caminhar pelo solo portuguez, não querendo que aquella mulher presenceasse o recebimento que me prophetisava o coração, dei-lhe quinze francos, unico dinheiro que me restava.

Essa pobre mulher, entregando-me minha filha e beijando-me as mãos, disse-me: «Oh vós sereis feliz porque sois boa.»

Elevei meus pensamentos a Deus e disse: «Escutae essa mulher, meu Deus! Podereis desattender a benção que me legou o pobre velho!

Poucos instantes depois de eu despedir a *femme de chambre* começou a chover, e eis-me caminhando nas ruas de Lisboa com minha filhinha nos braços, caindo a chuva sobre nós; via-me bem atrapalhada, porque não podia arregaçar-me, sendo-me um braço preciso para segurar a minha *Titine*, e o outro para sustentar um pequeno chapelinho, que lhe resguardava a cabeça. E eis-me cansada, molhada, enlameada, perdida nas ruas, não tendo outro remedio senão perguntar onde era o Chiado. Uma mulher de capote e lenço, que estava comprando um pão de ló, voltou-se, e, olhando para mim, disse-me:

—Se quer que a acompanhe?

Agradei e acceitei o convite.

—Como chove, mé tornou a boa mulher, dê-me a sua menina que eu a cobrirei com o meu chapeo de chuva.

Assim andando, disse comigo: Fizeram-me guerra por eu te amar, Portugal! a ti, que apenas pisei teu solo, logo encontrei quem me obsequiasse!!

Chegando a casa de M.^{me} Levillant, tomei minha filha e disse para a mulher:

Não lhe offereço que suba porque esta casa não é minha; nada tenho que lhe possa dar por lembrança, mas agradeço muitissimo o seu obsequio.

Quando já estava no alto da escada, reflecti e voltei para traz para entrar pela loja.

Os caixeiros em miniatura que eu ali vi puzeram-se logo a arreganhar os dentes e a abrir os olhos para mim, e como visse que nenhum se decidia a perguntar-me o que queria, disse a um d'elles:

—Desejo fallar a M.^{me} Levillant.

—M.^{me} Levillant não pode descer, responderam-me.

—Pois queira dizer-lhe, repliquei eu, que está aqui sua sobrinha Josephina, que chegou agora pelo paquete.

Assim que disse isto, o mais alto dos caixeirinhos trepou com a agilidade d'um macaco pela encaracoladinha escada da loja.

Senti grandes corridas no primeiro andar; depois o sr. Alfredo Martin chegou ao meio da escada e disse-me em alta voz e mexendo com os braços como um padre no pulpito:

—Quem te mandou vir? Porque vieste?!!

Similhante interrogação fez-me ficar estupefacta, olhando para o prégador, até que afinal meus labios puderam dizer: Eu devia esperar isto de M.^{me} Levillant.

Fiz uma reviravolta e perguntei a um dos caixeiros:

—Onde mora o sr. Carlos Neville?

—Aqui para baixo á mão direita; respondeu elle.

Sai; então não chovia miudo como quando eu entrei; chovia a cantaros!!! Andei alguns passos, e quando ia a entrar a porta de meu irmão, ouvi uma voz gritar: «M.^{me} Levillant pede-lhe para voltar.» Tornei para traz, e conduziram-me ao escriptorio da loja. Depois de ali estar meia hora, vejo chegar M.^{me} Levillant, com o lenço feito n'uma bola, ora levando-o a um olho, ora levando-o ao outro.

—E's tu, Josephina? disse ella sumindo a voz com esforço para a fazer meiga.

—Sim, minha tia, olhe, disse eu chegando-me para a abraçar.

N'isto trocámos um beijo o mais frio, o mais gelido que é possível imaginar-se; e o braço do lado em que ella tinha o lenço fazia incessantemente o giro d'uma pendula de relógio, d'um olho para o outro. Achei aquella scena comica em que dois personagens representam e que um d'elles ao mesmo tempo que diz ao outro: *bonheur de te revoir*, diz á parte: *chagrin de te revoir!!!*

Como nunca gostei do ridiculo, quiz acabar com aquella scena que era ridiculissima; por isso disse:

—O recebimento que tive, fazia-me ir pedir a meu irmão hospitalidade.

Os movimentos da pendula apressavam-se, mas eu não via uma só lagrima.

—Vim a Lisboa por ter recebido do sr. Alfredo Martin uma carta, que em seu nome elle me dirigiu e que me autorisava a vir, acreditando que acharia uma tia que me havia adoptado por sua filha

Os movimentos da pendula já se não podiam contar!

—E' verdade, começou ella, quando eu lhe mandei escrever aquella carta estava toda disposta em teu favor; mas depois meu irmão, o sr. Lassance, tomou a casa em seu nome e hoje não sou senhora de coisa alguma.

—Foi uma transacção concluida com brevidade, repliquei eu sorrindo maliciosamente; porque assim que recebi a carta do sr. Alfredo Martin puz-me logo em viagem.

—Sim, disse ella, terminou depressa; tu bem sabes o genio de teu tio.

E a pendula parecia querer despedaçar-se.

Tinha dó d'aquelle braço.

—Visto isso, disse eu, retira as palavras que eram para mim como uma promessa? Voltar á França depois d'isto é impossivel; sou orgulhosa de mais para me abaixar a tanto; minha tia fez com que eu viesse a Lisboa, vim cheia de confiança . . que quer que faça?

Estava tão suffocada, que não podendo reter os soluços comecei a chorar.

Minha tia vendo isto disse-me:

—Suba.

Subimos a escada da loja, seguimos um comprido corredor, e tomámos por uma escadinha da largura de dois palmos. Pareceu-me aquelle o caminho do ceo; fui seguindo-a, e no segundo andar fez-me entrar n'uma sala cujas janellas davam para a rua de S. Francisco dizendo-me:

—Assente se que eu já venho.

Vendo-me ali só, abracei minha filha contra meu peito, pedindo a Deus as forças que me eram necessarias, e esperei que M.^{me} Levillant voltasse.

Assim se passou um quarto de hora, meia hora, uma, duas, tres horas; vendo que era noite, que ninguem apparecia, tirei o meu chapeo, e adormeci com minha filha sobre uma larga marquezia.

D'ahi á muito tempo senti uns passos pelo corredor, ouvi mexer com pratos, e uma criada abriu a porta, e disse:

—Faz favor de vir jantar.

Aquelle amavel convite foi para mim uma alegria; desde o almoço estava sem tomar coisa alguma, e o appetite era immenso.

Vi um talher e uma cadeira perto do sr. Martin, para lá me encaminhei, não comprehendendo como me tinham reservado o logar da minha infancia.

Não me dirigiram uma só vez a palavra. Este silencio deu-me logar a fazer um breve exame do que eu via. Excepto dois homens, tudo mais eram mulheres.

Uma tinha cara chata como uma bolacha; outra era muito espevitadinha, verdadeiro typo da verdadeira grisette; outra estava sempre com os olhos baixos; que de velhacaria encerrava aquella sonsa!!! Eu sempre tive raiva ás mulheres que por systema estão com os olhos baixos; essas todas são hypocritas, sonsas ou velhacas;

d'essas mulheres tenho quasi tanto medo como tenho do diabo. Aquella physionomia deu-me arripios. Olhei para outra, e vi umas maneiras tão estupidas que cheguei a ter dó d'essa creatura, que servia de boba ás suas companheiras. Ella percebeu que meu coração se condoia da sua situação; por duas ou tres vezes olhou para mim como agradecendo-me o não ter sorriso aos estupidos gracejos que lhe lançavam.

Todos se levantaram da mesa, e eu fiquei ali só... Fui para a sala onde tinha deixado o meu chapeo; assentei-me e esperei... Vendo que ninguem vinha bati n'uma das portas, pedindo uma luz. M.^m não deu ordem, respondeu-me uma voz rouca. Voltei para a sala, e ainda esperei. D'ahi a poucos minutos, ouvi bater muito devagarinho; quem está ahí? perguntei eu Abra M.^{me}, que lhe trago uma luz. Abri e reconheci a pobre rapariga do jantar, que me disse: Coitada, deixaram-na sem luz! Provavelmente vão trazer-me uma, respondi eu. Não o acredite, não sabe a maldade que ha n'esta casa. Ha cinco mezes que vim de França; fizeram-me tantas maldades que vendo que não comprehendiam as minhas lagrimas, resolvi rir de tudo; agora dizem a todas as pessoas que sou tola e parva, mas que me importa isso? estou mais socegada, é o que desejo.

A pobre rapariga seguiu o seu queixoso dialogo, contando-me coisas... de que puz as mãos na cabeça exclamando: não, não, isso é impossivel, isso é mentira!!! O tempo lhe mostrará a verdade do que lhe digo; e agora fujo; se me vissem aqui coitada de mim....

D'ahi a bocado ouvi eccoar uns gritos que me fizeram estremecer; bateram á minha porta, assoprei depressa a luz, e abri; a criada que entrou perguntou-me: a senhora já tinha luz? Pensando que se eu dissesse a verdade podia promover desgostos a M.^{elle} Augustine, respondi que não. Ouvi agora um *foguete* por sua causa, disse-me a criada pallida ainda de colera; disse a

sua tia que era mal feito deixar um ente christão como se deixaria. . . nem eu sei o que, e pedi-lhe que me desse uma luz; mas sua tia fez tanto barulho que fui buscar a minha palmatoria que lhe deixo. Perguntei-lhe qual era o quarto que lhe destinava; respondeu-me que não tinha quartos, e que dormisse no chão. A' vista de semelhante barbaridade nada repliquei, mas aqui lhe trago a minha roupa e vou fazer-lhe uma cama sobre o sophá.

Agradei áquella pobre criada, que tinha mais dó de mim do que minha tia; mas sendo eu muito escrupulosa em roupas, não quiz acceitar. Tirei as minhas saias, dobrei-as, e pondo-as debaixo da cabeça de minha filha, cobri-a com a sua capa. Eu embrulhei-me no meu grande chale escossez, e encostei-me ao lado de minha filha sobre a marquezia.

O canção foi mais forte do que os meus cuidados: adormeci.

No dia seguinte ás onze horas vieram dizer-me que fosse almoçar. Cheguei-me perto de minha tia, dei-lhe os bons dias, mas nada me respondeu, e o sr. Martin igualmente. Agostinha fez-me um signal com os olhos, e esse olhar deu-me alguma coragem; ao menos havia ali uma creatura que comprehendia o meu soffrimento. Durante todo o dia não pude fallar com ninguem; ao jantar e á noite com a luz e a cama passaram-se as mesmas scenas da vespera, e assim decorreram alguns dias sem uma unica mudança melhorar a minha situação.

Dois dias depois da minha chegada, trouxeram-me o bahu que havia deixado ficar na alfandega. O sr. Martin entrou no meu quarto (chamo quarto á sala aonde eu estava) e perguntou-me seccamente: tu não trazes senão isto? Só, sr. Martin, lhe respondi, tive que deixar tudo em Southampton. Assim que elle ouviu isto, retirou-se logo.

Cinco dias estive sem que me dessem uma cama para repousar, sem que me dirigissem uma palavra!

apenas Agostinha vinha às furtadellas conversar uns instantes comigo. No fim de cinco dias eu estava tão aborrecida, que não podendo supportar esse estado, assentei-me ao piano e toquei umas walsas.

—Fez hoje uma revolução com o piano, me disse à noite M.^{elle} Augustine; sua tia deu uma bofetada no sr. Martin, por elle dizer que tocava bem; e armou uma scena á Malvina, por essa dar provas de que tinha inveja de a ouvir.

—Pois Malvina tem inveja de mim? perguntei eu; pobre rapariga! era melhor que se occupasse d'agulhas e d'alfinetes, e que tratasse de fazer melhor os vestidos.

—Ella estraga os vestidos de proposito, porque não quer que pessoa alguma seja bem feita, e ella se não fosse os franzidos e o algodão que espinha não seria!

E Agostinha teria continuado a sua analyse sobre Malvina, se a criada não tivesse vindo interrompel-a dizendo-me: Sua tia manda dizer que em quanto seu tio Lassance não vier de Paris, ella não poderá tomar resolução alguma, e que a não pode ter em sua casa.

Assim que acabou de me dizer isto, sem reflectir, puz o chale e o chapeo, peguei em minha filha e saí d'aquella casa, onde eu recebia tão caridosa hospitalidade.

Perguntando de rua em rua cheguei ao consulado francez, onde contei o recebimento que minha tia me havia feito e a situação em que me achava.

—De M.^{me} Levailant tudo se deve esperar, respondeu-me o consul; conheço-vos ha poucos instantes, mas vejo que não podereis viver oito dias em similhante casa. Admira-me porém que não tivésseis receio de vir a Lisboa!

—Amanhã vos trarei a carta que o sr. Martin me escreveu; n'ella é que tive confiança; e eu amo tanto Lisboa que aqui querería morrer!

—*Mais mon enfant*, me disse o excellente homem, se vossa tia se comportar mal comvosco que fareis? Sois joven, sois bonita, e estareis exposta a muitos perigos.

—Agradeço-vos, sr. consul, esse lisonjeiro aviso; apesar de ser joven tenho a experiencia da infelicidade... se minha tia, apesar das suas promessas, esquecer que me tinha adoptado por sua filha, então darei lições de piano e canto, e quando eu puder abrirei um estabelecimento de educação, e Deus será meu protector.

O consul estava tão sensibilizado, que querendo consolar-me disse: Irei hoje a casa de M.^{me} Levailant; venha cá amanhã, que lhe direi o que se tiver passado.

N'esse tempo tinha eu ainda o genio feliz; no meio mesmo da desesperação, uma palavra bastava para eu ter esperança.

—Oh! M.^{me}, me disse a criada apenas entrei em casa de M.^{me} Levailant, que barulho houve aqui, santo Deus! sua tia arrombou o seu bahu, e tirou d'elle umas cartas; o sr. Martin não fazia senão dizer-lhe: fazeis mal; Josephina é vossa sobrinha, e se lhe tiraes esses papeis, ella ficará sem os documentos que provam que vós é que a mandastes vir.

—Calae-vos, replicou ella, não ouvistes o caixeiro dizer que ella perguntou a morada do consul francez? A esta hora está ella fallando-lhe e se lhe levar a ultima carta que lhe escrevemos... Não pude ouvir mais porque abriu a porta e desceu para o seu quarto. Agora acabo de lhe ir abrir a cama, e o quarto ainda cheirava a papeis queimados.

—Tiraram-me as cartas, que maldade! exclamei eu.

N'esse dia M.^{me} Levailant queixou-se de dôres de cabeça, e não saiu do seu quarto. Algumas vezes o sr. Martin olhou para mim com ar de dô, e a pobre Agostinha cada vez que os nossos olhares se encontravam deslisavam-lhe duas lagrimas pelas faces.

Todas estavam tristes, só a costureira Malvina, toda emplumada, é que se ria, como *un mauvais génie*.

No outro dia ás dez horas estava eu perguntando ao consul o resultado da sua visita.

— Agora estou intimamente convencido que M.^{me} Levillant não tem sentimentos nem coração. Ella negou-me que vos tinha mandado buscar para sua casa, que nada promettera e que de nada queria saber. Vós não tendes dinheiro, aqui está uma moeda, passae-me um recibo. Eu d'aqui a alguns dias irei tentar fazer vossa tia mudar de resolução.

Passei o recibo, e agradecendo os incommodos que elle tinha tido, voltei para casa de M.^{me} Levillant.

M.^{elle} Augustine mandou-me buscar o almoço fora dizendo que era para ella.

Quando acabei de tomar o chocolate, pedi á criada que me desse o rol do que tinha gasto comigo durante aquelles dias; no papel que me apresentou vi que até o frete do gallego, que me trouxe o bahú da alfandega, foi abonado em casa de minha tia por uma criada!!!

— Aonde vae a senhora? perguntou-me a criada vendo lagrimas silenciosas que se me deslisavam pelas faces,

Não pude responder, porque uma voz disse batendo na porta: M.^{me} manda tirar o canapé. Um revolução se operou em mim, e disse: não quero que M.^{me} Levillant me ponha fora da sua casa. Metta tudo dentro do bahú, disse eu para a criada, e vou retirar-me já.

Toda eu estava n'uma convulsão, e a criada vendo o meu estado, receiou não sei o que.

Fui pelo corredor fóra, e guiada pelos gritos de M.^{me} Levillant, cheguei ao pé d'ella.

— Adeus, minha tia, disse eu com voz tremula, vim com confiança de França... não achei nem a mãe que me havia adoptado, nem a tia que me promettera a sua protecção... a criada disse-me que estava terminada a hospitalidade que me prodigalisou; assim me põe nas ruas de Lisboa sem familia... sem recursos... Se eu fôr desgraçada a Deus terá que dar conta, e eu n'elle é que confio. Adeus!

Quiz dar-lhe a mão, mas ella que ficára muda ás

minhas palavras, parecendo não comprehender coisa alguma do que eu lhe dissera, voltou-me as costas dizendo: M.^{elle} Malvina, aonde poz o vestido da condessa de Farrobo ?

As lagrimas que eu tinha nos olhos seccaram-se como por encanto, na presença d'aquella creatura de marmore ! . . . Sai d'aquella casa onde não podiam existir senão grisettes . . . e mulheres sem sentimentos.

Eu estava no ultimo lance da escada, quando uma voz me disse : Se quizer, em quanto não volta para França, va ao hotel de M.^{me} Radegond que eu pagarei as suas despesas. Esta voz era de M.^{me} Levailant

Dar conselho a uma sobrinha de ir para o hotel !!!
.....

Sai d'aquella casa sem saber o que ia ser de mim e de minha filha que tinha nos braços.

Havia um hotel defronte, encaminhei-me para lá em quanto Deus me não fizesse tomar uma resolução.

CAPITULO XLIII

Hotel de Italia — Oração a Deus — Maria Brée — Bolos que renderam um marido — D. Emilia Pereira da Costa ainda é minha amiga — Tenho dinheiro — Vou para minha casa — Respiro um pouco — Sinto os primeiros movimentos de uma paixão — O retrato dos meus sonhos de Vienna, referido no capitulo xxviii e feito em Hameln no capitulo xxxvi, acho o original — O sr. barão * * * — Minha boa Emilia — Felicidade n'uma carta — O sonho apparece — Amor.

Fui para o hotel de Italia. Subi as escadas d'este hotel tão suffocada que apenas pude dizer : quero um quarto.

Conduziram-me ao que tem janella para a rua de S. Francisco, sem ser o da esquina, mas sim o que

fica na outra extremidade. Quando me assentei no canapé com minha filha nos braços os soluços principiam a suffocar-me, vi bem o estado solitario em que ia jazer, conheci a minha posição, comprehendí o meu abandono! Que devia eu fazer, meu Deus? Matar-me? isso teria sido um acto de pouca religião e coragem. Voltar pa a o Rio era impossivel; o motivo já está explicado. Minha vida era necessaria para o ente que ficaria só n'este mundo se eu lhe faltasse! Apertei minha filha contra meu coração, tirei meu *scapulaire*, ajoelhei dizendo constrictamente:

Meu Deus, vós que sois pae e protector de todos, tomáe-nos debaixo da vossa divina protecção e guiae-nos!! Sóis n'uma terra estranha, sem parentes, sem amigos, sem fortuna, só vós, meu Deus, sois a unica esperança do meu coração; nunca calcularei um acto da minha vida, deixar-me-hei guiar sempre pelo destino, porque sobre elle espero firmemente o vosso olhar misericordioso.

No dia seguinte, estava acordada ás oito horas. Mandeí logo procurar Maria Brée, filha d'aquelle espingardeiro alemão que se tinha suicidado, e de quem eu já fallei no principio d'estas minhas memorias.

Ella já não estava em casa de M.^m Levillant, e sua irmã havia-se casado e estava estabelecida na rua Nova do Almada.

Foi grande o contentamento de Maria quando me viu. Conteí-lhe o recebimento que havia tido de minha tia, e ella disse-me:

— Não se deve admirar, o que ella fez ao sr. Carlos mostra o que se pode esperar d'aquelle coração. Recordá-se da amizade que ella mostrava ter por elle? Pois tudo era fingimento. Quando M.^{elle} Aline voltou segunda vez de França, encontrou em casa de M.^{me} Levillant o sr. Carlos; essas duas creaturas que já se amavam não poderam ficar insensíveis uma à outra. Vendo isso, M.^{me} Levillant principiou a fazer guerra,

ella que já havia feito perder a M.^{elle} Aline um excellente casamento. O amor venceu tudo: o sr. Carlos casou se com a Aline, e recebeu por dote a maldição de M.^{me} Levillant. Dizia o sr. Martin, (que tinha dados para estar ao facto,) que não podia tolerar semelhante casamento, apesar da Aline ser uma excelente pessoa, de quem só conhecia dois defeitos: a astucia, e a inveja. O tempo talvez lhe tenha emendado estes dois peccados, e que á vista do sacrificio que Carlos fez em *casar com ella*, queira recompensar-lhe fazendo-o feliz.

Ouvindo Maria contar este casamento, espantei-me, pois que diziam que Aline tinha quatorze ou quinze annos mais do que Carlos, e recordava-me, quando elle estava no collegio em Paris, nas ferias, e mesmo ás vezes aos domingos quando saía e ia a casa do nosso tio Lassence, onde *então estava a Aline*, que o achava um *si gentil petit écolier*, que sempre tinha o cuidado de ter bolos e doces para o seu querido menino.

Já se vê que esses bolos foram felizes para ella, pois que lhe renderam para o futuro *um marido*.

Aline era uma mulher de expedientes, tinha muitos conhecimentos e arranjou os fundos necessarios para se estabelecer.

A bondade do coração da exm.^a sr.^a duqueza de*** fez tomar em affeição e debaixo da sua protecção estes dois entes

M.^{me} Levillant teve ciumes, e fez espalhar em toda a Lisboa, que elles se haviam casado depois de lhe terem roubado grandes sommas de dinheiro.

Dinheiro!!! era preciso que M.^{me} Levillant não tivesse um irmão chamado L. Lassence, e que esse não aproveitasse de M.^{me} Levillant como se fosse uma mina da California!!

Depois de Maria me ter posto ao facto de tudo, vi que me era impossivel dirigir-me ao meu mano quan-

do elle voltasse de França, e pedir-lhe a protecção e o abrigo que um irmão de sentimentos deve a sua irmã desamparada.

Sim, era impossivel porque esse Carlos estava dominado por uma mulher que bem caro lhe tinha feito pagar uns bolos; uma mulher que nunca me poderia ver com bons olhos, por eu saber... quero dizer, por ella saber, que um bom dote que Deus me tinha dado era a minha excellente memoria. que nunca me deixaria nos apuros da incerteza, quando eu me quizesse recordar.

Conheci mais que era por esse casamento de meu irmão com similhante creatura, que eu havia de ter na minha familia uma inimiga mortal, que o proprio sr. Martin sendo homem, dizia—tenho medo das astucias d'essa mulher!

Eu não possuia esse receio, porque a minha confiança em Deus era illimitada; mas para evitar desgostos, farei de conta que meu irmão Carlos, que nunca soube apreciar a minha alma nem o meu coração, morreu para mim; ou se algum dia a infelicidade quizer que eu tenha relações com ella e sua mulher, serão só aquellas que as circumstancias do destino obrigarem, e nada mais.

Longe mesmo porém, e separados, farei votos a Deus por um irmão a quem perdôo tudo, e a quem de-sejo venturas, se elle as pode ter.

.....

O homem põe e Deus dispõe Para não ter que fallar de novo do sr. Carlos e de sua esposa, conto agora aqui alguns factos que se deram em 1854 a 1855.

Em 1854 estive quasi á morte, e esse irmão e sua mulher, que até ali não se importaram nunca de mim, quizeram vir a minha casa, porque eu era protegida

por um homem millionario, e suppunham, creio eu, que em minha casa encontrariam as minas do Perú! Os meus criados não os deixaram entrar, e elles, para não deixarem fugir da vista tão *inesgotaveis minas*, metteram empenhos á duqueza de*** para obter do meu medico assistente essa entrada tão anciosamente desejada.

Effectivamente assim aconteceu.

O primeiro trabalho d'essa boa e extremosa cunhada foi abrir as gavetas, e passar minuciosas revistas..... indagando aonde eu tinha as minhas joias, o meu fato, os meus papeis de credito, o meu dinheiro, os meus contos de réis!...

Tal era a esperanza que tinham de me tornarem a ver levantar d'aquelle leito de longa e penosa enfermidade!

Não achando porém o de que esperavam tomar posse, exclamaram: E' impossivel que ella tenha sido tão tola!!!... é porque tem tudo depositado em alguma parte; mas como havemos de ser nós que tomaremos conta das meninas (de que Deus defenda), queremos saber a quem foi que ella confiou tudo.

Então a mulher de Carlos, sentada ao lado da minha cama, vendo que eu apenas podia respirar, disse-me com o seu ar *mielleux*, como ella o sabe tão bem empregar quando quer.

Ma chere Joséphine, por aqui etc. etc. Ma bonne Joséphine, por acolá etc. etc. etc. emfim, *bonne et chere*, eu era uma santa, era um anjo!!

Como visse que de mim não podia ter as informações que desejava, pois o meu estado o não permitia, porque nem me restavam forças para fallar, e muito menos para explicar os motivos que me impediam de abusar da bondade d'um protector como aquelle que Deus me tinha concedido, ella *não podia* comprehender os motivos do meu proceder para com o meu bemfeitor, e na minha reserva achava ella mais uma

rãção para desconfiar que eu tinha milhões escondidos sob o sobrado da casa.

Entrei na convalescença, fui para o campo acabar de me restabelecer, voltei para Lisboa; mas irmão, tia, e cunhada, todo esse parentesco desapparecera, e não voltou a minha casa, porque tinham resolvido entre si, que eu era uma *tola que não sabia aproveitar*.

Morre o meu protector, e espalha-se o boato de que eu fiquei herdeira de milhões. Torno a ter parentes que me visitam cortezmente de chapeo na mão, e com a maior reverencia do mundo. Torno a ser elevada ao pedestal do bom conceito, e começam a chamar-me *sua che e, sua bonne*, emfim uma santa e um anjo!

Abre-se o testamento, e oh! espanto dos terrores panicos! Em lugar dos milhões, são apenas algumas inscripções.

Desço os degraus do pedestal a que me tinham elevado nos mais obsequiosos cumprimentos; e fico esquecida.

Mezes depois preciso de dinheiro para pagar os direitos de transmissão; um agiota promete emprestar-m'o se eu lhe der por fiador um individuo estabelecido. Recordo-me de meu irmão e de sua mulher, e peço-lhe este favor.

Não só annuiram, como tambem me emprestaram umas vinte ou trinta libras, e venderam-me alguns objectos do seu estabelecimento.

Recebo o meu legado, e immediatamente principiam a assaltar-me embargos, preparando com elles no futuro uma vida de desgosto e de martyrio.

Venceram-se umas lettras que tinha no banco, e não querendo pedir reforma, paguei-as.

Aqui-d'el-rei! grita meu irmão e sua mulher; pagar primeiro ao banco do que a nós! que pouca vergonha, que maroteira, que desaforo!

E tratam logo de vender a minha divida ao seu procurador, aconselhando-lhe que quanto antes a recebesse, fosse porque meio fosse, que requeresse um embargo, mas que me fizesse pagar de prompto!

Veiu a minha casa o sr. José Joaquim Duarte Cordeiro Junior e mostrou a divida augmentada com respeitosos juros, que tinha comprado, e fez com que eu assignasse.

Dei ao sr. Cordeiro as explicações sobre a demora que tinha havido no pagamento d'essa conta, das quaes elle comprehendeu a razão fazendo me justiça, e dizendo que ficasse descançada, porque como a divida lhe pertencia, eu não soffreria desfeita alguma.

E assim tem acontecido até hoje, que ainda me não foi possivel pagar. O sr. Cordeiro tem se conduzido o mais digna e cavalheirosamente possivel, tratando com o maior cuidado os meus objectos, que ficaram em seu poder, e nem consentindo que sua mulher os leve ao theatro como * * * o fez.

Do resgate d'essas lettras do banco por diante, fiquei sendo novamente no conceito dos meus *extremosos* parentes tudo quanto é mau, pois que eu não tinha sabido aproveitar-me da fabulosa riqueza do meu protector, e por isso eu já não era *bonne*, nem *chère*, nem *santa*, nem *anjo*! Nada, nada fiquei sendo de tanto que era! E isto porque Deus dotara o meu coração de sentimentos desinteressados, o que me fez sempre desprezar as infamias.

Basta sobre irmão etc., etc.. Voltemos ás circunstancias intimas da minha vida.

Queria estar independente de uma familia que nunca foi familia para mim, e não me queria tornar um peso para a minha querida D. Emilia Pereira da Costa, unica amiga que eu tinha em Lisboa, e por isso incumbi Maria de me alugar uma casa, e arranjar uma boa criada.

No dia seguinte eu tomaria uma decisão.

Toda a noite não dormi, e levei a pensar.

No outro dia estava resolvida a ficar em Lisboa, e a dar lições de piano e canto.

Maria incumbiu se tambem de me obter um emprestimo, e de comprar a credito alguns moveis.

Quando tudo esteve arranjado, fomos a Pedrouços fallar á ex.^{ma} sr.^a D Emilia Pereira da Costa.

Quando narrei os factos passados na minha infancia prometti dizer tudo que eu pensava d'esta senhora. Eis chegada a occasião.

Não ha palavras para se poderem descrever suas angelicas bondades.

Ella possuia todas as virtudes: era piedosa, não por ostentação; era boa, não por vangloria; era amiga, não pela apparencia; quem não a conheceu, que imagine a *madona* pintada por Raphael, e terá o retrato d'aquelle anjo!!!

Possuia um coração cheio de magnanimidade, tendo sempre uma palavra para desculpar o peccador, outra para consolar os afflictos, uma palavra, emfim, para dar esperanza ao infeliz!!!...

Fui eu talvez a unica pessoa a quem ella revelasse os nobres sentimentos da sua alma tão pura e tão virtuosa!!!

Eu era joven, era romantica, então no meu peito achava ella um ecco que correspondia ao seu coração. Oh! eu comprehendi-a tão bem que nunca emquanto viver a poderei esquecer; no meu coração lhe guardarei sempre as saudades de uma terna e grata affeição. Já tem acontecido que em dias de grandes desesperações, tenho levantado os olhos para o ceo, exclamando: Emilia, anjo de bondade, tu que tanto me estimaste, pede misericordia a Deus para mim!!!...

E Deus tem-me soccorrido e protegido. Talvez imaginações impias digam que isto é uma exaltação exaggerada. Oh! calae-vos, calae-vos, creaturas sem fé, que não comprehendéis os mysterios do Creador!

Quando a sr.^a D. Emilia me viu, abraçou-me chorando, tomou minha filha no seu collo, e eu peguei n'um dos seus filhinhos, e como não pudesse abraçar a mãe como uma creança, as lagrimas que eu vertia caíam sobre as rosadas faces de sua filha que eu cobria de ardentes beijos.

Maria que também chorava por assim nos ver foi quem primeiro pôde fallar. Contou então toda a minha posição áquella boa senhora, que ao acabar de ouvir a maneira porque minha tia me havia recebido, me disse com a sua meiga voz :

—Pobre amiga, como tem soffrido!

—Oh ! sim, muito, lhe respondi ; mas Deus deu-me uma filha e uma amiga para me consolarem

—Sempre o fui e serei, minha querida Josephina, me disse ella ; e sob esse titulo peço que me diga qual é a resolução que deseja tomar.

—Voltar á França é-me impossivel, respondi eu ; não quero sujeitar-me a que me lancem em rosto o pouco caso que minha familia fez de mim. Ir para a companhia de meu pae para o Rio de Janeiro, não posso também de maneira alguma. Recorrer em Lisboa a minha familia, já se vê o que M.^{me} Levailant me faz, e que nada tenho a esperar d'ella ; resta-me pois um ultimo recurso — é o de poder arranjar uma casa e dar lições de piano e canto até meu pae me mandar dinheiro. Nunca recebi coisa alguma da parte d'elle ; vou mandar-lhe pedir que me entregue a legitima de minha mãe, e assim poderei estabelecer aqui em Lisboa um collegio com os regulamentos do *Sacré-Coeur*.

—Mas, querida amiga, me replicou ella, é impossivel o que diz, nunca se poderá sujeitar a isso.

—Permitta-me que lhe diga, interrompi eu, que sou inclinada ao dito de Napoleão, em que affirmava que a palavra impossivel não podia existir. N'este mundo deve fazer-se tudo que se quer.

Isto dizia eu ha seis annos!!! Hoje os desgostos porque tenho passado affrouxaram muito a energia e resolução que então tinha! Hoje já não tenho força para ter uma vontade.

Ella levantou-se, e levando o lenço aos olhos saiu d'aquella casa; mas poucos momentos depois voltou a abraçar-me dizendo-me:

—Josephina, quer dar uma prova de que é minha amiga?

—E' preciso perguntar-me isso? respondi eu, olhando fixamente para ella.

—Preciso, disse-me ella de novo; conheço-a bem para saber que o que lhe vou pedir é a maior prova que pode dar-me da sua affeição, só ella lhe pode fazer dizer um sim; diga pois: farei o que me pedir.

—Essa resposta que exige é uma promessa, exclamei eu, e não sei se devo ligar-me a uma coisa que não conheço.

—No seu logar, me replicou ella, fazia essa promessa sem escrupulo; e teme ainda depois de lhe dizer isto?

—Não, não, farei tudo que quizer.

—Pois quero que seja sempre minha amiga, e que aceite isto como uma lembrança; disse ella collocando-me na mão o lenço em que tinha uma caixinha embrulhada.

Acceitei cuidando que era um mimo que me offerecia, como era sempre o seu costume de cada vez que eu a ia visitar.

Abracei a quella anjo e disse-lhe com agradecimento:

—Sempre, sempre a mesma!

Fiquei ainda duas ou tres horas, toquei no piano umas valsas que ella me tinha dito havia dois annos que gostava immenso, e fosse essa recordação, ou por outro qualquer motivo, ella principiou a chorar, a chorar como uma pessoa infeliz e que soffre chora!!! Nada lhe pude dizer para a consolar, mas conheceu nos meus olhos que eu a tinha comprehendido.

Ella rica e soffria!!! eu pobre e soffria!!!

Antes queria a minha pobreza e o meu soffrimento

do que queria a riqueza d'ella e o seu soffrer, coitada !!!...

.....
 Ao despedir-nos, pediu-me que a fosse ver amiudadas vezes, dizendo-me que ia ser para mim a minha familia.

Depois de me achar na carruagem tive uma curiosidade muito facil de comprehender, e foi de saber o que D. Emilia Pereira da Costa me tinha efferecido. Desdobrei o lenço e dei volta à chave da caixinha, sendo grande a minha admiração ao vel-a cheia de libras contendo tambem um riquissimo annel.

—Olhe, Maria, disse eu.

Depois de ter voltado os olhos respondeu :

—Não me admira, é do seu bolsinho; se mais tivesse agora, mais lhe teria dado.

No intimo da minha alma agradei a Deus o primeiro socorro que enviava a quem se via só n'uma terra estranha, pedindo-lhe no meu agradecimento que abençoasse a mão de quem eu recebera uma dadiva tão necessaria.

A sr.^a D. Emilia era uma senhora que comprehendia a religião como Deus quer que ella se entenda e comprehenda, soccorrendo nas afflicções mas praticando estes actos só para si e para com Deus, e não como tantas senhoras que por ahi ha, que so uma desgraçada lhe pede protecção occultamente lh'a negam, emquanto que sempre andam promptas a figurar nas subscrições aonde em resultado possam ver os seus nomes estampados nas columnas dos jornaes, denunciando essa caridade calculada e impostora.

Não posso exprimir a alegria com que subi as escadas do hotel. Eu respirava, já tinha dinheiro.

Ninguem sabe o que é ver-se uma pessoa n'uma patria que não é sua, e não ter familia, não ter um real, ou coisa que o valha. Eu estava n'este caso, pois tinha deixado os meus bahús em Southampton como garantia da minha divida, por isso para alguem comprehender o meu isolamento, era preciso que estivesse na minha posição.

Quando uma mulher passa pelos dissabores porque tenho atravessado e não morre de desgosto, é porque na verdade tem coragem para affrontar os transtornos da vida.

Nas falsas posições em que me hei achado, quando via o riso nos labios de uma certa senhora, soffria muito; mas abraçando um crucifixo comprehendia que devia ser superior a certas miserias. Effectivamente depois d'esse dia deixei de soffrer, e com a intima convicção de alcançar a protecção do Pae dos infelizes.

E como se deve olhar para todas as coisas d'este mundo senão com indifferença e desprezo?!

Poucos mezes depois, encontrando-me com essa mesma senhora do *riso sardonico*, encarei-a de cabeça levantada, e ella teve que baixar os olhos em presença da minha altivez, por que sabia que eu estava sciente das suas acções e da sua infame conducta para com seu marido.

Uma mulher que não se sente com força para ser virtuosa vivendo com seu marido, deve separar-se d'elle afim de o não ridicularisar.

Tirei o meu chapeo e contei o dinheiro; achava-me com quarenta e quatro libras. Oh! como então me considerei rica!!!

Immediatamente paguei algumas libras que devia a Maria, e principiei a fazer os meus planos. No dia seguinte veio ella com um individuo, e depois de combinarmos o emprestimo e o seu pagamento, Maria foi com elle para escolher alguns moveis. Elle havia-me dito que o piano faria subir a conta a muito alto, e que viria um alugado.

Quando Maria voltou, fomos arrendar uma casa, a unica que achámos com escriptos na Patriarchal Queimada.

A linda vista que tinha esta casa de frente para o mar, e detraz para a cidade e seus arredores, tornava-a, apezar de ser pequena, encantadora.

Dois dias depois tudo estava arranjado e eu achava-me senhora da minha casa. Oh! como eu então respirava livre, e feliz tambem, pois que eu não tinha ainda passado pelos desgostos que fizeram quasi succumbir minha alma.

Eu via tudo d'este mundo em illusões, e o contentamento que resentia me fazia conservar nos labios um alegre sorriso.

N'essa epoca, n'este mundo indifferente, só via as rosas, mas não lhe conhecia ainda os traiçoeiros espinhos. Então tinha o genio meigo, amavel, e cheio de confiança; hoje... não sei como o tenho!.....

.....

Com aquella quantia, que tão obsequiosamente me dera D. Emilia Pereira da Costa, fiquei um pouco descaçada.

Maria disse-me um dia que havia alguem que me queria fazer o grande emprestimo, que eu tanto desejava para poder estabelecer a casa de educação no gosto do *Sacré-Coeur*, e que ás tres horas essa pessoa vinha com o seu procurador para se tratar do negocio.

Effectivamente appareceu-me ella com um homem velho, que se intitulava procurador do sr.*** e que combinou comigo para no dia seguinte ás sete horas vir com o capitalista.

Com effeito, á hora ajustada veio com o sr.*** e depois de o apresentar retirou se, dizendo que tinha um *rendez-vous* ao qual não podia faltar sem comprometter fortes capitaes.

Apenas se retirou, o sr.*** começou a fallar comigo ora em francez e em inglez, ora em historia e geographia etc. etc. etc., como querendo fazer experiencia ou exame dos meus estudos; e afinal disse que sem lisonja possuia uma bella educação. Em seguida perguntou por minha familia, e aonde eu tinha sido educada.

Contei-lhe tudo com aquella franqueza e confiança de quem não experimentou ainda o que são as dissoluções d'este mundo.

Fez-me algumas perguntas mais sobre o regulamento do *Sacré-Coeur* e concluindo com as minhas respostas, disse que o que eu desejava seria um grande plano, mas que nem quadruplicada a quantia que eu pedia seria sufficiente para um estabelecimento de tal ordem, e que eu na flor da minha idade não teria as forças necessarias para lutar com os embaraços d'uma empresa tão vantajosa á civilisação do paiz, tão atrazado d'um objecto de tanta importancia.

O sr. *** tirou então um livro da algibeira, e entregando-m'o, disse que por aquellas paginas eu poderia julgar da verdade que elle acabava de dizer.

Acceitei ficando de lhe mandar d'ahi a uns dias a resposta decisiva.

Quando o sr. *** saiu, abri o livro. Oh! meu Deus! foi a primeira desillusão que encontrei no arido caminho da vida.

Pela entrega d'esse livro conheci tudo... O sr.*** julgava-me... capaz de vender as crenças que deviam levantar uma empresa tão santa! Acceitando esse calix cheio de amargura, sentias minhas lagrimas dissolvendo o fel, tive animo... e achei-me forte!

O sr.*** não me conhecendo, e acostumado com as damas do theatro, pensou que eu queria representar, e prestou-se da sua parte ao desinvolvimento da comedia.

E' verdade que um certo sorriso tinha corrido nos labios do sr.*** quando pronunciei o nome de minha tia; porém na maior confiança e sinceridade, não fiz grande reparo.

Conheci que o sr.*** era um homem *blasé*, e por isso perdoei-lhe a offensa que me fazia.

No dia seguinte dei ordem para que a minha porta se não tornasse a abrir mais ao tal *procurador*.

Em quanto ao seu cliente, espero que o tempo lhe tenha mostrado a cruel injustiça que me fez. Se o tempo não foi porém sufficiente, estas memorias, aonde lhe lavro um completo perdão, devem demonstrar-lhe que nunca representei o papel de infame.

Desisti da idéa do empréstimo grande, e contentei-me em querer tomar algumas discipulas; porém Maria vinha quasi todos os dias ver-me, e sempre dizia que não tinha ainda sido possível arranjar-m'as.

Passavam-se dias e principiavam cuidados, porque tinha uma divida, e o dinheiro que possuia ia-se-me acabando; por isso sem ver luzir o futuro, comecei a vel-o escurecer.

Recommendei a Maria que me trouxesse objectos para bordar, e musica para copiar.

De dia estava sempre ao pé da janella, aonde no meu bastidor bordava uma linda almofada.

A minha unica distracção era brincar alguns momentos com minha fi hinha.

Quantas vezes terminava o dia, e eu ficava perto do bastidor meditando no meu isolamento, na minha infelicidade! Eu pobre mulher, que já sentia os primeiros movimentos de uma paixão pelo ente que desde o dia em que me vira desembarcar, seguira todos os meus passos, e que todos os dias, passando pelas minhas janellas fazia reter o galope do negro cavallo. Este estrondo fazia-me levantar a cabeça, sentia um fogo subir-me ás faces, e o meu coração palpitava extraordinariamente. Oh! quanto eram doces as impressões que eu sentia!!!

O meu namoro de creança no Rio de Janeiro com Mr. Dupy*** não passou de doces conversações da janella abaixo. O homem que eu vira no meu desembarque, e que passava todos os dias pela minha habitação era o ente que sonhando havia imaginado.

Debaixo da sua côr morena, dos seus escuros ca-

bellos, de sua barba preta, mostrava ter no coração o amor mais terno e mais dedicado.

Muitas vezes tomava a resolução de não me achar no bastidor áquellas horas; mas quando essa hora chegava uma força irresistivel para lá me conduzia. Se eu tivesse fé no magnetismo acreditaria que elle me obrigava a estar ahí ás cinco horas. Foi-se tornando um costume, e quando percebi o perigo que poderia resultar, já meu coração me tinha vencido e eu não era senhora de mim, nem das minhas idéas, só me restou ao conhecer a minha fraqueza pedir perdão a Deus.

Oh! se eu tivesse tido um pae, uma mãe ao meu lado, as suas caricias me fariam esquecer os transportes do meu coração.

Se eu tivesse tido um irmão, um parente emfim, para em seus braços revelar-lhe os meus sentimentos, e pelos seus conselhos obter a força que me era tão necessaria, teria occultado no fundo d'alma o meu amor?

Todos os dias me sentia mais fraca, todos os dias pedia a Deus que me desse forças, todos os dias sentia augmentar o meu amor!

Ainda não contava dezenove annos. Poderá alguém accusar-me? mas quem o fizer de certo será de marmore, e não terá coração!

Todos os dias esse ente que tanto amava me enviava cartas; eu havia prohibido de as acceitarem. D'essa recusa soffria! mas era o meu dever, cumpria-o

Eu estava com a cabeça toda cheia das doutrinas do *Sacré-Coeur*; no meu amor via um peccado, porque não havia meio algum de poder pertencer legalmente ao homem que eu amava; vivia n'um verdadeiro martyrio, todas as noites nos meus sonhos figurava-se-me ver as chammas do inferno contra mim!

Era esta a minha vida, quando o sr. barão *** que eu conhecia de casa de minha tia, e que fazia emprestimos a juros exorbitantes, depois de receber uma carta minha, veio a minha casa.

Expuz-lhe a minha posição e o desejo que tinha de obter um empréstimo grande, que me habilitasse a pagar a divida que eu tinha contrahido, e a poder fundar aqui, em Lisboa, um grande estabelecimento de educação.

—Pois quer tornar-se mestra de meninas? perguntou-me o barão *** admirado.

—É porque não? repliquei eu.

—E' porque sois bella de mais para vos encerrardes entre quatro paredes. Eu vou tratar de mandar preparar uma bella casa, continuou elle; tereis carruagens, camarote no theatro, eu vos promptificarei tudo o que desejardes, e se um dia a minha dedicação e o meu amor puderem tocar o vosso coração, dar-me-heis a esperança de me pertencerdes.

Ouvi tudo friamente; afinal as lagrimas corriam-me dos olhos, levantei-me e disse:

—Eu queria propôr a v. ex.^a o fazer-me um empréstimo; v. ex.^a propõe-me um mercado, já vejo que não nos podemos entender; desculpe que eu me retire.

Sai da sala e disse à criada que fosse acompanhar à porta o sr barão.

Quando a criada voltou para ao pé de mim, achou-me a chorar, mas esse pranto fez-me bem; e quando ouvi dar cinco horas, corri à janella. Aquelle amor tão dedicado era uma consolação à grosseria da declaração que eu recebera.

Elle olhou admirado para mim, e pouco depois mandou o seu criado saber pela Emilia se eu estava doente; a criada contou tudo e n'esse mesmo dia elle voltou com uma carta, que a Emilia apezar das minhas ordens acceitou, e que eu achei na minha cama ao deitar-me.

O meu dever teria sido guardar a carta, e tornar a envia-la intacta no dia seguinte; mas eu amava-o tanto! tinha soffrido tanto n'esse dia, que esperava achar n'essa carta um balsamo... abri-a!

Ao ler aquellas paginas cheias de tanto amor e de tanta resignação, agradei a Deus a consolação que elle dava ás minhas lagrimas.

Passei uma noite agitadissima, e mais d'uma vez peguei na carta, que havia mettido debaixo da almofada, e cobri-a de ardentes beijos.

Emilia assim que me levantei pediu-me logo a resposta.

— Isso não faço eu, respondi-lhe; e voltando-lhe as costas dirigi-me á janella, esperando que a doce fresquidão da manhã viesse infiltrar-me nas idéas a sua meiga suavidade.

Chovia, e *elle*, apesar d'isso, já estava no largo, escondido entre ós montes de pedra com os olhos fixos na minha janella.

Não se pode descrever a impressão que eu senti! Tive pena de não ter mandado uma resposta á sua carta; queria para o consolar mostrar que o amava, e nada fiz senão deixar cair o cravo que tinha no peito.

Elle atravessou a rua, e eu retirei-me da janella.

N'esse dia vi-o mais uma vez que do costume; no principio apparecia só ás cinco horas da tarde; depois, tambem ás onze da manhã.

Vendo que o meu amor dominava tudo, resolvi voltar para França e ir viver com minha sogra.

Essa resolução era-me custosa, mas era a unica que devia tomar, e ella aconselhou-me a pôr escriptos, pensando que se eu arrendasse a casa, já isso seria uma ajuda ás despezas da minha viagem.

Sem mais reflectir, disse que se pozessem os escriptos.

A's quatro horas bateram á porta. Se a Emilia tivesse ido á porta, não a teria aberto, porque eu já lhe tinha recommendado que dissesse que a casa estava sob palavra; mas a cozinheira vendo uma pessoa que desejava ver a casa deixou-a entrar.

Fu estava ao piano cantando a romança *mon pays*; quando senti abrir a porta da sala, voltei-me, mas julgue-se qual seria a minha admiração! era elle! Não pude olhar-o nem dizer-lhe uma palavra, fiquei immovel como uma estatua; senti um frio no coração que me fez recear de cair desmaiada.

Elle pronunciou algumas palavras, que, no estado em que eu me achava, chegaram aos meus ouvidos como um som confuso! A sua voz fez palpitar violentamente o meu coração, e um calor ardente saiu-me às faces.

Depois de um instante de morno silencio, com a voz ainda tremula, mal pude dizer-lhe:

— *Pourquoi êtes vous venu, Monsieur?!*

— Para a ver, para lhe poder fallar, respondeu elle; ha dois mezes que é este o meu unico desejo; nunca me concedeu uma esperança, uma só palavra em resposta ás minhas cartas. Hoje, vendo esses escriptos, e apontou para as janellas, senti perder a cabeça, temi que se fosse sem lhe poder exprimir o que meu coração sentia. Oh! escute-me continuou elle, a um movimento que fiz para me retirar; tenho sido um extravagante, mudei desde o dia em que a vi. . . Se partir, abandonarei pae, familia, patria, tudo, tudo. . . mas seguil-a-hei e. . . se meu amor não fôr correspondido sei que morrerei. . . mas quero morrer onde se achar.

— E não sabe o senhor que eu sou cas. . . ?

— Sei tudo, me replicou elle; desde o dia do seu desembarque tenho a seguido e tenho-me informado de tudo. . . amo-a como não é possivel amar-se mais que uma só vez na vida; e o dia em que eu desconfiasse não ser correspondido, morreria. Se um dia fôr viuva, juro pelo Deus que nos ouve de a receber por minha esposa; coisa alguma n'este mundo me fará faltar a esta sagrada promessa.

— Por piedade retire-vos; amo-vos, mas retire-vos.

—Sim, disse elle com voz firme.

E beijando-me a mão retirou-se.

Emilia, que tudo havia presenciado pelas vidraças de uma porta, entrou logo exclamando:

— Como sois amada, minha querida senhora!

— Não tenho forças para partir agora, lhe respondi; longe d'elle morreria! Eu amo-o, amo o comonão supunha que se podesse amar.

Peguei na minha filhinha, cobri-a de beijos e durante todo o dia não a larguei um só instante.

No dia seguinte ao meio dia elle voltou e eu não tive força para o não receber!

Assim vinha todos os dias tão humilde e tão resignado, que eu me não sentia com a coragem de lhe prohibir essas innocentes visitas, e quando eram chegadas as horas meu coração desejava-as com anciedade.

Isto durou tres semanas! tres semanas, que aprendemos a conhecer reciprocamente os nossos genios, e que enfim, era impossivel viver um sem o outro.

CAPITULO XLIV

Um amigo de meu pae—Sr. Alfredo Martín—Abre! abre que é M.^{me} Levailant—Nova scena da coruja dos mysterios de Paris—Nos seus braços!!!—Laços indissoluveis—Duetos—Tenho a minha Mariquinhas—Procissão do Senhor dos Passos—Um lord em miniatura—Henrique—São Carlos—M.^{me} Levailant manda-me saudades—D. Julia—Sr. Eduardo—Cartas anonymas sem resultado—O jogo—A's dez horas chego a Cintra—Pequena reflexão—Encontro no hotel Victor—Sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca, (vulgo Monte-Christo.)

Tres semanas se passaram; tres semanas que ape-

zar da minha paixão não tinha faltado a nenhum dos meus deveres! parecia-me sempre que se eu commettesse uma falta, os castigos todos do ceo cairiam sobre a minha cabeça.

Um dia veio o sr. F. P. A. dizendo-me que tinha chegado do Rio, que era amigo do meu pae.

Apressadamente o mandei entrar; quando abri a porta da sala vi um individuo de pé, que examinava as musicas que estavam sobre o piano.

Elle voltou-se e disse-me logo:

—Estimo muito vel-a, minha senhora; eu sou compadre do senhor seu pae, chego do Rio incumbido por elle de a resolver a ir para lá. . .

Foi tudo isto tão apressadamente, que o homem parecia um papagaio repetindo uma lição.

—Eu não conheço a v. s.^a, lhe disse eu.

—Isso é verdade, tornou elle, porque a menina deixou o Rio, e eu nunca a vi em casa de seu pae, mas sim algumas vezes em S. Domingos; nunca lhe fallei porque eu não ia a casa de sua mana em consequencia de estar indifferente com seu cunhado, mas tive bastantes occasiões de a admirar.

Este senhor pareceu-me um tanto comprimenteiro e para acabar, disse-lhe:

—Peço que queira ter a bondade de mandar dizer a meu pae, que eu não estou resolvida a ir para o Rio de Janeiro, não só por ser uma terra contraria á minha saude, mas porque não devo ir áquelle paiz, e estou presa com dividas aqui em Lisboa.

Retirou-se depois de me prometter que assim que chegasse ao Rio faria decidir meu pae a combinar com os meus desejos.

A's cinco horas quando veio o sr. Henrique Pires, (era este o nome da pessoa que havia obtido todo o meu affecto) contei-lhe essa extraordinaria visita. A's seis horas havia-se elle retirado. Eu fui ao pé da janella acabar de tirar a linda vista d'aquella parte do

Tejo, que me ficava fronteira, quando meia hora depois bateram á porta e a criada veio dizer-me que o sr. Alfredo Martin desejava fallar-me

—Faça-o entrar, lhe disse eu muito admirada de semelhante visita.

—Estás espantada, Josephina, da minha vinda a tua casa, não é assim? disse elle entrando na sala e chegando-se perto de mim.

—Não pouco, sr. Martin, lhe respondi; depois da maneira por que fui recebida em casa de M.^{mo} Levailant.

—Mas tu não sabes, continuou elle, que sempre fui teu amiguinho, e quando eras pequenina me chamavas sempre papá? Do que se passou em casa de tua tia, não tenho eu culpa; tu não sabes que ella me martyrisava, se lhe não fizesse tudo quanto queria? Soffro e d'esses soffrimentos heide morrer!!... Sou muito infeliz, Josephina!...

E o pobre sr. Martin ao dizer-me isto, suffocou-se, e duas lagrimas brilharam nos seus olhos.

Disse-lhe algumas palavras de consolação afim de infundir alguma coragem n'aquella alma tão abatida, e n'aquelle coração tão despedaçado.

—E's a unica pessoa que podes comprehender-me: Deixa-te tratar como quando eras pequena, sê minha filha e eu ao pé de ti virei ás vezes buscar a coragem que me é tão necessaria.

—Eu tambem sou infeliz, sr. Martin, lhe respondi; mas acredite que quando cá vier esquecerei os meus pezares para lhe dizer que no meu coração sempre lhe reservarei uma grata amizade, porque se não fosse o sr. Martin, minha tia não me teria conduzido ao *Sacré-Coeur*.

—Tu eras uma flor que devia ser cultivada com muito cuidado, e por isso é que resolvi tua tia. Mas pelo que me contaste deves estar em grandes apuros de dinheiro; guarda pois isto.

E deu-me um embrulho de papel.

—Não devo aceitar, sr. Martin, se minha tia soubesse...

—Mas tu não te lembras, me replicou elle, que tua tia se apoderou de tudo que trouxeste do Rio de Janeiro, d'uma escrevaninha que tanto estimavas, e de algumas joias que tu amavas loucamente por terem sido de tua mãe?... pensando n'isso aceita.

Não recusei emfim, ficando sinceramente agradecida, porque eu estava quasi sem dinheiro.

Quando elle se retirou, abri o papel e achei tres notas de vinte mil réis.

Fiquei tão contente com este dinheiro que jantei com satisfação; uma hora depois deitei a minha filhinha, e fui para o piano. Não estava porém ainda no meio da peça *Traviata*, quando sinto abrir com força a porta da rua; assustada disse para a costureira que havia ficado aquella noite em minha casa:

—Que será este barulho... ouviu, Emilia? perguntei voltando a cabeça para a alcova onde ella se achava

—Provavelmente foi cá em baixo no primeiro andar, respondeu-me ella.

Vendo que se não repetia o estrondo continuei a tocar; mas bem não tinha posto os dedos sobre as teclas quando se sentiu bater na porta de cima; e em seguida uns murros que parecia quererem arrombar a porta, e uns gritos de

—Abra... abra... quando não deitamos tudo abaixo.

A costureira que era muito corajosa perguntou:

—Quem é?!

—Abra que é M.^{me} Levillant, disse uma voz fraca e desentoada.

Ainda bem Emilia não tinha aberto a porta, que M.^{me} Levillant, entrando pela casa dentro esbaforida, se chegou para mim com os braços alçados, e os olhos

parecendo saltarem de suas orbitas, e espumando de raiva bradar furiosa:

— *Vous êtes une canaille, vous êtes...*

Por decencia não posso repetir as baixas e infames expressões com que M.^{me} Levillant mimoseou sua sobrinha.

Fiquei impassivel, porque não estando acostumada com grosserias, parecia-me que todas as baixeiras que acabava de ouvir não me podiam ser dirigidas.

— Assente-se, minha tia, disse eu para ella, explique-se que eu lhe responderei.

— Infame! . . . tornou ella.

— Oh! minha tia, interrompi eu, se não considera que está na *minha casa*, tenha decencia ao menos para a vizinhança, que não estando acostumada a ouvir barulho em minha casa, julgará que se está assassinando alguém.

Porém ella continuou gritando de tal modo que nada pude perceber ficando atordoada de semelhante berraria. A costureira agarrou-a pelos braços, por detrás, para me livrar das pancadas que ella se dispunha graciosamente a offerter-me. Apesar do estado convulso em que me achava, ainda pude dizer-lhe:

— A sua conducta para comigo é inqualificavell!

— Cale se cale-se, infame, repetiu ella; negue, negue se é capaz, que o sr. Alfredo Martin não esteve cá hoje.

— Não nego a verdade, lhe respondi.

— Pois negue, negue, continuou ella, que elle não é seu amante!

— Pois poderá suppor que eu tenha tão poucos sentimentos?! . . .

— Porque? me interrogou ella.

— Porque não preciso dos seus restos; respondi eu já fóra de mim, e sem mais paciencia para continuar tão ridicula scena.

— Ella confessa, ella confessa, bradou M.^{me} Levillant allucinadamente perdendo toda a similhaça de uma

creatura humana, tornando-se uma furia saída dos abysmos, que o fogo maldito faz saltar e gritar.

Parecia-me estar debaixo de um *cauchemar*, e que era impossivel aquella scena ter realidade. A costureira e Emilia pegaram em M.^{me} Levillant, conduziram-a para o patamar da escada e fecharam-lhe a porta. Quando se chegaram ao pé de mim, estava já presa de horri-veis convulsões, que todas as impressões d'aquelle dia e a escandalosa scena da noite haviam motivado. Todos perderam a cabeça; a costureira foi chamar-me um medico, ella receava ter uma tão grande responsabilidade, pediu ás vizinhas do primeiro andar que haviam subido depois de M.^{me} Levillant descer, que me não desamparassem, e saiu correndo.

O que se passou durante o meu desmaio não sei.

O certo é que tornando a mim achei me nos braços de um homem; affirmando-me n'elle reconheci o sr. Pires, e vi as criadas banhadas em lagrimas.

Contaram-me depois que emquanto foram chamar o medico, Emilia receando que M.^{me} Levillant voltasse a fazer-me nova scena, fôra á pressa a casa do sr. Pires contar-lhe o que se havia passado.

Oh! eu tinha soffrido impressões bem fortes durante todo aquelle dia, mas nenhuma como a que acabava de experimentar. Achar-me assim nos braços de um homem que me amava e que eu adorava! Fui fraca! mas a quem me julgar culpada, direi, como na sagrada Escriptura, que me atire a primeira pedra.

No dia seguinte eu já não pertencia a mim, elle é que governava, elle é que era tudo para a minha alma.

Quando se retirou, fechei-me no meu quarto, e fiz um profundo exame de consciencia; ella de nada me accusou, e foi com immenso prazer que abracei minha filha.

Quando elle voltou ás tres horas achou-me sentada sobre um sophá com minha filha nos braços.

—Tenho ciumes de tua filha; mas tu amas-me? me perguntou elle com indizivel amor.

— Não o conheces, não o sabes tu? lhe respondi escondendo o meu rosto nos seus braços.

Conversámos sobre o prazer de se amar verdadeiramente, até ás quatro horas. Fomos jantar, no fim do qual me prometeu de voltar ás sete horas.

Pouco antes d'essa hora, grande foi a minha admiração de ver entrar uma caixa com diversos objectos que Emilia me tinha ido empenhar.

— Que é isto, Emilia? perguntei.

— Foi o sr. Pires, que me pediu de lhe dizer aonde estavam os penhores de M.^{me}

A's horas do costume appareceu elle por entre os montões de pedra, onde eu o via todos os dias; comprimou-me rindo-se e subiu.

Quando me abraçou conheceu que eu tinha chorado, e percebendo o motivo disse-me:

— Tu és uma creança e não m'amas, Josephina; não estamos nós casados pelos laços mais indissolúveis? Sendo teu marido não devo olhar para tudo da tua casa? E não prometteste ser-me obediente? Se te vejo ainda chorar, pensarei que me não amas como desejo. Eu pertenco-te como tu me pertences; promettes-me que não te verei nunca mais triste por semelhantes motivos?

Eu amava-o, e elle cada dia parecia amar-me mais. Oh! como eu era feliz, meu Deus! como eu era feliz!

Assim se passaram os primeiros dias do nosso amor, cheios de encantos, de felicidade, e de amizade.

Eu que tinha calcado aos pés todos os meus deveres, eu que tinha feito calar a voz dos escrúpulos, eu era feliz! Elle amava-me tanto!!! e porque havia de eu ter remorsos? trahia porventura alguém? Não. Remorsos... e porque os havia de eu ter?

Por escura noite tínhamos ido ambos ao largo da igreja d'as Chagas; davam onze horas no relógio da torre. O ceo de um azul ennegrecido, bordado de scintillantes estrellas, cobria as nossas cabeças.

A viração ligeira e suave baloiçava a rama das arvores que rodeam o adro da egreja, fóra do transito publico. Os montes d'além, divididos pelas aguas do soberbo Tejo, que lhe fica aos pés, viam-se ao longe em negros vultos, como sombrias visões.

Ali n'aquella liberdade ampla, fóra das vistas do mundo, isolados, ajoelhámos á porta da egreja, e dando a mão um ao outro, não fizemos o mais solemne dos juramentos?

Não fomos ali, com as nossas consciencias verdadeiramente puras, receber a mais sagrada das benções — a de Deus! A do Creador sómente?!!

Os nossos dois anjos da guarda, quando ali ajoelhados dirigiamos a Deus a mais fervorosa das orações, não subiram elles ao ceo, não foram curvar-se aos pés do throno do Omnipotente, e entregar-lhe a nossa petição? A de nos abençoar e proteger?!!

Assim erguemo-nos juntamente, e no abraço extremo que então demos na effervescencia do nosso amor, estavamos casados aos olhos de Deus, e por Deus!

Este era um casamento indissolúvel, pois tínhamos tido por sacerdote o proprio Deus, e os anjos da guarda por unicos padrinhos.

O mundo ia criticar-me, e eu achava me mais soberba do que esses reis d'algum pequeno canto da Italia, que se julgam tão soberbos quando o Santo Padre lhes abençoa o matrimonio

Sim, Henrique amava me, e eu adorava-o!

Por isso eramos felizes, e estavamos orgulhosos do nosso amor!

Um mez depois d'este acontecimento, recebi o bahú que tinha ficado por garantia em Southampton.

Dirão talvez: essa mulher vivia criminosamente; e é esta uma arguição tão infame ou tão sublime!..... Infame quando uma mulher faz preço para se entregar a um homem. Sublime, quando dois entes se amam e se ligam pelo coração.

Quanto não é mais admiravel duas creaturas que vivem assim, que alguns d'esses casamentos que se fazem por vil interesse, e vis ambições. Oh! esses casamentos é que são umas vendas infames.

Eu amava Henrique! eu idolatrava-o, e na presença de Deus havíamos feito uma promessa. A minha consciencia de nada me accusava.

A opinião do mundo, que me importava, não era eu superior a ella?!.. .

Oh! sim, e por isso desde o momento em que eu me entregava a um homem e que o meu amor por elle acabaria só com a minha vida, entendi que tendo eu morrido para meu marido, devia deixar o meu nome de esposa, e tomar aquelle de quando era solteira, pois com elle tinha nascido e com elle devia morrer.

São pequenos escrupulos esses, em que já se não repara n'este seculo em que vivemos, mas que todas as pessoas de consciencia devem respeitar, pois esse é o dever.

Passados alguns mezes, mudámo-nos para o largo de S. Roque n.º 49, uma linda casa de azulejos.

Henrique não queria que eu me importasse de nada; e era-me tão doce deixar-me guiar por elle!! Passavamos as tardes, eu a cantar e elle acompanhando-me ao piano; outras vezes eu tocava e elle acompanhava-me com a rebeca, que tocava divinamente. Oh! como eramos felizes! e pensar eu que tudo se acabou, e que eu não estou morta!!! E' porque não ha soffrimento moral que possa matar.

Henrique teve que ir ao Alemtejo em consequencia de uns negocios de seu pae; poucas semanas depois do seu regresso tive uma menina, que nós mandámos baptisar com o nome de Maria Henriqueta. E' esta creança que eu adoro tanto e que muita gente me tem accusado de não estimar. Estas pessoas é que não comprehendem o verdadeiro amor de uma mãe.

A creança que não sabe, que não tem ainda a intelligencia precisa de conhecer um perigo, chora, e quer que lhe deixem brincar com um vidro em que as suas mãosinhas se podem ferir, e o corpo mutilar. Muitos dizem que é uma falta de amizade negar-se-lhe este brinquedo; eu nunca o pensei assim, e negava-o à minha Mariquinhas, embora se desfizesse n'um pranto que me affligisse a alma, sem ter forças de o minorar, condescendendo com os absurdos desejos que a ignorancia dá às creancinhas.

Estupidas censuras essas, que se julgam habeis a ajuizar do extremo que vae do peito d'uma mãe ao coração de uma filha!

O amor materno pode ser o mais dedicado, o mais extremoso, sem por esse motivo deixar de ser o mais humano e benefico aos proprios defeitos das creanças.

Oh! quanto do fundo d'alma eu agradei a Deus por me dar essa filhinha que veio ser mais um sentimento para meu coração, um novo amor e consolo para a minha existencia, uma meiga companheira para sua irmã!

Henrique sabia e mo eu era extremosa mãe; mas como elle me amava extremosamente, receiando que a creança me fizesse perder noites, decidi que a pozessemos em casa de uma ama, de uma excellente creatura que nos jurou que teria por ella toda a dedicação e todos os carinhos possiveis. Iamos vel-a quasi todos os dias, e eu suspirava por que ella estivesse já desmamada para a poder ter constantemente nos meus braços e na companhia da minha Titine (Clementina).

Depois d'essa epoca é que começámos os nossos passeios a cavallo, e que eu principiei a conhecer bem os lindos e pittorescos arredores de Lisboa.

Algumas semanas depois passava defronte das nossas janellas a procissão do Senhor dos Passos, d'essa admiravel imagem que inspira tão profundo respeito. Debaixo do andor iam algumas fidalgas descalças, e

acompanhando iam alguns fidalgos mostrando as suas bellas calvas.

Um dia seria uma hora da tarde, quando uma das minhas criadas veio dizer-me que estava á porta um senhor que desejava fallar-me.

Quando entrou o dito senhor na sala, vi quasi um *lord*, perguntei-lhe o motivo da sua visita, elle depois de muitos rodeios, e de muitas palavras sem fim, fez-me uma ardente e apaixonada declaração.

Era a segunda declaração a *brule pourpoint* que eu recebia; mas confesso que fiquei pasmada, pois um homem, que se atreve, sem mais nem menos, a entrar em casa de uma senhora dando por unica desculpa que não tinha outro expediente visto ella nunca responder ás suas cartas, é na verdade pasmoso atrevimento!

Levantei-me logo, mas elle agarrou-me pelo braço pedindo que o desculpasse. Um vivo rubor me subiu ás faces dizendo com voz firme: *voyez*, e mostrando o meu braço, querendo que elle visse a sua brutalidade. Elle não percebeu, ou fez por isso, e respondeu como se eu lhe tivesse mostrado as rendas despedaçadas da manga do meu vestido de moiré preto:

— Que importa um vestido? seja minha e metterá inveja a todas as senhoras de Lisboa.

Apertei minhas mãos uma contra a outra convulsivamente, dizendo comigo: Julgam te *une femme galante*, Josephina. Este pensamento fez-me chegar as lagrimas aos olhos.

Provavelmente a minha physionomia deu a conhecer os meus pensamentos, porque o sr. J. J. G., chegando-se para mim, disse:

— Eu não a conhecia, minha senhora; essa deve ser a minha desculpa; se um dia se achar em lagrimas, tudo quanto estiver na minha mão farei para enxugar-as.

Assim que elle saiu vejo abrir-se a porta do meu gabinete, e apparecer no seu vão a figura do sr. Pi-

res. Corri para elle deitando-lhe os braços em volta do pescoço; elle deu-me um beijo na testa dizendo-me:

—Tu és um anjo, Josephina! estive n'este gabinete, tudo ouvi; nem riqueza, nem grandeza te fizeram annuir a abandonar-me.

Meu Deus! elle agradecia-me o meu dever e o meu amor!!

Dias depois, fomos ao theatro de S. Carlos, camarote n.º 29. Vi na segunda ordem (em frente) um camarote tão cheio de senhoras que a curiosidade me fez para lá deitar o oculo. . . o que vi eu? em lugar de senhoras, quatro ou cinco grisettes. Eram as costureiras e modistas de M.^{me} Levillant. *Chasser le natural, il revient au galop. . .* E' um ditado bem verdadeiro, porque essas senhoras, que estavam muito direitas a quererem *linger* quem viam, assim que fizeram alguns movimentos, mostraram logo que em lugar dos laços e enfeites que tinham na cabeça, não usavam em França senão a touquinha branca de grisette.

No dia seguinte veio dizer-me um caixeiro, que M.^{me} Levillant me mandava saudades e saber porque não ia eu a sua casa.

Depois do recebimento que M.^{me} Levillant me fizera, era esse mandado a minha casa uma excentricidade da sua parte.

Como me viam muitas vezes entrar em casa de Lombré, provavelmente era um pé, de que se servia M.^{me} Levillant para ver se me apanhava por fregueza da sua casa.

Mudámo-nos para a calçada do Combro n.º 13. Dizia-me Henrique que tinha muito gosto que eu morasse perto da sua familia, e que um dia eu devia ir de caleche com minhas filhas ao Campo Grande, e que elle iria lá ter com sua irmã Julia, porque queria que nós nos conhecessemos. Mas eu logo lhe disse que não. Apesar do desejo que eu tinha de abraçar uma irmã

que elle tanto amava, não queria nunca que ella supozesse que me fazia n'isso um favor.

De todas as suas irmãs, o sr. Pires conservava quasi uma adoração por aquella; não só porque tinha talento, mas por possuir um excellente coração, cheio dos mais delicados e nobres sentimentos; e eu sem a conhecer tinha-lhe uma sincera amizade.

Quasi sempre quem saía connosco a cavallo era o primo de Henrique, o sr. Joaquim Pires. Raras vezes o seu irmão o sr. Emygdio nos acompanhava; quando íamos no cal che vinha muitas vezes o seu irmão Eduardo, tão desgraçado porque a natureza o desfavoreceu, formando o tão desairoso (quasi) como a figura de Quasimodo de *Notre Dame de Paris* de Victor Hugo; em compensação deu-lhe os mais admiraveis talentos.

Parece incrível que sendo tão aleijado, desenhe e pinte tão lindas paizagens, fazendo tanta honra ao seu mestre Annunciação, um dos artistas mais distinctos d'este genero de pintura em Portugal.

O character do sr. Eduardo Pires é extremoso e consagra a suas irmãs a mais louca admiração.

Este affecto do amor fraternal é justo, porque ellas o merecem em todo o sentido.

N'essa epoca é que principiaram as cartas anonymas a cairem em casa. Eu não as mostrava todas ao meu Henrique, e elle fazia o mesmo, de maneira que os autores perdiam o tempo.

Um sabbado foi o sr. Pires a Cintra, como costumava, para voltar na segunda feira; n'este dia não o vejo regressar e recebo apenas uma carta na qual me dizia que não podia vir n'aquelle dia, porque tinha perdido muito ao jogo, e que em quanto não arranjasse dinheiro se veria em grandes embaraços.

Assim que acabei a leitura d'aquelle carta, que me trazia a declaração das tristezas que o sr. Pires tinha, o que ás vezes era quasi uma desesperação, que elle nunca me quizera explicar... comprehendí tudo... O

sr. Pires jogava!! não que elle gostasse d'esse infernal divertimento; começava para se entreter, e acabava perdendo fortes sommas.

Oh! esse maldito jogo tem sido a ruina de muita gente, a desgraça de muitas familias!!! E estarmos n'uma terra civilisada que não tenha uma lei que faça applicar um castigo rigoroso ás pessoas que seduzem filhos de familia para jogarem, e usurparem-lhe tudo! que os fazem encher-se de dividas, sem meios de salvar-se, e morrerem de desesperação, porque um pae em extremo severo ficou surdo á sua confissão, ao seu pedido, ao seu arrependimento!!!

O sr. Pires morreu em consequencia do jogo; se a minha voz podesse ser attendida, com toda a força gritaria: vingança, vingança, contra os autores d'esse jogo.

Acabando de ler aquella carta que me restava fazer? Ir leval-a a seu pae? Não, que elle era inexoravel e insensivel. Meditei um instante e tomei uma resolução, que era a de arranjar o dinheiro que podesse e levar-lh'o a Cintra.

Immediatamente comecei a encher bahus e caixas com os meus vestidos, chales e outras diversas roupas, e tudo que eu tinha de bijoutarias, e em quanto cada uma das criadas ia a differentes lados arranjar-me dinheiro, mandava o criado buscar um trem para ir a Cintra. Disse á ama que estava em casa n'esse dia, que se preparasse para vir com minhas filhas e comigo.

Quando me chegou o dinheiro eram sete horas da tarde; immediatamente nos mettemos no trem, que partiu a toda a pressa.

Quando chegámos a Cintra eram dez horas da noite; fiz prevenir o sr. Pires, que ficou espantado de me ver.

—Não jogues, não jogues, que isso hade ser a tua perdição; bradei eu logo deitando-me nos seus braços.

Creança !... já ganhei, me respondeu elle.

— Tu dizes isso para me consolares repliquei eu; não podes voltar a Lisboa porque deves, ahí está dinheiro, paga e voltaremos juntos para a cidade.

Dizendo estas palavras deitei sobre a mesa uns cartuchos que tinha na algibeira, que ao cairem romperam o papel, ficando as libras espalhadas sobre a banca; eram 360\$000 réis.

— D'onde te veio tanto dinheiro? perguntou elle tremulo e meio suffocado.

— Vamos, vamos, em Lisboa tudo contarei.

— Oh! Josephina, replicou elle, pondo as mãos sobre o coração; e assentou-se.

Fiquei admirada... mas depois de pensar um instante, percebi... e para o aliviar, disse-lhe:

— Tudo de casa está fora, empenhado.

Ao ouvir isto levantou-se e apertou-me com tanta força contra o coração que pensei ficar suffocada.

Depois de chorarmos e abraçar-nos, resolvemos que só dois dias depois voltariamos para a cidade.

No outro dia, estava eu tão contente pensando que elle nunca mais jogaria, que cheia de alegria visitei, ao seu lado, as principaes quintas de Cintra.

Foi d'esse modo que pude bem examinar essa encantadora e pittoresca villa.

Alguns dias depois de voltarmos a Lisboa pôde elle arranjar dinheiro; immediatamente m'o entregou para eu mandar buscar o que por amor mandara empenhar.

O nosso amor parecia augmentar de dia em dia, e isso não era de admirar porque a sua base era a nossa reciproca amizade e estima.

Não acredite ninguem que possa existir um verdadeiro amor no coração de um homem se elle não tiver consideração para o ente que diz amar.

Ha homens que buscam o hymineo para acharem uma posição; esses homens procuram uma mulher que pela sua familia e relações lhe possa melhor favore-

cer o adiantamento; se teem ambição de chegarem ao poder procuram ás vezes que não tenha fortuna..... Esperteza! porque d'esse modo todos... que não sabem da historia dizem: que homem tão desinteressado... que nobre character!!! E assim se dá um grande passo... Ha homens, que pelas suas loucas extravagancias teem mais que trabalhado que outros, e então o que fazem? Ligam-se com familias, das quaes pae... mãe... filhas... filhos... Estas reticencias suppriment o que por decencia não posso, nem devo dizer... Então o que acontece? É que essa familia que está perdida de reputação... de quem ninguem faz caso, porque pôde o mundo perdoar a uma mulher que se vê só no mundo, sem amparo, sem abrigo, sem parentes, o acceitar uma protecção; mas o mundo não pode nem devo perdoar a uma familia aonde só *reina* o vicio, a uma familia que para satisfazer os seus caprichos, o chefe esgota todos os rendimentos com *bailarinas* e *quadros-vivos!* a mãe, com os lacaios que sempre prefere aos seus mais caros admiradores! as filhas com priminhos e certos... velhos, que promettem a sua fortuna, e offerecem sua casa para o dia do noivado!!! Oh! oh! oh!

Essas *donzella*: gastam o que recebem de sympathicos *baôres* com mulheres que lhe deitam cartas, e que lhe ensinam quantas coisas immundas se podem inventar para fazer cair algum passaro que sirva para capa.

Essas honradas familias querem figurar, tomam relações com velhas marquezas de character como o de *La Bourbe*, de um deboche e devassidão sem limites. Juntam-se todas a jogar o cassino ou outros jogos innocentes, aonde mãe e filhas sabem uns certos e determinados signaesinhos, e a um celebre movimento, as virtuosas meninas começam a olhar amorosamente para os rapazes e filhos de familia, que se ajuntam n'essas casas para jogarem, e para conseguirem n'uns *ga-*

binetes, ou na escada... o que fóra lhe custaria mais, e que ali por um anel, uma pulseira... lhes era uma facil conquista.

Os rapazes que um d'aquelles olhares, uma d'aquellas tocadellas de pés por baixo da mesa, faz subir o sangue á cabeça e extasiar a vista, já não sabem o que jogam... com a pressa de sairem. Umã das donzellas em quanto elle se está despedindo do honroso papasi-nho, saíu pela porta de um gabinete, e vae encontrar-se no patamar com aquelle que é o seu favorito.

Todos ficam satisfeitos. Um por que pensa ter comido o fructo prohibido; a menina porque o seu apaixonado d'aquella noite prometteu trazer-lhe uns bollos e uma pulseira; o papá e a mamã, egualmente satisfeitos, acabam por contar as libras que aquelles pobres incautos passaros deixaram ahí como se fossem pennas. Deitam contas... chega para muitas coisas... e até para irem no verão para Cintra.

Não ha coisa melhor. O pae figura com as suas bailarinas, a mamã com os seus soirées... e as *innocentes* meninas com os seus luxos; mas quando vão ao passeio baixam os olhos andando muito direitas para passarem por santinhas.

Chega então uma epoca em que os passaros erguem seus vôos para longe porque ficaram sentidos da enormidade de pennas que lhe arrancaram.

A' vista d'esta deserção diz a mamãsinha: é tempo de agarrarmos um' para casar com a nossa M. G. ou B...

Sim, replica o papá, porque se a menina chegar aos trinta annos, será então muito difficil. Eu lancei meus planos sobre J... diz o papá, porque é ambicioso. Não podemos dar grande coisa, mas promettendo de lhe alcançar brilhantes empregos... de o fazer chegar a... elle casa! elle casa!

Sim, affirma a mamã; e trata-se logo de convidar J... a jantares. A menina deita-lhe olhos ternos e sentimentaes; elle pede o que os favoritos lhe pediram.

Oh! a innocente creatura esconde o rosto envergonhado; apenas dá ternamente um beijinho.

O passaro vê-se luctando com difficuldades (que outros não acharam) e diz por fim—casarei.

Pede... é acceito com grande contentamento. Casa... e todos ficam satisfeitos com a capa!

A's vezes pode ser que sejam alguns passaros ja velhos e mestrões, e para que elle não escape, dão-lhe o fructo que, pelos cuidados, e agua especial que lhe ensinou certa *marqueza Ratinha*, está verde, cada vez que se quer.

A todos os favoritos diz a donzella com as faces encarnadas e os olhos baixos: Estou perdida... comeste o fructo verde!

Um que não era tolo, e que não precisava para as suas conveniencias fazer julgar que tinha dado o salto primeiro, respondeu á virgem: quantos terão comido o fructo antes de eu sequer o cheirar?... Palavras factaes! D'esse dia em diante ficou desarriscado do rol dos favoritos, e deixaram de o convidar aos interessantes soirées!

Mas quando um homem que para as suas conveniências tem que fechar os olhos, pede a donzella em casamento, é recebido, festejado, accariciado... não ha um soirée, uma noite de theatro, uma ida a Cintra, ou um passeio qualquer para que o não roguem.

Sabe-se na cidade a noticia d'esse casamento.

Descem o Chiado; entram no passeio. Lá senta-se ao pé da santa donzella, pondo o braço estendido pelas costas da cadeira onde está aquella virgem assentada, piza-se amiudadas vezes o pésinho, ella falla meigamente, cora a cada instante. Elle pensa que é o effeito da sensação do pésinho... e é por ver passar um dos antigos favoritos...

O *especulador* que vê aquelle rubor, diz logo consigo: ella será minha mulher, e eu serei talvez commendador... deputado... barão... e até mesmo marquez ou

ministro d'estado... o pae pode fazer-me chegar a tudo!

No genero d'esta ha muitas caricaturas miseraveis!!!...

Muitas pessoas teriam desejado que o sr. Pires se casasse; offereceram-lhe mesmo partidos vantajosos, mas elle que se achava sufficientemente feliz, nada acceitou.

Posso dizer que poucas senhoras terão sido amadas tão dedicadamente como eu o fui.

Hoje não me resta d'esse amor senão saudades e recordações; mas d'essas recordações vive feliz meu coração.

Nada ambiciono no mundo senão poder deixar antes da minha morte minhas filhas amparadas; depois quando Deus me chamar, irei, senão com alegria, ao menos com a esperança de lá perto do seu throno encontrar o ente que tão verdadeiramente amei, e que tão bem soube comprehender-me e amar-me!

Os casamentos que appareciam ao sr. Pires, e que elle rejeitára, a esses offerecimentos que teriam illudido qualquer orgulhoso, não o fizeram mudar; pelo contrario, longe de diminuir o nosso amor, tornaram-se mais indissoluveis as nossas sympathias.

Uma occasião, estavamos em Cintra, seriam talvez *Ave-marias*, eu estava n'uma sala que dava para o jardim. Quem conhece o hotel Victor sabe a sala que é. Entrou o sr. J. M. F. F.; começou a fallar em varias coisas e acabou por dizer-me: deve recordar-se de quando era pequenina, que estava em casa de sua tia, que eu lá ia e brincava muito com os seus bonitos, e dizia-lhe sempre ser muito seu amiguinho, lembra-se?

Um instante estive a ver se me podia recordar; porém como a casa de minha tia iam muitas pessoas que me faziam festa, e gostavam de mim por ser uma creança de cabellos louros e estar sempre contente; não me veiu logo á idéa quem era, algumas palavras

do sr. Pires, que entrava n'aquelle instante, fizeram-me conhecer quem era essa pessoa, que então me fez tantos offerecimentos, e que me mostrou depois quando eu me achei em desgostos e em lagrimas, que nunca se deve contar com o obsequio de ninguem.

Amava o sr. Pires, oh! amava-o com toda a força da minha alma! dizer que o nosso amor foi como um céu que nunca escureceu, era mentir.

Forte e verdadeira, como era a nossa paixão, jamais poderia existir n'uma tranquillidade monotona.

Eu não posso comprehender esses sentimentos de *lua de mel* entre duas creaturas que dizem estar ligadas por amor, e que vivem sempre muito amiguinhas, sem discussão e sem desconfiança.

Isto nunca pode existir sem que uma engane a outra.

A mulher que supporta tudo do homem, sem lhe dizer palavra, é porque o não ama, ou porque o atraiçoa; porque a mulher que ama sinceramente e que é toda dedicada a um homem, se ella não fôr inteiramente estúpida, encontrará no seu amor a energia necessaria para dizer a esse homem as verdades que lhe inspirar o coração; ainda que elle faça o que fizer, ella terá a força da sua franqueza.

O nosso amor era tempestuoso, porque era forte, sincero e verdadeiro, por isso que durante tres annos vivemos um para o outro, passavamos dias em que nunca sentimos o que se chama *um refroidissement*.

Muitas vezes nas noites de luar saíamos quasi sempre sós, assim nossas almas confundiam-se n'um só pensamento.

Que differença do nosso amor tão puro, tão sublime, em comparação de alguns que existem!!! N'esta epoca desprezível, em que ha homens que dizendo amar uma mulher, lhe dão conselhos de acceitar um protector *rico*, e elles ficarem o amante do coração... o substituto!!!

Não se julgue isto uma exaggeração minha. Pode-se

acreditar. Ha homens bastante vis, e que fazem estas propostas infames!

Eu teria desejado achar-me n'uma posição independente para não ver Henrique desgostoso dos nossos sofrimentos financeiros; mas não havia recebido de meu pae senão respostas evasivas, mostrando-me grandes desejos de que voltasse para o Rio, mas a respeito de me mandar dinheiro, não me dizia nem sim, nem não.

Julguei que o melhor meio de obter o que desejava era dirigir-me a terceira pessoa que me obtivesse de meu pae o que me pertencia da minha mãe.

Aconselharam-me de me dirigir ao sr. A. J. d'O. Henrique fez uma leve indagação e disse-me que eu fazia mal, porque lhe haviam dito que esse senhor era de um character egoista, e incapaz de fazer um serviço, que lhe não rendesse moedas.

Poucos dias depois disseram-me que havia chegado do Rio uma pessoa que merecia a consideração de todos pela quantidade de seus milhões; e que meu pae não deixaria de attender a uma carta que elle lhe dirigisse.

Essa pessoa era o sr. Manuel Pinto da Fonseca.

Escrevi-lhe uma carta, remettendo dentro d'essa uma para meu pae.

Dois dias depois veio o sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca a minha casa, dizendo-me que tendo conhecido meu pae no Rio de Janeiro, tinha immenso gosto de me obsequiar. Que minha carta já estava em viagem.

—Mas eu julgava, me replicou elle, que a minha vizinha não precisava de coisa alguma, e que o sr. Pires cumpria todos os seus desejos.

—E' verdade, disse eu, mas o sr. Pires é filho de familia, e eu não quero que elle se sacrifique por mim.

—Mas elle tem obrigação de olhar para tudo, replicou o sr. Fonseca.

— Elle diz o mesmo, exclamei eu; mas desejo achar-me n'uma posição independente para lhe poder mostrar quanto a minha amizade é desinteressada, e para poder chegar a essa posição é que eu escrevi a meu pae.

Entrou o sr. Pires de fora, conversámos então do Rio de Janeiro e de varias familias que eu lá conhecia.

O sr. Fonseca deu-me a noticia de que a familia Guido tinha deixado o Rio e estava em Montevideo.

Quando o sr. Fonseca se levantou, offereceu-lhe o sr. Pires a nossa casa, e trocaram-se os seus adreços.

Quando nos achámos sós, disse-me o sr. Pires:

— Todos procuram ter relações com o sr. *Monte Christo*, porém eu procurarei sempre fugir d'ellas.

— E porque razão? perguntei eu.

— Nada, idéas que nada significam.

E foi sentar-se ao piano depois de me abraçar.

Alguns dias depois, estava eu cantando ao piano, e Henrique acompanhando-me com a rebeca, quando entrou o sr. Fonseca.

— Estimo muito vir n'esta occasião, nos disse elle, para ter o gosto de ouvir uma pouca de musica.

Mas foi-me impossivel cantar, e apenas toquei algumas variações do *Roberto do Diabo*, que o sr. Pires acompanhava divinamente.

O sr. Fonseca gostou tanto de nos ver tão bem unidos, e da harmonia que existia no nosso amor, que d'esse dia em diante datou a nossa amizade.

Durante a narração de Henrique, contando-lhe o abandono de minha familia, o meu isolamento, e a minha constante coragem, vi os olhos do sr. Fonseca mais de uma vez banhados em lagrimas e fitos em mim.

Quando elle se levantou para se ir disse-nos:

— Esperemos a resposta do sr. Neuville, e veremos, veremos. . . no entanto contem que de hoje em diante serei o seu mais sincero amigo.

Henrique apertou a mão que elle lhe apresentou, e eu offereci-lhe a minha em signal da mais sincera gratidão.

Assim continuou a vir visitar-nos o sr. commenda-
dor Manuel Pinto da Fonseca (vulgo *Monte Christo*)

Uma occasião veio elle; Henrique não estava em casa, eu estava escrevendo e chorando! ao vel-o, levantei-me, fechei a escrevaninha, e enxuguei as minhas lagrimas; mas elle tudo viu, chegou-se para mim, e com a voz cheia de interesse disse-me:

—Então que tem, porque chora?

—Nada, respondi eu; não podendo conter as minhas lagrimas.

—Prometteu tratar-me com a mesma franqueza como se eu fosse seu pae sob esse titulo lhe peço que me confie o motivo d'essas lagrimas. tenha confiança em mim, diga-me tudo.

Então no meio dos meus choros, lhe contei os nossos embarços e os vexames que principiavamos a receber.

—Mas, em que irá dar tudo isto? disse elle, se seu pae não lhe mandar dinheiro, que fará? O sr. Pires é filho de familia; se o pae d'elle lhe não der mais nada, que será de ambos?

A esta interrogação nada pude responder.

Henrique entrou n'este instante, viu-me chorar, e julgando que o sr. Fonseca me havia feito alguma declaração, principiou a tratar-me por vós em logar do querido *tu*; isto foi sufficiente para eu me suffocar em choro.

—Continuando a chorar d'esse modo ficará doente, disse-me o sr. Fonseca.

—E que importa ao senhor que lhe faça ou deixe de lhe fazer mal? respondeu aspera e duramente o sr. Pires.

—Oh! se é isso eu me retiro, disse o sr. Manuel Pinto, levantando-se.

—Não, disse eu, não; diga tudo a Henrique para

não me trotar mais por vós; essa frieza da parte d'elle faz soffrer meu coração: v. ex.^a sabe quanto eu o amo.

O sr. Fonseca, usando da maior condescendencia, tornou a sentar-se, pedindo ao sr. Pires pôr-se ao seu lado

Henrique sem olhar para mim, sentou-se á minha esquerda.

—Devo fallar-lhe com muita franqueza, disse o sr. Fonseca. M.^{me} Josephina é uma das senhoras por quem tenho a maior consideração em Lisboa; é uma pessoa por quem professo mais estima, porque rara seria aquella que havia de ter a sua constancia, e posso dizer-lhe que nunca encontrei quem fosse capaz de mais dedicação. Eu já lhe disse a ultima vez que lhe fallei, que o verdadeiro n'estas circumstancias seria uma separação; faça a vontade a seu pae, elle lhe pagará as suas dividas; depois eu estabelecerei uma mezada a M.^{me} Josephina, que a habilite a viver independente; posso proteger uma senhora que vive só com as suas duas filhinhas...

O sr. Pires ia a fallar, mas o sr. Fonseca conte-nuou:

—Não diga nada... Outro dia quando lhe disse isto em minha casa recorda-se do que me prometteu?

O sr. Pires baixou a cabeça, e nada mais respondeu.

Eu estava como embaçada do que via e ouvia; queria antes de responder ler nos olhos do meu Henrique este mysterio, mas elle desviava-os de mim.

Não vacillei! meu coração não podia deixar de tomar uma só resolução; por isso pois estendi a minha mão ao sr. Fonseca dizendo-lhe:

—Eu já sabia que v. ex.^a tinha um bom e generoso coração; o que acaba de me propor é nobre, e não posso deixar de lhe ser sinceramente agradecida; porém, *eu* não acceito, ainda que me offerecessem o mundo inteiro para me separar de Henrique. tudo recu-

sava, e se Henrique não puder dar-me pão alvo, contentar-me-hei com elle de munição.

—Oh! Josephina, meu anjo! disse Henrique abraçando-me e apertando-me sobre o seu coração.

Segurando-me assim, voltou a cabeça e disse para o sr. Fonseca:

—Quando me fez em sua casa dar-lhe a minha palavra de não o interromper e de deixar Josephina decidir, oh! é porque eu bem sabia que ella não falsearia a confiança que eu tinha no seu coração; oh! esta mulher terá toda a minha dedicação, e quando isto não baste... a minha vida!!!

--A duas creanças não se pode fazer comprehender a razão; disse o sr. Fonseca despedindo-se de nós.

Quando ficámos sós, as nossas confidencias, as nossas exaltações, os nossos projectos, tudo era de dois loucos que não se amavam, idolatravam-se!! E' preciso passar pelo que passei para se poder comprehender as doces sensações que meu coração sentia. Um amor tão forte, dois corações tão exaltados não podem viver juntos, não; Deus não deu essa felicidade senão para pouca duração! quando se chega a juntarem-se dois corações como os nossos, forçosamente um dos dois deixa o mundo para ir perto de Deus pedir-lhe protecção para quem fica isolado n'uma esphera onde não ha senão soffrimentos.

CAPITULO XLV

Passeios—Cavallo sem freio—Os saloios—Sr. Fonseca na quinta de Belem—Sr. Fonseca parte para Paris—Henrique parte para a ilha da Madeira—De quem será a carta?—Os catraeiros—Lazareto—E' elle!!!—Quero ser independente—Sr.^a Sousa—Morte da princeza Amelia de Bragança—Tenho novamente a amizade de minha tia—Sr. Augusto T***—Minha criada Conceição, e o sr. Manuel B***—Sr. Armand D***—As grisettes á caça do primo millionario—Sr. Joaquim Pires—Pobre sr. Alfredo Martin.

A nossa maior felicidade era irmos fóra da terra, longe do barulho da cidade. Iamos muitas vezes passar tardes inteiras na quinta da Tapada, perto d'Ajuda. E' esse o unico sitio que nunca pude visitar, depois do fatal acontecimento!!! Ahi... se eu pozesse o pé sentiria minha coragem desfallecer; ahi sentiria meu coração quebrar-se; ahi, poderia accusar Deus!!

Uma occasião, voltavamos de *Nova-Cintra*, (n'esse tempo ainda se podia visitar esse lindo sitio) e como já fosse tarde e tivéssemos pressa de chegar á cidade, esqueceu-nos de examinar o freio dos cavallo. Assim que nos puzemos a caminho, conheci logo que o meu cavallo não se deixava bem governar, mas não dei maior attenção; antes de chegarmos ao Lumiar, elle quiz tomar por uma ruasinha que ia dar a umas terras de lavoura; por mais que eu puxasse o freio, nada; dava-lhe com a espora e o chicote, nada; vi no animal uma teima junto á manha

—Não sei o que tem hoje o cavallo, disse eu a Henrique.

—Dá-lhe com força, respondeu elle.

Mas eu que já tinha o braço cançado e estava impaciente d'aquella teima, estendi-me sobre o pescoço do

cavallo, agarrei-lhe uma orelhá que puxei, com quanta força tinha, para o lado onde queria ir; n'isto, sem ter tempo de me endireitar, deu um pulo e deitou a fugir a todo o galope; assim que eu pude apanhar o meu equilibrio, recordando-me do que me havia acontecido na Alemanha, um dia que ia passear com a minha cara Frederica, meu cavallo havia tomado o freio nos dentes; armei-me de toda a coragem e deixei-o ir como elle quizesse. Não foi possivel a Henrique poder seguir-me.

Vendo o meu cavallo que já o não obrigavam socegou, e começou a andar a passo. Aproveitei esta occasião pedindo a um saloio que estava sentado no poial da sua porta, para me segurar o cavallo. Elle pegou logo nas redeas e eu saltei para o chão e tomei o logar que o saloio descancadamente occupava á sua porta, não tendo forças para me levantar quando a mulher do bom saloio me trouxe uma cadeira.

Quando Henrique chegou, tivemos uma verdadeira alegria. Descançámos um bom pedaço. Henrique recompensou o pobre saloio que ficou muito satisfeito, e nos voltámos para a cidade, rindo como duas creanças da nossa pequena aventura.

Bem não tínhamos avançado duzentos passos, quando vimos tres homens com grandes cajados gritarem para que parassemos. Recordei-me logo do que havia acontecido na minha infancia a meu primo Eduardo e temi. Henrique não temia nada, mas como ia comigo, disse-me: *a toute bride*.

Comprehendi, larguei toda a redea ao cavallo, dando-lhe uma boa chicotada.

Partimos a grande galope, e assim chegámos á cidade.

Dois dias depois, trouxe-me o sr. Fonseca uma carta de meu pae, que elle entregou a Henrique, porque em cinco dias não me pude levantar por causa do passeio a cavallo.

Passado dias recebi uma carta do sr. Fonseca, na

qual elle me dizia que desejava fallar-me sem que o sr. Pires o soubesse, pedindo-me que lhe indicasse uma quinta, aonde nos podessemos encontrar.

Mostrei a carta a Henrique que me disse: responde-lhe como se não me tivesses mostrado esse escripto, e marca-lhe a quinta de Belem.

Assim fiz, e dois dias depois achava-me na quinta de Belem, onde encontrei o sr. Fonseca, que logo me disse: fez mal em trazer sua filha, criada e criado, porque desejo que nada do que vou dizer-lhe seja repetido.

Assentámo nos n'um banco d'onde podia ver minha filha, que mandei com a criada para ao pé d'uns homens que estavam apanhando laranjas

—Então não vê que a amizade que lhe tenho, começou o sr. Fonseca, me faz dar um passo que se o soubessem era para todos escarnecerem de mim? . . . Vejo que está perdendo o seu futuro; o sr. Pires igualmente se perde; e quando tiverem esgotado todos os recursos, que farão então?

Eu guardava um triste silencio, comprehendia a razão d'aquellas palavras, mas meu coração era mais forte que quantas razões houvesse.

Elle vendo meu silencio, continuou:

—() que já lhe propuz por mais de uma vez, repito-lhe hoje. Deixe o sr. Pires; eu pagarei as dividas que ha, assegurar-lhe-hei um futuro. Tenho presenciado a sua dedicação e a sua coragem, respeito a. Não pense que lhe dou conselhos por querer possuil-a. Não. Posso ter uma paixão de amizade, amor não posso inspirar; e escute Josephina, deixe-me tratá-la assim, eu sempre fui muito infeliz! preciso de uma amizade sincera, de uma affeição verdadeira, na qual eu possa confiar toda a minha vida para assim ter as consolações de que tanto preciso. Todos me julgam feliz pelos meus milhões, vêem a apparencia, mas não me conhecem o coração!! Pois eu dava toda a minha

fortuna para ser um pescador, gozar saude e apertar a mão de amigos verdadeiros!!!

—Pois não tem tantos amigos? lhe perguntei.

—Tenho. . . respondeu elle com um sorriso triste e amargo. Se eu amanhã caísse n'um infortunio, todos me voltariam as costas; mesmo esses que desejam que eu entre no numero de sua familia me desprezariam! E' joven de mais para conhecer o mundo. Sei que é uma senhora de assás comprehensão e por isso quero que a sua existencia seja feliz e independente, pedindo-lhe só que nos meus dias de tristeza me deixe vir buscar consolação, ouvindo-a cantar, ouvindo a sua meiga voz.

—Mas o mundo, sr. Fonseca, o mundo nunca acreditará n'essa amizade, e logo se haviam de levantar calumnias.

—O mundo é uma miseria; e importa-lhe com o mundo? me perguntou o sr. Manuel Pinto.

—Não', respondi; e por isso pode acreditar que nunca terá mais sincera amiga do que eu. Vou para casa reflectir, e se faço o descanço de Henrique, farei como diz a sua consolação. Se depois de amanhã não receber uma carta minha, é porque me será impossivel separar-me de Henrique; tenho-lhe dito a paixão que tenho por elle, essa paixão só cessará quando eu deixar de existir! mas para a felicidade d'elle terei força sobre minha alma; mas se elle me não ajudar, oh! então, não.

Elle despediu-se, dando um beijo em minha filha. Apertei lhe a mão e caíram pelas minhas faces duas lagrimas da mais sincera gratidão.

Até a casa vim encostada n'um canto do trem, pensando: Ahi está o homem a quem muita gente chama barbaro, e diz não ter alma! Elle tem melhor coração, e mais elevados sentimentos do que os proprios que a calumniam. Elle não pode mostrar sua alma a todos, e co-

mo não vêem senão a apparencia, julgam que é uma arvore sem raiz.

Oh! mundo, mundo, quanto desconheces o interior das creaturas! julgas este homem feliz, porque possui muitos milhões... e elle diz que se trocára por um simples pescador! Eis ahí como tu avalias muitas vezes os sentimentos! julgas que a posse de muito dinheiro dá tudo, julgas que a riqueza dá a felicidade! Oh! quanto é enganosa essa illusão! mas tu não vês, não sabes, não julgas senão pelas apparencias! quantas desgraças, quantos soffrimentos profundos não ha ás vezes debaixo das mais finas rendas, e dos mais bellos brilhantes, suffocados na agitação de um baile, na profusão do theatro, debaixo de um sorriso que faz palpar mais d'um coração?!?! E quanta felicidade, quanto prazer d'alma e de encantos quasi celestes estão envolvidos n'um peito coberto de um simples vestido de chita?!!

Contei tudo a Henrique que nunca teria julgado tal. Elle perguntou-me:

—Qual é a tua decisão?

—Ingrato! tu bem o sabes, sou tua, Henrique, tua até á morte! mas se a nossa separação é a tua felicidade, por ti, Henrique, por ti, eu saberei sacrificar-me.

—Eu não devo ser egoista, Josephina . .

—Oh! cala-te, cala-te, disse eu, chorando; tu já não gostas de mim.

—Tu não vês, Josephina, que te amo mais que a minha vida, tu não sabes que eu tenho por ti a mais louca adoração? não devo impedir a tua felicidade; se te resolveres, eu acabarei immediatamente a existencia, que se não fosses tu, Josephina, me seria insupportavel.

—A minha felicidade é a tua, Henrique; e como não posso fazer a de outra creatura sem quebrar a tua, por isso te digo: — partamos amanhã para Cintra.

No dia seguinte estavamos n'aquella linda villa.

Pouco tempo depois partia o commendador Manuel Pinto da Fonseca para França, recebendo eu no dia da sua ida uma carta com estas simples palavras:

«Não tenho animo de me ir despedir, e sirva-me isto de desculpa.

Manuel Pinto de Fonseca.»

Quando Henrique veio, mostrei-lhe o bilhete; elle tirou uma carta que me mostrou, na qual o sr. Fonseca lhe repetia o mesmo que já lhe havia dito na sua casa, terminando com estas palavras:

«Deve amal-a, porque capaz de mais dedicação e de mais amor não ha ninguém.»

Fizemos um *auto de fé* d'essas duas cartas, e quando ficaram consumidas, demos um abraço reciproco que me fez julgar o ter deixado este mundo de penas e de lagrimas, e que estando perto do Creador, por tudo que haviamos soffrido, nos concedia a mais celestial felicidade.

Com um idealismo tão completo como era o do nosso amor porque haviamos soffrer tantas misérias como nós experimentavamos?

Porque não ha felicidade completa no mundo; e pouco tempo depois bem o comprehendí, não vendo apparecer Henrique todo um dia.

Mando a sua casa, e o criado, que costumava vir á minha, disse ao portador que o sr. Pires não podia apparecer porque seu pae o havia fechado no seu quarto, e elle partia d'ahi a tres dias no *Galgo* para a ilha da Madeira com sua mãe, a quem os medicos tinham receitado aquelles ares.

Pensei que o criado não teria bem comprehendido o recado, e esperei, julgando que Henrique teria perdido ao jogo, e que não queria dar-me essa noticia se não depois de ter tudo pago; mas no outro dia não o vejo tambem, e então... principiei a chorar.

Veiu a minha casa o sr. Emigdio Pires, dizendo que desejava fallar-me.

Quando entrei na sala, levantou-se, chegou-se para mim, e disse entregando me um masso:

—Aqui estão as suas cartas que meu irmão lhe manda entregar; elle vê-se *obrigado* a romper de todo com v. ex.^a, e parte amanhã para a Madeira.

Ouvi tudo com o maior sangue frio possível; não quiz chorar diante de uma pessoa que muito era do seu desejo observar as minhas lagrimas, e ver terminada a amizade que me ligava a seu irmão; não querendo dar-lhe o gosto do meu desespero, disse-lhe:

—Queira ter a bondade de esperar um instante, que vou entregar-lhe as cartas de Henrique.

Quando voltei á sala disse lhe:

—Eis aqui todas as cartas do seu mano, mas não lh'as entrego, porque se elle me manda as minhas é porque o obrigaram; se elle parte é porque o forçam a isto; tenho bastante confiança no seu amor para poder dizer que Henrique é meu, como eu sou d'elle; e que o estão obrigando a fazer coisas contra sua vontade. Eu sei tudo, sr. Emigdio, e por isso digo-lhe com franqueza: o senhor é um jesuita!

—Henrique vae casar-se, respondeu elle.

--Henrique não é capaz de um perjurio, exclamei; casados como somos diante de Deus, nada nos pode separar.

—Então as cartas?

—Não lh'as dou; adeus.

Elle saiu com aquelle ar sardonico que lhe era tão natural.

Quando senti fechar a porta, ainda pude tremendo proferir: Jesuita! mas tive logo um ataque nervoso.

Tornando aos meus sentidos, e recordando-me de tudo, o choro suffocou-me a tal ponto, que julguei morrer.

Oh! não, não é acreditavel; se Henrique fizesse isso era porque já não me amava, e elle deixar de me amar é impossivel. N'isto tudo ha um mysterio que eu terei coragem para descobrir.

Dois mezes não soube o que foi viver! dois mezes não pude verter uma só lagrimal! dois mezes soffri com a maior dôr que um coração pode sentir!

Não dizia nada porque meu soffrimento era profundo de mais para ouvir falsas palavras de consolação. Passava dias e noites com os olhos fixos, e n'uma firmeza de estatua que a criada da minha filha chegava a assustar-se.

Essa pobre mulher não me desamparou um minuto, perdendo todas as noites ao meu lado, e dizendo sempre para me reanimar:

—Coragem, minha senhora, o sr. Pires é incapaz de uma traição porque elle a ama devéras; tenha fé em Deus porque elle a protege: o mais dê tempo ao tempo.

Uma noite tinha eu tido um ataque mais forte, e quando tornei a mim, ouvi a pobre Rosa dizer a outra criada:

—O João que vá chamar um medico; esta senhora está quasi phtysica, e não quero se ella morrer ter esta responsabilidade.

Tive força bastante para dizer:

—Eu não quero medico, não o mande chamar, porque não quero. Se estou phtysica, melhor; bem sabe que o que eu soffro não são os medicos que me podem curar, porque elles nada entendem do coração, só Deus tem esse poder, e n'elle confio.

Quinze dias ainda soffri os martyrios de um coração que amava, e que se julgava separado para sempre do seu thesouro! quinze dias tive as maiores torturas d'alma, até que, finalmente, Deus teve compaixão de mim.

Recebi pelo correio uma carta, que só dizia:

«No paquete do Rio, chegou uma pessoa que lhe deseja fallar. Ella está no Lazareto de quarentena.»

«Em nome de Deus, não tarde e venha.»

Voltei a carta de todos os lados, mas foi-me impossivel conhecer a lettra.

Rosa disse-me:

—E' o sr. Pires que escreveu.

Meu coração já m'o havia dito. Porém não querendo mostrar uma esperança infundada, respondi lhe:

—E' talvez alguém do Rio que me traz cartas do meu pae.

—Então não se deve incommodar, ellas aqui virão ter; disse Rosa com um sorriso.

—Vou amanhã, respondi eu. Mande dizer á cocheira, que quero um caleche para as dez horas.

—Sair com este tempo! exclamou Rosa; está-se formando uma grande tempestade! e de mais, é uma carta sem assignatura; tome sentido, minha senhora, que lhe podem armar alguma trama!

A pobre mulher não se contentou com estas palavras; disse tudo que lhe veio á cabeça para me fazer mudar de tenção, mas encontrou-me inflexivel e a tudo lhe respondi:

—Não tenho medo; irei.

N'essa noite, ou fosse o meu anjo da guarda, que pedira com mais instancia a Deus para me dar descanso, ou fosse a esperança que interiormente meu coração *conservava*, tive um sono tranquillo.

No outro dia ás onze horas, chegavamos a Belem, é em quanto o criado foi fallar com os catraeiros; eu, minhas duas filhinhas, e a nossa boa Rosa, entrámos no *quasi hotel*, que havia no mesmo largo. Ahi, depois de as abraçar mil vezes, confiei as minhas filhas aos cuidados das duas velhas donas da casa, e ao amor de Rosa.

O criado chegou dizendo que nenhum dos barqueiros queria ir ao Lazareto com aquelle tempo.

—Se tem medo não venha, João, lhe disse eu.

—Medo, não tenho, minha senhora.

—Então vamos, disse eu; e saímos ambos.

Quando os catraeiros nos viram, disseram com admiração:

—Pois é uma senhora que quer atravessar o mar com este tempo?!

—Sim, disse eu, e vocês teem medo! Vamos, aquelle que fôr mais corajoso, desamarre um bote e disponha-se a partir.

Como via que nenhum se mexia, continuei:

—Eu sou estrangeira; vou agora pensar que me enganei quando julgava que o povo portuguez era bravo e resolutos, mas vejo ahi vinte ou trinta homens e todos covardes.

—Vamos lá; disseram dois, abrindo caminho.

Os outros que tiveram ciumes da valentia d'aquelles dois homens, principiaram a lançar-lhes quantos epithetos, dizendo por fim:

—Elles são capazes de se enforcarem por dinheiro, e como esperam boa recompensa, por isso se vão arriscar ao vendaval.

Partimos: os barqueiros começaram a remar, e em breve vendo aquelles rostos queimados, banhados pelo suor, aquelles peitos arquejantes de esforços e canção, e as vagas que começavam a entrar dentro do bote, confesso — *tive medo*.

O criado nada dizia, mas estava palido e tremulo.

Recuar, era covardia; e o meu amor era mais forte que o medo.

Depois de tres horas de luta com as ondas, que esbravejavam com a furia do tufão, chegámos em fim.

Um dos homens que estavam na praia prestou-se a guiar-nos ao Lazareto; subimos, subimos, subimos, até que afinal entrámos n'uma especie de castello a que chamam *Lazareto*.

Aquelle bilhete não pôdia ser senão de Henrique,

por isso sem hesitação disse ao porteiro que desejava fallar ao sr. Henrique Pires.

Elle fitou-nos, disse-nos que o seguissemos, e fez-nos andar por immensos corredores, até que parámos defronte de uma grade.

—Então?! disse eu para o homem que nos conduzia.

—O sr. Pires e todos os passageiros estão de quarentena, e não se lhes pode fallar senão atravez de grades; disse aquelle homem apontando para uma especie de janella que ficava fronteira, e que me pareceu uma gaiola para tigre.

Poucos instantes depois de ahí estarmos, sinto abrir uma porta, e vejo apparecer Henrique; estendemos os braços, mas foi-nos impossivel apertar as mãos.

—Tu adivinhaste que era eu, e não temeste vir com semelhante tempo?! Sempre és boa, porque vejo que me perdôas o ter acompanhado minha mãe.

—Uma mãe está primeiro que tudo, Henrique, e nada tenho que te perdoar visto que me amas.

—Mais que a minha vida, meu anjo! . . . A minha partida, e tudo que tem acontecido foi obrigado, Josephina, tu bem o sabes.

—A prova de que te não accuso é que estou aqui; disse eu.

Fallámos das nossas saudades, dos nossos projectos, do nosso amor, da nossa futura felicidade, de tudo, de tudo que consolava dois corações que se amavam tão profundamente.

Ouvimos atirar no mar; eram horas de eu partir. A esperanza de que Henrique desembarcava tres dias depois, é que me deu a coragem de eu novamente me separar d'elle; de deixar aquelles altos muros, onde, atraz d'aquellas negras grades, deixava uma parte da minha alma!!

O tempo tinha abrandado, e pude bem distinguir até muito longe a figura de Henrique, que tinha su-

bido á mais alta muralha, dizendo-me adeus com o lenço, correspondendo-lhe eu do mesmo modo.

Quando cheguei junto de Rosa, abraçando minhas filhas que estavam dormindo nos seus braços, só lhe pude dizer.

—É elle.

Duas lagrimas saltaram dos olhos da pobre mulher, que exclamou :

—Não lhe dizia eu sempre, minha senhora, que Deus é grande ? !

Esses tres dias foram para mim tres seculos ; apenas passaram alguns minutos d'essas setenta e duas horas, que vejo entrar Henrique; lançámo-nos nos braços um do outro, oh! meu Deus que felicidade!!! Desejei assim morrer ; é penoso acabar com a vida, quando se está na flor d'ella, é verdade. Mas morrer com a idéa de que somos verdadeiramente amados, que sinceras lagrimas se verterão regando o nosso sepulchro ; não é isso um prazer para a alma ? Não serão os suspiros dos que nos lamentam no derradeiro instante uma consolação que nos dá forças e resignação para deixarmos a existencia ? !!!

Ninguem ha que ame, que creia no contrario.

Henrique contou-me tudo ; seu pae era o autor dos nossos soffrimentos.

Nos braços do meu Henrique eu era tão feliz, que tudo perdoei ao homem que tinha o coração gelado.

Tres dias estive Henrique em Lisboa ; durante esse tempo formámos os planos mais extravagantes que são possíveis a duas cabeças exaltadas, e a dois corações apaixonados.

Quando Henrique partiu, paguei quasi tudo que devia, e em breve achei-me sem dinheiro.

Tomei uma resolução.

A familia de Henrique que já antes da minha chegada a Lisboa estava indisposta com elle, agora estava inteiramente mal, porque julgava que a minha casa o fazia

gastar muito, ignorando que elle jogava, e que o jogo o hade perder. Pois bem, eu me tornarei independente, e mostrarei a essa familia e ao mundo que amo Henrique, e que só quero o seu affecto

No dia seguinte a essa resolução, mandei chamar uma usuraria.

Expuz-lhe o meu plano. Ella não tinha n'aquella occasião dinheiro disponível; mas dois dias depois apresentou-me um seu compadre, o sr. J. F. de Sousa.

Contei tudo a este individuo; mostrei-lhe cartas de meu pae, em que elle fazia para o futuro grandes e bellas promessas, e disse-lhe o desejo que eu tinha de me tornar independente.

Este senhor, depois de me ouvir fallar, depois de correr o vocabulario dos agiotas, de estarmos a batalhar sobre juros e pagamentos, deu-me a sua palavra de honra que me emprestaria todo o dinheiro que fosse necessario para abrir um estabelecimento de educação.

Nos arranjos d'estes projectos passei com mais paciencia os dois mezes que durou ainda a ausencia de Henrique.

Um mysterio se passou n'essa occasião; esse mysterio está involto no meu coração e não me sinto com forças para divulgá-lo aqui. Ha sonhos que nos ficam eternamente gravados na memoria, sonhos que daríamos a nossa vida para os ver realisados. E quando elles são um verdadeiro mysterio, e que só a nossa alma é a depositaria, divulgá-lo é uma profanação, é um crime!

Só lord Byron, esse meu querido poeta, teria podido definir esse bello sonho, por que a sua alma tinha vôos, que deixava a terra para se elevar ás regiões das nuvens, dando azas á sua ardente imaginação! Lord Byron teria comprehendido o sonho, e verteria lagrimas sentidas ao pensar que era sómente um sonho, uma triste illusão!

Ainda hoje seria o mais bello ideal da minha vida,

se Deus me deixasse considerar por um momento que podia ser ainda uma realidade.

.....

Como eu ia dizendo, a ausencia de Henrique durou ainda dois mezes.

Não ha expressões para definir a nossa felicidade quando elle voltou, e o solemne juramento que fizemos; juramento que as fatalidades da vida não me fizeram faltar a elle.

Revelei a Henrique a resolução que eu havia tomado para me tornar independente, e mostrei-lhe a escriptura que só faltava assignar; mas elle disse-me energicamente que não que ia. Que elle era meu esposo aos olhos de Deus, e que só elle tinha obrigação de olhar para os meus interesses.

Seu amor quiz que eu tudo annullasse, e eu cedi ao meu amor.

Henrique dizia-me constantemente: se minha mãe soubesse ao que tu te querias sujeitar, ella de certo te amaria.

Ouvindo estas palavras, um triste sorriso vinha aos meus labios, porque eu já principiava a conhecer o mundo.

Foi pouco tempo depois de Henrique ter voltado da ilha da Madeira, que chegou a Lisboa a noticia da infausta morte da princeza imperial, a sr.^a D Amelia de Bragança. esse anjo que baixou do ceo para atravessar de momento este mundo como lucida estrella que em linda e meiga noite scintilla no horisonte, e desaparece deixando seus raios luminosos e cheios de saudades no coração dos que a admiraram.

A gentil princeza vóava ao ceo, d'onde tinha dimanado, na primavera da vida. A sua alma pura, como é purissima a alma de um cherubim, subiu ao throno do Senhor com as benções unanimes de um povo. To-

dos lhe queriam muito pelo seu coração generoso, pelas suas virtudes exemplares, e pelo seu modo affavel e cheio de candura. A sua morte causou uma grande sensação, e foi mais chorada de que um rei, que mais ou menos sempre desce ao tumulto com odios. O fallecimento da augusta princeza foi coberto de lagrimas, seguidas de uma tristeza geral e pungente.

O funeral da princeza Amelia foi um luto pesado para a côrte e para o povo portuguez.

Foi pouco tempo depois de Henrique ter chegado da Madeira que desejei obter algumas noções sobre um negocio que Henrique tinha feito, que lhe era um grande e pesado sacrificio, e que eu com uma palavra podia annullar.

Julguei poder dirigir-me a uma pessoa que diziam ser toda influente para o tal capitalista do negocio, porque procurando saber alguma coisa por Henrique, elle desconfiando que eu me queria oppor a este novo sacrificio, guardou o mais absoluto silencio.

Infelizmente essa pessoa por quem eu queria saber tudo passava todos os dias defronte das minhas janellas, porque morava no fim da rua.

Eu tinha o costume de estar sentada por dentro da vidraça trabalhando nas curiosidades do meu bastidor; assim via tudo que se passava lá fóra.

Henrique dizia-me ás vezes que se me não conhecesse tão bem, poderia ter ciumes, mas via uma creancisse, e ria-se.

Quando me disseram o nome do sr. Augusto T^{***} hesitei em me dirigir a elle; porém o caso era urgente, a medida devia ser prompta, e não hesiei.

O sr. Augusto T^{***} é, como todos sabem, um bonito homem, e seguramente deve fazer impressão no peito de uma mulher que se eleva na boniteza de uma creatura. Porém uma outra que olha para mais alto, que palpita as qualidades moraes, tem bastante influencia sobre si, e não pode portanto deixar-se encantar de

um ente pretencioso, e este defeito de quasi todos que a natureza aformoseou é contra a minha opinião.

O sr. Augusto T*** não me deixando exprimir o motivo pelo qual eu tinha desejado fallar-lhe, principiou com banalidades que um homem delicado teria logo acabado, ou para bem dizer, não teria principiado.

Guardei pois silencio, e não pedi ao sr. Augusto T*** o obsequio que lhe queria dever, porque entendi que nada se devia sollicitar de um homem que me fazia recear que no futuro se tornasse exigente.

Para me esquivar, disse-lhe que visto elle dispôr-se a fazer o que eu desejava, eu lh'o mandaria dizer d'ahi a alguns dias.

Então levantou-se, torceu com certa elegancia affectada as guias do bigodinho, e mordendo os beiços, disse que estaria ás minhas ordens.

Puxei a campainha, e disse á criada que o acompanhasse.

Essa criada chamava-se Conceição; era, apesar do seu porte um tanto grosseiro, uma linda rapariga, e tinha os mais vivos e rasgados olhos que se teem visto. O fogo e o brilho de suas pupillas eram tão attrahentes que enleiam o sr. Augusto T*** e deram-lhe a compensação d'aquella pequena desfeita por que elle tinha acabado de passar; pois passados tres ou quatro mezes, vendo alargar progressivamente o coz do vestido da Conceição, a ponto de me ser inconveniente em casa, mandei chamar sua mãe, e com as duas fechadas n'um quarto, fiz confessar á rapariga toda a verdade, promettendo-lhe que faria todo o possivel para o seductor casar com ella. Qual foi a minha admiração ao nome que ella pronunciou, mostrando-me a impossibilidade de poder satisfazer esse meu promettimento, visto que ella era uma pobre e humilde criada, e elle, o sr. Augusto T*** um rapaz da sociedade, e n'essa posição em que se julgam com direito de poder abusar da boa fé d'uma innocente rapariga, que por falta

de educação, ou por tolice, acredita em promessas que não tem probabilidade de ver cumprir.

Soube muito tempo depois que a Conceição me havia mentido em algumas circumstancias, confessando que se encontrava com elle aos domingos e dias santos quando saía para ir á missa, quando estes encontros se davam na escada.

Alguns amigos do sr. Augusto T^{***}, vendo-o sair assiduamente de minha casa, faziam-lhe como dizem complimentos da sua conquista; e o sr. Augusto T^{***} por basofia ou por qualquer outro motivo caprichoso, nunca teve o cavalheirismo de os desenganar, tendo mais saboreada gloria em deixar passar estas suspeitas bem fundadas na realidade, porque elle não esclarecia os seus colloquios com a minha criada, deixando recair antes uma acção vergonhosa sobre uma pessoa que lh'a fizera comprehender.

Se eu tivesse sido capaz de atraiçoar Henrique, desde esse dia ter-me-hia separado para sempre d'elle; porém, tendo a minha consciencia limpa dos remorsos da traição, deixei o sr. Augusto T^{**} vangloriar-se aos seus amigos, e como de ha muito me acostumei a perdoar aos que me fazem mal, fiquei tambem sem rancor ao sr. Augusto T^{***}.

Tendo acabado de escrever este facto, devo mencionar outro para provar que se ha homens d'este jaez, ha outros que apezar de se terem achado em quasi identicas circumstancias, souberam conservar-se como perfeitos e distinctos cavalheiros. N'este caso se acha o sr. Manuel B^{***} que comprehendendo quanto era compromettida a minha situação n'uma sociedade em que tudo se julga pelas apparencias, a sua educação lhe fez ver toda a realidade, e por isso tenho a retribuir-lhe gratidão pela maneira delicada porque se comportou comigo.

Quando minha tia soube da chegada de Henrique,

da ilha da Madeira. tornou-se logo minha amiga intima, e sempre nos convidava para irmos a sua casa.

Nós iam quasi todos os dias, mas faziamos isto na idéa de consolarmos com a nossa presença o pobre doente.

Encontravamos muitas vezes o sr Armand D*** que dizia ir visitar o sr. Alfredo Martin pelo parentesco e outros sentimentos

Esta desculpa era inutil, porque se sabia muito bem que namorava então uma das francezas do estabelecimento, e como elle era conhecido como rei dos avarentos, achava mais commodo ver os seus amores ás fugidas, do que pagar a ampla liberdade do domingo que tão cara sae aos apaixonados d'aquellas mimosas flores.

Travou logo conhecimento com Henrique; amizade era impossivel porque Henrique e Armand D*** eram dois caracteres inteiramente diversos.

Henrique dizia-me ás vezes: parece-me que Armand D*** quer namorar-te, e tudo o que se passa com M*** creio que é para esconder essas intenções, como a fingida amizade pelo Martin, um pretexto para te ver, e para te fallar.

Isto podia ser verdade, mas eu não o acreditava, até que um dia o sr. Armand D***, a quem Henrique nunca offerecera a nossa casa, veio procural o, e dizendo-lhe a criada que Henrique tinha saído mandou me pedir para o esperar.

Entrou, e conversava comigo na sala quando instantes depois veio Henrique; porém elle não chegou tão breve que o sr. D*** não tivesse tempo para me declarar a sua paixão, como elle expressava.

—Dizendo-se amigo de Henrique, respondi eu, admiram-me essas palavras.

Elle julgou que eu me queria fazer *prude*, e continuou pintando o seu amor como a lava do Etna, capaz de derreter todo o gelo do monte S. Bernardo.

—Eu direi a Henrique que o veio procurar, disse eu levantando-me; prometto-lhe que guardarei o segredo que não devia confiar me, e que seria para o seu amigo uma offensa.

—Ora qual, replicou elle; não lhe diga nada, elle não o saberá, mas seja minha.....

—Bem se vê que o sr Armand D*** esteve sempre costumado com grisettes, interrompi eu com certo ar de ironia.

Como n'estas palavras percebeu certa allusão ao que elle desejava tanto que se não soubesse, mordeu os beiços, e com modo raivoso, exclamou:

—Em eu saindo d'aqui, posso dizer que a tive, que foi minha!

—E' verdade, redargui eu; porém, isso era uma infamia, e não o creio um homem infame, faço-lhe mais justiça, do que a sua consciencia que o illude.

—E' certo, disse então elle com ar envergonhado, mas posso dizer que a não tive, porque não quiz.....

Soltando uma gargalhada a semelhante disparate, pude exclaimar:

—Estou persuadida que não fará o que diz, pois se assim praticasse, arriscava-se a que lhe chamassem na cara — grande tolo.

Ainda estava rindo quando Henrique entrou, e por tal signal não pareceu muito satisfeito de ver em casa um homem que nunca tinha convidado.

O rosto de Henrique logo mostrou o que elle sentia, e a cara do sr. D*** mostrava... o seu despeito!

Trocaram se algumas palavras equivocadas, outras n'um sentido aspero, porém o sr. D*** desculpou-se e começou a elogiar a Henrique a formosura de sua irmã que tinha encontrado na vespera.

Tempos depois disseram-me que o sr. D*** apesar do meu conselho, expoz-se a que lhe dissessem o epitheto que eu em conversação tive a prudencia de lhe annunciar.

Tiradas estas caturrices da vaidade humana, o sr. D*** é uma excellente pessoa, e desde que se casou tem-se tornado um verdadeiro modelo dos maridos. O certo é que acreditar se-hia impossivel se não fosse assim, tendo escolhido por consorte uma menina que além de ser bonita e muito sympathica, reúne as mais eminentes qualidades, o que a faz ser adorada de todos que teem a felicidade de a conhecer.

N'estas visitas a casa de M.^{me} Levailant é que soube bastantes historietas; porém como não teem relação com o que me diz respeito, julgo inutil descrevel-as.

Henrique para se divertir com aquelle rebanho, tinha dito que um dos seus primos era immensamente rico, e que desejava encontrar uma senhora franceza que lhe fizesse novamente palpitar o coração, que estava amortecido com as caricias macacaes e sem espirito de algumas monotonas portuguezas.

Assim que aquella ninhada de formosas ouvira isto, não faziam já senão dizer para Henrique: *Soyez aimable*, traga-nos seu primo.

Um sabbadó, em uma noite bella e serena, apresentámos n'esse palacio o sr. Joaquim Pires; e M.^{me} Levailant que nos recebeu como se nós fossemos tres anjos, convidou-nos para no dia seguinte jantar em sua casa.

No domingo ás tres horas, a nossa chegada fez os encantos d'aquellas meninas.

Uma, assassinava o priminho com os seus ora languidos, ora fogosos olhares; outra pisava-lhe o pé com o saltosinho da sua botinha; outra sobrecarregava-o de offerecimentos de mau gosto. A que estava á sua esquerda não lhe fallava senão baixinho em ar de segredo; esses fingidos mysterios fizeram com que as outras lançassem áquella que tinha tido a dita de estar sentada ao lado do coração do mancebo, furibundas e ameaçadoras olhadellas.

Ou fosse pelos olhares assassinos, ou por estar mais perto do fogo do coração da joven, certo é que elle se inclinou para a sua esquerda; talvez conhecesse que as outras não mereciam preferencia, e por isso escolheu a que era o verdadeiro typo da *grisette endimanchée*.

Tudo correu por tão bellos caminhos de ferro, que convencionaram logo que na quinta-feira, dia santo e de saída para aquellas mimosas flores, elle a viria buscar n'uma carruagem para irem jantar fóra da terra.

Quando Henrique me contou isto, ri me muito porque vi que julgavam o priminho um *Crésus*.

Alguns dias depois nos veiu elle visitar; Henrique perguntou-lhe como iam os seus amores

— Quem a M * * * ? disse o sr. Joaquim, não a tornei mais a ver.

— Quando a convidas a jantar e a beber Champagne ? disse Henrique.

Isso importa em mais do que ella vale; respondeu o sr. Joaquim, primo de Henrique, e mancebo que possuia alguns dotes de alma, e por isso era querido e estimado de todos que o conheciam.

Diziam algumas pessoas que pena era que elle estivesse tão ligado com certo jesuita, que de certo mais cedo ou mais tarde, lhe havia de infundir o seu modo de pensar, reservado e perigoso. Mas n'esse tempo o sr. Joaquim Pires tinha melhor character, e era a pessoa mais bondosa possivel; o que eu sei, é que, aconteça o que acontecer no mundo, o sr. Joaquim pode dizer que tem em mim a mais sincera affeição, pois que nunca me hade esquecer o quanto Henrique o estimava.

.....

.....
Isso importa em mais do que ella vale, disse o sr. Joaquim Pires, pondo-se em pé, e pedindo a Hen-

rique um charuto, que elle accendia para mudar de conversa, em quanto eu tocava com mais força sobre as teclas do piano, para disfarçar a vergonha que sentia por aquella mulher, que talvez não tivesse bastante reflexão para conhecer a indecencia do seu procedimento.

Ia um ministro estrangeiro n'um sabbado escolher gravatas, ella lh'as provava; elle agradava-se d'aquella cintura de abelha, e dizia-lhe que fosse no dia seguinte a sua casa. No domingo ella atravessava com todo o descaramento a fileira dos criados do sr. ministro.

Acontece quasi sempre assim. Quando uma mulher perde a decencia que deve ao seu sexo, atirando-se á cara dos homens, nada mais neste mundo a envergonha.

E' preciso que uma mulher não tenha o menor instincto de pudor para ir a casa de um homem, ás visitas que essa creatura lá ia fazer, para depois sem vergonha sair no meio das mofas, e das gargalhadas dos lacaios, com a cabeça erguida sem se denegrir e tornar-se o ente mais vil.

Basta sobre uma grisette.

O pobre sr. Martin, que cada dia estava peor, começou a dar (diziam) indicios de loucura.

Muitas vezes a força de desgostos faz com que uma pessoa fique idiota.

A loucura d'este bom homem comprehendiamol-a Henrique e eu: eram os martyrios em que vivia. Algumas vezes, quando nos achavamos todos tres reunidos, dizia o sr. Alfredo Martin:

—Toquem piano, porque se o não ouvem vão julgar que eu lhes confio os meus segredos, e vão aborrecer-me de falsas caricias e fingidos sentimentos. Eu bem comprehendo que me querem fazer passar por doido, e á força de m'os repetirem de certo o ficarei.

Henrique dizia-lhe:

—Porque não se allivia d'esse jugo?

—Estou doente, respondia elle; perdi toda a minha fortuna, e uma mulher que m'a tomou debaixo da sua mão de ferro, nunca m'a deixou de novo levantar, porque temia que lhe fugisse a sua victima. Esta mulher foi infeliz, e não quer que ninguem seja o contrario. Doente, não posso procurar emprego, nem ella m'o consentiria Recorrer a minha familia... tenho só um irmão, e esse está desgraçado por causa da sua mulher. Tenho uma prima, é verdade, e é milionaria; mas essa mulher que atraçou o meu coração, que eu lhe tinha dedicado cheio do mais sincero amor, é hoje esposa de um dos mais ricos capitalistas de Lisboa! essa mulher, apesar dos juramentos mais sagrados, apesar das promessas das nossas familias, apesar do tempo de infancia que passámos juntos, calçou tudo aos pés! esqueceu tudo para ser esposa de um banqueiro, para ter entrada nos grandes bailes, para poder mostrar os seus brilhantes, os seus extravagantes toucados, e vestidos de veludo! Falseou-me primeiro com o conde de ***; mas esse homem era um perdulario, e preferia a tudo as mulheres que subiam ao palco... Oh! essa creatura, essa prima minha, foi a causa de todo o mal que me tem succedido, porque eu a amei puramente e queria um dia chamar-lhe minha esposa! e ella, só tinha n'aquelle peito, corrupto e desnaturalizado, a ambição, e o egoismo!!! Recorrer agora ao dinheiro, ao dó, á piedade d'essa creatura que eu detesto, não. Prefiro estar martyrisado, e morrer assim. Josephina que se recorde da sua infancia, e lembrar-se-ha de quanto eu era bom, e confiente; agora soffro; dizem que estou doido, deixo dizer. Assim tenho mais socego, e é o que eu quero antes de morrer. Pires, tu és homem, continuava elle, apertando a mão de Henrique; tu comprehendes quanto tenho soffrido; não chores, Josephina, dizia-me elle; não chores, tenho pouco a soffrer; é o que me consola. Ouço

que vem subindo a escada, é *ella*... Tenho a tua palavra Pires, e a tua tambem, Josephina; segredo.

Henrique corria para o piano, e punha-se a tocar vivamente; eu abria um album, ou um livro qualquer, e o sr. Martin encostava-se n'um sophá. Entrava M.^{mo} Levailant, e sentava-se perto d'elle.

—Então que faz? lhe dizia ella.

—Estou ouvindo Henrique tocar, respondia o pobre homem.

—Gosta de piano? perguntava de novo.

—Gosto muito, bem sabe que sempre gostei de musica. A musica não faz soffrer, pelo contrario é tão agradavel...

Quando elle dizia estas palavras, as lagrimas vinham aos olhos de Henrique, e eu como mais fraca chorava.

Tinhamos a constancia de irmos todos os dias, fosse por que tempo fosse, a casa de M.^{me} Levailant; ahí havia um ente que soffria, e a quem a nossa presença e as nossas palavras consolavam; eis o motivo porque não faltavamos. Quem ama é caridoso.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

EXPLICAÇÃO SOBRE UMAS MEMORIAS.	IV
INTRODUÇÃO	X

CAPITULO I. Meu pae—Minha mãe—A escrava — O meu nascimento — Meus manos e irmãs—Morte de minha mãe — Madrasta sem autorisação da egreja —Principia a apparecer minha tia—Tenho a sorte —Primeira viagem—Recordação de uma queda—Minha boneca afoga-se—Chegada a Lisboa—Meu tio o sr. Levillant—Primeira entrevista com minha tia Clementina Levillant—Substituição da minha boneca afogada—Decisão e resposta de Salomão —Immortal Malbrouck—Principio a ir ao theatro—Recordação do esplendor dos brilhantes de minha tia.

1

CAP. II. S. Magestade a senhora D. Maria II — Tenho a grande honra que ella me chame sua patricia, e de me dar muitos beijos—Sem cerimonia deixo cair o licor sobre o vestido de S. Magestade — Famosa quinta de Camarate—N'um tanque meu primo e eu, tornamo-nos lavadeiras—Os saloios fazem respeitar o Santissimo Sacramento—Vejo Cintra, Mafra etc. etc. etc.—M.^{elle} Isaure—Georgetta tem um conde por padrinho—Desapparecimento de meu tio—Apparecimento do sr. Alfredo Martin—Maria, Joanna, e S. Magestade Imperial Duqueza de Bragança—Sou rainha—Admiro Lucrecia Borgia, Roberto do Diabo etc. etc. etc.—Diademas que não podem ter dramaticos resultados—A rainha chora, mas dá beija-mão —A rainha, cantoras, e dançarinas, tudo chora — Principal Potencia—A rainha é qualificada diabo— —O sr. Martin toma a rainha nos seus braços — Terrivel *cabeça de burro*—Principio a ter resolução —Fujo á cabeça de burro—As francezas espantam-se—Resultados de ser rainha—Segunda viagem. . .

6

CAP III. Inglaterra—Calais—Paris—Meu tio J. L. Lasence—Minhas primas Noémie e Clémence e a sua institutrice M.^{elle} Eugénie—Sou cantora—Entro para o *Sacré-Cœur de Conflans*—Carta de minha tia—As

- religiosas e pensionistas gostam de mim—M.^{mes} de Bremon, de Valois, e de Broin—Regulamentos do Sacré-Cœur—Uma cruz por causa de um tinteiro—Juramento por causa das memorias de M.^{me} Lafarge—Solemnidade da minha primeira communhão—Confirmação recebida pelo arcebispo no Sacré-Cœur da rua de Varennes—Passeios—Trasladação das cinzas de Napoléon—A senhora Condessa—Mr. Joly—Aparece a fantasma—Em dia claro a fantasma ameaça—A superiora torna-se minha mãe, e não consente que eu saia. 14
- CAP IV.** Desejo fazer-me freira—Ciumes de minha prima—Os resultados d'esses ciumes fazem-nos entrar na instituição de M.^{me} Morel—Premios ganhos n'esta instituição—Novo ataque de ciumes—Minha prima sae do convento—Acabo a minha educação—Tenho que deixar a França como uma ingrata. . . 30
- CAP V.** Havre de Grace—Bonito brigue Liberdade—Capitão Passos—Primeira tempestade no mar—Sr. Martin—Fatal mudança—Chamam-me princeza—Boa conselheira—Procissão do Senhor dos Passos—Primeiro amor platónico—Primeira carta de amor—Amor declarado n'um cemiterio, debaixo d'um cypreste—Irei, ou não irei para o Rio de Janeiro—Amigas que deixam de ter amizade quando teem caleche—Soffro por ver injustiças—Parto para o Rio de Janeiro 34
- CAP VI.** A linha—Festas ao sr. Neptuno—Chegada ao Rio de Janeiro—Meu pae—Alegria que todos me manifestaram—Sr. Botelho—Sr. senador***—Guinchos dos macacos—Vozes das escravas—Admiração que causam umas botinhas—Sou nomeada anjo tutelar—Minha irmã e meu cunhado—Resolvem que eu vá morar com elles 39
- CAP VII.** Vou para S. Domingos—Chamam-me a romantica—A familia Constant—O almirante e os officiaes da fragata La Gloire—O almirante á semilhança de meu tio agrada-se da minha voz—Resposta de creança á primeira proposta de casamento. . . . 41
- CAP VIII.** Meu cunhado decide os passeios a cavallo—Sr. Chi*** M*** sr. W***—Serios arrufos n'um baile—

- D. Maria R*** S***.—Familia Guido, embaixador de Bonoyarès—Pilareita Guido—Segunda resposta de creança a segunda proposta de casamento. 44
- CAP. IX. Vou com a familia Guido para o campo — Divertimentos pastoris, e innocentes coróas—Verdadeira felicidade — *Chateaux en Espagne* — Volto para casa de minha irinã—Principio a ver nevoeiros — Minha mana chama-me romantica—Meu cunhado chama-me créole exaltada. 48
- CAP X. Uma filhinha de D. Maria R*** S*** tem a febre escarlatina—Provo a minha amizade—Meu cunhado louva-me; minha mana zanga-se—Sou enfermeira—Emilinha está salva!—No meio de uma walsa fico atacada—Daniel Guido—Dr. Fou...—Meu pae —Perigo de vida—Salvamento. 50
- CAP. XI. Partida de caça em que o sr. Chi*** M*** passa de dandy a pato—Das rizadas d'esse acontecimento, ganhei um par para todas as walsas—Das gargalhadas d'essa catastrophe, ganhei uma declaração—Conselhos de meu cunhado—A rua fica bem calçada—Impressão da palavra morrer, no meio de um baile—Uma rosa branca sim, uma violeta não — No Rio de Janeiro, a ultima vez que vou *dans le mond*—Meu ultimo passeio a cavallo no Rio. 54
- CAP. XII. Carlota— Sou rival de uma escrava—Uma carta n'um livro—Meu pae zeloso—Engulo uma carta—Uma carteira em perspectiva é a reconciliação —Vence-se mais pela doçura que pela autoridade. 57
- CAP XIII. Casamento do imperador—Casa-se a princeza D. Januaria—Casamento por amor da princeza D. Francisca com o principe de Joinville—Espanto de um homem sair a pé—Espantam-se de um charuto—Espantam-se de umas calças sem prezilhas—Capitulo em que se diz que um homem pode ser principe e democrata—Vou ficar com D. Maria B*** —Um marido comparado ás furias do tufão—Um peu de raisonnement—Illusões e desejos. 59
- CAP. XIV. Quando nasce cupido, as cartas desejam passar a expressões verbaes—Poeticas conversas ao luar—A's vezes os relampagos e a chuva obrigam a fechar a janella—Tenho cuidado na minha escrava—Um homem

- com amor n'alma e honra ne coração—Meia palavra—Meu mano Carlos—Justa indisposição de meu pae—Dize-me quanto tens, dir-te-hei quanto vales—M.^{me} Carlota continua a ser boa mae para meu irmão—Trabalho para uma reconciliação—Dote que é necessario a uma mulher de orgulho 63
- CAP. XV. Cedo o meu quarto—As pedrinhas acordam o casal—O portador das violetas vac-se embora triste—As violetas estão repartidas—Confissão resultada d'essa repartição—Meu cunhado admira a energia—Minha mana chora—D. Maria abraça-me—Verdade sobre minha irmã—Um alfinete de peito—Sympathia fraternal por conveniencia—O portador das violetas apresentado por meu cunhado—Planos—Desejos de viagens—Despedidas—Ultima visita à familia Guido—Inuteis cartas de recommendação—Meu defeito dominante é um peccado mortal. 67
- CAP. XVI. Deixo outra vez a minha patria—*Que Dieu te conduise a ton bonheur*—Ao ver uma pallidez, foge-me a palavra; ao apertar uma mão fria estremeço—A medalha da minha primeira communhão é um penhor. 71
- CAP. XVII. Acostumo me aos baloiços—A familia Kinglofffer—Uma ingleza formosissima—Contravento na altura de Cabo-Verde—Tempestade—Admiravel movimento dramatico que tem M.^{me} Ramos—Mysterio—Bandeira bordada. 72
- CAP. XVIII. Chegada a Lisboa—Sr. Alfredo Martin—Promessas de amizade—Lagrimas de minha tia—Bondade paternal—Agradeço a minha tia—Annette—Fecho a minha alma—Toco piano, o sr. Martin toca rebeca—Comprehendemos mais do que tesouras e agulhas—Fazem de mim nma figurinha—Declaram-me que minha tia tem ciumes—E' uma difficuldade para mim admirar as bellezas e as caricaturas. 74
- CAP. XIX. D. Emilia Pereira da Costa é minha amiga—Scenas que me affligem sem as poder remediar—Minha alma afogada—Quero descobril-a a meu irmão—Esperança—Ter fé, e esperar—Minha posição está mudada—Dou as minhas coróas—Principio a ter philosophia—Quero ser freira—Viagem—Desastre

- sem maus resultados—Minha resignação aborrece minha tia—Sr.^a O*** alma poetica—Uvas verdes, e a raposa sem vontade de as devorar..... 77
- CAP. XX. Chegamos ao Havre—Uma senhora á procura de seu marido—Meu tio conserva rancor—Uma pensionista de S. Deniz, transformada em *petite maitresse*—Uma condessa rival de uma institutrice — Provo que a minha vontade pode mais que um passeio—Meu tio recusa-me uma licença—Intervenção de minha prima—Principio a desconfiar que não posso viver com minha familia—M.^{elle} Octavie comparada a uma mosca..... 81
- CAP. XXI. A *femme de chambre* de minhas primas— Vou abraçar as minhas queridas *Damas do Sacré-Cœur*—A superiora ainda é minha amiga—E' mais agradável aos olhos de Deus uma boa mãe de familia, que uma freira—Confesso-me ao padre d'Abady —Fé e esperança—Fico tão satisfeita, como se me nomeassem rainha de França..... 85
- CAP. XXII. A familia já está em casa—Botanica no meio da tempestade—Da tempestade surgem trovões e raios —A phantasma carrega a atmospherá —A *femme de chambre* não tem coragem de resistir á tempestade —Viajo n'um caracol—Minha coragem não resiste a um rato—A ordem tem mais força, do que o pedido—Suspiro por um fiacre—A porteira recebe-me nos seus braços, e as freiras levam-me á superiora —No horisonte escuro descubro o ceo azulado.... 88
- CAP. XXIII. Promessa de minha tia á superiora—M.^{cile} Louise*** é mais um anjo no ceo—M.^{elle} Octavie é embaixatriz — Recebo a benção das religiosas e do meu confessor—Saio do Sacré-Cœur—Noêmi espion —Clemence anjo—Despedida de minha familia—Havre de Grace—Mr. e M.^{me} Vi.....y—Tempestade e naufragio visto de um rochedo—Capitão Passos—Embarcamos para Portugal—Uma infeliz—Uma exaltação qualificada de loucura..... 93
- CAP. XXIV. Chegamos á barra—Doce manifestação de amizade—*Tenha paciência!*—D. Emilia Pereira da Costa é sempre minha amiga—Annette—Tomo um logar vago—Esperamos Mr. Dupey***—Condessa de

- L**—Sobrinha da baroneza da Ré***—Resultados do vestido de uma condessa—Minha tia quebra a promessa feita á superiora—Segunda coruja dos Mystérios de Paris—Sr. Martin quer que eu não tenha energia—Soffrer tudo.... humilhar-me não—Bom irmão—Cabelleireiros e barbeiros em afflicção—Papel queimado é quasi um remedio—Minha tia é a sentinella..... 98
- CAP. XXV. O governador civil está informado—Justiça—Interrogação—Combate entre a religião e os laços do sangue—Eu accusada de envenenadora—Tiram-me de casa de minha tia—Familia Armand—Um casamento salva-me da coruja—Caro vestuario—Folhas caidas—Estou casada—Desespero—Entro na minha casa—Franca explicação—Aos quinze annos um cãosinho e uma boneca fazem esquecer tudo—Sr. Alfredo Martin pede-me perdão..... 106
- CAP. XXVI. Deixamos Lisboa—Oito dias em Londres—Estamos em Paris—Minha sogra—De que nação serei eu?—Já não sou rainha, nem princeza, nem diabo, sou *un bijou*—O nariz retorcido, e o queixo arribitado de minha sogra, faz me lembrar a coruja—Meu sogro—Mr. Joly dá-me um conselho—Meu marido parte para a Austria—Mr. e M.^{me} Rodin—M.^{elle} Julia—Annos da irmã de minha sogra—Aos oito annos fugi de uma cabeça de burro, aos dez fujo de um phantasma, aos quinze quero fugir do desespero—O que eu vi quando cheguei á *Pont de Henri IV*—Meu sogro e seu cunhado á minha procura—Carta d'Austria..... 118
- CAP. XXVII. Partimos—Passamos por Meaux, Chateau-Thierry, Châlons, Barle-Duc, Luneville, Strasbourg, Charlsruck, Stuttegard, Vienna—Meu sogro regressa a Paris—M.^{me} Vlsk, primeiro conhecimento da Alemanha—Ao descer o Danubio o coração palpita—Pesth—Bellas mulheres—Conhecimento de Mr. e M.^{me} Selly—Minha voz torna a entrar no capitulo—Pesth..... 126
- CAP. XXVIII. Beckes—As abelhas—Comorn—Voltamos para Vienna—O Prater—Casa romantica—Os veados sabem agradecer—Prefiro os veados ao amigo

- de meu marido—Uma romança vale-me uma declaração—Principia a apparecer M. me Qall—Um amigo que se despede de seu amigo—Pedem-me um souvenir—Illusões de um retrato—Converso com elle. 128
- CAP. XXIX. Algumas palavras sobre a cidade de Vienna—Artilheria serve para um sino—Olmütz—Wenceslau III—Lafayette—Brunn serve de quartel a Napoleão—Palacio dos principes de Dietrichstein—Munich—Prague—A senhora bohemia—A lingua ingleza não me serve, a franceza prega-me a mesma peça—Dou as minhas mãos, e guardam-me a esquerda—Desmaio no meio da verdadeira prophecia—M. me Qall principia a ser minha mãe—O pé escorrega-me no gelo—Prague pittoresca—Palacio do conde Czernin—Tumulo de S. João Nepomuceno. 134
- CAP. XXX. Breslau—Primeiras e ultimas palavras asperas—Amo devéras Portugal—Grande resolução—Pequeno documento—Choro ao ver umas laranjas—Como condição, não—Egreja aonde abunda a prata—Egreja de Santa Isabel—Palacio de Schamborn—Bella praça—Oder—Minha alma vive—Kalitz e Plock insignificantes—M. me Qall é um livro—Ostroleka vingativa—Kolno. 145
- CAP. XXXI. Principio a aborrecer-me devéras—Johannisbourg, aonde entrei e que não vi—Em Quika principia a melancolia—Arys, insignificante—Schimouken—Sou tola—Rastembourg e Augerbourg passam desaperechidas—Lago de Maner do qual não fallo—Gumbinnen—Tapiou—Em Konigsberg não vamos para o hotel—Admiro as magnificencias construidas pela ordem teutonica—Leiam este capitulo, que saberão por quem esta cidade foi fundada. . . 150
- CAP. XXXII. Pillau e o golfo de Dantzick com suas aguas milagrosas—Brandenbourg a instruida—Bransberg a philosophica—Elbing—Mariembourg, e o seu fomoso castello—Dirchau patria de Reinald Forster—Receio de uma ponte de botes—Dantzick—Bella egreja de Santa Maria—Não fallo de Mewe—Marienwader—Grandeuz—Strasbourg---Bromberg a horrenda---Desenhames---Posen---Custrin. 152
- CAP. XXXIII. O espirito continua na semsaboria---Não

- quero ficar em Francfort---Berlin---Prefiro a rua de
Leipzig á bella rua de Unter-den-Linden. 155
- CAP. XXXIV. Tributo só reservado a Frederica, mas
aonde digo mais algumas coisas. 156
- CAP. XXXV. Revolta em Berlin. 170
- CAP. XXXVI. Brandebourg---Potsdam---Ponte de fer-
ro e o passeio Sans-Souci---Magdebourg---Brunswich
no Hanover---Celebre Lola Montes---Hamelens ---
Dos meus sonhos faço um retrato---Holzminden com
os seus moínhos---Lippstadt com seu convento fidalgo 173
- CAP. XXXVII. Tumulos dos duques de Berg---Aix-la-
Chapelle e algumas das suas curiosidades---Alegria
da imperatriz Josephina Bonaparte --- O diabo de
volta com os senadores---O diabo desesperado por
causa de um lobo, deixa um signal—Objectos santos 177
- CAP. XXXVIII. Em que apenas menciono Maestricht,
Ruremond, Cleves, Nimeone, e Arnheim---M. me Vir-
gine D*** e pequenas noções sobre o casamento---
Amsterdam---Rutery, o glorioso rival de Du-Ques-
ne---Rutery arrisca seu filho—Infelizes irmãos de
Witt— Pequena mas justa censura de Luiz XIV—Al-
gumas palavras sobre Amstêrdam---Hoorn---Alkemar
---Haarlem---Leyden---La-Haye. 180
- CAP. XXXIX. Gonda--- Uma idealista tornada prosai-
ca---Cinco palavras do immortal Camões---Faço uma
novena---Suspiro por Lisboa---Rotterdam---Utrecht
---Breda--- Anvers, sua cathedral, e o tumulo de
Rubens---Bernadotte prega peça aos inglezes---Gand
---Arras---Amiens---Saint Denis e o convento da Le-
gião de honra---Engano de M.elle Octavie. 186
- CAP. XL. Torno a ver minha sogra --- Firme resolu-
ção ---Estou em Bruxellas---Tenho minha filha ---Es-
queço-me da Georgetta---Faço o juramento que um
dia as mascaras hão de cair---Ultima palavra sobre
a phantasma ---Algumas palavras sobre Bruxellas ---
Um tanque celebre --- O palacio dos principes de
Orange — O palacio do rei — O parque comparado
com as Tulherias—Algumas das macaquices do mun-
do—Casa da moeda—Largo rodeado de cafés—As
demoiselles de comptoir—Passage de S. Aubert—
Alameda verde—Egreja de Santa Gudula comparada

- com a do Loreto — Carta do sr. Alfredo Martin — Sr. João Lobo — Sr. conde de Azinhaga, irmão do illustre duque de Saldanha — Delicadeza d'este cavalheiro — Monsieur J. Van-Praet — Leopoldo, verdadeiro rei popular — Algumas palavras sobre as filhas de Thalia — Tornam a chamar-me um anjo — Para se acreditar o mal deve-se ser como S. Thomé — Pela morte de um pae perco uma amiga — Ultimo cuidado materno que recebo — Minha unica felicidade 193
- CAP. XLI. — Ostende — Douvres — Londres --- Southampton --- Debaixo da opulencia, grande soffrimento --- Pobre Jenny --- Um relógio em troca de uma cruz — Recebo a benção de um cego --- Perda e embaraços --- Dão um penhor --- Infanta — D. Anna de Jesus Maria e o nobre marquez de Loulé --- Uma das tres hespanholas é uma belleza --- Oceano 209
- CAP. XLII. Vejo Portugal --- Receios --- Cruel abandono --- Commandante --- Perspicacia de uma femme de chambre --- Segunda benção --- Aonde é o Chiodo? --- Primeiro obsequio em Portugal --- M. me Levillant --- Caixeiros em miniatura --- Um macaco pelo caracol --- Um padre no pulpito --- Uma pendula viva --- Uma escadinha --- Amavel convite --- Caricato pequeno exame — Uma boba — Quem me dá uma luz? Agostinha --- Uma valsa faz revoltar --- Malvina --- Minha tia --- Um bom consul --- Arrombamento de um bahu --- Creatura de marmore. 214
- CAP. XLIII. Hotel de Italia --- Oração a Deus --- Maria Brée --- Bolos que renderam um marido --- D. Emilia Pereira da Costa ainda é minha amiga --- Tenho dinheiro --- Vou para minha casa --- Respiro um pouco --- Sinto os primeiros movimentos de uma paixão --- O retrato dos meus sonhos de Vienna, referido no capitulo xxviii e feito em Hamelns no capitulo xxxvi, acho o original --- O sr. barão * * * --- Minha boa Emilia --- Felicidade n'uma carta --- O sonho apparece --- Amor 224
- CAP. XLIV. Um amigo de meu pae — Sr. Alfredo Martin — Abre! abre que é M. me Levillant — Nova scena da coruja dos Mystérios de Paris — Nos seus braços!!! — Laços indissoluveis — Duetos — Tenho a

- minha Mariquinhas — Procissão do Senhor dos Passos — Um lord em miniatura — Henrique — São Carlos — M.^{me} Levillant manda-me saudades — D. Julia — Sr. Eduardo — Cartas anonymas sem resultado — O jogo — A's dez horas chego a Cintra — Pequena reflexão — Encontro no hotel Victor — Sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca, (vulgo Monte-Christo.) 243
- CAP. XLV. Passeios --- Cavallo sem freio --- Os saloios --- Sr. Fonseca na quinta de Belem --- Sr. Fonseca parte para Paris --- Henrique parte para a ilha da Madeira --- De quem será a carta? --- Os catraeiros --- Lazareto --- E' elle!!! --- Quero ser independente --- Sr. Sousa --- Morte da princeza Amelia de Bragança --- Tenho novamente a amizade de minha tia --- Sr. Augusto T*** --- Minha criada Conceição, e o sr. Manuel B*** --- Sr. Armand D.*** --- As grissettes á caça do primo millionario --- Sr. Joaquim Pires --- Pobre sr. Alfredo Martin 268

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol,	22:000	A Herança do Chanceller, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr.	400
Encadernada	27:000	Pedro, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr.	300
Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol, em papel.	11:600	A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr.	480
Encadernados	13:600	Canticos. 1 vol. 8.º fr.	720
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras.	200	Alva Estrella, d. em 5 actos.	300
M. M. B. DU BOCAGE		F. SOARES FRANCO	
Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol	4:320	Sermões, 2 vol. 8.º fr. contendo 24 Sermões.	960
BARRETO FEIO		ANTONIO DE SERPA	
Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol.	2:880	Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr.	400
LIMA LEITÃO		Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.	320
Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º	800	F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO	
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr.	1:200	Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio.	6:750
REBELLO DA SILVA		LOPES DE MENDONÇA	
Fastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr.	960	Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr.	720
A Mocidade de D. João v, c. d em 5 actos.	480	Lições para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr.	400
Othello ou o Moiro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr.	300	L. A. PALMEIRIM	
MENDES LEAL JUNIOR		Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º fr.	600
Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr.	360	Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol.	360
O Homem de Ouro, d. em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º fr.	300	Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.	400
		O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º	160
		A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º fr.	160
		A. CEZAR DE LACERDA	
		Um Risco, c. em 2 actos.	160
		Scenas de familia, c. em 2 actos.	320
		A Duplice existencia, c. em 4 actos.	240
		A Probidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed.	300
		Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos.	360
		Uma Lição de florete, c. d. em 3 actos.	180
		Trabalho e honra, c. em 3 actos	300
		A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos.	300

Coração de ferro, d. phantastico em 3 actos.....	300	Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo.....	240
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda.....	120	O Marido no Prêgo, c. em um acto.....	160
E' perigoso ser rico, comedia em um acto.....	160	Já não ha tolos!.. c. em um acto.....	80
As joias de familia c. d. em 3 actos.....	300	Não desprese sem saber, c. em um acto.....	120
MENDES LEAL ANTONIO		O Colono, c. d. em 3 actos.....	160
Poesias, 1 vol.....	500	Segredos do Coração, c. d. em 3 actos.....	200
Abel e Caim, c. em 3 actos.....	240	O Juizo do Mundo, c. d. em 3 actos.....	240
Uma Victima, d. original em 3 actos.....	160	A Mascara Social, c. d. em 3 actos.....	200
Dôr e Amor, c. d. em 3 actos...	200	A Pelle do Leão, c. d. em 3 actos.	200
J. D'ABOIM		A Roda da Fortuna, c. d. em 3 actos.....	160
A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos.....	240	Nem tudo que luz é oiro, c. d. em 3 actos.....	200
O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto.....	80	O dia 1.º de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos.	200
O Homem põe e Deus dispõe, c. em dois actos.....	120	O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo.....	200
As nodos de sangue, d. em 3 actos.....	160	JULIO CESAR MACHADO, E	
Cada louco com sua mania, c. original em um acto.....	100	ALFREDO HOGAN	
I. M. FEIJOO		A Vida em Lisboa, c. d. em 4 actos.....	300
Camões do Rocio, c. em 3 actos.	300	Primeiro o dever! c. d. em 3 actos.....	160
A Torre do Corvo, d. em 4 actos e um prologo.....	400	F. EVARISTO LEONI	
Carlos ou a Familia de um Avarento, c. em 4 actos.....	240	Genio da Lingua Portugueza... ..	1.800
Pedro Cem, c. em 5 actos.....	300	J. C. DOS SANTOS	
Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos.....	300	O Segredo d'uma Familia, c. em 3 actos.....	240
E. BIESTER		O Pae prodigo, comedia em 3 actos.....	200
Um Quadro da vida, d. em 5 actos.....	480	O Homem das Cautelas, c. em 2 actos.....	200
A Redempção, c. d. em 3 actos.	360	Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos.....	180
Duas epocas da vida, c. em 2 actos.....	240	Maria, ou o Irmão e a Irmã, c. em 3 actos.....	180
Uma viagem pela litteratura contemporanea.....	200	Uma chavena de chá, c. em um acto.....	120
As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto.....	120	Convido o coronell!.. c. em um acto.....	100
Um homem de Consciencia, c. em 2 actos.....	160	A Herança do tio Russo, c. em 3 actos.....	220
O Maestro Favilla, drama em 3 actos.....	200	HENRIQUE VAN-DEITERS	
ALFREDO HOGAN		Poesias, 1 vol.....	360
As Brasileiras, c. d. em 3 actos.	300	Os moedeiros falsos, c. d. original em 3 actos.....	160
Ninguem julgue pelas apparencias, c. d. em 3 actos.....	360	Dois cães a um osso, c. em 1 acto	100
Os Dissipadores, c. em 4 actos..	400	Não envenenes tu, a mulher qui-proquo em 1 acto.....	120
É melhor não experimentar, c. em 1 acto.....	200	Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.....	100
Memorias do Coração.....	240		
A Irmã de Caridade, c. em 2 actos.....	160		

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA	Ultimos momentos d'um Judas; entre-acto tragico-burlesco... 80
A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectáculo em 4 actos 1 prologo, e 21 qua- dros, formada sobre a lenda—	JOSE BENTO D'ARAUJO ASSIS
Les quatre fils Aymon..... 320	O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos. 180
A Costureira, c. em um acto.... 100	As duas paixões, c. em 1 acto.. 120
Erros da Mocidade, c. em 3 actos. 160	OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES
MANUEL ODORICO MENDES	Reflexões sobre a lingua portu- gueza, 2.ª ed'..... 720
Opusculo ácreea do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a refe- rida obra composta original- mente em portuguez..... 200	Cirurgia e medicina 1 vol 360
I. DE VILHENA BARBOSA	Camôese o Jão, scena dramatica. 100
Cidades e villas da Monarchia Portugueza que tem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.º fr. (com es- tampas lytographadas)..... 3:000	Adições ao Manual do Tabel- lião..... 200
JULIO CESAR MACHADO	Rudimentos de economia politica, para uso das escolas..... 200
A esposa deve acompanhar seu marido, c. em um acto..... 140	Monitoria secreta ou instruccões secretas dos padres da compa- nhia de Jesus..... 80
O Capitão Bitterlin, c. em um acto..... 140	E' já ministro? aventuras de um Anastacio..... 80
ARISTIDES ABRANCHES	O Mentor da mocidade..... 120
Stambul, c. em 3 actos e 9 qua- dros..... 300	Ensaíos poeticos..... 60
A mãe dos escravos, d. em 4 actos..... 200	Um viagem á Inglaterra, Belgica e França..... 120
Como se descobrem... mazellas, c. em 1 acto..... 120	Anjo, Mulher, e Demonio, c. d. em 2 actos..... 200
Trovoadas de maio, c. em 1 acto 160	Amor e Amizade, c. em um acto. 80
Os dois pescadores, c. em 1 acto. 80	O amor e o Dever, c. em 3 actos. 240
Nem todo o mato e oregãos, c. em 1 acto 160	Amor virgem n'uma peccadora, c. em um acto..... 160
J. R. CORDEIRO JUNIOR	A Cruz, drama em 5 actos..... 320
Amor e arte, drama em 3 actos. 220	29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 ac- tos 300
O Arrependimento salva, drama em um acto..... 100	Tudo no mundo é comedia, c. em 3 actos..... 200
Fernando, comedia-drama em 4 actos 200	A Conversão d'um Agiota, c. em 2 actos..... 160
J. I. DE ARAUJO	1640 ou a restauração de Portu- gal, facta historico em 4 actos 7 quadros e um prologo..... 300
A princeza de Arrentella, trage- dia burlesca em 3 actos..... 160	Graziella, drama em um acto.. 100
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em 3 actos..... 200	Os dois irmãos drama em 4 actos. 200
Um Bico em Verso, scena co- mica 60	Guia do povo para escolher uma medicina, 1 vol 8.º fr..... 400
O Principe Escarlate, tragedia burlesca em 2 actos em verso. 180	As Primaveras—Poesias por Ca- semiro Abreu, 2.ª ed. 1 vol... 500
Um homem que tem cabeça; c. em um acto..... 100	Brios Militares, c. d em 1 acto, por J A A. Machado..... 100
	Origem, e ortographia da Lingua Portugueza, por Duarte Nunes de Liaõ Nova ed. em 1864. 1vol.. 500

NO PRELO

A Conquista das Amazonas, comedia-drama em 2 actos.
Dois contos por dia, comedia em 3 actos.
Minhas Lembranças, poesias de F. D. d'Almeida Araujo.
Memorias da minha vida, recordações das minhas viagens; por Josefa Neuville.

MEMORIAS DA MINHA VIDA

RECORDAÇÕES DE MINHAS VIAGENS

POR

JOSEPHINA NEUVILLE

DEDICADAS A MINHAS FILHAS

OFFERECIDAS A ***

Charité envers les autres;
Dignité envers soi-même;
Sincérité devant Dieu.

Telle est l'épigraphe du livre que j'entreprends.

GEORGE SAND

VOLUME II.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 73

—
1864

MEMORIAS DA MILITIA VIDA

MEMORIAS DE JORNAL TERCIA

JOSEPHINA MICHIELLE

INDICADOR A PARTIR DE 1848

OPERA RECIDIA A. 1877

CLASSE DE 1848
INDICADOR DE 1848

TOMO DE 1848 DE 1848 DE 1848

INDICADOR

INDICADOR DE 1848

INDICADOR DE 1848

INDICADOR DE 1848

CAPITULO I

Sr. J. L. Lassence—Sr. Alfredo Martin mettido n'um hospital de doidos—Rilhafolles—Sr. Lassence parte—Sr. Martin volta para casa—M.^{mo} Levailant está doente—Duas lagrimas por ultima despedida—Presentimento—Um relógio parado—Ultimo passeio—Henrique está doente—Ultimas palavras de um adeus eterno—Fatal relógio—Morreu!

Estava Henrique na ilha da Madeira, e minha tia sabendo que o soffrimento d'essa ausencia me fazia quasi phthysica, mirrando-me a dôr de tal separação, que talvez me teria arrastado ao tumulo, n'este momento de tanto desespero para mim, ao qual se juntavam os embaraços para fazer as despezas da casa, porque cheguei a vender cada semana uma joia; foi n'essa epoca de afflicção e angustia que minha tia mandou a minha casa o sr. *** que me disse querer comprar um lindo relógio de esmalte que eu tinha comprado ao sr. Seixas na rua do Ouro. Este cavalheiro combinou comigo a compra d'esse relógio por nove libras, dando-me tres de signal, e dizendo que no dia seguinte me mandaria as outras seis. Até hoje!!

Seriam essas seis libras entregues a minha tia para me serem remettidas?

Não creio.

Seria esquecimento da parte do sr. ***?

Não penso tal.

Seria abuso de algum criado?

Não.

Não julgo senão que a pessoa que foi portadora

d'essa quantia a perdeu, e não tinha meio de a poder restituir.

Sei, porém, que infames accusações teem sido levantadas a esse respeito. Mas eu que aprendi no *Sacré-Coeur* a verdadeira religião, perdôo, e esqueço-me, não podendo todavia deixar de notar que ha homens que se não pejam de levar as mais infames acções ao mais alto grau de aviltamento.

Pois eu escrevendo ao sr. * ** para pedir o resto de esse dinheiro, escrevendo-lhe com a maior delicadeza como se fosse um obsequio que me fazia e não o dever, serviram essas mesmas cartas para se mostrarem aos amigos com miseravel orgulho, por que dizia:

—Ella é tanto minha, que me manda pedir dinheiro.

Ha procedimentos tão baixos e tão repugnantes, que por isso mesmo escapam a toda a critica, e merecem o mais profundo desprezo

Se eu tivesse ao meu lado um irmão, e que esse fosse um homem de brio e sentimentos, seguramente me saberia fazer respeitar.

Mas Deus recusou-me essa felicidade, e por tanto, não posso a qualquer calumnia e maledicencia senão dar o meu perdão, levantar os hombros com dó d'esses pequenos espiritos, e erguer a frente, embora me custem essas calumnias o peso da cruz.

.....

Um dia disse-nos M.^{mo} Levillant, que estando a chegar seu irmão, ella se via obrigada durante a sua persistencia em Lisboa a mandar o sr. Martin para fora de casa, porque sendo o sr. Lassence muito scismatico, podia a presença de um homem que soffria fazer-lhe mal.

Que desculpa!!

Como se n'aquella casa com dois andares não houvesse um quarto retirado.

Enfim, com este pretexto pediu-nos para acompanharmos com ella, no dia seguinte, o sr. Alfredo Martin para Rilhasolles.

Um hómem que soffria, e que tinha uma negra melancolia conduzido para um hospital de doidos!!

As ultimas palavras acertadas que elle disse, foi fazendo esforços para o não tirarem do trem:

—Josephina, Henrique, exclamava; que ambos sabem tudo, sejam testemunhas.

—E' uma barbaridade trazer este homem para um hospital de doidos; disse Henrique para M.^{me} Levillant.

—Se meu irmão o achasse em casa, seria capaz de tudo, respondia aquella creatura desalmada; mas eu farei com que o sr. Martin volte para casa, assim que o sr. Lassence partir para Paris, dizia ella enxugando duas fingidas lagrimas.

Tudo n'este mundo é movido por um interesse qualquer: amor com interesse d'amor; amizade com interesse d'amizade; ambição com interesse d'ambição.

O sr. Lassence não gostava do sr. Martin, porque receiava que elle estorvasse os seus interesses fraternaes.

M.^{me} Levillant podia ser duas ou tres vezes milionaria; e o que tem ella? Não sei. Toda a vida tem sido escrava, para remetter tudo a seu irmão. E este como bom irmão tem sabido bem desfrutar.

M.^{me} Levillant tem sido uma boa *California* para o sr. J. L. Lassence. Com essa mina elle dá fabulosos dotes a suas filhas, e ás suas *maitresses!* oh! isso é que é fabuloso!!! não fallo das *institutrices!!!* isso passava dos contos das mil e uma noites.

Se eu tivesse paciencia sufficiente, muitas comedias podia escrever servindo me da originalidade d'este *pequeno sultão*; mas não tenho paciencia, e estas minhas memorias escrevo-as para minhas filhas poderem aprender a resignação e a confiança que sempre se deve ter

em quem nunca desampara nem abandona quem verdadeiramente n'elle tem esperança.

O pobre sr. Martin debatia-se, chorava, e até se deitou aos pés de M.^{me} Levillant para o não deixar ficar n'aquella prisão (como elle chamava a Rilhafolles). Mas nem peditorios nem lagrimas puderam mover aquelle coração, que toda a sua vida tem sido de mar-more.

Os enfermeiros tomaram os choros e os gritos da desesperação por verdadeira loucura, e trouxeram a camisola de força

O pobre sr. Martin ergueu-se a victima conheceu que o sacrificio devia concluir-se, e resignou-se!

Quantas victimas terão entrado em Rilhafolles, como o sr. Alfredo Martin, e quantas não estarão agora furiosas rolando sobre palha?!!!

Leva-se uma pessoa, que estorva a ambição, para este hospital. Os que a não conhecem tomam o desespero d'um soffrimento por doidice; e quando a querem fazer sair, uma completa loucura lh'o não permite.

O veneno conhece se. O silencio do hospital compra-se.

Oh! atrocidade infame! n'um momento de desesperação exaltada pode commetter-se um crime, e por essa allucinação pode haver perdão. Mas um calculo de sangue frio, um calculo para desorganisar uma obra que Deus fez completa, não pode tão negro crime obter perdão nem na terra, nem no ceo.

Cinco dias depois do sr. Martin ter entrado em Rilhafolles, Henrique e eu fomos visital-o, mas elle então já não nos conhecia!

O governo d'este paiz devia vigiar e ser rigoroso com os abusos que se commettem n'aquelle estabelecimento. Que de mysterios se encontram ali!... a torpe ambição faz commetter todos os crimes; e o oiro compra o silencio.

Durante a persistencia de Mr. Lassence em Lisboa, não fui a casa de M.^{me} Levillant.

Um dia mandou-me ella dizer por um dos seus caixeiros, que Mr. Lassence me havia de castigar.

Castigar de que? ! Não era o abandono em que minha familia me havia posto que me obrigara a acceitar a protecção que Deus me concedia? E de mais, esse homem eu amava-o, e a isto não podia haver replica.

Não temi os castigos do meu tio, e muito menos as suas ameaças. Para eu estar forte, bastava lembrar-me Paris, a casa de Mr. Lassence, e a celebre phantasma que lá me appareceu! . . .

N'esse tempo eu era uma creança; em Lisboa tudo estava mudado, e se a phantasma me apparecesse, não havia senão fazer-me rir de desprezo.

Um homem nunca gosta de cair no ridiculo, por isso estava certa que o *croquemitaine* Lassence não me havia de apparecer.

Henrique sabia essa historia da phantasma, por isso rindo-se disse ao caixeiro:

—Se Mr. Lassence pozer cá os pés, eu lhe farei uma esplendida recepção

Parece que isto foi tão bem repetido, que a phantasma não se dignou apparecer em formas de papão.

Quando Mr. Lassence partiu para França, M.^{me} Levillant mandou-nos pedir que fossemos a sua casa. Nós não desejavamos ir mais visitar M.^{me} Levillant, apezar das comedias e scenas burlescas que diariamente ali se passavam; mas como tinhamos promettido ao sr. Martin, fomos.

Apezar da sua loucura elle tinha momentos de bom tino, e n'um d'estes é que apertando-nos as mãos, nos disse: Venham sempre, que são a minha unica consolação.

Todos os dias o viamos peiorar; chegámos um dia á nossa hora do costume, e ao entrar disseram-nos: M.^{me} Levillant está muito mal. Fomos para o seu quarto, e effectivamente, ella estava rodeada de medicos, e de todas as suas *grisettes*, transformadas em enfermeiras;

mas até n'esse officio de seriedade estavam preparadas como para o theatro, e deitando cada olhadella para os medicos, capaz de fazer perder a cabeça ao mais habil dos esculapios, transtornando-lhe os miolos n'um volcão ameaçado de uma tremenda explosão.

Coitados dos esculapios, em que martyrios se viam.

M.^{me} Levillant estava n'um triste estado, e ficámos com grande receio pela sua existencia, da qual os medicos davam bem pequenas esperanças.

Quando subimos ao segundo andar, um espectáculo mais triste nos aguardava. O pobre sr. Martin, que na vespera ainda fallava, estava immovel, e sem uso da palavra. Só os olhos mexendo pareciam dizer o que os labios não podiam expressar. Ao ver-nos, duas lagrimas brilharam n'esses olhos! esta foi a ultima prova de reconhecimento pelas nossas constantes visitas... foi o seu ultimo adeus!!!

Na sua bondade infinita, recebeu Deus sem duvida no seu seio um ente tão martyrisado.

.....
.....

Estava sentada em minha casa, ao pé de uma janelle da sala, com Henrique ao meu lado, que me segurava na mão direita, e tendo na esquerda um livro que tinha estado a ler-lhe, quando vieram de casa de M.^{me} Levillant trazer a Henrique uma carta de convite para elle assistir ao enterro do sr. Martin.

Não sei porque, mas aquella carta gelou-nos.

Sentimos as nossas mãos esfriarem e tremerem; olhando um para o outro assustou-nos a nossa reciproca pallidez: deitámo-nos nos braços um do outro, pronunciando ao mesmo tempo: Henrique! Josephina!

Depois de um momento de silencio elle abraçou-me dizendo:

— Devemos ser fortes; a nessa separação hade chegar; contra a morte não se pode nada.....

— Cala-te! cala-te, Henrique; exclamei eu.

—Não, continuou elle, devemos ao contrario fallar.

Elle sentou-se de novo, e passando um braço á roda da minha cintura, fez-me estar no seu collo.

—Tu não vês, creança, disse elle, com a sua meiga voz, escurecer o dia, e depois surgir breve o alvorecer do outro? Porventura o passado tornará a raiar? Tu não sabes a rapidez com que o tempo nos foge, e nos conduz da vida para a morte? Quando eu já não existir, promettes-me que sempre me guardarás na tua lembrança? Tu choras? eu não quero lagrimas, quero que me faças esta promessa. Tu és joven, não sou exigente, só te peço a tua lembrança.

—Se tu morresses, Henrique, lhe disse, eu quereria morrer contigo.

—Não, Josephina; tu és mãe, tu deves-te a tuas filhas, e tu és tão boa, minha querida Josephina, que Deus te hade fazer muito feliz. Eu não te peço senão lembrança, ouves? lembrança, promettes-m'a?

—Oh! sim, Henrique, lhe disse, apertando-o nos meus braços; se Deus te levar antes de mim, guardarei no coração lembranças e saudades que me pungirão eternamente. Tu serás o meu anjo no ceo, como Deus permittiu que fosses meu unico verdadeiro amor na terra.

Entraram n'esse momento as minhas duas filhas com a criada que vinham do jardim, d'onde nos tinham colhido raminhos de flores; foi feliz esta interrupção porque eu já não podia côm a sensação que me causavam as tristes palavras do meu querido Henrique.

Cheguei-me para o relógio para ver que horas eram, e não pude deixar de soltar um pequeno grito vendo que estava parado.

Henrique correu para mim, e ficou como uma estatua, vendo pelos meus olhos, que conservava fixos no relógio, o motivo do grito que eu dera.

—Que creancisse, Josephina! tu far-me-hias supersticioso, exclamou Henrique.

—Tu é que tens a culpa, respondi eu.

E n'isto demos um abraço, que nos fez esquecer presentimentos, e superstições.

Promettemos mutuamente não dizer uma palavra do que se tinha passado, e nunca mais fallámos d'essa occorrença senão quasi um anno depois, quando Henrique caiu doente.

Que eu tenha força sufficiente para continuar estas tristes memorias, porque soffro, soffro tanto quanto é possível a uma creatura, que ama ainda um ente que já não existe; ente por quem eu daria a minha vida, para o ver uma hora só que fosse. Quem passasse por uma dôr como a minha, é que poderá avaliar bem os meus soffrimentos, e os martyrios do meu coração; é que poderá comprehender que depois da morte se pode continuar a amar, e a amar como nunca se amou, com uma paixão que devora, com frenesi incessante, com uma firmeza que não morre!

É o que se passou em mim. Quando descobria o seu rosto, que banhava de minhas lagrimas, beijava-o, e seus labios não sorriam... seus olhos não se moviam!!! Oh! meu Deus, meu Deus! dae-me forças para eu viver, e para não succumbir á dôr que ainda hoje me espedaça o coração!!!...

.....

D'essa epoca em diante, não podiamos viver um minuto separados; fomos sempre felizes!

Eu fui feliz como nunca o tornarei a ser! Essa felicidade era grande de mais para poder continuar. Por isso, quando eu sentia o fatal presentimento de Henrique suffocar-me o coração, dizia-lhe sem saber porque: *J'ai peur de mon bonheur.*

Elle ria-se e eu realmente tinha medo.

Um sabbado fomos passar o dia na tapada d'Ajuda; ali recordámo-nos de todos os dias passados depois do

nosso conhecimento; ali lembrámo-nos dos nossos ciu-
mes infundados; ali, meu Deus, fui tão feliz! A voz de Hen-
rique chegava ao meu coração, mais meiga que a brisa
ligeira, que soprava as flores do prado, que nos cercava!

Henrique já havia dias que se andava queixando.
Receei que o ar da noite lhe fizesse mal, e aconse-
lhei-lhe a voltarmos a Lisboa. Elle pegou-me na mão
e disse-me:

—É talvez o nosso ultimo passeio, Josephina! demo-
remo-nos mais alguns minutos.

Estas palavras cortaram-me a alma, e sem poder ar-
ticular um som, fiquei chorando a olhar para o hori-
sonte que se escurecia, sem eu poder levantar para o
ceo um pensamento, um desejo, um pedido!!!

Quando chegámos a casa, vi a tristeza ainda pinta-
da no rosto de Henrique.

—Tu estás triste? perguntei-lhe, para o fazer sair
das suas meditações.

—Sim, respondeu, e não sei porque.

Estas simples palavras gelaram-me o coração, e sen-
ti minh'alma succumbir com o pezar do triste presen-
timento que a veiu abraçar.

No dia seguinte devíamos ir jantar a casa de minha
tia; de manhã, porém, vi Henrique tão pallido, que lhe
disse que era me'hor não irmos.

—Vamos, disse elle, é a minha despedida.

Pedi-lhe a explicação d'essas palavras; elle só me
respondeu apertando-me nos seus braços.

Quando chegámos a casa de M.^{me} Levillant, todos
se admiraram da pallidez de Henrique. Elle nada co-
meu ao jantar; seus olhos constantemente estavam fitos
em mim, e eu, desgraçada, tinha que esconder debai-
xo de um sorriso as lagrimas do meu coração, tinha
que esconder a tristeza da minh'alma para não entris-
tecer mais o ente que eu amava mais que a vida!

Ao voltar para casa senti-o tremer. Quando chegámos,

disse-lhe que ia tratar de mandar chamar o medico. Elle não quiz.

No outro dia, pouco tempo depois de sair, mandou-me dizer que quando chegou a casa de seu pae foi obrigado a deitar-se com tonturas que lhe tinham dado. Que á noitinha me mandaria um criado para acompanhar-me, afim de eu o ir ver.

Quando o criado veio, perguntei-lhe:

—Como vae o sr. Pires?

—Muito mal, respondeu elle.

Foi para mim um instante pôr um chale e um chapeo, vencer as ruas, subir as escadas de sua casa, e entrar no seu quarto.

—Oh! como tu és boa, Josephina, me disse Henrique dando-me a mão. De repente largou m'a dizendo:

—Tenho febre e podes apanhal-a.

—Que me importa a febre, disse eu abraçando-o. Não mandaste dizer nada a tua familia?

—Para que? disse elle; estão no campo, e se minha mãe, que eu amo tanto, soubesse que eu estou tão incommodado, soffria

—Mas aqui não tens ninguem que cuide de ti, disse eu.

—Tenho um dos criados.

Dizendo isto, teve um desmaio; assustei-me tanto que abri a porta e principiei a gritar, mas ninguem me respondia.

Voltei para o quarto, peguei n'uma cadeira, e bati com quanta força tive sobre o sobrado; emfim appareceu um criado.

Vendo seu amo em tão triste estado, saiu correndo para chamar um medico

Eu e mais outro criado fizemos uns sinapismos, que puzemos nos pés de Henrique. Elle com um olhar que me ficou gravado na memoria, disse-me com voz meia suffocada:

—Tu és minha enfermeira, Josephina.

—Queria ser tua mãe, para te não largar um instante, lhe respondi.

Quando o medico veio, (era o doutor Burnay), approvou os sinapismos, e fez uma receita.

—Vem amanhã, sr. doutor? perguntei eu.

—Não sei se poderei, porque estou convidado a jantar fora de casa, e é no campo.

Revoltei-me em presença d'aquella indifferença egoista e disse lhe :

—Mas um medico, sr. Burnay, tem graves responsabilidades sobre si, e deve deixar um jantar para velar um doente que precisa d'elle e da sua sciencia.

O sr. doutor Burnay lançou-me uns olhos de fera, e disse simplesmente :

—Virei.

Estive até á uma hora da noite a tratar do meu querido doente, e vim para casa unicamente para não contrariar Henrique, que não queria que eu ficasse fóra da minha casa.

O sr. Joaquim Pires veio do campo e sempre procurava consolar-me dizendo que Henrique em breve estaria restabelecido; mas essas esperanças não faziam renascer o descanso de meu espirito.

Quem háverá que não comprehenda o estado da minha alma? que não avalie as dôres do meu coração?! Elle soffria! e eu não podia estar sempre ao seu lado, prodigalizando lhe os meus cuidados, empregando todos os meus extremos!!! Eu já não podia com esse martyrio; e combinei com Henrique passar os dias ao pé d'elle.

Dizia o medico que eu me arriscava, que a doença era contagiosa; mas eu amava Henrique com toda a minha alma, e por isso não me importavam esses receios. Queria apertar a sua mão entre as minhas, beijar a sua testa escaldante pela febre, e julgava, louca que eu era, que perto d'elle Deus, deitando sobre mim um olhar de piedade, conservar-me hia uma existencia que me era tão cara, e que eu estava prompta a pagar com a minha propria vida.

Mas Deus não o quiz assim; e determinou dar-lhe perto do seu throno a recompensa da sua bondade e das suas virtudes.

O dia 1º de agosto, passei-o todo em casa de Henrique, escondendo-me quando seu pae ou alguém de sua familia subia. Escondia-me para evitar alguma scena desagradavel. Eu conhecia o meu genio, sabia que a sua mãe, ao seu proprio pae, eu teria dito o que pensava sobre o indifferentismo que tinham mostrado durante toda a doença de seu filho. A uma das suas irmãs teria dito, que não é quando uma pessoa está quasi agonisante sobre um leito de dôres, que se entra no seu quarto, como um furacão, trazendo flores, e empestando a casa com almiscar... sem abaixar a voz para fallar ao doente dizendo-lhe no meio de estrondosas gargalhadas: Divertimo nos hoje muito e bebemos Champanhe á tua saude... Agora vou á sala, e já volto com o papá... E saiu' aquella estouvada.

—Só tu me amas verdadeiramente, disse-me Henrique com os olhos arrasados de lagrimas.

—Eu amo-te, sim, Henrique, amo-te; mas a tua familia tambem te ama, dissè-lhe eu para o consolar. Teu pae vae subir, eu devo partir; manda-me amanhã o criado mais cedo, porque quero estar perto de ti sempre, sempre, percebes?

—Não te vás ainda, Josephina, disse elle abrindo os olhos para mim, e continuando: o teu olhar cheio de bondade consola-me; tu não sabes o que se soffre quando se ama, como eu te amo a ti, e que se sente a vida apagar-se lentamente!!!

Meu coração estava n'uma tortura, mas devia fazer-me corajosa para animar o meu adorado Henrique; por isso, disse-lhe:

—Tu estás doente; mas tu és forte, e os medicos dizem que quando fores para o campo te restabelecerás.

—Criança! disse elle, eu sei que morro.

Apertei meu peito com quanta força pude para lhe occultar as lagrimas e a dôr que me causaram aquellas palavras.

—Eu sei que morro, repetiu Henrique; mas morro amado, porque tu sabes amar, minha Josephina. Se eu te dissesse que te matasses quando eu desse o ultimo suspiro, estou certo que o farias. Mas não, escuta-me bem: quero que vivas, tens as tuas filhas, e ainda serás feliz. És a mulher mais dedicada possivel. Eu sei que o sr. Manuel Pinto da Fonseca, sabendo o estado da nossa posição, te offereceu cem contos de réis para te renderem aqui no banco de Portugal, dizendo-te que podia proteger uma senhora com suas filhinhas, mas não uma senhora que tivesse relações como as nossas, e tu recusaste, nobre creatura!

— Quem te disse isso? perguntei.

—Foi o proprio sr. Fonseca; e disse mais, que tu lhe responderas que me amavas, e que nada te faria abandonar-me. Eu nunca te quiz dizer isto, porque prometti segredo ao sr. Manuel Pinto; mas agora devo contar-t'ó, porque devo agradecer-te, e não é com palavras, é de joelhos!

E Henrique, abatido como estava, tentou pôr-se de joelhos, se eu não lh'o impedisse, agarrando-o e apertando-o nos meus braços.

—Tu és joven, Josephina, tens uma imaginação romantica, não quero que sejas perjura, por isso não te digo—não ames mais ninguem...

Não pôde continuar; um desmaio acabava de atacal-o. Eu estava suffocada que parecia arrebentar, minhas unhas já tinham algumas manchas de sangue, tanta era a força com que apertava o meu peito para reter os soluços.

Tornando a si, continuou:

—Se algum dia chegares a amar alguem, vê que elle te ame verdadeiramente, que elle comprehenda a tua bondade de anjo, e o teu coração dedicado e fiel. Primeiro que

tudo, Josephina, vê que elle seja um homem de honra, porque tu não conheces o mundo, creança. Eu não te peço, minha Josephina, senão uma lembrança! uma saudade, para eu ser feliz na eternidade! não te digo, Josephina, que não ames mais ninguém, isso seria uma loucura; mas peço-te que . . . e abaixando ainda mais a voz, disse me quasi ao ouvido em segredo

. Juras?

—Oh! sim, Henrique, juro-te, juro-te sobre a campa de minha mãe!

Não pude mais. As lagrimas suffocaram-me; soltando o primeiro sóluço, senti-me tão falta de respiração que pensei ver meu peito despedaçar-se.

Haverá alguém no mundo que não comprehenda e que não tenha dó do que eu soffri?!?! Vê-lo n'aquelle estado . . . não poder allivial-o . . . ouvir palavras que me quebravam o coração, e ter de mostrar lhe uma cara serena . . . soffrer todas as dôres de um coração que amava, sentir esse coração resfriar com o peso das tristes palavras que ouvia pronunciar . . . e ter de esconder as minhas lagrimas, e ter de lhe dar coragem! coragem! quando d'ella tanto precisava para mim! . . .

Oh! sim, soffri! soffri muito! e ainda hoje, só de me recordar não posso senão dizer: piedade meu Deus! piedade de mim!

O criado já tinha vindo dizer que era muito tarde; mas cada vez que me levantava, Henrique fazia-me assentar de novo; uma força extraordinaria me prendia ao seu lado; e quando eu puz o chale e o chapeo, vendo os olhos de Henrique fixos em mim, tirei o chale e o chapeo e disse para o criado:

—Eu fico.

—D'aqui a um instante vem o pae e a mãe do sr.

Pires, me respondeu aquelle pobre homem com os olhos arrasados de lagrimas.

Voltei-me para o meu pobre doente dizendo-lhe:

—*Adieu, Henri, à demain.*

Elle abriu os olhos, e com o dedo apontou-me para o ar, como o anjo do Senhor apontaria o caminho do ceo!

—*Oui, à demain, mon Henri,* repeti eu, abraçando-o com todo o amor e extremo do meu coração.

Subia gente a escada, e tive que sair com pressa; mas ainda o abracei duas ou tres vezes... e elle murmurou: *Je t'aime.*

Dizer como eu pude descer aquellas escadas e subir as de minha casa, seria impossivel. Eu ia n'um estado que me obrigava a parar umas poucas de vezes na rua, e só a voz do criado que me dizia: não desanime, porque em breve elle estará restabelecido, é que me fazia continuar o caminho, olhando para o ceo para ver se no centro da sua escuridão, só interrompida pelo brilho de uma ou outra estrella mais scintillante, podia descobrir uma estrada que pela claridade do seu brilhantismo fizesse renascer a esperança quasi extincta no meu peito! Cheguei a casa, caí sobre a cadeira que estava ao lado da minha cama, e fiquei tão suffocada pela dôr que minha alma resentia como pelo soffrimento e esforço que empregara, afim de não desanimar o ente que eu tanto amava. Ah!, achando-se meu coração em liberdade, a minha dôr foi tão violenta, que tive um terrivel ataque nervoso. As criadas assustadas tocaram logo a campainha para o sr. Veiga, que tinha uma botica por baixo da minha casa.

Elle já tinha subido para sua casa, mas assim que lhe disseram que estava doente, levantou-se e veio com toda a sua bondade prestar os serviços necessarios.

Achando-me mais aliviada revoltei aos meus soffri-

mentos e principiei á chorar e a pedir a Deus a conservação de uma existencia que era tão necessaria para a felicidade do meu coração.

No outro dia o criado veio dizer-me que eu não podia ir visitar Henrique, porque toda a sua familia estava ao pé d'elle; e se eu fosse, o sr. Pires (pae) seria capaz de me fazer todas as desfeitas, visto elle resistir ás lagrimas e aos rogos do seu filho, quasi agonisante, que lhe pedia em nome de Deus, que me deixasse ir vê-lo; mas aquelle coração de bronze a nada se movia!

Não podendo resistir á minha desesperação, escrevi.

Veiu o sr. Joaquim Pires, e disse-me:

— Não se desespere; Henrique vae melhor; estamos todos ao pé d'elle, e em breve estará restabelecido.

— Promette-me, sr. Joaquim, que o não desampara um minuto? disse eu.

— Eu lh'o juro, Madame, respondeu elle, apertando-me as mãos e com as lagrimas nos olhos.

Saiu, e nunca mais voltou a minha casa.

O sr. Joaquim Pires, quando me disse que Henrique estava melhor, mentia; elle sabia que os medicos já desesperavam de o salvar. Eu perdôo-lhe essa mentira, que seguramente foi para me livrar de commetter algum acto de desesperação; se essa foi a sua idéa é desculpavel.

No outro dia disseram que Henrique estava muito melhor; depois de ouvir essas palavras que deviam consolar-me, voltei para a sala, olhei para o relógio, e vi que estava parado.

Recordei-me logo do signal que aquelle relógio me tinha dado, das palavras que Henrique me dissera n'aquella occasião; recordei-me que o relógio tinha corda, e senti como uma mão de ferro apertar-me o coração; meu sangue gelou-se e eu dando um grito... disse: Henrique, Henrique morreu!!!

Cai como morta no chão, as criadas levaram-me para a cama, e quando tornei a mim disse :

—Quero ver Henrique, quero vê-lo! não o deixem morrer sem eu o abraçar ainda!!! deixem-me sair, quero ir ao pé de Henrique.

As pessoas que me rodeavam estavam todas banhadas em lagrimas; seguravam-me para eu não me levantar, pois todo o meu desejo era ir deitar-me aos pés do pae de Henrique; esse homem bárbaro, esse homem desalmado, teria tido compaixão da minha dôr.

Se me tivessem deixado ir, tel-o-hia abraçado antes d'elle exhalar o derradeiro suspiro; seu pae não teria ficado insensível ás lagrimas de uma mulher, que vencida o seu orgulho, e lhe pedia de joelhos piedade, piedade por seu amor!

O odio contra a bella Ignez de Castro era grande; mas o pae do seu amante, do seu rei, rendeu-se, mas já tarde, ás supplicas ardentes d'aquella dama sublime!

Oh! quanto me enganava, porque emquanto empregavam todos os meios para me não deixarem sair, Henrique, apezar dos seus graves e ultimos padecimentos, teve ainda a força de se pôr de joelhos sobre a cama, com as mãos supplicantes, dizendo a seu pae :

—Deixem entrar Josephina, quero dizer-lhe adeus, quero abraçal-a pela ultima vez; não me recuse, ó meu pae, não me recuse esta ultima vontade, sem a qual não posso morrer tranquillo!

—Tu estás doido, lhe respondeu seu pae com voz aspera; prefiro ver-te já morrer!...

Não pôde continuar porque seu filho, soltando um doloroso suspiro, com a sua ultima esperança, caira sobre as almofadas sem sentidos; e no dia seguinte estava morto... não sei se pronunciando uma palavra de perdão, se um anathema doloroso!!!

.
Aqui o mais profundo silencio deve supprir o que a minha penna não pode descrever!

O ente mais insensível, o coração mais duro, deve comprehender o que eu soffria!... ter dó do que hoje ainda soffro... e não exigir que eu, com simples palavras, pinte as tristes recordações de um coração agonisante pelas dôres que experimentou.....

No outro dia, quando senti bater à porta, ouvi fallar devagarinho, e de repente a criada exclamar:

— Oh! meu Deus!

Fui para ver quem era, e ella fechou repentinamente a porta, e escondeu um objecto debaixo do seu avental.

— Quem era? perguntei eu.

— Um pobre, minha senhora. E as lagrimas a cairem-lhe.

— Mente! bradei eu na maior exaltação.

E abrindo a porta quiz chamar pelo criado da casa do sr. Pires; a pobre rapariga perdeu a cabeça, deixou e cair o que, com tanto cuidado, escondera debaixo do avental; reconheci um chale que Henrique tinha levado da ultima vez que saíra de minha casa.

— Morreu! morreu! exclamei eu pegando n'aquelle chale que o havia agasalhado, e que me descobrira a triste verdade.

Estive por tres horas no meio das mais horriveis convulsões, escapando d'ellas só por um milagre de Deus!

Quando recuperei os sentidos, as lagrimas seccaram-se... a minha energica natureza estava vencida!!!

Oh! quem acredita que as muitas lagrimas e os muitos gritos denotam a paixão?! a saudade, a dôr, a paixão, suffocam; seccando nos olhos as lagrimas, saem dos labios suspiros: mas toda a violencia do golpe fatal é no coração; esse geme, e estala!!

As lagrimas caem á primeira impressão do golpe; mas depois que elle profundou n'alma, tudo é substituido por uma dôr mais cruel, mais penetrante, e que só acaba com a morte!

Depois da desesperação exaltada, vem a dôr da alma, e essa fere mais agudamente! Depois... vem a saudade, esse sentimento sublime do coração!!! «Saudade, gosto amargo de infelizes!» como dizia o illustre poeta Garrett.

Tres dias estive no meu quarto, deitada sobre o meu leito, pedindo a Deus que nos seus braços recebesse o ente que eu tanto amava!!!

Foi n'este estado que senti passar as carruagens que iam acompanhar o corpo do meu adorado Henrique á sua derradeira morada. Cada trem que sentia rodar era uma angustia! cada dobre que o bronze da torre da egreja fazia eccoar era mais um golpe que vinha ferir meu coração! nem uma lagrima eu podia verter! todas haviam já corrido! Não podia chorar, mas quanto eu soffria, meu Deus!!!

CAPITULO II

M.^{elle} Malvina — Sr. Manuel Pinto da Fonseca — As flores em redor de um tumulo — Vou ao theatro — Sr. Fonseca e um beijaflor — Joram-me vingança — Annunciam-me uma belleza, e vejo uma pulga industriosa — Portugal refugio ás seducções — Oitocentos mil réis — Sr. Fonseca vae a Paris — Apuros — Sr. João Caetano de Oliveira Bastos --- O meu retrato — Estou doente --- O sr. Fonseca no Lazareto --- Sr. José Candido de Assumpção --- M.^{me} Levaillant --- Cartas anonymas --- As grisettes em alvoroto --- Agostinha Saignard --- Sr. Veigas --- Sr. doutor Antonio Bernardino Gomes --- Meu confessor o dignissimo sr. prior dos Martyres --- Presentes para mim que nunca me vieram á mão --- Os brilhantes --- Engano de um passeio.

No dia seguinte ao do fallecimento de Henrique, veiu a minha casa M.^{elle} Malvina, da casa de M.^{me} Le-

vaillant. Sentando-se à minha cabeceira, pegou-me na mão, e em breve senti os seus choros. Oh! essas lagrimas, fizeram-me perdoar-lhe o que eu podia ter contra ella.

Procurou consolar-me, não como se usa, que é conversar para mudar as idéas. Não, ella não usou d'esse meio estúpido. Fallou-me sempre de Henrique, notando as suas boas qualidades e o amor que sempre me conservou; e prometeu-me que iria á egreja onde elle estava depositado, e que me traria um pouco dos seus cabellos.

Effectivamente ella saiu, e voltou d'ahi a uma hora, entregando-me esses cabellos que eu cobri dos meus beijos, jurando que nunca os largaria de mim, e que seriam enterrados comigo.

Quando comecei de novo a viver, mandei buscar uma medalha, onde introduzi esses cabellos, ultima recordação de Henrique, e precioso thesouro para a infeliz Josephina.

Dezesete dias depois d'esse fatal 4 de agosto, o sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca veiu a minha casa.

Elle estava em Cintra, quando teve a noticia d'esse triste acontecimento, e veiu immediatamente para Lisboa.

No dia 8 tinha elle vindo a minha casa, mas como lhe disseram que eu estava muito mal e que não podia fallar a ninguem, entregou o seu bilhete de visita e retirou-se.

Nove dias depois voltou; ao ver-me entrar na sala levantou-se, chegou-se para mim, e com os olhos cheios de lagrimas, dando-me a mão, disse:

—E' preciso ter coragem, deve tel-a; é mãe, deve ser forte.

—Vivo, é signal que o sou, respondi eu.

—Que tenciona fazer?

—Não pude ainda pensar, nem tomar resolução alguma.

—Havemos de pensar. No entanto, hade ter falta de dinheiro. Deixo-lhe aqui trezentos mil réis. Quando estiver melhor, havemos de fallar pausadamente.

—Agradeço, disse eu. Offerece-me esse dinheiro com tanta generosidade, que acceito.

—Adeus, disse elle levantando-se; repito-lhe, tenha coragem, seja forte, que ainda hade ser feliz; eu lh'o juro.

Não lhe podendo responder, apertei aquella mão bemfazeja que Deus me enviava, para me mostrar que queria aliviar os embaraços da minha existencia, dando-me nó sr. Fonseca um protector.

Passados uns dias, estava eu assentada n'uma poltrona, cobrindo o retrato do meu Henrique de beijos e de lagrimas, quando entrou o sr. Fonseca.

—Então que é isso? sempre, sempre a chorar, me disse elle. Se continuar assim, infallivelmente adoece. E' boa christã, deve ter resignação, e lembrar-se que uma mãe deve olhar para quem precisa d'ella. Diga-me com franqueza, que tenciona fazer?

—Nem eu sei, sr. Fonseca. Mas parece-me que se eu pudesse pagar o que devo, depois com lições de spiano, poderei talvez viver.

—Isso é uma creancisse! Como poderá viver e educar suas filhas?! Deve olhar-me como o seu mais verdadeiro amigo. Prometti ao sr. Pires de olhar para si como se fosse minha filha; heide-a proteger. Eu estabeço dar-lhe cem mil reis todos os mezes; com isso pode viver; se não chegar peça-me mais, porque em quanto merecer a minha estima, terá toda a minha protecção.

Por um movimento espontaneo cai a seus pés, dizendo-lhe:

—Só Deus o recompensará!

Não pude continuar, tantas eram as minhas lagrimas.

—Ora vamos, exclamou o sr. Fonseca, é boa crea-

tura, tenha juizo, não quero que chore mais, porque não quero que adoença. Lembre se d'elle... sim... mas não chore.

Quando o sr. Fonseca saiu, peguei em minhas filhas, levando uma de cada lado, e conduzi-as ao vão de uma escada, onde eu tinha mandado arranjar um oratorio, e ali, ajoelhando com ellas, agradei a Deus, com o mais profundo reconhecimento, a protecção que elle nos concedia.

O sr. Mannel Pinto da Fonseca tinha feito um acto de grande christianismo protegendo uma senhora que se achava só no mundo, sem fortuna, e sem parentes.

Quantos homens haverá ahí pelo mundo, que dirão ao ler estas paginas: grande admiração, um homem dez vezes millionario!... Elles dirão isso, mas se similhante caso se desse com elles, esses mesmos homens, que não querem confessar a acção do sr. Fonseca, como uma nobre generosidade, viriam com palavras traiçoeiras illudir a confiança de uma pobre mulher, para depois rirem das suas lagrimas, e zombarem dos seus remorsos!!

Oh! ha entes tão vis, que não mereceriam o titulo de homens, mas sim de selvagens; e por isso não comprehendem nunca, nem querem confessar, o que é nobre e grande.

Oh! quanto dó merece uma mulher que tenha sentimentos elevados, e que caia no dominio de uma d'essas feras! a essa creatura hade se dizer com verdade: E' uma victima!

Dois mezes depois de eu estar na protecção de sr. Fonseca, deu-me elle o dinheiro necessario para pagar as minhas dividas; satisfiz todas; excepto uma que eu me tinha visto obrigada a contrahir durante a ausencia do sr. Pires na ilha da Madeira.

Esse credor, [que tinha a figura de um *écureuil*; ninguem dava por elle; uns diziam que estava no Por-

to; outros que tinha ido para a *California*, para deparar quem para lá ia empenhar-se.

O sr. Sousa não se comportou para comigo como um agiota; mas sim como uma pessoa que me quiz valer na desesperada posição em que eu me achava.

Contentou-se em me levar um por cento.

Quando eu lhe quiz pagar, não o encontraram. Esperei que elle me apparecesse.

O sr. Fonseca gostava muito que eu saísse para me distrahir, por isso eu ia quasi todos os dias a Belem, ou ao Campo Grande, mas sempre antes ia rezar primeiro sobre o tumulo do meu infeliz Henrique.

Eu havia mandado cercar o jazigo de varios vasos com flores, porque Henrique me dissera: Josephina, vou morrer, promettes-me de conservar algumas flores em redor do meu tumulo? Em quanto tu me amares e te lembrares de mim, terás essas flores sempre em vida.

Fiz-lhe essa promessa, promessa sagrada; mas que não respeitaram porque pouco tempo depois, disse-me o homem a quem eu tinha encarregado do trato das flores, que a familia de Henrique quizera mandal-as tirar.

Houve muitos ditos, e muitas maldades.

Desprezei tudo, e só respondia— que era a ultima vontade de Henrique.

Nada attenderam!! isto não era de admirar, porque ha gente que ignora os sentimentos mais sublimes, e por consequencia não comprehendiam que o amor que me ligava a Henrique vivesse além do tumulo, que as nossas almas pertenciam uma á outra .. e que elle morto, e eu viva. nada desligava. Não comprehendiam que o meu direito sobre esse tumulo era dos mais sagrados... visto eu tel o comprado com o sacrificio da minha reputação!...

Quem tinha mais direito de lamentar aquelle findo, de lhe collocar flores em roda da sepultura, de

banhar com lagrimas as lages que o encobriam?

Chorei muito por causa d'essas flores, e pedi a Deus perdão de não poder satisfazer o ultimo desejo de Henrique.

Fui ter com o administrador do cemiterio a sua casa, e elle com a bondade que se lhe desenhava no rosto condoeu-se de mim.

Elle comprehendeu-me; e prometteu-me fazer tudo para que a vontade de Henrique fosse respeitada.

Porém trabalharam tanto, e tantas astucias empregaram, que vi que as flores iam ser tiradas. Não querendo eu que profanassem um tumulo, vindo sobre elle satisfazer vinganças e odios, fui, e mandei tirar todos os vasos; — depois ajoelhando-me, pedi perdão de não ter a força necessaria para cumprir a minha promessa.

Assim é que fui forçada a commetter um perjurio. Que Deus perdôe aos culpados.

.....
O sr. Fonseca mostrou me desejos de que eu fosse ao theatro. Coitado! julgava que o theatro para mim era uma distração.

Eu não podia testemunhar o meu reconhecimento ao sr. Manuel Pinto, senão cumprindo as suas vontades.

Soffria as maiores torturas nas noites que ia ao theatro.

Lembrava-me que Henrique quando existia e que nós iamos ao theatro, estava sempre ao meu lado, que as nossas mãos não se largavam, porque ali em publico não podiamos estar conversando; mas a pressão das nossas mãos elevava as nossas almas n'um gozo supremo, ouvindo a meiga e sympathica voz de M.^{me} Clara Novello.

Tudo estava mudado; agora no theatro eu estava ricamente vestida, tinha um protector millionario, mas como sentia eu o meu coração?

Com lagrimas e saudades, e para as occultar eu

sorria... para não ver enrugadas as sobranceiras do meu bemfeitor, para lhe dar o que elle tanto desejava—a consolação de me julgar feliz!!!...

Um dia mostrou o sr. Fonseca o desejo que eu fosse ao theatro; elle via-me triste, e dizia que isso me distrahiria. Eu não pude confessar-lhe que n'esse dia ser-me-hia uma coisa impossivel, porque de manhã tinha ido rezar sobre o jazigo do meu amado Henrique. Mas como confessar-lhe isto se elle me tinha já dito que eu não devia ir tantas vezes ao Alto de S. João?

O sr. Fonseca mostrou tanta vontade que eu fosse ao theatro, que não pude deixar de lhe prometter que iria. Mas como se elle duvidasse da minha palavra, voltou á noitinha a saber se eu sempre estava na mesma resolução.

Eu já estava penteada; mas sentia-me tão aborrecida, que não me vestira ainda para o theatro; estava pois assentada n'um fauteuil, com o cotovello encostado sobre uma mesa, e á claridade do carcele, estava lendo as : *Méodies Hébraïques* de lord Byron.

Entrou o sr. Fonseca; e vendo o meu descanço disse-me :

— Então não vae?

— Irei, mas muito mais tarde, quero ver se me passam as dôres de cabeça que tenho, respondi eu.

— Está muito bem penteada, e tem uns lindos brincos, me disse elle.

— Parece-lhe? respondi eu sorrindo.

— Não sabia que tinha brilhantes, tornou elle.

— Era impossivel saber-o, se ainda hontem é que os comprei.

— Então tem muito dinheiro?

— Tem a bondade de me dar todos os mezes cem mil réis, disse-lhe eu estendendo a minha mão e apertando a d'elle. Ha muito que eu desejava comprar estes brincos. Fiz algumas economias em casa, e com as doze libras que me restam das despezas dos ultimos dias que

estive em Cintra, não me foi sensível esse capricho, e por isso fui hontem comprar estes brincos ao Seixas.

—Se desejava uns brincos por que não m'ò disse?

—Porque não quero abusar da sua generosidade. Quando me prometeu cem mil réis de mezada, eu jurei a mim mesma de nunca lhe pedir coisa alguma.

—Soberba!... disse elle sorrindo levemente.

—Soberba, não. lhe repliquei, sómente não quero abusar da sua amizade.

—Pois ainda hade pedir-me muitas coisas, tornou elle.

—Pois eu juro lhe que nunca lhe pedirei nada, disse eu.

—Tudo que me pedir, affianço-lhe que obterá de mim, dou-lhe a minha palavra de honra, disse o sr. Fonseca; mas desejo quebrar esse orgulho.

—Isso nunca, respondi, indo para o piano.

Quando o sr. Fonseca se foi embora, ao despedir-se ainda me disse:

—Caprichosa!

Dias depois fomos para Cintra.

Eu, minhas filhas, e minha criada estavamos no hotel Durand. O sr. Fonseca vinha buscar-me todos os dias para irmos passear, e quasi sempre iamos primeiro ver as obras que se andavam fazendo n'uma propriedade que elle havia comprado.

A's vezes, depois do nosso passeio, iamos para uma janella do hotel, d'onde se viam perfeitamente os homens a trabalhar.

Dizia-me então o sr. Fonseca:

—Não acha que quando esta obra estiver concluida, ficará uma linda vivenda? gostava que fosse sua?

—Quem não havia de gostar? respondia eu.

—Então porque não m'a pede?! Lembre-se que lhe dei a minha palavra, que nunca lhe recusaria coisa alguma.

—É verdade, respondia eu, mais lembre-se, que eu tambem lhe jurei de nunca lhe pedir nada.

—Que creatura caprichosa, exclamava elle; sabe que é capaz de fazer desesperar um homem?

—Sim, se esse para satisfazer o seu orgulho quizer quebrar o que v. ex.^a chama a minha soberba, e que não é mais do que um brio que toda a mulher de sentimentos deve ter.

—Eu que tenho vencido tantas difficuldades na minha vida, não heide vencer esse seu genio?

—Peça tudo que quizer; mas não exija que eu seja pedinchona, lhe respondia eu rindo ás gargalhadas.

Assim terminavam sempre essas conversas.

Graças a Deus, pude sempre conservar o que o meu bemfeitor chamava o meu capricho. Nunca lhe pedi nada. Essa é hoje uma das consolações que minh'alma sente, e que serve de compensação a tudo que eu sofri por causa da protecção do sr. *Monte Christo*.

Quando foi divulgada em Lisboa essa protecção algumas senhoras que tinham andado comigo no collegio inglez da rua da Emenda, antes de minha tia me levar para o *Sacré-Coeur*, em Paris, vieram visitar-me. Eu sorria-me e não pagava essas visitas.

N'essa epoca aconteceu um caso galante.

É verdade que não foi com uma senhora, mas sim com uma grisette franceza.

Um dia, estava eu bastante constipada, veio M.^{elle} M... da casa de M.^{me} Levillant, para me provar um vestido; porém eu disse-lhe que no outro dia o provaria. Ella annuiu e ficou conversando comigo.

Veiu o sr. Fonseca, e como elle já me tinha dito que não queria ver em minha casa semelhante mulher, pedi-lhe que se retirasse um momento para o gabinete.

Ella levantou-se deitando-me uns olhos furibundos.

Quando o sr. Fonseca entrou perguntou-me:

—Quem estava agora aqui?

—M.^{lle} M... disse eu.

—Pois ella ainda cá vem, disse elle, encaminhando-se para a porta por onde ella saira.

—Veiu para me provar este vestido, repliquei mostrando-lhe o corpo que tinha ficado sobre uma mesa.

—É um bom disfarce, disse elle rindo-se.

Eu que sabia o genio d'aquella mulher, percebi, e ri-me.

Como vi que o sr. Fonseca absolutamente não a queria mandar entrar. toquei a campainha para a criada, e ordenei-lhe que fosse dizer a M.^{elle} M... que voltasse no dia seguinte.

D'ahi a um instante ouvimos bater com as portas de uma maneira espantosa; tornei a chamar a criada, e perguntei-lhe o que significava aquelle barulho; ella respondeu com a ingenuidade da estupidez: Foi M.^{elle} M.. que saiu correndo, e dizendo, Eu me vingarei.

Quando esse *pica-flor*, chamado M.^{elle} M..., chegou a casa de M.^{me} Levaillant, estava com a cabeça tão perdida, por ver que lhe era impossivel agarrar um passaro que ha tanto tempo ella andava a caçar; que jurou anathema.

Dias depois, indo eu a casa de M.^{me} Levaillant, disse-me esta em muito segredo: tome sentido, a M... jurou que o sr. Fonseca havia de ser seu amante, e por consequencia abandonal-a a si.

Soltei uma das melhores gargalhadas, que tenho dado em minha vida.

—Então não tem receio?! tornou M.^{me} Levaillant:

—Nenhum, porque a protecção que o sr. Fonseca me concede é devida á bondade do seu coração, e tem um fim de tanta religião, que coisa alguma que possa acontecer me fará duvidar d'essa protecção.

M.^{me} Levaillant olhou para mim com vista espantada, de quem nada comprehendia.

D'ahi por diante, ficou sendo M.^{elle} M..., minha inimiga sigadal.

Eu perdôo-lhe, porque não me esqueço que a ella devo os cabellos que estão dentro da medalha que trago sobre o meu peito.

Passado algum tempo, disse-me M.^{me} Levailant que lhe tinha chegado de França uma das primeiras costureiras de Paris, e que trabalhava divinamente. Tive curiosidade, escolhi um vestido, e disse que lh'o dessem para fazer.

No outro dia veio a dita belleza a minha casa para me provar o vestido. Vendo-a entrar, não pude deixar de rir, tal era a caricatura!! Parecia uma pulga industriosa a saltar. Qualquer movimento d'aquella creatura excitava o riso.

Tudo n'ella mexia. Seus cabellos encaracolados, que trazia caídos pelo pescoço, iam de um lado ao outro; a bocca parecia sempre a'de um coelho a mastigar; emfim os olhos, o nariz, tudo, tudo mexia.

Arrependi-me da gargalhada que eu não tive força para disfarçar, e querendo de algum modo castigar-me, e fazer esquecer aquelle meu riso de pouca religião, principiei a pergunta-lhe: se se dava bem em Lisboa, e se gostava da casa de M.^{me} Levailant.

—Oh! não, Madame, exclamou a pobre rapariga, sou ali muito infeliz, todas (les demoiselles) mofam continuamente de mim.

Olhei para ella, e já não me parecia uma caricatura; vi só uma rapariga infeliz, a quem disse.

—Venha por cá ás vezes. eu talvez me resolva a tomal-a para minha casa; fará os vestidos das minhas filhas, e os meus.

—Bem me tinham dito, que M.^{me} Josephina era muito boa, disse M.^{elle} Agostinha, abraçando minhas mãos. Sim, virei muitas vezes, muitas vezes.

Gostei d'ella. Pensei que apesar da sua figura caricata, havia no seu coração alguns sentimentos.

—Vou dar-lhe alguns conselhos, lhe disse eu.

—Faz-me um grande serviço porque não sei nada, respondeu ella.

—Então está ainda muito innocente, repliquei olhando-lhe para a physionomia, que indicava suas trinta, a trinta e cinco primaveras.

—Oh! Madame! exclamou abaixando os olhos, vim para Lisboa para fugir aos amores de um homem que me queria seduzir!

—Então teve que atravessar o mar para se guardar; disse-lhe olhando fixamente para ella.

Esta mulher ou é muito tola, ou é uma grandissima sonsa e velhaca, pensei eu.

—Pois se quiz salvar a sua innocencia vindo para Lisboa, e escolhendo a casa de M.^{me} Levailant, fez mal, disse eu. Ali estará muito exposta a seducções, e terá constantemente maus exemplos sob os olhos.

—Oh! é verdade, respondeu ella, quasi soluçando; todas lá tem tres ou quatro amantes; aquellas que não podem sair, vão fallar na escada.

Podes ser boa, disse eu comigo, mas já vejo que tens má lingua.

—Pois deve tomar muito cuidado em si, disse eu em alta voz; e não ter fugido de França para salvar o que poderá perder em Portugal.

—E de mais, replicou ella, em Lisboa todos os homens são *pelintras e mesquinhos*.

Pouco depois vieram buscal-a e saiu aquella donzella.

Quando fiquei só, pensando sobre esta conversa, achei as respostas que M.^{elle} Agostinha me dava muito deliberadas para uma virgem.

Emfim, podia ser verdade tudo que ella dissera, e antes queria enganar-me, do que deixar de fazer o que estivesse ao meu alcance para valer á desgraça de uma mulher.

Disse lhe outro dia, que não saisse com as outras francezes de casa de M.^{me} Levailant, e que viesse passar os domingos e dias santos em minha casa.

Ella com grande contentamento acceitou ; e apezar de eu não gostar de sair aos dias santos, levava-a sempre a passear no caleche, ora a uma parte, ora a outra, para lhe fazer assim ter algumas distracções.

Fiquei duas ou tres semanas em casa, por estar doente ; ella vinha sempre, mas em lugar de estar comigo, ia para a janella *derrigar*, como diziam as criadas, com todos que passavam.

— Gosta muito de estar á janel'a? perguntei eu um dia a M.^{elle} Agostinha.

Respondeu-me que M.^r... lhe fazia a còrte. e que parecia gostar immenso d'ella.

— Então já está disposta a perder a sua innocencia? lhe perguntei.

— Dizem que elle é muito rico; sabe se isso é verdade?

Vi que a tal virgem fugida das seducções de Paris havia tirado a mascara. Respondi-lhe :

— Não, M.^{elle}, não conheço quasi ninguem, e por isso não lhe posso dar informações de quanto M.^r... tem nos seus cofres.

Conheci que era uma creatura que se queria vender, uma creatura que fechava seu coração ao amor sincero e desinteressado, para entregar seu corpo a quem mais lançava!!!

Duvidava ainda dos sentimentos d'essa creatura, quiz crer que seu coração estava cercado de sangue, e elle não estava senão envolvido em lama!!

Esta mulher chamava-se Agostinha Saignard. No dia em que a conheci, deixei de a receber.

Mais adiante fallarei d'ella em scenas muito interessantes.

.....

.....

Estava em Cintra, no hotel Bragança, quando o sr. Fonseca me deu a noticia de que tencionava ir para França.

Meu peito opprimiu se logo. Elle conheceu na minha physionomia a impressão que eu experimentava, e disse-me :

—Que tem ?

—Que tenho, sr. Fonseca?... Vae viajar, a sua protecção adquiriu-me odios ; vou ficar cercada de maldosas intrigas, e eu, sr. Fonseca, tenho medo !

—Deve lembrar-se, disse elle, que eu nunca me esqueci da recusa que fez quando o sr. Pires ainda vivia. A confiança que tenho no seu character é illimitada ; e tudo que poderão fazer, nada lhe fará perder a minha estima. Aqui lhe dou uma prova, disse elle tirando um papel da algibeira. Esta carta anonyma recebi-a hoje, e para lhe mostrar a minha confiança aqui lh'a trazia para a ler.

Abri a carta, e fiquei espantada, á vista de tanta maldade calculada... e de tão negras infamias !!!

—Covardes ! que não teem coragem de se assignarem, exclamei.

—Socegue, disse-me o sr. Fonseca Aqui está o caso que faço, tornou elle, rasgando a carta em mil pedaços.

—Agradeço, sr. Fonseca ; serei sempre digna d'essa confiança ; e juro que qualquer coisa que possa acontecer, eu serei sempre a primeira em lhe dar a noticia.

No outro dia voltavamos para Lisboa.

Passados mais alguns dias, veiu o sr. Fonseca a minha casa entregar-me oitocentos mil réis ; dizendo que fazia tenção de estar fora de Lisboa oito mezes.

—Hade por força ter contrahido algumas dividas, continuou o sr. Fonseca; no Lombré, hade dever, tome o que quizer mais d'aqui, disse elle abrindo uma carteira recheada de notas.

—Agradeço-lhe, mas é-me sufficiente o dinheiro que acabou de me entregar, disse-lhe eu, comprimindo a vontade de lhe confessar toda a verdade.

Oh ! juro que a tentação de dizer toda a verdade foi bem forte ; mas o dever da delicadeza teve mais poder, por isso guardei silencio.

Uns dias atrazados, tinha vindo a minha casa um homem reclamar a divida do sr. Francisco de Sousa; eunão tinha dinheiro n'essa occasião, mas logo que recebi as minhas mezadas, mandei chamar esse agiota e paguei-lhe á minha conta na importancia de 365\$000
 Levei a M.^{me} Levallant, a quem pedi um recibo 100\$000
 Dei por conta á casa Lombré. 100\$000
 De varias continhas.. . . . 150\$000

 Paguei um total de réis. 715\$000

O sr. Fonseca deu-me para as minhas mezadas 800\$000
 Depois de fazer os pagamentos supramencionados, restavam-me réis. 85\$000

Eis com o que eu fiquei para esperar oito mezes que voltasse para Lisboa o meu protector.

Vivia com a maior economia possivel; mas um mez depois do sr. Fonseca ter partido, achava-me com dez tostões em minha casa.

Para poder supprir as despesas diarias, achei-me forçada a mandar empenhar, hoje uns brincos, amanhã uma pulseira ; quando se acabaram as joias, foram indo vestidos, chales etc. etc, assim continuei até que achei os meus armarios, as minhas commodas, os meus bahús, tudo, tudo vasio ; e quando já não achava mais nada, tinha a ausencia do sr. Fonseca de durar ainda cinco mezes !!!

Os embaraços e os apuros em que me achei foram terriveis, e era quasi chegado o anniversario da morte do meu Henrique ! Esse desgosto d'alma, junto aos tristes embaraços materiaes da vida, causaram-me uma negra melancolia.

Eu não tinha uma parenta, uma amiga, a quem po-

desse confiar os meus dissabores ; as confidencias desabafam o coração, e eu não tinha essa consolação!!!

Quando por um objecto de vinte moedas, eu via que me mandavam duas, e que tinha de pagar os juro de cruzado por moeda, cada mez, tremia ... tremia do abysmo que eu antevia. Mas como podia recuar? Quebrar o meu infeliz capricho, ser uma mulher sem palavra, isso nunca. Resignei-me.

O sr. João Caetano de Oliveira Bastos, official, que tinha sido, e que era julgo ainda, da guarda municipal e protegido predilecto do exm.º sr D. Carlos Mascarenhas, tinha ficado, como elle m'o disse, espantado da maneira como eu lhe paguei a minha conta, que elle havia comprado ao sr. Francisco de Sousa.

Tinha-me elle offerecido de lhe pagar em prestações, mas eu tinha dinheiro, e por isso lhe paguei de uma só vez.

Como esse sr. me tinha dito que emprestava dinheiro, vendo os embaraços em que eu me achava, mandei-o chamar, e contei-lhe toda a minha difficil posição. Elle principiou a emprestar-me algumas pequenas quantias, que me custou bem caro, porque as suas *cantillenas* fizeram-me decidir a encommendar-lhe uma nova mobilia para a minha sala, sendo o nosso accordo de eu lhe pagar tudo que lhe devesse até á epoca do regresso do sr. Fonseca, com a prestação de seis moedas mensaes.

Eu não conhecia o sr. Bastos, julguei-o um homem de boa fé, e incapaz de commetter tratantices.

Mandou-me o sr. Bastos um retratista para tirar o meu retrato ; como eu já me sentia doente, queria se morresse deixar-me representada aos olhos de minhas filhas. Legava-lhe a mesma consolação que eu gozo, quando considero o de minha mãe.

Por essa mobilia, que o sr. Bastos mettu em minha casa, é que tenho soffrido desgostos e vexames.

Poucas semanas faltavam para o anniversário de uma morte, que mortalmente ferira meu coração ; esse era o meu soffimento moral; o physico tambem soffria de uma constipação que havia apanhado na quinta do marquez de Pombal, em Oeiras. Resultou em pouco tempo chegar a estar em perigo de morte.

Assim que o sr. Fonseca teve essa noticia voltou para Lisboa ; mas não podendo desembarcar, e sendo obrigado a estar de quarentena no Lazareto, o meu bom protector escreveu logo ao sr. José Candido d'Assumpção para lhe ir fallar ao Lazareto ; ahi foi encarregado pelo sr. Fonseca de ir a minha casa, vigiar tudo, e cuidar nos meus dias.

No dia seguinte a este, veiu o sr. Assumpção a minha casa, e achou tudo (como elle me disse depois) n'uma verdadeira republica.

Uma rapariga, que eu havia tomado para minha casa por dó, e que se chamava Jesuina Rosa, para me recompensar levava todos os dias para fóra da minha casa trouxas de roupas.

Já havia algum tempo que esta criada tinha intimos segredos com M.^{me} Levailant, e era uma tal amizade da parte d'esta ultima para aquella rapariga, que lhe dava um dia um vestido, outro dia um chapéo, etc. etc.

M.^{me} Levailant, genio sumitico e mesquinho, fazer presentes !!! Não pode deixar de haver mysterios..... Quem conhecia aquelle character avarento, podia dizer afoitamente : Ha mysterio !!

Pinciaram a chover cartas anonymas em minha casa. Todos os dias era uma nova maldade que me vinha escripta. As primeiras cartas que recebi fui superior a ellas; porém sentindo-me já adoentada, não tendo a quem pudesse confiar os meus desgostos, soffria profundamente, e por mais que eu procurasse na minha consciencia o que pudesse motivar aquella guerra, não achava motivo algum.

Assim que o sr. José Candido d'Assumpção tomou o governo da minha casa, poz logo um termo áquella republica de criados; e tratou, com o boticario que morava por baixo da minha casa, tratou, digo com o sr. Anselmo Gregorio da Veiga, de vigiar tudo nas horas que elle Assumpção estivesse na sua repartição; elle era empregado na junta do credito publico.

Em quanto o sr. Assumpção não entrou em minha casa, eu estava no maior abandono possivel. Minhas criadas, vendo-me doente de cama, estavam sempre á janella, ou iam passear, ou davam jantares ás pessoas de sua familia e aos seus conhecimentos, e no meio dos seus divertimentos, não se incommodavam muito comigo.

O desmazelo em que deixavam minhas filhas, punha-me n'um triste estado de desesperação. Mas quando o sr. José Candido d'Assumpção tomou o governo de tudo, e que da casa de M.^{me} Levillant viram que elle era um *janota*, toda a ninhada de *grisettes* principiou a visitar-me, para verem se agarravam esse pobre melro.

M.^{elle} Agostinha Saignard foi a escolhida por M.^{me} Levillant para ficar de todo em minha casa.

Dirão: porque foi que M.^{me} Levillant fez a escolha d'essa rapariga?

É porque essa *grisette* fazia-lhe menos falta no seu estabelecimento, visto que nenhuma senhora queria vestidos feitos por ella, e que lhe chamavam a *cozinheira*, alcunha que sempre lhe ficou, apezar dos esforços que fazia para se tornar *sylphide*.

Quando o sr. Fonseca desembarcou, e que veio verme, achando-me muito doente ficou tão penalizado que, não podendo resistir ás suas lagrimas, saiu do quarto e foi sentar-se na sala, sobre o canapé que estava de frente do meu retrato, que se tinha acabado de tirar poucos dias antes de eu cair doente. Ali, com a mão encostada á face, com os olhos fixos n'elle, e as lagri-

mas banhando-lhe o rosto, ficou n'um morno silencio.

A enfermeira que me contou isto disse que fazia dô vél-o no estado de magoa em que estava. Afinal levantou-se, voltou para perto de mim, pegou-me na mão, e disse-me:

— Coragem, está muito doente, mas hade pôr-se boa depressa.

Eu sorria tristemente.

— Sim, coragem! repetia elle, hade pôr-se depressa boa, muito depressa. E as lagrimas caíam-lhe pelas faces.

— Se eu morrer, dizia eu, seja sempre o protector das minhas filhas, sim?

— Não hade morrer, não; mas se isso acontecer suas filhas seriam as minhas.

Não pude senão dizer obrigado, e desmaiei.....

A sensação que experimentei com a idéa da morte, com a idéa de que iam ficar orphãs as minhas queridas filhas, esses dois thesouros da minh'alma, causou-me um terrivel abalo.

O sr. Fonseca e a enfermeira, vendo-me n'aquelle estado, julgaram que eu ia morrer, chamaram logo o vizinho boticario o sr. Veiga, e mandaram recado ao meu bom doutor, o sr. Bernardino Antonio Gomes. Quando elle chegou, ralhou muito dizendo que não tinham cuidado em mim; prohibiu ao sr. Fonseca de fallar tanto comigo, fazendo-lhe conhecer que mesmo para elle não era conveniente, visto elle já soffrer tanto do coração.

Dias depois principiou o sr. Manuel Pinto a queixar-se muito das suas suffocações; na minha convalescença, dizia-me elle:

— Em breve vou morrer, e é devido á terrivel impressão que eu resenti de a achar tão mal.

Se essa impressão abreviou os dias do meu protector, oh! perdoae-me, meu Deus, perdoae-me!

Fui peiorando até o dia 21 da minha enfermidade, dia de crise em que os medicos que assistiram á junta declararam que eu não escapava; só o doutor Bernardino disse: Eu não perco a esperança.

Para ter aquella esperança, em que se fiava elle? Seria na minha construcção forte, e excessivamente robusta; ou na bondade de Deus, d'esse Deus todo de misericordia, que não podia deixar de ter compaixão das minhas filhinhas? Não sei, mas o facto é que o meu salvador, o sr. doutor Bernardino, nunca perdeu a esperança.

Os cuidados, a bondade, a *paciencia*, que elle teve para mim durante todo o tempo da minha doença, attestam os sentimentos do melhor dos corações.

O sr. doutor Bernardino Gomes não foi para mim só um bom medico, foi um amigo mais affectuoso possível. A' bondade e ao zelo d'este bom doutor devo o ter Deus conservado a vida á mãe das minhas filhinhas, por isso meu grato coração lhe conservará em quanto existir o mais sincero reconhecimento.

Para se cuidar melhor na minha saude, mandou elle minhas filhas para casa de minha tia.

Pedia-lhe eu ás vezes de mãos postas para ver os dois unicos entes por quem eu tinha vivido; mas isso não permittia elle senão de vez em quando visto que eu resentia impressões muito fortes; e como não havia de ser assim se eu via minhas filhas pallidas, magras, tristes, e no maior desleixo.

Oh! quanto eu soffria por tudo meu Deus! E quando julgavam que eu dormia, e que diziam: Ella não escapa; então sentia meu coração espedaçar-se!

Medo de deixar a vida não tinha, porque sendo boa christã, acreditava em Deus e na sua misericordia; mas a idéa de deixar minhas filhas, fazia estalar todas as cordas da minh'alma.

Foram chamar o meu confessor, que era o prior dos Martyres, para me dar os ultimos sacramentos.

Assim que elle chegou e que se assentou á minha cabeceira, disse :

—Tenha coragem, minha filha; Deus lhe abre os seus braços; quer chamal-a a si para a recompensar, e.....

—Por isso mesmo que conto tudo da sua infinita misericordia, é que estou certa que não morro ainda, lhe respondi.

—Uma boa christã deve estar preparada para tudo que possa acontecer ; disse elle.

—Estou prompta para tudo, lhe respondi. A ultima vez que me fui confessar, vós me destes a absolvição ; logo depois adoeci... A sua vista, meu padre, faz-me sofrer... faz-me temer que Deus não me conceda a vida... e eu não quero morrer ainda, e não heide morrer.

O padre levantou se, dizendo-me :

—Eu rezarei por si, minha filha.

—Obrigada, disse eu, cobrindo a cabeça com os cobertores.

D'ahi a um instante entrou M.^{elle} Agostinha, dizendo-me :

—Não se quiz confessar ? !

—M.^{elle} é que se deve confessar, disse eu.

—De que ?

—Das suas hypocrisias

—Que entende por hypocrisias, perguntou ella com ar de *sonsa*.

—Entendo o que M.^{elle} é, disse eu ; e dou-lhe o conselho de nunca fazer projectos sobre a morte de uma pessoa que ainda respira.

—Que quer isso dizer ? replicou ella embaraçada.

—Quer dizer M.^{elle}, que eu ouvi toda a conversa que teve esta noite quando me julgava dormindo, por que M.^{elle} disse : Ella morre ; o sr. Fonseca continua protegendo as meninas, eu e o Assumpção é que tomamos conta n'ellas, e na casa. Era uma pechincha, não é

verdade? Mas desengane-se, porque eu não morro ainda.

M.^{elle} Agostinha estava tão admirada de ver que eu sabia tudo, que fula de colera levantou-se e saiu do meu quarto.

D'esse dia em diante dizia ella a toda a gente que eu estava doida.

Os ultimos desgostos que eu tinha experimentado, os planos que eu ouvia combinar sobre a minha morte, todas as maldades que me tinham feito soffrer, podiam ter-me enlouquecido, é verdade; mas a bondade de Deus que se não esquecia que eu era a sua protegida do *Sacré-Coeur* venceu tudo, e em pouco tempo os medicos declararam que estava salva.

Via-se brilhar a alegria nos olhos do sr. Fonseca; querendo alegrar-me dizia:

— Em breve estará restabelecida, e então lhe darei as prendas que lhe trouxe de França.

— Que prendas? perguntei eu.

— Pois não se lembra que eu antes da minha partida prometti de lhe trazer lembranças de Paris? Pois trouxe-lhe um adereço de brilhantes, alguns cortes de vestido, e um lindo chale de cachemira da India, de que hade gostar immenso.

Tive curiosidade, e por isso disse-lhe que só acreditaria vendo.

— Pois esteja bem socegada, disse elle, durma, tome bem os remedios, e amanhã lhe trarei tudo para ver.

Quando o sr. Assumpção veio, perguntei-lhe se elle tinha visto o que o sr. Fonseca tinha trazido de França.

— Vi tudo, respondeu-me elle, e tive na minha mão um lindo adereço, que me disse elle, ser uma prenda que lhe trazia de Paris.

Fiquei muito contente, e disse-o a Agostinha; mas

ella parecendo que a serpente da inveja a mordera replicou-me :

—Sim, mas não é tudo de brilhantes, tem muitas pedras d'agua.

—O sr. Manuel Pinto, homem dez ou vinte vezes millionário, mesmo por seu orgulho não havia de trazer de Paris, á sua protegida, um presente de pedras falsas ; respondi eu.

No dia seguinte, veio o sr. Fonseca e disse para a enfermeira, que assim que o seu criado chegasse, me viesse trazer o que elle lhe entregasse.

Pouco depois voltou ella com uma caixa encarnada, e depois de ella aberta pude ver um adereço completo.

—Oh ! como é bonito ! exclamei que brincos tão exquisitos...

—São do feitio mais moderno, me respondeu elle, tirando um da caixa. Depois mostrou-me a pulseira e provou-m'a, dizendo, que tinha receio que estivesse apertada.

Pelo pequeno exame que fiz, vi que tudo era lindo, brincos, alfinete, pulseiras, tudo era com umas chapas redondas, cravejadas de brilhantes. As pulseiras mereceram a minha admiração por as chapas serem presas por uns fios de oiro que formavam a pulseira. Esses fios eram a obra mais delicada possível.

Eu estava tão fatigada dos movimentos que fizera, que deixei cair o braço, e os olhos cerraram-se-me.

O sr. Fonseca tornou a collocar tudo na caixa, e disse-me no fim :

—Não gosta ?

—Gosto, mas não sou eu que heide usar d'este adereço !

—E porque ? perguntou elle admirado.

Não quiz revelar-lhe os pensamentos que me passavam pela cabeça, e só lhe respondi.

—Não sei.

— Isso é uma creancisse; olhe como é bonito, continuou elle, voltando de um lado para outro a caixa para me mostrar como reluziam aquelles brilhantes.

— Mas, sr. Fonseca, se isto ficar em minha casa, vae tambem desapparecer, disse-lhe eu.

— E' verdade, eu o levo pois, e quando estiver melhor, entregar-lh'o-hei. Acha-me bom depositario?

Eu estava tão cançada, que só lhe dei a minha mão.

Esse signal era a resposta a tudo.

Passaram-se dias, em que eu estive entre a vida e a morte.

Entrei na convalescença, e o sr doutor Bernardino Gomes ordenou que eu fosse para o campo.

Levaram-me para Bellas.

Começaram para mim os enganos e as traições, logo ao sair a porta de minha casa, porque me disseram: Vamos dar um pequeno passeio a Belem, e eu de boa fé subi para o caleche, e só no meio do caminho é que me disseram: Vamos passar algumas semanas para Bellas.

Principiei a chorar, e perguntando-me Agostinha o quê eu tinha, disse-lhe:

— E' mal feito levarem-me para o campo dizendo que eu ia passear, porque tenho compromissos, e não posso ir assim quasi de fugida.

O sr. Assumpção ia assentado na almofada fumando.

— Quaes são esses compromissos? Diga-me, que eu farei sciente d'elles ao sr. Assumpção.

Notei a maneira de ella dizer — Assumpção, como dias antes tinha notado a familiaridade d'essa donzella com o tal janota.

As criadas e a enfermeira já me tinham contado o que se passava Aquella virtude... que tinha atravessado as ondas do oceano, para escapar aos perigos dos amores de França, vinha naufragar sobre os rochedos de Portugal!... E ao entrar a barra, não ter appa-

recido uma alma bemfazeja que lhe dissesse : Fuja... fuja... vá para a *China*, longe d esta terra de perdição!!! Nada appareceu!.. nenhum aviso teve... Coitada!!!

CAPITULO III.

Chegamos a Bellas. — Sei o mysterio de uma historieta. — Agostinha não me convem. — Franca explicação com o sr. Assumpção. — Quinta do conde de Pombeiro. — Entramos em Lisboa á hora da missa do gallo: — O sr. Fonseca está doente. — Celebre livros dos recibos. — Os passaros fazem barulho. — Um regedor em resultado de umas argoladas. — Decisão do sr. José Lino Alves Chaves. — O sr. Assumpção perde a cabeça. — Terceira penultima carta do sr. Fonseca. — O sr. Chaves promette-me a sua amizade. — O sr. Chaves exclama : Victoria.

Chegámos a Bellas.

Parece que foi no silencio da noite que Agostinha repetiu as minhas palavras ao sr. Assumpção, porque antes de voltar para Lisboa, elle disse-me :

— Sei tudo, esteja descansada, eu arranjarei tudo, para que o sr. Fonseca não saiba nada.

Assim que o sr. Assumpção saiu, as duas mulheres do hotel entraram no meu quarto, e principiaram a conversar muito comigo.

Disseram-me que conheciam M.^{elle} Agostinha, porque já lá tinha ido com outra senhora e dois cavalheiros, que foram passear á quinta, que jantaram, e que depois para não estorvar a digestão pediram dois quartos.

Recordei me logo do que me tinham contado de uma *celebre partida*, que duas grisettes de casa de M.^{me} Levallant tinham feito com dois *attachés da em-*

baixada de Hollanda. Em Bellas soube que M.^{elle} Agostinha tinha sido uma das heroínas.

Li com o titulo de *Conversa ao luar* um conto que um jornal intitulado *Rigoletto* publicou, apresentando esta scena disfarçadamente descripta.

Restava saber se era a Hollanda, ou Portugal que apanhara o que a França deixou escapar!!!

Fiquei sabendo que Agostinha era uma hypocrita.

Quando o sr. Fonseca foi a Bellas visitar-me, achei-o muito abatido; e não querendo desgostal-o, quando me perguntou como eu me dava com a Mademoiselle, respondi que estava contente, mas que esperava em breve poder voltar para Lisboa, porque não me agradava o conserval a sempre em minha casa.

—Porque?! perguntou elle admirado.

—De maneira alguma me convem, disse lhe eu, e dei-lhe a entender o motivo.

No outro dia, quando o sr. Assumpção veio de Lisboa, notei a sua pallidez, e os seus olhos espantados, signal infallivel (n'elle, de grande raiva.

—Está doente? lhe perguntei.

—Não, M.^{me}; mas estou triste.

—Eu bem sei porque, repliquei eu; provavelmente o sr. Fonseca repetiu lhe o que hontem lhe contei, e o sr. Assumpção zangou-se comigo por isso. Mas deve considerar, continuei eu, que não me posso prestar aos amores de M.^{elle} Agostinha; e se aqui fosse a minha casa já a teria mandado embora. Mas n'um hotel não posso senão fechar os olhos, por isso ella abusa, e faz-se tão descarada que não a posso tolerar. Se M.^{elle} Agostinha tivesse sido outra qualidade de mulher, eu a teria sempre conservado em minha casa, em recompensa dos serviços que ella prestou durante a minha enfermidade. Porém como ella me illudiu, e a sua hypocrisia não pode esconder o que ella é (a mais descarada das grisettes) tenho a pedir-lhe, sr.

Assumpção, que a leve, para onde quizer, mas eu não a quero comigo.

—Considerando, M.^{me}, que a Agostinha a tratou na sua doença, peço-lhe que a deixe ficar em sua companhia em quanto estiver no campo, e dou-lhe a minha palavra de honra que voltando para Lisboa ella tomará outro rumo.

—Que fique pois. Mas peço-lhe de evitar escandalos, disse eu.

—Comprometto a minha palavra, respondeu elle. Fiei-me n'essa palavra, e esperei.

Dias depois principiou M.^{elle} Agostinha a ter todos os dias tres e quatro desmaios.

Perguntei-lhe o motivo d'essa doença, e ella confessou-me que estava gravida.

—Como é possível isso, Luiza, disse eu para a criada que tinha vindo comigo de Lisboa.

—A Agostinha hade estar gravida de tres mezes, respondeu ella, porque é pouco mais ou menos a epoca da entrada do sr. Assumpção em casa da Madame.

Foi-se chamar um medico que a não quiz sangrar, conforme era o desejo d'ella.

Porém no dia seguinte, depois de elle conferenciar duas horas, resolveu-se, e sangrou a doente, que ficou tomando d'esse dia em diante umas pitulas, que lhe traziam de Lisboa.

A segunda vez que o sr. Fonseca foi visitar-me, achou-nos todos reunidos na quinta do conde de Pombeiro. N'esse dia estava eu bastante incommodada; tinha-me sentado debaixo de uma grande arvore, sobre um banco de cortiça. Ali, encostada e triste, meus olhos seguiam os movimentos de minhas filhinhas que estavam brincando com a sua criada.

Eu estava melancolica, recordava-me do *Sacré-Coeur de Conflans*, que tinha na quinta grandes arvores, como aquellas que me rodeavam! recordava-me que então era uma creança quasi tão feliz como aquellas duas que

eu via saltar contentes diante dos meus olhos. Eu então como ellas não me importava senão de flores e de borboletas! E agora... via-me ali abatida, salva de uma perigosissima doença, e meu coração tão isolado!! esse coração, que pedia afeição, que pedia amor, que pedia dedicação, achava-se só no mundo!!!

A razão obrigava-me a calar a voz da paixão que eu ouvia eccoar no meu peito!

Tendo nascido debaixo de um sol ardente como o do Brazil, eu era uma mulher exaltada, phrenetica, e apaixonada de mais para viver feliz no estado em que me achava.

A morte do meu Henrique foi para mim um golpe forte de mais; fiquei como uma pobre arvore sem força e quasi sem vida; mas havia passado um anno; e a fraca arvore queria reviver.

O reconhecimento que eu devia ao meu bemfeitor obrigava-me a estar alegre, e eu alegre parecia, mas o que eu soffrera para mostrar essa alegria, que tão longe estava do meu coração, causou-me a terrivel doença que supportei.

Esse tempo foi uma lenta morte para mim! Resuscitei, e abraçando minhas filhas senti a esperança nascer de novo; uma nova existencia começava a alvoroçar para mim.

Queria amar, amar um ente que me correspondesse com o mesmo amor, com a mesma vehemencia, com a mesma firmeza! um ente que me comprehendesse, e que fosse merecedor da amizade que eu lhe consagrasse.

Era uma illusão! Eu tremia de a ver correr como as nuvens!

N'esses sonhos da imaginação, eu não tinha ouvido o rodar de um trem que passou em frente da grade da quinta; e só alguns instantes depois, quando me dirigiram a palavra, o que tive um sobresalto, e que voltei á vida real deste mundo.

A reacção foi tão forte, que encostei a cabeça, e as lagrimas banharam-me as faces.

— Que tem? perguntou o sr. Fonseca, pegando-me nas mãos; como está fria!

— E' verdade, tenho frio; respondi eu.

Elle tirou o seu ponche, poz-m o nos hombros, e disse, dando-me o braço:

— Vamos andar um boccadinho; faz-lhe bem.

Principiámos então a andar, e elle com o maior desvelo ia arredando com a sua bengala as pedras que podiam estorvar os meus pés.

Quando chegámos ao caramachão, perto do rio que atravessa a quinta, perguntou-me o sr. Fonseca.

— Que tem? está triste? receia o futuro?... Bem sabe que nada deve receiar; eu prometti-lhe a minha protecção, e apesar de tudo quanto me dizem, hade tel-a. Eu conheço-a bem, e por isso nunca mudarei.

— Eu não receio de perder a sua affeição nem a sua protecção, me apressei a responder; mas é verdade, estou triste, e não sei porque!

— Voltando para Lisboa, tornou elle, quero que se divirta. quero que tenha muitas distracções, quero que seja feliz! Hade-me dar uma relação das dividas que tem; eu sei que fora a do sr. Bastos, para a qual já dei setecentos e sessenta e cinco mil réis, para ser paga, tem outras mais. Zanguei-me muito quando soube que tinha dividas, porque conheci que não tinha confiança em mim, e que se não lembrava do que eu lhe tinha dito: que eu lhe daria tudo quanto me pedisse!

— Mas deve tambem recordar-se disse, eu, que lhe jurei de nunca lhe pedir coisa alguma.

— Orgulhosa! exclamou elle; pois pensa que o meu orgulho não havia de ficar ferido quando soubesse das suas dividas? E que dirá o mundo? que eu lhe não dava sequer o necessario.

—Não, sr. Fonseca, ninguém dirá tal; accusar-me-lhão de extravagante; porque o mundo será sempre o mesmo, tomando o partido do mais forte.

Elle riu-se; conheceu talvez a verdade do que eu disse.

—Mas agora, por exemplo, não tem dinheiro; sei que pediu á Agostinha dinheiro emprestado; porque não me escreveu? Aqui não lhe falta nada... O sr. Assumpção deve trazer-lhe de Lisboa tudo que deseja... todos os mezes elle me apresenta a conta; porque não lhe pediu o que queria?

—Era para mandar dizer uma missa n'esta capella, respondi eu, apontando para o alto do monte.

Creança! não sabe que eu sou o seu banco? disse elle rindo muito, puxando pela sua carteira e querendo dar-me as notas que dentro estavam.

—Que quer que eu faça com tanto dinheiro? perguntei-lhe rindo-me.

—Não quero, disse elle, que quando desejar mandar dizer uma missa, ou desejar qualquer outra coisa, peça emprestado nada a ninguém.

—Agradeço, mas para isso não preciso tanto dinheiro; respondi eu, accetando unicamente as libras.

Deus sabe os cuidados que me cercavam! Olhando para aquellas notas, disse comigo: Com essas notas, ver-me-hia livre de dois ou tres crédores!... O meu capricho porém, e a promessa que fizera ao sr. Fonseca em Cintra alguns mezes antes, foram mais fortes que os cuidados que eu tinha dos meus credores, e tive bastante coragem para não me abater nem me abaixar.

Voltámos com minhas filhas e Agostinha para o hotel. N'esse dia estava o sr. Manuel Pinto muito triste, porém não deixou de brincar com a *Titi*, como elle chamava á minha Clementina.

Que tem, M.^{me}? perguntou-me M.^{elle} Agostinha,

quando o sr. Fonseca se metteu no trem para voltar para Lisboa.

--Estou triste, disse eu.

--No seu logar, eu estaria bem contente, respondeu.

--Porque? perguntei simplesmente.

--Ora, porque! replicou ella, se eu tivesse um homem como este sr. *Monte-Christo*, considerava-me feliz por toda a minha vida, e havia de o depennar muito bem. Antes de um anno os seus milhões sentiriam um grande *abalo*, e eu seria então mais ditosa do que uma segunda Haydeé. Ah! quem me dera um homem assim! E Agostinha soltou um profundo e longo suspiro.

--Então não gosta do sr. Assumpção? perguntei-lhe.

--E' bom rapaz, é verdade, disse ella; mas coitado, não tem nada.

--Então pelo que vejo não gosta senão de dinheiro? disse eu.

--E de certo Madame, o dinheiro é a alma de tudo, e por isso se amanhã me apparecesse uma pessoa que me desse bastante, deixava immediatamente o Assumpção.

--Então o seu amor é ao peso! se o sr. Assumpção ouvisse isto, de certo não havia de estar *tres flaté*.

--Ora!... eu negava, disse ella rindo e cantarello.

Em presença d'aquelle descarado egoismo, d'aquelles calculos faltos de todo o sentimento; d'aquella mulher que punha o seu amor n'uma balança, senti meu coração revoltar-se a tal ponto, que tive desejos de me levantar e de lhe puxar as orelhas; para ver se d'esta maneira lhe faria subir o sangue á cabeça, e corar as faces de vergonha.

D'esse dia fiquei conhecendo Agostinha como uma perfeita *grisette*; tinha um tal nojo d'ella que não lhe dirigia a palavra senão quando era absolutamente necessario.

O sr. Assumpção perguntava-me muitas vezes o que eu tinha, e se Agostinha me fizera alguma coisa.

A tudo lhe dizia que não.

Tinha dô d'elle, e não queria, revelando-lhe a verdade, fazer cair aquelle *amoureux* das nuvens do ceo na lama da rua, d'onde saía M.^{elle} Agostinha.

Passados alguns dias, disse positivamente ao sr. Assumpção que eu queria voltar para Lisboa.

Fora do seu costume, esteve tres dias sem apparecer em Bellas.

Seriam dez horas da noite do quarto dia, quando todos já estavam deitados, excepto as duas mulheres do hotel, e eu, que ainda estava a ler, quando ouvimos o rodar de um trem.

—E' alguém que vae para Cintra; disse eu fechando o livro.

—Não, porque parou; disseram ellas.

Bateram na porta, todos os cães da casa, como verdadeiros cães de fila, principiaram a ladrar. Depois principiaram as fallácias, as corridas, as exclamações, até que appareceu o sr. Assumpção.

—O que aconteceu? perguntei eu assu tada; o sr. Fonseca... ..

—Socegue, socegue, respondeu elle tomando as minhas mãos geladas; nunca vi pessoa mais nervosa, já está toda tremula! digo-lhe que socegue, não ha nada de extraordinario; sou eu que venho buscar a todos, pois que amanhã é o dia de natal, e o sr. Fonseca disse que estimava muito passar esse dia em sua casa; esse motivo é que me fez vir a esta mesma hora. Arranje bem tudo, Luiza, e abafe bem as meninas, disse elle para a minha criada. Façam-me a conta, continuou elle, voltando se para as mulheres; e eu, vou ver Agostinha para que se levante, disse saindo.

Em breves minutos todos se apromptaram. Pagou-se tudo, e partimos para Lisboa.

Entrando as portas, da primeira igreja que avistámos

já estava saindo gente da *missa do gallo*, como se diz popularmente.

Achei aquella volta repentina para Lisboa, e a semelhante hora, tão extraordinaria, como tinha achado celebre o fingido passeio a Belem, que nos conduziu para Bellas

— O cocheiro vae enganado, adverti eu ao sr. Assumpção.

— Já não mora ao correio; respondeu elle.

— Porque?! apressei-me a perguntar.

— O sr. Fonseca achava a casa pequena, disse elle.

— Isso é impossível, exclamei, porque o sr. Fonseca sabe quanto eu desejava viver e morrer n'aquella casa!

Encostei-me no canto do caleche, e nada mais disse.

Chegámos emfim. Minhas filhas atordoadas pelo somno, e eu constrangida por ver que se dispunha da minha vontade sem me consultarem.

Ousámos apenas dar um passo n'aquella casa que era nossa, e na qual entrámos como estranhas.

Depois de ver toda a casa, entrámos n'um quarto, e disse o sr. Assumpção para Agostinha:

— Este é o seu quarto, Mademoiselle.

Fiquei espantada de ver o *sans façon* com que o sr. Assumpção faltava á palavra que me havia dado.

No outro dia quiz pôr em ordem os meus papeis, e como o sr. Assumpção já havia saído, disse a M.^{elle} Agostinha que tivesse a bondade quando elle voltasse de lhe pedir em meu nome o livro em que eu costumava estampar os recibos de tudo que comprava.

M.^{elle} Agostinha, pondo as mãos na cintura, (costume muito seu, e que a fazia de uma varina parecer-se com uma regateira) disse-me:

— Está doida! esta casa é toda minha; quando estive doente, o sr. Fonseca não quiz pagar-lhe as suas dividas, por isso o sr. Assumpção mandou avaliar toda a sua

mobilia, e o dinheiro porque a avaliaram entregou elle para pagamento das suas dividas, percebe agora?

—Veremos, disse eu voltando-lhe as costas e andando para a sala, aonde me fui assentar ao piano.

Os dias passavam-se, e de dia para dia o escandalo ia-se tornando indecentissimo.

Que podia eu dizer ao sr. Fonseca? elle estava doente, e eu não devia augmentar os seus soffrimentos com as minhas queixas:

Resignava-me a ter paciencia,

Não appareceu o sr. Fonseca durante tres dias, e quando depois d'essa ausencia elle veio visitar-me, achei-o tão abatido e tão mudado, que apenas podia respirar quando fallava.

Senti meu peito opprimido com um triste presentimento, mas nada disse, nem dei a conhecer.

N'esse dia o sr. Assumpção não jantou em minha casa, e M,^{elle} Agostinha furiosa de eu a não mandar entrar na sala, estava *desapointée* como tinha ficado a celebre M... e para se vingar entornou vinho na mesa; saltou sobre as conservas; queimou a lingua; e ia espetando um olho com o garfo.

Vendo porém que todos os seus movimentos convulsos não alcançavam de mim sequer um sorriso de desprezo, levantou-se sem esperar a sobremesa, e retirou-se para o seu quarto.

Vinte minutos depois de me levantar da mesa, estava ainda encostada a uma das janellas da casa de jantar, vendo as minhas filhinhas que no jardim andavam a apanhar umas flores, quando entrou o sr. Assumpção dizendo-me que sabia que o sr. Fonseca tinha estado em minha casa, e que elle Assumpção queria ser informado do que se tinha passado.

—O sr. Fonseca estava muito doente, e por isso nada lhe contei, respondi eu seccamente.

—Mas aonde está Agostinha? perguntou elle admirado.

— No seu quarto; respondeu umã das creadas.

Para lá se encaminhou o sr. Assumpção, para ouvir as confidencias de quem elle esperava os remedios raspalhistas.

O sr. Assumpção não se resolvia a trazer o meu livro dos recibos; por isso mandei vir um trem, e fui buscal-o a casa d'elle; porém como encontrei o sr. Assumpção algumas portas antes de lá chegar, mandei parar o caleche, e disse para o dito Assumpção que se tinha chegado perto do trem:

Ha dois mezes que sempre se esquece do meu livro, por isso venho buscal-o.

—Eu lh'o levo esta tarde; respondeu elle.

Effectivamente, n'esse mesmo dia elle m'o entregou.

Por esse lado estava eu descançada; restava-me acabar com o escandalo que causava M.^{elle} Agostinha.

Alguns dias depois de eu ter os recibos em minha mão, disse á noite á creada do meu quarto, que me trouxesse as chaves de todas as portas: ao que ella obedeceu fielmente.

Deitei-me descançada; porém não tinha ainda bem pegado no somno, quando tive um sobresalto pelas argoladas na porta da rua, e pelo alvoroço que faziam á porta do meu quarto.

Eram os passaros que faziam aquelle desatino, um por se achar fechado na gaiola, e outro por querer entrar n'ella.

Com o despontar da aurora desapareceu o sr. Assumpção, e durante o dia não vi M.^{elle} Agostinha.

Ao chá, disse-lhe positivamente, que d'esse dia em diante ainda que ella repetisse o escandalo de alvoroçar toda a vizinhança, eu não lhe mandaria entregar as chaves.

Não me deu resposta; e eu tive a satisfação de dormir tranquillamente toda a noite. De manhã, quando a criada me acordou para eu tomar o meu banho, vejo a pallida e tremula dizendo:

— Está cá ! está cá !!

— Quem ? perguntei eu admirada.

— O sr. Assumpção; exclamou ella.

— Está sonhando, lhe disse eu; e para a fazer voltar do susto, fui á minha cama e tirei debaixo do travesseiro as chaves.

Ella abriu muito os olhos, fitou as chaves, e depois tornou a repetir :

— Elle está cá ! elle está cá !

Quiz acabar com a duvida, vesti-me á pressa, mandei pôr o almoço na mesa, e entrei na casa de jantar.

Fiquei passada, dando com os olhos n'um homem pallido, que me disse com voz quasi sepulchral :

— O que me fez hade custar-lhe caro, porque me heide vingar.

— Isso é uma ameaça, sr. Assumpção? lhe perguntei.

— Não sei o que é, tornou elle com o mesmo tom; mas juro-lhe que serei sempre seu inimigo.

N'isto appareceu Agostinha, dizendo ao seu *chevalier* :

— Sempre és muito tolo em dares satisfações a esta *mijaurée*; eu heide pôl-a fora da minha casa.

— Isso é o que nós veremos; disse eu.

— Sim, sim; respondeu ella, voltando me as costas, e atirando com a porta do seu quarto.

Provavelmente na solidão ia traçar seus planos de batalha, no que havia de ser forte, porque o sr. Assumpção não fazia senão fallar em *Sebastopol* e nos combates do *mar Negro*.

Já o sr. Assumpção não estava em casa, quando entrou o sr. José Lino Alves Chaves, regedor da freguezia de S. Mamede), a quem eu tinha pedido que viesse a minha casa, para, na qualidade de autoridade, lhe contar o barulho da noite, e para lhe pedir que desse as providencias para semelhantes factos não se renovarem.

— Vejo um meio muito facil, disse o sr. Chaves, é o de pôr fóra essa mulher.

—Receio escandalisar o sr. Fonseca; respondi

—Quando o sr. Manuel Pinto souber os motivos que a levaram a esta deliberação, não hade senão louvar o seu procedimento.

—Mas eu não recebo cartas d'elle, nem lhe remettam as que eu lhe dirijo; disse eu

—E está bem certa d'isso? me perguntou o sr. Chaves, com o maior interesse.

—Tenho toda a certeza.

Ficou o sr. Chaves a pensar alguns instantes, depois levantando a cabeça disse:

—Em tudo isto parece haver uma intriga; mas eu prometto-lhe que o sr. Fonseca hade ser informado do que se tem passado. Agora vamos ao que é mais urgente; esta Agostinha deve sair hoje mesmo da sua casa, e para isso preciso fallar-lhe.

Toquei a campainha, e disse á criada que appareceu, que fosse prevenir M.^{elle} Agostinha que o sr. Chaves precisava fallar-lhe, e que a esperavamos na sala.

D'ahi a poucos instantes voltou a criada dizendo que M.^{elle} Agostinha não queria fallar a ninguem.

Vendo que o segundo recado obtinha a mesma resposta, disse ao sr. Chaves:

—O verdadeiro é lá irmos.

Elle concordou, e para lá nos encaminhámos.

Ao ver-nos entrar, M.^{elle} Agostinha deixou-se ficar defronte do toucador, aonde estava penteando o seu cabel'lo, que usava curto e apartado ao lado como os homens.

O sr. Chaves, com a maior bondade e delicadeza, fez-lhe conhecer que a sua conducta era muito reprebensivel, e por consequencia que eu não a podia ter mais tempo em minha casa.

Eu servi de interprete, por que um não fallava francez, e outro não comprehendia o portuguez.

—Pois diga ao senhor, respondeu aquella menina fugida dos precipicios da França, voltando-se para mim,

com olhos furibundos, e apontando para o sr. Chaves como se fosse um cão, que esta casa é minha, e que d'ella não saio.

—O caso está mais serio do que eu pensava, disse o sr. Chaves levantando-se. Eu voltarei logo quando estiver o sr. Assumpção.

D'ahi a algumas horas entrou o sr. Assumpção, e eu mandei recado ao sr. Chaves, conforme elle me havia recommendado.

Eu estava no meu quarto pensando nos resultados que podiam succeder d'aquelles acontecimentos, quando o sr. Assumpção entrou como um relampago ameaçador.

—Então mandou chamar a autoridade? o que eu desejava agora era matal-a, disse elle correndo para mim com os braços alçados!

—Aqui estou, disse eu socegradamente; mas previno-o que em poucos minutos a autoridade está aqui.

— Oh! não heide morrer sem me vingar, exclamou elle.

Felizmente, a criada veio dizer que o regedor estava na sala.

.. Oh! sim; exclamou o sr. Assumpção ssindo como um foguete incendiado; e entrando na sala bradou: O que vem o senhor cá fazer? eu não o chamei.....

—Fui chamado como autoridade, respondeu com toda a paz de espirito o sr. Chaves M^{me} Josephina deseja que M.^{elle} Agostinha saia hoje d'aqui.

—Se eu quizer; replicou o sr. Assumpção fóra de si.

Aqui não ha querer, disse o regedor já bastante zangado; e se as coisas não forem por bem, tenho á porta dois soldados.

Quando o sr. Assumpção viu que as coisas estavam tão adiantadas, achou que o mais prudente era ceder, mas ainda exclamou:

—Esta senhora hade-me pagar tudo.

—Ora, não diga essas palavras de ameaças; isso não é proprio de um cavalheiro, disse o sr. Chaves.

—Juro que heide fazer-lhe quanto mal eu puder ; exclamou ainda o pobre despeitado, que representava o papel de uma creança que levando um castigo se punha com amuos, e com projectos de quebrar tudo.

O sr. Chaves com a maior paciencia ainda lhe disse :

—V. s.^a não hade fazer nada contra esta senhora, sou um homem com cabellos brancos, posso dar-lhe conselhos, e peço-lhe que seja comedido.

Achei que se me demorasse pareceria estar rogando mercê a uma pessoa que se havia declarado minha inimiga, e como não sou mulher de pedir misericordia em frente de um perigo, retirei-me.

Ainda ficaram muito tempo a fallar, até que finalmente saiu o sr. Chaves.

D'ahi a pouco tempo saiu o sr. Assumpção, e M.^{elle} Agostinha.

Levavam atraz de si um gallego que ia carregado com um cesto da casa, aonde se guardava a roupa suja. Era aonde M.^{elle} Agostinha levava o seu enxoval.

Foi d'essa maneira que eu me livreii de prestar minha casa a uma *grisette*, que teve a habilidade de fazer com que um homem delicado se esquecesse de todos os deveres de honra e dignidade.

Parece incrível o poder que certas mulheres teem sobre o animo pusilamine de alguns homens, a ponto de os fazerem commetter acções que interiormente elles regeitam e accusam.

Esse poder, conhecia eu que tinha a desatinada Agostinha sobre o sr. José Candido de Assumpção, que, apezar de tudo, é uma pessoa cheia de delicadeza e de uma esmerada educação.

Conversando em tudo, se é em francez, elle responde na mais apurada linguagem ; se o dialogo se trava em inglez, brilha ainda mais, porque se desenvolve n'esse idioma com a maior perfeição.

De genio feroso e arrebatado, os seus repentés são impetuozos, mas o seu coração possui um fundo excellente.

Não digo isto por dever talvez a minha vida aos cuidados que o sr. Assumpção empregou no primeiro periodo da minha doença; digo-o porque é a verdade; por isso eu tributarei sempre ao sr. Assumpção o mais grato reconhecimento, e a mais sincera affeição.

Cheguei a ter na sua amizade um extremo de irmão e o patrocínio de um excellente conselheiro; mas a Agostinha fez-lhe perder a cabeça.

Nunca lhe tive odio pelo que me fez; sem duvida elle terá já conhecido a minha justiça, e os grandes erros que lhe fizeram commetter.

O sr. José Candido d'Assumpção é um empregado da junta do credito publico, onde tem merecido sempre a estima e a amizade de todos os seus collegas e superiores.

Pelas ameaças que o sr. Assumpção me fazia, a instigações de Agostinha, percebi que não perderia tempo para indispor o sr. Fonseca.

Mandei ordem para vir um trem, e fui á rua do Calhariz.

Não me apeei, mandei chamar o guarda-portão a quem perguntei quem estava no palacio.

—Ha poucos instantes que entrou o sr. Assumpção, respondeu elle.

Vi que os projectos da vingança promettida começavam a estar em exercicio. Como tinha esse sentimento quando saí da minha casa, por isso já trazia uma carta que dei ao guarda-portão, para elle a entregar pessoalmente ao sr. Fonseca, que estava já doente de cama.

No dia seguinte recebi a resposta toda escripta pelo sr. Manuel Pinto da Fonseca.

Eil-a aqui.

«Eu recebi a sua carta, mas o meu mau estado de saude não me permite responder nem apparecer.

«Tenho que ir viajar uma vez que escape ao muito que soffro.

«Tenha sempre confiança em mim.

«Não posso formar juízo com o occorrido com o sr. Assumpção; se eu me pudesse de tudo capacitar era mais que bastante para nenhuma consideração me merecer desde já; mas por ora espero a verdade.

«Tenho provas mais que sufficientes, de que não é possível governar-se, e é por isso que nada lhe parará em casa.

«O sr. Assumpção não deve mais tratar dos seus negocios, e eu vejo-me obrigado a mandar o procurador o sr. Lobato.

«Fallou no M. D. B. e R. Se assim foi conheço que é falta de juízo; e que sem este, tem com effeito de ser desgraçada; se assim fôr aconselho-lhe que vá visitar seu pae durante a ausencia que tenho de fazer d'esta terra.

«Eu faço esta com o maior sacrificio porque estou muito doente.

«A 15 mandarei preencher a mezada, e esteja descansada, porque eu continuarei.

«Meus padecimentos são grandes.

«Adeus! adeus.

Manuel Pinto da Fonseca.

Conhecendo o character do sr. Manuel Pinto, como eu o conhecia, sabendo que não era homem que fizesse uma promessa voluntaria para depois faltar a ella, fiquei descansada a respeito das minhas mezadas, não guardando no coração senão o cuidado que me dava a sua vida, que perigava com aquella doença tão fatal, que lhe causava tantos soffrimentos.

Chegou o dia 15 e effectivamente recebi uma carta com a minha mezada.

Mas nem a carta era do sr. Fonseca, nem a assignatura, que bem quizeram imitar, se parecia com a d'elle. Affirmei-me, examinando-a com mais de cem

cartas que eu tinha do sr. Manuel Pinto; e esse exame confirmou a minha duvida.

Mandei chamar o sr. Chaves, que tinha tido varias vezes a bondade de mandar algumas cartas minhas ao meu protector.

Quando elle veio, contei-lhe os meus receios, e dei-lhe as cartas todas para elle comparar. Depois de bem examinar disse:

—Vejo que em tudo isto ha uma trama infame contra si, facil é conhecer que ha *machiavelismo*.

Com paciencia esperei o dia primeiro do mez seguinte, mas n'esse dia não recebi nem carta, nem mezada.

Vi que havia *complot*. Fortifiquei-me de coragem para affrontar tudo.

Pedi ao sr. Francisco Ferreira Serra, irmão do meu procurador, para ir pessoalmente entregar uma carta ao sr. Fonseca.

Fizeram-lhe muitas interrogações, e não o deixaram entrar no quarto.

Desesperada porque já não sabia que meio empregasse, disse ao sr. Chaves que ia mudar-me para o Loreto, que assim eu estaria mais perto do sr. Fonseca, e poderia mais facilmente tomar uma resolução; elle achou que eu tinha razão, e aconselhou-me que fosse pessoalmente ao Calhariz.

—Não me deixariam entrar; respondi.

—Pois eu me comprometto a fazel a ter uma entrevista com o sr. Manuel Pinto; me disse o sr. Chaves, com o maior interesse possivel.

Pensei alguns instantes.. depois levantei-me sacudindo a cabeça como quem quer deitar fora uma idéa que importuna, e como quem toma uma resolução irrevogavel, disse:

—Não irei.

O sr. Chaves, que esperava outra decisão, olhou pasmado para mim perguntando-me o motivo.

—Eu lh'o digo, respondi assentando-me. Se o sr. Fonseca fosse para mim mais do que um protector e um bom amigo, eu não teria incommodado v. ex.^a porque no mesmo dia em que precisasse uma explicação, eu a teria. Elle estava doente, não podia cá vir, eu teria lá ido. Não me quereriam deixar entrar; mas eu lhe affianço que havia de entrar.

—É uma senhora singular, disse o sr. Chaves levantando-se; eu prometti que farei tudo que estiver ao meu alcance, para não deixar concluir a vingança que lhe juraram

—E eu descanso no seu paterno auxilio, para que esta carta seja entregue em mãos proprias, disse eu dando-lhe uma carta para o sr. Fonseca.

Dois dias depois voltou o sr. Chaves com a physionomia alegre, exclamando:

—Victoria! victoria! A sua carta foi entregue, lida com prazer, e as lagrimas nos olhos, dizendo-me depois: nunca acreditei no que inventaram, porque a conheço. Ella que descance; o que está feito não será desmanchado; pelo contrario, se Deus me der vida, ella será muito feliz.

—E' pois a v. ex.^a a quem devo essas palavras de consolação, a v. ex.^a que me não conhecia, e que tão cavalheiramente acaba de me fazer um tão importante serviço! Depois do que tenho soffrido, as palavras que v. ex.^a acaba de pronunciar reanimam minha coragem, e obrigam-me a dizer-lhe do coração: obrigada! mil vezes obrigada! e peço-lhe que seja sempre para mim o mesmo: bom conselheiro, e bom amigo.

—Juro que serei sempre o mesmo, disse o sr. Chaves, porque lhe tenho sincera amizade, e profunda estima. Em qualquer caso que precisar de mim, sempre me achará.

CAPITULO IV

O sr. Bastos principia a mostrar os seus dentes. — O sr. Chaves salva-me de um lobo. — Venho morar para a rua do Loreto n.º 72. — Quero que uma carta seja entregue. — Embaraços — Marquez de ... não. — O sr. Serra apresenta-me o sr. Sant'Anna. — D. Antonia Gertrudes Pusich. — O sr. José Maria Dias Torres. — Primeira explicação. — Carta anonyma — Mystérios das Ave-Marias, revelados pela sombra de Belzebuth. — Já tarde me recordo da buenadicha, que me leram na Bohemia. — Ultimas palavras sobre M. me Levillant. — Primeiro desengano.

Foi no dia seguinte ao d'esta conversação, que tive um embargo feito pelo sr. João Caetano de Oliveira Bastos, que tinha sido tenente da guarda municipal, e a quem alcunhavam o *Pancada*.

Este senhor, a quem eu tinha entregado a antiga mobilia de minha sala, vendendo me elle outra moderna, sabendo que o sr. Fonseca estava doente, receou que eu mandasse vender os moveis á *feira da Lidra*.

Uma coisa que sempre me tem admirado, é a propensão que existe em muitas pessoas d'esta terra, para julgarem todos de má fé. Provavelmente por causa da maxima: *O bom julgador por si se julga*.

Vi entrar os officiaes de justiça seguidos de beleguins e de carrascos, que por a mobilia da sala que o sr. Bastos me havia vendido queriam levar tudo que estava em minha casa

Eu não tinha dinheiro, e não podia prevenir o sr. Fonseca, porque o meu dever era evitar-lhe desgostos, e não lhe augmentar os soffrimentos.

Era um abuso que o sr. Bastos commettia abuso que as leis quasi coadjuvavam, porque muitas vezes as leis são para quem as compra.

Aqui estarão fechos nos negros muros do Limoeiro os ladrões de mãos sujas e de sapatos rotos. Mas os ladrões que teem muito oiro; oiro para os theatros e dançarinas; oiro para jantares e partidas; oiro para as amantes encobertas pelos proprios paes, que se vendem por essa vilania, oh! esses ladrões então, de luvas brancas e botas de polimento, serão recebidos nas salas, e convidados nos bailes! Oh! miserias do mundo! miserias!.....

Não quiz deixar commetter aquelle roubo sem oppôr ao menos alguma resistencia; mandei chamar o sr. Chaves; a sua bondade havia de me salvar d'aquella afflicção.

Elle veio immediatamente, e depois de algumas palavras que eu lhe disse, comprehendeu logo tudo.

O sr. Chaves conferenciou com os officiaes, e como elles recusaram receber a quantia que o sr. Chaves offereceu para pagamento e liquidação, ficou elle por depositario de tudo.

D'esse dia em diante, tratou o sr. José Lino Alves Chaves d'alguns negocios meus que estavam bem atrapalhados, e tratou-os com o maior cavalheirismo e desinteresse possivel.

Fez me egualmente o favor de retirar do poder de M.^{me} L. um bahú com penhores, que eu tinha empenhado em casa de uma creatura na rua da Rosa. Durante a minha doença, julgando M.^{me} L... que eu morria, foi buscar todos esses penhores; porém quando os entregou ao sr. Chaves, faltava metade.

Isso não admirava M.^{me} L... aproveitando se da minha doença, esperou que eu estivesse quasi á morte para arrombar a minha secretaria, e d'ella tirar todos os recibos das coisas compradas na casa d'ella.

O que eu soffri durante o pouco tempo que mo-

rei na travessa de S. Mamede n.º 8 não foi nada, em comparação do que mais tarde tive de soffrer!!

N'essa casa da travessa de S. Mamede tive que batalhar para ser vencedora; não era a ambição que me guiava. Queria, fosse ao preço de que sacrificios fosse, que minhas queridas e adoradas filhas não soubessem um dia quanto se soffre quando uma pessoa se acha só no mundo, sem fortuna, sem abrigo, sem amparo!!

Todas as desventuras que caíram sobre mim, eu vol-as agradeço, meu Deus, se com ellas puder ganhar a felicidade para minhas filhas. Abatida portantos desgostos, ponho-me de joelhos, curvo a cabeça e levanto os olhos para vós, meu Deus! peço-vos que me deis coragem.

.

Encarreguei o meu procurador de allugar-me uma casa na rua do Loreto. Não achou senão a do n.º 72, aonde morava o consul hespanhol, que tendo já passado dois ou tres mezes do semestre, fez-me pagar os seis mezes por inteiro, e dar mais cinco libras de indemnisação do despejo.

Um consul, parece incrível!!!

Impaciente de me achar n'essa casa, fiz transportar minha mobilia, apezar da chuva que caía a cantaros.

No dia seguinte mandei dar parte ao sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca.

Dois dias depois veio uma pessoa a minha casa, que me fez dar o juramento de nunca revelar o seu nome, porque, dizia elle, não queria tambem que o intrigassem.

—O sr. Fonseca confiou-me tudo, disse elle, encarregou-me de vigiar que nada lhe faltasse durante a ausencia que elle tem de fazer de Portugal.

Fiz-lhe esse juramento, e aqui lhe remetto a mezada do primeiro mez.

Por um movimento irreflectido levantei-me e disse:

—Agradeço muito essa prova de interesse que v. ex.^a tem por mim, porém vejo-me obrigada a não acceitar os seus offerecimentos.

—Pois que! disse elle olhando para mim espantado; quer ficar sem receber as suas mezadas?

—Paciencia, respondi eu; mas d'esse modo não as acceito.

Quando fiquei só é que reflecti na minha puerilidade.

E' verdade que esse individuo tinha procurado por todos os meios fazer-me a côrte; era um cavalheiro estimado por todos que o conheciam; mas devia eu, não querendo acceitar a sua côrte, receber d'elle obsequios, que tinham em vista mover o sentimento da minha gratidão? Não.

Devia recusar; foi o que eu fiz.

—Reflecta bem, tornou elle a dizer, porque jámais tornará a receber as suas mezadas.

Desde esse dia, nunca mais tive noticias do sr. Fonseca; por mais diligencias que eu fizesse tudo ficou surdo e mudo.

O sr. Manuel Pinto da Fonseca não era homem para faltar ás promessas escriptas e assignadas por elle; e a prova é a contemplação que por sua morte me deixou no seu testamento.

Houve um grande mysterio, é verdade; porém o seu autor terá de responder a Deus pelas lagrimas e desgostos que desde então soffri.

Que elle obtenha o perdão de Deus; porque eu de ha muito que lhe perdoei.

Ainda convalescente de uma tão grande doença, como foi a que me poz ás portas da morte, achava-me tão abatida que vivia como um automato; levantava-me e deitava-me sem ter tomado uma resolução.

A's vezes, querendo sacudir aquelle estado de somnolencia, dizia comigo: Coragem, energia, Josephina,

tu que tens sempre lutado, deixas-te abater?! Vamos, coragem! coragem!!!

Então formava os mais extravagantes planos; ora ia ter com meu pae ao Rio de Janeiro; ora queria retirar-me para um convento.

Vinha a reacção. E minhas filhinhas, pensava eu! Ellas precisam de mim, meu amor materno me dará forças para tudo!!!

Um dia estava sentada ao piano, deixando correr os dedos sem saber o que tocava, quando as melodias de Verdi poderiam talvez inspirar-me. Mas eu estava ali toda attenta esperando os resultados de uma tentativa, que o irmão do meu procurador fizera n'aquelle dia para fallar ao sr. Fonseca.

Entrou elle, e disse-me:

—E' preciso renunciar a esta carta ser entregue, não ha meio algum.

—Ah! está brincando, respondi eu rindo desesperadamente; não sabe que penso um pouco como Napoleão, que dizia que a palavra *impossivel* não devia existir?!!

—E' verdade, disse elle, mas Napoleão tinha o poder da força; e ainda assim esse homem que se julgava invencível, duvidou do bom exito dos vapores, e tratou de resto o seu inventor.

—Porém mais tarde, do alto de um rochedo, elle viu cortar-velozmente as aguas do mar por esses barcos fumegantes; mas já era tarde!.. tarde para se salvar!!!

—Ora, como a Madame não tem o partido da força, e pelo contrario tem contra si fortalezas muito fortes, que hade fazer?

—Em eu querendo uma coisa, respondi em seguida, hade fazer-se. Diz-me que essa carta não pode ser entregue, pois eu digo lhe que hade sel-o. Porém preciso que me faça um favor. Procure o marquez de *** No principio de eu estar em Lisboa, julgou elle, que eu era uma mulher que me vendia; veio a minha casa

e fez-me propostas infames. Ouvi tudo com sangue frio, depois levantei-me, e disse-lhe que lhe perdoava, mas que se retirasse. Este marquez, homem distincto e muito cavalheiro, conheceu o seu erro; deu-me desculpas, e disse-me que se algum dia eu me achasse em qualquer embaraço, podia contar que sempre elle estaria ás minhas ordens. Passou-se isto ha dois annos; hoje preciso da protecção de um cavalheiro, não receio pois de me dirigir a elle; apezar de haver quem me tenha contado que elle dissera que não continuara a fazer-me a corte, por eu lhe ter exigido uma *contribuição* exorbitante. E' de tanta miseria esta indigna desforra, que nunca me persuadi que semelhantes palavras viessem de uma pessoa de tanta educação. Passou-se isto ha dois annos, hoje preciso da protecção de um cavalheiro, não receio, pois, de me dirigir a elle.

—Mas esse passo dará direito a esse homem de lhe renovar os protestos d'outr'ora; disse o sr. Serra.

—Então, repliquei eu logo, não acredita no cavalheirismo de um homem, (para elle deixar de abusar da confiança de uma pobre senhora que se confia na sua honra, pedindo o cumprimento d'uma offerta espontanea?)

—Acredito, respondeu elle, mas não d'um homem que já lhe fez uma declaração.

—Tem talvez razão exclamei, eu. Mas, não sei então o que heide fazer.

—Dirigir-se a outra pessoa, tão audaz como esse fidalgo.

—Quem então, repliquei eu, e que não abuse da minha situação?

—Ainda ha homens cavalheiros, disse o sr. Serra muito seriamente.

—Essas palavras estão em contradicção com o que acaba de proferir respeito ao marquez de...

—Ha uma differença: essa já lhe declarou os seus sentimentos; e outro pode não lembrar-se de fallar em

amôr ; seria um egoismo, quando uma senhora está n'uma afflicção.

— Acabemos com isto, disse eu, tocando nervosamente sobre as teclas do piano, que tão innocentes estavam do que se passava.

— Uma pessoa que não receie nada, disse o sr. Serra, uma pessoa que chega ao pé do sr. Fonseca, apesar de tudo, é o sr. Sant'Anna.

Cessei de tocar, voltando-me repentinamente.

Vendo elle este meu movimento, disse :

— Sim, o sr. Sant'Anna.

— Sabe quem é essa pessoa ? perguntei eu.

— Sei, e por isso é que lh'a nomeei.

— Ha um anno pouco mais ou menos, disse eu, morava então defronte do correio geral ; estava um dia na janella, vejo passar uma pessoa e entrar na escada da casa que ficava ao lado da minha. N'essa casa diziam que se passavam grandes mysterios. Existia ali uma typographia. Immediatamente essa pessoa veio pôr-se á janella, fixando-me muito. Retirar-me logo, era dar importancia ; deixei-me ficar. Quando julguei que podia retirar-me sem essa dita pessoa pensar que o fazia por causa d'ella, metti-me para dentro, e fui assentar-me n'um gabinete, aonde estava lendo quando o sr. Fonseca entrou. — Porque se tirou da janella quando eu vinha ? perguntou-me elle dando-me a mão. — Não o vi, respondi eu, porque tinha a cabeça voltada para os Paulistas. — Eu já lhe tinha pedido que não olhasse tanto para esse lado ; chora e faz-lhe mal ; continuando ficará doente. — É verdade que soffro, sr. Fonseca, dirigindo a vista para ali, figura-se-me ás vezes que vejo apparecer alguém ; então são recordações... e dolorosas saudades !

Depois, depois vejo passar um enterro, oh ! então são soffrimentos e lagrimas !! Oh ! perdão, perdão, lhe disse eu, pegando-lhe nas mãos humidas das lagrimas que lhe caíam dos olhos ; perdão, mas não me prive de

lhe fallar n'uma paixão que acabará com a minha existencia. O pranto não me deixou continuar. — Deve mudar de casa, disse o sr. Fonseca, aqui está sempre com essas idéas tristes, e isso pode fazer-lhe mal. — Mudar-me! oh! não! estas paredes que seus olhos fixaram; estas portas que sua mão abria, são uma triste consolação para o meu dilacerado coração. O sr. Fonseca vendo que as minhas lagrimas não cessavam, disse-me para mudar de conversa: — Conhece aquella pessoa que estava quando eu entrei, á janella que fica pegada a esta casa? — De vista parece-me que sim, mas não sei quem é. — Pois não conhece o Sant'Anna, o Achilles da cidade de Lisboa? — Esse é que é o sr. Sant'Anna? perguntei eu muito admirada. — E' elle mesmo. Conheço o do Rio de Janeiro, e por isso lhe digo: tome sentido. E' nova de mais, para dizer que nunca hade ter amor a ninguem. Eu prevejo tudo, e por isso lhe repito: tome sentido. — E' escusado, disse eu, porque não heide tornar a ter amor! — E' uma creança, e pensa que na sua idade pode viver-se sem paixão? perguntou elle sorrindo-se. — Todo o meu amor é para as minhas filhinhas, respondi.

— Isso é muito bonito, mas é muito nova para deixar o seu coração sempre calado. Eu não posso offerer esse sentimento exaltado que sua alma deseja, mas certificaram-me que seu marido morrera; se acaso é verdade, então iriamos viver para França; quereria? — O meu reconhecimento sr. Fonseca, deve servir-lhe de resposta ás suas vontades.

Elle levantou-se, deu duas voltas na sala, passando a mão pela testa; depois parando defronte de mim disse me: — Não sei porque, vejo que é uma tolice, mas por si, que eu quereria ver socegada e feliz, receio este homem! — Que homem? perguntei eu não me recordando de quem vira na janella. — O sr. Sant'Anna, disse com mais tristeza o sr. Fonseca; é um presentimento sem

fundamento, mas digo-lhe: tome sentido, tome sentido.

Depois de ter ficado mais alguns instantes a conversar, e a ouvir-me tocar o *Rigoletto*, peça que elle muito gostava, despediu-se e saiu.

Quando eu senti fechar a porta da rua, empurrei com raiva a cadeira em que estava sentada; dei umas poucas de voltas á roda da sala, pensando d'este modo: Realmente este sr. Fonseca não pensou no que disse; julgar que eu possa amar este homem, é uma loucura. O que eu tenho ouvido contar d'elle não é certamente para encantar um coração como o meu, que suspira por idealismo!!!

Tornei a pôr-me machinalmente ao piano, toquei um bocado pensando ainda em tudo que tinha ouvido; depois quando principiei a cantar esqueci-me de tudo.

Nunca mais o sr. Fonseca me fallou, nem eu me lembrei do sr. Sant'Anna.

Passados muitos mezes, tornava a ouvir pronunciar esse nome; e então propondo-me para elle me fazer um obsequio, para com o meu protector que me tinha dito: Tome sentido!!

Ninguem foge á fatalidade, quando ella está escripta no livro do destino.

Em poucas palavras disse á pessoa que me fallava do sr. Sant'Anna o motivo que me fazia receiar de me dirigir a elle.

— Não deve tratar de reflexões, respondeu o meu interlocutor, deve olhar para o seu futuro, e das suas filhinhas.

A palavra filhas foi sobre os meus receios um toque electrico.

— Pois bem, disse eu sem mais hesitação; peço que lhe diga que desejo fallar-lhe.

A voz com que pronunciei estas palavras foi a mesma que a de uma pessoa que vê um abysmo de um lado, e uma fornalha do outro, e exclama: Pois seja o abysmo!

Dezoito mezes curvei a cabeça ao peso dos desgostos e do arrependimento ; que sejam elles, meu Deus, a expiação de todos os meus peccados !!!

Dizer o que eu senti quando vi entrar o sr. Santa Anna na minha sala, não é possível descrever-se.

Oh ! como todas as palavras, todos os movimentos d'este homem eram estudados ! como lhe faltava a naturalidade, e a simplicidade !

O sr. Serra expoz lhe o motivo que me obrigara a importunal-o ; e eu confirmando todas as suas palavras, pedi-lhe o obsequio de remetter uma carta ao sr. Manuel Pinto da Fonseca.

— Hoje já é tarde para lá ir, me respondeu ; mas amanhã ás dez horas virei, se me der licença, buscar a sua carta.

Fiz-lhe signal affirmativo, ao qual me correspondeu complimentando-me e saindo.

— Então ainda tem receios ? perguntou o sr. Serra, quando ficámos sós ; não lhe disse eu, que era um perfeito cavalheiro ?

Olhei o meu interlocutor sem lhe responder nada. Elle pensando que aquelle olhar ainda tinha signal de duvida continuou :

— Apezar de tudo o sr. Sant'Anna é um cavalheiro, e nunca hade abusar da afflicta posição, e das lagrimas de uma senhora.

A entrada do meu procurador poz termo a uma conversa, que principiava a ser-me desagradavel.

No dia seguinte ás dez horas recebia o sr. Santa Anna da minha mão a carta para o sr. Fonseca. Tirando uma carta da sua carteira, disse-me elle :

— Para a não comprometter aos olhos do sr. Manuel Pinto, fiz escrever esta carta a uma senhora ; assim apresentar-me-hei a elle, como se esta senhora me tivesse pedido de me interessar por v. ex.^a

— O meu pedido era um facto tão simples, disse eu, que não julgava necessario um manto.

—O sr. Fonseca, recebendo uma carta de v. ex.^a por mim, poderia julgar que eu lhe faço a cõrte, respondeu-me o sr. Sant'Anna, olhando fixamente para mim.

Senti o rubor subir-me às faces; nada lhe respondi, e só pude comprimental-o, quando elle tomando o seu chapeo, me saudou e saiu.

Havia oito dias que me tinham apresentado em minha casa a ex.^{ma} sr.^a D. Antonia Pusich, filha do general d'este nome.

Na amizade d'esta achei o amor de uma carinhosa mãe, e os conselhos de uma verdadeira amiga.

Ella por mim interessou o irmão do arcebispo de Palmyra, que apezar dos seus esforços nunca pôde remetter uma carta ao sr. Fonseca, de quem era intimo amigo.

As cordas estavam bem torcidas, e os cordoeiros não as largavam.

Os corvos esperavam a occasião opportuna de se lançarem sobre um pobre cadaver!

Oh! quantas miserias se passaram n'aquelle sumptuoso palacio!!!

D. Antonia Pusich estava incommodada, quando aconteceu o sr. Sant'Anna vir a minha casa. Porém immediatamente ella soube tudo, correu a meus braços com as lagrimas nos olhos, e disse-me:

—Coitada! oh! coitada! quereria a custo de annos da minha vida poder evitar o que este homem lhe hade fazer soffrer; agora já não ha remedio, mas se elle a comprehender, e a souber conhecer, talvez esse coração insensivel e egoista mude e possa então sentir alguma coisa.

—Estou arrependida, amiga! disse eu; mas que heide fazer agora? O mundo hade accusar-me, bem sei, mas eu responderei com estas palavras de Victor Hugo:

«Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe!

«Dieu sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe!

—A minha Josephina é romantica de mais para este nosso seculo, respondeu ella abraçando-me.

—Tambem é poetica de mais, redargui eu rindo e beijando-a.

Esta senhora não me desamparou com o peso dos meus remorsos, e a sua bondade me dava força para poder resignar-me a supportar a minha culpa.

.

A minha carta tinha enfim sido entregue, e lida. Oh! perdoe-me, perdoe-me sr. Fonseca, o desgosto que lhe causei recebendo uma carta minha pela mão do sr. Sant'Anna.

Não julgue que eu não fiz caso dos seus conselhos, e dos avisos que me deu; oh! não me accuse, pois que tudo foi a fatalidade.

.

Poucos dias depois vieram fazer um embargo na minha mobilia; por esse motivo achei-me então obrigada a aproveitar os offerecimentos de um delegado (então) da 6.^a vara. O sr. José Maria Dias Torres, o sobredito delegado, ficou por depositario. Quando elle soube que o sr. Sant'Anna vinha a minha casa, repetia-me todos os dias: Se a Madame não toma uma decisão fica perdida...

De nada me importei, não podia pensar eu, alma franca e sincera, nem em fingimentos, nem em hypocrisias.

Acreditei em tudo que o sr. Sant'Anna me dizia; acreditei em tudo que elle me jurava.

Passados dias disseram-me que elle estava para se casar.

Tive uma franca explicação com elle, e disse-lhe tudo que me haviam contado.

—Tu não sabes o que são as coisas do mundo, me respondeu elle. Esse casamento é arranjado por minha familia; essa rapariga morre de amor por mim, está louca de paixão; eu já não lhe tenho amor, mas sou grato pelo sentimento que *ella* ainda me conserva. E de mais ella está phtysica!

—Mas quem é? perguntei eu.

—Oh! é de uma das primeiras familias aqui de Portugal; é a casa com a fidalguia das mais antigas e mais nobres. Mas elles não querem usar dos seus titulos de nobreza porque não precisam d'isso para se tornarem respeitados por todos.

—Então não quero rivalisar com a primeira nobreza de Portugal, atalhei eu; e acho que se deve consagrar todo a essa tão illustre familia.

—Mas eu amo-te, Josephina, tu és a mulher que eu sonhava; tirando as tuas exaltações tu és um anjo, és a mulher que eu toda a vida heide amar.

—É a sua noiva... disse eu, sorrindo com intenção.

—Não te disse já que não tinha amor por ella? ha coisas na vida!!!... Meu amor é todo teu; tem confiança em mim; por ella tenho simplesmente amizade; prenderam-me! eu te contarei tudo; tem confiança, e deixa correr o tempo.

—Mas dá-me a sua palavra de honra, que não tem por ella amor algum?

—Oh! que creança que és, me disse elle, eu te juro que não tenho por ella amor nenhum, conheço-a ha muito tempo; e de mais Josephina, essa rapariga está phtysica; e juro-te que nunca casarei com ella, excepto se tu me abandonares

—Isso julgo impossivel, respondi eu, porque te amo e espero que nunca me darás desgostos para eu despedaçar meu coração, separando-me de ti.

Assim se passou essa primeira e ultima explicação. Com o tempo vim a ter conhecimento de coisas,

que não podiam de modo algum ferir o meu orgu'ho, por isso tranquillã deixei sempre correr o tempo.

Era raro o dia em que eu não recebesse cartas anonymas; mas essas cartas e os mexericos deitava tudo ao desprezo.

Um dia disse-me uma das minhas criadas, que vendo ella todos os dias ás *Ave-Marias* entrar uma mulher na escada, isto a fizera scismar, e que escondendo se no dia antecedente atraz da cancella, a ouviu estar a resmungar; fôra depois á janella e a vira sair sacudindo muito o capote, e dar tres *patadas* com o pé.

—Então o que vem a ser isso? perguntei eu.

—O que vem a ser!... exclamou ella tremendo. Vem a ser que aquella mulher veio salgar a porta; credo! vou já queimar alecrim.

—Mas o que vem a ser salgar a porta?! perguntei admirada do espanto supersticioso da criada.

—E' uma grande infelicidade, disse ella; é a desgraça da sua casa.

—Que historia é essa? perguntei eu rindo-me.

—Oh! não se ria, minha senhora, disse ella quasi com as lagrimas nos olhos

O serio com que a mulher pronunciou estas palavras fez-me dar uma gargalhada; olhando depois para ella, disse:

—Pois bem, quando vier ámanhã a bruxa, digam-m'o.

No dia seguinte estava acabando um bordado, quando fui interrompida pela mesma criada, que veio muito afflicta dizer-me:

—Ella entrou agora mesmo, minha senhora.

—Ella quem?! perguntei eu.

—A mulher que lhe salga a escada.

—Então vamos vê-la, disse eu encaminhando-me para a escada.

Perto da porta puz o ouvido á escuta, e senti realmente cair o que quer que fosse no chão, como se al-

guem estivesse areando os degraus ; e ao mesmo tempo uma voz que parecia o zumbir das abelhas.

—Vá-me buscar uma luz, disse eu para a criada, e não faça barulho.

Quando me appareceu com o castiçal, abri repentinamente a porta, e deitei a mão ao capote da mulher que fazia esforços para fugir ; na luta deixou cair uma panella de barro, que se fez em mil cacos.

Por fim, conhecendo que meu pulso não a deixaria escapar, disse-me com voz humilde :

— Eu entro e darei a v. ex.^a todas as explicações.

Efectivamente um instante depois estavamos no gabinete de costura, aonde a fiz sentar dizendo-lhe com bom modo:

—O que é que estava espalhando na escada ? se me fallar com sinceridade, deixo-a ir ; do contrario mando chamar dois soldados, e nos Paulistas então se explicará.

—Eu digo tudo, minha senhora murmurou ella chorando, mas digo o só em particular.

Mandei retirar a criada, e quando ia a fechar a porta, ella voltou-se toda assustada para mim e disse :

—Oh ! minha senhora, tome sentido !!!

Ri-me e fechei a porta.

—Pode começar, disse eu para a *mulher-bruxa*.

E assentei-me ao pé da secretaria.

—Mas eu jurei segredo, respondeu ella.

—Pois eu tambem lhe juro, que tudo que me contar não passa d'aqui, disse eu, ardendo n'uma grande curiosidade.

—Ha uma rapariga, começou ella, que tinha amizade com o velho F*** A***, depois inclinou-se para o B*** A*** porém esse B*** A*** era casado, e só lhe serviu para amante algum tempo, até que afinal ella principiou a namorar o S*** Como a mãe d'essa rapariga foi uma das mulheres mais levianas de Lisboa, o seu marido não se quiz importar com os filhos di-

zendo que não sabia quem eram os paes. Vive elle pois no primeiro andar, e ella e os filhos no segundo.

Por esse modo elle evitou escandalo, e reservou-se a sua liberdade, de que se tem bem aproveitado, sobre tudo com os *quadros vivos!* Continuou a sr.^a D. C*** a dar os seus celebres *soirées*, e bellas *partidas* . . . Essas partidas, e esses *soirées* deixavam para tudo! Amigas precisavam de quartos: ella lh'os emprestava . . . E' muito caridosa essa senhora D. C***!!!

O barão A . . . foi muito tempo o testa forte d'essa casa; visto que fazia ou dava para as despezas domesticas. Mas verdade seja dita que elle tinha juro . . . Mãe e filhas lhe provam o reconhecimento que teem no coração; ellas tinham razão porque o dito barão A . . . é um rapaz *sympathico*. *bonitote*, e merece tudo isso.

N'uma d'essas celebres partidas foi apresentado (ahi recebia-se tudo: uns para perderem dinheiro, outros para o deixarem com mais proveito), foi apresentado n'uma d'essas funcções um celebre maganão, que o cheiro do lucro attrahia, e que depois de um longo exame conheceu poder tirar um partido de tudo aquillo.

Julgou, para ter entrada franca na casa, que devia conquistar primeiro a sr.^a D. C*** e assim fez. Depois passou para a filha mais velha d'essa senhora; oito dias depois a rapariga não se importava com mais ninguem, e morria de amores por quem lhe promettera casamento, e lhe deu por essa promessa a esperança d'ella um dia ter um manto para o F*** A*** o barão A*** etc. etc.

«Se tu me amas, disse um dia o famoso maganão para a innocente donzella, hasde me dar uma prova para eu confiar no teu amor.»

V. ex.^a verá, continuou a pertendida bruxa, como elle era mestre; queria atar um cordel á perna do passaro para puxal-o a si, quando a occasião opportuna chegasse.

A innocente menina, que possuia uma *physionomia*

virtuosa, baixou os olhos, e affectando um pudor de tímida virgem, recusou se.

Elle era esperto, e não deixou escapar uma occasião que lhe podia tanto servir, para as suas fumaças d'ambição. Continuou pois a namorar a mãe, para poder agarrar a filha.

Uma das visitas d'esta familia era uma certa *fidalguiinha*, especie de rata viva, que gostava de roer tudo... Esta deliciosa *marcô* dedicava á filha mais velha uma affeição muito particular, affeição que as fazia ter os mesmos gostos, e confiarem se tudo

Vendo um dia a dita *fidalguiinha* a sua cara amiga muito triste e com ar de quem perdeu tres contos trezentos e trinta e tres mil trezentos e trinta e tres reis... perguntou-lhe o motivo de similhante tristeza.

— Ora, o que hade ser, querida amiga exclamou a donzella dando um estreito abraço na sua meiga confidente... é elle que jura casar comigo, se eu lhe der uma prova evidente d'amor... tu bem sabes que isso é impossivel, porque elle conhecerá que o engano; mas se definitivamente me não decido, vae procurar outra, para ter casa. Eu bem o conheço, mas como tambem desejo receber quem eu quizer, sem minha mamã ter ciumes, desejo já estar casada. Ambos nos combine-mos bem, porque cada qual tem o seu ponto de vista.

— Então dá-lhe a *prova*, respondeu a conselheira, rindo-se.

— Mas depois . . . elle . . . disse a innocente menina, sem se explicar mais.

— Qual depois, nem meio depois . . . Eu arranjarei *tudo*, disse a illustre *fidalguiinha*.

Abraçaram-se, e deram muitos beijos uma na outra, jurando reciproca e eterna amizade.

Algumas semanas depois tudo estava prompto. Aceitou a donzella o ajuste, e *elle* foi obrigado a jurar casamento.

A rapariga soube que elle ama v. ex.^a tem uns ciu-

mes que a matam, e todos os dias augmenta a sua phytica; v. ex.^a encontrou-me na sua escada, porque ella está apaixonada, desesperada e...

—Continue, disse eu, vendo que a mulher chorava.

—Oh! minha boa e excellente senhora, exclamou ella, eu não a conhecia senão não teria vindo á sua porta fazer-lhe aquella salgação.

—Explique o que vem a ser isso, disse eu.

Recebi as mesmas explicações que já me tinha dado a criada.

—Mas essa rapariga é doida! exclamei, rindo-me. Se ella pensasse bem, deveria primeiro saber como são estas amizades, quando os caracteres se não convem.

Abrindo a gaveta da secretaria, tirei meia libra que dei a essa mulher, dizendo lhe.

—Fique descançada, jurei lhe segredo, e heide guardal-o. Pode retirar-se. continuei eu levantando-me; mas peço-lhe que não torne a vir deitar nada na minha escada.

—Oh! a senhora é um anjo... respondeu ella, com as lagrimas nos olhos; perdão, perdão!!!

—Anjo! repeti sorrindo... sim, anjo *déchu*, murmurei por entre dentes.

—Agora quero ensinar-lhe uma coisa, disse a bruxa; mande todos os dias de manhã pôr umas braças n'um perfumador, e deite sobre ellas sete raminhos de alecrim, benzendo a casa com este fumo e dizendo assim:

«S. Marcos, S. Lucas, S. Matheus, S. João Evangelista, venho perfumar as minhas casas, para as desatruvessar, e desamandingar Quem m'as atravessou que m'as torne a desatruvessar, quem m'as mandingou que m'as torne a desamandingar. Em louvor do Santissimo Sacramento do altar, para Deus fortuna me dar. Todo o bem por minhas portas vir entrar; e todo o mal pelas minhas janellas sair. Amen, amen, amen.»

— Isto repete-se tres vezes, com tres Padre Nossos, e tres Ave-Marias. Em v. ex.^a fazendo isto todos os dias, ninguem lhe poderá fazer mal.

— Agradeço, respondi eu ; se precisar algum dia de mim, procure-me que lhe heide fazer o que puder.

— Oh ! a senhora é muito boa, e por isso terá sempre Deus a seu favor.

Enxugando nova torrente de lagrimas, saiu da minha casa aquella sombra de Belzebuth, e eu pedi a Deus que ella se não dignasse voltar.

Fui para o quarto onde estavam minhas filhas em quem dei mil beijos de amor.

Precisava de contemplar aquellas facesinhas rosadas e frescas, para me esquecer de um homem de quem todos me diziam : tome sentido ! de um homem que jogava comigo uma comedia.

Minhas filhas, depois de receberem mil caricias, sentaram-se sobre um tapete, e brincando com as suas bonecas assim se deixaram ficar.

Eu pensava no que instantes antes tinha acabado de ouvir.

Oh ! não me admiro ! dizia eu comigo mesma ; e qualquer procedimento da sua parte não deve mortificar-me ! Pensando assim comecei a soluçar, e para não entristecer minhas filhas, nem a criada, saí do gabinete e fui fechar-me no meu quarto. Ahi, curvada diante de uma imagem do Redemptor, busquei a unica consolação dos afflictos : Rezar, e implorar a divina misericordia.

O meu anjo da guarda condeu-se das minhas lagrimas, e do meu arrependimento, e trouxe-me, de baixo das suas assetinadas azas, a resignação, e a coragem !

Recordei-me da *Buenadicha*, que me leram na Bohemia, e tremi ; mas confiei-me, com todo o fervor do meu coração, á guarda de Deus. Como a creança adormecida nos braços de sua mãe, que lhe canta uma doce

harmonia, assim descancei nos braços do meu anjo da guarda, pedindo-lhe que afugentasse o passado, e me protegesse o futuro.

.....

Pouco tempo depois de eu conhecer o sr. Sant'Anna, deixei de ir ao alto de S. João rezar como costumava sobre o tumulo do meu Henrique.

Foi um sacrificio, mas era o meu dever. Oh! elle sabe de certo, elle tem visto quanto tenho soffrido, e sem duvida ter-me-ha perdoado. As orações que em minha casa dirijo a Deus não serão porventura tão ardentes e tão bem acceitas como aquellas que eu ia fazer ao cemiterio?

Devia eu, quando tive a frâqueza de me tornar indigna de Henrique, ir insultar o seu mausoleo, rezando pela sua alma?!!

Não devia eu receiar que elle deixasse de escutar as minhas fallas? Esta lembrança fez enxugar as minhas lagrimas, deixando-me entregue ao arrependimento e aos remorsos.

As lagrimas que vertia na solidão da minha casa elevavam-me a alma tranquillã ao ceo, pedindo um sincero perdão a Deus, e a elle!

Oh! essas lagrimas deviam ser a minha penitencia, e a expiação da grande culpa de ter falta-lo àquelle amor extremo, que, apezar de tudo, me acompanhará além da campa.

.....

Havia pouco tempo que o sr. Sant'Anna vinha a mi-

nha casa; eu estava desesperada porque me achava sem recursos; tinha o meu fato e joias empenhadas, e toda a mobilia da minha casa hypothecada.

Um dia, eram sete horas da noite, ninguem tinha ainda jantado, porque nem para isso havia.

Tomei uma resolução desesperada, e mandei a casa da irmã de minha mãe, a casa de M.^{mo} Levillant, pedir-lhe o obsequio de me emprestar meia libra.

M.^{mo} Levillant recusou cruelmente.

—E' impossivel!.. impossivel!! exclamei eu recebendo aquella resposta. Quero ter a certeza, porque ha acções tão baixas e miseraveis que costumam a crer, e fogem até da censura.

Puz um chale e um chapeo, e com minha filha Clementina e uma criada, encaminhei-me para casa de minha tia.

Resoluta, subi a escada, e puxei o cordão da campainha.

—Quem é? perguntaram instantes depois por entre as grades da cancella.

—Sou eu; quero fallar a minha tia; respondi com firmeza.

Ouvi em seguida uns murmurios baixinhos, como quem está segredando ao ouvido d'alguem. e depois a voz de minha tia:

—Diga que lhe não posso fallar. E' melhor dizer que não estou em casa, não lhe quero fallar.

Vieram repetir-me á porta estas palavras, que me tinham já caído no coração com todo o peso do desgano.

Não repliquei coisa alguma; mas as lagrimas caíam-me pelas faces, e tornámos a descer aquella escada.

No ultimo degrau insensivelmente dobrei o joelho, e disse:

«Nunca mais tornarei a pôr aqui os meus pés; mas peço-vos meus Deus, que lhe perdoeis como eu lho perdôo.

Saimos; meu coração estava opprimido, mas estava forte e resignado.

Essa tia que jurara ser para mim uma mãe, tinha-se tornado desde a minha saída do *Sacré-Coeur* o meu anjo mau!

Eu sempre lhe perdoei; assim o mandava a religião.

Porém agora, agora estava o calix cheio; agora já não podia ser perdão, mas só um completo esquecimento.

Sendo ella a irmã de minha mãe, tendo-me adoptado por sua filha, essa creatura, que pelas leis humanas e o laço do sangue me devia abrigo e protecção, foi quem espalhou sobre o meu character e o meu proceder as infamias que a minha dignidade e o respeito ao publico impedem que se repitam, devendo um silencio profundo substituir esta asquerosa recordação.

Deus pode perdoar lhe... eu esqueço!

Eu, porém, amei esta mulher. Perdendo em verde infancia minha mãe, que eu teria idolatrado, foi sobre sua irmã que eu desejava fazer recair o amor vehemente e puro, que meu coração sentia pelos affagos maternos, com toda a dedicação que pedia minh'alma! Ella porém nunca o comprehendeu; julgava o meu silencio um insulto! as minhas lagrimas uma hypocrisia! a minha tristeza uma falsidade! a minha indiferença um crime! e o meu desprezo para todas as suas maldades uma infamia!!!

Sobre mim, sua sobrinha, a filha querida de sua irmã, fez pois recair os peiores odios, as maiores villezas, as mais nojentas récriminações!

Uma tia! parece incrivel, exclamam. Sim, parece incrivel, e todavia não é, porque esse ente, character volvel, espirito fraco, deixou se sempre dominar por seu irmão, por essa terrivel phantasma que se tem sempre conservado entre mim ella. Por esse irmão despre-

zou sempre os seus parentes, inclusivè aquella que só a tinha por mãe, e por unico amparo.

Que desculpas tinha de me votar ao abandono a que me expoz?

Que desculpa ou razão de negar até uma cama para eu e minha filhinha nos deitarmos depois d'uma viagem?

Desculpa não tinha nenhuma; razão também lh'a não conhecemos.

E além de tudo, restava o fazer-me passar por uma mulher infame vil e desprezível aos olhos da sociedade! Por que ainda ambicionava por este meio o direito de a julgarem victima, e a mim criminosa!

Mas devia eu admirar-me d'isto? Quando em sua casa, diante de trinta pessoas, me fez a mais dolorosa accusação, a mim, pobre creança ainda então ha pouco saída do convento, e que ainda não tinha quinze annos! que ignorava se no mundo havia maldade e infamia! Eu arguida de a ter querido envenenar!!!

Oh! minha tia! minha tia! a sua consciencia deve pesar-lhe muito, muito! mas lembrando-me de minha mãe, ainda no peito me fica um sentimento, que a defende, e é por elle que todos os dias rogo a Deus que lhe perdoe tudo, tudo como eu sei perdoar.

O remorso é duro, e se n'essa existencia cansada ainda a Providencia lh'o der, que seja breve.

Eu agora esqueço me de tudo, e se na eternidade se encontram as almas, se lá nos reunirmos, saberá então se a amei, e se não tive sempre dó!

.

—Que tem? perguntou-me o sr. Sant'Anna que entrava de fóra n'aquelle instante, e que via as lagrimas deslisarem-se-me pelas faces.

Em duas palavras contei-lhe tudo ; e elle emprestou-me meia libra, com a qual mandei buscar o *jantar-ceia*.

—Mas essa posição é terrivel, exclamou elle ; e se o sr. Fonseca não a contemplar no seu testamento, o que fará ?

—Irei para a companhia de meu pae que está no Rio de Janeiro, disse eu.

—E terá coragem de me deixar ? perguntou elle.

—Sim, respondi Mas é impossivel, oh! meu Deus! é impossivel que eu vá para o Rio, exclamei eu, recordando-me. . . .

—Sim, é impossivel, disse o sr. Sant'Anna que não comprehendera o sentido d'aquellas minhas palavras; has-de ficar em Lisboa, mas o que te é indispensavel é um *protector*.

A esta palavra, elhei admirada para o meu interlocutor, e murmurei :

—Com as relações que existem entre nós, propôr-me um protector é uma infamia !

—Não, minha querida J. sephina, tornou elle, é um sacrificio, mas a tua felicidade me é mais cara do que tudo. Devemos pois attender á necessidade.

Ouvindo estas palavras, senti o peito opprimido, e vieram-me repentinamente á memoria as ultimas palavras da primeira carta anonyma que sobre o sr. Sant'Anna recebi.

Eu nunca fiz caso de cartas anonymas, porque accusações que vem de quem receia assignar se, são filhas inquestionavelmente d'uma vilania traiçoeira.

Comtudo as cartas anonymas tem-me feito mal toda a vida.

É provavel que o autor das que eu recebi n'esta occasião fosse o autor das que se escreveram para o Rio de Janeiro, e das que tambem se escreviam aqui com tal similhaça da lettra e do meu estylo, que um dia vendo uma d'essas cartas, pensei que era realmen-

te traçada por mim. Mas quando a li, quando examinei um pequeno defeito que outr'ora em muitas outras achava, reconheci que o autor d'ellas era o mesmo do tempo em que eu estava ainda solteira.

Agradeça-me pois de usar para com elle a generosidade de não pôr aqui o seu nome, e de lhe não tirar publicamente a mascara da cara.

E' verdade que o agradecimento seria pueril, porque se o não faço, creio que reconhecerá que é mais por minha dignidade, que por compaixão da miseria.

Desprezo as cartas anonymas, mas por esta que acabava de receber, o veo principiou a cair-me aos pés; por isso vi no horisonte immenso, irem no meio de espessas nuvens perder-se as idéas que eu formara até este desengano.

Hoje que estou de sangue frio, e que todos os dias aprofundo o character do sr. Sant'Anna, reconheço que fui muito louca em crer nas suas palavras.

Louca! sim. Louca por querer encontrar ideal onde tudo era só positivismo. Louca por soffrer os desgostos que ainda soffro! Louca por querer achar felicidade no amor que elle me jura! Elle! o homem egoista que não sabe o que é a gratidão.

Oh! o amor de um homem como o sr. Sant'Anna, leva ao tumulo uma creatura de sentimentos.

Quanto não é mais feliz a mulher que confia a sua vida, a sua felicidade a um homem serio, que se lhe não tem amor tem-lhe estima.

E' um ceo sempre sereno, é verdade! mas quanto não é mais preferivel esse ceo sempre azulado, aonde a alma em paz brilha, como uma estrella resplandecente, aos relampagos, que por um minuto alumiam uma noite de horrorosa tempestade!!

O mundo quando vê uma joven senhora confiar-se à protecção de um velho, exclama: Vendeu-se!

Vendeu-se, sim! mas o que é tudo n'este mundo, senão uma venda constante?

O que são esses casamentos ajustados?

Venda!

O que são essas amizades?

Venda!

O que são essas intimidades socialistas?

Venda!

O que são essas opiniões politicas?

Venda!

O que é pois tudo n'este mundo?

Venda, vendas, miseria, miserias.

As difficuldades pecuniarias com que eu tinha a lutar obrigaram-me a acceitar duas letras, para obter algum dinheiro; mas que juro !! duzentos por cento !!

CAPITULO V

O sr. visconde de Thanneberg. — Era hotel, ou hospedaria? Vida d'alma n'um retrato. — Pensamentos no meio de uma insomnia. — Santa Cecilia está deshonrada. — Tirar a medalha, não. — Idas a Cintra. — O que são os ciumes. — Morte do sr. Manuel Pinto da Fonseca. — O sr. D. Francisco de Judicibus, e o seu amigo José Maria Dias Torres. — O sr. José Ferreira da Silva faz-me um embargo por elle, e por minha tia. — O official agiota, João Caetano de Oliveira Bastos, faz-me um embargo. — Vê-se as leis de um paiz. — Canto no meio das marteladas. — Cubica que causa um legado. — O Achilles e o delegado. — O sr. doutor Barradas.

N'esta epoca o sr. Sant'Anna começou a apresentar-me alguns dos seus amigos.

Entre estes contava-se o sr. visconde de Thanneberg, cavalheiro francez e nobre; mas não d'esta nobreza como ha tanta em Lisboa a troco de meia duzia

de contos de réis conquistados por contrabando e moeda falsa.

O sr. visconde de Thanneberg é nobre não sómente pela sua gerarchia, como pela sua brilhante educação e delicadas maneiras

Todos que conheciam o sr. visconde de Thanneberg o estimavam, mas os seus verdadeiros amigos diziam que estavam com dô d'elle, por verem que na sua idade queria ainda exercitar se a fazer *piruettas*, e que para aprender o passo das *panderettas* achava-se disposto a pagar essas lições a custo da metade do seu titulo e corôa de visconde.

.

O sr. Sant'Anna jogava! Eu não queria, nem podia dar conselhos a uma pessoa que no seu peito o sentimento mais poderoso era «o domino.»

Tinhamos um livro, em que estavam lançadas as nossas contas.

Este meio concorreu para a nossa posição sempre se conservar independente.

Principiou o sr. Sant'Anna a ir para Cintra, e quando elle queria voltar para Lisboa, mandavam-me esperal-o em S. Pedro.

Um dia, estando eu para sair, veio a minha casa a sr.^a D. C*** G*** e vendo-me de chapeo na cabeça perguntou-me:

—Onde vae?

—A S. Pedro de Cintra, respondi.

—Sim, bem sei, replicou ella com meio sorriso; vae buscar um caçador que corre atraz de duas lebres.

—O que? perguntei eu.

—Quando tiver mais alguns annos, e experiencia não hade confiar tão sinceramente; me respondeu.

—Não me é possivel comprehendel-a, se não se ex-

plicã mais claramente, disse eu tirando o meu chapeo, e indo-me assentar ao pé d'ella.

—Mas quando elle vae a Cintra, aonde diz que fica? perguntou ella de novo.

—Diz que não tem hotel certo, respondi eu.

—Hotel certo! exclamou ella rindo ás gargalhadas; se elle não vae para hotel, mas sim para a hospedaria.

.....

—Palavra que a não comprehendo, exclamei eu soltando um riso amarello.

—Ora! pergunte quem são as... e não ha cão nem gato que não lhe conte historias e anedotas d'essas creaturas.

—Se isso são ciumes que me quer fazer experimentar, perde o seu tempo, disse eu com a maior amabilidade possivel. Para um homem dar a sua palavra de honra, e abusar da confiança de uma senhora é preciso que seja um infame... e eu não creio o sr. Sant'Anna um infame. Como fallamos agora de ciumes, continuei eu, vou contar-lhe o que em 1852 me aconteceu quando quizeram fazer-me acreditar que o sr. Pires amara a marquezã de...

Todos os dias vinham contar-me historias, e todos os dias me escreviã cartas anonymas; eu nada dizia a Henrique nem d'essas cartas anonymas, nem d'essas historias; mas procurei saber qual era o character e os sentimentos d'essa senhora, e ver qual era a sua physionomia.

Tive occasião de a admirar bem á minha vontade, e achei-a muito... Contaram-me coisas do seu character que m'a fizeram desprezar apesar de outros factos me provarem que possuia um excellente coração.

No entanto perguntei a Henrique a verdade, e elle confessou-m'a toda. A' vista d'isso devia eu ter ciumes do que um homem commettera antes de me conhecer?

E devia eu por esse motivo não querer que elle frequentasse a casa d'essa mulher? Se Henrique não fosse em tolos os seus actos um perfeito cavalheiro, eu não lhe teria con agrado a adoração exaltada e cega que sempre tive por elle.

Que opinião teria eu formado de um homem que não sabia ser amigo de uma mulher com quem tinha tido intimas relações?

Ella, coitada! bastante trabalhou para nos indispor, julgando que se obtivesse esse resultado, alcançaria de novo um amor que nunca foi senão um capricho, como os homens podem ter cem mil! porém a tal marquiezinha, vendo que os seus ardis, e planos de batalha não lhe davam a victoria, quiz fazer acreditar ás suas amigas, e aos seus novos e intimos amigos, que eu tinha abrazados ciumes seus, por isso fôra para a casa de campo aonde ella morava, (*era um rez de chaussé*) e que ao galope do cavallo, passava defronte da sua janella, sempre aberta, e que uma vez lhe atirara um tiro de pistola, não devendo a sua salvação senão á rapidez do seu movimento, que fizera inclinar o corpo indo a bala cravar-se na parede!

Realmente teria sido uma scena dramatica; para a completar deveria ella ter-me chamado ao tribunal da Boa Hora. Disseram-me que não tinha tomado essa galante resolução, provavelmente com receios de que os juizes, vendo apparecer aquella *figurasinha*, julgassem que vinha contar alguma historia que sonhara quando tinha os seus trinta annos de menos.

Contei lhe esta historia, continuei eu, para lhe mostrar que não é facil fazerem-me ter ciumes, pois que esse é o sentimento mais difficil para o meu coração.

.....
D'esse dia por diante todas as vezes que voltavamos de Cintra, perguntava eu ao sr. Sant'Anna em que hotel elle se tinha hospedado.

Elle dizia, ora n'um ora n'outro.

A confiança que n'elle depositava nunca me fez indagar, e mesmo porque acho que uma senhora perde da sua dignidade quando se abaixa ao vil papel de espião.

No amor, como na amizade, quando não ha confiança, não existe nem sincero amor, nem verdadeira amizade; pois que a base dos sentimentos elevados é a confiança.

Tendo-se ido para a sua terra o meu criado, tive que ajustar um chamado José.

Um dia estava eu acabando a minha toilette para me deitar, quando repentinamente, a criada me disse:

—A Madame não sabe, o José já esteve em casas das...

—Ah! sim? disse eu, continuando a pentear-me sem puxar mais conversa.

—Mas a Madame não sabe, tornou ella novamente, o sr. Sant'Anna foi o apaixonado da mãe d'aquellas raparigas, e quando elle vae a Cintra hospeda-se em casa d'essa gente.

—Que me importa isso? disse eu.

—A amizade que eu tenho a Madame, é que me faz querer-lhe mostrar...

—Mas eu é que não gosto d'essas conversas, disse eu, sem lhe deixar acabar o que me ia contar.

Repentinamente vejo a pobre rapariga deitar-se me aos pés, chorando como se alguém lhe tivesse dado.

—Que é isso? lhe perguntei.

—Perdoe-me, perdoe-me, *minha Madame*, a amizade que lhe tenho, é que me faz desejar evitar-lhe lagrimas futuras, e para isso é necessario que a Madame não esteja enganada.

—Aqui não ha engano, minha pobre Conceição; eu não pertendo nada do sr. Sant'Anna, tudo hade acabar como principiou.

—Sim, disse-me a desconsolada rapariga com as lagrimas nos olhos; sim, mas eu bem ouvi os juramentos que elle lhe fez.

—Vá-se deitar, disse eu, vá-se deitar, e não me falle nunca mais em semelhante assumpto.

Depois d'ella sair, fechei a porta do meu quarto, fui á gaveta da toilette onde tinha o retrato do meu Henrique, e pondo-me de joelhos diante d'elle, exclamei :

«Perdão Henrique, perdão ; faltei aos juramentos que te fiz, é justo que Deus me dê o castigo ; sou criminosa e na minha alma sinto que sou desculpavel, por isso tu debes perdoar-me . . . eu que sou tão infeliz . . . infeliz por me ter esquecido da prophesia da bohemia de Prague, prophesia que me disse a verdade de tudo que me tem acontecido. Oh ! Henrique, soffro, soffro muito por te ter sido perjura ; por esses soffrimentos, perdoa-me, perdoa-me ! Um só dia não se tem passado que ajoelhada defronte d'este teu retrato, não peça a Deus a tua felicidade no ceo ! !

«Eu amava-te Henrique, amava-te mais que a vida ! ! e comtudo tenho vivido, estando tu sepultado ! ! ! por esse soffrimento de todas as horas, de todos os instantes da minha existencia, peço por recompensa a Deus a tua felicidade no ceo ; n'esse ceo, aonde tu imploras ao Ente Supremo piedade , piedade para a tua infeliz Josephina !

«Sobre as nuvens que divagam pelo espaço eu te envio de dentro d'alma as saudades que me ficaram do teu amor, e do teu extremo.

«Cercada de procuradores, de invejosos que me fizeram todas as maldades possiveis, achei-me tão só no mundo, que tive medo.

«E quem ha que não saiba que a mulher é forte com os sorrisos, mas fraca com as lagrimas ! ! ! »

.....

Oh ! quantas vezes, contemplando o retrato de Henrique, pedia a Deus que fizesse mover aquelles olhos...

N'esse dia figurou-se-me ver um movimento . . . a impressão fez-me cair desfallecida no chão.

Correram á botica do Barreto que mandou um espirito para respirar.

O criado correu a chamar um medico.

Tornando a mim, vi as duas criadas banhadas em lagrimas, e disse-me a Conceição:

—Oh! querida Madame, que eu julgava que não abria mais os olhos.

—O retrato? disse eu.

—Aqui está, aqui está, mas esse retrato é que a hade matar; eu contarei tudo ao medico, disse ella com ar de quem ameaça uma creança.

—Não lhe diga nada, murmurei eu; um medico não pode comprehender o que eu soffro.

Tocaram á porta; poucos instantes depois vejo chegar perto da minha cama um homem que eu não conhecia. Tomou-me o pulso, e disse para a criada:

—Esta senhora é muito nervosa, e teve provavelmente algum desgosto?

—A senhora quer-se matar por quem está mor . . .

Um volver de olhos que lhe lancei, não a deixou continuar.

O medico comprehendeu que era o coração o enfermo, e receitou-me um calmante, dizendo-me algumas palavras de animação para que me fizesse forte.

Gostei d'esse medico que comprehendeu vir do moral todo o meu padecimento.

No dia seguinte continuou-se tudo como se nada tivesse havido.

Passado uma semana, recebi uma carta anonyma, em que me diziam o costumado n'esta linguagem:

«Quando chegará o dia em que acredite que vive illudida? Não sabe que esse homem se deixa guiar pelas phantasias da ambição; elle ama-a, mas não lhe sacrifica . . . por *ellas*, elle alimenta a esperança de subir até certa altura social! O talento que ella herdou

de sua mãe fará alcançar para seu marido, o que elle só jámais seria capaz de obter.

«Tanto é assim que elle para não deixar fugir aquelle passaro, prendeu-a a uma corda elastica, contentando-a n'essa prisão, ora com um vestido... um chapelinho de sol, ora... finalmente até com rebuçadinhos de ovos!!!»

.....
Eu tinha recebido esta carta e quizera não lhe dar mais importancia do que a que eu dava á captiva sujeita aos presentinhos.

N'esse dia tinha eu uma grande zanga por causa dos juros de uma lettra. As lagrimas que eu chorara por me ter abaixado a algumas pessoas, fizeram-me olhar com bastante indifferença aquella carta.

Não acho nada mais vil do que uma pessoa que tem a coragem de fazer accusações, e não tem a de se assignar.

Nenhuma das pessoas a quem eu me dirigi quiz servir-me; e mandavam-me todas uma resposta que parecia combinada: «Mr. Sant'Anna que a livre.»

Afinal arranjei o dinheiro; mas todo o dia chorei tanto que ao jantar a custo podia engulir o comer.

O sr. Sant'Anna perguntou-me o que tinha, mas não lhe quiz dizer nada, para não o mortificar ou entristecer.

Pouco depois de nos levantarmos da mesa e d'elle ter saido, fiquei n'um estado tão nervoso que não sabia o que havia de fazer.

A's nove horas senti-me agoniada; deitei-me depois de tomar algumas colherinhas d'ether; conciliei o sono, porém ás onze horas comecei a voltar-me de um lado para outro; nada me socegava. Fiquei quieta, deixei correr meus pensamentos, e então disse comigo: Não me admira que Deus não venha á terra, aonde tudo é falsidade! Se elle cá viesse involucrer-se-hia no lamaçal, e quando voltasse para o seu reino

celestial S. Pedro hesitaria em reconhecer o Senhor, que soltando a sua voz divina, faria chegar os anjos para lhe abrirem passagem; então rodeado do brilhantismo d'aquella poderosa morada, a sua omnipotencia encheria de graça todo o seu imperio.

Elle não vem à terra, porque nas regiões d'onde elle domina o mundo tudo é perfumes, flores, encantos, e alegria! e no mundo dos mortaes, (a bem aprofundar) tudo é aspero, negro, triste e horroroso!

Eis o motivo porque o Senhor deixa a satanaz o direito de girar na terra. «Vae, lhe diz o Senhor, porque tu és negro, pestifero, horrendo e miseravel; vae, que no mundo vive o maior numero dos teus eguaes, e como se dão bem as coisas que se parecem, vae... vae... por esse mundo!

Os anjos ajoelham-se, e levantam as mãos supplicantes ao Creador, implorando a sua misericordia para as almas ainda puras de corrupções. Descem rodeados de nuvens doiradas a cobrir com as suas candidas azas as creaturas que, um instante antes, estavam na alternativa da ruina ou salvação!!! De um cento salva-se uma, porque satanaz que é astucioso, semeia as tentações; e os fracos mortaes vão, sem olharem onde andam, nem o terrivel abysmo em que vão cair.

Depois de fazer todas essas reflexões, vendo que não podia de modo algum conciliar de novo o somno, levantei-me, vesti um *robe de chambre*, calcei as chinelas, fui dar um beijo em cada uma das minhas filhas que dormiam, e fechando-lhes a porta do seu quarto, entrei para a sala; abri o piano e puz-me a tocar; meditando, ora como uma pessoa ferida de um ataque, ora como hesitando a tomar uma resolução.

Estava assim havia uma para duas horas, quando entrou o accusado no anonymo.

—Passei, vi claridade, julguei que tinha visitas, e acho-a só, que tem?

—Não podia dormir, e toco piano, respondi.

—A estas horas?

—Toda a hora é boa para a gente esquecer, e distrahir-se.

—Mas que extraordinario é esse hoje? tornou elle a perguntar, já meio impacientado.

Sem lhe dar resposta, perguntei-lhe tambem :

—A... toca piano?

—Tu que nunca me fallas d'ella, depois do que eu te disse; que idéa é essa hoje?

—Isto não é fallar d'ella, interrompi eu; é perguntar unicamente se ella toca piano.

—Não, não toca, respondeu o meu interlocutor.

—Pois é pena, porque em se casando com o senhor servir-lhe-hia isso de muito; é realmente pena.

Elle sem perceber o peso das minhas palavras, julgou que eu dizia — pena, como admirada.

—Eu já te disse que essa familia é uma das mais nobres de Portugal, e gente de tão alta aristocracia não manda ensinar certas prendas a suas filhas, porque as julga inuteis.

Ah! ah! ah! foi uma gargalhada, que soltei, e fechando o piano, disse:

—Pois essa tão illustre familia julgaria descer das suas altas dignidades se aprendesse a tocar piano?! Ser *musicienne* seria uma deshonra para essa tão alta nobreza? E' uma deshonra essa. em que uma imperatriz acha prazer! em que os anjos encontraram a inspiração sublime, que levou Santa Cecilia á presença de Deus. Cecilia que apezar da deshonra de fazer gyrrar os seus dedos sobre as teclas, mereceu as honras de santa!!! Mas é verdade, o que é uma imperatriz, uma rainha, uma santa, o que é o proprio ceo, para comparar-se com as delicadas e sublimes virtudes de uma familia, que ha tantos annos encaixotaram, ataram, e prégaram tão bem essas honras, virtudes e dignidades, que agora... já não são senhores de nada!!!

.....

Nunca mais fallámos sobre esse assumpto.

Um dia pediu-me o sr. Sant'Anna que eu tirasse do meu pescoço a medalha em que guardava os cabellos do meu Henrique.

— Tudo farei, respondi eu, mas nunca esse sacrificio.

Ha quem diga que a felicidade é a esperanza! mas verdadeiro amor deposita mais preço no passado. A memoria nos recorda as lembranças que nos são caras. Essas lembranças de um verdadeiro sentimento nunca se alteram.

Meu amor a Henrique tinha sido um amor elevado, sincero, eterno; por isso, essa medalha devia receber o ultimo suspiro da minha alma.

.....

As visitas a Cintra continuavam. Eu ia porém buscar o sr. Sant'Anna, como no passado; tinha a prova que elle estava em casa...

Devia eu ter ciumes?

Não.

Ciumes! sabem as mulheres o que são ciumes?

Ciumes, são o sentimento mais nobre ou o mais vill!

Uma mulher de tino, primeiro que deixe o seu coração abraçar-se n'esse inferno, deve fazer uma analyse conscienciosa; deve examinar-se a si propria, com a mesma sinceridade com que se examina a consciencia, na vespera de ir á confissão. Depois, se conhece que a parte contraria é mais digna, e que possui sentimentos mais elevados, deve abaixar a cabeça, sem dizer como no confessorio: *mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa*; mas armar-se de uma nobre resignação que a torne superior.

Uma senhora que toma este partido, deixa de sofrer, e fica sempre o que deve ser: Digna, e orgulhosa!!!

Se, porém, sabe o contrario, o caso muda.

A lealdade vence mais do que a hypocrisia, e essa vantagem deve fazer sorrir uma mulher de espirito.

Já se vê, que se as mulheres pensassem um pouco,

raras seriam aquellas que experimentariam as dôres d'esse inferno, a que se dá o nome de ciumes.

Voltaire teve ciumes do espirito *d'un roué* que foi admirado dois dias em Paris.

Uma duqueza pode tambem offender-se de um olhar lançado sobre a sua camarista. Mas uma senhora deve sempre saber distinguir no seu coração o resentimento dos ciumes.

.

Chegou a Lisboa a noticia da morte do sr. commandador Manuel Pinto da Fonseca, a quem o mundo appellidava *O Monte Christo*.

Essa fatalidade parecia-me tão incrível, que fiquei como assombrada de um raio.

Partindo para 'intra, apenas o sr. Sant'Anna me deu algumas palavras de animo e coragem.

Fiquei pois entregue, sem uma unica consolação, ao desespero que me causava a perda do melhor dos bemfeitores, e do meu mais verdadeiro amigo.

Quem conhecesse bem o sr. Manuel Pinto da Fonseca é que podia comprehender que a bondade do seu coração o arrastou a soffrer alguns desgostos por causa de alguns amigos, preferindo antes elle padecer graves dissabores, que perder pessoas que confiaram na sua amizade, a sua sorte e a sua vida.

O sr. Manuel Pinto com uma palavra podia ter esclarecido tudo; mas elle oppunhá um nobre silencio a uma vil traição.

Talvez só duas pessoas tivessem conhecido com inteireza a magnanimidade do seu character: eu, e o sr. M*** a quem elle dedicava a mais sagrada affeição.

Se os factos eram contra o sr. Manuel Pinto, Deus só o podia condemnar se estivesse culpado. Mas o Senhor, Deus de toda a misericordia, de certo terá recompensado de quanto era capaz a sua corajosa amizade, e extremada bondade.

Havia já algum tempo que o sr. D. Francisco de Judicibus viera a minha casa offerecer me os seus serviços para o Rio de Janeiro. Tinha-me elle apresentado o sr. José Maria Dias Torres, delegado da 6.^a vara, que obstou a dois embargos que pertenderam fazer-me ; um, motivado pelo sr. José Ferreira da Silva, que n'esse tempo era meu procurador, mas que nem por isso recuou a desfeitiar a sua constituinte.

O sr. Torres pagou essa divida, e alguns dias depois comprou igualmente a conta do sr. Bastos na occasião do segundo embargo.

Confesso que me não assustou aquelle assedio á minha porta ; eu não tinha faltado ao accordo do pagamento, por isso nada temia.

Em Lisboa, ha leis, e justiça, por isso quem tinha razão devia n'ella confiar. De mais, o character do sr. João Cactano de Oliveira Bastos era bem conhecido, para todos perceberem que n'aquelle embargo havia grande maroteira.

Por entre uma pequena abertara da janella vi a vizinhança nas varandas, como se fosse um dia de procição ; os gallegos estacionados em frente da minha porta, sentados nas padiolas ; os soldados municipaes em redor da justiça (tão injusta) augmentavam a confusão d'aquelle labyrintho infernal.

O povo era immenso a observar aquella scena vergonhosa, vergonhosa para as leis de um paiz, que não sabe differençar a verdade da mentira.

Se as leis não ajudassem esses esfomeados agiotas, de certo elles não levantariam predios e palacios!!!

N'essa occasião estava em minha casa o sr. Serra, que precisando fallar ao sr. Sant'Anna, o esperava n'um gabinete, aonde eu entrei para lhe contar o motivo do que se passava.

Foi n'este momento que as primeiras pancadas caíram na porta, e produziram um estampido rouco e sinistro.

Foi a este som estrondoso que cheguei á janella, e levantando ligeiramente a cortina, vi aquelle espectaculo amotinador.

O sr. Serra ergueu-se da cadeira e chegou-se á janella; depois recuando dois passos, olhou fixamentē para mim.

Não tive resposta para aquella interrogação; dei-me cair no sophá levantando os hombros, e murmurando a canção: *Je suis bombardier du roi*, etc. etc.

Elle admirado, disse me com voz tremula:

—Confesso que esperava vel a succumbida, e desejava podel-a reanimar.

—Tenho bastante coragem, respondi; outra qualquer coisa podia magoar-me, mas a tentativa de um lobo esfomeado que pertende lançar as garras á minha mobilia, para saciar a sua voracidade, não me succumbe, diverte-me.

E continuei a cantar outra romança ao som das martelladas que despedaçaram a porta.

A justiça entrou; e eu pude examinar todos aquelles negros corvos.

O sr Torres, a quem mandei logo chamar, pagou a minha divida áquelle novo Jacques Ferrand, e ficou sendo elle meu credor.

O que eu muito desejava era dever a uma unica pessoa; mas não tinha podido levar a effeito este meu intento, quando se soube da morte do sr. Fonseca.

Tempos depois, disse me o sr. Torres:

—A Madame está contemplada no testamento do commendador Manuel Pinto, deve tratar de receber o seu legado, porque desejo que satisfaça a minha conta.

—Muito depressa lhe veio esse desejo, e não me apresentou ainda a sua conta disse eu.

—Ella aqui está, atalhou elle tirando um papel da carteira; assigne a Madame n'este lugar.

—Isso é uma brincadeira, respondi eu; porque não heide assignar uma conta sem a ter examinado primeiro.

—A Madame desconfia de mim?

—Oh! não, sr. Torres, mas admiro-o, e não assigno. Deixe-me a sua conta, confrontal-a-hei com os meus apontamentos, e amanhã eu lhe direi se assigno ou não.

—Tome sentido, Madame...

Foram as unicas palavras que pôde pronunciar.

Quando o sr. Sant'Anna me appareceu, contei-lhe tudo, e elle immediatamente deu ordem ao criado para o ir chamar assim que o sr. Torres chegasse a minha casa.

No dia seguinte, eram oito horas quando uma das criadas veio accordar-me, dizendo que o sr. Torres queria fallar me.

Vesti-me á pressa e fui saber o que me queria o sr. delegado.

—Madame, hade assignar-me já a conta; foram as primeiras palavras que soltou apenas me viu.

—Eu já lhe disse hontem que não a assignava sem a examinar.

—Digo-lhe eu que hade assignar, gritou elle batendo com o pé no chão.

—Mas que é isso, sr. Torres? que modos são esses? Se aqui estivesse o sr. Sant'Anna v. s.^a não havia de gritar d'essa maneira.

—Ora!!!... quem é que o teme? Eu cá tenho tanto medo d'elle, como d'isto; disse elle dando com o bico do pé no chapeo que foi rolando até ao outro canto da casa.

N'este momento bateram á porta, e houve um verdadeiro *coup de theatre*, quando o sr. delegado da 6.^a vara viu entrar o sr. Sant'Anna e Vasconcellos.

Parecia um gato encresado sobre o qual se deita um copo de agua. Assim se transformou o sr. Torres quando se abaixou para apanhar o seu chapeo.

—Que gritos eram estes? perguntou o recém-chegado.

—Ma... mai... mais, sr. San... Sant... An...na....

—Ainda ha pouco a gritar, e agora como se vê defron-

te de um homem já não pode fallar?! Entre para ali; e apontou-lhe para um gabinete

Apenas podendo segurar-se, foi o sr. Torres encaminhando-se para o logar indicado, provavelmen'te sentindo-se desfallecer, porque apenas entrou, deixou-se cair sobre o sophá, onde, pallido e tremulo, permanecia como o condemnado esperando pela sua sentença.

Entrou o sr. Sant'Anna no gabinete, e disse:

—Então vem aqui gritar e metter medo a uma senhora para ella assignar uma conta que v. s.^a não quer dar a exame?!

O sr. Torres principiou a querer dar resposta, mas a sua tremura era tal que mal podia balbuciar algumas palavras inintelligiveis.

Metteu-me dó a critica posição em que se achava aquelle pobre bacharel, sobre tudo por ser aquella scena presencada por mim, a quem elle contara tantas vezes actos da sua coragem e bravura.

—Tem a bondade de chamar as criadas? disse o sr. Sant'Anna voltando-se para mim.

Puxei o cordão da campainha e appareceu a Alexandrina, que muitas vezes fôra testemunha dos contos *chevaleresques* do sr. Torres, contados por elle.

Ver a criada o estado do sr. delegado era a maior vingança que o sr. Sant'Anna podia tirar d'esse homem.

—Eu estou em pé, e o senhor conserva se sentado! levante-se, lhe disse com ar sombrio; levante-se! e confesse que é bem miseravel!

—Ma... ma... mais .. oh! sr. San... Sant... An...na...

—Vamos, repita o que lhe digo; sou um grande mariola!

O temor apoderou se a tal ponto do corajoso bacharel, que repetiu côm voz tremula: sou um mariola!

—Diga, continuou o sr. Sant'Anna que tomara n'este momento o logar de juiz sobre aquelle reo; diga, diga: um grande mariola!

—Sou um grande mariola ! repetiu o outro suffocado.

—Agora, tornou o sr. Sant'Anna, ou antes o Achilles de Lisboa, diga : sou um patife, sou um lad...

—Mas... oh ! sr. Sant'Anna !

—Não ha oh ! nem ah ! diga, diga que não offende a verdade; gritou o sr. Sant'Anna.

—Oh ! isso não digo eu, murmurou o sr. Torres abatido.

—E eu ordeno-lhe que o repita immediatamente, bradou o sr. Sant'Anna, pondo-se em frente do delegado.

—*La leçon est trop cruelle, laissez-le, car il est malade*, disse eu para o sr. Sant'Anna, que voltando-se logo, me respondeu :

—*Non ; a une canaille, la leçon doit être complete*; e tornando a voltar se para o afflicto bacharel, continuou:

—Repita já : eu sou um patife, um ladrão e...

O sr. Torres fez se verde, mas pronunciou aquellas tremendas palavras :

—Sou um patife, um ladrão e!!..

Tive um nojo tamanho de semelhante covardia, que cuspi na pedra da janella, e saí do gabinete, não podendo presencear por mais tempo uma scena aonde um homem se mostrava tão fraco em presença d'um seu semelhante.

Eu era mulher, mas teria preferido a morte a tanta baixeza e aviltamento.

Abri a porta, porém o sr. Sant'Anna chamando-me, fez com que eu voltasse.

—Então acaba de confessar que é um patife, e um ladrão ? perguntou o severo juiz.

O reo acenou com a cabeça.

—Dê cá a conta que pretendia fazer assignar.

Tirou o sr. Torres da sua carteira a celebre conta, e entregou-a.

Depois de a examinar, exclamou o sr. Sant'Anna :

—Já se vê que eu tinha razão de lhe fazer confessar as suas miserias... Esta conta não está verdadeira, pegue,

continuou elle entregando-lhe o papel; pense, faça outra, mande-a amanhã, e agora vá-se embora.

E o sr. delegado Torres saiu *sans demander son reste*.

— Cruel... disse eu para o sr. Sant'Anna.

— Com gente d'esta ordem não ha crueldade; quando um homem desce á infamia deve ser tratado assim.

No dia seguinte, ás nove horas, tinha logar em minha casa um embargo, a requerimento do sr. José Maria Dias Torres.

— Isto esperava eu, disse o sr. Sant'Anna, que ficou furioso quando viu que na relação, que o sr. Torres dera aos officiaes, vinha inscripto o berço e as camas das minhas filhas; isto mostra o homem! exclamou elle.

Mandou chamar um advogado seu amigo, o sr. doutor Barradas, que hoje está encartado tabellião.

Este cavalheiro não se poupou a incommodo algum para encontrar o juiz, que consentiu em tomal-o a elle, e ao sr. Sant'Anna por fiadores, e depositarios da minha mobilia.

CAPITULO VI

Penuria. — Celebres almofadas. — Uma senhora com fama de generosa. — Bella acção do sr. Fidié. — Grandes apuros — Rifa. — O sr. T*** Reflexões. — Recebo o meu legado. — Linda vivenda. — O sr. Manuel de Jesus Coelho. — O sr. Raymundo de Bulhão Pato. — O sr. L. A. Rebello da Silva. — O sr. doutor Thomaz de Carvalho. — O sr. Antonio Rodrigues Sampaio. — O sr. Latino Coelho. — O sr. José Maria do Casal Ribeiro. — O sr. Antonio de Serpa. — O sr. Mendes Leal. — O sr. Lopes de Mendonça. — O sr. José Estevão Coelho de Magalhães. — O sr. João Lobo

Desde o momento em que o sr. Torres deixou de tratar dos meus negocios, achei-me na maior difficuldade para poder governar a minha casa.

Tinha umas lindas almofadas de moiré branco bordadas a matiz, trabalho feito por mim durante a viagem do meu protector a Paris, para lh'as offerecer quando estivesse de volta.

Achando-me com falta de dinheiro, e não tendo mais nada para mandar empenhar, a venda d'essas almofadas podia ajudar-me por algum tempo

Ellas eram ricas e tentadoras; mas vendel-as, a quem?

—Ao rei, me disse um dia D. A. G.; elle é generoso e conhecendo a sua difficil posição hade ajudal-a.

—Mas como as mandarei? Quem quererá encarregar-se de lhe dizer tudo? perguntei eu.

—Deve ser a mesma dona das almofadas; em o sr. D. Fernando a ouvindo hade interessar-se, respondeu-me essa boa e excellente conselheira.

—Como eu?! não me conhece D. A. .. Depois do que dizem do Regente... bem sei que lhe posso ser indifferente, mas quem soubesse d'esse passo, havia de dizer... que as almofadas eram o pretexto de outra venda! e com o meu genio não me agrada'isso. Preciso que saiba que rei, regente, principe, duque, ou simples creaturas vejo-as igualmente debaixo d'um ponto de vista:

—Homens! homens, que embora sejam favorecidos, não teem merecimentos, quando não teem no coração verdadeiros e puros sentimentos. Eu, minha cara senhora, nunca ponho em duvida os titulos de nobreza, mas descreio muitas vezes da nobreza dos titulos...

Ha por ali nobres de fresca data que eu não queria para guarda de uma quinta. Quem não teme falsiar para adquirir com o producto de traficancias um titulo e outras honras, é indigno do titulo de nobre... Examinando-se bem a origem de certos nobres, conhece-se, que é uma miseria, e. . Vejo que fugi da nossa conversa. Para terminar, pois dir-lhe-hei, que tudo farei, menos o que acaba de me aconselhar.

—Faça o que quizer; disse seccamente a minha interlocutora.

Poucos instantes depois despediu-se de mim, e ficou mal comigo.

Não procuro dar explicações d'esse rompimento; analysar seria querer abrir uma pagina que podemos pôr de parte, esquecendo esta senhora e os seus conselhos.

Essas almofadas que tinham sido bordadas com tanta amizade, deviam ter uma longa pagina nas minhas memorias.

Mandei-as a D.. de P... senhora que todos diziam boa e generosa.

Mas essa alma tão apregoada de philantropia, só offereceu metade do que eu desejava.

Estou certa que não foi por ella esta decidida escusa, mas quasi sempre estas altas dignidades de pura nobreza conservam à roda de si gente que tem medo de tudo, receiando que qualquer pessoa lhe faça perder a protecção obtida por quatro astucias. Se acontece essa camaragem ter filhas ou sobrinhas, então estão sempre *sur le qui vive!*

Por meio das fingidas caricias d'uma dedicação hypocrita, essas fidalgas concedem um dote a essa filha ou sobrinha, e... casa com grandeza... e isso acontece successivamente, até que a fidalga é julgada prodiga, e fica sujeita a um administrador.

Muitas vezes tinha ouvido fallar do sr. Fidié, como sendo um perfeito cavalheiro; mandei offerecer essas historicas almofadas a esse senhor que veio a minha casa, viu-as, achou-as lindas e perguntou-me o preço, Eu. deixei essa decisão á sua disposição.

Metten a mão na algibeira, tirou o que trazia consigo, dizendo-me:

— E' o que tenho aqui; se quer, compro essas almofadas.

Eu que estava sem um pinto em casa, disse que sim, e agradecendo fiquei muito satisfeita.

— Agora que essas lindas almofadas são minhas, pelo

motivo de uma compra legal, hade prometter-me um favor.

— Com muito gosto, respondi.

— Permitta-me pois que lhe faça a offerta d'essas almofadas.

Fiquei pasmada de tanta delicadeza, e cavalheirismo; eu que depois de alguns mezes não via senão agiotas usurarios, ou cavalheiros que queriam aproveitar-se do meu infortunio para me reduzir como se reduz uma cidadella, por fogo ou por fome.

Recusar este generoso auxilio feito com tanta delicadeza e independencia, era um insulto a uma offerta tão espontanea e sincera. Agradecer com protestos banaes, era ridiculo.

Olhando para esse delicado cavalheiro, disse-lhe unicamente:

— *Merci!*

Conheci no seu olhar a bondade da sua alma

Elle comprehendeu todo o agradecimento que o meu coração sentia, e que os meus labios não poderam exprimir.

Depois do que se passou, levantou-se promptamente, e comprimentando-me saiu.

Eis ahi um acto de verdadeiro cavalheirismo. Acto que se deve annunciar para servir de exemplo aos avaros que teem as suas burras fechadas a sete chaves.

Quantos ricaços ha por ahi, homens de fingidas virtudes, que se alguem lhe pedir uma ajuda pelo meio de um emprestimo, fazem a grosseria de reenviar a carta, sem uma unica palavra de desculpa.

Mas se lhes disserem: faça o que lhe pedem, porque o seu nome hade apparecer amanhã em todos os jornaes...então de prompto se abrem os cofres para satisfazer a vaidade egoista.

Este meio hypocrita obtem quasi sempre, uma reputação de excellente caridade, áquelles que muitas vezes só teem a miseria no coração.

Se o sr. Fidié ler estas paginas considere a differença que Deus deve fazer d'elle a esses millionarios orgulhosos e cheios de presumpção.

Fiquei algum tempo descançada enquanto durou aquelle dinheiro. Porém elle acabou-se, e não me falavam da entrega do meu legado, por isso os meus crédores tornavam se como uns cães a ladrar-me todos os dias á porta.

Chegava o tempo de pagar a renda da casa, e não tendo já que empenhar, vi-me obrigada a acceitar uma lettra de quatrocentos mil réis, a seis mezes, pela assignatura da qual me deram só duzentos mil réis.

Quatrocentos mil réis ao anno de juros, por duzentos mil réis!!!

E que remedio, senão agradecer ainda o favor d'este emprestimo?!!

Ha gente que se lança ao furor das vagas para salvar um naufragado, e ha tambem quem puxe mais de pressa a corda para enforçar um infeliz!

Acabado o dinheiro d'esta lettra, surgiram novos embarços que trouxeram novas lagrimas.

N'esta alternativa escrevi a uma pessoa, desejando propôr-lhe de me emprestar algum dinheiro sobre uma lettra. Mas, como eu por meio de cartas nunca gostei de explicar a maneira do negocio, pedia-lhe o obsequio de vir a minha casa. No dia seguinte recebi pelo correio um sobrescripto com o meu nome; abro-o, e pensando achar uma carta, vi boccados de papel rasgados, e reconhecendo n'elles a minha lettra, tirei-os para fora e examinando-os bem, vi com espanto que era a minha carta da vespera.

Que será isto?! pensei eu: o tempo m'ó dirá. Não foram precisos muitos dias que não viesse ao meu conhecimento que o sr. F*** O*** depois da morte de sua mulher, que lhe levara uma bella fortuna, tinha tomado para casa uma creatura, com quem já existiam certas relações. Essa mulher era franceza, mas d'essas

francezas como a maior parte d'ellas são aqui em Lisboa... De mais diziam que desgraciosa e bastante feia, não tinha sequer ao menos a vantagem de uma sua irmã, que attrahira certo fidalgo pelo bem airoso do seu pésinho de silphyde. Isto não admira, porque ha homens que se elevam mais por uma unha do que por uma qualidade.

Essa franceza, que me disseram até tortasinha ser, vendo que o seu *galleguinho* recebia uma carta de uma senhora, taes ardores lhe subiram á cabeça, e da cabeça tal phrenesi lhe veiu ao animo, que levou o seu excesso a ponto de commetter uma acção que só a uma creatura da qualidade que ella era podia lembrar, julgando com isso desfeitiar-me. Coitadita, só me causou riso e dô!

Não conhecendo pois outro agiota que de prompto me fizesse um emprestimo, e achando-me sem recursos, resolvi-me, apezar da pena que me causava, a rifar aquellas duas almofadas, que eu tanto teria desejado conservar.

Postas em exposição em casa de M^{elle} Elisa (modista no Chiado), comecei a mandar pelo meu criado cartas circulares ás pessoas mais notaveis da capital. Com que alegria, meus Deus, vi-a hoje chegar meia libra, no outro dia uma, duas, ou tres! Com que prazer recebi a importancia dos doze bilhetes que escolhera o sr. Joaquim Pereira da Costa; eram seis libras! seis libras, meu Deus! como eu estava rica!!

Ha pessoas que em tudo revelam essa delicadeza de sentimentos que basta para ennobrecer um homem aos olhos da verdadeira sociedade. Mas tambem ha outros tão diversos cujos actos de grosseria seriam bastantes para ennegrecer o brazão mais distincto.

Houve quem não sentisse o escrupulo de acceitar bilhetes, e de nunca até hoje es satisfazer.

Depois de passados os bilhetes, fez-se a rifa no es-

tabelecimento de M.^{elle} Elisa, e quiz a sorte que o sr. Sant'Anna ganhasse.

O bilhete não lhe tinha custado nada, por isso com a maior generosidade possível fez-me presente das almofadas.

Para acabar com a historia singular d'esses dois objectos, direi: Pensando aliviar as minhas acanhadas circumstancias, lembrei-me de escrever ao sr. Van Praet, ministro do rei em Bruxellas.

Effectivamente assim fiz, e como essa primeira carta era para saber apenas se esse senhor estava ainda vivo, e se recordava de mim, recebi pelo paquete seguinte esta resposta:

«Madame»

«Votre lettre est allée me trouver au fond de l'Ecosse que je viens de parcourir en voyageur. C'est ce qui a retardé ma reponse. Oui je me rappelle à merveille de vous, et j'aurais cru volontier qu'il y avait moins longtemps. Cela prouve pour la fraicheur du souvenir. Vous me demandez si je serais disposé a vous rendre service. Je ne saurais répondre qu'une chose, c'est qu'eu devenant plus vieux, je ne crois pas avoir changé de disposition.

«La reponse se resent un peu du *vague* de la demande.

«J'ai appris avec plaisir que votre position s'est améliorée; veuillez croire que ce changement du sort est conforme a mes vœux.

«Je vous remercie des expressions bienveillantes de votre lettre et j'ai été charmé de ce bon souvenir de votre part.

«Veuillez agréer, Madame, mes sentiments les plus distingués.

Jules Van Praet.

«Bruxelles le 15 Septembre 1856.»

Mandei comprar duas caixas e metti dentro as duas historicas almofadas, recatadamente involtas em papel de seda, e unidas com fitas cõr de rosa.

Remetti-as pelo paquete com uma carta, dizendo que visto o meu nome não-estar esquecido, e ver boas disposições relativamente ao obsequio que eu queria pedir, esperava pois que me fizesse uma rifa d'aquelles dois objectos

Algun tempo depois. quando eu pensava já ter uma resposta favoravel, recebo uma carta do sr. A^{***} V^{***} em que me dizia que não tinham querido receber as caixas.

Que devia eu pensar d'este procedimento?

Escrevi mais duas cartas, e nada de resposta.

Andaria n'este negocio o olhar vigilante de alguma esposa ciosa? seriam informações que o sr. Van Praet recebesse aqui de Lisboa? ou teria elle morrido?! Não sei, nem o podia comprehender.

Naturalmente o sr Van Praet que me conhecera em Bruxellas, e que dizia que eu era dotada dos mais nobres sentimentos, admirava-se que fosse da mesma Josephina de Bruxellas que davam essas informações?!?

Não accusarei quem quer que fosse que se encarregou de me fazer taes ausencias, porque desgraçadamente as apparencias eram *todas, todas*, contra mim. Rodeava-me muita gente de mascara no rosto, e eu tinha contra mim muitos inimigos embuçados.

Não accusarei n'nguem, porque se não deve accusar sem provas.

Não quero mal ao sr. Van Praet, nem os meus sentimentos mudaram por me haver recusado um obsequio; sómente chorei!

Este extraordinario foi uma das amarguras da minha vida.

Para mandar vir outra vez as caixas, eram despesas inuteis, e eu nunca pude dispor do dinheiro para o sr. A^{***} V^{***} se pagar das despesas dos transportes, o qual mandando-lhe teria pedido que em Bruxellas desse ordem para vender aquellas almofadas, e distribuisse esse dinheiro em esmolas.

Até hoje que escrevo estas linhas ainda me não foi possível embolsar a passagem; mas supponho que ao finalizar o tempo do deposito abrirão as caixas, venderão as almofadas, e com isso a minha consciencia ficará tranquilla

Tristemente acabou a historia d'essas duas prendas começadas a bordar com tanta satisfação, provando-se que, n'este mundo, quando se pede um obsequio, já se não conhece a pessoa e até se morre para ella!

Lembra-me agora uma pequena anedota acontecida logo no começo da rifa d'essas celebres almofadas, com o sr. A*** T*** A*** a quem eu tinha mandado uns bilhetes.

Veiu a minha casa, e como já me tinha querido render homenagens, aconselhando-lhe eu de as guardar para sua esposa, aproveitou o motivo dos bilhetes para renovar os seus protestos.

—Pensei que já não se lembraria; disse eu.

—Sempre, porque a amo devêras; respondeu.

—E' uma loucura, respondi com frieza; v. ex.^a perde o seu tempo.

—Não, v. ex.^a é que perde o seu tempo com um homem, que bem mal a saberá comprehender, e que muito a fará soffrer.

—Esse agouro hade ir longe, atalhei eu levantando-me, para lhe dar a conhecer que desejava a sua retirada.

Ergueu-se, e entregando-me os bilhetes que lhe mandara, disse me com placidez:

—*Tenha sempre cuidado com os ilheos.*

—V. ex.^a não é muito amavel, respondi eu, em me dar tão tristes agouros de uma pessoa que bem sabe quanto estimo.

Como devia eu tomar as ultimas palavras do sr. A*** T*** A***? como conselho, como aviso, ou como vingança?

Elle que se esquecia que uma senhora involvida em difficuldades, e em tristes embaraços recorria a um trabalho das suas mãos; e elle, elle vinha propôr-lhe uma compra! uma venda!!!

—V. ex.^a, disse eu, não vê senão as apparencias, e desconhece totalmente o fundo da minha historia, e do meu character. Um dia me conhecerá, e então hade fazer-me a justiça de acreditar que a sua proposta foi um insulto . . . que eu sinceramente desculpo e perdôo.

—Faz má opinião do meu character? perguntou elle.

—Não me ouviu dizer que o desculpava, e que lhe perdoava? disse eu sorrindo.

—E' verdade, exclamou elle, mas eu amava-a, e agora adoro-a!

—Essa adoração nasceu-lhe depressa, disse eu, e por isso é de crer que desapparecerá com a mesma brevidade.

—Então nem uma esperança sequer?

—Não. Mas dou-lhe a minha estima

—Oh! que character . . . que character extraordinario! disse o sr. A*** T*** A*** que pegou no chapeo, comprimimentou-me cortezmente, sem dizer nem mais uma palavra, e saiu.

Oh! não devo desesperar, disse eu comigo, ao sentir as lagrimas cairem-me pelas faces, tudo me accusa . . . as apparencias são revoltantes contra mim, e quem julga por ellas é inflexivel contra mim. Isto faz-me soffrer, soffrer muito; mas, oh! meu Deus! accetaes esses soffrimentos Moraes como expiação das minhas faltas.

Senti a tempestade do meu orgulho no coração acalmar-se como sempre me acontecia, quando me julgavam uma mulher infame, e que offerecia ao Creador essa humiliação, mais essa gotta de amargura no desventurado calix dos infortunios da minha vida.

Pedia-lhe que me desse coragem, e Deus parece que sempre me ouvia, porque nos momentos mais so-

lemnes da minha existencia nunca invoquei a sua clemencia, que um balsamo suave e consolador me não viesse dar animo e forças.

Recebi algumas declarações de Costa d'Africa: julgavam que eu era uma mulher que se vendia; porém em compensação recebia tambem algumas d'este modo:

Procuravam o sr. Sant'Anna, este já tinha saído; querendo usar de delicadeza, mandava entrar para a sala no caso de se resolverem a esperal-o.

Uma vez, com uma d'estas visitas, depois de termos conversado duas horas, e de minhas filhas se retirarem a brincar no jardim, foi em dois minutos se tanto, que eu vi cair diante de mim esse *personagem*, agarrando-me as mãos.

Aquella physionomia era realmente sympathica, e o seu coração tinha nobres qualidades.

Fiquei admirada d esta nova declaração à *brûle-pour-point*, porém não perdi a cabeça.

Levantei-me, e agradecendo o affecto que dizia ter por mim, fiz comprehender-lhe que ligada a uma pessoa que amava com estima, jámais a atraçoaria, porque era incapaz de uma infamia, esperando comtudo da sua delicadeza que esquecesse o impeto do seu affecto, sem mais outra tentativa.

Prometti-lhe segredo para o sr. Sant'Anna, porque nada achava mais ridiculo do que uma senhora confessar as declarações que recebe, para excitar ciumes no coração do homem que ama.

Casos ha, em que a mulher está forçada a usar d'esse modo; quando por exemplo um homem se esquece do respeito devido a uma senhora, e prosegue caprichoso sem reflexão no seu intento, aggravando o erro que a senhora teve a dignidade de lhe apontar, não ha remorsos de evitar de outra maneira homenagens que se tornam importunas.

Porem, este não estava n'esse caso, porque não renovaria o que eu então tomaria por offensa.

Comprehendeu tudo bem, ficou sendo meu amigo, não obstante ter deixado de voltar a minha casa. Eis ahí um nobre comportamento, que me deixou o direito de dizer que esse cavalheiro é digno de toda a estima e consideração.

Por estas linhas verá o sr. C*** que lhe conservo uma sincera amizade, de que sou avara, pois não a dou nem a sinto senão por quem a merece devêras.

Eu amava o sr. Sant'Anna, muita gente me achava criminosa, e portanto aos olhos do verdadeiro juizo do Creador todo poderoso, eu estava salva, pois que amava devêras.

Amar! ha tanta gente que falla n'esta palavra, sem comprehender este sentimento sublime!!!

Quantas pessoas ha que batalham com a realidade, sem quererem curvar-se ao dominio da sociedade, porque acham esse dominio pesado e hypocrita.

Esses corações teem sentimentos elevados e sublimes; mas a sociedade obriga a sepultal-os, e a escondel-os com uma hypocrita mascara! a sociedade quer ver as apparencias, mas não quer ver a alma!

Embora se commetta um crime... haja apparencia de virtude, de santidade, e tudo vae ás mil maravilhas.

Um dos sentimentos mais sublimes e mais ideal é seguramente o verdadeiro amor! Sim, é verdade. Mas o mundo exige uma mascara... e essa mascara é o casamento.

Por isso, como acaba a maior parte dos amores? da maneira mais prosaica: *pelo matrimonio!*

Un menage! creanças! etc. etc. Oh! ser Bélise e Henriqueta Chysole ao mesmo tempo é lá possivel!!

O matrimonio é o inferno dos corações que se amaram. E no fim de um anno, o marido por uma parte, a mulher por outra, lá vão uns apoz outros, caindo no foco dos maridos desgraçados, e das esposas infelizes ou... que se consolam!!!

E' facil comprehender que dois homens presos

pela mesma cadeia ao pé, chegam a aborrecer-se e a desprezar um ao outro por se verem assim ligados. O odio ás vezes substitue esse desprezo, porque os dois fazem um obstaculo commum.

Deus concedeu ao mundo um espaço infinito para os passaros serem livres no seu vôo! e os mortaes hão-de encadear-se á similhaça dos grilhetas, vivendo talvez sujeitos a uma condemnação eterna!

Por desejo, por livre vontade, é o ceo! sente-se um prazer supremo n'essa escravidão! mas por obrigação, não, não! Viva a liberdade!!

Muitas vezes acontece, quando duas creaturas se deixam ligar pelo divino laço da confiança sem se conhecerem bem primeiro, acontece a maior parte das vezes o contrario do sublime; porque a infelicidade em breve baterá á porta, em quanto que o raio de amor que inspirou essa alliança, foge ainda mais apressado pela janella.

Um homem que não tem na idéa senão o dominio, que só intenta subir, ainda que para isso tenha de passar sobre lagrimas, e atravez de sacrificios, depois de ter o pé no degrau da escada social, não attende senão a sua esperanza ambiciosa, que hade saciar o seu orgulho.

Se a senhora é de sentimentos, não deve lançar no rosto de esse ente desnaturado a sua dedicaçãõ, e a fé que depositava nas suas palavras involver-se, sim no manto da frieza, e não olhar para esse ente senão com o mais profundo desprezo.

Então elle brama, encolerisa-se porque deseja ver a sua victima banhada em lagrimas; mas como a vê insensivel, faz soffrer essa dedicada creatura; até ao ponto de ella tomar uma resoluçãõ desesperada!

Deixemos pois aqui estas reflexões. e sigamos a minha existencia.

Achava-me sem mais recursos; foi por isto que o sr. Sant'Anna me fez o obsequio de ir pedir em meu

nome aos testamenteiros do sr. Fonseca, a entrega do meu legado, ao que elles de prompto annuíram.

Fui forçada a contrahir um novo emprestimo para pagar os direitos de transmissão, que sommaram perto de oitocentos mil réis; accrescentando os juros d'esse dinheiro, fez-me uma divida de um conto e tantos mil réis.

Recebi o meu legado das inscripções, e logo pelo sr. Sant'Anna, que fallou ao sr. Augusto Xavier da Silva, director do banco, se arranjou com esse estabelecimento uma transacção de um conto e duzentos mil réis, afim de pagar com essa quantia aos credores mais impertinentes.

Foi n'essa epoca que me fallaram n'uma casa como eu desejava: um pouco distante do centro da cidade. Casa independente com quinta e jardim.

Tratei logo de effectuar a mudança, e é n'essa linda vivenda que tanto me apraz onde escrevo estas memorias.

O meu quarto é excellente; tem duas janellas, deitando uma para a rua, e d'onde avisto as consideraveis eminencias de Lisboa.

E' bello ao pôr do sol ver os ultimos raios d'esse rei do universo reflectirem-se nas vidraças das casas brancas, que se distinguem ao longe por entre os altos cyprestes do cemiterio inglez que me fica defronte. A outra janella deita para o jardim, e as baunilhas e trepadeiras que a rodeiam, mais a embellezam e tornam agradável, porque transpira por ella os aromas deliciosos que a mansa viração introduz no quarto, embalsamando as cortinas do meu leito. E' uma casa verdadeiramente poetica.

A's noites de estio. é sublime o encanto que cerca toda a propriedade. A lua erguendo-se magestosa na amplidão dos ceos, lá esparge seus reflexos de prata sobre as aguas do Tejo que gyra aos pés dos montes d'além.

Os rouxinoes veem-me saudar com as suas melancolicas canções, sobre os ramos das arvores, ao som da brisa que murmura de leve por entre os arbustos e as flores.

Que melhor vivenda podia eu ter que fallasse mais ao meu coração? Ao sul, o mar, o mar que nunca podia vê-lo sem deixar de sentir uma suave lembrança, que foi despedaçada por minha familia.

Tinha sido sobre o mar, n'uma embarcação que se estava apparelhando, para soltar as velas ao vento, que no Rio de Janeiro Mr J. G. Dupy... me fizera o solemne juramento de vir um anno depois a Lisboa receber-me E tinha sido o mar o elemento que nos separou, trazendo-me para uma familia que quatro mezes depois escrevia a Mr. J. G. Dupy... dizendo que eu tinha mudado de resolução; ao ponto de já me não lembrar d'elle, e de ir receber me com outro!!!

Quando me encosto na minha janella e lanço um olhar sobre as ondas, recordo-me do Rio; das noites passadas na sacada por baixo da qual elle vinha conversar á claridade das estrellas e da lua que nos allumiavam. Oh! aquelle amor era feliz, foi um amor sem remorsos!

Se volto ao outro lado da propriedade, vejo aquelles vultos alvejantes que se conservam de pé no espaço do cemiterio, e lá tão distante distinguir-se em miniatura os gigantescos cyprestes do Alto de S. João; sentinelas entre as quaes jazem os restos do meu sempre chorado e amado Henrique. Amor que me fez vencer tudo, e que apezar de o julgarem extincto, cada vez desperta mais vivo e apaixonado no coração!

As saudosas lembranças que me restam d'elle só podem dizer o que se passa entre mim e ellas, quando o nome de Henrique me voa espontaneo dos labios, como sincero desafogo d'alma.

Foi n'esta casa, que o sr Sant'Anna me apresentou o sr. Manuel de Jesus Coelho, pessoa que eu

já conhecia de nome, e que depois de ter vindo algumas vezes a minha casa, me deu logar a conhecer o seu character honrado e brioso.

O sr. Manuel de Jesus Coelho desde que entrara na carreira politica, nunca seguiu senão um systema, uma unica opinião, o bem publico e a liberdade. Estas duas virtudes sublimes foram sempre inflexiveis desde o antigo redactor do *Patriota*, ao moderno redactor do *Portuguez*. N'estas duas phases nunca se viu o patriarcha da esphera politica d'este paiz, senão erguer com a mesma firmeza e acrisolado patriotismo o pendão que uma vez levantara, em valimento á felicidade da sua patria.

O sr. Manuel de Jesus Coelho não pertence ao enxame d'aquelles que se deitam á politica, como o experimentado nadador que separa as ondas de cabeça para baixo para conquistar as perolas e os coraes que habitam no fundo. Não era tambem poeta, e como esses não abdicara as musas para se fazer homem d'estado, porque a politica é um terreno amplo para os homens ambiciosos chegarem aos seus fins positivos.

Não pertencia tambem ao genero d'aquelles que em vez de combaterem os governos com razões importantes e plausiveis, preferem o insulto grosseiro, confundindo-se depois com o cão que ladra; com o gato que mia; com o burro que zurra, e que de nada mais se importam senão de *parvenir*.

O sr. Manuel de Jesus Coelho é finalmente um homem que se tem sacrificado á opinião de que jámais se afastou.

E' um d'esses honrados caracteres que podem servir de modelo pela sua probidade, e que rejeitam tudo para ficar com a sua reputação sem mancha, e a sua consciencia sem remorsos!

E' um verdadeiro e distincto portuguez que faz honra ao seu paiz.

Tenho gloria e prazer de contar um character tão nobre no rol dos meus poucos mas verdadeiros amigos.

Foi n'esta casa encantadora que habito, que o sr. Sant'Anna me apresentou tambem o sr. Raymundo de Bulhão Pato, distincto e admiravel poeta, e já conhecido autor da *Paqueta*, apezar de a não ter dado ainda à luz.

E' um mancebo sympathico, porém algum tanto melancolico.

De todos os poetas é o mais estimado do sr. Alexandre Herculano, homem de letras, que tanto honra o seu paiz. Debaixo dos auxilios e conselhos d'aquelle grande mestre, surgiu o futuro autor da *Paqueta*, d'esse poema famoso e inspirado, que lhe hade formar brilhante reputação merecida.

Lembram-me algumas estrophes d'essa obra, e não sei ao certo o canto a que pertencem :

« Oh ! timida innocencia ! oh ' flôr mimosa !
 « Quantos perigos este mundo encerra !
 « E tu encanta n'haste melindrosa
 « Sorris alegre contemplando a terra !
 « Ai ! que não sabes como é breve a aurora
 « Que aviventa no prado a casta rosa !
 « E não sabes tambem quantas ciladas
 « Te circumda a fragil existencia !
 « Quantos projectos e tenções damnadas
 « Forma o homem na sua omnipotencia !
 « Contra ti, debil flôr que basta um sopro
 « Para mudar-te n'este mundo a essencia !

« Um erro apenas, uma falta leve,
 « Um pensamento por fugaz que seja
 « A fronte pura te desbota em breve !
 « E' como o lirio que no prado alveja,
 « Que ao sol abriu vicejante e bello,
 « Mas que um só dia de existencia teve !

E' assim toda a poesia produzida d'aquella imagi-

nação. O sentimento, a doçura, a suavidade e a melancolia reúnem-se em cada verso do joven poeta.

As suas obras não avultam; são poucas as novas que temos das suas composições, e de cada vez que se falla em apparecer alguma é logo festejada, mesmo antes de sair do prelo.

Não é uma censura que lhe fazemos proclamando a escassez das suas producções, porque n'este paiz infelizmente, aonde ha talentos capazes de grandes empresas, os escriptores são victimas do limitado commercio das letras, e são obrigados para viverem a escrever folhetins das variedades que Lisboa não tem, e das novidades, um anno das quaes não chega a produzir uma duzia de linhas.

O distincto poeta, de quem acabamos de fallar, tem uma grande vantagem, porque aos vinte e cinco annos apresenta uma obra, um poema cheio de suaves perfumes *Byroniannos, e Victor Hugistas*.

Tambem foi aqui que tive a honra de me ser apresentado o sr. L. A. Rebello da Silva, tendo immensa pena que não viesse a minha casa senão essa vez, porque um cavalheiro com maneiras e conversação tão delicada, espirituosa e interessante faz-se desejar pela sua agradável presença.

Fallou-se em litteratura e gostei muito de ouvir aquelle espirito fino e agudo, cheio de vôos eminentes, exprimir em poucas palavras, idéas e opiniões sublimes.

Offereceu-me o sr. Rebello da Silva um exemplar da *Mocidade de D. João V*, obra que muito estimei por gabada que era.

Effectivamente no dia seguinte recebi dois lindos volumes.

Foi com immenso prazer queaquellas li paginas escriptas pelo punho robusto e experimentado d'um homem profundo.

Admirei especialmente a clareza e vivacidade com

que ali se faz a descripção e a analyse do character jesuita.

A obra é um primor que hade levar á posteridade o nome de Rebello da Silva; como *a menia e moça* nos trouxe o de Bernardim Ribeiro; *Palmeirim de Inglaterra*, o de Francisco de Moraes; como finalmente os *Lusiadas* nos trouxe o do immortal Camões!

Tive tambem o gosto de receber em minha casa, apresentado pelo sr. Sant'Anna, o illustre doutor Thomaz de Carvalho: digo illustre, porque na carreira medica lisbonense, o talento do sr. Thomaz de Carvalho tem um nome distincto.

Pena é, que tendo abraçado a politica, se esqueça e ponha de parte o mestre Esculapio.

Mas igualmente no caminho da politica, o sr. Thomaz de Carvalho goza dos mesmos fóros de superioridade.

Os artigos e verrinas que lhe saem dos bicos da penna, pelo fino sardonico da phrase, ou pelas bellas idéas grandiosas que apresentam, desinvolve claramente a materia e vencem a polemica

O seu estylo algumas vezes pecca por demasiada ligeireza, e outras, tocando o extremo, faz da linguagem um completo de flores.

Em todos os seus escriptos admira se a profundidade de idéas, que demonstram terem sido concebidas, por uma das intelligencias mais robustas do parlamento, onde o sr. Thomaz de Carvalho tem hoje um logar de deputado.

Este digno representante da nação, nascido como foi do povo, não deixará nunca de defender os seus direitos, nem hade jámais lançar-lhe na frente o escarneo, porque bom e fiel será sempre um honrado democrata, mas não como alguns que confessando o orgulho da mesma crença, são comtudo capazes, se um criado lhes trazer por engano um *charuto* em vez de *cigar-*

ros, de lhe darem a reprobensão transformada n'uma sova de pancadas.

Estes democratas *ridiculos*, que, para imitarem o systema inflexivel de Victor Hugo, são capazes de despedaçar e calcar aos pés o busto de Napoleão n'uma sociedade pelo sentimento da verdadeira independencia que a indo'e vaidosa lhes inspirou, apresentar-se-hão de levás brancas, mas hão de olhar de revez e com desprezo para os que não usam senão d'aquellas que a natureza lhes deu.

Estes caracteres que fallam, mas não sentem, são os maiores sabujos que tem um estado.

Se não põem em almoeda os sentimentos e o coração, é porque tem a certeza que o peso, a que podem chegar, não vale ainda a insignificancia rasteira do seu orgulho!

.

Tive realmente immensa pena que o sr. Sant'Anna tivesse, dois annos antes de o conhecer, um duello com o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, de que resultou este ultimo ferir o seu adversario.

Tive pena d'esse successo, repito, porque me impossibilitava de pedir ao sr. Sant'Anna de m'o apresentar, eu que havia tanto tempo desejava conhecê-lo pessoalmente.

Sempre fui assignante da *Revolução de Setembro*, pude admirar a dignidade com que este jornal, o primeiro do reino, tem sido redigido por este seu honrado redactor e responsavel

Os artigos do sr. Antonio Rodrigues Sampaio são todos serios e admiravelmente escriptos.

E' talvez o jornalista mais distincto em saber manejar a penna.

Como sophista é o primeiro. Os seus argumentos sempre baseados, a censura rispida sem ser escanda-

losa, cortante sem ser provocadora, sae tão aprimoradamente da sua penna, que os antagonistas voltam da liça vencidos em face d'aquella potencia da intelligencia.

O caracter do sr. Antonio Rodrigues Sampaio pertence ao numero dos mais honrados.

Quando o sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca me fallava d'este seu amigo, fazia-me d'elle os maiores elogios, e dizia-me sempre: Receio provar no meu testamento a sincera amizade que tenho a este amigo, porque á independencia de caracter que lhe conheço temo que elle se offenda.

Isto é sufficiente para demonstrar o sr. Antonio Rodrigues Sampaio.

Se em Lisboa ha algumas pessoas que pelo seu talento, pureza de sentimentos, e honradez de caracter merecem que se lhe confie a pasta de ministro do reino, o sr. Rodrigues Sampaio é sem duvida o primeiro na lista d'esses poucos e raros privilegiados.

O sr. Latino Coelho era amigo do sr. Sant'Anna; mas como este só trazia e convidava os amigos que bem queria, nunca lhe pedi que me apresentasse ninguem, e eis o motivo porque não tive o gosto de receber em minha casa o sr. Latino Coelho, esse brilhante e espirituoso critico, que a felicidade permitta não seja com maus olhos que se volte para esta primeira publicação.

A pouca indulgencia nas suas apreciações litterarias, é o seu defeito dominante. Onde cairem os desapiedados bicos d'aquella penna sempre molhada em fel, a morte é inevitavel. Mas a sua critica é sempre chistosa, embora pungente. Homem politico e de sciencia, é com jus que tem uma cadeira em S. Bento, onde os seus discursos eloquentes salvam ou castigam o ministerio.

Uma das pessoas que tambem teria desejado conhecer, era o sr. José Maria do Casal Ribeiro, poeta, homem politico, e melhor financeiro ainda.

A sua intelligencia solta ás vezes aquelles rasgos impetuosos, só permittidos ao genio dos estadistas privilegiados.

Actualmente deputado, ninguem melhor do que elle, depois do illustre ministro Fontes, pode exercer com mais utilidade ao paiz e ao governo o encargo de ministro da fazenda, cuja pasta tem infelizmente atravessado tantas mãos geladas pela impotencia e inactividade.

Depois de fallar n'estes homens illustres pelos seus brilhantes talentos, não deixarei de mencionar o sr. Antonio de Serpa, que o sr. Sant'Anna nunca quiz apresentar-me, apezar de eu o conhecer já como escriptor dramatico e politico, assim como por autor de muitas poesias, onde se encontra o transcendente perfume das mais engenhosas poesias de Almeida Garrett.

Tambem desejei muito conhecer o sr. Mendes Leal, pela admiração que tenho da sua intelligencia vasta e fecunda.

O autor da *Historia do Oriente*, o primeiro poeta dramatico portuguez, o autor dos *Homens de marmore*, dos *Homens de oiro*, e de tantas outras composições brilhantes; o talento escolhido para acabar as obras do visconde de Santarem, não podia deixar de me ser agradavel a sua apresentação.

Um domingo, era meio dia, veiu o sr. Sant'Anna a minha casa acompanhado do sr. Lopes de Mendonça.

Fiquei satisfeita com esta visita, porque estimo as pessoas de talento, e o sr. Lopes de Mendonça é sem questão um dos bons escriptores d'este paiz; devendo tudo a si, porque estudou sósinho, e apparecendo inesperado no mundo das letras, desejou illustrar o seu nome n'essa carreira brilhante, até que o conseguiu, subindo com justiça a uma das cadeiras na *Academia das Sciencias*.

Como jornalista em economia politica, o seu talento

desinvolve-se com vantagem e superioridade; no folhetim a sua observação é sisuda e por vezes satyrica; modelando um estylo animado de muitas flores de poesia.

No drama, só lhe conhecemos a *Affronta por affronta*, uma quasi estreia do autor, que apezar de se lhe encontrar certa transcendencia do aroma e disposição litteraria, é das suas producções a menos valiosa.

Em compensação porém, o autor deu-nos depois as *Recordações da Ita'ia*, volume caprichosamente escripto, e todo composto de bellezas litterarias. Ahi revelou o sr. Lopes de Mendonça todo o valor da sua brilhante intelligencia, e pena é que se não entregue antes a produzir d'estas obras, que lhe podem assegurar um nome na posteridade, do que a entranhar-se no campo ephemero da politica, n'essas lutas tempestuosas que acabam por succumbir o animo, cançando a intelligencia.

Concluirei estas breves e pequenas analyses, com o nome distincto do illustre deputado José Estevão Coelho de Magalhães, cabeça louçamente exaltada, homem de um excellente coração, e de uma philosophia pouco vulgar.

Primeiro orador no paiz, capaz de fallar um dia inteiro sem que o fio do discurso se desvie do assumpto principal, sem que as mais poeticas imagens desapareçam das suas palavras, sem que as flores da rhetorica desamparem um instante a sua eloquente voz, obtem sempre, pela energia que o anima, vencer ou sophismar convenientemente a questão.

Já uma vez o distincto orador chegou a impressionar tanto o parlamento, que os seus collegas o levantaram nos braços ao ar, cheios de enthusiasmo, n'um impeto arrebatado.

O sr. José Estevão é tão querido de todos, e tão bem conceituado no povo, como o foi em Paris e nas camaras o distincto general Foy.

Foi n'este anno, e n'esta casa que tive o gosto de

receber algumas vezes a visita do sr. Lobo, que tinha sido secretario da embaixada portugueza em Bruxellas.

Com immenso prazer tornei a ver este cavalheiro, que é um perfeito *gentleman*, porque o sr. Lobo possui realmente os foros d'estes dois titulos que tão bem lhe quadram.

Com sinceridade tive saudades quando o sr. Lobo deixou Portugal para ir como addido para o Rio de Janeiro, essa capital de mais civilisação do que muitas antigas cidades.

No Brazil que é uma terra hospitaleira, onde se sabe fazer differença entre as educações; n'aquelle paiz que tanto tem querido vilipendiar e abater, pintando os seus naturaes como caracteres barbaros e ambiciosos, e até crueis e despoticos, no Rio de Janeiro, entre aquella gente a quem tão mal tem cabido tão injustas asserções e ataques, o sr. Lobo hade conquistar aquella estima e consideração, que elles nunca negam a quem a merece.

CAPITULO VII

Felicidade n'um retrato. — Triste mez de janeiro de 1857. — Duas letras minhas no banco. — O sr. Augusto Xavier da Silva. — O sr. Thomaz da Costa Ramos. — D. Fernando Regente. — O sr. visconde de Rilvas. — Os archeiros. — A sr.^a viscondessa de Rilvas, e a sua interessante filha.

Por ultimo, na propriedade em que hoje vivo, reunindo estas memorias escriptas em estylo caseiro, para que me não alcunhem de pertencões, é que me foram apresentadas outras pessoas que muito estimei conhecer.

O sr. Sant'Anna não me dava aquella felicidade precisa para a minha alma estar satisfeita. Essa vida

sublime que eu sonhava, brilhando apenas um dia, apagava-se totalmente no outro.

Sentia meu peito como o mar batido pela tempestade.

Teria succumbido se me não tivesse agarrado a uma recordação. Essa recordação, esse sentimento, esse ideal, era o retrato do meu Henrique!

Esse retrato é que me consolava do *néant* em que jazia o meu coração! Esse retrato sustentava o alento da minha alma.

A' noite, depois de minhas filhas gozarem socegadas a tranquillidade fagueira do somno, depois de as beijar com aquelle amor só proprio das mães extremosas, fechava-me no meu quarto aonde ninguem me via: então n'essa solidão desabafava os soffrimentos do peito; chorava, e era a minha maior consolação!!!

Quantas vezes abrindo as janellas que dão sobre o cemiterio, encostando-me no parapeito, e com as faces humidas pelas lagrimas, dirigia as minhas fallas áquelles cyprestes! Os mortos não me respondiam; oh! se elles podessem contemplar a minha dôr e saudade, tinham dó de mim!

Tudo que se passava, era como o diaphano veo de um sonho.

Fallem a Henrique, dizia eu, e digam-lhe que n'este mundo sou uma viajante que espera com anciedade o porto que hade fazer-me unir a elle!

Levava horas e horas conversando com aquellas sombras da morte, que eu pensava irem repetir a Henrique o estado do meu coração.

Outras vezes era uma estrella, a qual baptisara com aquelle nome, que tinha o poder de tornar os meus olhos fitos por longos espaços no seu brilho lucido e agitado!

Soffria! oh! soffria muito! mas nos soluços que se arrancavam do peito e nas lagrimas que banhavam minhas faces, como o orvalho matutino vem regar as re-

sequidas flores, sentia as minhas forças e o coração quebrados!

Então encaminhava-me á gaveta do meu toucador, tirava o retrato de Henrique, e, cobrindo-o de mil beijos, entregava-me ao repouso.

Quando sentia as palpebras meias cerradas, erguia-me de repente, tornava a collocar o retrato no escaninho, e depois n'um sonho de instantes, encontrava de novo a mesma illusão.

Uma vez, não sei como foi, mas o somno prendeu-me tão depressa que não pude ir guardar o retrato, e só tive tempo de o esconder debaixo do travesseiro.

—Que tem? me disse á entrada o sr. Sant'Anna, vendo-me em sobresalto.

—Estou incommodada; respondi eu.

—Então tome soda. (Era o seu remedio favorito).

—Não, murmurei eu, em dormindo passa-me.

—Então dorme, meu anjo, respondeu elle, dando-me um beijo.

Oh! esse beijo queimou-me, e para esconder as lagrimas que me saltavam dos olhos, voltei-me e cobri a cabeça com a roupa.

Então escondidamente beijei o retrato, e disse comigo como quem reza uma prece: Perdão, Henrique, não pude ir guardar-te, se o fizesse agora, *elle* havia de interrogar me, e eu respondendo offenderia esse orgulho exaltado.

Para uma mulher de sentimentos, é esta situação um verdadeiro martyrio.

Dando um osculo n'esse caro retrato, metti-o novamente debaixo do travesseiro.

Peguei no somno; mas algumas horas depois, acordei lembrando-me do retrato, e julguei ter commettido um sacrilegio. Essa idéa sobresaltou meu coração.

Abraçando esse querido objecto, pensava que as minhas lagrimas cessariam. Cobri-o dos meus ardentes beijos, e senti como uma nuvem cair sobre mi-

nhas palpebras. Um grande peso toldava-me a cabeça, e o coração parecia estalar-me! Era uma dôr tão aguda, que soltei um grito estridente.

Quando abri os olhos senti o cheiro do ether, e vi n'uma cadeira ao pé de mim o sr. Sant'Anna, que, tendo as minhas mãos entre as suas, me disse com modo secco:

—Estás melhor?

—Sim... respondi eu; e puz-me a procurar o retrato que me veio de repente á memoria.

—Que procura? perguntou elle

Não respondi; olhei para elle, e comecei a chorar.

—Oh! Josephina! Josephina, murmurou elle, entregando-me o retrato; tu não me amas! Nunca me tiveste amor! e nunca hasde amar senão esse homem!

Dizendo isto levou as mãos á cabeça.

—Escuta, respondi eu, escuta; tu sabes que sou incapaz de mentir. Amei Henrique com a paixão de uma creança; que queres?... amei-o muito! elle adorava-me tanto!!! A confiança d'este amor era immensa! e desde que Henrique morreu tenho sentido no meu peito desinvolver uma paixão, que morrerá só quando eu deixar de existir!

—Então eu?! eu! exclamou elle fitando seus olhos em mim.

—Tu!... respondi sorrindo no meio das minhas lagrimas; tu... amo-te como pode amar uma mulher de coração como este meu! amo-te com o sentimento que nasceu debaixo de uma fraca luz, que esteve proximo a apagar-se, que durou tres mezes n'esta incerteza, e depois.. a luz não estava senão amortecida, acendeu-se de novo, e com a força d'esse impulso tem-se augmentado. Elle é a saudade!!! tu... és a realidade!

—Tu dizes me isso para me consolares.

—Não, não digo. Uma consolação que nasce de uma mentira, é uma infamia!

—Diz, Josephina, diz que me amas devéras.

—Amo-te, sim, amo-te... tu sabes que um amor que foi victima de lutas . . de soffrimentos... quando mesmo um sentimento d'esses desfallece deixa eterna a amizade!...

—Tu amar-me-has sempre? atalhou elle tomando novamente as minhas mãos entre as suas, que pareciam duas chammas ardentes.

—Sempre! sempre! lhe repliquei; mas escuta, não te quero enganar; o dia em que eu julgar a minha dignidade offendida... oh! d'esse dia em diante juro-te que tudo acabará entre nós. Sempre te disse que o meu defeito dominante é o orgulho.

—Então pode o teu orgulho mais do que o teu amor; disse elle meio offendido.

—Pode, sim, pode, porque o verdadeiro affecto é o mais orgulhoso de todos. O dia em que o meu orgulho fizer calar meu coração, tu julgarás que o amor morreu!

—Tu não me amas, Josephina, não me amas; porque o verdadeiro amor não morre assim!

—A minha vontade é mais forte do que tudo; respondi eu.

—Isso não é possível' murmurou elle apertando-me com violencia a mão.

—Eu já te disse, respondi, que penso um pouco como Napoléon que dizia: *Risco a palavra impossível.*

—Tu és um anjo! e eu sou um tolo em estar com estas coisas; tu precisas descansar, e eu devo ter em ti toda a confiança.

—Em quanto... repliquei sorrindo-me.

—Pretinha... patetinha... interrompeu elle abraçando-me; amo-te, e posso jurar que toda a minha vida te heide amar.

—Olha o proverbio, disse eu rindo-me, o proverbio francez que prohibe que se diga: *ni jamais, ni toujours.*

Assim se terminou aquella conversação, ficando nós mais amigos que nunca.

Sim! sim! mas depois! depois! oh! meu Deus!
 não tenho eu soffrido bastante?!!!.

.

Uma consolação para mim era o possuir os cabellos e o retrato do meu infeliz Henrique, e poder ver das minhas janellas as arvores que lá tão distante rodeiam o seu mausoleo.

E não heide eu amar esta casa?!

Se fosse obrigada a mudar-me, parece-me que morreria.

E ha quem se admire de me não ver nos passeios, nos theatros, e nos divertimentos?!!

Porventura não estou eu cercada de todos os encantos? as minhas duas filhinhas, esses dois innocentes amores, consolação e balsamo de todas as minhas dôres!! As minhas saudades! as minhas flores! que mais posso desejar, a não ser uma resurreição?!!!

.

São hoje sete de janeiro de mil oitocentos e cincoenta e sete.

Este anno principiou bem triste para mim.

Ha tres mezes que intento arranjar os meus negocios; dou metade das minhas inscrições, desejando ter dinheiro para pagar a todos os meus credores, e não é possivel achar quem faça uma transacção.

Hoje vencia-se-me uma lettra, e quantas cartas foi preciso escrever para alcançar uma reforma!

Era a primeira que pedia, e custou-me tanto a obtel-a! Todo o dia tenho chorado e soffrido, sem uma pessoa que me dê uma palavra de força e consolação!

Fechei-me todo o dia no quarto, para minhas filhas se não entristecerem vendo as minhas lagrimas.

Alguem, a quem deveria doer-lhe meus pezares, é *egoista* de mais para os conhecer, e desde que não ha senão lagrimas aqui, fugiu a companhia!!! Escapou agora á minha penna este pequeno desafogo do coração; não é de admirar visto ser a ordem do mundo: *Dize-me quanto pesas, para saber quanto vales!*

No mundo, no seculo presente, podem contar-se as creaturas que não seguem este systema.

Era n'este mez de janeiro de 1857, que se venciam as lettras que acceitei do banco.

Eu não queria de modo algum que por mim se pedisse reforma das minhas lettras, e levava a capricho pagar sem ter de abaixar-me a este estabelecimento, aonde contava com a protecção do sr. Augusto Xavier da Silva, um dos seus directores, e pessoa que eu julgo incapaz de faltar a um promettimento.

Este cavalheiro comprehendia a minha difficil situação, e sabia quanto me seria vantajosa uma transacção pela qual podesse obter o descanso da minha vida, e um grande allivio para o embaraço das minhas finanças, pois que eu tinha que pagar apenas cinco por cento, quando por fóra essas aves de rapina chamados usurarios queriam cincoenta, cento, e duzentos por cento! . . .

O banco, por meio d'uma grande transacção sobre as inscripções que me tinham sido legadas, podia ser o meu salvamento, e o sr. Augusto Xavier a meu favor um excellente advogado n'essa causa

Mas nada se podia obter sem o voto do sr. José Lourenço da Luz, e eu não tinha o mais ligeiro conhecimento com este cavalheiro para lhe pedir a sua coadjuvação, mas confiava no seu character probo, para contar quasi, que se não negaria a auxiliar-me, se o genero da transacção não fosse contra os estatutos do estabelecimento.

Esta confiança tinha-a eu, pelo que diziam da extremada bondade e cavalheirismo com que o sr. José

Lourenço da Luz recebe qualquer pessoa, e o seu desejo sempre vivo de ser util.

A's diligencias e boa vontade do sr. Augusto Xavier da Silva devo a minha gratidão, que se não hade apagar nem escurecer.

Como eu não tinha os meios promptos para fazer frente ao pagamento de duas lettras no valor de um conto e duzentos mil réis que estavam no banco, disseram-me que pedisse este pequeno emprestimo ao sr. Thomaz da Costa Ramos.

Escrevi-lhe pois uma carta, dizendo que desejava fallar-lhe.

Elle veio no dia seguinte, e o sr. Sant'Anna, que estava n'esta occasião em minha casa, expoz-lhe a transacção que eu desejava.

O sr. Ramos pediu oito dias para examinar o negocio e decidir se.

No fim do prazo veio; como o sr. Sant'Anna estava n'esse dia doente, eu só é que o recebi na sala.

— Examinei o seu negocio e convem-me, disse-me elle, mas não posso agora fazel-o senão por dois contos de réis, e no fim do mez então veremos, para completar a quantia que pediu.

Eu, que me lembrei do meu compromisso para com o banco, acceitei.

— Não sei porque deseja estar em todos estes embarços; continuou o sr. Ramos, olhando fixamente para mim.

— Então que heide fazer? perguntei.

— Esses embarços todos os dias hão de infelizmente complicar-se mais. No entanto havia um meio de elles acabarem.

— Só se eu entrasse nas loterias, e me saisse a sorte grande, respondi eu.

— Não; mas em lugar de estar com um homem que de nada lhe serve, deveria antes não se negar a acceitar a protecção de um homem de bem, e que só quizesse a sua felicidade; finalmente um homem *circumspecto*, e ..

N'este instante senti mexer a fechadura da porta do quarto que deita para a sala.

Temendo que o sr Sant'Anna, deixando de considerar a minha difficil posição, entrasse na sala, e fizesse algum escandalo, levantei-me dizendo :

—Agradeço immenso os conselhos de v. ex.^a, conto com a transacção feita no fim do mez, e com os dois contos de réis dentro de quatro dias para pagar as minhas lettras que estão no banco.

—Vejo que é muito caprichosa. disse elle levantando-se e pegando no chapeo; esteja pois descansada que pagará ao banco.

Saiu.

Entrei no quarto, aonde o sr Sant'Anna, pallido como a morte, e com os dentes cerrados, me disse :

—Que infamia! não percebeste que aquella pessoa *circumspecta* era elle mesmo?!

—Ora, tu estás enganado, disse eu; era um conselho que elle me dava, mas não por seu interesse.

—Tu és ainda creança, Josephina! pois não comprehendeste que esse homem quer te comprar?!

—Não, murmurei, porque me custa sempre a acreditar as infamias...

O sr. Sant'Anna fez-me então reparar em algumas das palavras que o sr. Ramos dissera, sobre tudo, na especialidade da pessoa *circumspecta*!

—O que elle merecia, era que eu abrisse a porta, e o fosse ensinar com um... mas considerando os teus apuros tive a força de me suster; mas não importa, esse homem fica-me debaixo do dente.

—Deves fazer o que eu faço, disse eu, que é deitar essas miserias ao desprezo.

—Elles! . esses homens . . esses ricassos julgam-te uma mulher de dinheiro. e tu, Josephina, és uma creatura toda de sentimentos, toda de coração, tu és um anjo!

—Ora ainda bem, disse eu rindo; passou a tempes-

tade ; quando me chamas anjo, vejo desannuiar a tua frente. e fico contente !

—E's uma mulher divina ! exclamou elle apertando-me nos seus braços.

—Enganas-te, Jacinto, sou uma pobre creatura.

.

Apezar das transacções que eu fazia para escudar sempre a minha assignatura, vi os meus embaraços augmentarem todos os dias, e havia momentos em que a minha coragem se deixava apoderar do desespero ; n'essas occasiões dizia eu ao sr. Sant'Anna: Se os irmãos do meu bemfeitor me dessem aquelle segundo legado, pagava as minhas dividas e ficava descansada ; esse era o desejo do meu protector, visto elle deixar-me um legado que me collocava n'uma posição independente.

—Se fossem *outr s* homens. disse o sr. Sant'Anna, poderia fazer-se-lhe comprehender que era um dever para elles cumprir o segundo legado, mas.

—Se elles soubessem os meus embaraços respondi eu, e os desgostos e sacrificios que tive de soffrer para pagar os direitos de transmissão... Oh ! talvez elles fossem bastante cavalheiros para cumprirem com a ultima vontade de seu irmão.

—Desengana-te. respondeu-me o sr. Sant'Anna, essa gente não é capaz de nada !

—Quem sabe ?!... disse eu, talvez por *basofia* e por orgulho fizessem uma coisa contra o seu coração ; sabes tu... tenho uma idéa. D. Fernando é bom, é amigo de valer aos que se acham em afflicção, estou certa, que para esse caso elle não recusaria as mim, e a minhas filhas, a sua real protecção ; porque de certo, elle não havia de ficar insensivel ás lagrimas d'uma mãe, sendo elle pae !

Quando ha alguns mezes me decidi pelos conselhos de D. A. P. a ir ao paço, apenas alli fallei ao visconde de Rilvas, que me disse estar recebendo S. M.

a visita da imperatriz, mas que voltasse no dia seguinte para me apresentar ao sr. D. Fernando.

Não quiz ir, e não fui. Temi que dissessem .. que elle julgasse.....

O sr. D. Fernando tinha um pé sobre o throno, e eu era, e não queria ser senão a pobre Josephina Neuville !

E' bem triste conquistar um amor *real*, para n'um momento de mau humor, um acceno apentar a *barra* !...

A senhora que teria possuido esse *amor com tanta realleza*, achar-se-hia obrigada a seguir com a cabeça baixa o gesto do soberano, que leva o desprezo extremo á face do mundo.

Mas agora, eu penso que o sr. D. Fernando, quando vir uma senhora aos seus pés, que lhe pede protecção, terá bastante generosidade para attender ao meu pedido. E de mais, eu irei com uma das minhas filhinhas; a presença d'esse anjo infundirá no Regente os sentimentos de um verdadeiro rei ! Não é verdade ? perguntei eu ao sr. Sant'Anna.

—E's uma mulher admiravel, uma creatura extraordinaria, respondeu'elle. Porque não me deu Deus uma fortuna para te livrar de todos os teus embaraços, e poder oppôr-me a esses passos?! !

Escrevi ao sr. visconde de Rilvas, pedindo-lhe uma audiencia ao Regente.

No dia seguinte respondeu-me destinando-a para sabbado ao meio dia.

Foi preciso revestir-me de muita coragem para ir atravessar os pavimentos, no meio de todas aquellas vistas.

Julgavam talvez que eu era mais uma fidalga que ia usar das faculdades permittidas aos seus diplomas, e pergaminhos...

Fidalguia não a tinha. Mas Deus tinha-me concedido uma alma independente, para olhar com dó aquelles que se esqueciam das suas dignidades ao ponto de

converterem em baixeiras e miserias os titulos e as honras, que lhes tinham confiado.

Minha filha estava pasmada, e olhava para tudo como se fosse um espectaculo; perguntava-me ao ver os arceiros de perna esticada na sua meia branca, e amortalhados nas suas largas casacas encarnadas guarnecidas de franja amarella, se tudo aquillo era uma mascarada.

Nada lhe pude explicar, porque nos fizeram entrar para o quarto do meu apresentante, o visconde de Rilvas.

— Como está? disse elle apenas me viu, e estendendo-me a mão; pensei que não viesse.

— Pedindo uma audiencia, não faltava; respondi logo.

— A sr.^a viscondessa de Rilvas, e minha filha, exclamou o visconde apresentando aquellas duas pessoas da sua familia.

Abaixei a cabeça depois de ter proferido algumas palavras de cerimonia.

Poucos minutos depois as duas senhoras retiraram-se; perguntando me o visconde:

— Gostou de minha filha?

— Oh! muito, respondi eu, limpando com o lenço duas lagrimas que me caiam dos olhos.

— Que tem? exclamou elle admirado.

— Nada, sr. visconde, nada, murmurei eu soltando um suspiro, suspiro que foi bem longe! suspiro que voando ás nuvens foi ao impulso da brisa e atravessou o oceano para ir abraçar-se á minha cara Pilarcita Guido, a minha sempre adorada amiga.

Vendo a filha do visconde de Rilvas, um golpe de saudade atravessara meu coração. Pilarcita, e M^{elle} de Rilvas, pareciam duas irmãs gêmeas. A mesma brancura de pelle, os mesmos olhos de candura, o mesmo adoravel sorriso lhe pairava nos labios de carmim! A mesma estatura, o mesmo talho de corpo, as mesmas maneiras delicadas, tudo, tudo se confundia! E para abraçar mais o fogo da minha saudade, a sr.^a viscondessa era o typo perfeito da mãe da minha boa Pi-

larcita; da esposa do sr. Guido, ministro de Buenos-Ayres no Rio de Janeiro.

Oh! quando eu senti essa recordação estender um triste veio de saudade sobre o meu pobre coração, só tive um desejo — deitar-me aos pés da sr.^a viscondessa de Rilvas, e dizer-lhe com as mãos erguidas: — Ella era uma mãe para mim, e eu, e Pilarcita eramos como irmãs! Pois seja minha mãe! seja para mim uma segunda M.^{me} Guido!!!

Mas esse desejo intimo, esse desafogo da minha alma, essa doce illusão, que mêm surgia tão radiante e bella, tudo ficou sepultado com a frieza prosaica da razão.

— Pediu uma audiencia, disse-me o sr. visconde de Rilvas; S. M. está á sua espera; vou annuncial-a.

Foi d'este modo que o visconde me desviou d'aquella meditação, saindo, e deixando-me só com minha filha. Instantes depois, s. ex.^a voltou, e trazendo um papel com alguns bolos deu-os a Clementina, dizendo para mim:

— E' melhor deixal-a ficar comigo.

— Obrigada, sr. visconde, mas eu não vou sem minha filha.

— Porque?!

— V. ex.^a sabe-o tão bem como eu.

— Mas isso é uma puerilidade; exclamou elle.

— Não, sr. visconde: é o meu dever.

— Então, vamos, disse o ajudante de campo d'el-rei.

Seguimos por um corredor, abriu-se uma porta, e fomos entrar n'uma sala, ou para melhor dizer n'um *boudoir*, todo forrado, e guarnecido de damasco cõr de canna.

Minutos depois entrou o sr. D. Fernando, o sr. visconde de Rilvas apresentou-me e retirou-se.

Assentamo-nos; e El-Rei, depois de fazer algumas festas á minha *Titine* (Clementina) disse:

— Já conhecia a sua menina, é linda; e imprimi-lhe um beijo na face.

Agradei aquella fineza, feita ao meu amor materno, e entreguei-lhe uma carta, que já trazia prompta, expondo-lhe a minha pertença, para lh'a dar no caso do acanhamento me vencer.

Depois de desdobrar a carta, e de a ler com a maior attenção, fechou-a, mettu-a na algibeira do peito, e voltando-se para mim, disse-me :

—Teria muito gosto em fazer o que me pede; mas facilmente comprehenderá que não depende da minha vontade. Se me pedisse alguma coisa, affiançava-lhe já que a satisfazia; mas n'este caso só posso prometter que hei de fazer o que estiver ao meu alcance.

Se eu fosse uma mulher sem pejo e sem vergonha, teria accetado logo a boa disposição do Regente, e pedia-lhe qualquer coisa, abusando das ultimas palavras que El-Rei acabava de pronunciar.

Mas eu não pude senão agradecer ao Regente a sua amabilidade, e digno cavalheirismo. Perguntou-me se eu gostava de Lisboa, e ficou admirado de me ouvir responder com enthusiasmo :—Gosto immenso.

—É para admirar, me respondeu o sr. D. Fernando, porque todos os estrangeiros não são d'esse mesmo voto.

—Pode ser, respondi eu sorrindo, mas é raro que alguém veja Cintra e a Pena, e deixe de ficar encantado.

—Então agradou-lhe a Pena?

—Quem não hade encantar se d'aquella poetica Cintra, que mereceu a contemplação de lord Byron? A gothica perspectiva d'aquelle edificio que se tem enriquecido com a munificencia de V. M. faz recordar os palacios das *mil e uma noites*. Aquellas flores, aquellos jardins, formam um leito de suaves encantos que attrahem e seduzem.

A entrada do sr. visconde de Rilvas, que veio prevenir o Regente da chegada, não me lembro de quem, poz termo a uma conversa que toda a vida ficará na minha memoria.

S. M. abraçou segunda vez minha filha e sai com ella acompanhada do sr. visconde.

Acabando de fallar a S. M. não pude deixar de admirar o character franco d'este principe, e o seu modo affavel que o faz tão querido e estimado de todos.

No que dizia respeito aos negocios do Estado, o sr. D. Fernando era um regente sabio e discreto, que teve sempre as sympathias de toda a gente. Fora d'esse pesado encargo, o principe esquecia que tinha a corôa nas suas mãos, e era para todos que o buscavam um amigo, e um bom protector. Os orphãos pediam-lhe um abrigo, e achavam n'elle um agasalho; o pobre nunca retirava a mão descarnada, sem que a d'elle, generosa, a deixasse ir sem esmola. Enfim, El-Rei é como um pae desvelado, que não está satisfeito senão quando vê todos os filhos contentes e alegres. É por isso que este povo portuguez lhe tributa uma afeição verdadeira, e tambem porque elle abandona a purpura real, e vem metter-se entre o povo n'essas ruas, sem distincção nem mais companhia, mostrando a confiança que tem nos subditos de seu filho. O povo nem por isso deixa de respeitar o rei popular, e este tambem não é menos digno da consideração que se deve a um soberano.

—Então ainda tem receios? me perguntou o sr. visconde de Rivas, quando entrámos no seu quarto.

—Oh! não, respondi eu, e vejo que me enganaram muito a respeito de S. M., *que não é para se ter medo*, e que possui a maior delicadeza possivel.

—Isso é verdade, respondeu o ajudante de campo do Regente; e diga-me, continuou elle, foi bem succedida no que lhe pediu?

—Prometteu-me fazer toda a diligencia, e eu peço a v. ex.^a que o não deixe esquecer.

—É desnecessario, disse o sr. visconde, porque El-Rei não se esquece do que promete.

—Em todo o caso, lembre-se v. ex.^a que o deixo meu

embaixador, disse eu comprimentando o ajudante de campo.

—E eu prometto que farei tudo para merecer a confiança que deposita em mim; respondeu elle apertando a mão que eu offerecera.

Assim nos despedimos o mais amigavelmente possível.

Dias depois, recebi datada de Cintra uma carta do sr. visconde de Rilvas, mandando-me dizer que o sr. D. Fernando já tinha fallado a um dos irmãos do sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca; e que qualquer dia, que elle visconde viesse a Lisboa contar-me-hia tudo.

Effectivamente alguns dias depois veiu o sr. visconde, e disse-me, que S. M. dera expediente ao meu pedido; mas que aquelle *Bruto sem punhal* respondera que nada mais tinha a fazer; ficando El-Rei muito resentido de semelhante resposta.

—Quanto eu sinto, meu Deus! mas S. M. deve desculpar-me, porque.....

—Oh! elle bem sabe tudo, respondeu o sr. visconde. Mas que tem? continuou elle vendo as lagrimas cairem-me pelas faces.

—Eu esperava ter a minha vida descansada, e por essa recusa vejo que heide soffrer até á morte

—Pois seja minha amiga, que será feliz. porque o sr. D. Fernando a ajudará.

—Sou sua amiga, sr. visconde, e sou sinceramente grata ás bondades com que v. ex.^a se tem prestado n'estas circumstancias.

—Mas eu estimo-a! exclamou elle, e desejava que me soubesse imitar.

Compreendi.. senti um grande calor subir me ás faces, e levantando-me disse:

—Agradeço todos os obsequios de v. ex.^a; calar-me era enganar-o, e talvez não seja inutil advertir que eu

não me costumo vender por dinheiro. nem por obsequios.

.....

—Pois eu prophetiso-lhe uma coisa, é que se hade arrepender.

E o visconde saiu comprimentando-me.

Ora esta!.. disse eu ouvindo fechar a porta e deixando-me cair sobre um fauteuil; tambem elle!! De que se compõe o mundo, meu Deus!!.. Uma senhora para ser obsequiada hade... Fortes miserias!!

.....

O sr. visconde de Rilvas é porém um perfeito cavalheiro da cõrte; talvez que não pensasse uma palavra do que acabava de dizer, ou fosse antes o melindre do meu genio que tomasse em desaire o que só era um effeito da amizade.

Com tudo, não quero applicar estas palavras como uma justificação, de que de certo o sr. visconde não precisa.

N'estas memorias, os factos vão como succederam; as intenções... não quero entrar n'essa analyse tão difficil, e espinhosa; as intenções sabe-as Deus!

Sendo o sr. visconde de Rilvas um dos mais delicados cavalheiros, e sem duvida um dos mais amaveis, talvez que essa amabilidade um tanto inclinada aos usos do seculo de Luiz xv, me fizesse comprehender das suas maneiras aquillo que não passava de simples galanteio.

CAPITULO VII

A sr.^a D. Antonia P. — O sr. Tavares dignissimo prior de S. Izabel. — O sr. conde de Paraty. — Algumas palavras sobre o sr. duque de Saldanha. — Epoca dos trabalhos eleitoraes. — Deve sim ou não ter farda? — O sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello. — El-rei D. Pedro v. — O corretor Guimarães. — O sr. Silva, brozeado. — Difficuldades. — O sr. João Maria de Figueredo Frescata, e as duas lettras do sr. conde Lucotte. — Ultima palavra sobre Georgetta. — Ultima palavra sobre os poetas. — Reflexões.

Havia dois ou tres dias que o sr. Sant'Anna e eu estavamos indifferentes.

D. Antonia P*** que sabia quanto eu era susceptivel, e como soffria quando tinha algum desgosto, veio fazer-me companhia; mas as suas palavras e os seus esforços não poderam conseguir allivio algum aos meus pezares, por isso communiquei-lhe o desejo de confiar ao coração de um ministro de Deus o que se passava no meu.

D. Antonia P*** tinha grande amizade e relações com o sr. Tavares, dignissimo prior da freguezia de S. Izabel, e por isso apresentou-o em minha casa.

Passados tres ou quatro dias sabia o sr. Tavares tudo que eu soffria, e todos os tormentos que existiam no meu peito.

Em vista d'isso, não só me prometteu a sua amizade, como tambem a sua protecção, para me ajudar a sair dos crueis embaraços que me prendiam.

Effectivamente o sr. Tavares, e o sr. conde de Paraty, estando ambos sentados na minha sala, prometteram-me arranjar a minha transacção com o banco.

O sr. conde de Paraty, n'essa occasião fez-me, algumas arguições que facilmente se adivinharão; não respondi porque eram demais as minhas lagrimas.

Dias depois escrevi uma carta ao sr. prior; carta forte, mas necessaria. Necessaria para o sr. conde de Paraty comprehender que eu não era uma *Lucrecia Borgia*, nem uma *Magdalena arrependida*. Podia pois o sr. conde perder as idéas; da vangloria de ter feito uma conversão, pois que eu seria sempre o que eu sempre fui: Josephine Neuville, que n'este mundo nunca temeu senão uma coisa: offender a Deus.

O sr. conde de Paraty é porém um affavel cavalheiro, estimado de todos que o conhecem, e a gente pobre d'esta freguezia não lhe chama senão o seu anjo tutelar.

No tempo em que durou a colera e a febre amarella, fez se o sr. conde admiravel e querido. Nunca se dirigiam a elle que não o encontrassem prompto a valer, com a sua bolsa e os seus auxilios.

Fosse a que horas fosse, de dia ou de noite, que lhe mandassem dizer que um infeliz gemia no soffrimento carecendo de soccorros, chovesse ou fizesse um sol abraçador, lá ia até á cabeceira do leito dar consolações e prestar valimento.

Era nobre, era rico, mas os pobres achavam n'elle um irmão e um amigo desvelado

Pela sua admiravel philantropia, o sr. conde de Paraty dá uma sublime prova da caridade evangelica, e teria sido uma providencia se muitos fidalgos no seu caso tomassem os seus nobres exemplos.

O sr. Tavares é o pastor em quem o sr. conde descansa, para que se não dê um gemido na sua freguezia sem que elle o saiba, e dê remedio ao seu alcance a todos os males a que está sujeita a humanidade.

Tenho saudades d'aquelles quinze ou vinte dias que durou o meu conhecimento com o sr. prior Tavares; das historias que elle me contava, e dos casos passados na sua infancia.

Acabavamos de tomar o chá, e eu tinha sempre immenso prazer de o ouvir fallar; esquecia as minhas dô-

res, os meus soffrimentos! e vendo-me com um ministro de Deus, rodeada de tanto socego, longe das intrigas do mundo, lembrava-me do meu querido *Sacré-Coeur*, das conversas e conselhos do meu confessor.

—Vê? !... dizia-me o sr. Tavares apontando-me para o relógio de parede.

—Sim, vejo, respondia eu; mas também vejo que ainda faltam alguns minutos.

—Então ás dez horas é que me deixa ir embora?

—Até essa hora é meu prisioneiro, respondia eu rindo.

Quando o sr. prior me fallava no duque marechal de Saldanha, de quem elle era o parceiro favorito das damas e do gamão; quando fallava da ex.^{ma} sr.^a D. Eugenia de Saldanha, conhecia se perfeitamente quanto seu extremoso coração era dedicado a essa illustre familia.

Feliz duque de Saldanha, que sabe inspirar sentimentos tão nobres e tão verdadeiros.

O distincto *Villars* da nossa epoca n'este paiz; o velho guerreiro sempre junto do throno durante quatro reinados; o ministro sempre amigo do bem, e da liberdade da sua patria; o zeloso commandante em chefe do exercito, energico e providente em favor dos seus soldados, que o teem acompanhado ao campo da gloria; o mordomo-mór sempre desejoso de servir o rei e o paiz; goza, apezar dos inimigos que o procuram derrotar pelos fins da politica, a maior estima e consideração dos verdadeiros portuguezes.

O dia em que o nobre marechal desembainha a espada e levanta a sua voz chamando ao combate, paizanos, e tropa se juntam voluntariamente ao seu brado de guerra.

O maior dia de ventura que teve o heroico general foi em 1850 a sua entrada em Lisboa.

Nunca um rei portuguez teve uma recepção tão brilhante e tão espontanea. De vinte em vinte passos, no

caminho em que tinha de passar o vencedor, via se um arco triumphal.

As janellas armadas, os vivas rompiam de todos os lados, e corôas de ricas flores se atiravam sobre a fronte veneravel do veterano glorioso.

A' noite, o theatro em que comparecia estava cheio de espectadores; as vozes de viva o nobre marechal Saldanha eccoavam com estrondo.

A cidade illuminada, os theatros adornados, e os hymnos ao invicto eram cantados pelas companhias antes do espectáculo.

Não consta que chegasse a alcançar tão enthusias-ticas sympathias o mais valoroso heroe portuguez.

Em quanto aos elogios que o sr. prior fazia da ex.^{ma} sr.^a D. Engenia Saldanha, condessa de Tavarede, eu sabia que eram justamente merecidos, porque tinha conhecimento da perfeita educação, dos talentos, e outros dotes preciosos d'alma que adornam esta senhora. E' uma das senhoras aqui de Lisboa que eu mais estimo, tanto pela sua bondade, como pelos desgostos que tem soffrido.

Sinceros desejos tenho de a saber feliz.

O sr. prior dizia que me tinha amizade, que se interessava pela minha posição, e que para tranquillidade da minha vida trataria de fazer uma transacção com as minhas inscripções.

.....
 Havia tres dias que o sr. Sant'Anna me tinha escripto, e que eu lhe respondera.

Um dia talvez que á sexta carta já o criado não podesse andar, e então o sr. Sant'Anna veio pessoalmente. Acreditei ainda tudo que elle me disse, e fizemos as pazes.

Não o devia acreditar, me dirão; é verdade. Mas as illusões é que fazem a felicidade n'este mundo.

Eu ainda era crente, e acreditei no amor que elle me jurava, tão verdadeiro, e tão sincero!

Ai! das infelizes creaturas que já não podem nutrir illusões. E' um estado comparavel á morte, e esta é mil vezes preferivel a essa existencia narcotica.

Um dia deixou o sr. prior de vir a minha casa. Escrevi-lhe para saber se estava doente, e não recebi resposta.

Escrevi-lhe para me informar do meu negocio, não me respondeu.

Tornei a escrever para indagar o motivo d'aquelle silencio, nada me respondeu.

Escrevi a D. Antonia P^{***}, e no outro dia recebo a sua visita. Mostrou-me uma carta do sr. prior, que lhe era dirigida, dizendo que não podia responder-me, nem tratar dos meus negocios.

—Depois de tão grande promessa, porque é esta singular resolução? perguntei eu a D. Antonia.

—E' porque elle já sabe. respondeu ella, que fez as pazes com o Sant'Anna.

—Mas o que tem uma coisa com a outra? tornei a perguntar.

—E' bem claro, me respondeu ella; o Sant'Anna tem dado batidas, e batidas muito fortes no prior de Santa Izabel, e este não quer de maneira alguma achar-se em contacto com elle.

—Mas uma pessoa, disse eu, que quer fazer um obsequio, e diz que a sua religião e o dever mandam consolar os afflictos, não devia olhar para uma coisa tão mundana. Demais, se o sr. Tavares não cumprir a palavra que me deu, dá-me o direito de pensar que elle não queria fazer-me esse obsequio senão com a idéa de se vingar das accusações do jornalista, e eu, cara amiga, não quero ser o instrumento de vingança para ninguem, principalmente nas mãos de um ecclesiastico que deve banir esse grande peccado. Se o sr. prior deseja fazer o que me prometeu por bondade, muito que bem; toda a minha vida lhe ficarei agradecida; porém com o intento de uma separação entre mim e o sr.

Sant'Anna não teremos nada feito, porque desprezo esse jogo improprio d'um character respeitavel. Bem sabe, querida amiga, que as minhas relações com o sr. Santa Anna não são para toda a vida; isto deve acabar como principiou, mas o meu dever agora mais do que nunca é deixar correr o tempo.

—Tudo isto são exaltações, me respondeu D. Antonia; o prior está prompto a tudo, mas não com o Santa Anna cá; e bem vê que a M.^{me} é que precisa d'elle, e não elle da M.^{me}.

—Engana-se, respondi eu logo; eu dependo d'elle para um obsequio, e elle necessita de mim para uma vingança, e para isso, cara amiga, não me disponho a servir-o.

Então começou D. Antonia a querer recitar-me capitulos, capitulos, e capitulos de bellas phrases; mas viu que eu não mudava de resolução, ficou mal comigo, e foi-se embora até hoje.

Como não fui capaz de uma villania, deixaram-me soffrer sem dó dos meus desgostos e das minhas lagrimas.

Tudo isto se passava pelo capricho de uma creatura que deve pôr em pratica exemplos de religião !!!

Dirão talvez: é porque elle não queria que tivesse relações; mas não era assim, visto o que muitas vezes me disse:

«Uma senhora joven não pode passar o tempo sem amar, mas seja esse amor empregado n'uma pessoa que ajude e zele a sua casa.»

Por essa doutrina, o amor com dinheiro era perdoavel; mas um sentimento sincero e verdadeiro era um peccado sem remissão.

Oh! meu Deus! meu Deus! quem pode comprehender o mundo!! cada um com a sua idéa, cada um com a sua doutrina! o verdadeiro, é seguir a nossa consciencia, porque essa foi-nos concedida por Deus, e as leis são impostas pelos homens.

.

Os meus desgostos por causa do sr. Sant'Anna iam em augmento, e eu soffria! soffria por ver o egoismo de um homem que não pensava senão em si; e as minhas lagrimas eram motivo para elle me perguntar:

— Porque estás a chorar?

Eu que já conhecia o orgulho d'aquelle character tinha tomado o partido de nunca me queixar.

A's vezes, dizia elle:

— Tu choras porque julgas que eu gosto da .. Já te disse Josephina, o que tinha a dizer-te sobre essa amizade.

— Mas quem lhe falla n'isso?! respondia eu. Não sabe que uma mulher do meu character não pode nunca ter ciumes; ou quando chega esse resentimento é por alguma coisa que vale mais do que ella! Por todas as historias e anedotas que sei, seria não ter dignidade alguma, se fosse susceptivel do mais leve ciume. Não me abaixo a tanto. Se me vê chorar é porque estou mortificada de ver a minha casa no estado em que está, os desgostos que me causam os meus credores, e a pena de nunca poder conservar bons criados; aqui não ha socego, e por tanto nenhum pára. Quem trabalha precisa de descanso, e aqui com o seu systema nunca o ha.

Estes dialogos puxavam palavras de parte a parte, o que occasionava ás vezes grandes discussões.

.....

Os meus desgostos augmentavam cada dia, augmentavam muito mais do que antes de conhecer o sr. prior Tavares

Foi n'essa epoca que principiaram os trabalhos electoraes.

Nunca tinha dito ao sr. Sant'Anna qual era a minha religião politica.

Mulheres não devem ter religião politica, dirão certos homens que querem que a Providencia seja só prodiga com a intelligencia e concepção d'elles, destinan-

do-nos a servirmos de *monos de palha*, diante dos quaes satisfazem as suas vanglorias e basofias.

Nós pobres mulheres não somos aptas para coisa alguma; somos uns entes creados para a escravidão, alvo constante da irrisão e orgulho dos homens! um triste vegetal é consideravelmente mais importante e valioso, um insecto é sem duvida mais forte do que nós!

Se eu tivesse que estar um dia inteiro sentada com uma agulha na mão a coser, parece-me que quando chegasse à noite achar-me-hia morta, tendo-me estalado o sangue nas veias.

E estaria dias e dias sentada n'uma escrevaninha a escrever, porque ahi a minha penna e a minha razão dariam todas as explicações do que minha alma sentisse; ahi deixaria correr livremente todas as idéas, que me tivessem passado pela mente.

Deve-se comprehender ao menos, que nem todas as mulheres podem passar a sua vida diante do toucador e em cogitações, como essas da excentricidade de modas, e da princeira das operas, sem até conhecerem que quando vem a despontar o dia, é mais uma representação que o mundo lhe dá. N'essa representação immensa, todos que tem a força de valor e de perseverança devem saber que não se pode procurar melhor drama ou comedia como no theatro variado e diverso da politica.

Ahi as lutas são fortes e energicas; só n'essas lutas está satisfeita uma alma cheia d'animo e arrojo, por que combate no seu verdadeiro elemento.

Eu adorava o partido da regeneração porque era o mais forte e energico, e por isso o mais competente a tornar Portugal mais illustre e grandioso.

Estando ainda em Bruxellas, já me enthusiasmava por a politica fallando ao sr. conde d'Azinhaga, irmão do immortal vencedor de Torres Vedras.

Chego a Lisboa, triumpho a regeneração! D'algum modo concorro para o bom exito d'umas eleições, e con-

fesso: aquella anciedade que me inspirava, era porque desejava ver este paiz tornar-se grande com as grandes idéas, feliz com o progresso e movimento do commercio e da industria, que só podia fazer sair d'uma triste apathia esta terra em gerencia de homens de espiritos inertes e mesquinhos, somnolentos e sem idéas.

Essa anciedade satisfez a minha alma.

Hoje os desgostos mataram-me *quasi*; porém acho em mim bastante força para deixar sair ainda um grito do peito, que repetiria um ecco em todos os peitos portu- guezes.

Saldanha entregando a sua demissão, foi nobre e grande! Mas este homem não deve morrer senão no poder, porque só ahi elle poderá ouvir ainda os lou- vores d'um povo agradecido.

Principiaram as eleições e eu principiei a temer que o unico partido que eu via capaz de trabalhar pela gloria de Portugal, ficasse vencido pelas colligações dos que se juntaram para o abater.

E não é de justiça, não era agradavel ver trium- phar um partido que só deseja a prosperidade do Es- tado?!

Com que fervor eu pedia a Deus a felicidade de Portugal, d'esta minha tão cara adoptiva patria!!!

Um dia, depois de sentir abraçar-me n'estas con- siderações, ergui-me, e conheci em mim o ardor e a coragem de uma mulher que tinha no peito bastante resolução para affrontar tudo.

Este partido que levantava o estandarte da salvação de Portugal não podia ser outro senão o meu, e vél-o triumphar era toda a amplidão dos meus desejos.

Algumas horas depois de eu acabar de pensar n'es- sas eleições, entrou em minha casa D. Antonia P***

— Sei que tem bastantes conhecimentos, disse-lhe eu abraçando-a; sei que é toda affeiçãoada ao ministerio Saldanha; pois somos eguaes nas mesmas crenças, e por

isso devemos ligar-nos para o triumpho d'este ministerio.

—Que tem, disse ella olhando para mim, que tem a minha querida *patriota*? continuou ella rindo, d'onde lhe veiu hoje essa influencia, essa exaltação?

—De duas unicas circumstancias, respondi eu; uma d'ellas guardo-a, pois que é só meu segredo; a outra, eu lh'a digo: sabe que os partidos ligaram-se todos para derrotar os regeneradores; a gente d'essa guerra emprega meios baixos e vis, e que de nada mais se importa que do alcance de um miseravel fim! Os homens de bem conservam-se n'um campo claro e descoberto, talvez que sejam por isso vencidos... Eu quero hoje mesmo ter listas em meu poder; amanhã são as eleições, vou a casa de algumas pessoas que não querem votar de modo algum, *mas eu fallarei*, e quero ver se esses homens hão de ter menos enthusiasmo do que uma senhora; quero experimentar se elles vendo ao que me arrisco, hão de conservar-se em casa descansados deixando a patria em jogo e...

—Eu não respondo senão que se aprompte, que eu já volto.

Dizendo isto, D. Antonia P*** abraçou-me e saiu.

Quando voltou, já eu estava de chapeo na cabeça, tendo caído um grande veopelo rosto, e não fiz mais do que embrulhar-me n'um chale.

Mandei o criado buscar uma traquitana, e apenas chegou mettemo-nos logo n'ella, dizendo ao boleeiro o nome de uma rua, e o numero de uma porta, depois partimos ao galope dos dois phtysicos cavallos.

Fomos a tres casas, e não encontrando as pessoas que procurava, fiquei meia desgostosa.

Os ethycos cavallos tornaram a galopar, até que finalmente encontrámos um *cidadão eleitor* que se admirou de me ver em sua casa, sobre tudo áquellas horas, e a quem eu disse para cortar o seu espanto, apresentando D. Antonia P***

—Eis aqui minha mãe adoptiva.

Não procurei voltas, nem meios caminhos, fui logo continuando:

—São amanhã as eleições; sei qual é o seu partido, sei que tem força o seu voto, porque decide de uns poucos, venho pois saber se vota ou não vota.

—Fiz protesto de não entrar n'estas eleições; mas não sabia, proseguiu elle, que v. ex.^a é tão regeneradora, e tao serviçal pela politica. N'esta terra não se comprehende essas paixões femininas, e só a França foi capaz de sustentar uma M.^{me} de Chevreuse! Sinto bastante não lhe poder mostrar o meu desejo de a servir; mas aqui estão estas cartas, continuou elle revolvendo uma immensidade de papeis que estavam sobre a banca, são todas cartas de amigos que me pedem que vote, e a todos recusei, porque n'estas eleições não appareço.

Insistir era ser importuna; devia satisfazer-me a resposta cheia de confiança e de franqueza que me dava aquelle cavalheiro, a quem disse levantando-me para sair:

—Pois bem; d'esta vez perdão lhe ficar assim n'essa indiferença; mas dou-lhe esse perdão, esperando que me dará a sua palavra no caso de votar, de ser pela regeneração.

—Dou-lhe a minha palavra de honra, affirmou elle; e como poderei eu recusar esse pedido, quando M.^{me} Josephina m'o pede, e quando a regeneração tem a felicidade de possuir tão bons emissarios?!

Fomos a casa de mais cinco pessoas, que tive a felicidade de as decidir a votar, e para ter a certeza que as minhas listas fossem deitadas na urna, fiz-lhe um signal. e reconheceram-se.

Quando voltava para casa, ao chegar ao largo do Rato, reconheci á claridade do gaz de uma loja, uma pessoa que devia votar.

Fiz parar a traquitana, e pedi mais aquelle voto. A lista foi acceita, e obtive mais um!

Era isto tudo o que eu, pobre e simples creatura, podia fazer pelo partido, que abraçara. Se eu fosse de outro sexo, teria sacrificado espontaneamente o meu sangue, e a minha vida.

Nunca tinha dito ao sr. Sant'Anna qual era a minha opinião politica, porque sabendo qual era a d'elle, pelo meu silencio evitava as contradicções, para o que sempre trabalhei.

Confessando, ou elle se teria zangado, ou me chamaria creança, que era o seu argumento forte, quando não queria discutir comigo; ou então, no ultimo caso, ter-me-hia dito: — És uma tola, porque uma mulher querer possuir opinião politica, é ser tola!

N'este caso não me teria calado, e far-lhe-hia recordar aquelle soberbo dito de M.^{me} de Stael a Napoleão no banho « O genio não tem sexo ». Não buscaria isto por mim, mas só para mostrar quanto M.^{me} de Stael tinha razão em o dizer.

Deus quando creou o mundo não disse ao homem: Vae, e só a ti será permittido conhecer o bem e o mal do teu paiz, em quando que a mulher será destinada a fiar eternamente ao canto de uma casa!

Mas Deus não fez isto: deu a egualdade de entendimento a ambos as sexos, e pelo começo do mundo se vê que Eva foi mais perspicaz do que Adão.

Depois d'esse logro do pomo, é que os homens quizeram decretar a sua superioridade, lançando no olvido o erro do seu primeiro pae.

É verdade que ha tanto n'um sexo como n'outro intelligencias tão annuviadas, que ás vezes só servem para o trabalho material. Mas quem pode negar que uma mulher, quando tem alguma intelligencia, é quasi sempre muito mais energica, muito mais clara, muito mais fina que a do homem?!

Se o sr. Sant'Anna fosse um homem que me ti-

vesse amado verdadeiramente, não teria passado para o seu lado politico por que isso era eu ser *um renegado*; mas collocar-me-hia n'um ponto neutral, ter-lhe hia feito com isso um grande sacrificio; mas não teria alimentado aquella especie de traição, visto a maneira por que nós viviamos.

A conservação d'esta crença era contra as suas idéas, mas reflectia-se n'ella a minha consciencia.

Abandonada a mim mesma, aquella exaltação fez-me encarar só a felicidade d'esta terra.

Debaixo da gerencia do ministerio Saldanha, vi deslizar suavemente o bem, e a gloria da patria do meu coração.

Um ministerio grandioso e elevado, um ministerio que quizesse levantar Portugal, tanto tempo curvado e abatido pela mão dos Cabraes, á altura de uma das primeiras nações, teria que fazer sacrificios e sacrificios grandes, porque se não faz um palacio sem primeiro contruir os alicerces. Embora! que valem os sacrificios d'alguns annos, se Portugal acordasse depois do seu somno lethargico com a fama de um dos primeiros paizes; que elle, mais do que nenhum outro, tem direito e vantagem para alcançal-a, tanto pela sua magnifica situação no oceano, como pelo seu terreno fertil, e admiravel docilidade do seu povo?!

Oh! Portugal! tu podias reinar e és subjugado! Podias dar ordens, e és tu que as recebes! Podias ser um estado independente e brioso. e tens que te curvar!!! Virá o tempo da tua gloria preterita, porque és digno de possuir monarchas de tamanho expediente como aquelle que D. Diniz, e D. Manuel tão distinctamente empregaram a beneficio da cultura d'esta formosa nação.

Mas ninguem que vive n'este seculo pode applaudir os que te amaram como eu, que heide lá na Eternidade agradecer a Deus o ter feito a terra do meu coração um dos mais bellos paizes do mundo.

Não sou portugueza, mas se soubesses, patria querida, quanto te quero, e os sacrificios que seria capaz de fazer por ti, oh! então havias de considerar-me tua verdadeira filha!

.

— Sai deputado! disse um dia o sr. Sant'Anna, cheio de jubilo e de contentamento.

— Dou-lhe os meus sinceros parabens; lhe respondi.

Cinco ou seis dias depois, ainda não fallava n'outra coisa.

— Vou mandar fazer uma farda; que te parece?

— Se quer que lhe diga a verdade, respondi francamente uma farda é uma especie de libré; e eu acho que um deputado para discutir os interesses, e o bem estar do seu paiz, não precisa d'essa mascarada, mas sim precisa de conservar sentimentos elevados, e ter só um ponto de vista — a felicidade do seu paiz.

No dia seguinte ao d'essa conversação, estava eu bastante incommodada, o que não impediu que o moderno deputado fallasse nas côrtes, e nos seus futuros collegas, de combater este e aquelle; emfim, estava tão influido que pondo-se em frente do espelho de um grande toucador, ensaiou attitudes parlamentares.

N'esta situação parece que ia ouvir as tremendas palavras: — Senhor Presidente! e dispuz-me logo a pegar na campainha para chamar á ordem.

Apezar do meu estado, soltei uma tremenda gargalhada.

O sr. Sant'Anna voltou-se, e perguntou-me:

— Que tens tu?

— Nada . . . vê que estou a rir!

— Ah! estás zombando comigo. . . disse elle, já com a voz ao *nord-ouest*.

— Estou a rir sr. Sant'Anna, não me será permittido? perguntei eu rindo cada vez mais.

—Tu és uma creança, murmurou elle sorrindo-se; não percebes que estou a brincar?

—Continue, disse eu; sr. presidente...

—Vá ao diabo! gritou elle já com o dentes meio cerrados.

—Basta, não te zangues, disse eu estendendo lhe a mão; movimento que tinha o poder de fazer parar a tempestade.

Apezar do seu genio e do seu character, quem souber conhecer o sr. Sant'Anna, e *tiver paciencia*, acha-o docil; conhecendo eu isto, heide supportal-o, até me faltar a prudencia, e um bello dia partindo-se o laço, acabar-se-hia tudo para sempre, porque tornando-se a *atar* ficará o defeito do nó; e um nó é o symbolo do primeiro peccado.

Realmente a ambição de ser deputado faz virar a cabeça a muita gente.

Quantas pessoas haverá que possuam um excellente fundo d'alma, mas que desde o momento de se precipitarem na politica ficam transfiguradas, porque n'esse campo o character soffre ás vezes o transtorno de ficar as avessas, sem o publico jámais poder atinar com o seu verdadeiro lado.

Quasi todos os homens politicos ou diplomaticos são mais ou menos *jesuitas*.

Ha certamente algumas excepções, mas essas são rarissimas; tão raras que mais se devem honrar esses poucos que apparecem, como characteres privilegiados por Deus, para sairem sem mancha do arido e espinhoso caminho da politica.

Quantas pessoas viram no projecto do ministro Fontes, d'esse ministro d um expediente desinvolto a toda a prova; um dos talentos mais brilhantes do parlamento, que possui sobre tudo uma alma tão nobre, aonde existem as mais bellas qualidades; nos projectos, pois, de esse grande ministro, certas pessoas viram a brecha pela qual dariam entrada em busca d'uma posição, não so-

cial (como era a ambição de Jérôme Paturot,) mas sim de uma posição lucrativa.

O sr. Fontes, esse ministro que reúne as idéas grandiosas e efficazes, ao bem e a vantagem da sua patria, tem sabido sempre conservar o seu caracter honrado e brioso. Ao receber as injurias de seus inimigos que buscavam derrotal-o empregando o sophisma, a mentira a vilieza, e muitas vezes a infamia, apresenta-se sereno e tranquillo em face do parlamento, e ahi com a fronte erguida, cheio de orgulho e altivez, porque tem a consciencia pura) esmaga com a eloquencia da sua palavra, e os documentos na mão, todos os seus contrarios. Ninguem que seja verdadeiramente bom portuguez, pode negar a este illustre ministro o merecimento dos seus actos de administração publica.

Mas o que serve um carácter d'estes, um caracter capaz de fazer ensoberbecer outra nação que o possuisse; o que serve um caracter, digno de ir a par com os de Richelieu, de Mazarin, e do grande Colbert, que até á sua morte sustentou a honra da França sem mancha; não caindo ella na sua decadencia que tanto deslustrou o fim do reinado de Luiz XIV, senão depois da morte d'esse ministro Colbert, d'esse grande homem.

Aqui no meu querido Portugal, n'esta pobre terra, não se comprehendem ainda caracteres de tão grande elevação; porque Portugal, esse infeliz Portugal, retalhado, cortado, rasgado por tantos partidos diversos, por tão differentes e desorganisadas lutas, não pode *ainda* senão soffrer e esperar...

O ministro Fontes seria capaz das obras mais grandiosas n'uma terra que o soubesse apreciar.

Esse grande genio politico, no ambito das suas idéas se podesse dispôr sósinho, depois do rei, do poder governativo, aos vôos sublimes da sua imaginação, mais d'uma vez salvaria o paiz.

E' elle o ministro que encetou corajoso a difficil tarefa de em pouco tempo enriquecer o paiz com tele-

graphos electricos, e caminhos de ferro, esses caminhos tão uteis para o commercio. A este ministro, se deve o ter despertado o lethargo da immobildade em que jazia o velho Portugal.

Os projectos todos grandiosos d'esse illustre ministro, nas obras todas de aproveitamento e civilisação, eram já um immenso passo para o renascimento d'uma epoca esplendida, de gloria e ventura para este bello paiz, levantado ha um seculo das ruinas pelo braço potente do marquez de Pombal.

Para fazer cair o ministerio, para derrotar o ministro Fontes (que tanta inveja causava), era necessario empregar meios, illudir o povo, mostrar razões para se acreditar uma escravidão, e a bocca do inferno vomitando columnas de fogo que incendiariam a liberdade dos portuguezes.

Pobre e credulo povo! não sei o que te faz recuar no momento de avançaes com firmeza o passo que deve engrandecer-te!

Um justo orgulho offendido fez tomar a nobre resolução ao ministerio, de ir levar o poder ás mãos do sr. D. Pedro v.

El-Rei ainda como creança, e ápenas assentado no throno, acceitou. Acceitando essa demissão, é, pode dizer-se, um acto de quasi absolutismo.

Quererá porventura o neto de D. Pedro iv, que jurou solemnemente manter a constituição no seu reinado, essa constituição que importou tanto sangue e trabalho aos fieis servidores que ainda hoje rodeiam os degraus de seu throno erguido pela liberdade; quererá D. Pedro v, joven rei de tanta illustração, de tantas esperanças para o povo portuguez, e de tanta curiosidade para a Europa, que observa os seus movimentos com olhares d'aguia, quererá elle porventura despedaçar a carta, e tornar-se em Portugal um pequeno Napoleão?

Deixemos ao tempo o que só o tempo nos pode mostrar.

Sem intenção me fui encaminhando no labyrintho da politica, eu que jurei quando comecei a escrever estas minhas memorias, que não fallaria n'essas polemicas!

Todo o peccado, pelo qual se tem uma sincera contricção, tem direito a misericordia; é esse o motivo que me faz pedir perdão d'este escorregar de penna.

Já que fallei d'El-Rei D. Pedro v, direi o que penso d'elle.

Portugal teve sempre reis valentes, monarchas cheios de intelligencia, principes gloriosos; mas nunca teve um chefe com tanta illustração como o joven D. Pedro, o digno herdeiro da corôa da virtuosa rainha D. Maria II.

Na crise epidemica que está reinando, no fim d'esto triste anno de mil oitocentos e cincoenta e sete, este principe deu o exemplo da maior coragem, deixando-se ficar na cidade, em quanto todos fogem d'ella, e ministrando pelas suas proprias mãos a caridade aos indigentes, o conforto aos enfermos, e o amparo aos desvalidos.

O Rei D. Sebastião não foi mais corajoso em crise identica, do que o nosso magnanimo rei D. Pedro v.

Como é possivel citando aqui o nome do sr. D. Pedro v, guardar silencio sobre suas augustas irmãs?

Alguem pode porventura, olhando para a sr.^a D. Maria Anna, e para a sr.^a D. Antonia, ficar insensivel a tantos encantos e attractivos, deixar de admirar a brilhante educação que a sua augusta mãe quiz com todo o esmero dar aos filhos que deixou á patria?

Bragança-Gotta é do mundo inteiro a familia real, que inspira mais admiração.

N'esse ramo se acha reunida a grandeza com a nobreza, a delicadeza e bom nome á educação e á lealdade.

Sobretudo o que será mais grato aos olhos de

Deus é os sublimes dotes d'alma, e os instinctos generosos do coração.

.

Seguimos a narração da minha vida.

Fiada na palavra que me havia dado o sr. Jacinto Tavares, dignissimo prior de S. Izabel, dei a minha a alguns crêdores, que vendo falhar as bellas promessas que me tinham feito, indispozeram-se comigo.

Certamente pela protecção, que eu contava do sr. prior Tavares, e do sr. conde de Paraty, podia, se ella se realisasse, julgar-me feliz; mas faltando o cumprimento d'ella, achava-me n'uma terrivel posição para com os meus crêdores.

Quem era o culpado ?

Não quero voluntariamente accusar ninguém. Deus conhece-o, e é quanto basta.

Como já disse, eu consagrava ao sr. prior Tavares uma sincera affeição, affeição que tanto me fazia recordar o meu querido *Sacré-Coeur*.

É innegavel que o sr. Tavares é uma pessoa digna de todo o respeito, e merecia bem a consideração e a estima de todos os seus parochianos. Além de ser bastante caritativo, reúne a uma bondade extrema, os mais bellos sentimentos que o fazem tão querido e apreciado.

Fu queixei-me d'elle, pela desforra que elle pretendia tomar do *homem politico*; mas creio firmemente tambem, que entrava nas idéas do sr. Tavares o descanço que era tão preciso á minha existencia atormentada.

Se realmente posso considerar a decisão do sr. Tavares tendo esse fim, não devo de modo algum escurecer essa prova d'amizade.

Querendo evitar que os meus crêdores (pela falta que havia) julgassem má fé da minha parte, escrevi

uma carta ao corretor Guimarães, para vir fazer uma avaliação dos meus trastes, e com esse sacrificio eu podia mostrar que a falsidade não vinha de mim.

Pela minha casa, que feitas e sommadas as contas de toda a mobilia me importara em muito, offereceu-me o sr. Guimarães um conto de réis !

Para isto não ha commentario possivel.

O sr. Guimarães, por este caso, deu-me a comprehender que era dos taes costumados a ver uma pessoa com o laço na garganta, esperando saltar-lhe nos hombros para tornar mais rapido o momento fatal.

Sendo a venda da minha casa um sacrificio inutil em consequencia da diminuta quantia que me offereciam, fallei a varias pessoas para levar a effeito uma transacção com as inscrições, de que eu era só usufructuaria.

Tive que ir (visto elle se achar alguma coisa incommodado) a casa do sr. Silva, *digno natural do Brazil*.

Apezar da sua côr *bronzçada e torrada* pelo sol ardente d'aquelle imperio, o sr. Silva possui bellas maneiras, e trata franca e cavalheiramente os seus negocios.

Infelizmente não combinámos, porque o meu negocio era para annos, e o sr. Silva prefere os negocios breves.

Poucos agiotas haverá que não viessem a minha casa.

Uns pediam-me cincoenta, outros cem por cento ; e todos n'esse bom gosto.

Para me salvar do momento, não queria ficar o resto da minha vida presa ; agradecia e recusava.

Elles, vendo que fallavam com quem não era leigo na materia, não fizeram mais diligencias.

Aqui fico eu, pois, a escrever hoje *ça* uma pessoa, amanhã a outra. Bastava que me dissessem — fulano faz negocios, para eu pegar na penna e dirigir me logo ao sr. fulano.

Tambem me diziam que havia quem fizesse transacções, mas que não queria que se soubesse. Então escrevia a essas pessoas, pedindo-lhes o obséquio de virem a minha casa.

Porém, se essas cartas iam parar ás mãos de parentes receiosos, ou de mulheres ciumentas, que faziam a idéa que uma senhora que dirige uma carta, é só por namoro, sem se recordarem que uma pessoa que está á testa de uma casa, tem a esse respeito certos privilegios; esses receiosos, e essas ciumentas, não as entregavam, e levavam o estúpido despeito ao maior grau possível.

Eu podia, é verdade, ter um procurador, mas fui bastante escaldada d'essa gente, para voluntariamente ir de novo envolver-me em tão densa teia.

Descrever as respostas que eu recebi, seria um conto a não acabar, por isso basta dizer que tive propostas de cem por cem, e... e... e... até que um exigia um seguro de vida.

Chegou o mês de outubro, e como era de costume n'essa epoca, levei minhas filhas á feira do Campo Grande, aonde encontramos o sr. João Maria de Figueiredo, a quem alli mesmo propuz a transacção que desejava realisar.

Teria sido uma felicidade para mim, que o sr. João Maria pudesse entrar n'esse negocio.

Conhecendo o sr. João Maria desde a idade de sete annos, conservei-lhe sempre uma amizade sincera e verdadeira.

Prouvera a Deus que eu tivesse seguido os conselhos, que n'esse mez de outubro o sr. João Maria me deu.

Que de lagrimas eu teria evitado! e hoje... não estaria minha casa quasi naufragada.

.

—Teria muito gosto em entrar n'essa transacção, disse-me o sr. João Maria, mas tenho tido agora muitas perdas; no entanto eu possuo duas lettras do conde de Lucotte, e como sei que é pessoa que tem jantado em sua casa, apresentado pelo sr. Sant'Anna, affianço-lhe que se elle me pagar essas lettras o seu negocio está feito.

Dias depois, veio o sr. João Maria de Figueredo a minha casa, entregou-me as duas lettras do conde, e offereceu-me uma chave para um camarote em S. Carlos.

—Ha dois annos que não tem tido um unico divertimento, começou elle; realmente uma vida assim não é viver, e vejo-a com os olhos chorosos... aposto, continuou rindo-se, que ainda teve que mandar empenhar alguma coisa?

Ouvindo isto, as lagrimas caíram-me pelas faces, e só pude pronunciar:

—Então que heide eu fazer? ! só esperar que v. ex.^a conclua a transacção que eu desejo.

—Soffre, disse-me o sr. João Maria, mas é por sua culpa, visto que muitos desgostos tem corrido pelas suas mãos.

—Oh! não diga isso, exclamei eu, tudo tem sido o destino e a fatalidade!

—Eu não lhe digo mal de ninguem, replicou elle; o nosso antigo conhecimento, e affeição sincera que lhe tenho, autorisa-me a dizer-lhe tudo. Vejo-a em difficeis embarços, peço-lhe que acceite isto.

E entregou-me um embrulho; não desdobrei porque logo conheci que era dinheiro, mas disse-lhe com voz commovida:

—Tenho muito gosto em acceitar, porém como um emprestimo, pelo qual vou passar-lhe uma lettra, ou uma obrigação.

—Que é! que é! exclamou elle franzindo a testa e rindo-se ao mesmo tempo; se fosse no tempo em que tinha cabello louro e encaracolado, (allusão que elle fa-

zia, antes do tempo de minha tia me levar para o convento do *Sacré-Coeur*), dava-lhe duas palmatoadas.

—Então, dê-m'as; repliquei eu sorrindo e estendendo-lhe as mãos.

—Não, mas dou beijinhos n'estes dois amores, disse elle abraçando as minhas duas filhas, a quem presentear com dez libras a cada uma, dizendo que eram para bonecas e bolos.

Fiquei pasmada de tanta generosidade. Mas tudo quanto fosse de alma grande, não era de admirar no sr. João Maria. Demais, sabia quanto elle gostava de creanças e como elle gostava de sempre as presentear; recordei-me com saudades que na minha infancia o ultimo presente que eu tive do sr. João Maria foi uma linda, e *muito grande* boneca de cera, que tanto me satisfez, que muito contente fui pô-la a fazer companhia á minha querida Georgetta, que o conde de Lumières me tinha offerecido.

De todas as pessoas que n'esse tempo feliz me acariciavam, o sr. João Maria está na primeira ordem.

Lembranças da infancia nunca se esquecem, e por isso sempre estimei o sr. João Maria com uma verdadeira e sincera amizade.

No momento de acceitar aquelle cartuxo com que o sr. João Maria me presenteava com tanta generosidade, senti o maldito orgulho lutar no meu coração, com as tristes difficuldades em que eu me achava, porém pensei:

Nas almas grandes, não é quem recebe e fica obrigado que tem a humiliação, mas sim quem offerece e dá.

Foi mais um obsequio que eu ficava devendo ao sr. João Maria.

Fallei ao conde Lucotte, a respeito das lettras, mas elle logo me disse *que as não pagava*.

Caindo essa esperanza, tratei de fazer a transacção com outra pessoa, e eis-me a escrever novamente ás pessoas, que me diziam praticar na agiotagem.

.

São hoje 7 de janeiro de 1857. Estou triste! Ha dias estava escrevendo n'este livro de vida quando o sr. Sant'Anna me perguntou:

—O que são esses cadernos?

—São os factos da minha vida, que menciono sem com-tudo os analysar, respondi eu.

—Que creancice, exclamou elle; pois tu queres es-crever as tuas memorias, sem teres escripto uma obra sequer?!

—Sim, lhe repliquei; não pertendo ter o talento de M.^{me} de Staël, ou o desinvolvimento de M.^{mo} George Sand, porque não é meu intento apresentar um pri-mor d'arte; quero só traçar uma exposição exacta, para minhas filhas poderem dizer um dia: Pobre mãe! quan-tos desgostos soffreu!

—Tudo isso é muito sentimental, redarguiu elle; mas é uma tolice, porque uma senhora tem muito em que se occupe sem escrever.

—Pois é de parecer que uma senhora não deve es-crever? perguntei eu. E' de voto talvez, que uma crea-tura do meu sexo, só deve empregar-se a dar pontos em piugas, a coser pannos, e a remendar camisas?!...

—Pois que' respondeu elle; uma boa dona de casa, é só no que deve pensar.

—Sim, disse eu; e os homens deviam ir todos cavar na terra, porque é verdadeiramente só o que rende. A seu ver pois, continuei eu, uma senhora nem deve saber de *côr* o *b*, *a*, *ba*, entendendo apenas de quan-tas teias são precisas para uma peça de linho: bem vê que é um disparate.

E levantando-me, guardei os cadernos. e fui sen-tar-me ao piano.

Este anno de 1857 principia bem triste para mim. D'aqui a pouco tempo vae fazer dois annos que conheço o sr Sant'Anna; se me perguntarem o que meu cora-ção sente, juro que o não poderia explicar. Seria ne-cessario uma longa analyse, e não tenho forças, nem

coragem, nem vontade de a fazer. Deixo ir tudo á mercê do destino.

Todas as mulheres, que teem alma, teem um ideal, e raras vezes o ente para quem ellas se inclinam lhes corresponde. Isto explica o meu estado Dirão: elle é poeta!

Quando eu estava no Rio de Janeiro, e que lia romances ás escondidas do meu pae, passava noites inteiras nas doces illusões que esses livros me inspiravam.

Lendo algum poeta que abria um ceo ao meu coração, aquelles versos faziam-me chorar de amor e de esperança, e exclamava com a innocencia d'aquella idade: Oh! se eu fosse amada tão extremosamente, não me importava morrer depois, porque morria feliz!!!

Mas apenas conheci o mundo, e pude apreciar cada coisa conforme o bom senso que Deus me deu, tenho pensado: *Un poete! délicieux mais à lire seulement.*

Sabem elles o que é amor? um trabalhador de phrases occupado a ajustar e a medir palavras é muito aborrecido.

Um poeta para o coração é a verdadeira poesia, como a semente é a flor!

A infelicidade faz-me ser um pouco philosophica, por isso escrevo talvez, não como uma pessoa da minha idade, mas sim como um ente que tem soffrido muito e que, descrente de illusões, vê as coisas d'este mundo com gelida indifferença, e por tanto julga-as conforme são, e pode dizer com consciencia: Os homens assimilham-se ás decorações do theatro, que devem ser vistas ao longe para fazerem effeito.

Poeta como o sr. Bulhão Pato admira-se; mas um bardo impetuoso como a furia das ondas sopradas por horrivel tempestade, em lugar de elevar a alma ao ceo, comprime-a, fazendo-a arquejar de susto. como o peito de uma creança que viu apparecer-lhe um lobo.

Dirão: o teu coração está morto.

Oh! não, sinto n'elle tudo aquillo que experimentava antes de soffrer. O mesmo fogo da paixão o abraza, encerra a força de outr'ora para dar sua vida pelo ente que o comprehendesse; mas esse ente aonde está?! Devo eu ter esperança de encontrar uma creatura, que dando valor ás minhas dôres, saiba tambem avaliar o que Deus disse ao homem:

«Para viver, tu te curvarás para a terra, e para pensar, tu te elevarás até a mim!»

Uma creatura [de sentimentos tem tanta precisão da vida da alma como da vida do corpo.

Para uma senhora conservar sempre amor a um homem, deve elle ter com ella doces atenções, sacrificar um pouco a sua vaidade, o seu orgulho. Deve saber distrahir um pouco a senhora que o ama, porque se elle só se pertende divertir, deixando-a nas lagrimas das suas meditações, oh! então, cuidado, porque vem pouco a pouco a reflexão, succedem-se tambem gradualmente as comparações, descobre-se o negro e feio egoismo, e essa senhora admira-se um dia de achar no seu coração, em lugar de amor, a triste indiferença!

Uma creatura que tem alma nunca é egoista! o homem que pela sua delicadeza lhe adquire a gratidão, pode contar sempre com o seu amor.

Se o homem orgulhoso e egoista quer subjugar uma senhora, se a quer dominar como uma escrava, se quer sacrificar-a, oh! então essa mulher deve ter força bastante para tomar o opio, que n'um instante faça morrer todo o seu amor.

.

Em outubro de 1856, soffria e chorava muito como já disse. O sr. prior Tavares, pelas suas doces palavras, fez que o meu coração ainda nutrisse a esperança da felicidade na vida. Era d'este modo que elle me dizia: «Tão nova, porque perde todas as esperanças? encontrará

uma pessoa que, compreendendo-a, saberá apreciar tantos thesouros de alma; não ter essa fé é descrever da bondade de Deus.»

.....
 Se o sr. Sant'Anna tivesse sido outro homem, poderia ter me feito feliz; mas costumado á politica, aonde muita gente por esperteza mostra o caracter ás avessas, fez com que eu desconhecesse o seu.

Hoje não sei se sou feliz ou se padeço, vivo *narcotisada*.

Este estado não pode durar... Talvez eu venha a gostar de alguém, e se eu achar n'esse o meu ideal, quero dizer, um homem de verdadeiro brio, de verdadeira honra e sentimentos, e de alma, oh! então serei ainda feliz!

Das relações que em breve vão quebrar-se entre mim e o sr. Sant'Anna, não pôde ficar existindo essa amizade que é um amor sem azas; mas ficará sim uma fria, mas sincera amizade.

O fogo e a agua não podem fazer liga: um é a morte do outro. Uma creatura dedicada, e outra toda egoismo, podem comprehender-se?

Não.

Pois dois annos de sacrificios, dois annos de soffrimentos e lagrimas; basta.

Sim, hoje não sei se padeço, vivo *narcotisada*, e faço mil votos a Deus para que nunca me acorde d'este lethargo.

CAPITULO VIII.

O sr. Alexandre Callaya.—Reflexão.—A sr. duqueza da Terceira.—Maréchal duque da Terceira.—Ainda pequena reflexão.—O casamento é ou não é bom.—Drama de Victor Hugo.—Ainda sobre o casamento.—Sou como S. Thomé.—Forte resolução.—É preciso uma barreira.—Soffrimento.—Sou madrinha.—Exm.^o sr. ministro do Brazil.—Estou doente.—Tristeza.—Terei ou não força de tomar uma resolução?

Hontem estiveram cá todo o dia o sr. Alexandre Callaya, e Maria da Gloria.

Elles veem algumas vezes acompanhar a pobre exilada que vive como ermita. Tendo elles sido apresentados em minha casa por minha tia, ficaram sempre visitando-me.

O mundo murmura muito da Maria da Gloria, porque tinha tido um principio pouco regular.

A nossa sociedade admira-se de ver uma falta n'uma pobre creatura, quando ha tantas senhoras da cõrte que as commettem por viciosa leviandade

Quantas vezes do alto d'essa grandeza orgulhosa, solta a fidalga cheia de vaidade a gargalhada de escarneo, porque vê passar em frente do seu sumptuoso palacio a pobre rapariga caminhando debaixo d'agua, para ir sentar-se em casa da modista, durante o dia, tendo apenas um bocado de pão para seu alimento, ganhando com esse sacrificio cem réis diarios, para no sabbado levar o dinheiro do seu trabalho a sua mãe enferma!

Oh! essas creaturas é que são sublimes, em quanto que a senhora do *grande mundo* só merece a maior parte das vezes um profundo desprezo.

Existem certamente no amago da alta sociedade e fidalguia, algumas excepções ao que avancei. Mas essas

excepções são tão raras, que me contento por exemplo em nomear um nome, um nome illustre que deve julgar-se em tudo superior á mesma excepção se é possível, como a estrella scintillante, que fulgura no lindo azul escuro da noite, á estrella pallida da incerta luz, que se vê no horisonte desvanecido da madrugada.

Esse nome, essa estrella resplendida e candida, é a sr.^a duqueza da Terceira!

Ninguem haverá que lendo esta pagina, e chegando a este nome não exclame: É verdade!

E é assim, porque a sr.^a duqueza da Terceira é o typo e modelo exacto da verdadeira fidalga!

Nobre de sua familia, e cunhada de S. A. R. a sr.^a infanta D. Anna de Jesus Maria, é tão nobre no seu porte, como nas suas acções. Tudo n'aquelle magnanimo coração respira virtude e nobreza!

Sem se assimilhar a essas fidalgas extravagantes que mandam hoje empenhar uma pulseira de 500\$000 réis por vinte libras, para amanhã despendarem essa mesma quantia em loucas distracções; ou que soccorrem nas subscripções publicas para verem o seu nome e a sua generosidade importuna estampada nas columnas de um jornal, mas que se um pobre lhe estender a mão descarnada e tremula de frio e de fome, nunca lhe deitam uma esmola para o desgraçado comprar um pouco de pão! Vêem lagrimas e ficam insensíveis, porque essas não satisfazem um orgulho torpe, uma vaidade indigna e miseravel!

Sem se assimilhar a essas, a nobre e virtuosa duqueza da Terceira será capaz de sacrificar-se para valer ao desgraçado opprimido que soffre entre as paredes do seu desditoso albergue, unica testemunha das suas lagrimas e das suas dôres!

Ella adivinha onde reside a infelicidade; onde persegue o infortunio, vae apparece, como um anjo, e sorrindo estende aquella dextra bemfazeja, e salva o miserando, sem desejar sequer ouvir a voz do agradeci-

mento, que se desfaz em torrentes de pranto, e de preces elevadas ao ceo.

Eis a verdadeira virtude do coração, e a perfeita belleza d'alma.

Dando a esmola e recommendando o silencio!

Eis um santo exemplo da caridade evangelica; esta e é feita com os olhos em Deus; por isso Deus abençoa a sr.^a duqueza da Terceira, e o mundo a pode apresentar como a senhora que encerra em si as mais apuradas virtudes d'uma alma, que tão bem comprehende e executa a lei do christianismo.

Esta é a digna esposa do distincto marechal duque da Terceira, d'esse heroe sempre fiel e dedicado ao throno, ao seu partido, e à sua honra

Desde a minha infancia, que para a sr.^a duqueza da Terceira uma sympathia exaltada se tem convertido n'uma especie de adoração profunda, e o que talvez concorreu muito para este sentimento de respeitosa amizade, é uma lembrança.

Tempos antes de minha tia me conduzir para o *Sacré-Coeur*, recordo-me de ver a sr.^a duqueza, que ia para um baile, preparada elegantemente com um lindo vestido côr de canna, coberto de ricas e finas rendas brancas; não tenho de idéa os mais enfeites que o guarneciam, nem mesmo as flores que levava na cabeça; mas o que aviva ainda a minha memoria, como se tivesse agora diante dos olhos o aspecto sublime d'aquella engraçada figura, gentil e flexivel, é o seu divino e gracioso sorriso, acompanhado d'aquelle olhar sagaz e imperativo, não perdendo com tudo o seu ar jovial, que ao mesmo tempo se faz tão repetoso. Altiua sem ser orgulhosa, meiga e affavel, sem deixar desvanecer a nobreza do seu porte magestoso, ha um contraste singular em todos os seus gestos, e maneiras, que attrahem e encantam.

A impressão que a sr.^a duqueza me causou fez com

que a sua imagem ficasse tão vivamente gravada em minha alma, que parece que ainda a estou admirar!

Será, além das eminentes qualidades desta senhora essa recordação que me fez sempre dedicar-lhe um culto, como a um d'esses mais perfeitos ideaes da mulher?!!!

.

Nas pobres creaturas de que fallei reina a virtude; em muitas fidalgas e senhoras da côrte, ha a riqueza, e a grande falta de sentimentos e honradez.

N'aquellas o amor filial e a honestidade, nas outras a falta dos estimulos do amor, e só a devasidão!

Estas deslustram muitas vezes um nome honroso que um marido confia, dando lhe a nobreza dos seus braços, não recebendo em recompensa senão um triste ridiculo.

A traição e a falsidade deviam ser exiladas, do mundo civilisado, e irem compôr um só dominio em regiões aridas e selvagens, para d'este modo o bom ficar separado do mal.

Não é possível.

Por isso os homens inventaram o casamento, que para certas mulheres é um manto de hypocrisia em que se envolvem com a sua maldade.

Sempre quando se trata de matrimonio todos os homens se *déguisent* e muitas vezes as mulheres é que lhe dão o exemplo. E para que serve o casamento senão para uma mascara?

Veja-se o que diz Victor Hugo, esse grande talento politico, litterario, moralista e critico, no seu bello drama—Angelo—no segundo dia, intitulado o *crucifixo*. scena v, no dialogo entre as duas rivaes, Catharina a poderosa e illustre, e a Tisbe que termina por esta lhe dizer:

«E vós não valeis mais do que nós! o que nós dizemos em dia claro, em alta voz a um homem, vós «lh'ò dizeis vergonhosamente á noite!»

«Só as horas estão trocadas!»

«Nós tomamos os vossos maridos, e vós tomaes os «nossos amantes.»

«E' uma luta. Pois bem, lutemos!»

«Ah! hypocrisia, traição, virtudes fingidas, falsas «creaturas, que vós sois! Não, por Deus! vós não nos valeis! não, por Deus! vós não nos valeis!»

«Nós não enganamos ninguem! e vós, enganaes o «mundo, enganaes vossas familias, enganaes vossos ma-
«ridos; vós enganarieis a Deus se podesseis! Oh vir-
«tuosas mulheres! que saem de veo á rua e vão á
«egreja! Deixae logar para ellas! inclinae-vos pois!
«prostrae-vos finalmente!»

«Não, não façaes logar, não vos inclineis: ide á
«frente d'ellas, arrancae lhe o veo; atraz do veo ha a
«mascara, arrancae-lhe a mascara; atraz da mascara ha
«uma bocca que mente!»

Eis ahi, com algumas excepções, o que é a maior parte das vezes a mulher casada: *uma mascara!*

Perdoem-nos os maridos a franqueza.

Creaturas ha que se envolvem no manto da hypocrisia, transformando o marido na propria capa da sua hediondez.

Diziam-me que Maria da Gloria tinha um marido bom, demasiadamente cheio de condescendencia, e que isto bastou para dar motivo a fallar-se de certo desvario com um homem de bastante talento, um illustre doido que se apaixonara por esta segunda *Laura*, a ponto de se tornar ridiculo, e isto só porque parecia amal-a!

Como se profana a divina chamma do *amor!* sem se comprehender que uma pessoa de paladar excellente possa um dia cair em censura, dando a conhecer que preferiu uma lagartixa a uma perdiz!

E ha momento em que o gosto é excentrico, e prefere unicamente pela variedade.

Mas o costume não cede, e o *mau gosto* de um dia acaba!

Ha quem diga que o amor é assim! quem goza um encanto não se deixa vencer n'um montão de sem-saborias? A's vezes a mesma semsaboria entretem um ente farto de alegria e prazer; mas é um momento só, um minuto, um instante apenas! E depois esses entes arrependem-se de não terem sabido conservar bastante dignidade para esconder essa vergonhosa lagartixa.

Creaturas ha, que tantopela sua familia como pelas suas aventuras, arrastam o desprezo mais ignominioso, principalmente quando chegam a apanhar um namorado pelo pé para servir de capa!

.....

 Diziam me pois, que o sr. Alexandre Callaya era demasiadamente condescendente, ao que eu levantava os hombros e respondia: Não sei mas parece-me que não.

E realmente nada via

Eu era um pouco como S. Thomé: primeiro ver, para poder crer!

.....

 Desde o dia 8 de janeiro de 1837 vi que era impossivel continuar uma vida de desgostos e de lagrimas.

Já por varias vezes tinha querido tomar uma resolução; por diversas occasiões os conselhos do sr prior de S. Izabel tinham tido quasi esse poder; mas uma carta que me tocasse n'alma, fazia me derramar lagrimas, e unir as cadeias quasi quebradas.

No dia 9 de janeiro passei um desgosto tamanho, que no dia 10 jurei a mim mesma que dentro de tres mezes tudo estaria mudado.

Dizer a *elle* os motivos que a isso me levavam, era

exigir que me fizesse juramentos e protestos, era querer continuar... e isso não podia ser.

Só não tinha forças bastantes para deixar de crer n'aquellas palavras, para deixar de crer nos juramentos que esse homem fazia, e com os quaes embalava a minha tão credula confiança.

Era preciso . . . preciso o que?

Uma distracção, disseram Qual havia de ser? acceitar a côrte de alguém.

Sim; mas como sou incapaz de fazer soffrer, não devia acceitar a côrte d'um homem, que eu julgasse amar-me verdadeiramente, porque me achava n'essa crise com o coração estalado, achava-me n'um estado incapaz de fazer a felicidade de ninguém... eu vivia n'um frio scepticismo!

Fora d'aquellas illusões que dois annos me embalaram, eu estava desencantada! mais oito dias de semelhante vida, e teria amaldiçoado o ceo, e até duvidado do poder de Deus! Era forçoso romper, quebrar esses laços para me conservar o que eu era: Josephina, a pobre Josephina do *Sacré-Coeur* de Conflans!

Para quebrar esses laços era preciso uma barreira, como elle o tinha exigido, dizendo que era o unico meio de elle deixar de crer no meu amor.

Para obter o meu socego, era necessario que eu me esquecesse de mim, era indispensavel um sacrificio.

O meio era indigno; oh! sim, é verdade! mas elle assim o tinha exigido; e eu já não podia soffrer!

Deus, que sabia as lagrimas que eu tinha vertido, as torturas que atormentavam minha alma, havia de perdoar-me, porque viver mais tempo em semelhante desespero era querer arriscar-me a perder minha alma!

Tinha tentado tudo! amor, resignação, amizade, e muita paciencia, mas tudo, tudo ia morrer d'encontro áquelle gelido rochedo do mais inacreditavel egoismo!

Se para levar ávante o meu plano fosse ferir o coração d'um homem de sentimentos elevados, então

meu crime, ou minha falta seria imperdoavel aos olhos de todos. Mas... eu não escolheria senão um homem, que sabendo da sua vida, eu comprehendesse que *elle* não podia ficar *blessé*.

N'este caso, era preciso muito cuidado com a pessoa, que a sorte destinava para ser meu salvador.

Duas pessoas sabia eu, que me amavam sinceramente, e uma d'ellas podia até jurar-o; mas no estado em que minha alma se achava, era por certo uma vilzeza pôr em acção um jogo de verdadeiros sentimentos.

Este rompimento é necessario, pois que não deve esquecer-me o fim da prophesia da bohemia de Prague; vejo com terror e prazer que ella se encaminha para a realisação. Será verdade meu Deus? Espero.

Eu não amava ninguém, e soffrendo diariamente tantos desgostos, tinha dado azas ao meu coração para elle viajar longe, nas estrellas, se possível fosse; mas o que eu não queria era que tão cedo elle me fallasse.

Todo o meu moral, estava pois n'um estado incomprehensivel.

A cada novo desgosto que vinha agglomerar-se sobre os outros já existentes, o golpe caía sobre um corpo tepido que acabava de deixar voar a alma.

Oh! o coração não soffria, porque esse ia viajando nas nuvens, nas estrellas, *no néant!*

Assim passei alguns mezes de martyrio que não era viver.

Os meus labios pallidos pareciam similhar-se aos de uma estatua de marmore; tinham assumido um constante sorriso de indifferença, e isso dizia mais que os lamentos e os suspiros.

A minha fronte annuviada encobria-se no lucto, e apezar de mil esforços, deixava impressa a funebre desesperação.

Esses desgostos em breve iam ter um fim; eu já não tinha forças para soffrer, e por isso devia ter coragem para tomar uma resolução.

Quando esses pensamentos vinham mortificar-me, recordava-me do prognostico que me tinham feito um mez depois de eu vir habitar n'esta vivenda aonde vejo o ceo, o mar, e aonde estou tão tranquilla, longe do motim da escravizada cidade.

Não seja madrinha d'esse pequeno, me disseram; quando duas pessoas se amam e vão ser compadres, acaba sempre tudo muito mal.

Como podia a minha separação acabar mal com o sr. Sant'Anna? não devíamos nós, apesar de tudo, ser sempre amigos?

Uma ridicula superstição não devia obrigar me a deixar de concorrer a dar as aguas do baptismo a uma nova alma.

Consenti pois, e fomos padrinhos de uma bella creança, filho de um cabo da guarda municipal, e de uma rapariga que era sobrinha da Maria da Gloria.

Na igreja perguntou-me o futuro compadre, e presente defensor da patria:

— Que nome deseja que tenha o pequeno?

Levantando os olhos para o altar, um triste suspiro saiu do meu coração, e voltando-me para o sr. Antunes, disse-lhe:

— Faça todo o possivel para que se chame Henrique.

O pae da creancinha curvou a cabeça, e foi andando para a sacristia. Inclinando a minha frente, meus labios murmuraram um pedido a Deus, para que meu afilhado tivesse o nome do meu infeliz e sempre amado Henrique.

Quando voltou o compadre para me dizer que podia ir á capella, perguntei-lhe:

— Então?

— Elle não quiz, respondeu o sr. Antunes, e exige que o pequeno se chame Jacinto Augusto, os seus dois primeiros nomes.

Não me quizestes dar essa consolação, meu Deus?

exclamei eu comigo mesma; que a vossa vontade seja feita; e fui caminhando para o altar.

De volta para casa, o sr. Sant'Anna não me disse uma unica palavra, nem eu a elle.

Recordando-me pois d'esta scena, não podia deixar de pensar: Será verdade que a superstição seja uma realidade ?

Desde o dia d'esse baptisado em diante, parecia que os meus desgostos augmentavam, e eu sentia-me todos os dias peiorar de saude.

Os tristes presentimentos que vinham enluctar minha alma eram os mesmos de 1854, quando eu caí perigosamente doente. e que tendo receio da aproximação da morte, não querendo de modo algum que minhas filhas caissem no poder e dominio de minha familia, escrevera ao ministro do Brazil, afim de lhe confiar esse segredo do meu coração. que eu tanto empenho tinha em que fosse religiosamente cumprido.

S. ex.^a não me conhecia senão de nome, e de me ter visto algumas vezes no theatro; mas conhecendo que uma senhora lhe pedia protecção, não hesitou em vir a minha casa, aonde me achou de cama, com a enfermeira ao lado, e a custo podendo fallar.

Contei-lhe tudo... e elle com aquella bondade que o caracteriza, e o cavalheirismo que o faz tão respeitavel, prometteu toda a protecção para minhas filhas, no caso que eu morresse; e chegou a *jurar-me que nunca as deixaria em poder de pessoa alguma de minha familia.*

Descançada por este modo do maior cuidado da minha vida, soffri com resignação, devendo ao exm.^o sr. Maciel Monteiro os maiores agradecimentos, porque desde esse dia até ao momento em que os medicos me declararam livre de perigo, não deixou s. ex.^a de mandar saber todos os dias da minha saude.

Depois da minha convalescença, e de ter voltado do campo, veiu s. ex.^a a minha casa dar-me os parabens do meu restabelecimento e salvação.

—Salvação, disse s. ex.^a, porque no estado em que eu a vi, quando me recommendou suas filhas, receei bem que não escapasse.

Foi esse dia a segunda e ultima vez, que vi e fallei a este ministro, que todos diziam tão *entreprenant*, e que para mim usou de admiravel cavalheirismo.

E' verdade que um homem de verdadeira educação, e de verdadeiros sentimentos, conhece perfeitamente as pessoas com quem trata; por isso agradeço ao exm.^o sr. Maciel Monteiro por ter conhecido o meu character.

O exm.^o sr. Maciel Monteiro (ministro do Brazil) não é só um brioso cavalheiro, como é o mais distincto e o mais generoso possivel.

Achando-me de cama, como já disse, e quasi á morte, remetteu á minha criada uma forte quantia de dinheiro, dizendo que uma pessoa que estava no meu estado devia necessariamente fazer grandes despezas, e como o sr. Fonseca estava em Paris, eu devia achar-me em grandes embaraços.

Sim, Deus sabia as difficuldades em que eu me achava, pois que tinha levado a capricho não escrever ao meu protector contando-lhe tudo.

Quando me achei restabelecida, principiaram tantos desgostos e tantos transtornos, que até hoje não foi possivel remetter ao ex.^{mo} sr. Monteiro essa quantia emprestada.

Esta conducta honra-o tanto, e é tanto mais cavalheiresca, que tendo tido no Rio algumas questões com o meu protector, retiraram um ao outro a amizade que os ligava, ficando por isso indifferentes.

Pessoas mal intencionadas quizeram dizer que o sr. Monteiro tinha chegado a ser meu amante; eu a essa nova calumnia não podia senão responder com um sorriso de desprezo e de dó, porque era preciso essas creaturas serem bem mesquinhas para não comprehenderem a nobreza da conducta do ex.^{mo} sr. Monteiro.

Estou persuadida que s. ex.^a nunca me teve amor,

mas sim estima, e esse sentimento não o trocava eu por nenhum outro.

Tendo eu felizmente um coração grato, como poderei nunca esquecer-me da generosidade e delicadeza de uma pessoa, de quem me preso de possuir a amizade? O seu nome nunca o heide esquecer, e tenho orgulho de dizer: quem faria o que o ex.^{mo} sr. Monteiro teve a bondade de usar com sua patricia?

As pessoas que diffamam a nação brasileira devem considerar antes de proferirem taes aggravos que é a nação mais franca, e grande em generosidade.

Mas n'esta epoca de corrupção, quem não segue maximas depravadas, cae no desconceito, porque não mancha a honra na infamia.

Achando-me com os mesmos symptomas e presentimentos que em 1854, andava triste, e tão triste que muitas vezes sentada em frente do meu toucador para me pentear, triste gemido me saia do peito, ao ver assim estampada a minha figura d'outr'ora.

Passavam-se dias em que o meu unico sustento era café, e esse tinha-me posto n'um tal estado de magreza que ás vezes occorria-me a idéa de que ia finar-me n'uma phtysica.

Morrer! vou morrer, dizia eu tomando entre as mãos a minha pobre cabeça! Morrer! quando esta vida é tão necessaria a minhas filhas. Oh! não! Deus é justo e não me hade chamar para si senão quando minhas filhas, esses dois thesouros da minh'alma, estiverem já amparadas. A minha vida de constantes soffrimentos merece essa recompensa, que a Providencia Divina não me hade recusar.

Estou louca! exclamava eu, morrer! não. Soffro, é verdade, soffro muito, mas eu não terei ainda forças para vencer estas magoas?! Oh! se me faltasse essa coragem, eu era covarde, e isso nunca o serei.

Com estas lutas do soffrimento, com estes comba-

tes das lagrimãs, com estes crueis martyrios, fui supportando o peso da minha angustiosa cruz.

Esta posição terrivel foi durando até á epoca do carnaval.

Oito dias antes do entrudo, achava-se o sr. Alexandre Callaya e Maria da Gloria em minha casa, e toda a tarde estiveram a influir-me para ir com elles á noite ver o baile na Floresta.

Eu que nunca tinha ido senão a um baile de mascaradas, e esse no theatro de S. Carlos havia um anno, e que me tinha aborrecido d'um tão ridiculo semsabor divertimento, achava-me sem disposição para ir de novo a esse *brum brum brum*.

Já que fallei n'esse baile de S. Carlos, direi aqui, que tendo poucos conhecimentos, e não ousando dirigir-me a estranhos, achava-me no maior enfado possível, quando felizmente dou com os olhos no sr. F*** C*** G*** que parecia queria conquistar um lindo dominó côr de rosa, esquecendo-se que em casa lhe ficava a mulher nos gemidos e nas dôres.

Caminhei para elle, porque uma recordação me veio avivar certa lembrança sepultada no intimo d'alma.

—Como está o sr. J*** B***? perguntei eu.

Admirado parou um instante, olhou para mim da cabeça aos pés, como quem queria medir a altura e disse:

—Sei quem é; e em voz baixa, disse-me ao ouvido: M.^{me} Josephina.

Não querendo mentir, apesar de estar n'um baile de mascaradas, perguntei-lhe novamente:

—Como está o sr. J*** B***?

—Está sempre o mesmo, respondeu o sr. F*** C***, quasi phtysico, e apalermado, sobretudo desde que se casou com uma criada que tinha em casa.

Não respondi coisa alguma, pois que nem uma palavra poderia ter-me saído da bocca.

Esse namoro não passou d'uma creancisse, que

na idade dos treze annos eu julgara uma paixão. Porém, aquella noticia do casamento com uma criada *que tinha em casa*, trazia comsigo uma idéa tão baixa e repugnante, que senti aquella doce lembrança, que eu sempre conservara no ceo tèmpestuoso da minha vida como uma fraca e isolada estrella, cair precipitada na profundeza do abysmo do esquecimento.

Por isso mesmo que não fallei ao sr. J*** B*** senão uma unica vez na egreja dos inglezes, á missa do meio dia, e que de lá fomos ao cemiterio dos Prazeres, aonde me deu um raminho de triste verde cypreste, por isso mesmo, digo, formava d'elle um conceito um pouco ideal.

Mas depois d'esse baile, quando voltei para casa fui á gaveta do toucador, abri o mesmo livro que eu tinha levado á missa n'esse dia, (era o livro da minha primeira communhão,) e tirando d'elle o tal raminho de cypreste, abri a janella fronteira ao cemiterio dos inglezes, e deixei-o cair da mão, com um suspiro que saía d'alma, murmurando: Ai de ti, Josephina! hasde vir a crer que este mundo apenas é terra e pó, que o ideal é uma coisa vã, que não existe, e que mesmo quando tenta apparecer, é como o clarão que allumia em quanto o facho tem luz, e a prova é o teu infeliz Henrique!

A esta lembrança verti lagrimas de saudade, de dôr e desespero!!!

Fechando a janella, achei-me na vida real e positiva, quero dizer na vida de miseria e soffrimentos!!

Este baile de mascaras era pois o unico a que eu tinha ido (no Rio de Janeiro M.^{me} Guido não podia tolerar semelhante divertimento); porém como já disse não gostei nada.

Mas havia já dias que eu estava rodeada de tantos dissabores, que condescendi novamente em ir á Floresta.

Dezenove mezes se tinham passado em que eu era dominada e abatida por uma vontade de ferro.

Não sei porque, mas rapidamente tive um tal ou qual prazer em ter dado o meu consentimento, e como o fazia ás escondidas *d'elle*, esse prazer se tornava mais intenso.

Isto era como uma creança que depois de ter soffido arrufos de sua mãe, achando-se sósinha em casa, vae ao quarto d'ella, e furta-lhe um bolo. A mãe volta e dá-lhe cartuchos e saccos de variados bolos, mas nenhum corresponde ao sabor d'aquelle que ella tirou.

Repugnava á minha consciencia esta saída occulta, era *quasi* um engano; mas senti enxugar minhas lagrimas, e cessar o meu escrupulo, só com a idéa da *distracção*.

Eu nunca tinha conhecido a funesta paixão — *vingança*, e esse passo que eu dava era simplesmente *une taquinerie*.

Logo que acabámos de jantar, saiu o sr. Sant'Anna, conforme era o seu costume, para voltar ás duas ou três horas da noite.

Já não me restava nada de valor para empenhar, e não sabendo a que *agiota* me dirigisse, mandei chamar o sr. José Maria Dias Torres, com quem se tinha effectuado uma conciliação sobre as nossas antigas contas; e era elle que me emprestava, quando eu precisava, algum dinheiro.

A's vezes escrevia-lhe mandando-lhe pedir dez libras; elle mandava-me duas, e vinha depois dar-me a tediosa conversação de uma hora, desculpendo-se de não ter mandado mais.

— Era melhor, lhe dizia eu, v. s.^a emprestar-me quantias mais subidas, para não obrigar-me a mandar ao escriptorio tanto a miudo.

O sr. Torres respondia que não lhe era possível mandar-me dinheiro a não ser aos poucos.

Eu estava em proximidade de realisar uma transacção, hypothecando os juros de metade das minhas ins-

cripções, afim de me poder habilitar a satisfazer todas as minhas dividas.

Ficava por tanto reduzido ao meio o meu rendimento. Era sensível, mas por esse sacrificio alcançava o socego e a paz do meu espirito.

Foi esse sr. Torres que me emprestou o dinheiro para o preparo do seguro ; logo que o recebesse de Londres, concluia eu a transacção que já estava em ajuste com o sr. Domingos José Marques Guimarães, pessoa a quem agora só devo (apezar dos seus... por centos) louvor ao seu cavalheirismo.

CAPITULO IX

Floresta — Sr. Alexandre Callaya, sr. Torres, sr. A. M., sr. José Lino Alves Chaves --- Dialogo --- Reflexão --- Discussão --- Delicadeza de um deputado --- Illusões --- Meu seguro de vida --- Dr. Kesler — Concluo uma transacção --- Ultimas palavras sobre o sr. Thomaz da Costa Ramos.

N'este dia de que fallo, n'este dia que trouxe a noite do baile da Floresta, não possuia eu um real em casa. Escrevi ao sr. Torres mandando buscar algum dinheiro ; como já era tarde e fora da hora do costume d'ali mandar, julgando ter havido algum extraordinario, veio elle trazer-me o que eu lhe mandára pedir.

—Fazia-me um grande obsequio, disse eu para o sr. Torres, se me fosse comprar uma mascara de veludo ; receio que mandando o criado, elle compre alguma que me não agrade.

—Com muito gosto, disse elle ; mas não acha que esta senhora, continuou o sr. Torres voltando se para o sr. Callaya e Maria da Gloria, devia pedir certos favores ao

sr. Sant'Anna, e que era do dever d'elle satisfazer-lh'os?!

—Era; respondeu o sr. Alexandre Callaya.

—Mas com o genio d'elle, proseguiu Maria da Gloria, não ha dever nem obrigações; ha só o que lhe convem.

—A quem o dizem! respondeu o sr. Torres; eu sempre affiancei a esta senhora que estava muito illudida com esse homem, e que elle hade ser a causa da sua desgraça.

—Esta conversa é inutil, sr. Torres, interrompi eu levantando-me do sophá; agora principalmente mais inutil do que nunca, porque tudo está para ser terminado.

—Ora, Madame sempre diz isso, e nunca o effectua, porque lhe falta a coragem para tomar um partido; redarguiu o sr. Torres.

—Tudo isso foi verdade, disse eu; mas agora está tudo mudado, porque tomei uma resolução irrevogavel: o sr. Callaya bem o sabe.

—Acreditamos que é com toda a certeza; affirmou aquelle par.

—Vou buscar-lhe a mascara, disse o sr. Torres, pegando no chapeo e saindo.

—Parece que este homem está apaixonado por M.^{me} Josephina; exclamou Maria da Gloria.

—Como não sou facil em acreditar em paixões, respondi rindo, não penso que elle alimente similhante loucura. Mas o que é verdade, é que eu não sei se elle é velhaco, tolo, ou bondoso; porém como é do meu character tratar a todos bem, eis o motivo porque este sr. Torres é tão obsequiador.

—Eu sempre lhe aconselho que tome cuidado, porque elle parece-me mais velhaco do que tolo; disse o sr. Callaya, que não pôde continuar porque batiam à porta, e uma criada entregou-me uma caixa com uma mascara.

Vestimo nos, mettemo-nos n'um caleche, e eil-o rodando comnosco para a Floresta, de que ha tanto tempo eu ouvia fallar, e que se não fosse um caso como aquelle que se offerecia n'esse dia, nunca teria conhecido.

Apenas chegámos, a primeira pessoa que vimos foi o sr. José Lino Alves Chaves, regedor da freguezia de S. Mamede, pessoa a quem eu devia muitas e consideraveis finezas.

— Conhece isto? lhe perguntei mostrando-lhe um leque de madreperola, que eu levava na mão, e que elle tinha salvado de uma casa onde com outros objectos estava empenhado.

Elle parou um momento, pegou no leque, e depois de o examinar bem, disse entregando-m'o:

— Sim, conheço; mas a dona d'elle onde está?

— Aqui; lhe respondi.

— E' impossivel! replicou elle, ella não vem a este logar.

— Tanto vem, que ella aqui está; e levantei a mascara de maneira que só elle visse.

— Tem estado doente?! exclamou elle admirado; que milagre foi esse que a trouxe aqui?

— Doente, sim, estou, disse eu com um sorriso forçado; estar eu aqui, não supponha um milagre; não veja n'este passo senão o de uma pessoa que está cansada de soffrer, e que se quer distrahir.

— Mas que idéa foi aquella. minha boa senhora? V. ex.^a não o conhecia! como foi isso?

Contei-lhe os embaraços em que me achei para uma carta minha ser entregue ao sr. Fonseca.

— Então eu que entreguei uma, não podia tambem ter-lhe entregado outra?

— E' verdade; mas eu não podia dirigir-me ao sr. Chaves, visto ter-me dito que não havia meio de se entrar n'aquella *cidadella* para se entregar uma segunda carta.

—Venha ; exclamaram o sr. Callaya e Maria da Gloria, que chegavam ao pé de mim n'aquelle momento.

—Até logo ; disse eu despedindo-me do sr. Chaves.

—Então o que ha ? perguntei eu a Maria da Gloria.

—Um baile de mascaras é para se divertir ; e M.^{me} Josephina estava ha mais de meia hora a conversar com um *mono*.

—Para mim, a conversa de uma pessoa a quem devo obsequios, é mil vezes preferivel a todas essas insipidas mascaradas.

Fiquei admirada da maneira porque ella dirigia a palavra, e mais admirada ainda de ouvir como ella dizia a cada um as coisas mais particulares ; o que mostrava que tinha havido *grande intimidade*, ou grande curiosidade de indagar e *cavaquear* com a vida alheia.

—Então não diz alguma coisa ? perguntou-me ella.

—Eu não conheço ninguem, e se quer que lhe diga a verdade, respondi eu, tudo isto me está aborrecendo a um ponto extraordinario.

—Então distraia se ; disse ella.

—Como ? perguntei.

—Acceite a côrte de alguém.

Dizendo isto, vejo-a logo chegar-se para um grupo, onde conheci uma cara que tinha visto varias vezes em casa de M.^{me} Levillant, e que n'uma occasião me disseram que andava com varias conquistas d'aquellas virtudes escapadas aos perigos de Paris.

Maria da Gloria fallava com uns e com outros, com o mesmo desembaraço de uma pessoa que está costumada a jogar o bilhar e o *pião* na Floresta Egypcia.

—Quando se casa, sr. A*** M*** ? perguntou ella, no meio de uma estrondosa gargalhada, e agarrando o braço do dito A*** M***

—Nunca ; lhe respondeu este ultimo.

—Ora, continuou ella com os seus risos ; achando um bom dote está caído.

— Quem é esta mascara? perguntou elle dirigindo-se a mim.

Eu principiei a tremer que me conhecessem; mas para não dar a perceber o meu acanhamento, respondi:

— E' uma pessoa que v. ex.^a conhece de vista, e do nome, que nunca lhe fallou, mas que v. ex.^a disse...

Não me deixou acabar a phrase, exclamando:

— *Bem me fio eu n'isso!*

Pegou na minha mão, apalpando os anneis que eu tinha debaixo da luva

— E' escusado, não adivinha; disse eu rindo.

— *Bem me fio eu n'isso!* tornou a exclamar pondo-se a examinar-me os olhos.

— Azul; bradou elle.

— Não; verdes; respondi.

Tornou a examinar, e disse:

— São azues, não são verdes.

— Então, é porque se fizeram agora azues.

— Como? tornou elle rindo; pois os seus olhos mudam de côr?!

— E' verdade; quando estou zangada são verdes; quando estou contente são azues; e quando estou indifferente são cinzentos, ou para melhor dizer são uma mistura de côres que ninguem pode definir.

— E' celebre! exclamou elle; vejo que tem espirito.

— Vamos conversar, continuou elle offerecendo-me o seu braço

— Aceite; bradou Maria da Gloria.

Aceitei.

Fomos andando por aquellas salas, no meio d'aquelle *rum rum* sem graça, e sem espirito.

— Não comprehendo como se possa gostar d'isto; fui eu a primeira a dizer.

— Então porque veio?

— Para me distrahir; respondi.

— E' a primeira vez que aqui vem?

—E'!

—E veio com a Maria da Gloria e o Callaya?

—Eu não tinha outra pessoa.

—Pois seu amante?

—Não tenho

—Seu marido?

—Não tenho.

—Então é viuva?

—Sim! de todas as minhas illusões,

—Então que veio aqui fazer?

—Já disse, distrahir-me.

—Ama alguém?

—Em realidade, não. Em imaginação, sim.

—Então está só?

—Não.

—Não entendo, com um laconismo assim; diga-me quem é? como se chama?

—V. ex.^a sabe tudo, conhece-me, e até disse a uma parenta minha que me amava muito... o que eu não acreditei.

Tornou a pegar-mena mão, e fitando os olhos nos meus, depois de um momento de silencio, disse-me ao ouvido:

—M.^{me} Josephina Neuville.

—Muito lhe custou a adivinhar; exclamei eu rindo.

—Uma pessoa que nunca foi a parte alguma, quem havia de a imaginar na Floresta?! Diga-me, tornou elle, o Sant'Anna está aqui?

—Não.

—Mas elle sabe que veio?

—Não.

—Então estão mal?

—Não.

—Quer romper então?

—Sim.

—Não comprehendo; dizem que tem uma paixão tão forte por elle, e quer acabar tudo? não acredito.

—Pode acreditar. A razão é facil de comprehender-se.

Todas as mulheres, mesmo as mais *sinceras*, teem um ideal, e bem raras vezes o ente a quem se ligaram corresponde a elle! O que acontece é que uma senhora perdendo a illusão não pode lançar sobre a creatura que fez o seu coração voltar do *Cap Horn* para *Lapostlaw* senão um olhar gelado, que deve cair sobre elle, como se fosse uma *doxa fria*. Liguei-me ao sr. Sant'Anna, por assim o querer a sorte; julguei que elle fosse sincero, enganei-me . . . por isso o navio voltou do *sul* para o *norte*.

— Jura que rompe com elle? perguntou-me o meu par.

— Quando uma pessoa do meu character dá um passo como este que dou hoje, é porque a sua resolução é irrevogavel.

— Sabia que eu estava aqui?

— Não

— E diga-me francamente, ama alguém?

— Não.

— Posso esperar que um dia virá a amar-me?

— Talvez, se a sua alma tiver as qualidades que eu de-sejo encontrar n'um homem; julgo mesmo que o poderei amar, porque se parece muito com uma pessoa que eu amei extremosamente.

— Muito obrigado! disse elle rindo-se; então não pode amar-me senão como se ama um retrato ou uma estatua?!

— Sou franca; sympathiso, mas não sei se o poderei amar, porque ignoro perfeitamente o fundo da sua alma.

— Ama alguém? tornou elle a perguntar-me.

— Não; já lhe disse.

— E o Sant'Anna?

— Soffri dois annos quantas humiliações e desgostos é possível soffrer-se! dois annos verti muitas lagrimas! hoje já não acredito em nada d'este homem.

— Mas elle é . . .

— Não me falle nunca d'elle, peço-lh'o; murmurei eu, sem o deixar acabar a sua phrase.

— Porque não me mandou antes chamar, para lhe ir entregar aquella carta? Eu não teria abusado da sua posição, e teria esperado do seu amor a recompensa do meu. E hoje . . . coitada! não se teria visto nos embaraços em que eu sei que jaz; porque eu nunca a teria desfrutado.

— Engana-se; atalhei eu, um pouco sentida das suas ultimas palavras.

— Porque o desculpa? me redarguiu elle em voz baixa, e commovida; não ha ninguem em Lisboa, que não saiba que elle a tem arrastado a despezas, mais fortes do que as suas posses . . .

Fiz um movimento para fallar, mas elle continuou.

— Pois aquelles jantares que a obrigava a dar, cada um d'esses jantares importava a despeza que lhe chegava para um mez governar a sua casa. A elle como lhe não custava nada, queria tudo em grande e do melhor, e . . .

— Está muito ao facto do que se passava em minha casa! exclamei eu rindo.

— Pois eu amo-a ha tanto tempo.

— Ah! vem o sr. Chaves, interrompi eu; mais o sr. Callaya e a Maria da Gloria. — Então, veem á nossa procura? continuei eu para o grupo que se chegava perto de nós.

— É verdade, respondeu o sr. Chaves, porque quero que me prometta que se não vae embora sem accellar e mais estes senhores uma chavena de chá.

— Oh! o sr. Chaves bem sabe que as suas vontades são para mim como se fossem ordens.

— Eu é que estou ás suas; disse elle sorrindo-se.

— O obsequio que o sr. Chaves me fez quando eu morava em S. Mamede, é para eu ser toda a vida sua humilde criada.

— Esta senhora quer-me confundir, tornou elle

voltando-se para as outras pessoas; então vamos quanto antes tomar chá.

Caminhámos para uma salazinha aonde já achámos preparado o chá, e os bolos.

Tirei um instante a mascara, para refrescar um pouco o rosto.

Do momento em que me desmascarei, não pude dizer nem mais uma palavra ao sr. A*** M***; sem aquelle veludo que me encobria as faces, voltava de novo à minha timidez e acanhamento habitual; o que fazia dizer a M.^{me} Guido, esposa do ministro de Buenos-Ayres no Rio de Janeiro, e mãe da minha cara amiga Pilárcita, que eu era *une personne remplie de delicatesses et d'esprit, mais qui ne se manifeste pas, c'est pourquoi on pouvait dire d'elle :*

C'est un bon vin, mais si bien bouché, qu'on y casse ses tire bouchons.

Cada vez que me dizia isto, M.^{me} Guido ria às gargalhadas, e cada vez que me recordo d'esta boa senhora, choro como n'este instante com tristes saudades'!!

Tomei o chá sem dizer tres palavras, e por uma coincidencia que então admirei, tambem o sr. A*** M*** não pronunciou duas palavras.

—Veja lá, M.^{me} Josephina, são horas de recolhermos, disse Maria da Gloria; eu não quero passar algum desgosto por causa do Sant'Anna.

Quando chegámos á porta, despedimo-nos do sr. Chaves, e subimos para o caleche.

—Ha lugar, venha, sr. M***; exclamou Maria da Gloria.

—Entre; disse tambem o sr. Alexandre Callaya.

O sr. M*** porém ficava immovel.

—Então, entra ou não? disse o sr. Callaya.

Elle subiu, e sentou-se defronte de mim.

Viemos todo o caminho silenciosos. Quando chegámos á porta de casa, desceu o sr. Callaya, e depois a Maria da Gloria.

Tinha eu tambem já descido e ia a dar as boas noites, quando o sr. A*** M*** pegando-me nas mãos me disse :

— Assim é que me deixa? não me diz quando a tornarei a ver? não me promette que jámais fará as pazes com o Sant'Anna?

Antes de sair, respondi :

— A minha decisão está tomada. Quando nos tornaremos a ver?... quando Deus quizer! Adeus, adeus, que pode elle vir!

— Eu logo lhe respondo por ella; disse Maria de Gloria.

— Parece-me que temos namoro; exclamou o sr. Callaya, quando subimos a escada.

— Não é parece, é com toda a certeza; accrescentou Maria da Gloria.

— Elle parece-se tanto com o meu pobre Henrique! disse eu.

— Ha muito tempo que elle já me tinha dito que a amava; interrompeu o sr. Callaya.

— E que era mal empregada no Sant'Anna; accrescentou Maria da Gloria, erguendo-se do canapé em que se tinha sentado. Vamos *Alixande*, antes que elle por ahi venha, e veja o caleche e quem ficou dentro.

Em seguida despediram-se e foram-se.

Quando senti rodar o trem, respirei.

Abraçei minhas filhinhas com todo o amor que minha alma tinha por ellas; despi-me apressadamente e deitei-me.

Eu estava inteiramente satisfeita de ter ido á Floresta sem que elle o soubesse

Parecia-me que esta desobediencia era uma desforra que eu tirava da vontade tyrannica d'aquelle homem.

Eu conhecia que era forçoso em breves dias separar-me para sempre do sr. Sant'Anna, porque eu não podia continuar a viver como vivia; era impossivel.

Reconheço os grandes defeitos do seu character; mas

direi tambem que possui grandes qualidades, que infelizmente não podem apparecer, porque ficam sepultadas no seu profundo egoismo. Elle pode ainda ser muito feliz, poderá tambem fazer ditosa uma creatura, uma que se julgue muito contente de acreditar nas suas palavras, uma emfim que espere tudo d'elle, e que se disponha a ser sua humilde obediente e *cega escrava*, a quem elle ordene com imperio, e que o reconheça por seu *senhor*, e que por isso seja capaz de se deixar ficar um dia inteiro debaixo de uma mesa sem dar um ai!

Conheço bastante esse genio para saber que uma escrava é o que ao certo lhe convem, e não uma pessoa de sentimentos; uma escrava a quem elle cuspa no rosto, e que sem pejo nem vergonha lhe diga:

«Obrigado, meu amiguinho!»

Isto é repugnante! Creaturas d'essa especie achará muitas, sobretudo, se algum dia se decidir a casar-se. . .

Ha tantas raparigas que tem medo de *coiffer S. Catherine*, que para evitar esse perigo, receberiam o demonio por consorte se este lhe apparecesse.

Se elle algum dia contrahir o *santo hymineo*, e achar em lugar de uma senhora uma escrava, poderá a sociedade apresentar esse casal, como exemplo de *bom ménage*, por que se achará a parte principal no seu forte, que é dominar; dominar sem constituição!

Ha pessoas que sem terem egoismo, parecem tel-o porque os sentimentos resentem-se; mas este melindre não passa do coração.

Ha outras que possuindo o maior egoismo do mundo, fazem quantos fingimentos sejam possiveis para que os julguem dedicados, amaveis, e amigos verdadeiros.

Esses caracteres só com estudo bem longo e profundo se podem conhecer.

O meu coração não era vingativo; eu nunca tinha conhecido essetão nobre, ou tão vil sentimento.

N'este ponto tenho que fazer toda a justiça ao sr.

Sant'Anna, nunca me deu um desgosto d'esses de que uma mulher deseja tirar vingança.

Quando tomei a resolução de me separar d'elle, meu coração soffreu, oh! sim, soffreu muito; mas senti que podia ser outra vez a mesma Josephina, altiva e orgulhosa

Tanto mais me tinha curvado com humildade, quanto superiormente me havia de levantar, podendo olhar tudo de cabeça erguida.

De um lado dizia-me a consciencia que eu ia commetter uma especie de traição, e por outro lado o meu orgulho repetia: Basta de humilhação! basta de soffrimento! basta de lagrimas!

.....

Um dia não tinha podido limpar as lagrimas bastante a tempo, que elle as não visse sulcarem-me as faces.

—Que tem? perguntou elle.

—O mesmo que tenho sempre, respondi.

—Então, eu não sou senhor de entrar á hora que quero?!

—Por mim, de certo, respondi, porque tenho essa paciencia; mas nunca heide poder conservar um criado em casa. Elles trabalham todo o dia, devem pois descansar á noite.

—Tu pagas-lhes, não é assim? então é para elles servirem.

—Servirem, sim, disse eu; mas para isso devem tambem descansar, e como aqui nunca socegam, por isso elles querem ir-se embora.

—Pois eu os ponho já fora a pontapés; exclamou elle encaminhando-se para a cozinha.

Segui-o de perto e bradei-lhe no meio do corredor:

—Peço-lhe, sr. Sant'Anna, que não faça barulho; bem sabe que se minhas filhas acordam assustadas no meio

da noite, ficam doentes no dia seguinte. E para mim estes barulhos e estas scenas, matam-me.

— Anda para o quarto; gritou elle dando-me um *empurrão*. Quando ahi chegámos, vo'tei-me e disse-lhe :

— Já muitas vezes lhe tenho pedido que não levante a mão para mim.

— Cala-te já, senão dou-te um *murro*!

— Oh! sr Sant'Anna, continuei eu mostrando-lhe um sorriso que pintava toda a minha desesperação; *murro!* é uma palavra indigna de um *deputado!* Porém, como torna a fallar-me n'estes termos repugnantes, tornar-lhe-hei a repetir o que lhe digo sempre, quando se baixa a servir-se d'essas phrases : A primeira vez que torna a tocar-me, juro-lhe, prosegui eu com mais força e apon-tando-lhe a janella ; juro-lhe que abro aquellas vidraças, chamo a guarda que está bem perto de casa, e passará pelo desgosto de sair entre dois soldados.

— Tu estás doida! murmurou elle querendo rir-se; elles entravam, e eu dizia-lhes que tinhas gritado porque julgaste sentir ladrões no quintal e vel os-hias seguir pelo mesmo caminho.

— Mas eu fazia conhecer a mentira, mostrando a minha face ainda vermelha pelo *murro*.

— E eu interrompia dizendo que tinha sido um movimento de impaciencia e de ciumes, elles teriam de se ir embora, porque nenhum se atreveria a levar preso um deputado.

— Ora, o senhor está demente sempre com essa presumpção de deputado!... Não sabe que apesar de esse titulo, o homem que se esquece da dignidade que lhe deve, que falta ao cavalheirismo, que pratica uma acção que envergonha o paiz que o tem como um dos seus representantes, a lei e a justiça é a mesma para elle do que para qualquer delinquente?

— Tu estás muito doutora; atalhou elle puxando o cordão da campainha para mandar apromptar o chá.

«Oh! isto deve decidir-se quanto antes, disse eu inte-

riormente; amor com humilhação não é para o meu character. Ha bastante tempo que soffro, que me humilham, e minh'alma tem sido victima das maiores lutas».

Se eu já não amava com a adoração só permittida ás grandes paixões, era elle, elle, o unico culpado.

O meu espirito só estava alimentado das escandescencias da imaginação; era nova de mais para poder supportar sósinha uma cruz tão pesada, e por isso buscava no mundo uma esperança, uma realidade para os meus caros sonhos.

O homem que eu imaginava tinha sido o meu querido Henrique; mas depois d'esta morte fatal, não o tinha encontrado mais, não lhe tinha fallado nunca! mas já o conhecia; era o enlevo, a consolação, e o confidente de toda a minha vida; toda a minha existencia, todos os meus sentimentos, toda a felicidade da minha alma, iam ficar concentradas n'esse homem, e eu não o conhecia!!! mas amava-o! oh! sim, amava-o, e sentia meu peito abraçar-se, como se o fogo de um vulcão o tivesse incendiado, e lembrando-me das humiliações que soffrera dois annos, no meio das lagrimas que me corriam pelas faces, pôde a minha voz suffocada e tremula proferir uma irrevogavel sentença:

«Isto hade acabar.»

Eu, pobre Josephina, tinha no meu orgulho aquelle poder que na mulher é a origem dos maiores sacrificios, e que as torna admiraveis quando se levantam soberbas no seu amor.

Dois annos tinha-me curvado como se curva um cativo!

Dois annos o meu orgulho viveu sepultado no meu coração!

Dois annos tive uma vida de verdadeiro martyrio!

Agora já não tinha forças, achava-me moralmente morta!

Não eram as cartas anonymas que me escreviam,

não eram as intrigas que todos os dias me faziam, não eram os conselhos que incessantemente me davam para me separar d'elle, que iam motivar a separação entre nós. Mas era sim o orgulho, que me queria dominar como a uma escrava, era sobretudo o seu egoismo, que destruia todos os sentimentos, que promoviam um apartamento eterno.

Tudo teria perdoado a este homem, menos o seu orgulho que me suffocava, a sua vaidade que me constrangia, e sobretudo, as pancadas na minha Mariquinha!

Dois annos vivi como cativa d'esse poder que sentia esmagar-me; passando por todas as humiliações, e por todas as amarguras

Dois annos o meu orgulho viveu sepultado no meu coração; mas agora esse coração, que Deus me concedera tão forte e valente, não tinha forças para lutar mais, e por isso a Deus pedia piedade e liberdade.

Havia já alguns mezes que eu tinha jurado solemnemente que tudo estaria em breve concluído entre a pobre Josephina Neuville e o vaidoso deputado Sant'Anna e Vasconcellos!

Uma idéa me consolará quando chegar a effectuar-se tal separação: *será a caridade* que eu por ella usarei.

N'este mundo a virtude maior (quando ella tem em vista a religião) é seguramente a caridade, essa sublime virtude que nos suavisa o coração e nos fortalece a alma.

Esta separação tem em vista uma esmola, por isso terei ainda mais força.

Seis semanas levei na luta, n'esse combate em que vi, á semelhança da rosa, cair folha a folha cada uma das minhas esperanças, cada uma das minhas illusões!!!

Eu podia ter decidido tudo logo, e evitava ao meu coração esses martyrios e essas torturas de todos os instantes. Cortava o mal, mas a raiz ficava; para ex-

trahir essa raiz, era necessario soffrer a perda completa das minhas illusões; era necessario soffrer ainda muito!!!

Haverá no mundo quem diga, que tudo isto não realisava o maior dos martyrios?

Ninguem o conteste, porque eu passei pela tortura, esgotei o ultimo trago das fezes d'esse calix amargurado, e sei de mais quanto soffri!

.....
.....
.....

Chegou de Londres o meu seguro de vida.

Já que aqui fallo do seguro de vida, devo dizer os trabalhos que passei para poder obter o meu no valor de mil libras, na companhia Albion.

Esta companhia, a mais antiga d'ellas, é sem duvida a que merece mais confiança pela sua respeitabilidade, admiravel credito e boa fê.

Os cavalheiros que a compõem são todos homens de bem, e conhecidos pela sua honradez e probidade.

O medico d'esta companhia é o sr. dr. Kesller.

Ouvindo pronunciar este nome tremi.

Porque tremeu? me perguntarão.

Em duas palavras explico-me.

Estrangeira n'esta terra, quando foi a triste e infausta morte da energica e virtuosa rainha D. Maria II, morte que fez chorar de dô e penna os corações das creaturas que eram mães; eu que tinha sempre amado esta senhora com a recordação dos bolos que na minha infancia me tinha dado, e que sentada no seu collo comi, deixando entornar o licor que caiu sobre o seu vestido; eu que a amava com paixão extremosa, com uma sympathia viva, a ella que tinha como eu nascido no Rio de Janeiro, senti meu coração condoer-se, e chorar sinceramente, quando no dia 15 de novembro de 1854 as salvas annunciaram a este povo a morte da sua soberana.

Nas gazetas medicas. com especialidade no *Escola-*

pio, na *Agulha Medica*, o sabio dr. *Lima Leitão* imputava aos medicos a morte da rainha, chamando-lhes publicamente assassinos, e convidando-os a declararem-se sobre as operações que tinham posto em pratica.

É' escusado dizer que o dr. Kesller era um d'esses medicos que soffreram calados estas asserções; e eu tremi lembrando-me d'isto, porque desde então os nomes d'esses homens ficaram-me gravados na memoria, e nunca mais os pude ouvir pronunciar.

Quando a companhia Albion me deu a carta para eu me apresentar em casa do sr. Kesller, foi um dos sacrificios da minha vida, tanto maior que cinco ou seis mezes antes ouvira contar esta celebre historia:

Uma senhora portugueza, ou brazileira, que ja tinha fallado uma occasião ao sr. Kesller, desejou fazer um seguro de vida. Em consequencia foi á companhia, e lá deram-lhe uma carta para o referido doutor. Com essa carta apresentou se pois; no momento que o criado lhe abriu a porta para entrar na magnifica bibliotheca que elle possue, viu pela porta que estava aberta da sala um vulto escuro que soltando um guincho, se escondeu sem que podesse ver-se-lhe a cara, e saber se era bonita ou feia

Um minuto depois entra na bibliotheca o sr. doutor com os cabellos arrepiados, as faces roxas, e com voz sobresaltada, pergunta-lhe:

—O que temos? o que me quer?

A estas interrogações desencadeadas entendeu a senhora que nada devia responder, e só lhe entregou a carta.

—Isto não é possível, não é possível, e não quero; disse elle afinal.

—Porque? perguntou a portadora.

—Porque a senhora está muito doente.

—Eu doente, sr. Kesller! exclamou ella.

—Sim, a senhora está doente e muito doente.

—Então devo confessar-me e cuidar na morte?! perguntou ella mais e mais admirada.

—É verdade! respondeu elle, com todo o laconismo.

—Admira-me muito isso, sr. doutor, e o medico de minha casa, pessoa respeitavel e de credito na sciencia, achar-me de perfeita saude, e sinto que isto assim é, porque como bem, e durmo muito melhor ainda.

—Nada d'isso vale; eu digo que está doente, muito e muito doente!

Ella cruzou as mãos, fitou os olhos n'elle, e guardou silencio.

Assim ficaram de olhos fitos um no outro por espaço de alguns minutos.

—Então para que quer esse seguro? perguntou afinal o doutor.

—Eu lh'o digo com franqueza, respondeu ella; desejo com esse seguro e uns titulos da minha casa, levantar um emprestimo de dez contos de réis, para pagar aos meus credores, e eu poder viver tranquilla e desembaraçada.

—Sabe que não está agora bonita! ha um anno era *très gentille*.

—É provavelmente por isso, sr Kesler, que ha um anno era v. ex.^a *très aimable* e agora...

—Agora o que? perguntou elle com immensa curiosidade.

—Agora, sr. Kesler, respondeu ella sorrindo e levantando se para sair; agora reconheço que a minha vinda a sua casa estorvou-o no agradavel tête-à-tête em que v. ex.^a se distrahia, e essa interrupção é que deu a v. ex.^a a amabilidade que hoje possui.

—Não, não é isso, disse elle todo atrapalhado; é que...

Ella não o deixou concluir, e comprimentando-o, saiu dando ordem ao seu cocheiro que a conduzisse para sua casa, onde ao chegar encontrou algumas vi-

sitas, a quem contou este *lindo conto* que se acabava de passar.

As pessoas que estavam na sua sala deram-lhe de conselho que não fizesse caso do dr. Kesler, nem das suas palavras, visto que elle era um homem de manias, e de pancada forte, para que não encontra na sciencia com que a natureza o dotou receita possivel para se curar.

Sabendo pois esta historieta, foi com bastante receio que me afoitei a ir a casa d'esse *querido* medico do sr. D. Fernando.

Digo receio, porque tremia de ir achar este *com-pleasant* doutor. n'um d'esses seus momentos de mania, ou como se diz vulgarmente, *de pancada na mola*.

Felizmente não aconteceu assim, e depois de trocarmos algumas palavras, deu-me uma carta para a companhia.

Parece que este manuscripto era todo em meu favor, pois que poucos dias depois recebia eu o meu seguro, e pude concluir a transacção que já estava em ajuste com o sr. Domingos José Marques Guimarães.

No dia em que eu devia assignar a escriptura e receber o dinheiro, foi o sr. Sant'Anna no caleche comigo para a cidade.

—Tu não vês, Josephina, me disse elle com ternura, que o que eu posso fazer em teu favor é para mim um grande prazer?! Hoje não vou ás côrtes, e eu tinha a palavra!!! mas receei que te enganassem, e comigo podés estar descançada que ninguem ousa iludir-te.

Chegámos a casa do capitalista. Apeámos-nos do trem. Subimos a escada. Trocámos algumas palavras. Fez-se a escriptura, e recebeu-se a quantia de quatro contos e quinhentos mil reis.

Quando voltámos a minha casa, achámos o sr. Alexandre Callaya e Maria da Gloria.

—Estou hoje rico! exclamou o sr. Sant'Anna estendendo as notas sobre a secretaria.

—Sempre concluiu a transacção? perguntou-me o sr. Callaya.

—Graças a mim; interrompeu o sr. Sant'Anna, que contava e recontava o dinheiro.

Fui sentar-me ao pé d'elle para fazer os massos destinados a differentes pessoas a quem eu desejava pagar primeiro.

—Aqui não se mexe; gritou elle, pondo-se em pé e estendendo as mãos sobre o dinheiro.

Admirei-me d'aquella *brusquerie*; é verdade que aquelle genio e aquella cabeça é uma especie de cata-vento, que se volta á mercê do ar.

Nada respondi, voltei as costas a elle e ao dinheiro, principiei a conversar com a Maria da Gloria, sobre umas pulseiras que ella estava fazendo.

O que eram quatro contos e quinhentos mil réis, para eu ficar em contemplação diante d'elles?!!

Para mim o oiro tem e não tem valor.

Desde a minha saída do *Sacré-Coeur*, conservei sempre uma imagem que uma das freiras, M.^{me} de Taiseau, me deu. Essa imagem está no meu livro de preces, e representa um babu cheio de peças de oiro, e tão abundante d'ellas, que é tal a altura que o não deixa fechar. Em cima, por entre nuvens transparentes, apparece uma cruz no centro de um resplendor.

Por baixo da imagem lê-se o seguinte:

«L'or ne fait pas le bonheur, c'est la vertu.»

Esta imagem fez me sempre ser philosopha em questão de dinheiro, por isso que elle nunca teve influencia sobre mim; vivo feliz com elle ou sem elle. Reconheço que é um metal necessario á existencia, e eis ahi tudo. Sei tambem que é um objecto que faz alguns homens praticar acções que vis gallegos não commetteriam

Metal que faz desvairar as mulheres sem sentimentos, unicamente para terem luxo !

Metal que faz vender muitas vezes a alma pelos caprichos do corpo.

Oh ! infamia de que o oiro é causa ! oiro, tu és quasi sempre a miseria do mundo !

.

O sr. Sant'Anna pediu me o livro dos assentos das contas dos meus crédores, e depois de o examinar separou quinhentos mil réis de que fez um masso que meteu na algibeira, dizendo-me :

— Guarda o resto para se pagar aos crédores; eu levo estes quinhentos mil réis, tiro uns cem mil réis que tu agora me deves, e o resto eu t'o guardo; conheço o teu genio, se te deixo aqui esse dinheiro, és capaz de o emprestar, e até mesmo de o dares, se alguém aqui vier chorar, e á uma por duas, estás sem vintem. O dinheiro que fica cá fechado não lhe mexas, não pagues a ninguem, porque sou eu que heide fazer esses pagamentos.

Olhando para o sr. Callaya, vi-o admirado, e Maria da Gloria estava com o seu sorriso sardonico escripto nos labios.

Veu o criado chamar-nos para o jantar, e apenas acabámos, o sr. Sant'Anna saiu immediatamente.

— Que tal ! exclamou Maria da Gloria, hoje vae elle jogar e amanhã dir-lhe ha que perdeu. . . . que lhe empreste mais. . . e assim levará tudo.

— Não ; disse eu levantando me por um movimento arrebatado; amanhã ficarei sem um real em casa ! Fiz o sacrificio da metade do meu rendimento para pagar aos meus crédores, e amanhã eu lhes pagarei. Aproveito esta occasião para me separar para sempre do sr. Sant'Anna, não pelo espalhado que por ahi

corre, de levar o meu dinheiro, o que é uma grande falsidade, visto que a nossa posição sempre se conservou independente um do outro. Se algumas vezes elle me emprestava, ou eu a elle, assim que nos era possível, religiosamente pagavamos a quantia em divida.

E' preciso separarmo-nos, porque eu tenho genio orgulhoso de mais, para elle, indomavel egoista.

Ha um veneno para o qual a receita é facil, e que tem um effeito infallivel; esse veneno é o egoismo, o culto do *Eu!*

O egoismo que é contrario a todos os sentimentos, que é a negação completa da verdadeira amizade, é o veloz mensageiro de todos os males, e os sete peccados mortaes não são á sua vista mais do que uma perola, uma joia qualquer!

Não se pode tirar partido d'uma creatura assim; o unico meio é uma separação eterna.

.....
No dia seguinte ao da transacção com o sr. Domingos José Marques Guimarães, ás nove horas da manhã, veio a minha casa o sr. José Maria Dias Torres, dizendo que sabia da transacção que eu tinha feito, e que desejava receber o pagamento da sua divida.

Antes de lhe apparecer tinha eu dito ao sr. Sant' Anna:

—Acho que seria bom pagara conta todaa esse homem.

—Tu estás doida?! respondeu elle olhando fixamente para mim.

—Não, sr. Sant' Anna, mas esse Torres é o credor que eu prefiro ver-me livre primeiro do que os outros. Deve considerar, que me vejo livre d'um apouquentador, e mesmo eu pagando lhe agora, fica-me essa porta aberta para qualquer afflicção, em que me ache. Este homem, apezar de tudo, fez-me grandes obsequios, e pagando-lhe agora a sua divida toda, é para elle, (visto ser um homem que não vive senão para o dinheiro) é para elle, digo, um meio de o recompensar.

—Tudo isto são bonitas historias que elle te contou para te apanhar o dinheiro todo, e depois nunca mais te emprestava um real; finalmente, *eu não quero* que se pague mais do que eu disser, entendeste?

Quando o genio dominador apparecia, o melhor partido era calar-me, e foi o que eu fiz.

O sr. Sant'Anna, fallou ao sr. Dias Torres, e disse-lhe :

—Se o dinheiro chegasse, receberia hoje toda a sua divida; porém como M.^{me} Neuville tem uma conciliação com v. s.^a para pagamentos determinados, estão em primeiro logar umas lettras que andam por fora, pois é justo que ella satisfaça a sua assignatura. Aqui tem, continuou o sr. Sant'Anna contando cento e cinquenta mil réis, do quarto pagamento da prestação conciliada. Aqui está mais, proseguiu elle contando outro masso de notas, o dinheiro que v. s.^a emprestou a M.^{me} Neuville para ella receber o seu seguro de vidas.

—Mas, oh! sr. Sant'Anna, exclamou o sr. Torres, eu devo ser pago primeiro de que todos, e Madame tinha-m'ó promettido.

—Promettido! se lhe chegasse o dinheiro; replicou o sr. Sant'Anna,

—Porém, a minha conta devia ser satisfeita em primeiro logar; balbuciou o sr. Torres.

Vendo que o caso podia chegar a uma altura como anteriormente tinha presenceado quando se soube a noticia do meu legado, e que o sr. Dias Torres queria obrigar-me a assignar-lhe uma conta, sem eu a poder examinar, n'esse dia em que o sr. Torres confessou tudo quanto um homem que tivesse um pouco de sangue nas veias nunca devia confessar; para evitar pois uma scena desagradavelmente similhante, fiz recordar ao sr. Sant'Anna que na sala estava uma pessoa á espera de cobrar uma lettra minha.

Despedindo o sr. Torres, foi comigo á sala terminar com mais um agiota.

Depois de resgatada mais esta divida, deu-me o sr. Sant'Anna o dinheiro para eu pagar ao sr. Thomaz da Costa Ramos.

Assim que chegou o trem que eu mandara vir, fui ao escriptorio do sr. Ramos entregar-lhe dois contos e duzentos mil réis, que elle me tinha emprestado.

Não posso deixar de aqui dizer, que apezar do conselho (circumspecto), o sr. Ramos é um perfeito cavalheiro, admiravel nas suas contas pela justiça e consciencia com que as trata.

A sua bondade leva o a fazer todos os serviços que lhe são possiveis, mas que infelizmente não são conformes aos seus desejos; porque achando-se o sr. Thomaz da Costa Ramos envolvido na empresa dos caminhos de ferro do Barreiro, tem grande parte dos seus capitaes ali empregados; bem como n'uma companhia de aguas, que se chegar a ter effeito será uma obra de magnifica utilidade para Lisboa, visto que o seu fim especial é introduzir agua em todas as propriedades.

Terminadas todas as minhas contas com este cavalheiro, não tenho senão de ficar-lhe sinceramente agradecida por me ter evitado de pedir reforma para as minhas lettras que estavam no Banco.

N'essa epoca paguei tambem varias contas, e como o dinheiro não me chegasse para saldar as minhas dividas nas casas Lombré e Elisa. dei á primeira, por ser a divida mais antiga, cem mil réis, por conta, e á segunda cincoenta mil réis.

Aproveito a occasião para dizer duas palavras sobre a casa Lombré. E' o estabelecimento de modas mais respeitavel que ha em Lisboa.

Lembra-me agora de repente um caso, que não quero deixar de mencionar, e por isso o escrevo já:

Em 1854 ou 1855, houve em Lisboa uma actriz ou

dançarina, que fez furor por ter passado de repente d'uma mina de carvão a ser protegida pelos raios benéficos d'uma estrella scintillante

Oito dias durou na capital o infallivel *zum zum*, e não se ouvia dizer senão que M.^{elle} *** tinha trepado arrojada a *escadaria* do ceo.

M.^{me} *** de um estabelecimento bem, conhecido tendo eu ido um dia comprar, não me lembro o que, disse-me n'uma d'aquellas orgulhosas confidencias que transportam as almas pueris:

— Não sabe? M.^{elle} *** é minha prima, e minha prima direita!

— Ah! exclamei eu.

— E' como lhe digo, prima, e prima direita!

— E só agora é que a conheceu? perguntei cheia de curiosidade.

— Eu sabia, respondeu ella, que tinha uma prima, e que essa prima era bonitinha... mas com certeza só me certifiquei ha dias.

— Dou-lhe os parabens; disse eu.

— Agradeço por ella replicou M.^{me} *** porque realmente é agora a mulher mais feliz que existe no mundo. Ella domina a *estrella*, e se quizesse... casava-se... mas a minha querida prima quer provar o desinteresse do seu amor... acrescentou M.^{me} *** dando um tom quasi sentimental a estas ultimas palavras.

— Pode-se provar o desinteresse, interrompi eu; mas quando se ama verdadeiramente, o coração fica satisfeito de poder estar certo do objecto que inspirou esse sentimento. Bem sabe que essa fortuna a que M.^{elle} *** chegou é tão ephemera que o mais leve sopro de brisa a dobra e quebra. Creio que essa brisa hade vir, se M.^{elle} *** se apresentar em scena com certas joias tão conhecidas... A estrella pode ser constrangida mesmo a desvial-a de si, e então coitada! achar-se-ha outra vez às escuras... e tudo por ter querido brilhar com ador-

nos tão luzentes, que mais poderosa estrella virá a fazer arrancar da sua cabeça . .

—D'isso não tem minha prima receio... respondeu M.^{me} ***; ella sabe dominar bem o seu cometa... Nunca a viu?

—Quem? perguntei eu.

—Minha prima; respondeu M.^{me} ***

—Não, disse eu; mas já que m'a gaba tanto irei uma noite ao theatro para a ver.

Effectivamente poucos dias depois fui ao theatro e pude admirar essa perola decantada que tanto poder tinha sobre tão altas estrellas.

D'ahi por diante, sempre que fallava a M.^{me}, *** levava e'la mais de sessenta e cinco minutos a contar-me as obras de sua cara prima.

Pouco tempo depois, fuzilou um relampago, o trovão ribombou com horrivel estampido, seguiu-se um tremor de terra, a estrella scintillante abriu se, e uma das suas proprias faiscas acabou por destruir aquelle imperio apregoado.

Com effeito M.^{ello} *** tinha caido no abysmo; tanto maior a queda, quanto mais foi a altura a que ambicionou elevar-se.

Tinha vindo para uma praia, appareceu um tubarão e levou-a pela barra forá

Triste destino, o de tão grande imperio!

Então d'essa epoca em diante, M.^{me} *** já me não fallava de sua prima direita; tinha-a perdido do modo porque a encontrou!

Admirada um dia d'esse profundo silencio, depois de tantas aclamações, perguntei a M.^{me} *** o motivo d'aquella modorra.

—Ora! exclamou ella, eu não lhe fallo n'essa rapariga, porque ella me enganou completamente; serviu-se do nome de minha familia, fez-me acreditar . . finalmente, ella não é minha prima.

.

Eis ahí como são em todas as coisas d'este mundo! Na opulencia, quasi dominando uma vontade que domina, era um anjo, uma belleza, uma santa, e queriam o seu parentesco!

Decaida, já não era nada, nem bonita sequer, nem prima em grau de direita . . . era só uma tola, nada mais.

Isto infelizmente não acontece só com as actrizes, dançarinas, ou mais insignificantes creaturas, pois que a historia nos dá o exemplo de reis desthronados, a quem ate negavam as honras que se concede ás mais simples creaturas.

Quem bem comprehender este mundo, tambem o deve saber desprezar.

Sigamos agora as minhas memorias.

Como eu ia dizendo, a casa Lombré é a casa mais respeitavel que ha em Lisboa, tanto pelo seu bom credito, como pela consciencia que existe nas suas contas.

Desde a minha chegada a Lisboa tenho tido contas com esta casa, e nunca tive o mais pequeno dissabor.

Este estabelecimento não é como *muitos outros* que ha por ahí, que vendem um objecto por cem mil reis, e depois quando apresentam a conta, vem pelo dobro ou triplo.

Se alguém faz reparo do *engano*, passam a divida ao procurador instigando-o para que faça embargos e outras desfeitas.

A casa Lombré está superior a todas pela honradez e clareza das suas contas, e boa fé com que uma pessoa é sempre tratada.

D'este estabelecimento não se contam anedotas, nem historias, e outras curiosidades talvez escandalosas.

Em 1854 quando eu estava a morrer, que todas as pessoas a quem eu devia andavam como lobos esfaimados, a casa Lombré conservou-se sempre silenciosa e digna com ella sempre foi.

« M.^{me} Josephina vae morrer, lhe iam contar, mas nós compramos a sua conta.»

« Se ella morrer perderemos, paciencia, davam sempre em resposta; mas não queremos que uma senhora em quem temos toda a confiança, nos possa accusar de faltarmos a um dever para com ella.»

A casa Lombré é pois um estabelecimento serio, e incapaz de abusar dos seus freguezes.

Do emprestimo que me fez o sr. Domingos José Marques Guimarães, dei á casa Lombré cem mil réis á conta da minha divida; e fui depois terminar o pagamento do emprestimo contrahido com o sr. Thomaz da Costa Ramos para pagamento das minhas lettras existentes no Banco.

CAPITULO X

Principio de uma scena.—Desafogo d'alma.—Segunda e ultima vez á Floresta.—Uma mascara misteriosa.—Passeio n'uma quinta.—Minha boa Candida.—O sr. Manuel de Jesus Coelho.—Saio da minha casa.—É nervoso.—Choro.—Cintra e o convento dos capuchinhos.—Fria reflexão.—Escrevo para Lisboa.—Resposta assustadora.—Os juizes enganados fazem uma injustiça.—Sou victima de uma vingança.—Tenho coragem.—Retrato de minha mãe.—Querem as batatas.—Rua do Ferregial.—O sr. Antonio Augusto Coelho de Magalhães.—7 de maio de 1857.—Ultima palavra sobre o sr. Sant'Anna.—Deixo para sempre a rua do Ferregial.

—Preciso de dinheiro para dar ao criado para ir amanhã ás compras; disse eu á noite ao sr. Sant'Anna, quando elle veiu de fora.

—Pois dá-lh'o; respondeu elle.

—Não tenho senão mil e seiscentos réis; respondi.

Foi tão grande o sobresalto d'esta noticia, que tendo

na mão o relógio ao qual estava dando corda, atirou com elle para o meio da casa.

— Não tem! exclamou elle olhando fixamente para mim.

— É verdade que não tenho; disse eu.

— Pois o dinheiro que estava na gaveta, e em que eu te *prohibi* de mexer?!!!

— Esse dinheiro, respondi eu, foi a custo de metade do meu rendimento que o obtive; fiz esse sacrificio para poder pagar aos meus crédores. A quantia que o sr. Sant'Anna levou, disse-me que era para haver sempre dinheiro em casa, eis o motivo por que lhe peço agora algum.

— Tu estás doida! tu pagaste!! Com que hasde agora comer? O dinheiro faltava-me, tinha umas contas a pagar, e por isso já me não resta nada. Mas como tu queres sempre fazer tudo á tua vontade sem me consultares, arranja-te como quizeres, eu não tenho nada, se precisas dinheiro manda empenhar alguma das tuas joias.

— Isso é uma brincadeira, porque eu não heide passar a minha vida n'esses embarços; desempenhar hoje, e amanhã mandar empenhar outra vez; se o sr. Sant'Anna me tivesse dito que levava esse dinheiro porque queria pagar as suas contas, então estava prevenida, e teria pago menos. Porém disse que m'o levava para guardar, e era por esse motivo que eu julguei poder dispor mais largamente . . (1)

— Tu és tola! exclamou elle.

— Bem o sei, sr. Sant'Anna, e ha muito tempo; mas pouco falta para deixar de o ser.

(1) Elle dizia isto, não porque fosse verdade, mas como sabia que eu tendo dinheiro em meu poder, o que tratava logo era de pagar, chegando a ficar sem real, tendo depois que soffrer para o governo da casa, por isso digo que essas palavras que elle me dizia não eram verdadeiras, porque pouco tempo depois de ter voltado de Cintra, essa quantia me foi religiosamente restituída sem lhe faltar um ceutil.

— Que queres tu dizer com isso ?

— Quero dizer que seis semanas antes do entrudo, tomei uma resolução que em breve porei em pratica.

— Tu não és capaz de tomar resolução; e de mais, tu não podes viver sem mim; e se isso acontecer, não passarás de ser M.^{me} Josephina Neuville, e eu serei sempre o deputado Sant'Anna e Vasconcellos! e talvez um dia ministro!!

— Sim, interrompi eu sorrindo, ninguém tira a v. ex.^a as suas *grandes honras*; mas a mim também ninguém me tira a paz da minha consciencia, e a confiança que tenho em Deus.

Realmente é uma coisa incrível a presumpção d'este homem que julgava fazer-me sua escrava! que não considerava que a tristeza que dois annos nutria em minh'alma pela desillusão de todas as minhas esperanças, era como uma doença que se eu não lhe desse um prompto remedio, poderia causar-me a morte.

Quem ignora que uma idéa produz muitas vezes a mesma desorganisação que um veneno?!

Eu até á epoca do carnaval tinha feito algumas queixas ao sr. Sant'Anna do seu egoismo, e da maneira de tratar minhas filhas, e os criados; mas cada vez a sua conducta a este respeito se exhibia sem melhorar.

Desde o mez de fevereiro, em que eu tomei uma resolução irrevogavel, nunca mais me queixei nem lhe disse nada.

Les immuables douleurs n'exhalent aucun cri.

Porém de dia para dia conhecia que era forçoso uma roptura; e terei' eu coragem para isso?

Sim, pois dois annos de soffrimentos e lagrimas era bastante.

Os ferimentos dos espinhos que eu recebi d'esse conhecimento do sr. Sant'Anna, ainda estão assignalados.

Amor, gloria, ambição, tudo é ephemero e funes-

to. São alguns astros igualmente perfidos, tendo apenas nomes differentes.

A morte é uma sombra de fumaça onde a chamma se submerge suffocada, não podendo romper.

Devia separar-me, ter forças para salvar os meus sentimentos antes que elles fossem de todo calcados aos pés; e não devia esperar que minha alma profundamente ferida se indignasse, acabando por amaldiçoar um homem que tinha amado.

A impostura é inteiramente estranha á minha alma, por isso não sei esconder a verdade.

Conheci o amor, os seus doces encantos, e os seus amargos tormentos.

Acreditando n'uma affeição mentida que me juravam ser verdadeira, de que lado parte o crime?

Na minha confiança, ou no abuso que fizeram d'ella?

Por um negro egoismo, fizeram-me soffrer cruelmente, mas não me lamento porque esse desengano deu-me experiencia.

Saberei salvar-me d'uma tyrannia tão barbara; deveria talvez odiar esse homem, mas nem para isso tenho forças.

Deixarei sempre existir um raio de amizade, não d'essa amizade sublime que é semelhante ao amor sem azas, mas sim da singela amizade que é um fraco symbolo de uma luz que teve vida e foi brilhante.

A illusão de todas as minhas esperanças ficará reduzida á poeira que depois de calcada hade extinguir-se.

Dizer que as esperanças de felicidade para o meu coração se apagaram para sempre, seria mentira, porque sem esperanças não se pode existir, visto que ellas são a parte mais grandiosa das illusões, e para as almas sensiveis consideram-se indispensaveis, porque no dia em que ellas nos faltassem, só acharíamos socego e tranquillidade no tumulto!

.

Um dia mandei buscar uma chave de camarote para a Floresta, e ahí fui com minhas filhas, o sr. Alexandre Callaya, e Maria da Gloria. Mas n'esse dia fui menos feliz do que no outro em que eu ia mascarada, porque apenas descemos do trem e entrámos na Floresta, a primeira pessoa que encontrámos foi o sr. Sant'Anna, que dirigindo-se a nós, exclamou:

—Então aqui! o que é isto?

—Venho distrahir me; respondi eu.

—Volte já para casa com suas filhas, disse elle baixando a voz.

—Sim, depois de ver isto; e com toda a placidez fui andando para o camarote.

Dez minutos depois, veio elle e disse-me:

—Então volta ou não volta para casa?

—Ainda não; respondi com descuido socego.

Quando elle viu que eu me assentava no camarote e que tirava as capas das minhas filhas, disse olhando fixamente para mim:

—Já para casa, senão faço aqui um escandalo.

—E' livre, pode fazer o que quizer, como eu sou livre para me deixar ficar; respondi eu.

—Bem, bem, eu já volto, gritou elle; e saindo atirou com a porta.

A esse estrondo todos voltaram a cabeça para o camarote.

O sr. A*** M.*** que estava defronte, assim que o viu sair, veio cumprimentar-nos, e ficou conversando com o sr. Alexandre Callaya.

Minutos depois, uma voz pediu para que lhe abrissem a porta; vimos então entrar um mascarado de uma altura e magreza espantosa.

O seu dominó era preto e encarnado, distinctivos de Lucifer.

—Dou-lhe um conselho, M.^{mo} Neuville, disse a mascara; retire-se antes que o Sant'Anna faça alguma das

suas: elle já não está muito macio; e este aviso que lhe faço é para lhe evitar mais algumas lagrimas.

— Mais lagrimas?!! porque, eu choro? perguntei rindo.

— Agora não, mas já chorou bastante, talvez mais do que devia, continuou o desconhecido; não fique aqui, senão passa algum desgosto.

— Seguir um conselho, disse eu, sem saber quem m'ó dá, não o faço; ainda que não estou em Veneza, ha tanto de que me possa receiar...

— Pois olhe; disse elle voltando-se e tirando a mascara, que tornou a pôr n'um instante.

Levantei-me como se o poder de uma grande mola tivesse jogado em mim.

Fiquei realmente admirada, pois na pessoa que me aconselhava dando-se a conhecer, encontrei quem não podia de modo algum ser-me suspeito, e portanto pedi ao sr. Callaya de ir ver aonde estava o sr. Sant'Anna, afim de podermos sair sem receio.

Voltou, dizendo com voz suffocada que saíssemos depressa, porque a tempestade andava já muito carregada, e se nos demorassemos mais, surgiriam os relampagos e trovões!...

O tempo que gastámos para pôr as capas ás duas meninas, a descer a escada e a entrarmos no trem, foi muito menos do que este que levo a narrar o caso.

Chegámos a casa.

Estavamos ao abrigo, senão do desgosto, ao menos do escandalo!

Já tinha dormido algumas horas, quando acordei ao estrondoso motim que estrugiu toda a propriedade.

Puxei o cordão da campainha para vir a criada, a quem perguntei o motivo de semelhante alarido.

— E' o sr. Sant'Anna que entrou agora com tres sujeitos, mas elle...

— Temos cá gente de fora, disse-me o sr. Sant'Anna, que n'este mesmo momento entrava no quarto; man-

dei apromptar o chá e algumas coisas mais para cear; agora levanta-te para ires lá dentro.

Já algumas vezes tinha acontecido o sr. Sant'Anna trazer *alguns dos seus amigos* a horas improprias, e obrigar-me a levantar para fazer as honras da casa.

Todas as vezes lhe advertia que me desgostava semelhante procedimento; porém, n'esse dia achei que não devia discutir, porque . . . estava proximo o final dos desgostos.

Silenciosa, levantei-me, e fui para a casa de jantar, onde vi tres caras que me eram totalmente estranhas.

Ahi demorei-me duas ou tres horas a ouvir fallar, berrar, e zurrar!!!

Quando me lembro, meu Deus, de tudo quanto soffri, não posso deixar de exclamar:

E' infinita a minha paciencia!

.

Dois dias depois fui n'um caleche com minhas filhas e Maria da Gloria passear á quinta do duque de Cadaval, aonde encontrámos o sr. A*** M***.

Andámos tres horas a conversar, a apanhar flores, e elle a jurar um amor eterno!

Elle era a pessoa que ajudava a salvar-me dos desgostos que eu passava!

Elle parecia de uma semilhança incrível com o meu sempre amado e chorado Henrique! eu tinha pois a esperanza de o poder amar se elle o merecesse.

—Oh! jure que não faz as pazes com esse homem; disse elle, quando eu ia a entrar para o caleche.

—Juro! respondi eu.

—D'esta vez é verdade; ajuntou Maria da Gloria.

Os cavallos do trem partiram a todo o galope.

No dia seguinte principiou a minha correspondencia com o sr. A*** M***.

—Parece-me que a tua doenca é fingida, disse-me um dia o sr. Sant'Anna; pois tu que nunca eras doen-

te estás agora ha seis semanas sempre incommodada, e não podes conversar sequer um momento comigo?!

—Effectivamente estou doente, disse eu, e bem vê que não como nada.

—Mas bebes café, porque é uma coisa que *não quero* que bebas, pois que te prejudica a saude.

—Porque me hade julgar um espirito tão contraditório? bebo café porque é a unica coisa que tomo com prazer.

—Então se está doente, mande chamar um medico, disse elle com voz de semi-trovão.

—Não mando chamar um medico, respondi eu, porque elle nada entenderia do que soffro, e porque os medicos e a sciencia geralmente não teem remedio possivel para curar o moral.

—Então vá ao diabo! replicou elle com voz estridente.

—Ao diabo, não senhor, disse eu; mas ao ceo, ha dois annos que tenho merecido o seu caminho.

—A senhora está agora sempre doente; disse elle á Candida, minha criada predilecta, e unica testemunha dos meus tormentos; que o vinha chamar para almoçar.

—Hade ser hoje o dia! exclamei eu para a Candida, assim que elle voltou as costas. —Diga ao Antonio (criado da casa) que vá á cocheira, e me mandem já já um caleche.

—Veja lá bem, minha senhora; disse a pobre mulher com as lagrimas nos olhos.

—Tem-me visto soffrer bastante, murmurei eu com voz suffocada; affianço-lhe que hoje é mais facil morrer do que ficar em minha casa.

—Um phosphoro, Candida, bradou o sr. Sant'Anna.

Entrando no quarto, poz o chapeo na cabeça e accendendo o cigarro, disse-me:

—Adeus.

—Adeus, sr. Sant'Anna; pude responder com voz meia suffocada.

Elle saiu, e eu levantei-me.

Em poucos momentos minhas filhas e eu estavamos vestidas.

Para o meu plano era preciso dinheiro, e eu não o tinha; por isso mandei metter a caixa do meu faqueiro de prata dentro de um sacco, e munindo-me tambem de uns brincos, e de umas pulseiras, disse eu para a Candida:

—Tenho dinheiro, vou para o campo, e tudo fica acabado entre mim e o sr. Sant'Anna.

—Mas a senhora deve dizer-nos para onde vae; advertiu a pobre criada vendo que eu descia a escada.

—Pois bem, eu o digo; mas juram que não o dizem a ninguem? Vou para Cintra, mas se *el'le* perguntar, respondam que não sabem. Já lhe dei uma carta, amanhã leve-a ao sr. Manuel de Jesus Coelho.

N'essa carta dirigia-me ao sr. Manuel de Jesus Coelho, pedindo-lhe que fizesse comprehender ao sr. Sant'Anna que não podendo soffrer mais, não me queixava e que me separava para sempre; que elle conhecia bastante o meu character para saber que a resolução que eu tomava, era irrevogavel.

Entrei no caleche com minhas filhas e a pequena, criada d'ellas; dei ordem para irmos á rua do Ferregial a casa do sr. Callaya e de Maria da Gloria.

Ao chegar perto das côrtes vejo o sr. Sant'Anna; elle conheceu-nos e mandou parar o trem.

—Então que é isto? exclamou elle; está quasi a morrer, não pode fallar, e vae passear?

—Bem sabe, respondi eu, que as pessoas nervosas precisam muitas distracções; em casa recordo-me de quanto tenho soffrido!

—Soffre o que? o que soffres tu? perguntou elle.

E sem me dar tempo de lhe responder, gritou quasi:

—Aonde vae agora?

—A' rua do Ferregial, respondi eu.

—Sempre á rua do Ferregial; eu já te disse que não quero que vás lá; se tu não sabes, eu t'o digo agora: aquella mulher

.

— Eu não pertendo saber nada do que lhe diz respeito. Bem sabe que não sei nada d'ella, nem do sr. Callaya. Foram apresentados em minha casa por minha tia, (1) eu não os conhecia. Se a Maria da Gloria é realmente vil e desprezível, no dia em que eu tiver as provas, quebrar-se ha este conhecimento, e não tornarei a pôr os pés n'essa casa. Como por ora não tenho provas, vou.

— Pois sim, tudo isto é bello, mas dá ordem para voltar para casa; disse o sr. Sant'Anna.

— Se eu agora mesmo saí de lá!!

— Vá ao diabo! gritou elle, e foi andando para cima, em quanto que o caleche corria pela rua abaixo.

Assim que entrei em casa de Maria da Gloria, disse para o sr. Callaya:

— Offereceu-me de me arranjar dinheiro quando eu quizesse dando algum penhor, aqui lhe trago um faqueiro; e mostrei-lhe o sacco que tinha posto sobre uma cadeira, uma velha que lá servia, que Maria da Gloria dizia ser sua criada, e que dois mezes depois soube que era sua propria mãe!!

— Quanto quer? perguntou-me o sr. Callaya.

— O mais que puder obter; disse eu.

Em quanto ia apromptar-se para sair, contei a Maria da Gloria a firme resolução em que definitivamente me achava a respeito da minha separação do sr. Santa Anna.

— Eu não acredito ainda, disse ella com aquelle sorriso que tanto a faz parecer com um morcego, apezar de ella ser engraçada e bonitinha.

Duas horas depois, appareceu o sr. Callaya com o sr. A*** M***.

(1) Deve-se notar aqui que minha tia foi tambem quem em 1854 introduziu em minha casa M.^{elle} Agostinha Saignard. Por consequencia, já se vê quanto em tudo devo ser grata a minha tia.

—Então fugiu da sua casa? disse-me este ultimo apertando-me as mãos com alegria

—E' verdade, respondeu por mim Maria da Gloria; e ha mais tempo que ella deveria ter tomado esta resolução: ha muito que lh'o aconselho.

—Então o que querem fazer? perguntou o sr. Callaya, olhando para Maria da Gloria, como um cãosinho que espera as ordens de seu doon.

—Vamos para Cintra, disse ella; hoje não porque já não ha tempo; mas M.^{me} Josephina fica com as suas meninas em miuha casa esta noite, amanhã partimos para Cintra, e depois de amanhã tu vens ter comnosco. *Alixande.*

—Cae bem, exclamou o sr. A*** M***, porque parto para o Porto.

Eu já o sabia pelas cartas que tinha recebido d'elle, e por tanto não me admirei.

Porém Maria da Gloria fez muitas exclamações. muitos ah!! e muitos oh!!! parecendo-lhe incrível que duas pessoas que mostravam gostar uma da outra, achando-se em liberdade, não aproveitassem; coitada! ella não sabia, *nem podia comprehender*, que para alcançar a ventura perfeita, é preciso a serenidade em que possam descansar os sentimentos affectuosos que nos partem do coração.

—Agora que está tudo decidido, disse-me Maria da Gloria. vamos depressa para sua casa, porque são horas de jantar, e *elle* deve estar lá. Assim que elle sair, voltamos aqui.

Quando chegámos a minha casa, veio o sr. Sant'Anna esperar-nos no meio da escada, e com voz de Jupiter, bradou:

—Então que é isto? ha duas horas que estou aqui a esperar!

—Peço perdão, mas demorei-me mais do que eu esperava; disse eu.

—Não sou seu criado para estar aqui à sua espera! gritou elle com mais força.

A' vista de tão despotica arrogancia, senti todo o fel, que durante dois annos elle pouco a pouco tinha reunido no meu coração, senti, digo, transbordar-se.

—E' uma vez meu criado; eu bastantes vezes tenho sido sua criada!

E tirando meu chapeo, atirei com elle para cima do sophá!

—Então que é isto? que é isto? gritou elle; queres que eu...? e fixou-me de certa maneira significativa.

Aquella nova grosseria fez acalmar o sangue que me fervia nas veias e senti com o desprezo voltar todo o meu sangue frio.

Vendo que lhe não dava resposta, puxou a campainha, e disse para a criada que appareceu.

—O jantar para a mesa.

Foi a ultima vez que jantámos juntos.

Eu permanencia n'um frio silencio; mas pensava sobre aquelles dois annos que me tinham custado tanto e não podia deixar de dizer que a minha existencia estava quebrada.

Poderia ainda ter tido uma flamma em favor do objecto que amara, mas agora meu coração estava inteiramente mudado. Quando morre a esperanza, desapparecem os derradeiros clarões produzidos pela effervescencia do amor.

Passando-se dois annos d'intimidade, chegando a um rompimento serio, nada mais tem o poder de fazer brilhar de novo uma luz que acabou de reflectir como o ultimo raio d'uma estrella do ceo!

Se por acaso o coração não fica morto de todo, e se acorda, é sobre outro objecto que elle deposita a sua felicidade, as suas illusões!

E' assim que nos fez a caprichosa natureza!

O sr. Sant'Anna vendo o meu silencio, que offendia o seu orgulho despropositado, conhecendo bellamente o meu genio, queria ver se podia obter que uma grande trovoadá se levantasse, porque depois succederia a chuva, e em seguida o tempo sereno.

Eu porém conhecendo tudo isto, e conhecendo mais ainda o meu coração, não quiz que a tempestade tivesse lugar, por isso não me offendi com as suas palavras, com os seus gestos grosseiros, com os seus olhos que pareciam saltar fora das orbitas, nem com aquelle alargar das azas do nariz, que lhe davam uma expressão furibunda.

A sua palidez era extrema. Mau indício!

Permaneci o mais insensível que foi possível; mas vendo que elle principiava de implicação com minhas filhas a ponto de bater nas mãos da mais pequena, creança que todos adoravam; vendo esta nova injustiça, senti as palmadas que elle dava na menina retinirem no meu coração, ao passo que as lagrimas saltaram repentinamente sobre o prato.

Então vendo isto, perguntou me:

— Porque chora?

Se eu lhe dissesse que era por aquellas pancadas dadas em minha filha ficava satisfeito, e isto podia arrastar consigo o principio d'uma scena; para evitar pois qualquer explicação, respondi:

E' nervoso.

Elle deu um pequeno pulo na cadeira, rangeu os dentes, deitou-me um olhar despeitado, mas não disse uma palavra.

Felizmente acabou-se o jantar, e aquelle orgulhoso dominador exclamou:

— Eu venho hoje tarde.

— Adeus, sr. Sant'Anna; murmurei eu.

Chamei minhas filhas e disse para ellas:

— Digam adeus ao sr. Sant'Anna.

Elle fitou-me d'uma maneira singular, mas não disse nada e saiu.

Eu cumpria o meu dever; tudo estava terminado.

Quando senti fechar a porta da rua, caí sobre um sophá, suffocando com o lenço as minhas lagrimas.

«Meu Deus! murmurei eu; e é esta a despedida de uma vida de dois annos!

--E' essa a sua coragem? perguntou-me o sr. Callaya.

—Oh! ella não tem coragem; proseguiu Maria da Gloria.

—Não lhe dou resposta. interrompi eu, porque a senhora *não me pode comprehender*. Mas o sr. Callaya deve ainda saber ler n'um coração, para entender que se não quebram relações de dois annos sem grande soffrimento.

Agora que eu via que tudo devia para sempre acabar-se entre mim e o sr. Sant'Anna, era agora que eu conhecia, que eu comprehendia a força de amizade que este homem soube adquirir do meu coração. O que eu julgára que era apenas uma fraca linha, pelos soffrimentos que me causava aquelle genio, que um dia parecia o de um demonio, e outro o de um anjo, os desgostos causados por aquelle egoismo que matava o mais excellente coração, essa linha, julgava por isso poder quebral a facilmente, e enganava-me! enganava-me, porque ella se tinha refundido n'um fio de ferro!

Tinha amado esse homem com todo o desespero do soffrimento; queria que elle fosse para o meu coração um balsamo que suavizasse a dôr que experimentara. Confesso, amei-o com todo o desespero do remorso, a ponto de lhe dar minha vida se elle m'a pedisse!

A minha dignidade, e o socego interior da minha casa, faziam que entre mim e elle houvesse uma separação, e essa separação devia ter logar.

Eu ia soffrer o que soffri quando o principiei a amar, porque o fiz com remorsos!

E agora, ainda que me custasse a morte, havia de separar-me d'elle.

A luta que entre o meu dever e o meu coração se ia passar era horrivel, e só Deus a saberá!

As lagrimas, só elle lhes dará valor . . .

A força que será necessaria para resistir ao meu soffrimento, só nos olhos de minhas filhas e na religião eu a poderei achar, e heide tel-a! A cruz da redempção tinha sido mil vezes mais pesada, e Christo conduziu-a ao Golgotha para nos salvar.

Vou soffrer, soffrer muito; mas por fim, Deus bom e misericordioso terá dó e compaixão de mim!

.

O sr. Alexandre Callaya vendo as lagrimas deslizar-se por minhas faces, acudiu dizendo-me com voz commovida:

—Deve pensar que essas relações foram a sua desgraça! deve meditar nos desgostos que passou para finalmente . . .

—Oh! o que eu soffro, sr Callaya! tudo poderia ter esquecido, mas pancadas em minhas filhas . . . isso não, nunca! de ninguem!

—Pois não temos tempo a perder, disse Maria da Gloria, porque elle pode voltar; e sinto o caleche que pára á porta. Dê as ordens aos seus criados, e partamos quanto antes, para chegarmos cedo a Cintra.

N'um instante tudo ficou decidido que nem em conselho d'estado, e entrámos no trem, que em breve nos levou á rua do Ferregial.

O sr. Callaya teve de sair depois para fallar a um homem que o esperava desde as cinco horas. Quando voltou já era tarde, e decidiu-se que só iriamos para Cintra no dia seguinte 3 de maio.

Effectivamente ás dez horas do dia immediato, entrámos n'aquella bella villa; ao apear-nos disse Maria da Gloria:

— A estas horas está o sr. M*** na altura . . . na altura . . . e ficou engasgada sem poder terminar.

—Na altura de que? perguntei eu; será do cabo de S. Vicente?

— E' isso mesmo, disse ella ; sempre me esqueço d'este nome !

Desatei uma gargalhada vendo que ella queria fallar em geographia, e não percebia a minha zombaria, dizendo passar o vapor que ia para o Porto no cabo de S. Vicente, e caminhando o barco em tres ou quatro horas aquellas leguas.

— Porque se ri ? perguntou ella.

— E' porque os vapores que vão para o Porto sempre naufragam n'esse cabo, respondi eu ; o que mostra que S. Vicente não é advogado dos *Tripeiros*, nem de quem se digna ir visital-os.

Ella não percebeu nada ; mas sempre quando se fallava na sua presença de alguma coisa que difficilmente podia comprehender, zangava-se, cantarolando alguma modinha, o que provava a delicadeza e esmero da sua apuradissima educação.

No mesmo dia em que chegámos a Cintra fomos aos capuchinhos. Depois de visitar esses nichos aonde os santos frades dormiam, descemos para a quinta, e emquanto o velhinho explicava tudo a Maria da Gloria, disse-me o sr. Callaya :

— Não esteja assim tão triste, M.^{me} Josephina, deve considerar que esse rompimento é o socego das suas meninas, e a sua tranquillidade.

— E' verdade, respondi eu ; e as lagrimas caiam-me pelas faces.

— Mas não deve chorar, continuou o sr. Callaya, rapaz que apesar de alguns erros imperdoaveis, possuia bom coração, e algumas qualidades.

— Não chore, proseguiu elle ; deve ter consolação em pensar quanto o sr. M.^{...} a ama, e que ao voltar do Porto, tendo um perfeito conhecimento d'elle, tambem o amará.

— Não sei, respondi eu ; mas receio o contrario ; sem duvida que uma apparencia brilhante tem sempre um certo prestigio aos olhos de uma senhora, e mesmo é

necessario que ella não julgue tudo philosophicamente. Mas ella deve estimar mais o merecimento do que a apparencia; como deve preferir ser boa, a parecer agradavel. Uma senhora que tem um pouco de espirito, deve ter horror á frivolidade, á mentira, ao egoismo, e finalmente a tudo que estreita a nobreza do coração, e abaixa a dignidade do character.

—Vejo que não ama, e que nunca amará M.***; disse-me o sr. Alexandre Callaya.

—Porque? perguntei eu. Bem sabe que apenas o conheço; agora pelas cartas que vae escrever-me, é que o poderei julgar, e entender por ellas se o virei a amar!

—Não é possivel, tornou elle; não poderá nunca amar senão um homem superior, e M.*** é só um bom rapaz.

—Quando elle voltar do Porto, disse eu, é que lhe direi com sinceridade se as nossas vidas se podem unir, porque isso que acabou agora de dizer, que eu não podia amar senão um homem superior, é verdade. Sei que elle teve durante oito annos intimas relações com D. A.*** que se tem compromettido e sacrificado; elle deve-lhe pois, senão amor, ao menos reconhecimento e gratidão, e por isso não lhe deve dar o pungente dissabor de amar outra mulher. Se elle me tivesse conhecido primeiro do que a D. A.*** então o caso mudava de figura; porém, assim, elle deve viver só para essa mulher. Elle diz que D. A.*** pode ser sua mãe, é verdade; mas elle antes de lhe fazer a côrte, porque não reparou n'essa differença de idade? Se é esse um motivo para a não poder amar com as illusões da mocidade, é ao menos uma razão para lhe ter amizade, e respeitá-la bastante para não dizer as infamias que diz d'essa mulher, pois que assim elle dá uma tris-tissima idea do seu character e da sua honra.

O sr. Alexandre estava calado, e creio mesmo que não ouviu uma unica palavra de que eu acabava de pronunciar, pois tal era o sentido que prestava ao ca-

minho que havia tomado *Maria da Gloria* e o burriqueiro.

Chamei minhas filhas, *gritamos* por *Maria da Gloria*, e descemos aquelles elevados montes tomando o caminho do hotel, aonde chegámos para jantar.

No dia seguinte escrevi para Lisboa afim de mandar buscar à casa *Lombré* um chapeo d'abas largas, para poder andar por aquellas montanhas.

Aproveitando a occasião mandei dizer a minha casa que só voltaria do campo oito dias depois.

Seriam sete horas da manhã do dia seguinte, quando chegou de Lisboa o homem que eu tinha mandado, e me deu uma carta do meu criado Antonio.

—Então não trouxe a caixa? perguntei eu ao burriqueiro.

—Não, minha senhora; só esta carta.

Não sei porque, senti minhas mãos tremerem, e abrindo o papel, qual foi o meu espanto vendo que me davam parte da entrada em minha casa, do juiz eleito e officiaes de justiça, guarda, cabos de policia, e beleguins, por despacho do juiz, a requerimento urgente, pretextando uma fuga, do sr. José Maria Dias Torres.

—Isto é impossivel; di se eu para *Maria da Gloria*.

—O seu criado que lh'o manda dizer é porque é verdade; respondeu ella.

Sentindo rodar um trem, corremos á janella. Era o sr. Alexandre Callaya.

Quando chegou perto de nós, disse com voz tremula:

—Vamos, vamos já para Lisboa.

—Mas então como é isto, sr. Callaya? perguntei eu; como é possivel uma coisa d'estas, se eu tenho uma escriptura publica, uma conciliação feita com esse homem, para lhe pagar cento e cincoenta mil réis todos os semestres, quando recebo da Junta do Credito Publico?! Nunca faltei a nenhuma prestação, a prova é que

ha cinco dias ainda lhe paguei cento e cincoenta mil réis conforme a nossa conciliação; é pois impossível que o sr. Torres por esta acção tão indigna como injusta, tão infame como abusiva, quizesse perder o agradecimento que o meu coração lhe tinha pelos obsequios que me fez.

—Não é impossível, não, me disse o sr. Callaya; porque elle requereu aos juizes pretextando que a M.^{me} tinha fugido, e por isso lhe levaram toda a sua mobilia de casa para o deposito.

—Mas isso é uma infamia! exclamei eu, enganar os juizes, aproveitar as leis de um paiz para satisfazer uma vingança! Elle não ousa tomar satisfação ao homem que o viipendiou, e por isso deixa recair sobre mim todo o furor da sua colera; que miseria! Pois bem, continuei eu depois de um minuto de silencio, esse homem quer a guerra, teremos a guerra! elle não sabe que por bem fazem tudo de mim; mas por mal, nada, nada absolutamente! Vamos almoçar, e depois immediatamente para a cidade.

Assim foi. Nós vinhamos pelo caminho reparando no silencio uns dos outros. Este silencio entristecia minhas filhas e a cara do sr. Callaya era realmente a d'um desenterrado.

E' preciso dar alegria, disse eu comigo; e principiando a cantar uma simples melodia, acabei com uma aria da Norma.

O sr. Alexandre Callaya olhava para mim, e vendo-me rir do seu espanto, então sorriu um pouco.

—Que coragem! exclamou elle por fim.

—Pois assim é que deve ser, respondi eu; o embargo que o sr. Torres fez é um desaforo, é uma miseria, uma infamia. Porém como eu vejo um inimigo de frente, não tenho receio, o medo é só d'aquelles que encolhem as unhas á semelhança dos gatos, para arranhar e ferir n'um momento de distracção. A coragem que eu tenho não é de admirar, estou no meu di-

reito, esta terra não é um sertão! Ha leis, pois são éssas que hão de decidir para castigar essa mesquinha creatura de soberbo nome *Torres!* Elle para satisfazer uma vingança, mente aos magistrados, e obriga-os quasi a um acto despotico e absurdo; e eu para os castigar e desaffrontar-me, levo o meu direito aos tribunaes aonde farei cair a mascara a esse hypocrita delegado, para sua eterna vergonha.

Quando chegámos a minha casa, ainda ahi se achavam alguns officiaes de justiça, que a maior parte das vezes são os satellites da injustiça.

Ao entrar da porta, disse-me um d'esses homens:

— Não se pode entrar.

— O que?! disse eu.

— Não se pode entrar; replicou elle.

— Pois eu não posso entrar em minha casa? perguntei rindo-me.

— Não.

— Vou ao consul, e veremos então, disse eu.

— Vá; foi a segunda resposta.

— E' melhor deixar entrar esta senhora, disse o sr. Callaya, porque se ella fôr ao consul, podem depois os senhores passar mal.

— Deixe entrar; deixe entrar; gritou uma voz esganiçada á porta de cima.

— Podem entrar; disse o beleguim que nos vedava a passagem.

— Muito obrigado, senhor meu guarda portão; disse eu abaixando a cabeça e subindo a escada a rir.

Quando entrei, vi aquelles homens olharem para mim espavoridos; um d'elles aproximando-se disse-me:

— Estamos admirados da energia de v. ex.^a

— A' vista d'uma maroteira d'estas, quem é que não hade ter energia? Eu não venho buscar coisa alguma, continuei eu para aquelles homens; mesmo seria um

pouco difficil, porque não vejo nada. Exijo sómente um retrato.

—O de v. ex.^a já foi; respondeu uma voz.

—Tambem não é o meu que eu quero, repliquei voltando-me para o lado d'onde partia o ecco da voz. E' o retrato de minha mãe, que exijo.

—O de sua mãe, tenho-o aqui, disse um d'aquelles honrosos empregados, mas não lh'o posso dar porque...

Interrompendo-o, disse :

--Pois não sabem' que não podem levar retratos?!

—Podemos; responderam-me.

—Não senhores; podem quando os retratos teem ricas molduras, mas não uma gravura illuminada, por isso peço e exijo o retrato de minha mãe, que o não quero profanado dando entrada no deposito,

—Dá esse retrato; bradou a voz d'um d'aquelles, chamado Carvalho.

Foi-me entregue o retrato.

Toda aquella scena exaltara-me tanto, que assim que tive o retrato nas minhas mãos, arrancando o quadro e deitando-o para o chão, exclamei :

—Quero só o retrato !

Quando iamos descendo a escada, disse o sr. Callaya para o tal Carvalho:

—Vejam, não se esqueçam de deixar ficar alguma coisa; até podem tirar as batatas do quintal.

—Já o quizeram fazer. respondeu o meu criado Antonio; mas o sr. juiz eleito não o consentiu.

Soltando uma estrepitosa gargalhada, bradei :

—Pois quizeram levar as batatas! Ora ainda bem, continuei eu para o sr. Callaya, ainda bem que veio esta caricata nova para me fazer esquecer a zanga que tive do retrato.

Chegámos á rua do Ferregial.

Uma hora depois entrava o sr. Sant'Anna.

— *Cue vous m'avez fais souffrir, Joséphine*, disse elle apertando-me as mãos.

— Pois pensa que eu não soffri tambem? respondi eu; mas era necessario, por isso tomei essa resolução.

— Tudo foi uma creancice da sua parte, redarguiu elle; mas que me fez soffrer muito, ao ponto de eu... eu chorar!... como o fiz diante do Manuel de Jesus Coelho.

— Creancice não é. é uma resolução irrevogavel! Sofreu, quero acreditar o, mas eu soffri dois annos! e soffri calada! verti muitas lagrimas! o seu orgulho queria sempre quebrar o meu; por isso dois annos vivi nas maiores torturas, até que não pude mais!... Foi bom tudo acabar agora, pois que ao menos acaba ficando-lhe com uma amizade eterna!

— Se querem decidir hoje alguma coisa não teem tempo a perder, porque o deposito fecha d'aqui a uma hora; disse o sr. Callaya entrando e interrompendo o nosso dialogo.

— Não, hoje não se pode fazer nada, replicou o sr. Sant'Anna; já dei os passos necessarios; mas o que podemos ainda fazer, é ir ao escriptorio do meu amigo Antonio Augusto Coelho de Magalhães.

— Vamos; disse eu com alegria.

— Conhece-o? perguntou-me o sr. Sant'Anna.

— Só de nome; respondi.

Durante o caminho que fizemos da rua do Ferregial á rua nova do Almada, fui pensando:

«Até que finalmente vou conhecer esse doido cheio de talento e de manias, esse homem admiravel, conhecido por tantas maluquices e excentricidades, esse irmão do sr. José Estevão, digno deputado e primeiro orador do paiz, orador bem comparado ao immortal Cicero.»

Não sei porque tinha ouvido fallar tanto n'elle, e no sr. José Estevão durante a grande enfermidade que tive em 1854, que me interessava o seu conhecimento. Ouvira então contar pela bocca da ultima enfermeira

que tive, e que foi tambem a que tratou do sr. José Estevão, quando elle esteve perigosamente doente, tantas e tantas coisas intimas d'esses dois irmãos, que não podia deixar de estimal-os e admiral-os juntamente.

Foi n'esse dia 7 de maio de 1857 que entrei pela primeira vez no escriptorio do sr. Antonio Augusto Coelho de Magalhães, confiando a esse illustre advogado todos os meus interesses; jurando me elle que antes de um mez teria tudo fora do deposito, visto não existirem leis que podessem coadjuvar o sr. Torres na maroteira que me tinha feito.

Foi pois no dia 7 de maio de 1857, que fallei pela ultima vez ao sr. Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos.

Tudo entre nós estava para sempre terminado.

Eu tinha soffrido bastante!!

A vida de dois annos de lagrimas estava para sempre acabada!

Meu coração soffria!!

Não se quebra uma intimidade tão longa, embora tempestuosa e martyrisada, sem se ter bastante coragem, grande força de resignação, a ponto da alma ficar quasi sem alento! Soffria muito, e Deus o sabe!

N'uma idéa, n'um só pensamento achei o conforto que me era necessario.

«Este homem nunca me teve amor!»

Estas palavras que passaram a meus ouvidos, como pelo effeito d'uma varinha magica, foram o balsamo que me incutiu coragem.

Nunca me teve amor, nunca amou, nunca hade amar ninguem!

Entre o seu coração, e o seu affecto, está um obstaculo invencivel — *o seu egoismo!*

Poderá ainda fazer acreditar que ama, isso póde, porque a mim tambem m'o fez acreditar, a mim, que sou das mais scepticas a esse respeito.

Acreditei é verdade, mas não foi por muito tempo.

D'essa epoca em diante é que fiz então a anatomia d'aquelle character bom, mas que um profundo egoismo, e um orgulho desmedido, arruina e perde.

Depois de ter fallado no sr. Sant'Anna, de ter escripto o seu character, como elle realmente é, resta-me desenhar o seu character como homem politico; esse é o d'um ente verdadeiro, e incapaz de atraíçoar a sua patria e o seu partido, seja por que somma fôr!

Assim como disse sem rebuço a verdade sobre o seu incomparavel egoismo, digo tambem o que é exacto e incontestavel, a respeito da honradez do seu character como homem publico.

O sr. Sant'Anna, como eu já o disse, é semelhante a uma creança para quem souber e tiver paciencia de o querer levar.

Fallando-se-lhe como se diz vulgarmente ao seu coração, tem-se obtido tudo.

Uma creatura que não tiver orgulho, hade ser muito feliz como elle, que sonha dia e noite o modo de abater o orgulho dos outros.

Para isso, é preciso uma creatura que dependa tanto d'elle, que se não importe de servir-lhe de escrava e capacho. (1)

Em quanto ao boato espalhado de que elle me desfrutava, gozando-se do meu dinheiro, é uma calumnia.

Quem o conhecer bem, ter-lhe-ha feito justiça não acreditando esses boatos.

Por estas memorias se justifica que eu já tinha dividas, antes de elle vir a minha casa. Depois aquelle atrazo que tanto me embaraçou quando tive de pagar os direitos de transmissão concorreu progressivamente para o estado de difficuldade que me persegue.

(1) Acho que devo pôr aqui esta nota: a 12 de 1857 achou o sr. Sant'Anna na filha do sr. Villar de Perdizes com quem se casou uma perola, pois que essa senhora reúne as mais eminentes qualidades á mais sublime dedicação.

Effectivamente, algumas vezes tive o gosto de emprestar ao sr. Sant'Anna algum dinheiro, ao que elle muitas vezes retribuia, emprestando-me tambem.

De parte a parte, a nossa posição sempre se conservava na independencia um do outro.

Entre nós, contrahimos dividas e essas dividas eram religiosamente pagas.

E não era de justiça, vivendo como viviamos, que nos ajudassem nas nossas finanças, um ao outro?

Como se tem visto, os nossos genios sempre em opposição declarada, sempre em guerra como duas potencias fortes, os nossos orgulhos não permittiam favores que podessem abater um, elevando o outro.

N'estes combates se vinha ao campo qualquer d'estas balas era logo correspondida com uma de equal calibre.

Como homem politico, o sr. Sant'Anna em todo o tempo que escreveu no *Portuguez*, na questão de finanças, foi aonde mostrou mais desinvolvimento.

Embora pouco justo nas offensas ao ministerio, foi energico nos seus artigos, que saíram a publico bem fundamentados, e de um argumento muito feliz.

Dias depois d'aquelle memoravel e completo desfecho aos meus dissabores, recebo pelo correio um jornal do dia 8 de maio.

Admirada corro com a vista todas as columnas, até que vejo no noticiario estas famosas linhas:

«Um espectaculo desu ado.

«Hontem ás dez horas da noite, passava pela rua do Chiado um prestito desusado e que attrahia por isso a attenção geral.

«Uma chusma de gallegos conduzia a mobilia completa de uma casa, acompanhada por officiaes de diligencias e por municipaes. A mobilia era rica e de muito gosto. Cadeiras, fauteuils, sophás, etagers, chinoiserias, serpentinas ainda com os cotos das velas, piano etc etc. tudo abi ia ás costas dos gallegos.

«Muita gente seguia o prestito, e as janellas abriam-

se, e não poucas pessoas appareciam attrahidas pelo burburinho e tropel da gente.

«A todos causava estranheza semelhante espectaculo a taes horas da noite ; nós, que n'essa occasião desciamos pela rua do Chiado, tambem nos admirou ver aquelles trastes acompanhados por municipaes. Julgámos ao principio que seria algum roubo, e como somos curiosos, para nos tirarmos da duvida dirigimo-nos a um individuo decentemente vestido e que parecia ser homem serio o qual estava parado, observando o caso.

—Sabe dizer-nos o que significa isto? perguntámos nós.

—Os trastes que ahi vão foram penhorados a uma dama estrangeira ; respondeu-nos o tal individuo.

—Mas então a penhora fez-se de noite?

—Não senhor, fez-se de tarde ; mas como a dama estava ausente em Cintra, foi necessario entrar á força na casa, precedendo autorisação judicial, e com assistencia da autoridade administrativa: foi por isso indispensavel redigir uns poucos de autos da diligencia, o que a demorou até estas horas.

—Mas porque se empregou tanta violencia?

—É uma violencia usada em taes casos; allegou-se a ausencia, ou perigo de fuga, isto não sei eu bem como foi, e procedeu-se á penhora.

—Se não sou importuno desejava que me dissesse, se o sabe, quem mandou fazer a penhora.

—Ouvi dizer que fôra um tabellião que emprestara dinheiro á dama, ou que comprara uma divida d'ella.

—Pois ha tabelliães usurarios?!

—Estão no seu direito, negociando á sua vontade.

—Assim será; mas parece-me que um tabellião não deve figurar em transacções d'esta ordem, especialmente quando tem um character usurario.

—A lei não o prohibe, mas a moralidade, o respeito que deve inspirar um official de fé publica, não permit-

tem que o tabellião seja agiota ; sabe quem é o tabellião ?

— Sei ; digo-lh'o, mas não o divulgue.

Com effeito, disse-nos o nome do tabellião ; é escusado porém que os leitores o saibam, porque não interessa a historia.

Despedimo-nos então do nosso informador, agradecendo-lhe a sua cortezia.

O prestito seguiu para o deposito publico, onde a mobilia devia ter entrado.»

Recebi tambem o *Portuguez* do dia 13 contendo o seguinte artigo:

«Que tabellião!»

«O *Jornal do Commercio* de sabbado, narrando a passagem de uma mobilia de gosto, que ás 10 horas da noite caminhava para o deposito, a embargo de um tabellião, admira-se que tambem senhores d'estes cargos se tornem usurarios, e isto sendo pouco minucioso, porque o autor da noticia apenas tivera tempo de indagar o motivo do pomposo acompanhamento dos moveis.»

«Nós, porém, bem informados da questão, vamos pôl-a em pratica porque offerece algum interesse, prevenindo as pessoas de boa fe, contra esses agentes sem consciencia, que apparecem subtilmente com boas palavras e obras, para depois levarem o fructo da sua miseravel agiotagem.

«A dama, a quem se refere o *Jornal do Commercio*, fizera ao tabellião o contrato de pagar de seis em seis mezes, uma prestação, para amortisar o capital da sua divida, e com effeito o sr. Dias Torres, que assim chama quem occupou o logar de delegado, e hoje exerce este outro, recebeu as trez primeiras prestações, e a outra vencia-se para o S. João d'este anno.

«Tendo se, porém, a dama retirado a passar oito dias em Cintra, o tabellião requer ao juiz um embargo, pretextando uma fuga da parte da sua devedora, e não sa-

bemos com que testemunhas, justificou esta falsa asserção, a que o juiz deferiu.

«Consta-nos que o tabellião sabia perfeitamente que a dama tinha ido para Cintra, e tambem que dias antes tendo ella comprado um faqueiro de prata ao sogro do dito tabellião, este lhe escreveu immediatamente pedindo-lhe o faqueiro em paga da sua divida; exigencia tão miseravel que todos certamente recusariam.

«N'isto o usurario jurou vingar-se; aproveitando-se da ausencia da sua devedora, entrara-lhe em casa, e violando o contrato a que se achava ligado, executou o torpe absurdo projecto, de pôr a mobilia toda no meio da rua, pertendendo tambem as grades de madeira do jardim, e segundo nos consta, as batatas do quintal!

«Ao olhar d'aguia do dito tabellião, escaparam ainda uma estatua da cascata, e os peixinhos do tanque!

«Livre-se, pois, o publico de ter contratos com um homem d'estes que estando ligado a receber prestações, enganou o juiz com uma falsidade, para realisar um intento vergonhoso.

«A dama vae provar como era falsa a fuga de que a julgaram culpada, e nos tribunaes terá o tabellião de responder pelas perdas e danos, que sem duvida hão-de ser grandes.

«E são homens d'estes que occupam no paiz os logares de importancia! São consciencias d'estas, que buscam para ornamento da magistratura!

«Os homens de bem são destituídos de todo o favor; os d'esta qualidade são accumulados de cargos, acreditam-se e obsequiam se!»

Recebi depois tambem o *Jornal do Commercio* do dia 14 que dizia:

«Abusos da justiça.»

«São geraes as queixas pelos vexames que se estão praticando com os embargos ou arestos nos tribunaes de primeira instancia d'esta cidade.

«Este meio é concedido pela lei para segurança dos

crédores, unicamente nos casos em que se prova a certeza da divida, falta de bens de raiz, e suspeita de fuga; por ser odioso, só por excepção deve empregar-se, e é por isso que os juizes, honestos e escrupulosos não são faceis em os decretar.

«Em Lisboa está porém acontecendo o contrario; fazem-se embargos todos os dias, procura-se para isto um certo juiz e um certo escrivão, que parece serem os privativos d'estes processos; perguntam-se testemunhas de salto, e até se diz que ás vezes, em casa do escrivão e sem a presença do juiz. Decretado o embargo, procuram-se certos officiaes de diligencias, os quaes mediante uma distribuição mais avultada, invadem a casa do cidadão, lançam mão dos seus moveis, causando-lhe grandes prejuizos e despezas. E para estes vexames bastam os depoimentos de testemunhas que Deus sabe com que verdade depõem.

«O que aqui dizemos é uma verdade sabida de todas pessoas que frequentam o foro.

«Convencemo-nos de que basta esta prevenção para que o abuso cesse; porém se continuar teremos, contra nossa vontade, de tornar bem, publicos certos factos que sabemos e os que forem occorrendo, e não occultaremos os nomes dos que costumam figurar n'estas violencias e em tão escandalosos vexames judiciaes.

«O facto do embargo que ha dias noticiamos comprova o que deixamos dito. O tabellião credor sabia perfeitamente que a devedora não fugia; que não havia circumstancia que fizesse suppor a falta do pagamento, e apesar d'isso arranjou as testemunhas necessarias; fez o embargo com inaudita violencia e apparatus desusado, deixando os moveis á chuva, do que resultou estragarem-se.

«Se houvesse mais escrupulo não se teria praticado semelhante vexame.

«Outro abuso que existe no tribunal da Boa Hora, é que os empregados de justiça raras vezes se regulam pela tabella dos salarios; por qualquer acto do seu of-

ficio exigem o triplo ou quadruplo do que legalmente lhes pertence.

«Os officiaes de diligencias são os mais exigentes, nenhum faz uma citação ou penhora pelo salario da tabella; o que elles, com incrível descaramente proclamam. Os juizes teem conhecimento d'estes abusos, a elles cumpre dar-lhes remedio.

«Tambem a este respeito possuimos grande copia de factos, que publicaremos, se não houver emenda, com os nomes dos individuos que n'elles tomam parte.

«Podem estar certos que seremos inexoraveis! é preciso que a justiça não seja um vexame, mas uma protecção».

E finalmente recebi o *Portuguez* do dia 19 de maio, aonde achei na correspondencia, o seguinte:

«Um tabellião de Lisboa.

Lisboa 17 de maio de 1857.

— Sr. redactor.

«Responder ao sr. José Maria Dias Torres, que n'este jornal de 15, inseriu as mais escandalosas embofias, deve parecer pueril, e com tudo é necessario, desprezando tanta picardia, observar as asserções d'este doutor, ex-delegado, e actual tabellião, que tem indispensavelmente pelas incontroversias que se encontram na sua correspondencias, a ingenuidade de quem parece não ter ido a Coimbra, porque admira que sendo tão bom agiota não tenha alguma reminiscencias de logica, e creio até que de algumas das partes da grammatica, visto a maneira porque redige o artigo.

«Diz o tabellião, que pertendia desmentir o calumniador, e conseguiu-o tanto, como provará á sua devedora a quantia de que se disse credor, sendo o proprio a confessar que fôra obrigado por falta de provas ao abatimento de 136\$000 réis. Accrescenta que fôra chamado como advogado por parte de M.^{me} Josephina, quando isto é uma evidente falsidade de que sou testemunha.

«O sr. Dias Torres foi offerecer-se á dama que o não conhecia, e que teve a imprudencia de se confiar das suas boas palavras e promettimentos, que protestaram assegurar-lhe a herança dos 40 contos de réis, promptificando-lhe voluntariamente alguns dinheiros, que Madame nunca teve a curiosidade de acceitar, e não á força como indigna e miseravelmente o tabellião publicou, dizendo que lhe chegaram a tirar 500 réis do bolso!

«A linguagem mostra bem uma certa avidez da parte d'este agiota, que levou a calumnia até este lastimavel grau! Esta asserção mentirosa e infamante não tem analyse, merecia corrigir-se de outra maneira.

«Os bons intentos, as generosidades, esse monte de serviços sem interesse proprio, que apregoa em seu desdoiro vergonhosamente esse fanfarrão de obsequios, que não merece exercer o logar que occupa, fizeram-se na mira do récebimento dos 40 contos, o que antes devera ter confessado, e não com aquella pureza de alma e magnanimidade de acções que se desconhecem no character d'este sofrego agiota. Offereceu-se incontestavelmente, não diga que o chamaram, não busque a falsidade quando pertende accusar os verdadeiros de calumniadores.

«Toda a correspondencia do sr. Dias Torres o condemna de principio ao fim, e comprova a agiotagem de que anda fazendo victimas os incantos que o acreditam.

«O tabellião tem a temeridade de confessar que estava ligado a receber uma prestação em cada semestre de 150\$000 réis, e o juro de 5 por cento, em quanto não pagasse 1:200\$000 réis, e depois de se lhe não ter faltado a nenhuma d'essas prestações, como não é capaz de provar o contrario, requer ao juizo, dizendo que a devedora vae fugir, que perde o seu dinheiro; que é uma burla manifesta porque a dama de quem é credor tinha ido para Cintra, havendo recebido algum.

juro das inscripções, que o tabellião diz ser sua garantia, como se o pagamento estivesse ligado a esse compromisso ou clausula.

«A devedora podia receber das inscripções o juro que pertendia, e não lhe pagar senão quando tivesse chegado o dia determinado da prestação.

«N'isto não houve burla, sr. dr. das conveniencias, houve uma insaciavel cubiça, uma voracidade incrível!

«Confessa mais ainda este tabellião agiota, que para este fim (o do empréstimo) promptificara pelo seu muito amor á tranquillidade e interesse da sua antiga devedora, umas 5 libras. (Isto depois de soffrer o grave desgosto da sua primeira divida ter levado o corte de 136\$000 réis, de que muito se queixára, e cuja perda era do seu dinheiro desembolsado!

«Como o sr. Torres se dera mal nos seus negocios com esta dama! Recebeu na occasião de se effectuar o empréstimo (seu segundo contrato com M^{me} Josephina) uma certa quantia e que tambem teve a innocencia de confessar; mas como a sua avareza não estava sufficientemente satisfeita, exigiu miseravelmente, (como o affirmou) o celebre faqueiro de prata, que lhe tinha dado no goto, e que a dama fôra comprar ao sogro, isto pelo meio de uma carta muito attenciosa, propondo-se a perder 200\$000 réis!

«Ora esta é que é a verdadeira questão.

«Como este apreciavel doutor e estimavel tabellião é muito puro de consciencia e tem na alma as famosas intenções de um outro Jacques Ferrand, faz negocios e empresta dinheiro só para perder avultadas quantias... Realmente é admiravel este modo de negocia... Porém, o que admira sobre maneira é que não estando provada a fuga, como o sr. Torres embargou a mobilia! Ora... como! se aqui não houve mais do que a recusa do faqueiro que brilhou tanto aos olhos do tabellião, agiota consciencioso, e que só trabalha para

adquirir licitamente para suas filhas o que pode alcança .

«Estas são as suas expressões; pertendeu ver se pelo sentimental, e fallando das filhas, enternecia o publico para que tivesse dô . . da sua miseria!

«Vejam que alminha tão boa atravessa escrupulosamente este mundo de traficancias e embustes! que consciencia tão pura e livre de peccado!

«Mas no meio d'estas santidades, nãe se esqueceu de se desculpar da asserção feita pelo apparatus desusado de que se serviu, e declara que era indispensavel pelas pessoas com quem havia de lutar.

«Este combate effectuou se com a ausencia da devedora, e com as argolas da porta.

«O tabellião por modestia não quiz dizer que buscou grande numero de tropa para fazer maior o vexame, pela vingança mesquinha e insolente da dama não lhe querer dar para pagamento da divida o faqueiro de prata que era tão lindo! . .

«Em todas as palavras se conhece o despeito d'esta miseravel picardia, chegando ao arrojo inaudito de pintar falsamente um estado de nudez a que a devedora não chegou, porque em sua casa tinha ainda objectos de valor, que querendo desfazer-se d'elles, bastariam para livrar-se d'essa indigencia descripta mentirosamente, até receber o seu legado

«Saiba pois o tabellião, que a devedora não nega a sua divida, nem foge por similhante motivo, como teve a audacia de o querer fazer acreditar; mas protesta não pagar, até que em juizo lhe responda pelas perdas e danos causados porque vae justificar com exorbitantes e incontestaveis provas, a falsidade d'essa vil accusação, e de algumas injurias tambem.

«O processo já foi instaurado, e lá no tribunal competente ajuizarão os factos e as consciencias.

O tabellião não chegou a possuir o faqueiro, mas ima-

ginou o intento das batatas do quintal e o das grades do jardim!

«Parece incrível que até semelhante ponto quizesse estender o sudario vergonhoso das suas villezas, até n'isto demonstrou que só era o culpado, porque pertendia uma desforra, e não a falta do pagamento por vencer.

«Ninguem veio a publico defender o sr. Torres, foi elle o proprio que fez a sua apologia, condemnando-se mais.

A mim poderá alguém censurar-me, mas nem eu só tomei a peito esta questão, a imprensa debaixo de toda a imparcialidade commentou-a tambem, e a imprensa devia fazel-o. Embora lá vá o tempo em que os nossos cavalheiros tinham por santo dever o defender uma dama aggedida, a imprensa não consentirá jamais, que um homem abuse da confiança de uma senhora, e a afrente porque não cedeu a uma torpe cubiça.

«E é o sr. Torres o escolhido para exercer o encargo de tabellião!

«Deixem soltar o vôo d'essa ave perigosa, e consentam que a magistratura tenha por ornamento mais esse personagem.

Para justificar a devedora, basta dizer que não faltou aos seus pagamentos; para condemnar o crédor, basta dizer que um agiota nunca leva em mira fazer obsequios, tem sempre na idéa o .. o seu interesse unicamente.»

De v. etc. etc.

F. S.

Além destes jornaes que me chegaram á mão, alguns havia mais, e com especialidade a *Revista Universal*, dava tambem o caso a publico, admirando-se do escandalo

Disseram-me que esse sr. Torres escrevera contra mim, porém esse jornal nunca veio ter á minha mão, e eu não queria descer a mandal-o buscar, porque ás

vezes ha insultos tão baixos e tão ignobeis, que vale mais uma pessoa deixal os cair com desprezo no lodagal d'onde saíram, porque d'esse modo á similhaça d'uma bala elastica, vão saltar á cara de quem os lança.

Por as linhas que eu lia nas folhas periodicas, que me mandavam, conheci que se em Lisboa havia gente para fazer desfeitas torpes, e juizes para coadjuvarem similhantes abusos e injustiças, tambem havia quem tivesse bastante coragem para pegar na penna e castigar severamente a immoralidade do facto, defendendo quem era innocente, e desmascarando sem dó, o ultrajante e os complices d'elle.

Na conformidade das promessas do eminente advogado Antonio Augusto Coelho de Magalhães, e das promessas do sr. Severo pessoa a quem devo as maiores finezas pela maneira com que tratou d'este negocio, não se poupando a nenhum incommodo o sr. Severo Junier, conhecido pelo seu genio impetuoso, e pela honradez do seu character, tornou-se para mim crédor de eterna gratidão pelos obsequios que em tal caso me prestou na conformidade pois, d'essas promessas, voltava eu para minha casa, visto que a minha mobilia tinha saído do deposito e regressava tambem a ella.

Um mez tive que estar fora da minha casa, e esse tempo foi o mais insupportavel que passei na minha vida.

Esse mez estive em casa do sr. Alexandre Callaya, e de Maria da Gloria: Ahi tudo me repugnava: A vida d'esse casal, algumas das visitas antipathicas que iam áquella casa, e principalmente uma rapariga intima amiga, e antiga *correligionaria* de Maria da Gloria, a respeito da qual só fiquei bem sciente de certos factos, quando voltei para minha casa.

Antes d'isso, porém, já me revoltava a sua indigna conducta, pois que estava recebendo os beneficios d'um homem *casado*, que faltava talvez ao necessario a sua mulher e a seus filhos, para sustentar o luxo que essa

creatura lhe exigia, recompensando lhe isto, a partilhar com certo rapaz do *tom* os sacrificios do pobre credulo!

E ainda que fosse a força de amor, ou outro qualquer motivo devia saber afastar-se d'uma situação que a submergia n'um charco immundo.

Essa mulher dizia que não podia viver sem esse homem!

Isso é bello e grande, e até sublime no coração d'uma mulher; mas se o amava, porque não deixou o luxo e as modistas, invejas e caprichos, a sua lealdade e independencia, que faz sempre toda a mulher que quer provar que o seu amor é verdadeiro.

Margarida Gauthier no momento em que se dispoz a aceitar o seu amante, desprezava com sublime energia os montes de oiro que outro homem lhe offerecia. E ella trocou o fausto simplesmente pelo amor do seu apaixonado.

Sacrificios assim, revelam o amor, e tornam a mulher sublime.

Mas essa mulher não estava n'esse caso, e dizia que o seu amor não a podia afastar d'aquelle homem, por isso que o amor obriga aos maiores sacrificios.

Tal bocca infame proferindo isto, profanava a mais completa e divina das palavras.

Oh! essa mulher devia calar-se quando não quizesse confessar que n'ella o que só dominava era o vicio, e a perfidia!

.

Foi pouco tempo depois do embargo que o sr. Torres mandou fazer sobre a minha mobilia, que uma historia quasi principiada no Rio de Janeiro queria ver se obtinha principio e fim em Portugal.

Esta historia é uma infamia, e eu devia levantar ao

menos uma das pontas ao veio com que desejo encobri-lo.

Mas não, as leis humanas obrigam-me a sepultar essa infamia, esse ultraje incrível, de que farei um mysterio, o unico que se encontrará n'estas memorias.

Os srs. Sant'Anna e Vasconcellos, Antonio Augusto Coelho de Magalhães sabem se é o meu rigoroso dever ou não, guardar sobre esse mysterio um silencio sepulchral.

Se eu quizesse commetter esse crime, a minha situação mudaria, e estava livre de mandar todos os dias empenhar o que tenho; mais antes mil vezes todos os sacrificios, do que um crime! antes esperar que todos os recursos me faltem de todo, e tomar por ultimo expediente fazer um appello aos corações generosos, a quem a humanidade aconselhará que salvem uma mulher que esgotará todos os meios, que se arrastará aos maiores sacrificios mas que nunca commetterá uma acção contra a sua consciencia.

.....

Um mez depois de ter regressado de Cintra, deixava a habitação de Maria da Gloria, e jurei de nunca mais pôr lá os meus pés.

Repugnava-me ir para um hotel, fui para casa de essa gente, que apesar de virem quasi todos os dias a minha casa, eu não os conhecia ainda.

Porém quando o véo caiu, esse conhecimento não me podia convir.

Não acontece quando uma pessoa está no campo, ter de repente vontade de ir passear só? De sentir na solidão a doce brisa que respira entre a verdura, e que nos vem beijar as faces? Ouvir distante os murmurios d'um rio? e os olhos levantados admirando as brilhantes estrellas que fulguram n'um coo azul e sem nuvens?

Oh! de certo, é esse um prazer sublime!

Caminha se por meio de escuro bosque, por entre verdes ramagens, ao clarão d'um meigo luar, e o espirito entretido esquece-se do mundo positivo, transporta-se ás regiões do idéal, em que a alma se eléva toda a Deus! e as lagrimas rebentam dos olhos com jubilo, e n'um gozo infinito.

Assim se caminha sem ver o terreno que se pisa, sem saber o espaço que se vence; é porque a alma ali só existe.

Ao sair d'este encantado lethargo, o animo desfallece, os pés pisam agudos espinhos, e fica-se atormentada como acontece no fim d'um sonho em que tudo é doirado e illusorio!

CAPITULO XII

Final. — Plano. — Ultima saudade ás minhas amigas. — Pequena, mais sublime poesia de lord Byron. — Arremate.

Remato pois estas Memorias, não devendo comtudo fechal-as sem deixar n'ellas algumas palavras de agradecimento ás pessoas com quem tenho tido contas desde a minha chegada a Lisboa, sobretudo em especial á casa Lombré, estabelecimento muito digno por todos os sentidos; de um commercio leal, honradez, probidade, e merecedora de todo o conceito e confiança.

E a casa de modas em Lisboa frequentada pelas pessoas mais sisudas da verdadeira sociedade, e que não consta ter ainda apresentado duas contas a um freguez, com duas sommas diversas, aonde parece que uma especie de juros faz crescer as parcellas, visto que a primeira diminue da segunda.

Em todo o periodo que fiz gasto da casa Lombré, nunca achei abuso nas sommas.

Sucedeu muitas vezes terem-lhe ido propôr a venda da minha conta, e ella nunca acceitou.

M.^{me} Ponete que está á testa do armazem, merecera de S. M. a sr.^a D. Maria u uma decidida sympathia, de que realmente foi digna, porque se não poupa para agradar tornando-se querida das pessoas que tratam com ella.

Este dote privilegiado não é facil de encontrar-se n'outro qualquer estabelecimento, em que ás vezes á propria grosseria afugenta os compradores.

Para fazer justiça á casa Lombré basta dizer-se que não tem demandas, e que os seus freguezes se uma vez succede não poderem pagar, estão livres de verem á porta um *beleguim*, com mandados de penhoras e de embargos.

Se tenho, por infelicidade minha, tido contas com algumas pessoas de má fé, em compensação encontrei tambem pessoas de toda a honradez, sendo uma d'essas o sr. João Soares Zagallo, com armazem de moveis na rua Nova Carmo, pessoa de toda a confiança e probidade.

Os seus preços são algum tanto altos, porém sabe-se que tudo quanto sae da sua loja é bom, solido, e o mais bem trabalhado possivel.

A delicadeza que este artista usa com os seus devedores, faz que sempre lhe tributem sinceros agradecimentos.

O sr. dr. M.*** A.*** é que me obteve não sei se por elle, ou por alguém do seu conhecimento seiscentos mil réis sobre uma lettra com a minha unica assignatura. A esta evidente prova de confiança, heide sempre conservar-me grata, por me julgar incapaz de commetter um abuso, e não erraram por mais avultada que fosse a quantia.

Este doutor espiritualista critico, é temivel nas suas empresas, e muitas pessoas de um nome conhecido,

soffreram resignadas o golpe de uma setta mais ou menos ajuda.

Arrematarei pois aqui estas Memorias do primeiro periodo da minha vida, esperando talvez no segundo que me não resta menos que contar se a paciencia me não faltar, e se os curiosos não receberem mal esta sincera confissão em dois volúmes.

Se os meus queridos leitores e leitoras commovidos de algum interesse por esta sua muito humilde serva, quizerem saber novas minhas, podem indagar como existo n'este mundo.

Mal pelos bens materiaes, mas descansada e feliz, porque tenho a consciencia em paz, e a esperanza em Deus!!

Estes dois beneficios do ceo dão força e coragem.

Eu que não queria sair do *Sacré-Coeur*, que desejava consagrar a minha existencia a Deus. farei de conta que esta casa aonde habito é um pequeno *Sacré-Coeur*, sem capella, e sem freiras, é verdade, mas tão sujeita ás inspirações divinas, que lá nos elevava a Deus, como a sinceridade da prece tão filha de um amor profundo ás coisas sagradas.

Era assim no *Sacré-Coeur* de Conflans, e no da rua de Varennes.

Eu que ambicionava a vida de tranquillidade perpetua das minhas queridas damas d'aquella santa instituição, como sou agora tão feliz como ellas?!!

Soffri muito, é verdade, passei por bem crueis tempestades da vida; mas estou (espero eu) no porto do salvamento.

As religiosas amavam a Deus! Mas quem as amava a ellas? Algumas pensionistas como eu então!

Quanto sou mais feliz do que ellas! amo a Deus de todo o coração, e para ser amada tenho as minhas filhas!

E' verdade que sei, que muito bem conheço que sou ainda nova para fazer protesto de morrer para o

amor, e como não juro senão quando tenho a intima certeza de cumprir; nada juro ainda, mas digo que fugirei quando sentir que meu coração intenta accor-
dar do meigo lethargo em que existe.

Terei receios de amar é verdade, porém se houver uma creatura no mundo que me diga:—amo-a!— e que respeitando o affecto que sempre heide conservar a Henrique, comprehende quanto meu coração soffreu por esse terrivel golpe que passei, que saiba amar como se ama uma pobre flôr, cuja a existencia depende da execução dos seus caprichos, porque se vê quasi vergada para o chão, e só mão delicada poderá erguel-a e sustentel-a; oh! então, sim, essa creatura, amal-a-hei com todo o extremo do sentimento da ternura. Então poderei fallar-lhe livremente de Henrique, sem que venha converter em crime esse amor puro e santo.

Uma creatura que reunindo á alma verdadeiros sentimentos, possa dar um valor devido aos terriveis dis-
sabores da minha vida; oh! a um ente assim, parece-me que dedicaria, não só o affecto, mas excederia á paixão do amor reunido ao desespero.

O mundo, a sociedade dirá:—E louca.

E eu responderei: o mundo é parvo, a sociedade é má!

Certamente eu nunca serei mais philosophica de que J. J. Rosseau que diz:

«Se Deus, dando as paixões ao homem, quizesse ao mesmo tempo que elle as soffocasse, Deus seria contraditorio querendo e não querendo... O que Deus quer que um homem faça, não lh'o manda dizer por outro homem, escreve-lh'o no fundo d'alma.»

Isto é bem verdade. Deus será o meu amor sublime! minhas filhas, um amor d'alma, um amor materno!

Resta o amor exaltado e romantico, e como esse não existe senão n'algumas cabeças, se acaso me sentir animar na luta d'esses sentimentos tempestuosos, comba-

tereí ; abrirei um livro, verei o retrato do Tasse ou do meu querido Lord Byron, e essas cabeças tão sympathicas d'onde saíram versos tão sublimes me consolarão (espero eu) do *neant* da existencia.

Os versos d'esses dois grandes e verdadeiros amantes serão para mim uma pergunta, e eu lhe responderei.

Eis pois a minha vida, os meus planos combinados, e depois de ter soffrido tanto, posso dizer finalmente :

— Estou feliz, visto que estou descrente, e continuarei, se o phantasma de França, e a coruja de Lisboa, não intentarem alguma nova machinação contra a minha tranquillidade.

Recordar-me-hei sempre das seis amigas da minha vida :

M.^{me} de Broin, dama religiosa do *Sacré-Coeur*, linda e candida flor, involta em negra veste, transportando a sua branca alma ao ceo ! Flor mimosa perdida para o mundo e existindo sómente para as regiões celestiaes ! Cabeça romantica, coração exaltado, mas tudo para Deus ! para Deus unicamente !!

M.^{elle} Louise *** que, pensionista como eu, estava no *Sacré-Coeur*, adorada por todas as suas companheiras, querida das *damas* e de todos que podiam admirar as suas virtudes ; mas que o destino fez voar ao ceo, como só vòa um anjo !

M.^{me} Qall, que se ainda existe, me guardará a mesma recordação que eu tambem lhe conservo, pois que foi sempre para mim amiga verdadeira e mãe extremosa.

Frederica, a minha querida Frederica, que foi reunir-se a Luiza, para supplicar juntamente a Deus, protecção e misericordia para a sua Josephina.

Pilarcita Guido, filha do ministro de BuenosAyres (no Rio de Janeiro) que talvez no meio das suas grandezas já se não lembre de mim ; eu que guardo no cora-

ção a sua imagem, como a doce recordação de uma flor raimosa!

Emilia Pereira da Costa, virtuosa senhora, amiga sincera que tive em Lisboa, e que a fatalidade quiz, poucos mezes depois de eu aqui estar, fazer subir a etherea mansão e reunir-se com Frederica e Luiza, para assim como tres anjos pedirem por mim perdão ao Creador, e protegerem de lá minhas duas filhas, para quando eu deixar tambem de existir e Deus me dar forças de abandonar a vida, e eu levar a consolação de ver minhas filhas amparadas, e livres para *sempre* de *toda* a minha familia.

Eis em toda a plenitude o meu futuro:

Adorando a Deus, amando minhas filhas e cuidando da educação d'ellas pois que a educação é o mais bello dote que uma mãe pode dar; tive a felicidade de encontrar a sr.^a D. Guilhermina Ferreira, pessoa muito de bem, e que por isso a sorte perseguiu, sendo seu marido victima de uma atroz injustiça, e achando só na resignação de sua esposa o consolo dos seus amargurados dissabores.

A mestra de piano é D. Delfina Adelaide Moreira, que eu tive egualmente a felicidade de encontrar; é uma menina de dezenove annos muito prendada, sendo seu pae empregado no Paço.

Ainda bem nova, possui já um talento que demonstra que se quizer applicar-se, poderá ser uma brilhante professora.

A estas duas senhoras peço do intimo d'alma de continuar a sua amizade a minhas queridas filhas, no caso que Deus me chame brevemente para si.

Digo pois:

Eis a minha vida.

Adorando a Deus

Amando minhas filhas.

Indagando de Petrarcha e do Tasso.

Conversando com Lamartine.

Imaginando com Lord Byron.

VOL. II.

Contando com Victor Hugo.

Chorando abraçada a um retrato!

E philosophando com alguns autores alemães, pois esses são os verdadeiros phylosophos.

Peço perdão la no céu ao sr. J. J. Rosseau de dizer esta verdade.

Serei feliz se por acaso a sorte não fizer o meu futuro adverso; no meio d'esta paz domestica, podem ainda bellos dias sorrir-me.

«Ter fé, e esperar! Diz Alexandre Dumas, terminando um dos seus bellos romances.

Recordo-me agora d'esta bella poesia do immortal Lord Byron, e a qual eu dedico á memoria do meu sempre chorado Henrique:

«Ils disent que le bonheur c'est l'esperance; mais le veritable amour attache plus de prix au passé, et la memoire reveille les penseés qui nous sont cheres: écloses les premiers, elles sont les dernieres a se flétrir.

Et tout ce que la memoire aime d'e plus n'est ce que l'esperance a caressé longtemps; et tout, ce qu'adora et perdit l'esperance s'est absorbé, dans la memoire.

Helas! tout cela n'est qu'i lusion: l'avenir nous seduit de pain: nous ne pouvons plus être ce que nous regrettons et n'osons penser a ce que nous sommes.»

Depois de citar as divinas palavras do famoso lord inglez, que tão bem comprehendia a alma, que mais poderá dizer a pobre annotadora de reminiscencias, que se não tem a perspicacia dos elevados talentos do grande poeta, conheceu e partilhou dos mesmos sentimentos que lhe fizeram entender a alma; e cada uma das linhas de qualquer d'estas paginas, pode attestar se teve coração para saber o que ella é, e para poder pensar o que ella vale!

INDICE

- CAPITULO I. Sr. J. L. Lassence—Sr. Alfredo Martin mettido n'um hospital de doidos—Rilhafolles — Sr. Lassence parte—Sr. Martin volta para casa—M.^{me} Levillant está doente—Duas lagrimas por ultima despedida—Presentimento—Um relógio parado—Ultimo passeio—Henrique está doente—Ultimas palavras de um adeus eterno—Fatal relógio—Morreu! 3
- CAP. II. M.^{elle} Malvina—Sr. Manuel Pinto da Fonseca—As flores em redor de um tumulo—Vou ao theatro—Sr. Fonseca e um beijaflor—Juram-me vingança—Annunciam-me uma belleza, e vejo uma pulga industriosa—Portugal refugio ás seducções—Oitocentos mil réis—Sr. Fonseca vae a Paris—Apuros—Sr. João Caetano de Oliveira Bastos---O meu retrato---Estou doente---O sr. Fonseca no Lazareto---Sr. José Candido d^a Assumpção --- M.^{me} Levillant ---Cartas anonymas---As grisettes em alvoroço—Agostinha Saignard---Sr. Veigas---Sr. doutor Bernardino Antonio Gomes—Meu confessor o dignissimo sr. prior dos Martyres—Presentes para mim que nunca me vieram á mão---Os brilhantes---Engano de um passeio 21
- CAP. III. Chegamos a Bellas—Sci o mysterio de uma historieta---Agostinha não me convem---Franca explicação com o sr. Assumpção---Quinta do conde de Pombeiro---Entramos em Lisboa a hora da missa do gallo---O sr. Fonseca está doente---Celebres livros dos rechos---Os passaros fazem barulho---Um regedor em resultado de umas argoladas---Decisão do sr. José Lino Alves Chaves---O sr. Assumpção perde a cabeça---Terceira penultima carta do sr. Fonseca---O sr. Chaves promette-me a sua amizade---O sr. Chaves exclama: Victoria. 45
- CAP. IV. O sr. Bastos principia a mostrar os seus dentes---O sr. Chaves salva-me de um lobo---Venho morar para a rua do Loreto n.º 72---Quero que uma carta seja entregue---Embaraços---Marquez de. . . não ---O sr. Serra apresenta-me o sr. Sant'Anna---D. Au-

- tonia Gertrudes Pusich---O sr. José Maria Dias Torres---Primeira explicação---Carta anonyma---Mysterios das Ave-Marias, revelados pola sombra de Belzebuth ---Já tarde me recorde da buenadicha, que me leram na Bohomia---Últimas palavras sobre M. me Levillant---Primeiro desengano 64
- CAP. V. O sr. visconde de Thanneberg. — Era hotel, ou hospedaria? — Vida d'alma n'um retrato. — Pensamentos no meio de uma insomnia. — Santa Cecilia está deshonrada. — Tirar a medalha, não. — Idas a Cintra. — O que são os ciumes. — Morte do sr. Manuel Pinto da Fonseca. — O sr. D. Francisco de Judicibus, e o seu amigo José Maria Dias Torres. — O sr. José Ferreira da Silva faz-me um embargo por elle, e por minha tia. — O official agiota, João Caetano de Oliveira Bastos, faz-me um embargo. --- Vê-se as leis de um paiz. --- Canto no meio das marteladas. --- Cubica que causa um legado. --- O Achilles e o delegado --- O sr. doutor Barradas 89
- CAP. VI. Penuria---Celebres almofadas---Uma senhora com fama de generosa---Bella acção do sr. Fidié---Grandes apuros --- Rifa---O sr. T*** Reflexões --- Recebo o meu legado --- Linda vivenda --- O sr. Manuel de Jesus Coelho---O sr. Raymundo de Bulhão Pato --- O sr. L. A. Rebello da Silva--- O sr. doutor Thomaz de Carvalho--- O sr. Antonio Rodrigues Sampaio --- O sr. Latino Coelho --- O sr. José Maria do Casal Ribeiro---O sr. Antonio de Serpa---O sr. Mendes Leal --- O sr. Lopes de Mendonça --- O sr. José Estevão Coelho de Magalhães --- O sr. João Lobo. . . 106
- CAP. VII. Felicidade n'um retrato --- Triste mez de janeiro de 1857---Duas lettras minhas no banco--- O sr. Augusto Xavier da Silva---O sr. Thomaz da Costa Ramos---D. Fernando Regente---O sr. visconde de Rilvas --- Os archeiros---A sr.ª viscondessa de Rilvas, e a sua interessante filha 129
- CAP. VIII. A sr.ª D. Antonia P.---O sr. Tavares dignissimo prior de Santa Izabel---O sr. conde de Paraty--- ---Algumas palavras sobre o sr. duque de Saldanha--- Epoca dos trabalhos eleitoraes --- Deve sim ou não ter farda? --- O sr. Antonio Maria de Fontes Pereira

- de Mello---El-rei D. Pedro v---O corretor Guimarães
 ---O sr. Silva, bronzeado---Dificuldades---O sr. João
 Maria de Figueiredo Frescata, e as duas lettras do sr.
 conde Lucotte --- Ultima palavra sobre Georgetta ---
 Ultima palavra sobre os poetas---Reflexões 146
- CAP. IX. O sr. Alexandre Callaya, --- Reflexão. --- A
 sr.^a duqueza da Terceira. --- Marechal duque da Ter-
 ceira. --- Ainda pequena reflexão. --- O casamento é
 ou não é bom. --- Drama de Victor Hugo, --- Ainda
 sobre o casamento. --- Sou como S. Thomé. --- For-
 te resolução. --- E' preciso nma barreira. --- Sofri-
 mento. ---Sou madrinha.---Exm.^o sr. ministro do Bra-
 zil. --- Estou doente. --- Tristeza --- Terei --- ou não
 força de tomar uma resolução. 173
- CAP. X. Floresta — Sr. Alexandre Callaya, sr. Torres,
 sr. A. M. sr. José Lino Alves Chaves — Dialogo
 — Reflexão — Discussão — Delicadeza de um de-
 putado — Illusões — Meu seguro de vida — Dr.
 Kesler --- Concluo uma transacção --- Ultimas pala-
 vras sobre o sr. Thomaz da Costa Ramos. 188
- CAP. XI. Principio de uma scena. — Desafogo d'alma. —
 Segunda e ultima vez à Floresta. — Uma mascara mys-
 teriosa. — Passeio n'uma quinta. — Minha boa Candida.
 — O sr. Manuel de Jesus Coelho. — Saio da minha casa.
 — É nervoso. — Choro. — Cintra e o convento dos ca-
 puchinhos. — Fria reflexão. — Escrevo para Lisboa. —
 Resposta assustadora. — Os juizes enganados fazem
 uma injustiça. — Sou victima de uma vingança. — Te-
 nho coragem. — Retrato de minha mãe. — Querem as
 batatas. — Rua do Ferregial. — O sr. Antonio Augusto
 Coelho de Magalhães. — 7 de maio de 1837. — Ultima
 palavra sobre o sr. Sant'Anna. — Deixo para sempre
 a rua do Ferregial. 215
- CAP. XII. Final --- Plano --- Ultima saudade ás minhas
 amigas. --- Pequena mais sublime poesia de lord By-
 ron. --- Arremate 252

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol. 22:000	Pedro, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr. 300
Encadernada 27:000	A Pobreza envergonhada, d. em 3 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr. 480
Ilustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol., em papel. 11:600	Canticos. 1 vol. 8.º fr. 720
Encadernados 13:600	Alva Estrella, d. em 5 actos. 300
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras. 200	F. SOARES FRANCO
M. M. B. DU BOCAGE	Sermões, 2 vol. 8.º fr. contendo 21 Sermões. 960
Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol. 4:320	ANTONIO DE SERPA
BARRETO FEIO	Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr. 400
Encida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol. 2:880	Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. 320
LIMA LEITÃO	F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO
Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º 800	Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio. 6:750
Medicina Legal, por Sedillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr. 1:200	1640 ou a restauração de Portugal, factos historico em 4 actos 7 quadros e um prologo. 300
REBELLO DA SILVA	Minhas Lembranças, poesias. 500
Fastos da Igreja, historia da vida do Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr. 960	LOPES DE MENDONÇA
A Mocidade de D. João v, c. d. em 5 actos. 480	Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr. 720
Othello ou o Moiro de Venezia, 1. em 3 actos, imitação -- 1 vol. 8.º fr. 300	Licções para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr. 400
MENDES LEAL JÚNIOR	L. A. PALMEIRIM
Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr. 360	Poesias, 3.ª edição, correctã, 1 vol. 8.º fr. 300
Homem de Ouro, d. em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º fr. 300	Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol. 360
A Herança do Chanceler, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr. 400	Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. 400
	O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º 160
	A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º fr. 160
	A. CEZAR DE LACERDA
	Um Risco, c. em 2 actos 100
	Scenas de familia, c. em 2 actos. 320
	A Duplice existencia, c. em 4 actos. 240
	A Prohibidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed. 300
	Os Filhos dos trabalhos, J. em 4 actos. 360
	Uma Lição de florete, c. d. em 3 actos. 180
	Trabalho e honra, c. em 3 actos 360
	A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos. 200

Coração de ferro, d phantastico em 3 actos.....	300	Já não ha tolols... c. em um acto.....	80
O Chale do Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Du- mas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda.....	120	Não desprese sem saber, c. em um acto.....	120
E' perigoso ser rico, comedia em um acto.....	160	O Colono, c. d. em 3 actos.....	160
As joias de familia c. d. em 3 actos.....	300	Segredos do Coração, c. d. em 3 actos.....	200
MENDES LEAL ANTONIO		O Juizo do Mundo, c. d. em 3 actos.....	240
Poesias, 1 vol.....	500	A Mascara Social, c. d. em 3 actos.....	200
Abel e Cain, c. em 3 actos.....	240	A pelle do Leão, c. d. em 3 actos.....	200
Uma Victima, d. original em 3 actos.....	160	A Roda da Fortuna, c. d. em 3 actos.....	160
Dôr e Amor, c. d. em 3 actos...	200	Nem tudo que laz é ouro, c. d. em 3 actos.....	200
J. D'ABOIM		O dia 1.º de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos.....	200
A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos.....	240	O ultimo dia dos Jesuitas em Por- tugal, drama original historico portuguez em 3 quadros 4 ac- tos e um epilogo.....	200
O Recomendado de Lisboa, c. em 1 acto.....	80	JULIO CÉSAR MACHADO,	
O Homem põe e Deus dispõe, c. em dois actos.....	120	ALFREDO HOGAN	
As nodeas de sangue, d. em 3 actos.....	160	A Vida em Lisboa, c. d. em 1 actos.....	300
Cada louco com sua mania, c. original em um acto.....	100	Primeiro o dever! c. d. em 3 actos.....	160
L. M. FELLOO		F. EVARISTO LEONI	
Camões do Rocio, c. em 3 actos.....	300	Genio da Lingua Portuguesa... 1:800	
A Torre do Corvo, d. em 1 acto e um prologo.....	160	J. C. DOS-SANTOS	
Carlos ou a familia de um Ava- rento, c. em 1 acto.....	240	O Segredo d'uma familia, c. em 3 actos.....	240
Pedro Cem, c. em 3 actos.....	300	O Paç prodigo, comedia em 3 actos.....	200
Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos.....	300	O Homem das Cantelas, c. em 2 actos.....	200
E. BIESTER		Gil Braz de Sautilhana, comedia em 3 actos.....	180
Um Quadro da vida, d. em 3 actos.....	480	Maria, ou o irmão e a irmã, c. em 3 actos.....	180
A Redempção, c. d. em 3 actos.....	380	Uma chavena de chá, c. em um acto.....	120
Duas epochas da vida, c. em 2 actos.....	240	Coaxido o coronel!!!... c. em um acto.....	100
Uma viagem pela litteratura con- temporanea.....	200	A Herança do tio Russo, c. em 3 actos.....	220
As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto.....	120	HENRIQUE VAN-BEITERS	
Um homem de Consciencia, c. em 2 actos.....	160	Poesias, 1 vol.....	360
O Maestro Favilla, drama em 3 actos.....	200	Os moedeiros falsos, c. d. origi- nal em 3 actos.....	160
ALFREDO HOGAN		Dois cães a um osso, c. em 1 acto.....	100
As Brasileiras c. d. em 3 actos.....	300	Não envenenes tu, a mulher qui- proquo em 1 acto.....	120
Ninguem julgue pelas apparen- cias, c. d. em 3 actos.....	360	Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.....	160
Os Dissipadores, c. em 4 actos...	400	JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA	
E' melhor não experimentar, c. em 1 acto.....	200	A Corça de Carlos Magno peca magica de grande espectaculo em 4 actos 1 prologo, e 21 qua- dros, formada sobre a lenda=	320
Memorias do Coração.....	240	Les quatre fils Aymon.....	100
A Mãe de Caridade, c. em 2 actos.....	160	A Costureira, c. em um acto....	100
Duas mulheres da epocha, roman- ce contemporaneo.....	240	Erros da Mocidade, c. em 3 actos.....	160
O Marido no Prêgo, c. em um acto.....	160		

5.000

MANUEL ODORICO MENDES
 Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. 200

I. DE VILHENA BARBOSA
 Cidades e villas da Monarchia Portugueza que tem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.º fr. (com estampas lytographadas). 3:000

JULIO CESAR MACHADO
 A esposa deve acompanhar seu marido, c. em um acto. 140
 O Capitão Bitterlin, c. em um acto. 140

ARISTIDES ABRANCHES
 Stambul, c. em 3 actos e 9 quadros. 300
 A mãe dos escravos, d. em 4 actos. 200
 Como se descobrem... mazellas, c. em 1 acto. 120
 Trovoadas de maio, c. em 1 acto. 160
 Os dois pescadores, c. em 1 acto. 80
 Nem todo o mato e oregãos, c. em 1 acto. 160

J. R. CORDEIRO JUNIOR
 Amor e arte, drama em 3 actos. 220
 O Arrependimento salva, drama em um acto. 100
 Fernando, comedia-drama em 4 actos. 200

J. I. DE ARAUJO
 A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos. 160
 A Sombra do Sincero, tragedia burlesca em 3 actos. 200
 Um Bico em Verso, scena comica. 60
 O Principe Escarlato, tragedia burlesca em 2 actos em verso. 180
 Um homem que tem cabeça; c. em um acto. 100
 Ultimos momentos d'um Judas; entre-acto tragico-burlesco. 80

JOSE BENTO D'ARAUJO ASSIS
 O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos. 180
 As duas paixões, c. em 1 acto. 120

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES
 Reflexões sobre a lingua portugueza, 2.ª ed. 720
 Cirurgia e medicina 1 vol. 360
 Camões e o João, scena dramatica. 100
 Adições ao Manual do Tabelião. 200
 Rudimentos de economia politica, para uso das escolas. 200
 Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus. 80
 E' já ministro? aventuras de um Anastacio. 80
 O Mentor da mocidade. 110
 Ensaíos poeticos. 60
 Um viagem á Inglaterra, Belgica e Franca. 120
 Anjo, Mulher, e Demonio, c. d. em 2 actos. 200
 Amor e Amizade, c. em um acto. 80
 O amor e o Dever, c. em 3 actos. 240
 Amor virgem n'uma peccadora, c. em um acto. 160
 A Cruz, drama em 3 actys. 320
 29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos. 300
 Tudo no mundo é comedia, c. em 3 actos. 200
 A Conversão d'um Agiota, c. em 2 actos. 160
 Graziella, drama em um acto. 160
 Os dois irmãos drama em 4 actos. 200
 Guia do povo para escolher uma medicina, 1 vol. 8.º fr. 400
 As Primaveras—Poesias por Casemiro Abreu, 2.ª ed. 1 vol. 300
 Brios Militares, c. d. em 1 acto, por J. A. A. Machado. 100
 Origem, e orthographia da Lingua Portugueza, por Duarte Nunes de Lião Nova ed. em 1864. 1vol. 300
 Memorias da minha vida, recordações das minhas viagens; por Josefina Neuville. 2 vol. 1200
 Dois contos por dia, comedia em 3 actos. 160

NO PRIMEIRO

- A Conquista das Amazonas, comedia-drama em 2 actos.
- A ave do Paraizo, comedia-magica em 20 quadros, formando 3 actos.
- A creação e o Deluvio, ou o paraizo perdido, peça biblica em 1 quadro e 3 actos.
- Deus nos livre de mulheres, c. em um acto, ornada de coplas.
- Contos de toda a especie.
- A caixa de Pandora.
- Tres grandes genios.

30765

